

"Uma nova
e brilhante
figura para a
corte da ficção."
Revista *People*

a ÚLTIMA DAMA



*Os segredos e as paixões durante
o reinado da última monarca Tudor*

ELIZABETH
FREEMANTLE



ELIZABETH
FREEMANTLE

a ÚLTIMA
DAMA



*Os segredos e as paixões durante
o reinado da última monarca Tudor*

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

BRUNO

Sumário

O duelo

Parte I: O ovo

Parte II: A ostra

Parte III: Ícaro

A espada

Nota da autora

Agradecimentos

Para Alice, que seria Stella se minha vontade tivesse prevalecido

O DUELO

Stella, estrela de fogo celestial,
Stella, estrela guia do desejo carnal
Sir Philip Sidney, *Astrophil e Stella*

Outubro de 1589

Leicester House, Londres

A cera borbulha ao pingar no papel, soltando uma fumaça acre. Penelope pressiona seu selo, torcendo-o de leve para torná-lo ilegível, e pergunta a si mesma se aquilo — aquela carta — não é loucura, se não pode ser considerada uma traição à Coroa caso caia em mãos erradas.

“Acha que...”, ela começa a dizer a Constable, que está de pé ao seu lado.

“Acho que está se arriscando demais.”

“Preciso garantir o futuro da minha família. Sabe tão bem quanto eu que a rainha não é mais uma juvenzinha. Se por acaso...” Penelope se interrompe e olha ao redor do aposento, embora ambos saibam que estão a sós, pois vasculharam até atrás da cortina em busca de criados sorrateiros que pudessem ceder à tentação de vender informações a quem oferecesse a maior quantia. “Houve atentados contra a vida da rainha, e ela ainda não nomeou um herdeiro. Caso um assassino consiga seu intento...” Ela baixa o tom de voz para o mais suave dos sussurros. Não é preciso dizer que os olhos de toda a Europa estão voltados para a coroa de Elizabeth. “Os Devereux precisam de alianças estáveis.”

“E Jaime da Escócia é o postulante mais cotado ao trono da Inglaterra”, ele complementa.

“É o que dizem.” Penelope encerra a questão de forma convicta. Constable não sabe que o assunto foi discutido incansavelmente entre ela e seu irmão — e sua mãe, que entende mais de diplomacia do que todos os outros juntos. “Faço isso por Essex, não por mim. É meu irmão quem mais precisa de aliados poderosos.” Ela entrega a carta e o encara por um momento.

Ele passa os dedos sobre o papel como se estivesse acariciando a pele de sua amada. “Mas se isto cair em mãos erradas...”

Com certeza se refere a Robert Cecil, filho de Lord Burghley, tesoureiro da rainha, o homem que controla a Inglaterra. A mão de ferro de Cecil está por toda a parte.

Ela retribui o olhar com um meio sorriso. “É apenas uma carta amistosa. Escrita por uma mulher.” Penelope posiciona a mão espalmada delicadamente sobre o peito e arregala os olhos, como quem diz que as palavras de uma mulher não têm valor. “Uma carta secreta a um monarca estrangeiro pode significar problemas sérios para Essex, mas para alguém como eu...” Ela inclina a cabeça em uma humildade fingida. “Ora, acho que consigo me safar.”

Constable dá uma risadinha. “Ninguém daria importância à simples carta de uma mulher.”

Ela roga a Deus para que seja verdade. “Tem certeza de que aceita a missão?”

“Nada me daria mais prazer do que servi-la, milady.”

Ela não duvida disso. Constable já escreveu por volta de cem poemas para ela, mas não foi o único a fazer isso. Essex costuma atrair multidões de poetas e pensadores que orbitam ao seu redor na esperança de conquistá-lo como patrono, dispostos a tudo para cair em suas graças. Agradando sua irmã, eles acreditam estar mais próximos de um mecenas. Não deixa de ser irônico que, apesar de todos os versos escritos para celebrar sua beleza, repetindo incessantemente as mesmas figuras de linguagem — seus olhos estrelados, sua cabeleira de fios de ouro, sua voz de rouxinol, sua pele marmórea —, o homem com quem se casou jamais tenha conseguido superar a aversão a ela. A beleza pode render belos versos em um soneto, mas é frágil como uma casca de ovo e tão enganosa quanto; não diz nada sobre o que existe sob a superfície.

“Você vai entregar isso nas mãos do rei Jaime.” Ela sabe do perigo ao qual está expondo Constable, mas ele também, e mesmo assim parece mais do que disposto a se envolver. Além disso, a espionagem não é uma atividade desconhecida para ele.

“Mas”, ele começa, hesitante. “Como serei recebido por ele?”

“Você é um poeta; use sua lábia. Meu selo vai garantir seu acesso aos aposentos privativos do rei.” Ela põe o anel com o sinete na palma da mão dele. “Afinal, sou a irmã do nobre de maior prestígio da Inglaterra, sobrinha-neta da rainha. Isso tem seu valor, não?” Sua voz sai involuntariamente aguda, e ele parece desconfortável, como se tivesse sofrido uma reprimenda, o que a faz abrir um sorriso.

“Guarde o selo bem longe da carta. E entregue isto a ele, como mais uma prova.” Ela abre uma caixinha dourada e pega um retrato em miniatura. Constable o examina por um instante, com os olhos marejados.

“Hilliard não lhe fez justiça. Sua beleza é muito maior.”

“Ora!”, ela responde com um gesto desdenhoso. “A beleza só tem valor se tiver serventia. O retrato parece o suficiente comigo para cumprir seu propósito.” Ela observa enquanto ele o guarda com cuidado no gibão, junto com a carta.

Spero, o spaniel de Penelope, começa a latir e arranhar a porta. Eles ouvem o ranger do portão do pátio, e em seguida cascos de montarias pisoteando apressadamente o calçamento de pedra e um frenesi de gritos. Enquanto se dirigem às pressas para a janela, a porta se abre, e Jeanne, a dama de companhia de Penelope, entra no quarto esbaforida e aflita. “Venha depressa, seu irmão está ferido”, ela grita. O sotaque francês da criada, com seu suave sibilado, atenua o impacto das palavras.

“O que aconteceu?” O pânico começa a subir pelo corpo de Penelope, como o leite fervendo em uma panela esquecida no fogo, mas ela consegue respirar fundo e se controlar.

“Meyrick disse que foi um duelo.” O rosto de Jeanne está pálido.

“O ferimento é grave?” Jeanne não sabe. Penelope puxa a moça pelo braço e, erguendo a saia, grita para Constable, que já está quase na escadaria: “Mande buscar o dr. Lopez”.

“Se ele está ferido, é melhor chamar um cirurgião”, argumenta Constable.

“Confio em Lopez. Ele vai saber o que fazer.”

Eles chegam ao saguão no momento em que Essex é trazido para dentro, carregado por dois de seus homens, liderados pelo robusto e leal Meyrick, com a preocupação estampada no rosto sardento e os olhos vasculhando freneticamente os arredores em busca de eventuais curiosos. Ele leva aos cabelos a mão manchada de sangue seco.

“Uma bacia de água quente”, grita para a criadagem, que se reuniu em peso para assistir à cena boquiaberta. Jeanne treme, pois não suporta ver sangue, então Penelope a manda buscar panos limpos na lavanderia.

Com os dentes cerrados, Essex é colocado na mesa, onde se mantém apoiado sobre os cotovelos, meio deitado, meio sentado, recusando-se a ficar em repouso.

“Foi só um arranhão”, ele diz, tirando a capa de cima da perna para que Penelope possa ver o corte na coxa e o sangue que manchou sua meia de seda branca até a altura do cano da bota.

“Meyrick, sua faca”, ela pede.

O homem de confiança de seu irmão a encara com uma expressão de interrogação.

“Vou cortar a meia. Para que mais seria?” Ela tenta controlar o tom agudo na voz, que surge do nada. “Me ajude com as botas.” Penelope segura o salto de uma das botas com ambas as mãos para arrancá-la, enquanto Meyrick se encarrega do outro pé. Em seguida apanha a faca e, puxando a seda ensanguentada com o indicador e o polegar, afasta-a cuidadosamente da ferida. O tecido gruda na pele no local onde o sangue está coagulando, o que faz Essex franzir o rosto e olhar para o outro lado. Ela toca a ponta da faca na trama da meia, abrindo-a da coxa até o joelho, revelando toda a extensão do estrago.

“Não está tão ruim quanto eu temia... não é muito profundo. Você vai sobreviver.” Ela o beija de leve no rosto, e só então percebe o quanto está aliviada.

Uma criada põe uma bacia de água fumegante ao seu lado e um pano limpo em sua mão.

“Aquele verme traiçoeiro do Blount”, resmunga Essex.

“Quem desafiou quem?”, Penelope questiona, sabendo que deve ter sido o temperamento exaltado de seu irmão que provocou o atrito. Ela toca de leve a ferida. O sangue é surpreendentemente brilhante e ainda escorre, mas é possível ver que não há maiores riscos. Se fosse mais alguns centímetros acima, perto da virilha, onde as veias correm próximas da superfície da pele, a história seria outra.

“Foi culpa dele.” Essex parece irritado. Penelope viu Charles Blount uma ou outra vez na corte, à distância. Pareceu ser cauteloso e comedido. Era um homem atraente, o suficiente para rivalizar com seu irmão pelo favoritismo das damas de companhia da rainha — e, acima de tudo, da própria monarca. Penelope ouviu dizer que ele vinha conquistando certo nível de atenção e sabe muito bem como Essex é. Quer ser a única estrela no firmamento da rainha. “Foi ele quem começou!”

“Você tem vinte e três anos, Robin, não treze.” O tom de voz dela está mais ameno agora. “Esse seu temperamento ainda vai acabar lhe criando problemas sérios.” Penelope é menos de três anos mais velha que ele, mas sempre sentiu que a diferença era muito maior. A indignação de Essex é perceptível por ter saído derrotado do imprudente duelo, pois se considera o maior espadachim do país. Ela sente vontade de dizer que o irmão teve sorte de sair apenas com um ferimento leve, mas se contém. “A rainha vai descobrir. E não vai ficar contente.”

“Quem vai contar para ela?”

Penelope não responde. Ambos sabem muito bem que é impossível que qualquer coisa aconteça em toda Europa sem que Robert Cecil leve a notícia imediatamente para a rainha.

“Você vai precisar de repouso por um dia ou dois”, ela avisa, enxaguando o pano na bacia. O sangue tinge a água de rosa. “E suas intrigas amorosas vão precisar ser interrompidas por uma semana ou duas.”

Eles trocam um olhar silencioso de cumplicidade enquanto Essex tira um cachimbo de dentro do gibão e começa a enchê-lo com tabaco.

O dr. Lopez chega e, depois de breves formalidades, põe-se a trabalhar, passando uma pitada de pó branco no corte “para estancar o sangramento”, explica, oferecendo a Essex um pedaço de madeira para morder.

Ele recusa, pedindo a Meyrick que acenda seu cachimbo e dizendo que prefere se distrair ouvindo a irmã cantar. Penelope começa a cantarolar uma melodia enquanto Lopes passa uma tira fina de tripa de gato em uma agulha. Essex solta lufadas de fumaça pelas narinas e não parece se perturbar enquanto a agulha entra e sai, juntando as bordas do ferimento.

“Sua habilidade com a agulha é comparável à dos bordadores da rainha”, comenta Penelope, admirando os pontos bem-feitos.

“É um dom que adquiri no campo de batalha.” Ele põe a mão de leve nas costas de Penelope e a puxa para um canto do cômodo. Sua expressão é sincera. Tem os cabelos vastos e a barba cheia acinzentados pela idade, e sorri estreitando os olhos. “Ele precisa descansar e manter a perna para cima.”

“Vou fazer meu melhor para garantir isso”, Penelope responde. “Mas você sabe como ele é.” Ela se interrompe. “E...”

“O assunto morre aqui, milady”, afirma Lopez, como se estivesse lendo sua mente.

“Muito obrigada, doutor.” Não é a primeira vez que ela sente gratidão por Lopez. Não fosse por ele, teria perdido seu primeiro filho.

Mais tarde, eles se reúnem em torno da lareira para ouvir Constable recitar um novo poema.

*A presença de minha senhora avermelha as rosas,
Porque o lamento deixa seus lábios mais corados.*

Penelope pensa na carta ao rei Jaime guardada no gibão do poeta e imagina sua jornada pela Grande Estrada do Norte para entregá-la, sentindo um tremor de medo por ter recorrido a tal subterfúgio, misturado com excitação.

Os caules dos lírios, invejosos, pareceram desbotados,

Pois em suas mãos pálidas as flores ficaram mais formosas.

“Mas você mudou o tempo verbal aqui, Constable”, comenta Essex, sentado com o pé apoiado em um banquinho. “Deveria ser ‘parecem’ e ‘ficam’.”

“Pare de provocá-lo”, repreende Penelope. “Ele fez isso para preservar a estrutura poética. Ficou lindo.” Ela dá uma piscadinha para o poeta.

“Encantador”, acrescenta Jeanne, erguendo os olhos por um momento, segurando a agulha entre o indicador e o polegar. Suas mãos são delicadas, pequenas como as de uma criança, mas proporcionais ao restante de seu corpo. As duas estão bordando uma fileira de malvas-rosa na barra de uma anágua, começando uma em cada ponta com a intenção de fazer metade da peça cada uma, mas a concentração de Penelope se perdeu, e sua agulha está pousada sobre o tecido. A provocação de Essex silenciou o pobre homem, que agora está desconfortável, sem saber se prossegue com a recitação. É estranho que ele seja tão sensível a críticas, pensa Penelope, considerando que serviu como emissário de Walsingham por tanto tempo. Fazer parte de uma rede de espiões exige uma personalidade mais ousada.

“Adorariíamos ouvir o resto”, ela afirma, distraída pela entrada de Meyrick, que entrega ao irmão dela uma carta que parece ter o selo real.

Constable limpa a garganta e lança um olhar para Essex, que está abrindo a missiva.

*As margaridas em seu caminho desabrocham mimosas,
Porque sua presença tem o efeito dos raios ensolarados.*

Penelope para de prestar atenção e vê um rubor aparecer nas faces do irmão. Ele amassa o papel e joga no fogo, informando com um sussurro: “Estou banido da corte. Por desobediência. Rá! Ela diz que está na hora de alguém me ensinar boas maneiras”.

“Algumas semanas longe da corte provavelmente vão fazer bem”, argumenta Meyrick. “O senhor não há de querer exhibir

esse ferimento. As pessoas iam comentar e provocar.”

Como Meyrick é generoso com meu irmão, ela pensa. Mas eles *sempre* foram bem próximos, desde a *infância*.

Essex solta um suspiro conformado.

*As violetas perdem as cores vivas e radiosas,
Tingidas pelo sangue de seu coração magoado.*

A cabeça de um pajem aparece na porta, e Meyrick vai até lá para escutar o que o menino tem a dizer. Em seguida, posiciona-se ao lado de Essex e transmite a mensagem cochichada.

“Blount!”, exclama Essex. “Onde diabos ele está com a cabeça para aparecer aqui?”

Penelope ergue a mão para interromper Constable e se vira para o irmão. “Acho que ele quer saber como vai sua recuperação. É só um sinal de respeito, com certeza.”

“Respeito? O homem não sabe o que é isso.”

Meyrick põe sua mão grande e firme no ombro de Essex. “Deixe-o comigo.” Penelope percebe que a musculatura robusta do pescoço do homem se enrijece, e que uma faísca de brutalidade se acende em seus olhos baixos.

“Você *precisa* recebê-lo, Robin”, ela insiste. Essex afasta a mão de Meyrick e começa a se levantar da cadeira. “O que está fazendo? Tem que manter a perna para cima.”

“Se preciso receber o canalha, não vou dar a ele a satisfação de me ver em repouso como um bobalhão imprestável.” Ele se dirige mancando até o enorme retrato do conde de Leicester, como se a imagem do padrao ilustre lhe concedesse mais força. Posiciona-se com uma das mãos erguidas, tocando a moldura rebuscada com os dedos. Seus olhos estão em chamas, o que para Penelope é motivo de preocupação; ela já viu aquela expressão no rosto dele muitas vezes, indicando o início de um episódio de melancolia profunda. Essex é assim: agitação irrefreável ou coração despedaçado, mas nunca um meio-termo. “Mande o vilão entrar, então.”

Quando Meyrick sai para buscar Blount, Penelope repara que ele ainda não lavou o sangue da mão.

Blount entra, colocando-se imediatamente sobre um dos joelhos e tirando o chapéu. “Perdão, milorde, se interrompo seu momento de tranquilidade. Só vim cumprimentá-lo e devolver sua espada.”

“Minha espada?”

“A arma foi deixada no local do duelo, milorde.”

“E onde está agora?”

“Com meu acompanhante lá fora. Não considere apropriado entrar armado.”

“Está com medo de provocar outro confronto?”, questiona Essex. Então acrescenta com irritação: “Pois fez bem”.

“Quanto ao duelo, milorde, foi por pura sorte que minha lâmina o atingiu”, garante Blount. “Eu estava sendo superado e faria mais sentido se o corte fosse sofrido por mim.”

Penelope percebe que está encarando os dois e desvia o olhar às pressas, apanhando a agulha abandonada e a colocando para trabalhar.

“Levante-se, homem”, diz Essex. “Não precisa ficar ajoelhado por minha causa.”

Penelope tem a impressão de ver um esboço de sorriso no canto da boca do irmão. Ela o conhece muito bem e sabe o quanto aprecia uma demonstração de humildade. “Sirva uma bebida para nosso visitante, e uma para mim também.”

Meyrick apanha um jarro de vinho sobre a mesa, enche duas taças, então entrega uma ao patrão e outra a Blount, que ergue a sua. “*Pax*?”

“*Pax*”, responde Essex e começa a beber, com uma relutância um pouco maior que a do outro homem. No entanto, de acordo com a etiqueta, recusar a cortesia de Blount significaria uma ofensa a ser resolvida em outro duelo.

O olhar de Penelope se volta para o visitante. Ela observa os cabelos pretos como os de um árabe, as proporções delicadas de seu rosto e seus olhos escuros e acesos. É mais bonito do que se lembrava. Não está usando rufo, só um colarinho simples de renda e um gibão de cetim, notavelmente discreto. Com certeza

não queria ofuscar Essex. Deduz-se que também é um diplomata. Um brinco pendurado na orelha esquerda, porém, conferia um atraente toque de ousadia. Penelope percebe que o homem pode ser um bom aliado para seu irmão e decide conversar com Essex a respeito mais tarde, para fazê-lo entender que nem todos os que são como ele devem ser seus inimigos. O problema são homens como Cecil e Raleigh, que contam com alianças poderosas, têm acesso aos ouvidos da rainha e o querem à distância — é com esses que deve tomar cuidado. Além disso, ela não acharia ruim se Blount frequentasse mais Leicester House. Essex se vira para ela nesse momento. Penelope sente seu rosto corar, como se fosse capaz de ler seus pensamentos.

“Já conhece minha irmã?”, ele pergunta a Blount.

“É uma honra conhecer alguém que já inspirou tanta poesia.” Ele volta a se apoiar sobre o joelho, estendendo a mão para Penelope.

Ela se pergunta se o homem não estaria só exercitando seu charme, algo que claramente tem de sobra. É fácil entender por que conquistou a simpatia da rainha. Mas, quando Blount ergue os olhos, Penelope não vê nada além de sinceridade nos olhos dele.

“Os sonetos de Sidney são inigualáveis, milady. Fui arrebatado por eles algumas vezes.”

“E o que faz você pensar que os poemas de Sir Philip são sobre mim?” Penelope costumava pensar com frequência na fama que adquirira por ser a musa de um grande poeta e lhe parecia que o mérito era muito mais de Sidney do que dela. Ela já se perguntara muitas vezes o que era uma musa, e chegara à conclusão de que nada mais que uma mensagem cifrada.

Seu irmão dá risada. “Todos sabem que você e Stella são a mesma pessoa.”

“*Quando a natureza criou sua obra-prima, os olhos de Stella, / Por que conferiu ao negrume de seu olhar tom tão reluzente?*”, Blount recita baixinho. “Vejo a semelhança, milady.”

“Isso, sim, é poesia *de verdade*”, comenta Essex, deixando o

pobre Constable todo sem jeito.

“Sidney é insuperável”, afirma o envergonhado poeta.

“Já chega”, decreta Essex. “Meyrick, vá buscar minha espada. Aliás, foi Sidney quem me deu essa arma.”

“E com certeza a intenção dele não era que fosse usada em um duelo”, diz Penelope. É uma tentativa de manter o clima ameno, mas toda a conversa sobre Sidney traz à tona lembranças dolorosas, fazendo seus pensamentos se voltarem para a menina que era oito anos antes. Ela se lembra de quando chegou à corte, imaginando encontrar apenas romances e intrigas divertidas. A mulher que se tornou — contida, reservada e política — é tão diferente daquela menina quanto um ovo de uma ostra.

Novembro de 1589
Theobalds, Hertfordshire

O homem tira o gorro e faz uma medida, com olhos inquietos e sempre atentos que lhe conferem o aspecto de um roedor. Deve ter vindo direto da estrada, pois está sujo de lama até a cintura e seus ombros estão molhados.

Cecil o observa de trás da escrivaninha, onde organiza seu trabalho separando os vidros de tinta a distâncias exatas uns dos outros, empilhando os livros de registro dos maiores para os menores e guardando as penas apontadas na mesma direção em seus potes. Está sentado de costas para a janela, o que dificulta discernir suas feições. A mesa está posicionada dessa forma de maneira deliberada, para pôr os visitantes em uma situação de desvantagem. Cecil sabe que sua figura não é imponente o bastante para o trabalho que executa, mas aprendeu diversos truques ao longo dos anos para compensar isso. “Feche a porta.”

O homem obedece.

“Espero que não tenha sido visto.” Cecil faz um sinal para que ele se sente na cadeira do outro lado da mesa. A chuva deve ter parado, pois um feixe de raios de sol bate no rosto do homem, obrigando-o a erguer a mão para proteger os olhos.

“Não, senhor, tomei o máximo cuidado para não ser seguido. Troquei de cavalo em Ware, onde peguei a London Road e dei meia-volta para...”

“Não precisa entrar em detalhes”, interrompe Cecil, percebendo que a mão do sujeito se agarra ao gorro como se sua vida dependesse disso. “Espero que Walsingham não esteja sabendo de nosso encontro.”

“Pensei que Walsingham estava do nosso lado.”

“Escute aqui: não existe ‘nosso’ lado nem ‘outro’ lado nem ao menos um ‘nós’. Só quero que me mantenha informado sobre o que acontece. Meu pai e eu servimos aos interesses da rainha, e isso exige...” Ele faz uma pausa, ajustando o anel para que a

grande esmeralda se volte para a frente. “A maior descrição.”

“Claro, senhor.”

“Pois bem, em sua carta você revelou que havia algo acontecendo na corte escocesa. O casamento do rei com a princesa dinamarquesa está consolidado? Houve algum problema com a...” Ele limpa a garganta. “Consumação do ato?” A predileção de Jaime da Escócia por jovens rapazes não é nenhum segredo, e em alguns momentos Cecil chegou a pensar que isso manteria o escocês convenientemente afastado do trono da Inglaterra. Cecil e seu pai vinham monitorando outros candidatos à Coroa — figuras que poderiam se mostrar mais maleáveis.

Cecil percebe que o homem está olhando fixo para suas mãos; ele cruza os braços, escondendo-as. Elas são pequenas e seus dedos são feios e chatos; ele sempre achou que não transmitiam uma boa impressão. Quando jovem, desejava ter mãos capazes de empunhar uma espada, como as do conde de Essex.

“Na verdade não, senhor. Ao que parece tudo se deu como deveria. A princesa, ou melhor, a rainha, pelo que sei, foi desvirginada. Vi o lençol manchado de sangue com meus próprios olhos.”

“Então você viajou a Oslo para o casamento?” Cecil está surpreso, e fica se perguntando como aquele homenzinho conseguiu se infiltrar na comitiva do casamento real.

“Sim, eu me juntei a...”

“Eu sei”, interrompe Cecil. Na verdade, ele não sabe, mas é melhor que pense que está sendo vigiado.

O homem se inclina para a frente e começa a falar mais baixo: “Mas existe outro problema”.

“Outro problema.” Cecil pensa em uma série de possibilidades. “Com relação a quê?”

“Com relação à irmã de Essex.”

Cecil não consegue esconder sua surpresa. Ele não gosta de ser pego desprevenido. “O que *ela* tem a ver com Jaime da Escócia?”

“Ela fez uma aproximação... mandou cartas amistosas ao rei.”

“Amistosas?”

“Não sei se é só isso. Usou palavras cifradas.”

A curiosidade de Cecil se aguça. “Continue.”

“Ela tem um estilo floreado, mas a impressão que tive quando por um momento me vi a sós com as cartas foi de que, quando acontecer — essas foram as palavras que ela usou: ‘quando acontecer’ —, Jaime pode contar com seu apoio, e por consequência com o de seu irmão também.”

“Parece só uma conversa frívola.” Cecil finge desinteresse e toma o cuidado de permanecer impassível, mas sente sua pele se arrepiar e imagina a si mesmo como um cão de caça seguindo o rastro de um cervo. “Ela fez de tudo para parecer ambígua, parece-me.”

“Se está me perguntando se ela incriminou a si mesma mencionando a morte de nossa monarca, isso não aconteceu.”

Mas as palavras cifradas sugerem algo oculto, pensa Cecil. “E quem foi o mensageiro?”

“O poeta Henry Constable, senhor.”

“Ah, Constable, ele já trabalhou para *mim* no passado. Os poetas pelo jeito se aglomeram em torno dessa dama como moscas em volta da sujeira. É um mistério para mim. Ele fez isso por *amor*, imagino.” Seu desdém é visível. Cecil não é um homem com inclinações amorosas. Mas não está sendo sincero, pois existe algo além da evidente beleza da dama que chama sua atenção. Faz anos que a observa — os dois têm a mesma idade e foram criados juntos na corte. Trata-se de uma mulher com um instinto notável para estar no lugar certo na hora certa, que demonstra um pragmatismo que costuma ser mais comum nos homens. Seria a perfeição em pessoa, não fosse Essex, seu irmão.

Só de pensar nele, exalta-se. Depois da morte do primeiro conde, o menino foi morar na casa de Cecil. Ele ainda se lembra da chegada do jovem Devereux, da maneira como desmontou do cavalo, pondo os pés no chão antes mesmo que o animal detivesse o passo por completo. Mal pôs os olhos em Cecil, que,

apesar de ser dois anos mais velho, tinha metade de seu tamanho e o corpo envergado como uma escadaria curva.

Seu pai fez de tudo para que ele caísse nas graças do hóspede. Foi quando Cecil descobriu que Essex tinha a realeza correndo nas veias. E não só pelo parentesco distante com Eduardo III — havia o sangue Tudor também, pois se dizia que sua bisavó, a cortesã Maria Bolena, tivera uma filha com Henrique VIII, Lady Knollys, avó de Essex. O pai de Cecil ouvira isso de seu próprio pai, que era um homem de confiança do rei. “Quando o sangue real flui de duas fontes diferentes para o mesmo filho, isso pode representar perigo”, ele dissera. “Então trate de não desagradá-lo e fique sempre de olho nele.”

Cecil ficou, e o viu se grudando à rainha como uma trepadeira. Notou também que a monarca tinha um fraco por ele, como não acontecia com nenhum outro nobre desde a morte de Leicester. Os fofoqueiros da corte dizem que é amante da rainha, mas Cecil sabe que não é o caso — ele não é um companheiro de cama, é como um filho que ela nunca teve; e uma mãe tolera em um filho coisas que jamais toleraria em um amante.

Mas é impossível esquecer a irmã dele. Cecil se lembra da primeira vez que pôs os olhos em Penelope Devereux, no dia em que ela foi apresentada à corte. Sua beleza o deixou sem fôlego. Ele não conseguiu pensar em mais nada durante meses, rolando na cama com imagens dela pairando em sua cabeça. Penelope sorriu para ele naquele dia — Cecil ainda se lembra claramente do rubor vergonhoso e latejante que sentiu no rosto —, e era o tipo de sorriso capaz de iluminar até as profundezas mais escuras do inferno. Ela sorrira, quando todas as outras damas com quem Cecil deparava mal conseguiam disfarçar sua repulsa. Mas, nos anos que tinham passado desde então, ele aprendeu a admirar muito mais que aquele sorriso generoso, pois por trás do celebrado charme se escondia uma formidável perspicácia. E há quem considere isso uma qualidade perigosa em uma mulher.

PARTE I

O OVO

*Quando a natureza criou sua obra-prima, os olhos de Stella,
Por que conferiu ao negrume de seu olhar tom tão reluzente?
Como nas tintas do pintor, os olhos pretos no rosto dela
Seriam mistura de claro e escuro para criar efeito mais potente?*

*Ou em seu caso o matiz discreto seria apenas cautela,
Para atrair com mais segurança nosso olhar imprudente,
Pois se não fosse assim velado tal brilho nela,
A força de sua luz seria mais atordoante que atraente.*

*Ou seu poder de caráter miraculoso revelaria
Que, embora seja o escuro o contrário da beleza,
Seus olhos negros são a fonte de onde o belo irradia?*

*Portanto, sendo assim, por amor ela precisa
Apresentar-se trajada sempre em vestes de luto
Para honrar todos aqueles que pereceram em seu tributo.*

Sir Philip Sidney, Astrophil e Stella

Janeiro de 1581
Whitehall

Quando fizera a primeira prova do vestido que usaria para ser recebida pela rainha, ela se sentiu diante de uma peça de infinita beleza, mas naquele momento, na imensa galeria de Whitehall, parecia haver alguma coisa errada com sua roupa — era simples demais, puritana demais.

A condessa ia ditando instruções enquanto as duas caminhavam. “Fique ajoelhada até que ela faça o sinal de que pode se levantar; não fique encarando; não fale sem ser solicitada.”

Penelope queria parar e escutar a cantoria, que ela conseguia ouvir ao longe, vinda da capela, onde o coral estava reunido para ensaiar. Elas haviam rezado ali no dia anterior, quando chegaram, e Penelope sentiu a música invadir seu corpo, expandindo-se até arrebatá-la por completo. Nunca tinha ouvido um coral como aquele. Quarenta vozes — ela contara —, cada uma cantando uma parte diferente, porém ressoando juntas como se fossem uma só. Aquele devia ser o som do paraíso, porque nada na terra era capaz de abalar seu coração da mesma maneira e deixá-la sem fôlego ao produzir tamanha alegria. O conde e a condessa de Huntingdon não permitiam música em sua capela; diziam que era uma distração da contemplação individual e da comunhão com o Senhor.

“Vamos logo, Penelope.” A mão da condessa agarrou seu pulso com tanta força que ela temeu que deixasse uma marca.

Elas caminharam a passos rápidos diante da longa fileira de retratos, depressa demais para que Penelope pudesse ver se encontrava alguém de sua família entre eles. A condessa rugia para que aqueles que andavam mais devagar saíssem da frente. Os vestidos das mulheres tinham modelagens que Penelope nunca vira, com corpetes justos bordados com flores e pássaros e saias tão bufantes e largas que impossibilitavam que duas delas

passassem ao mesmo tempo por um corredor. Outras usavam ornamentos de tecido fino e transparente que faziam curvas atrás da cabeça, como asas de libélulas. Ela queria olhar mais de perto para ver como eram feitos, e se era um arame ou um passe de mágica que os mantinham de pé. A condessa preferia a descrição, e o vestido simples de veludo verde-escuro que Penelope usava era uma prova daquilo. Tratava-se de uma peça bem elegante, mas não tinha o esplendor dos outros vestidos, e mesmo as mangas de cetim vermelho, que a agradavam tanto até poucas horas antes, colaboravam pouco para que seu visual parecesse menos banal. “O Senhor não aprecia o excesso de luxo”, sua tutora gostava de dizer.

Penelope ansiava pelo momento em que usaria corpete florido, asas de libélula e um leque de penas cravejado de pedras preciosas, em vez de levar um livro de orações preso na cinta.

“Não cumprimente ninguém a não ser que façam isso primeiro; seu padraço vai estar lá.” A condessa disse “padraço” com uma expressão de desaprovação; Penelope já percebera fazia tempo que quase nunca chamava Leicester de “irmão”, só não sabia por quê. “Sua avó Knollys também, e vários de seus primos, mas não olhe para eles. Finja que a rainha é a única pessoa no recinto.” Ela parou, olhou Penelope de cima a baixo, tirou um fio solto de seu ombro e ajustou o capuz torto. “E, o que quer que aconteça, não mencione sua mãe.”

Penelope sentia sua falta. *Ela* não a faria usar um vestido tão simples. *Ela* teria parado para ouvir a música. Imaginou sua linda mãe, Lettice Knollys, a condessa de Leicester, ao seu lado, em vez de sua tutora. *Ela* teria emprestado joias e grampos adornados com pérolas para enfeitar seus cabelos. Mas Lettice não podia sequer ser mencionada na corte — era como se não existisse.

Penelope sentiu a raiva se espalhar por seu corpo em virtude do que acontecera com sua mãe — com sua família inteira —, e era capaz de ouvir a notícia da morte de seu pai como se tivesse recebido no dia anterior, e não cinco anos antes: “Aquela

mulher o matou”. Ela se lembrava de ter ficado atordoadada, pois ele estava na Irlanda comandando o Exército inglês quando morreu por um ferimento de batalha. Juntando as peças, Penelope compreendeu que “aquela mulher” a quem sua mãe se referia era a rainha.

Penelope sempre teve orgulho de ser corajosa, mas sentiu sua valentia se dissolver como uma pérola mergulhada em vinagre ao se aproximar da porta dos aposentos privativos da rainha.

“Escute bem, Penelope. Você pode até ser afilhada da rainha, mas ela não vai querer receber uma menina com maus modos, ainda que seja bem-nascida. Preste muita atenção. Precisamos esperar diante da porta. Não se aproxime a não ser que seja chamada. Trate-a como ‘Vossa Majestade’, mesmo que outros não estiverem fazendo isso. É um sinal de respeito. Se ela perguntar sobre seus passatempos, diga que gosta de ler os evangelhos e não mencione jogos de cartas.” Ela devia estar se referindo ao baralho que confiscara de Penelope e Dorothy, sua irmã mais nova, e atirara no fogo. Penelope queria que Dorothy estivesse com ela, mas a condessa ordenou que ficasse para trás. “E eu já falei para não tocar no nome de sua mãe?”

“Sim, milady.” A raiva a invadiu de novo, e Penelope a aplacou voltando seus pensamentos ao último desejo de seu pai, que era casar a filha com Philip Sidney, que provavelmente estava atrás daquela porta. Ela se esforçou para formar uma imagem mental dele, pois o tinha visto apenas uma vez, seis anos antes. Na ocasião, ele mal lhe dera atenção, mas por que um jovem elegante cujo tio era o conde de Leicester repararia em uma menina que não tinha nem treze anos, ainda que tivesse relações de parentesco com a rainha? O rosto dele, ela lembrava, tinha belas feições, com um nariz reto sob a sobancelha alta e discretas cicatrizes de varíola que de alguma forma o tornavam ainda mais interessante, como se tivesse vivido experiências que Penelope não conseguia nem imaginar.

O outro desejo de seu pai era que as filhas fossem entregues aos cuidados de um parente seu, o conde de Huntingdon — um

desejo aparentemente aprovado pela rainha e que não poderia ser desrespeitado. Quando Penelope implorou à sua mãe por uma explicação, Lettice ergueu as mãos e sacudiu a cabeça, dizendo: “Era a vontade de seu pai. Não posso fazer nada. Mas é uma boa oportunidade para vocês; os Huntingdon têm ótimas relações com a rainha”. A voz dela estava embargada. Penelope foi obrigada a aceitar que havia certas coisas que jamais entenderia. Olhou para o vestido liso, sentindo-se perdida.

“Penelope, seus devaneios vão ser sua ruína.” A condessa beliscou com força o dorso de sua mão no momento em que as portas imponentes se abriram.

Elas entraram juntas e pararam logo depois de cruzar o umbral. A rainha estava vestida de dourado dos pés à cabeça, com Leicester ao seu lado, sua mão possessivamente apoiada no espaldar da cadeira. Penelope baixou os olhos, mas não sem antes dar uma espiada nas damas de companhia, que estavam espalhadas pelo salão vestidas de branco, como uma hoste de anjos. Ela detestou o veludo verde que vestia naquele momento, imaginando a satisfação que seria rasgá-lo de cima a baixo, e encarou um nó da madeira do piso, como se fosse um olho a observá-la.

Depois do que pareceu uma eternidade, a rainha falou: “Ah, Lady Huntingdon. Vamos conhecer melhor sua tutelada.” A condessa a empurrou para a frente. Ela fixou os olhos nas mãos da rainha, as quais considerou um ponto seguro onde manter o olhar. A beleza daquelas mãos a surpreendeu; não pareciam ser de uma mulher que se aproximava dos cinquenta anos — para Penelope, uma idade quase incompreensível de tão distante. Por fim, ela chegou ao ponto onde a condessa instruíra ser o lugar certo para se postar, a poucos passos das saias da rainha, e se ajoelhou, ainda olhando para aquelas mãos. De perto, conseguiu ver os anéis que adornavam os dedos: um com um enorme rubi, que deveria ser o que ela teria que beijar caso surgisse a oportunidade, um diamante de entalhe quadrado e adornos esmaltados e, para sua surpresa, uma pedra-de-sapo redonda,

que parecia bem feia em comparação com as joias mais nobres. Ela achava que servia como proteção contra algum demônio, mas não tinha certeza.

“Mais perto”, pediu a rainha, e Penelope avançou de joelhos, desajeitada. Os dedos compridos se estenderam para erguer seu queixo.

O colo da rainha estava enfeitado com pérolas, e seu rosto, coberto com uma base branca que penetrava as linhas de expressão perto dos olhos e da boca. Ela sorriu, revelando brevemente uma fileira de dentes amarelados.

“Lady Penelope Devereux”, a rainha falou, direcionando para Penelope os olhos maquiados, que estreitou um pouco, como se enxergasse mal. “Quantos anos você tem?”

“Dezoito, Vossa Majestade.” Penelope mal conseguiu elevar a voz acima de um sussurro.

“Não é tão jovem, então.” A rainha estava como uma expressão séria, como se fizesse algum cálculo mental. “Ouvimos dizer que você canta bem. É verdade?”

“Dizem que tenho uma boa voz, Vossa Majestade.” Penelope sentia que todos os presentes estavam com os ouvidos voltados para ela, como se tivesse algo importante a dizer.

“Não faria diferença se não tivesse, com um rosto como o seu”, foi a resposta da rainha, e em seguida ela se aproximou o suficiente para que Penelope sentisse seu cheiro almiscarado — despertando a lembrança da mãe passando almíscar no pescoço e nos punhos nas noites em que recebiam visitas para o jantar. “Você vai causar muita inveja nas damas da corte com sua beleza, e se for minimamente afinada isto aqui vai virar uma loucura.” Embora a frase tivesse sido dita com a mão em concha perto do ouvido de Penelope, era uma descrição fingida, pois as donzelas angelicais podiam escutá-la com facilidade. A rainha parecia estar se divertindo com a situação.

Uma risadinha escapou dos lábios de Penelope; ela gostou do elogio mais do que deveria, e não se incomodou com o fato de a brincadeira da rainha tê-la arrastado para o centro de um

contexto que na verdade não compreendia. Com certeza a condessa não aprovava seu riso.

A rainha então segurou as mãos de Penelope. “Acho que vou trazê-la para perto de mim. Você parece ter senso de humor, e veja só quantas meninas emburradas tenho ao meu redor.” Ela apontou para suas damas de companhia, e era verdade; quando Penelope olhou melhor, percebeu que, apesar das roupas belíssimas, todas pareciam tão entediadas quanto conjugar verbos em latim. “Além disso, acredito que precisa de uma figura materna adequada.”

Penelope notou quando a mão da rainha segurou a de Leicester, ainda apoiada ao espaldar da cadeira, e entrelaçou os dedos com os dele. Foi um gesto natural e cheio de intimidade, que lhe pareceu uma indicação de posse sobre o marido de sua mãe. “Acho que você vai desabrochar longe dos olhos da condessa. Ela se orgulha de criar moças obedientes, mas vejo que tem personalidade. Seria lamentável ofuscar tamanho brilho.” Penelope ouviu a condessa respirar fundo — sua personalidade era exatamente o que sua tutora passara os últimos anos tentando suprimir.

Ao mencionar uma figura materna, Penelope se perguntou se a rainha insinuava que a condessa não fora capaz de substituir sua mãe, que não podia ser mencionada.

“Sente-se”, disse a rainha, batendo em um banquinho ao seu lado. “Você joga cartas?”

“Adoro jogar”, ela respondeu. “Fico empolgadíssima ao fazer uma aposta”, ela acrescentou sem pensar, o que fez a rainha soltar uma risada alta.

Penelope viu seus parentes (todos menos a condessa, cuja expressão permanecia impassível) trocarem olhares de aprovação entre si, satisfeitos com seu comportamento. “Você só tem uma oportunidade de causar uma boa primeira impressão”, sua mãe lhe dissera. “Seja você mesma, meu docinho. A rainha pode me detestar, mas passei tempo suficiente em seu convívio para saber do que ela gosta em uma garota, e não é a obediência

tediosa que a condessa tentou incutir em você. E todos vamos nos beneficiar de sua admissão na corte. Só Deus sabe o quanto preciso de olhos e ouvidos entre as mulheres do círculo mais próximo da rainha.” Ela pegara a mão da filha e dera um beijo nela. “Há de ser esses olhos e ouvidos. Não tenho influência nenhuma hoje, nem mesmo sobre o destino dos meus próprios filhos.”

Naquele momento, Leicester entrara na conversa. “O que as duas beldades estão tramando?”

“Penelope vai ser recebida pela rainha amanhã... mas acho que isso não é novidade para você.” Penelope pensara ter captado um toque de amargura naquela última frase, mas vivia afastada da mãe fazia tanto tempo que era difícil ter certeza. “Eu estava passando instruções sobre o comportamento mais adequado.” Ela se virara para Penelope. “Você vai adorar lá, meu docinho. Tudo gira em torno daquele lugar. Você tem o temperamento certo para brilhar no firmamento, assim como a beleza necessária. Mas vou logo avisando: nunca demonstre medo ou fraqueza — a rainha abomina corações fracos. Não é mesmo, querido?”

“Sim, é verdade.” Leicester se inclinara para acariciar a barriga inchada de Lettice e dar um beijo demorado em seus lábios. “O pequenino está chutando bastante?”

“Está, sim”, ela respondera com um sorriso. “Ele é ativo como o pai.”

Leicester em seguida pegara a mão da esposa, entrelaçando os dedos com os dela exatamente como a rainha fazia com os dele naquele momento.

Penelope sabia muito bem que a rainha ficara furiosíssima ao saber do casamento secreto de seu protegido com Lettice — as criadas da condessa não falavam sobre outra coisa logo depois do acontecido. Mas testemunhar aquele gesto simples, porém carregado de intimidade, transmitiu a ela a impressão de que o verdadeiro motivo por trás de tudo estava além de sua compreensão. Ela se perguntou se deveria contar a Lettice a

respeito das coisas que veria entre seu padrasto e a rainha, se era a isso que sua mãe se referia quando falara em “olhos e ouvidos”.

A rainha pediu que as cartas fossem trazidas e começou a tagarelar alegremente, apontando para as pessoas e fazendo comentários: “Ele é meu camareiro e vai providenciar o que você precisar”; “Aquela ranzinza é quem cuida das damas”. Enquanto apresentava os presentes, Penelope esquadrihava o ambiente com os olhos à procura de Sidney, mas havia tantos jovens galantes, todos vestidos de maneira finíssima, que era impossível identificar aquele que seu pai prometera que seria seu.

Erguendo a mão na direção do tufo de cabelos cor de cobre, a rainha tirou da orelha um grande grampo de pérola adornado de pedrinhas coloridas, colocou sobre a mesa e perguntou: “O que você vai apostar, Penelope Devereux?”.

A jovem sentiu um nó no estômago, pois não tinha nada a oferecer além de um lenço de renda de sua mãe enfiado na manga; aquilo não tinha como se equiparar a uma joia luxuosa. A rainha devia saber que os Devereux não possuíam mais objetos de valor. Lentamente, puxou o lenço, que deitou sobre a mesa ao lado da pérola.

“É bonito; uma renda finíssima.” A rainha o apanhou, examinando o tecido em detalhes sob uma lupa. “Você deve saber que a mão de quem borda deixa uma impressão tão característica quanto a caligrafia de um escriba.”

Penelope não sabia, pelo menos não até perceber que a rainha na verdade queria dizer que reconhecia aquele lenço como obra de sua detestada mãe. “Sim, Vossa Majestade”, ela respondeu, prendendo a respiração.

A rainha ergueu uma sobrancelha pintada. “É uma aposta justa. Melhor de três.”

Penelope soltou um suspiro silencioso de alívio e esperou que a rainha pegasse uma carta da mesa e descartasse outra. Ela fez o mesmo, e as duas se revezaram até que a rainha bateu na mesa e

gritou “Vada”, mostrando sua fileira de cinco. Penelope sentiu a pressão de todos os olhos do salão sobre si, como uma debutante submetida a um teste. Ela ouvira dizer que a rainha não gostava de perder, e ficou satisfeita ao notar que suas habilidades como jogadora não eram suficientes para ameaçar a adversária, pois sabia que não ia conseguir domar seu espírito competitivo em nome do tato. Portanto, foi uma derrota autêntica quando a rainha revelou mais uma mão vencedora e recolheu os despojos da mesa, rindo e comentando: “Precisamos afiar o seu jogo, mocinha”.

“Receio que seu jogo vá ser sempre mais afiado que o meu, Vossa Majestade.”

Aquilo provocou mais uma gargalhada da rainha.

“Acho que você está precisando se enfeitar um pouco”, ela comentou, prendendo a pérola no cabelo de Penelope. “Vou mandar meu alfaiate aos aposentos da condessa para preparar um vestido para você.”

“Não sei como agradecer, Vossa Majestade.” Penelope já estava imaginando que modelo escolheria, pensando em alçar voo com asas de tecido fino, quando um homem mais velho, com rosto comprido e barba grisalha, se aproximou.

“Burghley”, disse a rainha, “conhece Lady Penelope Devereux?”

Então *esse* é Burghley, pensou Penelope, olhando para o homem que sabia ser o tesoureiro da rainha, o nobre mais poderoso do país, ao lado de Leicester. Ele também era tutor de seu irmão.

“Ainda não tive o prazer”, Burghley respondeu, segurando brevemente sua mão. “Mas conheço bastante o irmão dela, que aliás está muito bem instalado em Cambridge no momento. Vocês dois são bem próximos, creio.”

“Somos, sim, milorde. Não vejo a hora de revê-lo.” Ela lembrou que fazia meses que não via seu adorado Essex.

“Devemos convidá-lo para vir à corte para os festejos”, disse a rainha. “E seu filho, Burghley, onde está?”

“Aqui, senhora.” Um rapaz deu um passo à frente. Devia ter a idade de Penelope, porém era mais baixo que ela, tinha um ombro visivelmente mais alto que o outro e um corpo rotundo apoiado sobre pernas tão finas que era um milagre conseguir se manter de pé. Com seu estranho corpo de passarinho, parecia uma pintura do demônio que ela vira certa vez em um livro proibido, o que a fez reviver o medo que sentiu ao contemplar a imagem.

O rosto do pai era comprido, e o do rapaz ainda mais — chegando ao ponto de ser feio, com uma testa grande e redonda sob os cabelos espetados como cerdas ou galhos de arbustos. Ambos estavam vestidos de preto dos pés à cabeça, com colarinho branco e engomado; porém, apesar da ausência de adornos, havia um luxo em suas vestes que Penelope não pôde deixar de notar.

O rapaz estranho a observava boquiaberto. Movida pela compaixão diante de alguém com o corpo deformado, Penelope sorriu. O gesto não foi retribuído, mas ele continuou com os olhos vidrados nela e ficou todo vermelho. Seu pai lhe deu um tapinha no ombro, o que pareceu tirá-lo do transe. O rapaz se ajoelhou diante da rainha, fixando o olhar nos sapatos dela.

“Está se adaptando a Whitehall, Cecil?”, perguntou a rainha. “Seu pai está lhe mostrando tudo?” Virando para Penelope, ela acrescentou: “Cecil chegou à corte poucos dias atrás, não é mesmo, rapaz?”.

Cecil murmurou uma resposta, mas Penelope não escutou, porque naquele momento, logo atrás dele, ela avistara com o coração palpitante o rosto que estava indelevelmente marcado em sua memória.

Fevereiro de 1581
Palácio de Greenwich

“Arrume suas coisas, Penelope. Você vai assumir o lugar de Anne Vavasour nos aposentos das damas.” A condessa murmurou o nome da menina como se fosse um crime pronunciá-lo em voz alta.

“Eu vou ser dama de companhia?” Penelope ficou sem fôlego diante da ideia de escapar das rédeas curtas da condessa, imaginando a si mesma em suas roupas novas — com um jardim inteiro de flores bordadas — no coração dos acontecimentos, em vez de apenas circulando ao redor, como passara as últimas três semanas.

“Vai, sim.” A condessa contorceu a boca em uma linha fina. “Mas não deixe que isso suba à sua cabeça. E comporte-se. Os aposentos das damas não são mais como eram na minha época; hoje é um celeiro de escândalos. Veja só o que aconteceu com aquela menina.” Ela sacudiu a cabeça. “É isso que acontece quando as damas têm liberdade demais.”

Penelope ouvira os gritos de Anne Vavasour, que chegavam até os aposentos da condessa — berros terríveis que ecoavam pelos corredores do palácio. Sua tutora dormia ao seu lado, roncando de boca aberta, então Penelope escapuliu da cama e do quarto, seguindo na direção da comoção. Sua mente evocou contextos com todos os horrores que ela era capaz de imaginar: uma surra, um esfaqueamento, uma fratura. Mas, quando entrou sem ser percebida nos aposentos das damas, deparou com uma cena confusa; quase escondida no meio de um círculo de mulheres, Anne parecia acometida por alguma espécie de grave mal-estar. Alguém enfiara um novelo de lã em sua boca, abafando os gritos por um instante, mas ela o arrancou com a mão e jogou longe, caindo aos pés de Penelope.

“Está saindo”, disse uma das mulheres. Penelope não conseguia entender como a mulher conseguia permanecer tão

calma, pois a vida de Anne estava claramente em risco. “Força!”

Então algo aconteceu. Os gritos de Anne cessaram e uma gosma se espalhou pelo chão. Penelope não conseguia se mover, ficou paralisada de pavor junto à porta.

“Um menino”, alguém falou. Em seguida veio o inconfundível choro de um bebê, e Penelope enfim entendeu tudo. Mais tarde descobriu que o filho que Anne dera à luz nos aposentos das damas era do conde de Oxford, um homem casado.

“Aquela menina pervertida está com o bebê na Torre, que é o lugar dela, assim como do pai da criança.” A expressão da condessa era de absoluta desaprovação.

“Na Torre?” Só o nome do lugar já a deixava com medo, porque todos sabiam que quem entrava ali não saía mais.

“Que a desgraça dela seja uma lição para você. Anne Vavasour pecou aos olhos de Deus e vai sofrer a fúria da rainha e ser amaldiçoada depois da morte.” Penelope se perguntou o que seria pior, pois ouvira dizer que a rainha podia ser bem assustadora. “E ela não foi a primeira. Todo mundo sabe o que aconteceu com Katherine Grey. Ela foi trancada na Torre quando apareceu com um bebê e nunca mais saiu. Parou de comer e morreu de vergonha daquilo que fez...” Ela parecia incapaz de parar de listar os destinos terríveis das moças que perderam a virtude, e as contava nos dedos. “Eu me lembro de quando a rainha quebrou o dedo de Mary Shelton com uma escova de cabelo quando ela se casou sem permissão. E quanto à sua mãe...”

Penelope queria perguntar a respeito de sua mãe e todas essas outras mulheres cujo nome não podia ser mencionado na presença da rainha. Queria entender a dimensão do desespero que fez Katherine Grey morrer de fome. “Minha mãe...”

“Foi uma tola”, interrompeu a condessa. “Imagine a burrice de se casar com o favorito da rainha daquela maneira. Ela era a queridinha da rainha e perdeu tudo... Agora vive em um purgatório perpétuo, sem nenhuma influência...”

Penelope queria fazê-la parar de falar. Queria enfiar na boca

de sua tutora o novelo de lã que Anne Vavasour cuspira longe.

“Então trate de se comportar, mocinha. Você vai ter que provar para a rainha que não tem o mesmo caráter de sua mãe. Já vou logo avisando: se provocar sua fúria, vai trazer desgraça para si mesma e para toda a sua família.”

Penelope conseguiu segurar a língua enquanto o discurso continuava e elas se dirigiam aos aposentos das damas. Era bom pensar que enfim estava se livrando do jugo da tutora, mas aquela conversa toda a estava deixando temerosa, como se a qualquer momento um simples deslize pudesse terminar em tragédia. Durante todo o tempo que tinham passado juntas, a condessa fizera questão de lembrar que Penelope precisava ser domada. Era incompreensível, pois ela sentia que conquistara a simpatia da rainha justamente por ser como era. Mas uma aposta em um jogo de cartas não era a mesma coisa que um casamento sem permissão — ou, que Deus a livrasse, que o nascimento de um filho bastardo.

Antes que entrassem, a condessa a puxou. “Não esqueça: intriga romântica é uma coisa, intriga política é outra bem diferente. As pessoas vão querer se aproximar de você para chegar à rainha. Tome cuidado para não fazer inimigos, mas não esqueça que, enquanto estiver perto dela, ninguém é seu amigo de verdade. Só pode confiar em sua família.”

Foi com o coração apertado que Penelope entrou nos aposentos das damas. Rostos com expressão inquisitiva a encararam, e ela desejou que sua irmã estivesse ao seu lado para lhe dar coragem. Sentia falta de Dorothy; a diferença de idade era de menos de um ano, e as duas eram tão parecidas que as pessoas pensavam que fossem gêmeas. Nunca passavam muito tempo separadas antes de Penelope ser apresentada à corte. Ela reconheceu Peg Carey, uma prima que mal conhecia e que cravava os olhos nela como se fosse uma égua em um leilão.

“Sou Martha Howard”, disse uma menina miudinha de rosto meigo. “Vou abrir espaço para suas coisas. Quer dormir na cama móvel hoje à noite? Está quente demais para ficar enfiada no

leito principal.” Ela apontou para a cama grande que dominava o quarto.

“Isso, fique na cama móvel”, disse Moll Hastings, uma jovem que Penelope já conhecia, pois era parente próxima da condessa. “Vai ficar mais confortável lá.”

Peg Carey ainda a encarava sem dizer nada. Uma criada chegou com seu baú, e a condessa se retirou. Querendo se manter ocupada, Penelope abriu a tampa e começou a tirar algumas coisas, a começar por seu coelhinho de feltro, que colocou sobre o travesseiro do leito.

“Você não está grande demais para brinquedinhos?”, questionou Peg.

“Nem todo mundo tem um coração de pedra como você”, retrucou Moll com uma risadinha. “Quer ajuda para abrir seu vestido, Penelope?”

Quando estavam de camisola e as criadas tinham se retirado, todas se acomodaram no leito principal com as cortinas fechadas, passando uma para a outra uma garrafinha com uma bebida que Moll descreveu como “água da vida”, que tinha adquirido “dando seus pulinhos”. Penelope nunca tinha bebido algo como aquilo, o que não a deteve. Quando deu um gole, pareceu que a parede de sua garganta se descolava. Ela tossiu, fazendo as outras meninas rirem, mas nem ligou, porque sua cabeça estava flutuando, o que afastava todas as preocupações.

“Estou bem contente por ter me livrado da condessa.”

“Imagino”, disse Martha, com um brilho nos olhos. “Ela é uma tremenda megera. Conosco as coisas vão ser diferentes.”

“Só não faça nada que irrite a rainha”, avisou Moll.

“Acho difícil isso acontecer. A rainha está *encantada* com ela”, resmungou Peg, como se Penelope não estivesse lá.

“Peg!”, esbravejou Martha. “Penelope não fez nada para atrair a atenção da rainha; além disso, Leicester é padraсто dela, então o tratamento especial não é à toa.”

Penelope considerou que era melhor permanecer em silêncio, ciente de que todas deveriam saber das circunstâncias em

virtude das quais sua mãe caíra em desgraça. Passou por sua cabeça que a rainha poderia estar tramando alguma espécie de vingança contra Lettice, apropriando-se de sua filha. Não sou tão ingênua a ponto de entrar nesse jogo, ela pensou, dando mais um gole da garrafinha e sentindo um calor se espalhar por sua cabeça.

“Alguém já sabe como é esse Anjou?”, ela perguntou para mudar de assunto, mencionando o pretendente da rainha, que logo chegaria à Inglaterra para pedir sua mão.

“Tem metade da idade dela e o rosto tão desfigurado pela varíola que ninguém mais na Europa ia querer casar com ele”, respondeu Moll, mas Penelope duvidava daquilo, porque ela estava falando do irmão do rei da França. Mesmo assim todas caíram na risada. Penelope estava começando a gostar do senso de humor de Moll. Havia algo de atraente e de indomável nela, que, por ser mais velha que as demais, conhecia as entranhas da corte. Martha era naturalmente simpática, e a azeda Peg podia ser conquistada; afinal de contas, era sua prima. Penelope se imaginou como uma borboleta saindo da crisálida, voando com asas brilhantes como joias para o mundo da corte, com suas infinitas possibilidades. Ela afastou as inquietantes recomendações da condessa de seus pensamentos, deixando-se levar com gosto pelas fofocas e intrigas.

“Contem-me sobre Anne Vavasour e o conde de Oxford”, ela pediu.

“A pobre Anne, é a pior coisa que pode acontecer com uma dama. Ela está na Torre, sabe?” Martha disse “Torre” como se estivesse se referindo ao próprio purgatório.

“Com o *bastardo* dela”, complementou Peg. “Anne Vavasour é cabeça-dura demais. Não sinto muita pena dela, não. Quem em sã consciência ia se entregar desse jeito a um homem casado?”

“Espere até acontecer com você”, riu Moll.

“Não vai acontecer comigo. Não sou idiota.”

“Nunca se sabe. Quando o amor bate, ficamos indefesas.” Moll enlaçou Peg pela cintura e fez cócegas nela até que caísse na

risada.

“Imaginem só”, disse Moll. “*Eu* poderia ter me casado com Oxford. Ele ia escolher entre mim e minha irmã. Mas um novo acordo foi feito.”

“Você escapou de uma boa”, comentou Martha. “Mas Oxford vem de uma linhagem *bem* antiga, e suas propriedades rendem quase quatro mil por ano.”

“Desde quando você se interessa por esse tipo de coisa, Martha?”, questionou Moll.

“Aquele homem é perigoso”, disse Peg com uma voz carregada de fatalismo. “Vejam só o que aconteceu com Anne.”

As palavras da condessa voltaram a assombrar a mente de Penelope: *Anne Vavasour pecou aos olhos de Deus e vai sofrer a fúria da rainha e ser amaldiçoada depois da morte.*

“Você tem um irmão, não é mesmo, Penelope?”, perguntou Martha.

“Tenho dois, e uma irmã, Dorothy. Mas Wat, o caçula, ainda é uma criança, e mesmo Robert não tem nem dezesseis anos.”

“Só um ano a menos que eu. Quando vai vir para a corte?”, Martha quis saber.

“Quando terminar os estudos em Cambridge, acho.” Penelope estava se sentindo isolada naquele momento, longe de seus irmãos.

“Como ele é? Vocês são parecidos?” Martha parecia encantada com a ideia de conhecer o jovem conde de Essex.

“Um pouco. Mas ele tem cabelos escuros, e é bem alto e imponente.” Era uma descrição vaga, que podia se aplicar a qualquer um. Penelope o via tão raramente que não saberia se tivesse engordado ou se seu rosto estivesse coberto de espinhas.

“Essex é o conde mais pobre do país”, comentou Peg.

“Bom, se está atrás de riquezas, ele não é para você.” Penelope encarou seu olhar gelado, ciente da importância de confrontá-la sempre que possível. “E acho que ele vai querer uma noiva um pouco mais...” Ela se interrompeu de propósito, atijando a curiosidade da outra.

“Um pouco mais o quê?”

“Ah, sei lá”, respondeu, encolhendo os ombros.

“Thomas Howard”, interrompeu Moll. “Ele acabou de perder o pai. Deve estar procurando uma esposa.”

“Mas seus títulos foram cassados e seu pai foi condenado à morte por traição”, argumentou Peg. “Ele é de alto risco agora.”

“Seus títulos podem ser recuperados”, especulou Martha.

“Talvez você goste de Cecil”, sugeriu Moll, virando para Peg. “Ele é filho do homem mais influente da Inglaterra. E você nunca passaria necessidade: a riqueza deles é incalculável.” Ela pronunciou a palavra “incalculável” articulando cada sílaba.

“Aquela criatura... Ele é pequeno, corcunda e nem ao menos é nobre.” O desprezo de Peg ficou visível quando ela contorceu a boca, desfigurando seu belo rosto. “Dizem que foi derrubado pela ama de leite quando bebê, por isso é todo torto.”

Ao ver as mãos de Peg simulando os contornos de Cecil no ar, Penelope sentiu pena do pobre rapaz. Lembrou-se de que quando o conheceu ele ficou vermelho como se nunca tivesse visto uma jovem antes. Devia ter sido o primeiro sorriso que havia recebido de uma garota. “Ele vai precisar ser bem esperto se quiser sobreviver na corte”, ela falou.

“Vai mesmo”, concordou Martha.

“Ele é esperto até demais. Me disseram que o pai o está preparando para assumir um cargo importante”, contou Moll.

Elas continuaram conversando enquanto passavam a garrafinha de mão em mão, comparando os diversos homens solteiros da corte e analisando seu potencial. Era inevitável que Sidney fosse mencionado.

“Ele é muito galante”, disse Martha, visivelmente se derretendo.

“É insondável”, acrescentou Moll. “Não dá para saber o que está pensando.”

“Às vezes é bem seco, mas *com certeza* tem seus atrativos”, falou Peg.

“E é um poeta. Imaginem só, escreveria sonetos para a noiva”,

fantasiou Martha.

“Mas não esqueçam que a rainha não ficou nada satisfeita quando ele escreveu aquela carta se opondo ao casamento com o francês”, lembrou Moll.

“Ela o chamou de esnobe”, contou Peg.

“Acho que não vai ficar brava com ele por muito tempo”, sugeriu Martha com um ar sonhador. “Você o conhece, Penelope?”

“Eu...” Ela pensou em contar que fora prometida a ele — e se perguntou como elas não sabiam, já que as fofocas se espalhavam por aqueles aposentos como uma praga —, mas refletiu melhor e temeu que fosse causar inveja entre suas novas companheiras. “Não.” Talvez Leicester precisasse da permissão da rainha antes de anunciar o fato, ela pensou, mas nunca conversara com Penelope a respeito. “Bom, pelo menos não muito bem. Nós nos vimos uma vez quando eu tinha doze anos. Nem lembro direito.” Penelope escondeu que esse encontro se tornara indelével em sua mente, e que a partir de então vinha imaginando milhares de histórias com Sidney como protagonista. “Mas sei que suas boas relações vêm do lado da mãe, e que ele não tem muitos rendimentos.” Porém, se esperava que com aquilo as outras desanimassem e mudassem de assunto, estava enganada, pois só conseguiu direcionar a conversa para as grandes expectativas a respeito de Sidney.

“Mas ele vai herdar a fortuna do tio, porque Leicester não tem herdeiros”, disse Peg, em um sussurro.

Penelope não mencionou que sua mãe estava grávida de Leicester em Wanstead e que se o bebê fosse menino arruinaria as grandes expectativas a respeito de Sidney. Ela sabia por instinto que era melhor manter suas informações guardadas para si.

“Acho que ele seria um belo partido para *alguém*”, continuou Peg, claramente desejando que essa pessoa fosse ela.

“Ele nunca reparou em nenhuma de nós”, Martha fez questão de ressaltar.

“É bem reservado, verdade”, confirmou Moll. “Mas isso só contribui para seu charme. Vamos torcer para que o casamento da rainha saia mesmo, caso contrário nenhuma de nós vai conseguir permissão para casar.” Ela virou para Penelope e acrescentou: “A rainha não suporta a ideia de que suas damas se casem enquanto ela continua solteira”. O bom humor desaparecera da voz de Moll, e Penelope percebeu que havia algo mais a ser dito. Talvez fosse essa a razão por que Moll tinha seus vinte e poucos anos e continuava uma donzela, perdendo o viço da juventude quando já deveria ter uma casa e filhos para cuidar. Apesar da situação desconfortável da moça, surpreendendo a si mesma, Penelope se perguntou se estava mesmo disposta a se casar de imediato, já que sua aventura na corte apenas começava.

“E ela não quer saber de ninguém com algum traço de sangue real se casando com uma pessoa na mesma condição, com medo de que um casal assim gere uma criança que ameace seu trono”, disse Martha.

O clima ficou mais pesado, e a leveza na cabeça de Penelope começou a se transformar em dor de cabeça.

“Não se esqueçam do que aconteceu com Katherine Grey”, emendou Moll, o que provocou um silêncio carregado e fez com que os pensamentos de Penelope se voltassem para o aviso da condessa, restabelecendo seu desconforto.

“Só resta esperar que os planos de casamento da rainha com o Sapo prosperem”, disse Peg, com uma voz que exalava desolação. “Vou dormir.” Ela se virou e se enrolou nas cobertas.

Penelope desceu do leito principal e se acomodou na cama móvel, apreciando a sensação do lençol frio contra a pele depois de deixar a estufa quente formada pelas cortinas do leito, mas não conseguiu se livrar da inquietude que a dominava.

Fevereiro de 1581
Docas de Deptford

Penelope estava sentada ao lado de Martha na barca, com a comitiva da rainha. Enfiou as mãos nas roupas para protegê-las do vento gelado de inverno, que lançava em seu rosto as gotas geladas de água levantadas pelos remos. Outra barca, ocupada pela delegação francesa, ladeava a embarcação real.

“Você tem um admirador”, murmurou Martha com uma risadinha quando um francês jogou um beijo na direção das duas.

“Acho que foi para você”, riu Penelope, olhando rapidamente para o homem. “Esses franceses são muito indiscretos. Será que Anjou é tão feio quanto dizem?”

“Ele vai estar aqui em breve, de acordo com as fofocas.”

“Você acha que a rainha quer mesmo se casar com ele?”

“Eu entenderia se quisesse. Ela já tem quarenta e sete...” Martha pronunciou o número com a boca, em vez de dizê-lo em voz alta. — “Não está mais na idade de ter filhos. Ah...” Ela soltou um suspiro de susto e se virou, cobrindo a boca com a mão. “Ele fez um gesto grosseiro.”

Penelope espiou o francês, que estava lambendo os lábios devagar com a ponta da língua, então virou o rosto com uma expressão bem-humorada. “Ignore, Martha”, ela disse, com uma risadinha de deboche. “Talvez a rainha queira ter um francês em sua cama.”

“Só de pensar...”, estremeceu a outra.

“Acho que o que ela quer de verdade é fortalecer nossa aliança com a França.”

“Chegamos!” Martha puxou as mangas, empolgada.

Penelope ergueu os olhos para contemplar o enorme navio mais adiante — o *Golden Hind* de Drake, no qual ele viajara aos recantos mais distantes do mundo e voltara com riquezas inestimáveis para a rainha. A condessa o descrevera com uma

careta como “um homem que veio de baixo. Não é um de nós. Não entendo por que a rainha gosta tanto dele”. As damas, que se preocupavam menos com esse tipo de coisa, conversavam sobre Drake em detalhes, todas lamentando o fato de não ser um pouco mais bonito.

A rainha ficou de pé, segurando a mão de Leicester para se equilibrar enquanto as donzelas se apressavam em desamarrotar as saias e ajeitar os véus — camadas finas de voal que quase voaram de sua cabeça levando junto sua peruca. A embarcação oscilou sob os pés de Penelope, o que a obrigou a se segurar no ombro de um dos remadores. Ela foi uma das últimas damas a desembarcar, pegando a mão que se estendeu para ajudá-la sem ousar erguer os olhos, por medo de cair na água lamacenta mais abaixo. Uma vez no píer, soltou a mão e levantou a cabeça para ver quem a ajudara, e encontrou olhos desconfortavelmente cravados nos seus. O rosto do homem, com traços bem esculpidos e a pele marcada por uma leve constelação de cicatrizes, estava tão próximo que fez seu coração disparar.

“Cuidado, milady. Fique parada; você está presa.”

Ela se virou, sem entender o que ele queria dizer, então viu que o tecido de seu vestido estava enganchado a um prego de uma das estacas onde as embarcações eram amarradas. Penelope observou enquanto ele desenroscava sua saia com as mãos, exibindo os dedos finos, um dos quais manchado de tinta. “Lamento. Fez um rasgo.” Ele ergueu o tecido para que ela pudesse ver o pequeno estrago.

“Ah”, Penelope respondeu, e por um instante o homem a encarou como se pudesse enxergar sob a superfície, examinando seus segredos mais profundos. A respiração ficou presa na garganta dela, mas então o susto passou. “Pode ser remendado.”

Eles ficaram parados em silêncio, de frente um para o outro; a masculinidade dele saltou aos seus olhos, a insinuação da musculatura na parte em que o gibão era mais justo sobre o peito, a maneira como segurava o cabo da espada pendurada no cinturão, como se estivesse prestes a sacá-la caso fosse

necessário. Com a mente girando, ela procurou algo para dizer, qualquer coisa, sem entender como não se sentia intimidada pela rainha, tão temida por todos, mas se via sem palavras diante daquele homem inescrutável.

Ao olhar para cima, Penelope notou que a rainha já estava no convés do navio com as demais damas e que uma multidão se formava na rampa de acesso atrás dela.

“Muito obrigada”, falou sem encarar Sidney e sem olhar em seu rosto por mais que alguns poucos segundos. Ele não sorriu nem tentou deixá-la à vontade. Na verdade, Penelope sentiu que, por algum motivo, o homem pareceu ter gostado de ver seu desconforto.

A resposta, quando veio, foi tão baixa que o vento a carregou. Ela ficou com vergonha de fazê-lo repetir, então apenas fez um aceno e se afastou. Enquanto abria caminho pela multidão, Penelope ficou imaginando o que poderia ter dito: alguma coisa inteligente; algo que o fizesse se lembrar dela. Porém ficara estupefata com a proximidade do homem que durante tantos anos existira apenas na segurança das profundezas de sua imaginação.

O convés estava exposto ao vento, e as mulheres seguravam a peruca por medo de que acabasse na água. A rainha discursava sobre os grandes feitos de Drake, afirmando que, graças a ele, os cofres da Inglaterra estavam repletos. Quando começaram os aplausos, um estalo altíssimo ressoou pelo ar.

Penelope olhou para cima, imaginando que o mastro principal tinha se partido, e sentiu medo de que despencasse sobre os presentes. Porém o mastro estava onde deveria, erguendo-se na direção do céu. Um turbilhão de vozes e gritos se ergueu, e ela se virou para ver que a rampa tinha se partido sob o peso da multidão. Mais de uma dezena de almas caíram na lama, onde se debatiam e pediam socorro. Alguns estavam pendurados à amurada, segurando-se com todas as forças, esperando para ser devolvidos ao píer pelos guardas, que apareceram repentinamente. Os que escaparam ilesos se limitaram a

observar, às vezes rindo dos menos afortunados — todos menos Sidney, que arremessou uma corda para ajudar a içar as pessoas de volta ao píer, resgatando uma depois da outra, sem se incomodar com o fato de que seu gibão de seda clara ficava sujo de lama.

Parecendo horrorizado, Drake gritava ordens para sua tripulação, e uma nova rampa foi providenciada para a delegação francesa. A rainha observava tudo com um olhar de leve divertimento, mas então pediu que Drake se aproximasse e perguntou a respeito da extensão do estrago. Penelope viu a preocupação se estabelecer momentaneamente sobre seu rosto. Porém não havia nenhum ferido, a não ser por alguns arranhões e a dignidade perdida.

Enquanto se sentavam, aglomerados como peixes em conserva, houve uma grande comoção, porque uma liga de renda da rainha saíra do lugar. Marchaumont, o embaixador francês, insistia que deveria ser ele quem recolocaria a peça no lugar, o que causou uma onda de risadinhas entre as damas e uma boa dose de narizes torcidos entre as senhoras mais velhas, que sussurravam entre si sobre a moral decadente dos franceses. A rainha pareceu se divertir com o episódio, rindo e conversando com Marchaumont e Leicester enquanto todos se punham à mesa. Penelope ficou de olho nela, incapaz de associar aquela mulher de temperamento ameno à monarca que tratava com tanta severidade as moças por seus deslizes românticos. Ela pensou na pobre Anne Vavasour, na Torre com seu recém-nascido, imaginando o medo que devia estar sentindo. Em seguida, viu Leicester murmurando algo no ouvido da rainha. Quando os dois trocaram sorrisinhos, foi inevitável pensar em sua mãe sozinha em casa, sentindo a raiva, o ódio ou o que fosse subir por seu corpo como uma náusea.

Penelope tentou se concentrar nas festividades. Nunca vira tamanha fartura; Drake providenciara todas as coisas imagináveis. Pratos após pratos foram levados pelo convés e apresentados à rainha por criados de rosto vermelho que

lutavam para aguentar o peso das travessas. Havia uma torta cheia de pombas vivas, que voaram em pânico e se apoleiraram no mastro. Quando uma delas carimbou o ombro do assessor do embaixador francês, o homem apenas deu risada e passou um guardanapo sobre a sujeira, melecando ainda mais sua capa de veludo.

“*Mais c’est de la bonne chance, ça*”, ele comentou sem se deixar abater, embora o sorriso aos poucos desaparecesse de seu rosto. Penelope imaginou que ele estivesse pensando no quanto gastaria na lavagem da peça, que sem dúvida nenhuma era nova, encomendada especialmente para a ocasião em que conheceria a rainha da Inglaterra.

Um ganso enfeitado foi colocado diante de Drake, que teria a honra de fatiá-lo. Ao fazer isso, ele encontrou, com uma surpresa fingida, um ducado de ouro presenteado à rainha, que quando apanhou a moeda no ar perguntou ao anfitrião: “Cara ou coroa?”.

“Cara”, respondeu Drake.

“Deu cara”, ela afirmou. “Uma nomeação como cavaleiro é recompensa suficiente por ter ganhado a aposta?”

“É mais que suficiente, Vossa Majestade”, foi a resposta. Até mesmo Penelope sabia que se tratava de uma brincadeira, pois todo o evento fora organizado para que Drake recebesse a honraria, o que não impediu que a condessa comentasse com um cochicho: “E depois o quê, os pastores vão começar a ser nomeados condes?”.

Outros pratos esplêndidos foram servidos e, por fim, quando o banquete terminou, uma réplica do *Golden Hind* feita de açúcar foi trazida em meio a toques de trombetas. Drake se posicionou diante da rainha para ser nomeado cavaleiro. A monarca, ainda de ótimo humor, brincou que arrancaria sua cabeça e entregou a espada a Marchaumont, que conduziria o procedimento. O fato provocou outro comentário de desaprovação da condessa — insinuando que os franceses tinham mais privilégios do que mereciam —, e a mulher ao seu lado argumentou que aquilo

provavelmente deixaria os espanhóis irritados. Penelope começou a ficar preocupada, pois não poderia ser os olhos e ouvidos de sua mãe se não entendesse o que estava acontecendo.

“O que ela quis dizer?”, sussurrou para Martha. “Por que os espanhóis ficariam irritados?”

“Não faço ideia. Mas o que importa mesmo” — Martha a cutucou, chegando mais perto e cobrindo a boca com a mão — “é que *ele* está de olho em você.”

“Quem?”

“Quem você acha? Sidney!”

Penelope respondeu encolhendo os ombros e fingindo indiferença. Considerou se Martha saberia de alguma coisa, mas era óbvio que Sidney despertava um fascínio inexplicável em todas as damas, então por que com ela seria diferente? A ideia de que os olhos dele estavam voltados para ela a fez ficar até zozza, e só à custa de muita força de vontade não retribuiu o olhar.

Maio de 1581

Whitehall

Era o primeiro dia quente de verdade do ano, e as arquibancadas aos poucos esvaziavam, com a multidão se adensando mais atrás. A rainha estava lá no alto, de braço dado com Anjou — os dois pareciam mãe e filho —, cercada pela comitiva francesa. As mãos de Penelope estavam ocupadas com os pertences da rainha — seu leque, sua caixinha de maquiagem, seu cantil e um furão preso por uma corrente de ouro, um presente de Anjou que não parava quieto, tentando o tempo todo se esconder dentro de sua manga. Ela procurava se manter impassível e virou para lançar um olhar irritado para Peg, que tinha pisado outra vez em seu calcanhar. Martha se acomodou ao seu lado, comentando o espetáculo que tinham acabado de testemunhar.

“Arundel ficou uma beleza de vermelho e dourado”, comentou Martha. “Não acha, Penelope? E Sidney...”, ela acrescentou, sonhadora, interrompendo o que ia dizer como se não houvesse palavras para expressar seu fascínio.

“Estavam *todos* magníficos”, respondeu Penelope, mas na verdade também pensava nele, embora jamais fosse admitir aquilo em voz alta. Os outros duelistas, apesar da boa aparência e da habilidade, não se comparavam a Sidney quando entrou na arena montado em um capão acinzentado, com a armadura refletindo o sol, as penas de avestruz balançando, um séquito reunido atrás de si como um exército. Assustado com alguma coisa, o cavalo empinou com as orelhas encolhidas, relinchando de medo e provocando um suspiro na plateia. Firme em sua sela, Sidney pareceu não se perturbar com o incidente e acalmou o animal com facilidade.

Penelope observou admirada, quase sem conseguir acreditar que aquele era o homem que seu pai escolhera para ela. Mas, desde o banquete no *Golden Hind*, ele mal lhe dirigira o olhar,

embora ela participasse de toda a movimentação na corte — os espetáculos teatrais, as refeições, as caçadas, tudo para os visitantes franceses. A decepção se acumulava como a poeira no canto de um cômodo. Só um sorriso em sua direção bastaria, mas Penelope se sentia invisível para ele, como se nunca tivesse havido um interesse de sua parte, como se nunca tivesse parado para desenroscar seu vestido no píer, como se nunca a tivesse olhado daquela maneira.

“Acho que tem alguém querendo chamar sua atenção”, disse Martha, apontando para um pajem que tentava abrir caminho até elas. “É um dos meninos de seu padrasto, acho.”

“Pelo uniforme, eu diria que sim.”

“Meu senhor, Lord Leicester, requisita a presença de milady em seus aposentos”, ele falou quando pararam, forçando a multidão a contorná-los.

“Preciso fazer alguma coisa com esta criatura.” Penelope apontou para o furão, que estava subindo em seu pescoço, fazendo cócegas em sua pele. “Talvez você possa levá-lo aos estábulos e pedir a alguém para guardá-lo em uma gaiola.” Ela abriu o sorriso que costumava fazer com que os homens cedessem a suas vontades.

“Milady, para mim seria o maior prazer do mundo lhe ser útil”, ele falou, retribuindo o sorriso. “Mas fui encarregado de entregar uma carta à rainha.”

“Então você pode me ajudar a devolver estas coisas a ela.” Penelope entregou tudo ao pajem, contente por ter uma chance de se livrar daquilo. Ele usou a mão livre para acariciar as costas longas do furão, que, veloz como uma cobra, virou e cravou um par de presas amareladas em seu polegar. O pajem puxou a mão de volta com um grito. “Criaturinha violenta! Isso não é um presente apropriado para Sua Majestade.”

Penelope olhou para Martha, que comprimia os lábios e respirava fundo para segurar o riso. “E o que Lord Leicester quer comigo?”

“Isso eu não sei.” Ele olhava para Penelope como se estivesse

diante da própria Vênus saída do mar.

“Pensa que acredito nisso? Vocês pajens estão sempre de ouvido em tudo; deve ter escutado alguma coisa.” Ela pôs o inquieto furão debaixo do braço e, puxando um lenço da manga, pegou a mão do menino e começou a enrolar o pano em torno do ferimento com gestos suaves.

“Acredito que o assunto seja as providências para seu casamento, milady”, sussurrou o pajem. “Mas não tenho certeza. E preciso...”

O coração dela disparou. “Sim, pode ir, você precisa entregar a carta à rainha.”

“Mas isto...” Ele ergueu o dedo com a bandagem.

“Meu lenço agora é seu. Pode ir, pode ir.” Ele a encarou com uma expressão atordoada, como se ela tivesse lhe entregado seu coração.

Ouvir o que ele dissera sobre seu casamento a deixara eufórica, mas a sensação foi subitamente abafada quando pensou melhor a respeito, pois, mesmo que fosse unida a alguém tão esplendoroso quanto Sidney, aquilo significaria abandonar a agitação da corte para comandar um lar e ter filhos, sendo soterrada pela vida doméstica antes mesmo de sua aventura começar. Penelope pensou na sisuda condessa em sua casa, remendando camisas para os pobres, ocupando-se com discussões amenas sobre teologia e implorando perdão pelos menores deslizes, enquanto seu marido tinha liberdade para ir e vir à vontade. Parecia uma vida sufocante, como ser enterrada viva. Ela não queria pensar muito no futuro. Seria bom apreciar os prazeres da corte um pouco mais, ver os jovens disputando sua companhia para uma dança, cantar e atuar nos espetáculos teatrais, jogar cartas, entrar em um mundo de faz de conta, desfrutar da frivolidade de tudo aquilo; queria ser cortejada, não se casar — ainda não. Ela ouvia o tempo todo da condessa que aqueles passatempos eram vazios, e que o caminho para o inferno era cheio de falsos prazeres, mas haveria tempo para se redimir depois. Penelope sabia que sua juventude e beleza

tinham prazo de validade — como uma borboleta, que nascia de manhã e virava pó ao anoitecer —, e não suportava a ideia de desperdiçar um instante sequer daquilo tudo.

“Tão cedo”, comentou Martha, ecoando seus pensamentos. “Você acabou de se juntar a nós e já vai embora para se casar.”

“Essas coisas levam tempo.” Penelope não sabia se aquilo era mesmo verdade.

“Quem você acha que eles têm em mente para você?”

“Não consigo nem imaginar.” Ela não queria dizer que era Sidney, nem ao mesmo para Martha, que não tinha um pinga de inveja dentro de si. Todo mundo ficaria sabendo em breve. O furão começou a se agitar outra vez, então ela o segurou com força pela coleira, tomando a precaução de manter os dedos fora do alcance e sentindo uma súbita afinidade com a criaturinha, que, como ela, não tinha controle sobre o próprio destino.

Um pouco além das arquibancadas, a multidão estava um pouco mais dispersa, e Penelope se dirigiu para os estábulos. Ela viu Cecil e parou um instante para observar sua figura curvada saltitando como um inseto enquanto subia um lance de degraus rumo aos aposentos principais. Quando ele passou por um grupo de jovens, um deles se afastou dos amigos e saiu manquitolando em uma imitação do seu passo desajeitado. Os outros caíram na risada. Cecil seguiu em frente, com os olhos cravados no piso de pedra, mas os outros fizeram um círculo ao seu redor, zombando e provocando. Um deles arrancou um livro de sua mão e jogou para um companheiro. O objeto foi voando de mão em mão, mas Cecil se recusou a reagir, e no fim eles se cansaram da brincadeira cruel, deixando seu alvo em paz e voltando a subir os degraus. Penelope concluiu que Cecil devia estar acostumado àquele tipo de situação para reagir com tanta frieza, e se perguntou por um instante se seu irmão o tratara daquela maneira na infância, quando os dois tinham vivido juntos.

Cecil chegou à porta no alto da escada e se agachou para pegar o livro, que tinha ido parar lá. Quando se virou, seu olhar

encontrou o de Penelope em uma expressão que parecia beirar o desprezo. Ela desejou ter encontrado coragem para dizer alguma coisa aos zombeteiros. Queria se explicar, demonstrar sua compaixão, mas o olhar de Cecil a desestabilizou, e em um instante ele não estava mais lá, desaparecendo pela porta.

Os estábulos eram um turbilhão de atividades, com os tratadores correndo de um lado para o outro enquanto cuidavam dos cavalos participantes dos festejos. Ela viu a montaria de Sidney ser conduzida à distância, menor que a dos demais participantes, já sem os paramentos usados no duelo. Uma dupla de pajens caminhava logo ao lado com a armadura do seu prometido, desmontada em várias peças. Um deles era mais brincalhão e tinha colocado o elmo, abrindo e fechando o visor sem parar. Penelope se dirigiu à baia mais próxima. O cheiro ali era forte, e ela precisou caminhar com cuidado para desviar das fezes fumegantes e da palha úmida, sentindo-se inadequadamente calçada para um lugar como aquele, com suas sapatilhas douradas.

Penelope chamou um garoto que carregava dois baldes e mostrou o furão, perguntando a quem poderia entregá-lo. Ele pareceu surpreso com sua presença, baixou os baldes às pressas e tirou o gorro da cabeça com a mão trêmula. Não devia ter muito mais de doze anos, a julgar pela aparência e pela pele sedosa. Ela sorriu, em uma tentativa de parecer menos intimidadora, mas isso só o fez ficar ainda mais sem jeito.

“Talvez você possa me levar até seu patrão”, Penelope disse.

Ele balançou a cabeça, parecendo sem palavras, mas então conseguiu dizer: “Vou chamá-lo, milady”. Em seguida, desapareceu por uma porta interna e a deixou sozinha. Do outro lado da porta, ela ouviu uma discussão longa e acalorada sobre o furão e quem deveria se responsabilizar pelo bicho. Quando considerava prender a criatura pela corrente em um prego e ir embora, Sidney em pessoa apareceu, vestindo apenas camisa, calça curta e botas.

“Céus, milady”, ele falou, com uma mesura rápida. “O que a

senhorita está fazendo nos estábulos, com um furão no colo?”

Foi a vez dela de ficar sem palavras.

De repente Sidney pareceu se dar conta de que não estava apropriadamente trajado. “Desculpe por... por minha... por meu desalinho.” Ele se complicou um pouco com as palavras, revelando uma surpreendente falta de jeito, o que a encorajou. “Acabei de tirar a armadura.”

“Sempre me perguntei o que os homens usavam por baixo dela”, disse Penelope, e se arrependeu de imediato. Sua intenção não era ser tão ousada. Ela de fato queria saber o que era usado sob aquelas placas metálicas que pareciam tão incômodas, e se era preciso posicionar almofadas para impedir que as pontas afiadas machucassem as articulações.

Ao contrário de alguns jovens que conhecia, que responderiam com algum gracejo sugestivo, Sidney se limitou a dizer: “Eu fico com o animal”.

Ela entregou o furão. Segurando-o com os braços estendidos, Sidney entrou pela porta interna gritando: “Como podem deixar uma das damas da rainha desacompanhada nos estábulos enquanto vocês discutem sobre o que fazer com o bicho?”.

Pela porta aberta, Penelope viu o menino se encolher como se estivesse se preparando para levar uma surra. Não conseguiu suportar a ideia de que uma punição do tipo ocorresse por sua causa. Sem pensar duas vezes, entrou e segurou Sidney pelo ombro. Ele se virou de forma abrupta, com o rosto cheio de fúria, como se tivesse sido surpreendido por um inimigo.

Penelope recolheu a mão com um gesto lento. “Deixe o garoto. Ele só estava tentando me ajudar. Não fez nada de errado.”

A raiva desapareceu do rosto de Sidney com a mesma velocidade com que aparecera. “Então existe um coração gentil sob essa fachada”, ele disse baixinho, para que apenas ela ouvisse.

“O que quer dizer com isso?”

“Pela minha experiência, quanto mais beleza se vê por fora,

menos existe por dentro.”

Penelope não estava acostumada a ser descrita como gentil, mesmo que o elogio fosse feito de forma tão indireta. Sua beleza sempre fora elogiada, mas era fruto do acaso; seria melhor se as pessoas tentassem ver o que havia sob a superfície. Ela o encarou outra vez e se sentiu diante de um desconhecido, e não da pessoa que criou em sua mente com base em seus breves encontros anteriores. Sim, eles eram parecidos, mas seu Sidney inventado falava apenas banalidades românticas como um cavaleiro em uma balada, enquanto aquele... bom, ela não sabia como entender seu elogio tortuoso, mas de alguma forma conseguiu criar coragem para dar uma resposta à altura. “Está falando por experiência própria?”, retrucou. “O que o senhor teria a dizer sobre *seu* coração?”

“Bom, *eu* não sou nenhuma beldade.” Ele passou a mão pelo rosto marcado. Havia uma mancha de tinta na parte posterior de seu dedo indicador, um lembrete de que se tratava de um poeta. Sidney se virou bruscamente, como se não quisesse falar sobre si mesmo, e voltou para onde estavam os homens, à espera de suas ordens.

Ela teve vontade de afirmar o contrário, mas não fez isso. Viu-se pensando que a maioria dos homens com a pele marcada preferia deixar a barba crescer para esconder as cicatrizes e que o fato de ele se mostrar de cara limpa devia representar algum tipo de afirmação. “O animal foi um presente para a rainha. Cuidem bem dele, se possível”, disse Penelope, conseguindo assumir o controle da situação.

“Sim, façam como milady mandou”, acrescentou Sidney, entregando o animal e fechando a porta para se apoiar nela. “Pelo jeito eu estou sempre resgatando a senhorita. Não foi a sua saia que ficou presa em um prego em Deptford?”

“Eu não diria ‘resgatando’ nem ‘sempre’.” Ela percebeu com uma pontada de indignação que ele, o homem que habitava seus pensamentos desde que era capaz de se lembrar, sequer a conhecia. “Se o senhor é tão próximo de mim, então qual é meu

nome?”

Contrariado, ele a encarou pelo que pareceu ser uma eternidade, contorcendo a boca por um instante, como se procurasse em vão uma resposta.

“O poeta ficou sem palavras.” Ela queria que sua voz soasse leve e brincalhona, mas seu ressentimento ficou bem evidente. Virando as costas para ir embora, Penelope se perguntou como era possível que, com sua família discutindo seu casamento, ninguém tivesse dito a ele quem era ela. Sidney não conversava com os outros homens a respeito das diversas qualidades das damas da rainha? Ele não a notara o suficiente para querer saber quem era ela?

Penelope fez menção de ir embora, quando sentiu seu braço ser segurado e puxado. “Confesso que a senhorita tem razão, mas, por favor, me responda.”

Era possível sentir seu cheiro, e ela nunca imaginou que pudesse ser tão bom — um aroma agradável, surpreendentemente agradável, limpo e seco, como o feno.

“Qual é o seu nome?” Ele pareceu tão desolado que a mágoa de Penelope se dissipou. Ela permitiu que Sidney a impedisse de se afastar, querendo prolongar o momento, arrebatada por sentimentos contraditórios.

Pensou na expressão horrorizada da condessa caso os flagrasse tão próximos, o bastante para que Penelope sentisse o hálito dele em sua orelha, com Sidney vestido de forma tão imprópria e ainda segurando seu braço como se nunca mais quisesse soltá-la.

“Você conhecia meu pai.” A voz dela saiu estranha e rouca, como a voz de uma estranha. “E nos conhecemos anos atrás.”

“Onde?” Ele a encarou. “Eu lembraria.”

“Você mal olhou para mim, estava ocupado demais acompanhando seu tio Leicester. Foi em Chartley.” Ela se lembrou de si mesma em sua casa de infância, com apenas doze anos. Sidney tinha vinte e um, era um homem feito, e ela *ainda* não se sentia uma mulher — mesmo aos dezoito anos, quando

poderia já estar casada e com filhos. Penelope se considerava imatura diante daquele homem que liderava missões diplomáticas em países estrangeiros e encarava batalhas no além-mar; ele estava na corte fazia uma década, conhecia bem a vida. Não era o rapazinho de seus sonhos, que soltava um clichê atrás do outro.

“Lady Penelope? Penelope Devereux?” O rosto dele se abriu em um sorriso. “As duas meninas de veludo vermelho em Chartley... eu lembro, veja só.”

“Na verdade não lembra, porque eu estava de azul naquele dia, minha irmã era quem estava de vermelho.”

“Nós quase fomos prometidos um ao outro.” Ele ergueu a mão livre para acariciar seu rosto, fazendo um leve contato com um único dedo; em seguida, recolheu-se de forma súbita, largando o braço e dando um passo atrás, como se tivesse desrespeitado algum código pessoal de conduta. Penelope ficou se perguntando o que ele quis dizer com aquele “quase”, lembrando que não era incomum que o casal fosse o último a saber quando tal acerto era feito. Talvez ele ainda não soubesse; afinal, ela mesma só descobrira por acaso que seu casamento estava sendo discutido, através de um pajem de seu padraсто. “Eu tinha um grande respeito por seu pai.”

“Preciso ir”, ela falou, afastando-se dele mesmo sem querer, lembrando que era esperada naquele momento nos aposentos de seu padraсто.

“Quero vê-la de novo”, ele disse.

“Estou sempre com as damas da rainha.”

“Eu quis dizer a sós.”

Penelope não respondeu, apenas sorriu e se afastou pelo pátio dos estábulos na direção da entrada oeste, ciente de que o mundo logo saberia que em breve eles teriam tempo de sobra para ficar a sós.

Ela subiu as escadas dois degraus por vez e abriu caminho por entre os corredores até os aposentos de seu padraсто. Um dos homens de Leicester estava parado no patamar do lado de fora,

encostado no revestimento de madeira da parede. Ele endireitou o corpo quando a viu. Penelope parou para ajustar o gorro e alisar as saias antes de fazer um sinal para que a porta fosse aberta.

“Ah, Penelope!”, Leicester falou. Estava de pé no centro do cômodo, resplandecendo como o sol com seu gibão de brocado dourado; os homens ao seu redor eram como planetas pálidos em sua órbita.

Ela se abaixou em uma mesura, esquadrinhando os aposentos com os olhos. Havia um escriba à mesa, debruçado sobre alguns papéis, e o pajem que a chamou estava entretido em um jogo de tabuleiro com outro garoto junto à janela. A condessa estava perto da lareira com o marido, Huntingdon, ambos vestidos de preto, parecendo o rei e a rainha de um tabuleiro de xadrez. Ao lado deles se encontrava um jovem taciturno, com olhos castanhos graúdos tão separados que pareciam funcionar de maneira independente um do outro. A boca era cheia e pesada, ligeiramente aberta, como se o nariz estivesse entupido, mas apesar disso era um belo rapaz, como o que ela vira retratado em uma pintura italiana certa vez. Também estava vestido de preto e, considerando os papéis que levava debaixo do braço, devia ser um praticante da advocacia.

“Por que a demora?”, questionou a condessa. “Estávamos esperando.”

Penelope se desculpou, sentindo que o jovem advogado a avaliava avidamente. A curiosidade dos olhos masculinos não era novidade para ela, que o encarou com hostilidade.

“Não é conosco que você precisa se desculpar”, informou Huntingdon. “É para nosso convidado, Lord Rich.”

Penelope ficou confusa por um instante. O advogado deu um passo à frente. A mão dele estava suada quando apanhou a dela e lhe deu um beijo molhado. A jovem precisou se segurar para não puxar a mão de volta e limpá-la nas saias. Sentiu que ele tremia, e Penelope se deu conta de que estar em um cômodo com dois dos condes mais poderosos da Inglaterra podia ser

intimidador para quem não estava acostumado. Ela sorriu para deixá-lo à vontade, e a boca do rapaz se contorceu de leve em resposta. Por um instante, os olhos dele se acenderam, assumindo um brilho momentâneo de tom escuro. Mas havia algo em Lord Rich, seu ar pegajoso, que a fazia pensar em girinos ou ovos crus. Ele recuou, e Penelope notou quando fez um aceno positivo para Leicester.

“Bom, então está decidido”, afirmou seu padrasto. “Estávamos pensando no início de novembro, antes das celebrações do Dia da Ascensão.”

“E a rainha, milorde?”, Rich perguntou. Penelope olhou para um e depois para outro, atordoada, perguntando-se quando aquele tal de Rich iria embora para que pudesse discutir seu casamento com Sidney.

“Você tem o consentimento de Sua Majestade, Rich. Ela ficou chateada por perder uma de suas damas favoritas tão cedo, mas...” Ele deixou as palavras morrerem no ar.

A boca de Rich se contorceu em um sorriso úmido.

Penelope engoliu em seco, sem se preocupar em esconder a expressão de desgosto, como se a realidade tivesse desabado em seus ombros com o peso de um manto de chumbo. “Ele... Querem que eu me case com *ele*?” Ela apontou para Rich. “Mas fui prometida para Sidney.”

“Veja como fala, menina”, alertou Huntingdon, erguendo o braço direito como se quisesse golpeá-la.

“Sidney? O que você está dizendo?”, questionou a condessa. “Esse acerto foi desfeito há muito tempo. Além disso, ele não dispõe mais de nenhum bem, não é mesmo, meu irmão?” Ela virou para Leicester. “Não depois de você gerar um herdeiro legítimo e tirá-lo da fila de sucessão.”

Penelope sentiu um nó na garganta de raiva ao pensar no menino que sua mãe dera à luz poucas semanas antes, compreendendo que aquele bebê, seu pequeno meio-irmão, carinhosamente apelidado de Nobre Diabinho, colocara-se no caminho de Sidney e suas grandes expectativas — colocara-se

entre Sidney e ela. A mensagem era claríssima; Sidney não tinha o dote necessário para se casar com a filha empobrecida de um conde cuja linhagem familiar remetia a Eduardo III.

“Você deve ser mais apropriado.” Ela fez um gesto com a mão na direção dele, sem considerar o quanto estava sendo grosseira.

A condessa soltou um suspiro de susto. “Peça desculpas por seu comportamento, Penelope!”

“Você precisa entender, minha cara”, disse Leicester, “que nós, sua família, precisamos pensar no seus interesses.”

Penelope estava prestes a soltar uma resposta malcriada, afirmando que “família” naquele caso era um termo mal utilizado, pois ela não era parente de sangue de Leicester, mas achou melhor não dizer nada.

Rich se escondeu atrás de Huntingdon, comprimindo repetidas vezes a mandíbula.

“Já vi muitas damas protestarem contra a escolha do marido, mas no fim todas acabam se acostumando”, continuou Leicester. Penelope nem lhe dava ouvidos, só conseguia pensar em Sidney e no fato de que sua situação era ainda pior que a do maldito furão.

“Eu me recuso”, ela respondeu. “Tenho esse direito.”

“Minha cara.” A voz suave de Leicester se fez ouvir uma vez mais. Ela notou que os punhos dele estavam cerrados, escondendo uma fúria poderosa por trás da polidez. “Acho que você logo vai se convencer. Rich...” Ele o chamou para mais perto. “Por que não fala de suas propriedades para Lady Penelope?” O rapaz saiu de trás de Huntingdon e, apesar de tudo, Penelope sentiu certa compaixão pelo sujeito. Afinal, não tinha culpa de estar naquela situação, assim como ela. “Mostre a imagem que tem de Leighs. É uma casa encantadora, e Wanstead fica no caminho. Fica em Essex, cara Penelope.” O tom de voz dele exalava falsidade. “Você vai poder visitar sua mãe quando for a Londres. E Rich tem uma casa em Smithfield, não é mesmo?”

“Isso mesmo, milorde.” Rich remexeu em seus papéis e por

fim sacou um desenho de uma casa, que pôs sob o nariz de Penelope. Era como qualquer outra casa de campo que ela já havia visto.

“É uma bela propriedade”, disse Leicester.

“E com espaço para receber Sua Majestade, caso ela resolva nos agraciar com uma visita”, completou Rich, olhando para Leicester como se tivesse feito uma pergunta.

“E ela há de fazer isso.” Leicester deu um tapinha nas costas dele em um gesto amistoso, mas mesmo Penelope, em meio a seu acesso de fúria, percebeu o desgosto do conde pelo jovem.

Estava claro qual era o acordo. Rich precisava de sangue nobre, de influência e favorecimento da rainha, o que Penelope tinha de sobra; e ela seria o gargalo pelo qual os recursos dele seriam despejados em sua família empobrecida. A voz de Sidney ecoava em seus ouvidos — *Quero vê-la de novo... a sós* —, e ela sentiu uma forte dor de cabeça. Penelope se virou para a condessa, cuja boca estava bem franzida, e depois para Huntingdon. Nenhum dos dois olhou para ela.

“Preciso ir”, declarou Rich, que claramente estava ansioso para sair dali. “Tenho que dar a boa notícia à minha mãe.” Ele estendeu a mão para Penelope, mas ela se recusou a cumprimentá-lo, lembrando com um estremecimento de repulsa daquele beijo molhado e se limitando a um aceno de cabeça.

Assim que o rapaz saiu pela porta, a condessa se voltou contra Penelope. “Como ousa se mostrar tão insolente? Tenho vergonha do fato de que passou pela minha casa... O casamento é um sacramento sagrado, não cabe a você ficar escolhendo... Pensei que tivesse lhe ensinado a obedecer... Não nega a mãe que tem, isso está claro como água...”

“Já chega!”, rugiu Huntingdon, erguendo o braço inquieto.

A condessa se retraiu.

“Por favor, modere sua língua, minha irmã”, pediu Leicester com um rosnado ameaçador. “É minha esposa que está difamando.”

A condessa resmungou um pedido de desculpas acovardado. Penelope sentiu certa satisfação ao ver sua tutora como vítima da ira de Leicester, mas se reprimiu mentalmente — com certeza era pecado se deleitar com os infortúnios alheios, mesmo os de alguém que a tratava com tanta aspereza.

Pondo a mão no ombro de Penelope e cravando os dedos em sua pele, Leicester disse: “A rainha aprovou a união, e eu aconselho você a não correr o risco de contrariá-la. A esta altura já deve saber o que acontece com quem perde o favorecimento de Sua Majestade”. O olhar dele era de hostilidade, e uma imagem de Anne Vavasour na Torre, pálida de medo, veio à mente de Penelope.

Ela limpou a garganta. “Preciso ajudar a vestir a rainha para o jantar”, ela falou, fazendo uma medida exagerada. “Posso me retirar?”

“Pode”, respondeu Leicester, e ela saiu.

Eles pareceram ter encarado sua desistência de continuar argumentando como um sinal de anuência, mas, quando chegou aos aposentos da rainha, ela sentiu sua resistência se fortalecer. Não era natural que um casal fosse forçado a se unir sem um pinga de atração. Ela não ia se casar com Rich e ponto final.

Novembro de 1581

Leicester House/Smithfield

As várias peças do vestido de casamento de Penelope estavam espalhadas pelo aposento. Dorothy e Jeanne tentavam levantar seu moral com um tagarelar irritante enquanto amarravam com força o corpete bordado e a ajudavam a posicionar as diversas e trabalhosas camadas: armação, suporte de cintura, anágua, saias, mangas.

“Estou tão feliz por ir com você”, comentou Jeanne. Penelope abriu um sorriso forçado. Ela também estava contente com aquilo. Jeanne era uma amiga de infância e ia morar em sua casa. Para ela, era a única alegria vinda com aquele casamento.

“Quem vai cavalgar ao lado de sua liteira?”, Dorothy quis saber.

“Não sei. Todos os tios Knollys, eu acho... e Leicester. Ele está todo satisfeito por conseguir encher de novo o cofre dos Devereux com meu casamento.” Era impossível disfarçar o ressentimento em sua voz.

“Aqui”, Dorothy disse, pedindo que Penelope segurasse os laços com o dedo enquanto ela apertava o nó. “É Sidney. Ele vai estar lá? Espero que sim.”

“Eu também. Nunca o vi”, falou Jeanne, erguendo as mãos pequenas com as palmas para cima, como se não soubesse o que fazer com elas.

“Não sei.” A resposta de Penelope foi seca. Ela queria parar de falar dele, mas como as outras poderiam saber de seus sentimentos? Era um segredo mantido entre os dois, expresso em momentos furtivos: no primeiro encontro nos estábulos de Whitehall; nos diálogos apressados sob os salgueiros na beira do rio em Richmond; nas mãos apertadas em um baile; nos dedos que se roçaram quando ambos se cruzaram na longa galeria em Hampton Court. Ela se viu transportada de volta à queijaria em Greenwich, com a porta fechada, as mãos dele em sua cintura, a

parede fria contra suas costas. O primeiro beijo, testemunhado pelos queijos redondos e silenciosos e os sacos de pano com coalhada, que de tempos em tempos gotejavam ruidosamente, o único som no ambiente além da respiração acelerada dos dois. Aquela lembrança fez suas entranhas se revirarem.

Em uma caçada em Nonsuch, quando sua montaria se feriu, Leicester mandara Sidney em seu auxílio. Ela torceu para que aquilo significasse pelo menos meia hora a sós, mas Peg Carey foi enviada para se juntar aos dois, como cicerone, provavelmente, e não conseguiu disfarçar o descontentamento ao ver Penelope na mesma montaria de Sidney, abraçando-o com força.

“Não suporto ver esses pobres animais morrendo”, Penelope comentara sobre a caçada.

“Você é mole demais”, retrucara Peg. “Não acha, Sidney?”

“Quando eu estava em Paris, vi coisas que me fizeram entender o que significa a selvageria”, ele dissera. “Pessoas aniquiladas às centenas. Se visse o olhar fervoroso no rosto dos assassinos, abominaria a brutalidade também.” Ele encarara Penelope por um brevíssimo momento, e ela experimentara a sensação acachapante de ser compreendida.

“O massacre da noite de São Bartolomeu?”, ela perguntara. Ele confirmara com a cabeça. “Uma huguenote foi criada em nossa casa.” Tratava-se de Jeanne. “Ela perdeu os dois pais naquela noite. Testemunhou os assassinatos. Era só uma criança. A visão do sangue a faz desmaiar até hoje. Ela me contou cada coisa...”

“São muitas as histórias.” O tom voz de Sidney fora bem sério, como se sua experiência tivesse deixado uma marca indelével de melancolia em seu temperamento.

“Mas os animais são diferentes. Nós os matamos para sobreviver. Eles são um presente de Deus para os homens”, dissera Peg. “Você gosta de carne de caça, não, Penelope?”

“Pode até ser, mas mesmo assim fico triste pelas criaturas abatidas.”

“Você é mole demais, como eu disse.”

“Quando acertei um veado pela primeira vez, chorei de tristeza ao ver o desespero nos olhos do bicho.”

“Que tipo de tolo chora por um animal morto?”, questionara Peg.

“Talvez seja uma demonstração de caráter sentir ternura pelas criaturas inferiores. Todas elas sentem medo, não? E dor.” Sidney defendera Penelope, mas ela sentira que havia mais. Uma rara sensação de afinidade. “Sabe o que o rei da França gosta de fazer por diversão?”, ele perguntara, encarando Peg. “Ver gatos vivos serem presos com uma raposa, em um saco suspenso em cima de uma fogueira. Gatinhos fofinhos, como aqueles com que vi vocês brincando nos aposentos privativos. Ele aprecia esse terror, saboreia o momento em que as chamas derrubam o saco, quando os bichos guincham de pavor ao queimar.”

“Como você pode me descrever uma cena dessas?”, protestara Peg. “É repugnante.”

“É repugnante *mesmo*”, afirmara Sidney. “Degradante, repugnante e inumano. E existe um pouco disso na emoção da caçada. Se não é capaz de ver, então...”

“Então o quê?”, interrompera Peg, estrilando de indignação.

“Então não tem coração”, afirmara Penelope. Sidney apertara sua mão sem que a outra visse.

“Uma moedinha pelos seus pensamentos”, disse Jeanne no presente, com vários alfinetes presos na boca.

“Estou morrendo de medo desse casamento”, confessou Penelope.

“Por que não recusou?”, perguntou Dorothy, posicionando o colar da irmã e dando um passo atrás para examinar o efeito.

“Você sabe como as coisas são.”

“Mas a mamãe... ela não poderia...” Dorothy não terminou a pergunta, aparentemente lembrando que a mãe não tinha voz ativa naquele assunto.

Ela havia, sim, procurado sua mãe, implorando para que ela fizesse algo, influenciasse Leicester, tentasse dissuadir Rich. “Sou apaixonada por outro”, Penelope argumentara.

Lettice sorria. “Claro, é assim que o mundo funciona, mas vai passar. Além disso, amor e casamento nem sempre combinam tão bem. Não acho que eu gostava do seu pai quando casei com ele. Estava apaixonada por outro também, mas a afeição entre nós cresceu. Filhos geram laços. Você vai aprender a gostar de Rich, tenho certeza, meu docinho.”

“Mas você *ama* Leicester.”

“E veja só o que esse amor me trouxe. Estou no ostracismo por isso, e *ela* mantém meu marido aos seus pés, oferecendo favorecimentos, pagando suas dívidas, concedendo honrarias, tudo isso desde que ele fique ao lado *dela*, e não ao meu.”

“Tenho ódio dela. Odeio a rainha.” Sua mãe soltara um suspiro de susto, e Penelope levava as mãos à boca, mas não havia como voltar atrás em suas palavras.

“Não foi a rainha que obrigou você a se casar.”

“Não, mas ela tentou destruir *você*, e foi ela quem destruiu meu pai; ouvi isso de sua própria boca: ‘Ele ainda estaria vivo se ela tivesse apoiado a incursão naquela maldita ilha, como deveria’. Foi o que disse.” Penelope nunca entendera muito bem as circunstâncias da morte de seu pai. Havia muitas histórias, e os criados interrompiam os cochichos quando ela entrava. Só o que sabia era que ele fora comandar o Exército na Irlanda — uma grande honra, segundo diziam, que traria a glória — e nunca mais voltara. “A rainha é uma mulher perversa e, se não fosse ela, eu não precisaria me casar com um homem como Rich.” Lettice abrira os braços, e Penelope se deixara envolver por seu carinho, sentindo seu cheiro, fechando os olhos com força para tentar voltar à segurança que sentia na infância, quando ainda não era a mulher que havia se tornado — prestes a se casar, aos dezoito anos.

“Independente do que você pense em seu íntimo”, sussurrara Lettice, “jamais diga essas coisas sobre a rainha, nem mesmo em um ambiente privado. Nunca se sabe quem pode estar escutando. Não se esqueça disso. Pense na família, vai ser bom para *todos* nós se continuar nas graças dela. Faça isso e um dia

pode estar em condições de garantir o futuro dos Devereux. Mantenha seus pensamentos para si, Penelope, pois a rainha não vai viver para sempre, e precisamos garantir relações com seu sucessor, ou não vamos sobreviver.”

“Mas quem é que vai sucedê-la?”

“Ah, essa é a grande questão. Fique por perto e mantenha sua influência; tudo vai ficar claro quando chegar a hora.” Penelope se sentira como uma criança empurrada para o mundo dos adultos sem estar preparada para aquilo — como seria capaz de garantir a sobrevivência de sua família? Lettice acrescentara: “Seu irmão e sua irmã em breve vão para a corte, mas você é a mais velha. É sua função abrir o caminho. Com certeza vai se tornar alguém de importância formidável”. Ela fez uma pausa, e um sentimento parecido com raiva surgiu em seu rosto. “E um dia você vai arrumar um jeito de...”

Sua mãe tivera que se interromper, porque a babá chegara com o bebê. “Veja, seu novo irmão!” Lettice pegara o filho dos braços da mulher. “Meu nobre diabinho”, dissera, levando o rostinho redondo da criança até o seu e balbuciando em resposta aos seus murmúrios gorgolejantes.

Penelope ficara pensando a respeito do que sua mãe estivera prestes a dizer. Algum dia ela arrumaria um jeito de quê? De fazer as pazes? De tomar o poder? De se *vingar*?

Lettice pusera o menino no colo de Penelope. Ela queria odiá-lo, aquele bebê que roubara a herança de Sidney, mas ele a encarara com um sorriso sem dentes irresistível, e era inevitável querer acariciar suas bochechas gorduchas e levantar seu pequeno capuz para beijar a cabecinha cheirando a leite.

“Você vai ter um desses em breve”, sua mãe dissera. “Eles vão crescer juntos.” Aquele pensamento a perturbara, pois seus filhos seriam de Rich.

“Você está com a cabeça tão longe”, comentou Dorothy no presente, interrompendo seu devaneio.

“Eu estava pensando em bebês. Vi nosso meio-irmão outro dia. Ele é uma gostosura, dá vontade de morder.” Ela sorriu,

tentando afastar de seus pensamentos a perturbadora conversa com a mãe.

“Vire de costas para eu pentear seus cabelos”, pediu Jeanne, acariciando sua cabeça. “Parecem cachos de ouro.”

O coração de Penelope disparou; foram aquelas palavras que Sidney usara nos jardins de Richmond. Eles tinham ficado para trás de um grupo que saíra para um passeio a pé e pararam junto ao rio em um ponto de vegetação mais alta, que oferecia privacidade suficiente para um momento a sós, ao lado de uma poça com um único narciso ao lado, alto e orgulhoso, com uma tonalidade de gema de ovo. Aquilo a fizera lembrar de uma história de Ovídio, e eles tinham conversado sobre mitos — Eco, Calisto, Ícaro e a crueldade dos deuses pagãos. Então Sidney soltara os cabelos dela, deixando que caíssem sobre os ombros, enterrara o rosto neles e murmurara: “Nem mesmo Vênus poderia ter tecido cachos de ouro como estes”.

“Eu vou me casar com Lord Rich”, ela falara, desejando poder retirar aquelas palavras, pois tinham arruinado um momento perfeito. O que Penelope queria era que ele dissesse que não permitiria, que apelaria à rainha, que a desejava apenas para si. Pensara em dizer que a perda da herança de Leicester era irrelevante; afinal, que diferença a riqueza fazia para ela?

Mas a resposta dele fora: “Eu sei. Não vamos falar sobre isso”.

Ela se sentira como se tivesse sido esbofeteada, e com o tempo fora se dando conta de que ele só a estava manipulando, como os homens adultos costumavam fazer com meninas sonhadoras.

Graças a Deus não me entreguei a ele, ela pensou enquanto Dorothy prendia seu colarinho, uma peça rígida que pinicava seu pescoço, e os laços do corpete eram apertados um pouco mais. Uma parte dela, porém, desejava ter se entregado, *sim*, sem se importar com as consequências, porque a ideia de que Rich seria o homem que tiraria sua virgindade era quase insuportável.

A tristeza fora tomando conta dela nas semanas seguintes, à medida que Sidney se tornava cada vez mais distante, parecendo

evitá-la, passando a maior parte do tempo longe da corte. Ele desviava o olhar quando outros a tiravam para dançar nos bailes, não era mais a mão dele que se estendia para ajudá-la a desembarcar da barca real e quando estavam na embarcação era outro que se aproximava para jogar conversa fora. Sidney se recolhera aos recantos mais distantes de seu mundo. Ela abrira depressa demais seu coração, que se mostrara fraco como um músculo quase nunca exercitado. No entanto, continuava a se deixar levar pela esperança, e inventara explicações das mais mirabolantes para explicar o comportamento dele, até que um dia enfim a procurara. Fora no auge do verão no pomar de Nonsuch, e as árvores estavam tão carregadas de frutas que os galhos se envergavam sobre o mato alto. Ele a pegara pela mão e a levava até lá sem dizer nada.

Sidney colhera um pêssgo para ela. O gosto doce dominara seus sentidos, e por seu pulso escorrera uma gota espessa, que ela apanhara com a língua. Ele se ajoelhou e segurou sua mão, como se fosse um cavaleiro de conto de fadas prestes a pedi-la em casamento.

“Eu a enganei. Não deveria tê-la cortejado. Foi um erro, pois eu sabia que nunca poderíamos nos casar. Peço minhas mais sinceras desculpas por isso.” Sidney não aguentara olhá-la nos olhos. “Espero que possa me perdoar.”

Ela se esforçara para sorrir, como se sua vida dependesse daquilo, e soltou um “Não tem problema”. Em seguida virou o rosto, antes que a mágoa aparecesse. Não havia poesia no mundo capaz de preparar uma pessoa para o primeiro coração partido, a dor incessante, a devastação interior, a ausência absoluta de alegria e esperança. Novembro chegara e envolvara seu coração como uma membrana, como um bebê recém-nascido, ainda parcialmente coberto pela placenta, o que o tornava inacessível, inclusive para ela.

“É verdade que você...”, Jeanne começou a perguntar hesitante no presente, enquanto prendia com alfinetes uma longa fileira de pérolas na barriga de Penelope.

“Que eu o quê?”, questionou Penelope.

“Que você...”

“Fale logo”, disse Dorothy.

“Ouvi dizer” — ela cobriu a boca com a mão e começou a falar por entre os dedos — “que sua mãe é meia-irmã da rainha, e não só uma prima. Henrique VIII é seu bisavô?”

Penelope trocou um olhar com a irmã. Ela começou a se perguntar se era por isso que a rainha a trouxera para junto de si tão rapidamente — era algo que não lhe ocorrera antes. “Dizem que temos sangue Tudor, mas acho que não podemos falar sobre isso.”

“Mas *tanta gente* fala”, argumentou Jeanne. “E sua mãe é muito parecida com a rainha.”

“Com certeza Rich ouviu falar nisso também”, bufou Dorothy. “Deve gostar das vantagens que traz.”

“Não trouxe muitas vantagens para nossa mãe”, respondeu Penelope. Ela se deu conta de que o casamento de Lettice com o favorito da rainha devia ter sido recebido como uma dupla traição, em razão de seu parentesco. Então, havia a possibilidade de que tal proximidade fosse mais uma maldição que uma bênção. Mas Penelope não queria pensar a respeito, pois aquilo a fazia se sentir enredada em uma teia tecida a partir de sua linhagem ilustre.

“E Rich, como é?”, perguntou Dorothy.

“Não sei. Só o encontrei uma ou duas vezes; ele mal abriu a boca. Se *você* subisse ao altar em vez de mim, não perceberia a diferença.” Penelope deu um tapinha nas costas da irmã e soltou uma risadinha azeda.

“Mas vocês são tão parecidas que às vezes nem *eu* percebo a diferença”, disse Jeanne.

Por um instante, Penelope foi invadida pelo lamento que a separação provocaria, pois Dorothy em breve voltaria para longe, para se juntar aos Huntingdon, e nada mais seria como antes.

“Só sei que ele tem mais dinheiro do que é capaz de gastar”,

ela falou, esboçando uma risada, e as outras fizeram o mesmo. “Vou ser a riquíssima Lady Rich. Com propriedades por todo o condado de Essex.” Penelope ficou de pé na cama como se estivesse recitando um discurso em um espetáculo teatral. “E uma casa em Smithfield, o que é muito conveniente para resolver questões mais urgentes, se dermos a sorte de ter alguma. Meus jardins vão ter frutas exóticas tão raras que vamos precisar de um batalhão de guardas para protegê-las dos ladrões. Vou ter fontes com cupidos de mármore expelindo água pela boca e peixes dourados feitos de ouro de verdade em meus lagos.”

“Mas como eles vão fazer pra não afundar?”, Jeanne retrucou, entrando na brincadeira. “Você tem que dar festas e banquetes com danças e muita música.” Elas se jogaram de costas na cama, às gargalhadas.

“Acho que não vamos ter nada disso.” O riso de Penelope se perdeu. “Rich não aprova esses ‘prazeres pecaminosos’. É um puritano.”

“Mas você adora música e poesia. E canta como um anjo. Como vai conseguir suportar?”

“Não sei.”

A expressão de Dorothy estava carregada, como se alguém tivesse morrido. “Vai ter que morar com ele em Essex?”

“Não de imediato. A rainha pediu para que eu ficasse na corte por enquanto. Depois Jeanne vai para lá comigo.” Ela estendeu os dedos para tocar a manga da amiga.

Elas foram interrompidas por uma batida na porta e pela voz de seu irmão chamando. “Está vestida? Posso entrar?”

“Robin”, ela gritou, correndo para abrir a porta e encontrá-lo. Não o via fazia quase um ano. Tinha um sorriso sob os cachos escuros e a bochecha direita marcada por uma covinha. Ele abriu os braços e os dois se abraçaram com força. “Estou muito feliz por você estar aqui... muito feliz. E veja só.” Ela deu um passo para trás para olhá-lo. “Suas roupas, quanto luxo.” Penelope alisou o veludo cor de ameixa do gibão aberto, que

revelava um tecido dourado por baixo.

“Foi um presente de seu noivo. Um conjunto completo, até as meias de seda.”

“Um presente de Rich? Vocês se conhecem?”

“Ele foi a Cambridge me levar para sair. Tiramos medidas com o alfaiate dele, passeamos de barco no rio e jantamos em uma hospedaria.”

“O que achou dele?”, Penelope perguntou, intrigada sobre o motivo de Rich querer conquistar a simpatia de seu irmão, um lembrete de que Essex era o chefe da família. Ele era o ponto central em torno do qual giravam as ligações dos Devereux com o poder, que eram importantíssimas para seu futuro marido.

“Generoso.”

“Está tentando ganhar sua aprovação.” Ela beliscou a bochecha do irmão. “Você mal fez dezesseis anos e já tem influência.” Por baixo das roupas de luxo mostrava a mesma estranheza do corpo adolescente. Seu rosto era liso, com traços finos, embora já houvesse uma leve sombra de penugem sobre o lábio superior.

“Ele é um bom sujeito. Só meio sisudo.”

“Você o conhece melhor que eu.” Ela não conseguia esconder a amargura.

“Mas não esqueça: *you* vem em primeiro lugar, irmã.” Ele se pôs ereto, separando as pernas como um guarda, e sua boca se contorceu. “Se ele fizer alguma coisa contra sua pessoa, vou me vingar pessoalmente.” O jeito de menino dele se perdeu. “Eu disse isso a Rich. Que para contar comigo como aliado precisa cuidar bem de você.”

Ela sentiu o amor pelo irmão transbordar. Fazia parte de algo poderoso e significativo, tinha um laço que não podia ser quebrado. Dando um passo à frente, ela o beijou de leve no rosto e, estendendo a mão para Dorothy, falou: “Os Devereux são mais firmes que pétalas em broto novo, e nunca vão ser separados.”

“Minhas lindas irmãs”, disse Essex. “Que sorte eu tenho.”

“Queria que Wat estivesse aqui também. Nós quatro não nos

reunimos desde que nosso pai morreu”, comentou Dorothy, fazendo os pensamentos da irmã se voltarem para o irmão caçula.

“Ele vem com nossa mãe”, informou Essex.

“Então vamos de fato nos reunir”, Dorothy falou, toda alegre.

“Então vou ser arrastada para a noite de núpcias. Como conseguirei suportar?”

“Beba bastante vinho para ficar tão zozza que nem vai saber o que está acontecendo”, sugeriu Dorothy, o que fez todos caírem na risada. O coração de Penelope continuava apertado, no entanto.

Ela fizera como sua irmã sugerira, e quando se viu sozinha com o novo marido estava tão embriagada e exausta que mal conseguia ficar de pé sem se apoiar. Tinham feito brindes no banquete de casamento, taças haviam sido erguidas pela Inglaterra, pela rainha, pelos recém-casados, pelos filhos que teriam. Fora uma sucessão interminável, e toda vez Penelope virava uma taça inteira do vinho francês importado por Rich. Em vez de uma dança, fora feita uma oração de agradecimento.

“Estou vendo que você vai precisar de uma mão firme”, Rich falou, abrindo a porta do quarto. Ele a segurava pelos dedos, com tanta força que apertava dolorosamente a aliança contra sua pele.

“Você está me machucando.”

“Vou machucar você de verdade se não tomar cuidado.”

“O que está dizendo?” Penelope tentava entender o mau humor dele em meio ao turbilhão que girava em sua cabeça.

“Você me humilhou em público, ainda por cima em nosso casamento, diante de nossas famílias. É minha esposa agora, e nunca mais vai me humilhar. Entendeu bem?” Ele segurou seus dedos com ainda mais força, até que Penelope temesse que fossem quebrados caso não lhe desse ao menos a satisfação de fazer uma careta.

“Entendido”, ela respondeu, revivendo a cerimônia em sua mente em meio à névoa produzida pelo vinho.

Penelope chegara tropeçando no vestido e batera o cotovelo com tanta força na fonte que ficara com lágrimas nos olhos. Estavam todos presentes, com a expressão solene e pensativa que exibiam em casamentos, observando enquanto ela caminhava devagar em sua roupa rígida como um caixão, mal conseguindo mover a cabeça, com medo de que o colarinho a decapitasse. Prendera a respiração quando viu a família Sidney, incluindo Philip. De repente se sentira zozza, e ficara com medo de perder o equilíbrio outra vez, segurando-se com força em Jeanne para se manter de pé. Mas então ela percebera que estava enganada, que não se tratava de Philip, e sim Robert, seu irmão mais novo. Penelope tentara se convencer de que ficara contente com a ausência, que não suportaria tê-lo ali, mas na verdade estava desolada. Obrigou-se a se lembrar do tratamento que Sidney lhe dispensara, que ele a enganara, que falhara com ela, mas não era capaz de odiá-lo.

Rich observara sua chegada de forma impassível, com os lábios contorcidos como se considerasse alguma coisa repulsiva nela, mas talvez só estivesse se sentindo intimidado pela situação, diante da noiva e seus familiares ilustres, em cujas veias circulavam quantidades abundantes de sangue azul. Rich achava que todos se consideravam superiores a ele (o que de fato eram)? Ela parara junto do noivo, esboçando um sorriso, mas sua boca estava seca demais para parecer convincente. Ele engoliu em seco, de apreensão, ela pensou, sentindo uma pontada de compaixão por Rich, mas não o suficiente para que as coisas melhorassem.

O capelão dera início à cerimônia. Penelope ficara de pé, depois ajoelhara, depois levantara, como uma marionete, sem dar ouvidos ao que acontecia. Parecia que estava em seu próprio funeral, e teve uma visão da eternidade passada com o jovem de postura severa ao seu lado. Um tremor de pânico se abatera sobre ela, como se tivesse acabado de descobrir que havia sido enterrada viva.

“Você aceita esse homem...”

As palavras escaparam de sua boca antes que ela pudesse fazer algo para impedir. “Não posso.” Penelope se afastara na direção de sua mãe, mas então vira a expressão impassível dela e a raiva estampada nos olhos de Leicester. Ao lado dele estavam os Huntingdon, o conde boquiaberto e horrorizado, a condessa com as mãos na cabeça. Seus irmãos, todos os três, arregalaram os olhos. Os convidados acomodados nos assentos mais distantes se remexiam e sussurravam, à medida que entendiam o que estava acontecendo. Ela se ajoelhou na frente de Leicester e de sua mãe.

“Eu imploro, não me obriguem a fazer isso...” Ela encontrara um último sopro de coragem dentro de si e ficara de pé para anunciar: “Vou recorrer ao meu direito de recusa. Tenho esse direito, certo?”. Ela encarou as fileiras de parentes; seus rostos estavam contorcidos em expressões de desaprovação, choque ou raiva — ela não sabia dizer ao certo.

“Posso considerar que está recusando a mão desse homem em casamento?”, o capelão perguntara. Ele não conseguia esconder a impaciência no tom de voz, como se estivesse lidando com uma menina mimada que só queria chamar a atenção.

“Sim.”

Leicester então levantara e a conduziu com firmeza para o lado de Rich, grunhindo em seu ouvido: “Pelo amor de Deus, menina, comporte-se. Não sei o que faz você pensar que tem uma escolha”.

Ela não ousara olhar para Rich ao seu lado, sentindo-se como um novilho levado ao abatedouro, sem saber o que esperar e só esboçando uma reação quando sentia o cheiro de medo no ar, o que fazia seus olhos se remexerem em um frenesi; por mais que se debatesse e sacudisse a cabeça, o animal não tinha como evitar seu destino — e o mesmo valia para ela, pois para onde poderia fugir? Sua família não ia aceitá-la; e ela seria expulsa da corte.

“Estou pronta agora”, ela dissera ao capelão. “Só precisava refletir um pouco. O casamento não deve ser uma decisão

impulsiva.”

Ele acenara com a cabeça de leve, e Penelope sentiu seus familiares relaxarem atrás de si. O capelão limpou a garganta antes de repetir os votos.

Quando ela abriu a boca para falar, sua voz não saiu, e quando enfim se fizera ouvir fora apenas em um sussurro, mas o capelão se dera por satisfeito. Ela estava paralisada como um lago congelado, com a vida ainda pulsando sob a superfície, mas fora de seu alcance. Penelope sentia a aliança roçando a junta do dedo. Era como um peso em sua mão, um peso tão grande que ela pensara que jamais conseguiria erguer o braço de novo. Fora só então que olhou para Rich, seu marido. Não tinha a expressão de um noivo contente. Não, ele tinha a aparência de um homem gravemente ofendido, com as bochechas vermelhas de raiva.

“Nada de ‘entendido!’”, rugiu Rich diante dela no quarto, empurrando-a para dentro. “Isso não é maneira de falar com seu marido. Esse seu jeito precisa ser domado.” Ele levou a mão ao seu pescoço e aproximou o rosto do dela. “Diga: ‘Lamento muitíssimo, milorde’.”

Ela sentiu vontade de cuspir no rosto dele, mas teve medo de apanhar.

“Diga!”, ele repetiu.

Penelope abriu um sorriso exagerado. “Lamento muitíssimo, milorde”, falou com ironia, como se estivesse atuando diante de uma plateia que quisesse fazer rir.

Ele a empurrou na cama, ainda segurando pelo pescoço. “Você pensa que é melhor que eu, sua família toda pensa, com seu sangue nobre, mas agora você é minha, seu sangue nobre é meu, e você vai me obedecer. Não suporto nem olhar para você. Pensa que é a joia da coroa da rainha? A grande beleza do reino? Você me dá nojo.”

“Foi você quem me levou a esse comportamento”, ela rebateu, olhando diretamente para o marido, recusando-se a se acovardar, encorajada pela bebida. “Pode ter meu corpo, mas

nunca vai me ter de verdade.”

“*Seu corpo...*”, ele disse com um olhar de repulsa. “Você é uma filha de Eva!” Rich começou a se despir com uma das mãos enquanto com a outra segurava os pulsos dela com força demais. Penelope sentiu seus ossos prestes a quebrar, mas jamais daria a ele a satisfação de um grito de dor ou de uma súplica para que parasse. Com os olhos cerrados, ele murmurava baixinho um salmo. “Aleluia! Feliz o homem que teme a Deus e se compraz em seus mandamentos. Sua descendência será poderosa na terra, a descendência dos retos será abençoada...” E sem abrir os olhos Rich ergueu as saias rígidas do vestido de casamento.

Penelope fixou os olhos na colcha de flores e pássaros bordados sobre a cama, tentando imaginar que estava em um jardim de vegetação sedosa, desfrutando do calor do sol. Porém, por mais que tentasse escapar em sua imaginação, continuava naquele quarto, em sua nova casa em Smithfield, com seu novo marido e um pensamento se repetindo como uma música em sua cabeça — *por toda a eternidade* —, à espera da dor.

“Pode doer um pouco”, sua mãe tinha alertado. “E não se assuste com o tamanho do membro, pois é assim que deve ser. Só permita que ele faça o que é preciso fazer.” Penelope por muito tempo se perguntara o que ela queria dizer com aquilo. Deitada na cama com seu novo marido cutucando suas partes baixas e grunhindo como um porco, não soube ao certo o que *ela* precisava fazer, e ficou contente por estar ébria e por Rich enfim ter soltado seus pulsos doloridos.

Ele pegou sua mão e a puxou contra sua coisa. Não era o que ela imaginara; tinha o toque gosmento de um pedaço de carne crua. Rich começou a se esfregar em suas partes íntimas. Em sua mente, Penelope o substituiu por Sidney, fechando os olhos com força e usando toda a sua imaginação para visualizar outro homem, com cheiro de grama fresca e olhos cristalinos como água. Ele murmurava em seu ouvido. Uma quentura começou a subir por seu corpo, mas parte dela ficou temerosa de que fosse pecado pensar em outro homem em sua noite de núpcias. Sua

mãe nunca a aconselhara àquele respeito. A sensação se desfez. Rich murmurava o tal salmo outra vez, repetindo sem parar, e ela tentou voltar seus pensamentos para Deus, mas Sidney não saía de sua cabeça. Então, com um grunhido súbito, Rich saiu de cima dela, sentou, vestiu as roupas e saiu sem dizer nada.

Novembro de 1581
Smithfield/Whitehall

Penelope só voltou a ver Rich na manhã seguinte, quando os cavalos já estavam preparados para a partida. Ela estava à espera na porta da casa de Smithfield, com a cabeça latejando em virtude dos excessos da noite anterior, imaginando se deveria mandar Jeanne procurá-lo. Logo em seguida, porém, o marido apareceu.

“Você parece cansada”, Rich falou, como se fosse uma acusação.

“Dormi como uma criança, obrigada”, ela mentiu.

“Agora vá e fale bem de mim para a rainha.” Ele ofereceu ajuda para que ela subisse na carruagem à sua espera. Quando a esposa saiu das vistas do cavaleiro, Rich a segurou pelo pulso, apertando e torcendo até sua pele arder, sem a soltar. Em seguida, ele a surpreendeu com um beijo na boca. Penelope precisou se esforçar ao máximo para não limpar os lábios com a mão.

“Você vai para Leighs?” Ela o queria o mais longe possível. Quando ele confirmou com um aceno de cabeça, foi impossível não torcer por algum tipo de acidente.

A carruagem se afastou e ela tirou o bracelete de esmeraldas, um presente de casamento de Leicester, passando-o para o outro pulso a fim de esconder o vergão. Ao afundar no assento acolchoado do veículo, ela se perguntou se aquele luxo era capaz de compensar o sofrimento, e duvidou.

“Quero saber de tudo”, disse Martha, que foi cumprimentá-la no pátio em Whitehall. O lugar fervilhava de guardas, e Penelope se perguntou o motivo.

“Não tenho muita coisa para contar”, ela respondeu enquanto as duas caminhavam juntas para os aposentos privativos.

“Mas e seu casamento?”

“Gostaria de esquecê-lo.” Martha não conseguiu esconder a decepção. “Desculpe, é que...” Penelope não sabia como explicar o que estava sentindo. Martha conseguiria entender o turbilhão em sua cabeça se não sabia nada sobre Rich ou seus sentimentos por Sidney? Ela só se sentia à vontade para confiar em Jeanne — a doce e leal amiga, em quem sempre poderia contar para guardar um segredo.

Martha abriu um sorriso compreensivo. “Você nunca vai acreditar no que aconteceu aqui enquanto isso. Tem uma conspiração católica em andamento, apoiada pelo papa, para assassinar a rainha e todos os seus conselheiros.” Os olhos dela brilhavam de empolgação, e não de medo, enquanto murmurava com a respiração acelerada. “Cinquenta homens prontos para acabar com ela.”

Penelope sentiu seu sangue gelar, lembrando os horrores do massacre ocorrido em Paris. Jeanne não lhe contara muita coisa sobre aquela noite, quando milhares foram assassinados pelos católicos, mas o pouco que sabia ficara gravado em sua mente — os gritos de pavor, o odor de sangue, o rio apinhado de corpos: uma imagem do inferno. “Aqui na Inglaterra?”, ela perguntou sem pensar.

“Sim, aqui mesmo. Eles querem pôr Maria da Escócia no trono. Disseram que não podemos passear nos jardins, porque é muito perigoso.”

“Maria da Escócia?”, questionou Penelope. Ela mal sabia da existência daquela mulher, que passara treze anos em prisão domiciliar com os Shrewbury, enquanto Jaime, seu filho mais novo, ocupava o trono. Ela era outra que não podia ser mencionada na presença da rainha, mas as damas sempre falavam a seu respeito, mas como uma espécie de mito, e não uma mulher de verdade.

“O número de guardas dobrou. Não reparou?”

“Estava me perguntando qual era o motivo.”

“Espere até ver lá dentro. Estão todos enfileirados na galeria.”

Quando elas chegaram aos aposentos privativos, havia uma

dúzia de alabardeiros guardando a entrada.

Martha levou a mão à boca e se inclinou na direção de Penelope. “Um padre católico chamado Campion foi preso por traição. Foi encontrado em um esconderijo e agora está na Torre, sendo interrogado.”

“Pobre homem”, suspirou Penelope.

“Mas ele é um traidor”, retrucou Martha.

“Ainda assim é filho de Deus.” Ela sentiu suas entranhas se revirarem ao pensar no que deveria estar acontecendo com aquele homem, fosse um traidor ou não.

Quando se aproximaram da porta, os guardas pediram para que abrissem os casacos — “Para ter certeza de que não representamos ameaça”, murmurou Martha — antes de permitir sua passagem.

Do lado de dentro, embora tudo parecesse como de costume, Penelope conseguia sentir a tensão no ar. A rainha e Burghley discutiam acaloradamente. Cecil, o filho dele, estava posicionado logo atrás, remexendo os pés como se não soubesse que postura assumir. Penelope o surpreendeu olhando em sua direção e sorriu; em vez de retribuir o gesto, o jovem desviou o olhar, fingindo estar fascinado por uma tapeçaria pendurada perto dela.

“Não vou me tornar uma prisioneira dentro de minha própria casa”, dizia a rainha, incapaz de esconder sua irritação com a abordagem de Burghley. “Os espanhóis querem me matar há anos. Não vou me acovardar por causa de alguns boatos.”

“Imploro à senhora, seja prudente e evite os jardins até conseguirmos garantir sua segurança.” Burghley estava ajoelhado diante dela, apertando as mãos.

Foi só então que Penelope passou a compreender as circunstâncias da vida da rainha. Ela só conhecera a corte como um local de luxo e romance, com a rainha no centro de tudo, como em uma colmeia, cercada de abelhas operárias que buscavam cair em suas graças oferecendo seu mel. Mas Penelope começava a perceber que cada uma das abelhas precisava lutar

para sobreviver, inclusive a rainha, e que o luxo e o romance não passavam de meras distrações. O clima de ameaça que pairava no ar dos aposentos privados naquela manhã poderia muito bem estar sempre lá. Ela se lembrou do momento em que dissera: “Tenho ódio dela. Odeio a rainha”; fora um choque ouvir sua própria voz articular aquelas palavras malignas, como se estivesse expressando desgosto por Deus. Mas seria possível deixar de se sentir daquele modo diante da degradação de sua mãe, da morte de seu pai e de seu casamento infeliz com a aprovação real? Naquele momento, porém, Penelope entendeu que as coisas eram um pouco mais complexas do que imaginava, e seus sentimentos se tornaram um poço de contradições. Ao ódio simplista e infantil se somaram uma espécie de admiração e um pouco de medo — o medo sempre estava lá, embora jamais o demonstrasse.

Era um pensamento sombrio que a rainha precisasse viver cada dia ciente do fato de que o Sacro Império Romano-Germânico e a Espanha, as duas maiores potências mundiais, além de seus próprios súditos católicos, desejavam sua morte. Elizabeth se tornara implacável por necessidade. Mas Penelope não conseguia tirar o padre católico da cabeça, imaginando seus gritos enquanto seu corpo era esticado mais um pouco no cavalete de tortura.

Ela esperou junto à entrada pelo sinal de que poderia se aproximar, olhando pela janela, imaginando se um tiro de pistola poderia ser disparado com precisão do outro lado do vidro, e o caos que aquilo causaria. Seus pensamentos se voltaram para seu marido — e só de pensar naquele termo, “marido”, e a prisão que representava, seu coração ficou apertado. Ele devia estar na metade do caminho para Leighs.

Penelope afastou Rich de sua mente, olhando pela janela dos aposentos privativos. O céu estava carregado de nuvens pesadas, e uma chuva fraca começou a cair; algumas poucas gotas a princípio, adensando-se em rajadas que sacudiam furiosamente os vidros. Dava para ouvir as pessoas no pátio correndo para se

proteger, gritando umas para as outras para moverem suas coisas para baixo das arcadas, para protegê-las.

“Ah, Burghley, parece que Deus está do seu lado”, comentou a rainha, aos risos. “Não vou sair nessa chuva. Nem meus assassinos, penso.”

Burghley tentou dar uma risada bem-humorada, mas seu rosto só se deformou com o esforço. O filho conseguiu se contorcer em um risinho nervoso, porém ninguém os acompanhou — continuaram todos ocupados com o que fingiam fazer: costurar, ler ou escrever.

A rainha lançou um olhar em torno do recinto e por fim encontrou Penelope. “Minha cantora está de volta”, ela falou. “Fico feliz em vê-la; nenhuma das meninas tem seu talento, e precisei ouvi-las arruinar minhas melodias favoritas durante dias. O que está achando da vida de casada?”

Penelope não sabia como responder, com medo de que seus verdadeiros sentimentos transparecessem em seu rosto. “É diferente, Vossa Majestade”, foi o que ela disse, imediatamente se dando conta de que se tratava de uma afirmação inadequada, ao perceber que Peg Carey revirava os olhos.

“Diferente?”, retrucou a rainha. “Nunca ouvi uma noiva descrever o casamento assim.”

“O que eu quis dizer, Vossa Majestade, é que...”

“Não, não”, interrompeu a rainha com um sorriso irônico. “Diferente já basta.” Penelope ficou impressionada com aquela demonstração de comedimento; nada em sua expressão ou postura indicava medo, embora os guardas do lado de fora e as mãos inquietas de Burghley fossem um testemunho do perigo da situação. “Agora eu gostaria de ouvir uma canção para me distrair de tudo isso.” A rainha fez um gesto apontando para Burghley e Cecil, que trocavam sussurros, parecendo um par de urubus rodeando um pedaço de carniça com seus trajes pretos. Cecil voltou o olhar momentaneamente para Penelope, que se lembrou das palavras que sua mãe dissera na última vez em que as duas tinham se visto: “Fique de olho no filho de Burghley; se

for parecido com o pai, não merece nossa confiança”. Ela sorriu para ele; mais uma vez, Cecil não retribuiu o gesto.

Um mensageiro anunciou a chegada de Leicester, que entrou, seguido de uma comitiva. Penelope viu claramente a expressão de desaprovação de Burghley, espelhada no rosto do filho. Leicester usava um traje prateado, com uma capa encharcada pendendo dos ombros e derrubando água no assoalho. Quando se aproximou de Penelope, deu uma piscadinha como quem diz que sabia o que ela passara na noite anterior. Ela se sentiu horrorizada ao pensar em todos rindo e fazendo piadinhas depois de seu casamento, especulando sobre o que acontecia no leito nupcial.

Leicester foi até a rainha, que deu um tapinha no assento atrás de si e segurou a mão dele como se fossem marido e mulher. A aversão de Penelope cresceu ainda mais. A rainha era mesmo a culpada pela morte de seu pai? Havia muitas perguntas impossíveis de responder.

Enojada pela intimidade dos dois, Penelope olhou ao redor do recinto e viu que, entre todas as pessoas possíveis, justamente Sidney se encontrava entre os homens de seu padraço, vestido de preto como se estivesse de luto. Seus olhares se cruzaram por um brevíssimo momento antes que ela virasse a cabeça de volta para a janela, contra a qual a chuva continuava a bater com força. Penelope só conseguia pensar em sair correndo dali, para o meio do aguaceiro, e continuar fugindo para sempre, sem parar ou olhar para trás.

“Lady Rich ia começar a cantar para nós”, disse a rainha. “Alguém traga um banquinho e um alaúde.”

Penelope sentiu suas entranhas se revirarem ao ouvir seu nome de casada dito em voz alta na presença de Sidney. Um calor subiu por seu corpo e chegou até seu rosto. Ela manteve os olhos bem distantes da comitiva de Leicester, e um alaúde largo e redondo como um bebê foi entregue em seus braços. Penelope se sentou, atordoada por um momento, abraçando o instrumento, e enfim conseguiu se controlar o bastante para

começar a dedilhar, escutando e ajustando as cordas uma a uma, e usando a voz para garantir a afinação das notas. Tudo isso com a certeza de que os olhos de Sidney estavam sobre ela, mas sem coragem para erguer o rosto, mantendo a atenção voltada para a afinação do instrumento.

“Alguma preferência de canção, Vossa Majestade?”, ela perguntou, na esperança de que lhe dissessem o que tocar, pois havia uma única música em seu coração, mas não lhe parecia nem um pouco apropriada para a ocasião.

“Não, não. Toque o que quiser”, foi a resposta da rainha.

Penelope tentou pensar em outras canções, mas as centenas que conhecia desapareceram de sua cabeça, então ela começou.

Quem gosta de amar deve ter cuidado

Aliviada ao ouvir um suspiro de aprovação da rainha, ela manteve os olhos firmes nos dedos, tentando se concentrar apenas nas cordas esticadas do instrumento, sentindo as vibrações, deixando-se levar pelo som, permitindo que sua voz entrasse no ritmo.

E sabe por quê?

A canção começou a envolvê-la, a levá-la como um rio embala uma embarcação em sua correnteza, e a atenção da plateia lhe proporcionou uma sensação de poder.

Entre os deuses está decretado

Erguendo a cabeça, encorajada pela música, ela encontrou Sidney em um canto do recinto e, cravando os olhos nos dele, cantou:

Que o amor há de morrer

O olhar que ele lhe lançou era de lamento, de um ator trágico, e Penelope sentiu um frenesi de alegria, como se tivesse encostado sua lança na armadura dele e ganhado um ponto.

E cada criatura que cruza seus passos

Há de sair com o coração em pedaços

Penelope se deixou levar completamente. Sidney podia ser o grande campeão dos duelos, aquele que os homens tentavam imitar e por quem as mulheres suspiravam, aplaudindo-o das arquibancadas, mas aquela era *sua* arena. Ela permitiu que seus olhos passeassem pelo recinto, pousando sobre uma ou outra pessoa enquanto entoava os versos.

*Reclamando aos deuses do plano superior
Que o ouro só corrompe o deus do amor*

Quando ela terminou, o recinto explodiu em aplausos entusiasmadíssimos. Apenas Sidney não estava batendo palmas. Olhava para o nada com a testa franzida. Ela se levantou com o alaúde na mão e fez uma mesura para a rainha, enquanto a plateia pedia mais. Um instante de hesitação a dominou quando viu a condessa sentada com as mãos no colo, com um sorriso fixo fingido no rosto, o que fez Penelope se lembrar de seu marido puritano e no quanto detestaria tal divertimento, que consideraria um prazer profano. Mas, se Rich queria que ela se mantivesse nas graças da rainha, teria que tolerar aquilo. Penelope se deu conta de mais uma coisa: todo mundo na corte estava comprometendo alguma coisa de si, princípios, amor ou crenças — não havia como escapar —, e o destino era cruel com quem se recusava a ceder, como aquele pobre padre. Em sua mente surgiu uma imagem vívida do homem no cavalete de tortura, suando, com os dentes cerrados, os ossos sendo puxados com um estalo úmido, como um frango sendo destrinchado.

Alguém gritou um pedido de canção: “Oh, doce engano”.

“Vou precisar da partitura para tocar essa”, Penelope respondeu. Ela foi trazida e um pajem segurou a folha à sua frente, o que provocou alguns olhares invejosos dos outros rapazes. Penelope se sentou de novo no banquinho, acomodando o alaúde debaixo do braço e começando a dedilhar a melodia, procurando a nota certa com a voz. Os pedidos não paravam de chegar, e ela continuou cantando e atraindo admiração para si até sua garganta começar a fraquejar. Um grupo de músicos assumiu seu lugar, e algumas damas se colocaram em fila para

dançar. Exausta, Penelope foi se sentar perto da janela.

Sidney a seguiu como uma sombra, perguntando se poderia se sentar ao seu lado. Ela assentiu sem dizer nada, sentindo-se protegida por sua força recém-descoberta, imaginando que seu coração era moldado em ferro e cravejado de espinhos afiados.

“Está de luto?”, Penelope perguntou, segurando a manga de veludo preto do gibão com o indicador e o polegar. “Sem dúvida está com um ar de lamento.”

“Em certo sentido, sim”, ele respondeu, olhando para os próprios joelhos. “Ouviu falar de Champion, o jesuíta que vai ser executado?”

Ela fez que sim com a cabeça, confusa com o tom de seriedade da conversa. Penelope não achava que ele de fato estivesse de luto, e de um momento para o outro passou a se sentir ingênua e vazia, alguém que só pensava em seu próprio coração enquanto coisas muito mais importantes aconteciam ao seu redor.

“É um amigo muito querido.”

“Mas ele é católico, não? Um inimigo do Estado.”

“As coisas nunca são tão simples quanto parecem.” Ele parecia impaciente, irritado até, como se estivesse tentando explicar a situação para uma idiota, e ela queria expressar a compaixão que sentia pelo homem torturado, mas moderou a língua porque se sentia uma ignorante a respeito daquele tipo de coisa. “Acho que as pessoas devem praticar sua fé da maneira como bem entenderem. Champion é um religioso, não um político.”

“Mas como separar a fé da política com tantas conspirações católicas contra a vida da rainha?”, ela rebateu, encarando-o diretamente.

“Sim, é impossível.” Ele suspirou. “Champion não tem como evitar esse destino. E, por associação, vou ser isolado pela rainha. Não consigo me acertar com ela. Mas você não vai querer me ouvir choramingar. Além disso...” Ele virou a cabeça para o outro lado, para que Penelope não visse sua expressão. “Não é apenas por Champion que estou de luto.”

“Por quem mais?”

Ele murmurou uma resposta ininteligível.

“Não ouvi”, ela falou, notando que Peg Carey e Moll Hastings ergueram os olhos dos bordados e estavam cochichando.

“Por quem mais?”, ela repetiu, ignorando as damas do outro lado do recinto.

“Por você”, ele sussurrou por fim.

“Por mim?” Seus sentimentos começaram a se exaltar, mas Penelope os conteve com rédeas firmes. “Ainda estou viva.”

“Mas eu a perdi.”

“Você nunca me teve. Nunca me quis. E todo aquele discurso sobre ter me ludibriado?”

“Eu estava errado.”

Ela sentiu um nó de raiva na garganta. “Errado? Agora é tarde demais para isso.” Penelope virou para dar as costas a ele e levantar, mas Sidney a segurou pela mão. Peg e Moll ainda estavam com os olhos fixos nela. “Não encoste em mim.”

“Permita que eu me explique.”

“Não existe nada para explicar.”

“O que é isso?” Ele puxou o bracelete de esmeraldas para cima, revelando o vergão vermelho em seu pulso.

“Nada.” Ela puxou o braço de volta.

“Foi ele quem fez isso?”

“Não é da sua conta.” Penelope abriu um sorriso amarelo para contentar os olhos curiosos que começavam a se voltar em sua direção. “Agora, se me der licença, vou me juntar às minhas amigas.” Ela estendeu a mão com uma insolência deliberada para que ele a beijasse.

“Permita que eu a veja a sós.”

A expressão de Sidney estava tão torturada que ela quase cedeu, mas então se lembrou de seu coração de ferro com espinhos afiados.

“Eu imploro.”

“Não seja tolo”, Penelope disse, como se repreendesse uma criança, e foi caminhando com o corpo quase anestesiado na

direção de Peg e Moll, sentindo-se como um cisne, com um exterior impassível enquanto sob a superfície uma movimentação intensa a afligia.

“O que foi aquilo?”, Peg quis saber, lançando um olhar para Sidney.

“Ele estava reclamando de sua falta de favorecimento. Não sei o que pensa que *eu* posso fazer a respeito. Acho pessoas resmungonas muito cansativas.”

Peg soltou uma risadinha carregada de ceticismo. “O casamento é ‘diferente’, então?”

“Exatamente o que eu falei”, ela confirmou.

Penelope se sentou nas almofadas ao lado delas, oferecendo-se para ajudar a bordar uma tapeçaria, ciente de que o rosto desolado e pálido de Sidney a observava do outro lado do cômodo. Burghley e Cecil estavam por perto, trocando cochichos.

“Se o assassinato fosse bem-sucedido”, Burghley disse, “isso ia virar um inferno... Não confie em Leicester, ele é...”

Ao ouvir o nome do padrasto, Penelope se remexeu em uma tentativa de capturar melhor as palavras. Fingiu se aproximar da lareira, esfregando as mãos como se estivesse com frio.

“Mas você mesmo já me disse tantas vezes, pai. Ela não pode ser forçada a nomear um sucessor.” Cecil estava agarrado com força ao aparador da lareira, como se ali se escondesse algum segredo. Ela notou que os dedos dele eram curtos e feios, ainda que as unhas estivessem aparadas e bem-feitas. Aquelas não eram as mãos de um homem que empunhava uma espada, não havia calos indicando os esforços dos treinamentos nem cicatrizes remetendo a confrontos anteriores. Eram as mãos de alguém que se preocupava com a impressão que causava. Aquele estranho menino corcunda, que as pessoas diziam estar sendo preparado para assumir o lugar do pai ao lado da rainha, conseguira atrair sua atenção.

“O futuro da Inglaterra *precisa* ser assegurado”, disse o pai. “Nosso futuro também. Temos que nos preparar...” Ele fez uma

pausa para baixar o tom de voz antes de continuar: “Se aquela escocesa puser as mãos no cetro, creio que estamos liquidados”.

O filho balançou a cabeça de leve.

“Não podemos deixar que isso aconteça.” Quando Cecil falou, Penelope viu pela primeira vez naquele rapaz, que se mostrara tímido demais para encará-la ou retribuir seus sorrisos, uma expressão de determinação feroz. Era o olhar de alguém capaz de qualquer coisa para conseguir o que queria.

“Nosso futuro depende disso.”

Ela se lembrou da conversa com sua mãe antes do casamento: *Pense na família, vai ser bom para todos nós se continuar nas graças dela. Faça isso e um dia pode estar em condições de garantir o futuro dos Devereux.* Naquele primeiro momento Penelope ficara confusa, parecia ser algo além de sua compreensão; mas estava começando a entender que a segurança de todos naqueles aposentos privativos dependia da boa vontade de uma única mulher, e que estavam todos lutando por uma posição, determinados a garantir o futuro de seus familiares.

Dezembro de 1581

Leicester House, Londres

Elas desceram das montarias no jardim. “Entre e cuide das bagagens”, Penelope disse a Jeanne. “E avise minha mãe que estou aqui.”

Penelope conduziu as montarias até o jovem cavaleiro, que tirou a sela do lombo de Dulcet.

“Ela está toda marcada, Alfred”, disse. “Um pouco de unguento de confrei aliviaria a dor. Vou para a casa do meu marido em Smithfield no fim da tarde de hoje e gostaria de levá-la comigo.”

Penelope sentiu seu peito se contrair, como se estivesse tendo um ataque do coração, ao pensar em encontrar seu marido sozinho na escura e desolada casa. Rich passava um bom tempo na corte, desfrutando de seu recém-adquirido prestígio, mas, por não dispor de aposentos por lá, precisava voltar a Smithfield para dormir, o que a deixava disponível para servir a rainha. Era o arranjo ideal.

“Pode deixar, milady”, disse Alfred.

“Prefiro aplicar pessoalmente. Gosto bastante dessa garota.” Ela deu um tapinha no pescoço de Dulcet e passou a mão em sua crina. “Mas talvez você possa amassar umas raízes de confrei para mim.”

Alfred sorriu, balançando a cabeça em concordância.

“Vou pedir à minha mãe que o libere para que me acompanhe até Smithfield. Não confio no cavaleiro de lá para cuidar dela. Como vou ficar só por uns dois dias e a distância é curta, você pode voltar para cá quando for necessário.”

“Como quiser, milady.” Ele pareceu satisfeito. Penelope se lembrava de quando Alfred fora trabalhar nos estábulos em Chartley. Era só um menino, mas já mostrava ter muito jeito com os cavalos. Em uma ocasião ela o vira acalmar um pônei apenas cochichando no seu ouvido. “Fica a dez minutos de

cavalgada.”

“Como são os estábulos em Smithfield?”

“Apropriados.”

“Deve ser bom para a senhora ter a oportunidade de ver seu marido, milady.”

Ela assentiu e sorriu, mas o nó em sua garganta apertou um pouco mais. Penelope tentou imaginar a si mesma na infância, fingindo que não era uma mulher adulta com um marido, obrigada a frequentar a corte, onde estava sempre no fio da navalha. Alfred desapareceu no celeiro e voltou com um punhado de raiz de confrei, um pilão com almofariz e um pote de gordura de ganso. Começou a amassar a raiz, assobiando enquanto trabalhava. Penelope o observou, desejando adiar a entrada na casa pelo maior tempo possível.

A mãe ia querer interrogá-la sobre tudo o que acontecia nos aposentos privativos — *Como Leicester é com a rainha? E quanto a Burghley, o que está aprontando com aquele filho deformado? Você precisa tomar cuidado com eles... são poderosos demais para o meu gosto. Que damas estão nas graças dela? Quem ganhou joias novas? É uma clara indicação de preferência* — e, obviamente, haveria perguntas sobre suas regras.

Seu ciclo continuava regular como de costume e, apesar da decepção, ela não sabia como um filho poderia ter sido gerado naquela noite de núpcias. Um bebê nunca seria concebido em um episódio sem um pinga de amor. Mas, caso houvesse uma criança, Rich ia deixá-la em paz. Ela se sentia como se estivesse diante de um daqueles desenhos misteriosos que não faziam sentido de ângulo nenhum. E havia ainda o incontornável Sidney, a quem seus pensamentos se voltavam de forma constante e obsessiva, como um cachorro lambendo a própria ferida. Penelope queria acreditar que o rejeitara de forma resoluto, mas a visão da expressão de lamento no rosto dele deixava seu coração agoniado, e era preciso aceitar que suas tentativas de bani-lo de seus pensamentos eram inúteis.

“Viu o cachorrinho, milady?”, perguntou Alfred, entregando a

raiz de confrei e oferecendo o pote de gordura para que ela pudesse pegar uma colherada.

“Cachorrinho?” Penelope apanhou um pouco da mistura e começou a esfregar de leve uma camada de unguento nas feridas de Dulcet, sentindo a égua se contrair e depois relaxar sob seu toque.

“Uma das cadelas spaniel de sua mãe deu cria no celeiro. Teve dois filhotes, mas um nasceu morto. O chefe dos cavaleiros me falou para pôr o outro em um saco com pedras e jogar no rio.”

“Você não fez isso, fez?” Ela o encarou, apavorada, seguindo-o enquanto começava a levar as montarias para dentro.

“Claro que não, milady. Achei que a senhora fosse ficar com dó.” Alfred abriu um sorriso de cumplicidade.

“Você me conhece bem. Trate de mostrá-lo, então.”

O cavaleiro apontou para um canto isolado por uma tábua de madeira. Penelope viu um par de olhos desconfiados pousarem sobre si. A cadela estava deitada de lado na palha; atrás dela, deitado com as pernas abertas e a barriga para cima, encontrava-se o filhote, uma visão que enterneceu o coração de Penelope. Ela ficou só observando por um tempo, encantada com o bichinho, que gemia baixo e balançava as pernas como se estivesse sonhando que caçava ratos.

“Você sabia que eu seria mais fácil de manipular, não é mesmo, Alfred?”

“Jamais pensaria uma coisa dessas, milady”, ele disse, mas seu sorriso o denunciava. “O filhote já está comendo alimentos sólidos, então pode ser separado da mãe. Quer ficar com ele?”

“Seu malandro. Sabia que eu não ia conseguir resistir.”

O cachorrinho se mexeu, abriu os olhos e rolou para se levantar. Ele cambaleou, ainda tonto de sono, e cheirou sua mão. Penelope o pegou no colo, permitindo que mordesse seus dedos com os dentinhos afiados enquanto imaginava o conforto que ter uma criaturinha para amar lhe traria.

“Posso levá-lo agora mesmo?” Ela ficou de pé e a cadela a olhou outra vez, fechando os olhos em seguida para voltar a

dormir.

“Claro, milady.” Alfred tirou o gorro, um gesto que parecia indicar seu desconforto por receber um pedido de alguém tão acima dele na hierarquia da casa. “Veja só, ela está contente de ver que o pequeno vai ficar com alguém como a senhora.”

Penelope entrou na casa pela porta dos fundos, tirou o chapéu e o deixou cair no chão junto com a capa. Em seguida parou por um instante para sentir o bafo azedo do cachorrinho respirando perto de seu rosto. Ouvindo vozes no corredor, abriu a porta silenciosamente para ver quem estava lá. Perto da lareira viu sua mãe, seu padrasto, Jeanne e Dorothy, mas havia outra pessoa com eles. Perdeu o fôlego, como se houvesse uma pedra entalada em sua garganta, e embora seus instintos a mandassem fugir, ela se viu com os pés pregados no chão. Apesar de estar de costas, a figura de Sidney era claramente reconhecível — Penelope devia ter esquadrinhado o contorno daquelas costas centenas de vezes.

Foi o cachorrinho que denunciou sua presença. Talvez notando a ansiedade dela, começou a dar latidos agudos. O grupo se virou todo de uma vez e Dorothy soltou um gritinho, deixando de lado o decoro e correndo até a irmã e o filhote, que parou de latir e começou a abanar o rabo de alegria.

“É seu? Onde foi que o pegou?” Ela a bombardeava com perguntas, mas sua mente estava ocupada com outras coisas. “Qual é o nome dele?”

A irritação de Penelope ficou evidente com aquela invasão do espaço familiar, mas preferiu esconder seus sentimentos mais profundos e pungentes — *como posso ficar ao mesmo tempo tão contente e irritada por ele estar aqui?* Ela se esforçou o máximo para não olhá-lo, mas foi impossível evitar uma espiada, pois Sidney parecia reluzir, como se tivesse um halo digno de uma pintura de Cristo. Apesar das roupas pretas, ele chamava mais atenção que qualquer um ali, inclusive seu padrasto, com um traje dourado, e até sua mãe, conhecida pela beleza estonteante.

Por fim, Penelope saiu de seu estupor para responder à irmã.

“Ele ainda não tem nome.”

“Bom, então precisamos escolher um”, disse Dorothy.

Ela saiu da imobilidade para entrar na sala e entregar o cachorro nas mãos ansiosas da irmã. Beijou a mãe e o padrasto e, depois de uma medida, ofereceu a mão a Sidney com formalidade, fazendo de tudo para evitar os olhos dele.

“Milady”, ele falou, curvando-se educadamente e segurando sua mão por mais tempo que o necessário. Penelope virou para Jeanne e Dorothy, que estavam encantadas com o cachorrinho, e abriu os braços para pegá-lo de volta, então encheu de beijos o rosto e a cabeça do animal. Sabia que sua mãe a observava de perto, alternando o olhar entre ela e Sidney, curiosa para descobrir o que havia por trás da frieza do cumprimento da filha. Ela se perguntou se o conflito silencioso que minava seu interior era visível na superfície.

“Que tal chamá-lo de Chevalier?”, propôs Jeanne, acariciando o filhote.

“Muito comprido”, disse Penelope.

“Por que não sugere um nome, Sidney?”, disse Leicester, dando um tapinha nas costas do sobrinho. “É o artesão das palavras entre nós.”

A mãe de Penelope a olhava com toda a atenção. “Você está bem, querida? Parece meio pálida.”

“Sim, claro.” Ela achava que a pergunta poderia estar relacionada com uma eventual gravidez. Virou o ombro para Sidney e aninhou o cachorrinho sob o queixo, posicionando-o no alto do vestido e murmurando: “Já estou apaixonada por ele”.

“Que nome você daria, Sidney?”, perguntou Dorothy.

“Preciso conhecê-lo melhor primeiro. Venha cá!”

Sidney estendeu as mãos para pegar o filhote, mas Penelope sacudiu a cabeça. “Ele precisa dormir. É melhor não deixá-lo excitado demais.” Ela não suportava a ideia daquelas mãos em seu cãozinho.

“Ele parece estar mesmo bem contente aí”, comentou Sidney, ignorando a rejeição e aproveitando a oportunidade para fazer

um elogio. “Com certeza qualquer um ficaria felicíssimo com tamanha proximidade com Lady Rich.”

Penelope sentiu seu corpo empalidecer ao ouvir seu nome de casada saindo da boca dele — uma boca que em suas lembranças mais vívidas estava sempre colada à sua.

“O que acha de Spero?”, Sidney perguntou.

“Esperança? Encantador. Sim, Spero é perfeito. E um nome em latim mostra que não somos um bando de ignóbeis”, respondeu Lettice. “Ou seria ignóbiles?”

“A primeira forma é a correta, acredito”, disse Sidney.

“Acho que é a escolha perfeita, não concorda, Penelope?”, perguntou Leicester.

“Vou pensar a respeito.” Por mais que tentasse esconder o turbilhão interior, sua voz tensa e formal a denunciou. Era impossível para ela não se lembrar do lema de Sidney no seu mais recente duelo: SPERAVI. *Eu esperava*, com as letras riscadas para enfatizar a perda. Suas próprias esperanças se elevaram. Ela respirou fundo para estabilizar o tom de voz e se virou para a irmã a fim de mudar de assunto. “Quando vai voltar para a casa dos Huntingdon?”

“Depois de amanhã”, contou Dorothy, parecendo subitamente desolada. Penelope se lembrou da rotina tediosa na casa de seus tutores e se deu conta de que, se ela sentia falta da presença da irmã, para Dorothy a separação seria muito pior, em um lugar daqueles.

“Tudo bem.” Penelope apertou a mão dela. “Você logo vai estar na corte comigo, não é mesmo, mãe?” Ela falou com uma falsa animação direcionada aos ouvidos de Sidney, cujo olhar sobre si era possível sentir, como uma coceirinha chata que insistia em chamar sua atenção.

“Se a rainha assim quiser”, disse Lettice, amargurada.

“Vocês me dão licença?” Penelope estava ansiosa para sair dali. “Preciso ir à cozinha pegar umas sobras de carne para este rapazinho.” Ao chegar à porta, ela acrescentou: “Jeanne, você vem comigo?”.

Quando saiu da sala, segurou sua acompanhante pelo braço e a puxou pelo corredor às pressas, esperando que se afastassem um pouco antes de perguntar: “O que *ele* está fazendo aqui?”.

“Eu queria avisá-la, mas não tive a chance.” Jeanne deteve o passo para encarar a amiga, pondo as mãos em seus ombros e ficando bem séria.

“Do quê?”, questionou Penelope, alarmada.

“Seu padrasto está tentando juntar Sidney e Dorothy.”

“Minha própria irmã! Não!” Sentindo-se zozza, Penelope teve que se apoiar na parede. “Não pode ser. Sidney não tem renda para se casar com uma Devereux empobrecida.” Ela desabou sobre um banco junto a uma janela, acomodando o cachorrinho no colo.

Jeanne se sentou também, abraçando a amiga e acariciando seus ombros tensos.

“Pensei que Leicester quisesse vê-la casada com o rei da Escócia”, murmurou Penelope. “O que aconteceu com *essa* ideia? Agora que eu trouxe Rich para a família, minha irmã está livre para se casar...”

“Não acho que seja isso. E não acho que sua irmã esteja disposta a aceitar. Não sei nem se sabia. A julgar pela cara que fez, parece que não.” Jeanne acariciou os cabelos de Penelope. Porém, ambas sabiam que, se o desejo de Leicester fosse aquele, Dorothy ia se casar com Sidney querendo ou não.

“Você tem sorte de não ter ninguém para lhe dizer com quem se casar...” Ela se interrompeu, levando a mão à boca e recordando as terríveis circunstâncias em que Jeanne perdera os pais. “Desculpe. Não foi isso que eu quis dizer.”

“Sei que não. De qualquer forma, não estou disposta a me casar ainda.”

“Você tem um bom coração, não é vingativa e mimada como eu.” Penelope concluiu que tinha muita sorte por poder contar com alguém como Jeanne para confiar seus segredos.

O som de passos se aproximando as silenciou. Quando ergueram a cabeça, viram a silhueta de Sidney atravessando o

corredor. Ele parou diante delas e abriu um sorriso tenso.

“Desculpem a interrupção, mas será que eu poderia ter uma palavrinha a sós com Lady Rich?” Por trás do pedido cheio de formalidade parecia haver algum sentimento. Penelope se perguntou se seria raiva ou infelicidade.

“Vou levar o cachorrinho para a cozinha e dar algo para ele comer”, disse Jeanne com uma falsa animação, pegando o filhote sonolento e deixando os dois sozinhos.

Sidney se sentou ao seu lado, perto, mas sem tocá-la, e Penelope se afastou um pouco, temendo a proximidade. “Fico me perguntando por que você está tão alegre.” A voz dele, cheia de amargura, provocou uma onda de calafrio em Penelope.

“Não estou alegre”, ela respondeu, baixando a guarda por um instante e o encarando enquanto remexia as mãos no colo, como se estivesse prestes a fazer uma aposta em um jogo de cartas. Seu coração começou a acelerar dentro do peito, a ponto de Penelope sentir que não conseguiria respirar. “Não fiquei nada alegre de saber que vai se casar com minha irmã.”

“Ah, Deus!” Ele passou o dorso da mão na testa. “Não tenho nenhuma intenção de me casar com Dorothy. Só queria agradar seu tio. Tem que acreditar nisso.”

“Como posso confiar em você? Nunca tive nenhuma prova de que é merecedor.”

Sidney pareceu pequeno e acovardado, sem a postura elegante e esplêndida de costume. Ela tinha que se esforçar para resistir à vontade de tocá-lo. Deu-se conta de que todos os anos de desejo de um tolo ideal romântico não tinham nada a ver com ele. Mas fora aquele homem, aquele Sidney, de cabeça baixa ao seu lado, com a pele marcada e os cabelos um pouco ralos, com a postura desolada e (ela notava pela primeira vez) as unhas roídas que capturara seu coração e o aprisionara com mão de ferro.

“Eu não deveria falar com você sozinha”, Penelope comentou. “Sou uma mulher casada.” Sidney pareceu se retrair quando ela disse isso. “E você *vai* ser prometido para minha irmã. Não está em condições de desobedecer Leicester.”

A expressão dele era compatível com a desolação dela. “Tenho uma coisa para você.” Ele tirou uma folha de papel do gibão, e sua postura de confiança pareceu desmoronar por completo.

Penelope pegou o papel e o desdobrou. “Um soneto.” Ela afirmou o óbvio para preencher o silêncio.

“Um de muitos. Quer ler? Se gosta um pouco que seja de mim...” Ele se interrompeu, parecendo sem palavras, depois retomou sem olhar para ela: “então me deixe ouvi-la recitar meus versos.”

Sua voz saiu como pouco mais que um sussurro quando Penelope começou a ler: “*Quando a natureza criou sua obra-prima, os olhos de Stella...*” Ela foi até o fim, e em seguida baixou as mãos pesadamente, respirando fundo e tentando se recompor. “*Eu sou Stella?*”

Ele assentiu, e seus olhos claros pareceram tão tristes que Penelope mal conseguia encará-los, embora tampouco se sentisse capaz de se afastar.

“A estrela distante... E você, quem é?”

“Sou Astrophil.” Alguma coisa pareceu mudar nele quando fez essa revelação.

“Seu amante”, ela sussurrou. “Então você me *ama*?”

Sidney assentiu outra vez, dessa vez com um esboço de sorriso.

“O que aconteceu para provocar essa mudança de sentimento?”

“Não sei. Eu estava confuso, sentindo-me sem chão ao perder a herança de Leicester e ser isolado pela rainha. Achava que não tinha nada a oferecer a você... em comparação com Rich.” Ele cuspiu o nome como se fosse o veneno de uma cobra. “Só percebi como o sentimento era profundo quando já era tarde demais. O amor pode ser bem repentino. Além disso, você sabe tão bem quanto eu a loucura que é se casar por esse motivo.” As palavras saíam apressadas de sua boca, como se estivessem fugindo. O habitual verniz de autoconfiança que ele exibia não estava mais lá; Penelope jamais poderia imaginar que havia

alguém tão sensível sob aquela superfície.

“É loucura ou o caminho da felicidade?” A voz dela exalava cinismo.

“Pensei que o sentimento ia passar. Fui um tolo.”

“E mesmo quando percebeu que não ia achou que não valia a pena lutar por mim.”

“Não!”

Ela queria desesperadamente segurar sua mão com o indicador manchado de tinta, aninhar seu corpo junto ao de Sidney, ser envolvida por ele.

“Eu lutei, *sim*, por você. Implorei à rainha que me deixasse cortejá-la. Eu a lembrei do desejo de seu pai.”

“Você fez um pedido à rainha?” Penelope começou a se dar conta do quanto compreendera mal a situação.

“Ela riu da minha cara, perguntou por que eu achava que ‘uma decepção’ como eu — foi assim que ela me chamou, ‘uma decepção’ — teria permissão para cortejar sua dama favorita. E me mandou embora. ‘Você não é um homem de minha total confiança, Sidney’, ela falou.” Ele largou sua mão e escondeu o rosto como se estivesse envergonhado, o que tornou sua voz quase inaudível. “A rainha me considera linguarudo demais, não gosta de meus amigos católicos. Mas sou apenas uma pessoa que fala o que pensa, e minha lealdade é uma questão de honra, mesmo quando envolve diferentes crenças.”

“Então é culpa *dela*.” Penelope se encheu de repulsa pela mulher que estava por trás de um catálogo de desastres envolvendo sua família. “E agora estou presa por toda a eternidade àquele homem.” *O que Deus uniu, homem nenhum há de separar.*

“Está consumado, então”, ele murmurou, parecendo pensar em voz alta, ainda incapaz de encará-la.

“Claro que sim”, Penelope murmurou.

“Eu esperava, ignorando toda e qualquer razão, que de alguma maneira essa união não...” Ele gaguejou, parecendo incapaz de expressar seus pensamentos. “Que poderia... que poderia ser

anulada, e que com o tempo nós convenceríamos o mundo a...” Ele se interrompeu outra vez. “Como fui tolo, sonhando com o impossível.”

Sidney ergueu os olhos com o rosto contorcido. Abriu os braços e Penelope se deixou envolver por eles. Os dois se abraçaram com força, de olhos fechados, como se quisessem se isolar do mundo, até que o som de alguém se aproximando os fez se separarem às pressas. Ambos ficaram olhando para as mãos em silêncio enquanto um empregado de Leicester passava com uma pilha de papéis e desaparecia porta adentro. “Deixe-me ir a seus aposentos hoje à noite.”

“Não posso.”

“Eu imploro.”

“Não, não! De qualquer forma, não vou estar sozinha. Jeanne e minha irmã vão estar lá comigo.”

“Então em outro lugar... por favor.”

“Não!” Ela não conseguia mais encará-lo, com medo de perder a convicção. “E quanto a *Dorothy*? Você foi prometido à minha irmã.”

“Não fui prometido a ninguém.”

“Ainda não”, ela falou. “Você precisa ir.” Eles ficaram em silêncio pelo que pareceu ser uma eternidade. “Você precisa ir”, ela repetiu.

Por fim ele se levantou e se afastou lentamente. Penelope pensou que seu coração fosse explodir de desejo.

“Vou esperar por você”, Sidney falou, voltando a encará-la, “na sala de música com vista para o rio... A noite inteira se for preciso.”

Março de 1582
Leighs, Essex

Era a primeira noite de Penelope em Leighs, embora já estivesse casada fazia quatro meses. Ela estivera na corte, garantindo seu favorecimento e tentando entender a intricada rede de lealdades em torno da rainha. Havia novos rumores de um plano de assassinato, o que deixava todos em polvorosa, menos a própria rainha, que parecia fria como uma tarde de outono; Penelope ficava contente por se afastar de lá. Ela estava sozinha em um quarto, perto da lareira, esperando seu marido e tentando sem sucesso afastar Sidney de seus pensamentos. Mais ou menos três meses tinham se passado desde seu encontro — três meses de felicidade fingida. Ela jogou lenha no fogo e bocejou, perguntando-se quanto tempo mais Rich a faria esperar. Penelope o deixara na capela, orando fervorosamente.

Mais cedo, ela e Jeanne haviam circulado pelos corredores labirínticos que ligavam as partes antigas da casa às novas. A construção costumava ter fins religiosos, e as evidências disso podiam ser encontradas em entalhes ocasionais de santos ou cruzeiros espalhadas pelos cantos. A atmosfera solene era a mesma da casa de Smithfield, onde ela passava as noites quando não estava na corte. Era um lugar melancólico, com um cheiro almiscarado de mausoléu e um silêncio opressivo predominante. A cada visita, Penelope era requisitada a cumprir suas obrigações conjugais. Em todas as ocasiões a perplexidade da noite de núpcias se repetia. Rich, que costumava ser polido e até distante durante o dia, se mostrava dominado pela raiva quando a noite caía. Ele nunca mais a machucara, porém a ameaça pairava no ar nos encontros noturnos, e Penelope sempre se sentia grata por saber que Jeanne estava por perto, mas também preocupada que ela acabasse ouvindo as recitações bíblicas fervorosas de Rich, permeadas por gemidos e respiração ofegante. Quando ele terminava e ia embora, ela batia na madeira do revestimento da

parede e Jeanne, zozza de sono, entrava silenciosamente e se deitava na cama ao seu lado.

“Isso tudo é seu?”, Jeanne exclamara quando chegaram a Leighs, enquanto elas perambulavam pelo casarão como crianças fascinadas, correndo pelo salão principal de mãos dadas e rodando pelo vasto espaço até ficarem sem fôlego de tanto rir.

“É meu, mas é como se não fosse”, ela respondeu, quando a empolgação passou. “Parece um lugar morto, como se ninguém vivesse aqui há anos.” Ela teria preferido ficar em Wanstead com Lettice, onde elas pararam no caminho para passar a noite, e sua mãe buscara avidamente toda e qualquer informação que pudesse obter sobre o que acontecia nos aposentos privativos da rainha.

Penelope sempre imaginara Wanstead como um lugar banhado pelo sol e cheio de música, como um cantinho do paraíso na terra, repleto de lembranças felizes de breves interlúdios em família, um local que se tornava ainda mais doce se comparado à vida que ela levava com os Huntingdon no norte, onde o tempo feio parecia condizente com a atmosfera da casa. Um criado sisudo mostrou a Penelope os quartos reservados a ela, voltados para o lado norte, sob a sombra de três grandes ulmeiros antigos e nodosos que mais para o topo se inclinavam um na direção do outro, como um grupo de velhinhos trocando segredos. Eram três grandes cômodos com ligação interna.

Jeanne a ajudou a se despir, e elas pentearam os cabelos uma da outra antes de se deitar, cantando uma canção que tinham ouvido na corte bem baixinho para que não fossem ouvidas, pois Rich deixara bem claro que a música era proibida em Leighs. Quando Jeanne e Penelope se acomodaram diante do fogo, o crepitar e a chama azul da madeira seca da lenha nova transportaram seus pensamentos para aquela noite na Leicester House.

Ao fim de seu último encontro com Sidney, ela ficara acordada na cama, cheia de raiva e dúvida em relação às forças

que tinham contribuído para sua situação. Era como se Deus estivesse zombando dela, fazendo-a se apaixonar por um homem — se não era amor, ela não sabia o que poderia ser aquela sensação abrasadora de que a vida só faria sentido ao lado dele — só para acabar se casando com outro que a detestava. Dorothy dormia profundamente ao seu lado, e o ritmo suave da respiração dela permeava o silêncio, um lembrete provocativo dos planos de casamento feitos em nome dela. A ideia de que Sidney se casasse com sua irmã era inconcebível, como antecipar o próprio falecimento de forma deliberada. Saber que Sidney estaria à sua espera na sala de música — com aquelas palavras se repetindo em sua mente, *a noite inteira se for preciso*, a atraía como a lua fazia subir as marés, e fora com um sentimento de inevitabilidade que ela enfim se levantara da cama e saía na noite fria.

Tateando no escuro à procura do penhoar, ela percebera que seu coração estava palpitando dentro do peito, como se tivesse vida própria, como se alguma coisa crescesse lá dentro, algo plantado por Sidney que não poderia criar raízes. O cômodo estava frio — bem frio, e seus olhos se acostumaram com a escuridão o suficiente para que ela visse o ar se condensando ao sair de sua boca sob a luz vaga do luar. Ela apertara o penhoar em torno do pescoço e encontrara um xale para jogar sobre os ombros, mas ficara se perguntando se não deveria se vestir de forma mais apropriada, sem conseguir imaginar como confrontaria Sidney em suas roupas de dormir. Pensando bem, talvez aquelas vestes fossem as mais apropriadas para a ocasião. Antes que pensasse demais a respeito, ela apanhara o cachorrinho, calçara os chinelos e saía do quarto como um fantasma.

Fora apenas enquanto tateava pelo caminho, passando a mão pela parede, atravessando a galeria escura que levava à sala de música e vendo uma nesga de luz sob a porta, que a realidade do que estava prestes a acontecer a atingira. Ela detivera o passo, paralisada, e a palavra carregada de feiura caíra sobre sua cabeça

como um sapo saltando em um lago: *adúltera*. Recordando o caráter atordoante de sua noite de núpcias, a total falta de carinho, ela começara a se perguntar se de fato queria tal experiência com Sidney. Outra parte dela, porém, a puxava inexoravelmente para o encontro. Com certeza, aquela parte argumentava, o fato de existir amor tornaria tudo diferente, e aquele pensamento produzira uma sensação efervescente dentro dela.

À medida que seus pensamentos se confrontavam, o homem atrás da porta ia se tornando mais estranho e distante. Ele poderia ser o pecado que lançaria sua alma à danação eterna ou coisa pior e talvez ainda mais perturbadora: um prazer do qual jamais conseguiria abdicar.

Ela tropeçara em um objeto na escuridão, uma cadeira que fora ao chão com um ruído. Em seguida, virara para correr de volta para o local de onde viera, com o coração disparado retumbando nos ouvidos. Penelope ouvira a porta atrás de si se abrir e sentira uma pontada de medo, como se um monstro a perseguisse.

“Volte aqui”, ele chamara com a voz carregada de desolação. “Stella, meu amor, volte aqui.”

Ela apertara o passo pela longa galeria e escada acima, só parando quando se vira de volta à segurança do quarto. Encostada contra a porta, tentara recuperar o fôlego e acalmar seu coração, que batia tão forte que Penelope temia que saltasse do peito.

“O que aconteceu?” Era a voz sonolenta de Jeanne que a interrogava da cama móvel.

“Levei um susto, só isso”, ela respondera, sentando na beirada da cama estreita e sentindo o conforto dos braços firmes de Jeanne se fechando sobre si.

“Onde você estava?”, Jeanne perguntara.

“O cachorro precisava sair um pouco”, respondera Penelope, surpresa com a facilidade com que a mentira saíra, pensando em todas as outras que seria obrigada a contar caso se entregasse à

tentação, afundando-se cada vez mais no pecado.

“Você vai acabar doente saindo desse jeito em uma noite de dezembro.” Jeanne a puxara para o calor das cobertas, ainda a abraçando, com o cachorrinho entre elas. Penelope devia ter dormido logo, pois acordara de manhã encolhida, perguntando-se o que tinha acontecido.

Sidney desaparecera da corte depois daquilo, mas não dos pensamentos de Penelope, nos quais surgia como um canto fúnebre que ficara preso em sua cabeça. As fofocas forneciam especulações diversas de seu paradeiro. “Ele está com a irmã em Wilton”; “Foi para a Irlanda lutar ao lado do pai”; “Viajou aos Países Baixos”. Penelope não ousava entrar na discussão, por medo de que um lapso seu revelasse seu segredo, e sua mente se voltava com frequência para o fato de que o amor era capaz de distorcer uma pessoa até torná-la irreconhecível.

Enquanto esperava junto ao fogo crepitante que Rich encerrasse suas orações, ela se perguntou como o marido se sentia rezando de forma tão fervorosa, que pecados poderia ter cometido para precisar tanto de perdão. Pensou no poema de Sidney, cuidadosamente dobrado e guardado em sua caixa de objetos de valor sentimental, tentando imaginar que tipo de pecado seria aquele. Era possível pecar em pensamento tanto como em atos; a condessa dizia aquilo o tempo todo. Penelope nunca se preocupara em pensar melhor a respeito, pois, se seu pecado era roubar algumas ameixas na cozinha e contar mentirinhas inofensivas, não havia razão para grandes reflexões. Mas aquilo era diferente. Era inevitável concluir que *pensar* em adultério era tão perverso quanto cometê-lo, e ela havia, *sim*, pensado a respeito — e muitas vezes. A condição de sua alma a assustava; Penelope a imaginava degradada e ressequida; parecia impossível viver uma vida livre de pecado.

Ela ouviu os passos de Rich na escada. Eram precisos, como se cautelosamente medidos. Uma trepidação fez suas entranhas se contraírem. Ele entrou, mal iluminado pela vela que carregava. Penelope virou para olhá-lo. O marido a tocou de leve no

ombro. “Você ainda está acordada.” A gentileza na voz era inesperada e a deixou confusa por um instante, permitindo que se agarrasse a um fio de esperança. “Preciso de sua ajuda.”

“Minha ajuda?” Ela não conseguia sequer imaginar alguma coisa em que pudesse ajudá-lo.

“Precisamos fazer isso.” A voz dele estava carregada de algo parecido com medo, como se tivesse sido ameaçado de tortura.

Ela assentiu, sem entender do que ele falava.

“Precisa ser feito. Talvez você...” Ele parou e olhou ao redor, parecendo incapaz de encará-la. “Posso pedir para usar uma coisa?”

Só então ela percebeu que Rich carregava uma pilha de roupas cuidadosamente dobradas, a qual posicionou em seu colo.

“É um presente?”

“Por assim dizer... É mais um presente que eu gostaria que você me oferecesse.”

Ela pegou a primeira peça. Era um gorro de veludo preto, no estilo simples que os estudantes usavam quando queriam parecer mais sérios, bordado com pele preta de coelho, o que o elevava de acessório comum a uma peça de luxo. Mais abaixo havia um gibão preto estampado, suave ao toque como um pêssgo, lindamente cortado e forrado com seda fina e escura. Ela examinou cada item, desdobrando-os e abrindo sobre os joelhos: uma calça curta combinando com o gibão; meias de seda delicadas como as da rainha; uma camisa de linho branco; um colarinho rígido de tecido engomado com diâmetro modesto. Nenhuma das peças parecia ter sido usada.

“São roupas de menino”, ela comentou, pensando se tratar de um engano. “São pequenas demais para você.”

Ele não disse nada, simplesmente ergueu os braços, como uma babá que vai despir uma criança. Penelope o imitou, sem questionamento, e ele retirou sua camisola, substituindo-a rapidamente pela camisa de linho. Em seguida lhe entregou as meias de seda, que ela vestiu.

“Um baile de máscaras”, Penelope comentou, pensando no

carnaval, quando às vezes tudo se invertia, embora ela mesma nunca tivesse visto nada do tipo — mulheres libertinas fantasiadas de homens, com bigodes postiços e enchimento nas calças. Queria questionar qual era o sentido daquilo, mas não sabia como formular a pergunta, dando-se conta de que mal conhecia o marido, sentindo-se perdida naquela casa desconhecida com um homem estranho, desejando poder chamar Jeanne no quarto anexo. Ela pensou no que prometera — ser obediente, casta, honrar o marido. *O que Deus uniu, homem nenhum há de separar.* Penelope permitiu que Rich a ajudasse a vestir a calça e depois o gibão, que fechou completamente antes de prender o colarinho engomado. Em seguida, tirou a touca de sua cabeça e puxou seus cabelos para trás, prendendo-os dentro do gorro de veludo, cuja pelagem acariciava suas orelhas.

“Fique de pé e me deixe olhar para você”, ele pediu com gentileza. Ela obedeceu, e Rich lhe entregou um exemplar do Novo Testamento com uma página marcada. Penelope abriu o livro e deparou com a epístola de Paulo aos coríntios.

“Por favor, pode recitar a passagem que eu destaquei?” Um levíssimo sorriso apareceu nos lábios dele, que pôs a vela ao seu lado para que ela conseguisse enxergar as palavras na página.

“*Então não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus?*” Ele estendeu a mão, tocando a ponta do gibão, esfregando-a entre o indicador e o polegar, parecendo totalmente concentrado no tecido, como se ali estivesse o segredo dos céus. “*Não vos iludais! Nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus.*” Ele pareceu entrar em transe, com os olhos semicerrados e a boca ligeiramente aberta. “*Eis o que vós fostes, ao menos alguns. Mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus.*”

Ele tomou o livro de sua mão sem dizer palavra e o fechou, colocando-o de lado. Em seguida a levou para a cama e, segurando-a pelos ombros, a virou de costas, empurrando-a para

a frente até que seu rosto se enterrasse no travesseiro e ela submergisse no cheiro empoeirado do enchimento de penas.

Depois que ele saiu, Penelope tirou as roupas e as enfiou debaixo da cama, sentindo-se culpada, como se fossem capazes de revelar sua vergonha. Ela notara o sangue na camisa fina de linho, um círculo escuro contra o tecido branco, e se perguntou como pudera ser tão tola a ponto de não perceber que seu casamento não fora consumado durante todos aqueles meses, praguejando em pensamento contra a condessa por ter lhe dado uma formação tão estrita. Caso tivesse ido mais cedo para a corte, convivendo com damas de companhia acostumadas ao romance, talvez fosse menos ingênua. Ela ouvira histórias que falavam da dor, do membro que inchava até aumentar várias vezes de tamanho e se tornar duro como um galho e das emissões de fluidos — e eram todas verdadeiras.

A memória recente das arremetidas de Rich fez a bile subir à sua garganta. Ao se lembrar daquele grunhido animal — alto, repentino e extático —, ela concluiu que os gemidos nas ocasiões anteriores eram manifestações de frustração. E, caso mesmo assim não tivesse percebido, o rastro úmido e quente no meio de suas pernas era a afirmação definitiva de que seu casamento estava selado. Só então se deu conta de que, se soubesse que ainda era virgem, mesmo depois de pronunciar os votos seria possível arrumar uma maneira de se desvencilhar do matrimônio. Poderia ter declarado que Rich era incapaz de consumir o ato, e o casamento seria anulado. Penelope se torturava com aqueles pensamentos quando uma batida na porta a distraiu.

“Sou eu; posso entrar?”

“Claro.”

Jeanne se deitou sob as cobertas ao seu lado. “Ouvi que Rich foi para o quarto dele e imaginei que fosse querer companhia.”

“Agradeço aos céus por ter você, Jeanne.” Penelope percebeu que não conseguiria explicar o ritual das roupas de menino; o episódio vergonhoso desafiava qualquer descrição, mas ela

confessou a consumação tardia do ato, aliviada por poder compartilhar seu sofrimento.

“Bem, agora já está feito”, disse Jeanne. “Para o bem e para o mal.”

Por toda a eternidade, pensou Penelope. “Vamos torcer para que ele tenha plantado uma criança em mim.”

“Se eu tivesse desconfiado...”, falou Jeanne.

“Como você poderia saber?”

“Mesmo assim...”

“Rich pediu que eu lesse para ele...” — Penelope fez uma pausa, sem saber se deveria confidenciar tal fato, então se apressou em concluir antes que mudasse de ideia — “... um trecho da epístola de Paulo.”

“Como assim, durante?”

Ela assentiu.

“Você acha que é um hábito dos puritanos?”

Penelope parou para pensar na estranheza da situação como um todo e na magnitude de sua ignorância, imaginando que a condessa evangélica pudesse tê-la mantido deliberadamente assim para torná-la mais maleável no leito matrimonial.

Quando acordou, Penelope viu que Jeanne já se levantara e chamara alguém para acender a lareira. Em meio à névoa do sono ela se lembrou das roupas de menino enfiadas às pressas embaixo da cama, temendo que pudessem ser descobertas, com a cabeça girando a mil. O que diria? Que eram de Rich? Mas eram pequenas demais. Jamais acreditariam naquilo. E como explicar a mancha de sangue? Ela recolheu as peças incriminadoras quando Jeanne estava de costas, embolando todas e usando um lençol para fazer uma trouxa.

“O que foi?”, perguntou Jeanne.

“Acho que preciso fazer alguma coisa com isto.” Ela ergueu uma das pontas do lençol. “Sangue.”

Jeanne fez uma careta. “Deixe comigo.”

“Não, imagine.”

Penelope temia que sua resistência fosse causar desconfiança,

mas Jeanne não pareceu incomodada. “É meu papel cuidar dessas coisas, mas se insiste...”

Penelope enfiou a trouxa incriminadora debaixo do braço e tomou a direção dos aposentos de Rich no canto mais distante da casa. Sem saber ao certo o caminho, precisou pedir a um pajem que lhe mostrasse o local. A porta do quarto era imensa, entalhada em uma única tábuia de carvalho. Ela nem pensou em bater; era manhã, e os criados já circulavam pela casa, mas se tivesse tomado o cuidado de observar melhor teria visto que nos aposentos de Rich estava tudo silencioso como um túmulo.

Ela ergueu a tranca, e a porta se abriu silenciosamente. As cortinas estavam fechadas em torno do leito. Penelope planejava deixar a trouxa ao lado da cama para que ele visse assim que acordasse, e entrou no quarto atenta ao som dos roncoss ritmados. Ela deu uma espiada por uma fresta nas cortinas. Estava escuro do outro lado, então ficou imóvel por um momento para que seus olhos se acostumassem à penumbra, e aos poucos foi percebendo que aquilo que imaginava ser um ronco era mais como um arfar. Imaginando que um dos cães estivesse sofrendo com o calor atrás das cortinas fechadas, ela afastou o tecido um pouco mais. Naquele momento, a luz iluminou um rosto que não era o de seu marido, um rosto que nunca vira antes. Era um menino assustado e nu, deitado ao lado de Rich, também sem roupa, cuja cabeça estava enterrada, com os olhos fechados, no travesseiro.

Penelope ficou paralisada, em choque, com os olhos cravados nos do desconhecido.

“Não pare”, Rich gemeu. “Pelo amor de Deus, não pare.” A mão dele se moveu, encontrando a boca do menino e enfiando dois dedos dentro dela. Mas o garoto se afastou, e só então Rich se deu conta de que havia alguma coisa errada. Quando se ergueu deu de cara com Penelope, em pé diante do leito como a esposa na Bíblia que se transformou em uma estátua de sal.

“Saia!”, ele gritou. “Saia daqui sua... sua... *cadela!*”

As palavras dele a arrancaram de sua paralisia. Ela deu meia-

volta e saiu correndo do quarto, atravessando caminhos sinuosos e entrando em um labirinto de corredores no qual se perdeu completamente. Por fim, chegou a uma pequena escadaria curvada pela qual desceu agarrada à corda, com medo de cair. Lá embaixo estava tudo escuro, mas Penelope conseguiu sentir o contorno de uma porta trancada e bateu desesperadamente na madeira até suas mãos doerem.

“Que barulheira é essa?”, perguntou uma voz do outro lado da porta, que se abriu para revelar a cozinha. O homem diante dela devia ser o cozinheiro ou o açougueiro, pois usava um avental coberto de sangue e brandia uma faca. “Milady, por favor, desculpe-me.” Ele tirou o gorro da cabeça. Os demais na cozinha se viraram em sua direção e, ao ver de quem se tratava, fizeram o mesmo.

Uma mulher de busto largo deu um passo à frente. “A senhora não parece muito bem, milady. Está passando mal?”

Penelope não conseguiu falar, mas sacudiu a cabeça negativamente.

“Então deve ter visto um fantasma. Tem um que vaga pelo corredor do andar de cima. É por isso que deixamos a porta trancada, não que seja uma barreira de verdade para um fantasma. Foi isso, milady?”

Penelope tossiu de leve, então conseguiu ao menos esboçar uma resposta. “Eu acho que sim. Vi um fantasma.”

“Venha, milady.” A mulher estendeu a mão, e Penelope a pegou. “Céus, está fria como a morte. Sente perto do fogo; vou preparar uma bebida quente. Você...” Ela estalou os dedos para um dos ajudantes, que olhou todo sem jeito para a senhora da casa, ainda de roupa de dormir, sentada em um banquinho na cozinha junto ao fogo como uma criança perdida. “Vá buscar a dama de companhia, a francesa.” Em seguida, virando para Penelope, a mulher falou: “Deixe-me pegar essas coisas. Não sei por que a senhora estava circulando pelo corredor do andar de cima com uma trouxa de roupa suja se existem mais criados nesta casa do que ratos em Londres”.

Só então Penelope se lembrou de que ainda estava segurando a trouxa incriminadora. “Ah, não”, ela falou, segurando as roupas junto ao corpo.

Parecendo perceber que havia algo errado, a mulher falou: “Venha comigo até a lavanderia. Lá é quente e limpinho, assim a senhora fica longe do cheiro forte da cozinha”.

Penelope foi conduzida por um pequeno pátio para uma construção externa. Lá dentro, o ar era quente e pairava um cheiro acre de lixívia. Havia um grande tonel borbulhante sobre o fogo e, mais acima, uma fileira de varais, com roupas de cama estendidas sobre o vapor quente. Penelope desabou sobre um banco e deixou a trouxa cair no chão. As roupas de menino se espalharam sobre o piso de pedra.

A mulher as recolheu e dobrou sem demonstrar qualquer surpresa. Procurou por marcas de sujeira, jogou a camisa ensanguentada e o lençol em um cesto com outras peças e colocou o colarinho, que estava todo amassado e deformado, em uma bancada. O resto deixou de lado e se sentou com Penelope, soltando um suspiro.

“Estou com Lord Rich desde que ele era pequenino. Na verdade fui sua ama de leite. Então provavelmente o conheço melhor que a própria mãe. Sei tudo a respeito de suas pequenas fraquezas.”

“Suas fraquezas...”, repetiu Penelope.

“Os rapazinhos! Alguns homens são assim mesmo. Eles têm essa preferência.”

“Mas...” Foi quando as lágrimas chegaram, com grandes soluços. A mulher a envolveu nos braços, acomodando sua cabeça no peito macio. Penelope já ouvira falar daquilo, claro, porém jamais ia pronunciar a palavra que descrevia tal ato, nem mesmo em pensamento, pois até pensar a respeito lhe parecia profano.

“É mais comum do que a senhora pensa. E os desejos da carne nem sempre podem ser explicados.”

“Mas ele é um homem temente a Deus, um puritano”, foi só o

que ela conseguiu dizer.

“Talvez esse seja o motivo.” Havia uma estranha lógica no raciocínio da mulher. “Pois bem, quero que a senhora saiba que estou aqui para o que for preciso. Basta mandar chamar por mim, a ama Shilling, se algum dia precisar de ajuda. E lembre: seu marido é um homem de coração bom, mas atormentado por demônios pessoais. Com certeza em breve a senhora vai ter filhos e tudo ficará bem. Nada mais vai importar quando estiver com seu pequenino nos braços.”

As lágrimas dela secaram. A ama Shilling lhe entregou um lenço para enxugar as lágrimas e assoar o nariz, depois uma touca limpa, que Penelope pôs na cabeça.

“Pronto. Está tudo certo.”

Foi só naquela tarde que Rich mandou chamá-la, depois que ela voltou de uma cavalgada. Penelope se confortara galopando com Dulcet na campina, com Alfred gritando para que tomasse cuidado quando esporeava a égua para ir mais depressa. O vento em seu rosto varrera todos os rastros dos eventos da manhã, inflando sua capa e fazendo-a esvoaçar atrás de si, e seus ouvidos foram invadidos pelo tropel dos cascos. Dulcet deteve o passo na beira de um bosque, onde sua presença assustou um pequeno bando de cervos que pastava entre as árvores. A égua baixou a cabeça para arrancar um pedaço de grama do chão, e um jovem cervo deu um passo à frente e se colocou diante delas, totalmente imóvel a não ser por uma leve movimentação nos flancos em virtude da respiração. Ele encarou Penelope com um par de olhos reluzentes que não demonstravam um pingo de medo. Ela se lembrou do animal que caçara, arrependendo-se de matar uma criatura tão cheia de vida, e seus pensamentos voltaram para Sidney.

Era impossível não pensar em como teria sido se ela tivesse criado coragem para encontrá-lo naquela noite, se tivesse entregado a *ele* sua virgindade. O que teria acontecido? Enquanto caminhava até os aposentos de Rich, um novo pensamento se insinuou em sua mente: talvez a situação de seu

marido pudesse ser revertida a seu favor.

Um sentimento a dominou com uma força inexplicável: não ia se tornar vítima das circunstâncias. Se seu papel era entrar em jogos de poder na corte em nome dos Devereux, então deveria começar a aprender a reverter desvantagens. Ela viu com clareza que o poder poderia ser conquistado não necessariamente pela força bruta ou pela sofisticação política, mas pela manipulação de segredos alheios. Penelope pensou no jovem cervo e em seu olhar destemido, sentindo uma mudança dentro de si, como se em suas veias corresse o aço.

Ela bateu na porta dos aposentos de Rich, que a abriu com um aspecto pálido, bastante abalado, esfregando as mãos como se quisesse aquecê-las, embora o cômodo estivesse abafado. Por fim, ele se sentou e falou. “Você me perdoa?”

Ela estendeu a mão para ele. “Isso é entre em você e Deus, mas, se está me perguntando se consigo entender a resposta é sim...” Penelope fez uma pausa para encará-lo, mas Rich desviou os olhos. “Muitos não conseguiriam.”

“Minha vergonha também seria sua se as pessoas descobrissem...”

“Suas transgressões?”

Ele a encarou, balançando a cabeça afirmativamente.

“Ainda não nos conhecemos muito bem”, continuou ela. “E uma coisa que você vai aprender sobre mim é que não me importo com a opinião dos outros.” Ela se deu conta daquilo enquanto falava. Penelope vira sua mãe cair no ostracismo e ser condenada e diminuída pela vergonha, portanto não seria vítima dos julgamentos alheios. “Os Devereux não são fáceis de derrubar.”

“Imploro para que se mantenha em silêncio sobre esse assunto”, ele pediu, parecendo humilhado enquanto agarrava a própria manga. Não havia mais nada do vilão agressivo da noite de núpcias. Ela foi invadida por uma recém-descoberta sensação de poder, como se em questão de horas tivesse deixado de ser uma menina.

“Não precisa implorar. Podemos negociar.” Penelope levantou e começou a andar de um lado para o outro, como já vira Leicester fazer em mais de uma ocasião, surpresa consigo mesma ao descobrir que gostava de estar em vantagem e podia se acostumar com aquilo.

“Negociar? Não entendo o que quer dizer com isso.” Ele se interrompeu, levando a mão à boca com um gesto lento. “Existem condições para seu silêncio?”

“Exatamente”, ela respondeu, e só então começou a pensar que condições seriam.

“Você não pode me pedir para abrir mão de minha fé puritana, é a única coisa que me dá esperança... uma possibilidade mínima de redenção.”

“Sua fé é problema seu, mas vou praticar a minha como bem entender. Nesta casa vou respeitar suas proibições de determinados passatempos, mas nos meus próprios aposentos vou fazer o que quiser.”

“Sim, claro.”

“Você vai me dar a liberdade de viver sob o teto de minha mãe se eu assim desejar, e tem minha palavra de que vou passar tempo suficiente sob o seu para cumprir nossas obrigações matrimoniais. Vou me manter fiel até que tenhamos dois filhos homens. Depois disso posso viver como quiser, com discrição, é claro.” Ela caminhava de um lado para o outro, e ele a seguia com os olhos. “Nossos filhos vão ser criados aqui, mas as babás vão ser escolhidas por mim, e eles não vão ser puritanos.”

“Mas...”, ele começou.

“Acho que você não está em posição de barganhar, não é mesmo?”

Ele se recostou na cadeira.

“E quanto àquele negócio de ontem à noite... a roupa.”

Ele escondeu o rosto entre as mãos. “Por favor, não.”

“Se isso for necessário para que eu engravide, que seja.” Ela se lembrou do pragmatismo da ama Shilling. Não era um grande sacrifício brincar de representar papéis a portas fechadas e, caso

fosse um pecado, seria responsabilidade dele, não dela.

Rich ergueu os olhos, com o alívio estampado no rosto. Ela até se esquecera do quanto era belo quando não estava com as feições crispadas de raiva. “Você faria isso por mim?”

“Por você não, por mim... para que eu possa ter filhos. Também fiz meus votos diante de Deus. E quanto ao resto... suas inclinações... não quero nem ouvir falar a respeito. Está claro?”

“Claríssimo. Você não vai saber de nada”, ele garantiu. “É esse o preço de seu silêncio?”

“Sim. Não é pedir muito, penso, para manter em segredo sua sodomia.” Ao ouvir aquilo, ele se retraiu.

Penelope se sentiu ainda mais empoderada ao pronunciar o termo em que não ousava nem pensar poucas horas antes, compreendendo naquele momento que as palavras tinham um poder todo especial. Teve um pouco de pena de Rich, escravizado e consumido pelos próprios desejos, e decidiu que jamais se sujeitaria a seus instintos animais, concluindo que a rainha conseguia exercer seu poder de forma tão plena porque era capaz pelo menos na aparência de domar os desejos mais elementares.

“Você não vai contar nem ao seu círculo mais próximo?”

“Está se referindo a minha mãe e meus irmãos? Bem...” Ela fingiu não saber ao certo, só para exasperá-lo. “Acho melhor que eles não saibam.”

“Agradeço a Deus por ter me concedido uma esposa tão compreensiva.”

Rich parecia acovardado, desesperado e grato, e conseguiu inclusive arrancar um pouco de compaixão de Penelope, mas o sentimento predominante dela em relação ao marido era a indiferença. Não deixaria que nada atrapalhasse sua recém-descoberta autoridade.

Julho de 1582
Chartley, Staffordshire

A silhueta de Essex apareceu no alto do morro, com o sol da tarde às suas costas. Penelope sentiu seu coração disparar com a perspectiva de se reunir com o irmão, que não encontrava desde seu casamento, quase um ano antes. Ela estava viajando com sua mãe e Jeanne na carruagem, pois seu ciclo estava atrasado naquele mês, e Lettice aconselhara que não montasse em um estágio ainda tão precoce. “Principalmente em uma primeira gravidez”, ela dissera. “Meu primeiro neto.” Ninguém levava em conta a possibilidade de o bebê não ser um menino. Penelope muitas vezes pensava sobre o contexto teatral da concepção da criança, sobre até que ponto aquilo a mergulhara em pecado, e tivera um pesadelo na noite anterior no qual dava à luz um monstrinho.

Apesar da proteção do estofamento e das almofadas, fora sacudida e jogada de um lado para o outro a viagem inteira; a movimentação e o calor do verão provocaram ondas de enjoo, o que a fez pensar que estaria muito melhor no lombo de Dulcet, que era confiável como o calendário. Ela não dissera nada a Rich sobre os acontecimentos invisíveis em seu corpo, como se não quisesse compartilhar com ele sua alegria secreta, que manteria para si por um pouco mais de tempo, imaginando seu menino desabrochando dentro dela — seu primeiro passo para a liberdade.

“Aquele é Robin?”, perguntou a mãe, segurando a mão de Penelope. Devia estar emocionada com o reencontro.

“Claro. Eu reconheceria a silhueta em qualquer lugar. Ele está montando Dancer?”

“Acho que sim.”

Elas observaram Wat, que cavalgava ao lado da carruagem, esporear o cavalo para ir galopando até Essex. Os irmãos se inclinaram nas selas para trocar um longo abraço.

“Não é uma visão de acalantar o coração?”, comentou Lettice. “Meus dois meninos... o tempo e a distância não quebraram seus laços... e tenho um terceiro em casa.”

“Como vai o Nobre Diabinho?”, perguntou Penelope.

“Robusto como nunca. Mas eu gostaria de dar outro a Leicester. Um nunca é o bastante.”

“E não pode fazer isso?”

“Tenho quase quarenta anos... vai ficando mais difícil.” Ela fez uma pausa, contorcendo os lábios. “E, como a rainha se recusa a deixar que meu marido saia de seu lado por mais de cinco minutos, isso *nunca* vai acontecer.”

A amargura no tom de voz de sua mãe tornava impossível uma resposta adequada, então Penelope voltou seus olhos para os irmãos. Eles estavam cavalgando na direção da carruagem, que começava a lenta subida depois de atravessar o vale. Embora Penelope não fosse a Chartley havia alguns anos, cada pedra naquele caminho estava gravada em sua memória, tendo explorado o terreno em suas cavalgadas na infância. Ela estava perto o suficiente para sentir o cheiro do lugar. Em pouco tempo subiriam o morro e passariam pelo grande carvalho, de onde era possível ver a casa e seu fosso, com o brilho do sol tornando douradas as pedras contra o verdejar das colinas ao redor, como uma moeda caída sobre um gramado. Ela conseguia visualizar tudo aquilo em sua mente, além das ruínas do castelo mais adiante, cercadas pelas muralhas fortificadas antigas, onde as crianças brincavam. Ela e Dorothy costumavam subir os degraus escavados até a pequena torre, fingindo estar em perigo — perseguidas por um dragão ou um demônio polimorfo —, e Essex, ainda um garotinho, escalava o paredão, com um graveto servindo como espada, para salvá-las da força maligna imaginária.

A carruagem parou e os dois irmãos se colocaram ao lado do veículo, saltando com as montarias ainda em movimento, em meio ao tilintar de rédeas e ao bufar dos cavalos. Penelope desceu para cumprimentar Essex, que se jogou em seus braços

como um amante. Ele havia crescido, parecia um homem sob seu toque, não o menino que costumava ser, e estava tão alto que ela precisava ficar na ponta dos pés para alcançá-lo. A pele, porém, continuava macia como um pêssego, embora houvesse certa aspereza no queixo. Devia ter começado a se barbear recentemente. Nesse momento, ela sentiu que o tempo estava passando depressa — Essex tinha quase dezessete anos, ela tinha dezenove e esperava o primeiro filho, e até o pequeno Wat já tinha doze —, e desejou ser capaz de voltar algumas páginas de suas vidas, pulando os anos de separação e voltando ao capítulo em que brincavam juntos nas ruínas das muralhas.

“Venha cavalgando até a casa conosco”, sugeriu Essex.

“Melhor não...”, ela começou, mas ao ver a decepção no rosto dele murmurou: “Estou grávida”. Em vez do sorriso de alegria esperado, ele pareceu inexplicavelmente desolado e se recusou a encará-la nos olhos — talvez também lamentando a passagem do tempo.

“Fique feliz por mim”, Penelope falou.

“Eu estou.” Mas as sobrancelhas franzidas no rosto dele diziam outra coisa, o que fez Penelope se perguntar se a melancolia incompreensível que o acometia às vezes teria voltado.

Quando Essex cumprimentou a mãe, enfim apareceu o sorriso que formava uma covinha tão charmosa no lado direito de seu rosto. Logo em seguida ele montou em Dancer e saiu em disparada, chamando Wat para acompanhá-lo.

“Ele parece incomodado”, comentou Penelope quando voltou à carruagem com Lettice.

“Seu irmão anda melancólico. Estou contando com você para mudar isso.” Mas Penelope o conhecia bem o suficiente para saber que havia pouco que pudesse fazer para aliviar os humores sombrios dele.

A carruagem se pôs em movimento outra vez, sacudindo-se ao passar por pedras e buracos. Era impossível para Penelope não pensar em seu passado perdido. A percepção intensa da passagem do tempo causava um frio em sua espinha, como se

estivesse se deslocando em alta velocidade para seu fim, mais rápido do que era capaz de suportar. Mesmo o pensamento do bebê tomando forma dentro de si, uma minúscula semente germinando no escuro, oferecia pouco consolo, servindo apenas para lembrá-la de que seu melhor fora cedido a um homem sem um pinga de amor por ela.

Quando passaram pelo velho portão e se aproximaram da casa ela estremeceu. Os criados, provavelmente alertados pela presença dos irmãos, formaram uma fila para saudar a família, mas quando desceu da carruagem ela notou que era incapaz de reconhecer qualquer um deles, mais um lembrete pungente da passagem do tempo. Até a casa mudara e parecia menor; as portas duplas do salão tinham um aspecto mais modesto, o interior não era tão grandioso e, examinando um pouco melhor, estava um pouco dilapidada, embora aquela impressão pudesse ser provocada pelo fato de que ela vinha se acostumando aos suntuosos palácios reais, e em Leighs era tudo luxuoso e minuciosamente conservado.

Penelope atravessou a sala para olhar o velho retrato de seu pai, como se estivesse vendo a pintura pela primeira vez. Com sua armadura escura de painéis intrincados e seus paramentos de veludo vermelho, parecia olhar para ela, e foi como se seu passado ganhasse vida. Havia um sorriso escondido por baixo do bigode, recordando-a de como ele costumava ser, com a fachada séria sempre comprometida por uma alegria impossível de reprimir. De repente Penelope foi acometida por uma lembrança — e se surpreendeu por ter surgido do nada — dele vestindo aquela mesma armadura, colocando o elmo na cabeça e brincando de se esconder atrás do visor.

A imagem do pai inevitavelmente fez com que pensasse nos desejos dele para seu futuro e se perguntasse o que pensaria do homem com quem acabara se casando — inclusive se permitiria tal matrimônio. Visualizou Sidney implorando de joelhos à rainha e sentiu o familiar ódio por aquela mulher crescer ainda mais. Seu pai sempre considerara a nobreza mais importante do

que a riqueza, e Sidney era o exemplo perfeito de um cavalheiro.

Sidney retornara à corte na primavera, o que deixava seu coração apertado. Ela fazia de tudo para evitá-lo, encontrando forças em seu triunfo sobre o marido, concentrando-se em permanecer atenta ao labirinto de alianças dos aposentos privativos; em continuar de olho vivo em Burghley e Cecil; em se manter informada sobre eventuais complôs; em reunir informações para transmitir à mãe. Mas sua presença era mais do que ela conseguia suportar.

Penelope fingira ter dormido uma tarde em um cantinho dos aposentos privativos para flagrar uma interação entre Cecil e um jovem que ela não conhecia. Sempre se perguntava como seria ter nascido com um corpo tão deformado. Sentia compaixão por Cecil, mas havia algo nele que a inquietava. Com os olhos semicerrados, observara uma bolsa ser passada para o outro homem, com sua atenção fisgada pela natureza secreta da operação e o ar desconfortável do filho de Burghley. Mas dormira de verdade em algum momento, acordando desorientada para encontrar Sidney a encarando como se fosse uma constelação e ele, um astrônomo. Quando percebera que os dois se encontravam a sós, seu desejo de longa data se acendera, mas também se sentira violada com aquela observação secreta, como se seus bolsos tivessem sido vasculhados sem sua permissão.

Devia ter parecido horrorizada, porque ele dissera: “Perdão, Stella. Não consegui me segurar”. Parecera todo envergonhado, como se tivesse sido flagrado em uma grande perversão.

Penelope quisera perguntar por que exatamente ele pedira perdão, temendo que talvez pudesse ter roubado um beijo no meio de seu sono indefeso, mas em vez disso o repreendera por comprometê-la daquela maneira. “Se alguém nos pegasse sozinhos aqui...” Ela não terminara, virando-se para o revestimento de madeira, no qual alguns amantes de tempos passados haviam entalhado suas iniciais. Ele fora embora sem

dizer palavra, e ela ficara se sentindo como se tivesse sido visitada por uma aparição sobrenatural.

Penelope voltou sua atenção de novo para o retrato do pai, reparando na fina camada de poeira que cobria o quadro e na mão estranhamente pintada, diferente de qualquer mão humana que tivesse visto antes, além do colarinho antiquado, aberto na frente e chegando à altura das orelhas. “Por que você tinha que morrer?”, ela murmurou. “Foi culpa da rainha ou a vontade de Deus?” Imaginou ter visto os olhos dele se mexendo, mas disse a si mesma para se controlar e leu as letras douradas desbotadas na lateral do retrato, com o lema dos Devereux: *Virtutis comes invidia*. O sentido da frase lhe passara despercebido até então: *A inveja é acompanhante da virtude*; ser virtuoso, portanto, é ser invejado, então por que aspirar à virtude se era algo que transformava os outros em pecadores? Um tremor percorreu seu corpo, apesar do clima ameno. Virtude aos olhos de quem? Desviando o olhar, notou que Spero estava prestes a levantar a perna sobre o revestimento de madeira da parede e bateu as mãos uma na outra, gritando para impedi-lo e expulsá-lo, satisfeita por se distrair daqueles pensamentos.

Do lado de fora a luminosidade começava a cair, e tudo parecia assumir um caráter mágico. Spero correu na direção de Essex, pulando sobre ele e manchando suas meias brancas. Ele o afastou, irritado, e Penelope sugeriu uma caminhada antes de escurecer.

“Seria bom esticar as pernas depois da viagem”, ela falou.

Andaram lado a lado em silêncio até o pé da velha torre, com o cachorro correndo à frente. Penelope subiu na frente a escada estreita em espiral, com os degraus gastos por gerações de pés ancestrais, até uma pequena sala em ruínas, aberta às intempéries e dominada pelas trepadeiras. Os dois se sentaram em uma plataforma de pedra que um dia fora o parapeito de uma janela e contemplaram a vista a oeste, com a casa se mostrando como um vulto escuro contra um céu avermelhado e as colinas verdejantes mais atrás, na direção das montanhas de

Gales.

“Você está parecendo outra pessoa”, ela comentou, tentando quebrar o silêncio do irmão. Ele puxava uma mecha de cabelos como se quisesse arrancá-la da cabeça. Penelope segurou gentilmente sua mão. “Vai se machucar assim.”

Essex a encarou com os olhos opacos. “Tudo isso”, disse por fim, fazendo um gesto com o braço e indicando a paisagem. “E todo o resto. Vai ser meu com a maioria...” Ele se interrompeu e Penelope apertou sua mão com mais força, como se quisesse lhe arrancar as palavras. “Mas vou herdar dívidas que nunca conseguirei pagar. O fardo é pesado, irmã. Acho que não estou à altura. Leicester me aconselhou a conquistar o favorecimento da rainha. Diz que, se ela gostar de mim, pode perdoar tudo.” Essex baixou o queixo com um suspiro. “Nossa mãe nunca me deixa esquecer que a honra da família está em minhas mãos. Fica insistindo. Você sabe como é.”

“As expectativas são altíssimas”, confirmou Penelope. “Eu sei.” Ela tirou a mecha dos dedos dele e a alisou.

“Acho que nunca vou estar à altura. Nossa mãe disse que preciso assegurar nosso futuro. Que devo recuperar o prestígio da família... trazer glória para os Devereux. Ah, meu Deus, como vou conseguir fazer isso?”

“Ela tem grandes ambições para nós, só isso. Pediu a mesma coisa para mim. Você ainda é jovem, Robin.”

“Garotos da minha idade já lutam em batalhas.” A voz dele estava carregada de desespero.

“Mas você vai encontrar forças... espere mais um ano ou dois. Ainda é um rapazinho, mas logo vai se tornar...”

“Um Sidney”, ele completou.

Ouvir o nome fez seu coração disparar. “É esse seu modelo de comportamento? Ele não tem muito prestígio com a rainha.”

“Pode até ser, mas tem... alguma coisa que os outros não têm... Não sei dizer o que é.” Essex parou de falar e pareceu pensar no que queria expressar. Penelope já vira muitas vezes as pessoas terem dificuldade para articular o que diferenciava Sidney dos

demais. “Ele é realmente bom.”

Para Penelope, era inevitável pensar que o homem “realmente bom” de quem estavam falando havia feito de tudo para incitá-la ao adultério, mas por outro lado era alguém que tinha aversão a qualquer tipo de crueldade, inclusive com animais, e possuía uma qualidade rara nele: não via problemas em admitir seus erros. “Ele é um homem honrado”, ela acrescentou, ciente de que tal expressão era inadequada.

“Não sou como ele. Sou corroído por ressentimentos e mesquinharias. Sou temperamental, volúvel, intolerante, vaidoso. Quero ser admirado por todo mundo.” Os ombros de Essex despencaram com um suspiro.

“Não pense que Sidney, ou qualquer um dos grandes cavaleiros, não é um ser humano como outro qualquer. Você está descrevendo o que é ser um homem. Conhecer os próprios defeitos é uma qualidade que poucos podem dizer que têm.” Ela se interrompeu, então acrescentou: “Sidney tem seu ponto fraco, como todos nós”.

“Posso até ser bom em duelos e com a espada, mas não sei se tenho força suficiente aqui em cima.” Ele deu dois tapinhas na própria cabeça.

“Sempre vou estar ao seu lado. Nunca se esqueça disso.”

“Promete?” O rosto dele era pura desolação, mas com a luz do crepúsculo sua pele assumia um tom rosado que, combinado com os cabelos ondulados e os olhos claros, apesar de frios como pedras de pavimento, o tornava irresistivelmente bonito. Penelope se perguntou se aquela beleza seria o triunfo ou a ruína de seu irmão. Era verdade que a rainha gostava de se cercar de beldades. E a beleza tinha seu valor, assim como a nobreza, como ela aprendera com seu casamento, embora não se fizesse por merecer.

“Dou minha palavra.” Ela deu um beijo na bochecha do irmão. “Sempre.” Lembrou-se da maneira como tinha se colocado contra o marido, conseguindo chegar a um acordo com ele. Conseguira o que queria por sua esperteza, e não sua beleza,

e era uma sensação que a agradava, uma noção inabalável de poder que provinha do entendimento de que Rich estava enfraquecido por seus próprios segredos. Ela jamais ia se colocar em posição de desvantagem por medo do julgamento alheio — jamais. “E sou mais forte do que pareço.”

“Nunca duvidei disso.” O sorriso com covinha apareceu no rosto dele outra vez. Em seguida, inexplicavelmente, Essex caiu em prantos, chorando e soluçando como se tivesse sido acometido por um sofrimento interior. “Ah, irmã, sou um nada, menos do que nada...” Ele bateu a cabeça várias vezes em uma pedra na parede.

Penelope se levantou, segurando-o pelos ombros e o puxando para si, pensando nas vezes em que fizera o mesmo na infância, quando ele batia a cabeça nas paredes e a babá dizia que era a única capaz de fazê-lo parar. Ela pensou que aquela fase passaria, todos diziam que era o que aconteceria, mas cortava seu coração constatar que seu irmão continuava sofrendo. Pegando-o nos braços e beijando o galo em sua cabeça, ela cantou uma cantiga infantil para acalmá-lo. “Pequeno Robin, você está seguro comigo. Vou proteger você... prometo.” À medida que as palavras saíam de sua boca, o fardo da promessa foi se instalando pesadamente sobre seus ombros.

Penelope ia ficar no quarto que costumava dividir com Dorothy quando criança, o que, em vez de produzir uma sensação reconfortante, só aumentou sua inquietação depois do comportamento do irmão, que a manteve acordada por horas. Era uma noite quente de verão, sem o menor sinal de brisa, e em meio à respiração tranquila e constante de Jeanne ela começou a ouvir outros sons: o estalo de uma viga com a dilatação da madeira no calor; o roçar das patas dos camundongos atrás dos painéis de revestimento das paredes; o leve farfalhar das andorinhas se agitando nos ninhos no telhado; o chamado distante de uma coruja na mata; o inconfundível barulho de passos sob a janela. A princípio pensou que poderia ser um criado cuidando das últimas obrigações antes de ir se

deitar, mas então se deu conta de que era tarde demais para tal; a casa fora trancada algumas horas antes. Considerou a possibilidade de ser um cavaleiro indo cuidar de um animal doente, mas então se deu conta de que os estábulos ficavam do outro lado.

Ela desceu da cama, foi até a janela e apoiou a testa contra o vidro frio. A lua estava quase cheia, e sua luz pálida tocava quase tudo, lançando sombras escuras sobre os lugares que não conseguia atingir. Os passos continuavam, de um lado para o outro, sem que se pudesse ver de quem eram. Seu hálito embaçou a janela. Uma figura etérea e insubstancial surgiu da penumbra mais abaixo, um vulto masculino, atravessando o pátio e desaparecendo pelas arcadas do portão. Seu coração se agitava freneticamente como um cachorro caçando uma pulga. Ela correu para a cama e sacudiu Jeanne para acordá-la.

“O que aconteceu?”, perguntou, com a voz marcada pelo sono.

“Um fantasma!”

“Como assim?”

“No pátio.” Suas veias pulsavam em suas têmporas.

“Deve ter sido um sonho. Venha para a cama.” Jeanne bateu no colchão ao seu lado.

“Não, estava lá mesmo. Ouvi os passos. Ele atravessou o pátio.”

“Shhh, deve ser só sua imaginação. É bem fácil ver coisas sob o luar. Se fosse um fantasma, você não ouviria os passos.”

“Não, claro que não.”

“Deve ser só um dos criados escapulindo para os braços de seu amor.”

“Sim, sim”, disse Penelope, sentindo-se tola diante do pragmatismo da outra.

“Você só está nervosa. Não é à toa, considerando sua condição.” Jeanne pôs a mão pequena na barriga de Penelope. “Imagine só, tem uma nova vida crescendo aqui. Vai se sentir um pouco estranha até se acostumar. Tente pensar em coisas boas. Dorothy chega amanhã, isso vai animar você.”

O segundo dia foi tão quente que Penelope e Jeanne não apertaram totalmente o corpete e deixaram de lado as mangas e as saias-balão. Essex e Wat deixaram o gibão aberto e até Lettice, que gostava de se vestir bem mesmo que não fosse receber visitas — por respeito aos criados, ela sempre dizia — abandonara o colarinho. Eles se espalharam pelo salão principal com todas as janelas e portas escancaradas na vã esperança de receber uma corrente de ar, e a indolência se abateu sobre todos. Penelope pensou em Dorothy viajando naquele calorão e torceu para que sua comitiva fizesse uma parada em uma hospedaria no caminho. Jeanne distribuiu copos de cerveja de baixo teor alcoólico, mas estava quente e nada apetecedora. Até mesmo um jogo de baralho parecia uma tarefa hercúlea, então eles ficaram jogando conversa fora e brincando de charadas.

“Quando sou grande sou nova. Quando sou pequena sou velha”, disse Wat, com a voz esganiçada e falha, o que o fez ficar vermelho e limpar a garganta, lembrando Penelope que até o caçula da família estava se tornando um homem. Com uma pontada de amor, pensou em quando o embalava no colo. “Vivo mais tempo quando sou gorda e menos tempo quando sou magra. Quem sou eu?”

“Uma vela”, eles responderam em uníssono.

“Essa é velha”, disse Essex. Penelope analisou o comportamento do irmão, que parecia relaxado e contente, apesar do hematoma aparecendo sob os cabelos, um lembrete da tristeza do dia anterior. Quando o observou melhor, notou que seus olhos pareciam frios como pedra. “Sua vez, mãe.”

Lettice abanou o leque diante do rosto. “Se tenho, não posso compartilhar. Se compartilho, não posso ter. O que é?”

“Amor?”, sugeriu Jeanne.

“Você responde ‘amor’ para tudo”, provocou Penelope. “Acho que tem um segredo.”

“Certo”, respondeu Lettice. “Sua vez.”

“Deixem-me pensar.” Penelope fechou os olhos, deitando a cabeça em uma almofada, e encontrou palavras conhecidas em

sua mente: *Quando a natureza criou sua obra-prima, os olhos de Stella.* Considerava um grande elogio ser descrita como uma estrela de brilho intenso, um corpo celestial, mas, com uma onda de tristeza, se deu conta de que uma estrela era uma coisa distante, que tinha apenas um brilho efêmero no céu noturno a oferecer. O sol proporciona calor, luz e vida, e até o luar ilumina a escuridão, mas uma estrela é fria e impotente, apenas um belo fulgor. “Posso cair, mas nunca me machuco. Posso explodir, mas não machuco ninguém. Posso queimar, mas não esquentar. Podem me ver, mas não me tocar. Quem sou eu?”

“Esse com certeza é o amor”, disse Jeanne, causando gargalhadas generalizadas enquanto Penelope sacudia a cabeça e revirava os olhos.

“A água?”, perguntou Wat.

“A água pode esquentar”, disse Lettice. “É o orgulho? Não, não pode ser.” Ela deu um gole em seu copo, fazendo uma careta. “Não tem uma lasca de gelo nesta casa?”

“Não sei. O que você é?”, questionou Essex.

Penelope sentiu um enjoo atingir suas entranhas e, de repente desesperada para se mexer, ficou de pé, respirando fundo várias vezes. “Sou uma estrela.”

“Ah, é claro”, disse Jeanne, “uma estrela cadente.”

Penelope olhou pela janela, lembrando-se do córrego que passava no fundo do pomar, acometida por um desejo súbito de sentar em sua margem à sombra das árvores, com os pés na água fria. “Quem me acompanha em uma caminhada?” Ninguém respondeu. “Então vou sozinha.”

Já no pomar, onde a grama era macia, ela tirou os sapatos, arrancou a touca e soltou os cabelos, acelerando o passo para sentir, pelo menos por um tempo, o ar contra a pele exposta. O mato e as flores silvestres estavam altos, com campânulas e papoulas formando grandes manchas coloridas, complementadas por halos de véus-de-noiva e cicutas. Ela seguiu a trilha, pisando com cuidado nos pontos onde o mato estava mais alto e parando para desenroscar o vestido de tempos em tempos. Os arbustos

estavam espessos e carregados de frutinhas ainda verdes, prometendo uma colheita abundante no fim do verão. Uma vaga recordação de colher amoras naquele exato local lhe veio à mente, deixando-a com água na boca como se estivesse morrendo de fome. Alguém levou uma ferroadada naquele dia, mas ela não conseguia lembrar quem, só passava em sua cabeça a imagem dos adultos tentando remover o ferrão e recordava que já na época sabia que a abelha morria depois. Penelope não conseguia entender por que Deus faria uma criatura cuja única forma de defesa tinha consequências tão extremas. Ela seguiu andando, atraída pela ideia da água fria. Quando chegou, porém, viu que o córrego secara e que naquele ponto era pouco mais que um fio d'água. Foi seguindo o rastro, lembrando que em algum lugar havia uma piscina natural.

Um graveto se partiu e ela parou, de repente se sentindo vigiada; um calafrio percorreu seu corpo e todo o medo da noite anterior voltou. Ficou em silêncio por um instante, ouvindo apenas o canto dos pássaros e o cricrilar dos grilos, mas então veio o som de algo se movimentando pela grama do pomar, e Penelope só compreendeu o que era quando Spero soltou um latido e pulou sobre suas pernas em um frenesi de excitação. Ela se abaixou para acariciá-lo, rindo consigo mesma por seu temor injustificável, imaginando que devia ser efeito da súbita proximidade com o passado. Spero saiu correndo para perseguir algum cheiro e ela foi atrás, sentindo uma felicidade simples invadir seu corpo, como se tivesse voltado a ser uma menina livre de preocupações.

Seu pé de repente ficou preso em uma raiz, e o chão veio ao seu encontro bem depressa. Ela amorteceu a queda com a mão espalmada, que se dobrou na altura do pulso, fazendo com que seu corpo atingisse pesadamente o chão, deixando-a sem fôlego. Penelope ficou deitada de lado, segurando a mão dolorida, arrependida de sua falta de cuidado e tomada por um medo terrível de que a queda tivesse afetado o bebê.

“Você se machucou.”

Ao erguer a cabeça, ela viu um homem ao seu lado. O sol brilhava com força atrás dele, tornando impossível discernir suas feições. A boca dela se abriu para gritar, mas, como em um pesadelo, a voz não saiu, e Penelope sentiu que sua mente não controlava seu corpo, o que sugeria a ideia de um choque na cabeça e de uma perda da consciência, pois o homem que via diante de si era Sidney.

“Stella, você se machucou?”

Ele se agachou ao seu lado, parecendo absolutamente real, com a mancha de tinta no dedo e o cheiro masculino de suor. Penelope estendeu a mão para tocar a manga da roupa dele, mas a recolheu temendo que a visão fosse se esvair no ar sob seus dedos.

“Sidney?”, ela murmurou. Era possível ver o sutil arranjo de cicatrizes em seu rosto, como se alguém tivesse escrito com uma espada uma palavra que não era capaz de decifrar.

“Você se machucou.” Ele segurou sua mão. Ela conseguiu senti-lo; era sólido, de carne e osso, como uma pessoa de verdade. “Veja.” Havia um corte em seu polegar no local onde ela amparara a queda, e o sangue escorrera para o punho do vestido; a dor, porém, não veio, e por um instante Penelope se questionou se não estaria morta, depois foi capturada por um turbilhão de pânico, imaginando que poderia ter sido atingida por algum tipo de bruxaria.

“Eu a assustei.”

“O que é você?”

“Stella! Não pretendia assustá-la assim.” Ela se ergueu sobre um cotovelo, mas então sentiu a dor aguda do corte e um latejar no cotovelo. Foi quando teve a certeza de que não estava diante de um espectro, de um fruto de sua imaginação ou de um monstro maligno. “Que tolo eu fui. Queria fazer uma surpresa e quase a matei de susto. Não deveria ter vindo.” Ele sacou um lenço e usou o tecido para estancar o sangramento. Sem dizer nada, ela permitiu que a ajudasse a se levantar e caminhar até a sombra de uma árvore próxima, onde se acomodaram apoiando

as costas no tronco. Spero apareceu outra vez, saltando no meio do mato alto, parando a alguns metros dele e mostrando os dentes.

“Aqui, menino”, Penelope chamou, batendo a mão na coxa para atraí-lo, mas o cão se sentou à distância na trilha, imóvel como uma sentinela. Ela se virou para olhar melhor para Sidney; ele estava desalinhado, com as roupas amarrotadas e sujas e olheiras escuras no rosto. “Acho que você me deve uma explicação. O que está fazendo aqui?”

“Eu estava com meu pai em Ludlow. Fica a um dia de viagem daqui. Cheguei tarde ontem à noite e dormi na mata.”

“Então era você.” Uma onda de ternura a invadiu. “Ouvi seus passos. Pensei que fosse um fantasma.”

“Então a assustei duas vezes! Que tolo eu fui por aparecer dessa maneira. Pensei que poderia ver você sem os outros...”

“Não.” Ela segurou a mão dele. “Um tolo, não.” Levou-a aos lábios, observando a poeira sob suas unhas roídas. Em seguida afastou os dedos, fechou os olhos e deu um beijo na palma aberta. “Mas talvez uma hospedaria tivesse sido uma escolha mais sensata como local de repouso.”

“Queria ficar perto de você.”

“Agora, sim, você está sendo um pouco tolo.” Ela tentava amenizar o clima com humor, temendo ser arrebatada por completo.

“Tentei esquecê-la, mas você me atrai como uma estrela guia.”

“Você me vê como uma estrela”, ela disse baixinho, “como se eu não tivesse sentimentos. Mas sou uma mulher... de carne e osso.” Penelope beliscou a pele fina do antebraço para provar o que dizia. “Para mim também é doloroso ficar longe de você.”

Sidney soltou um suspiro profundo, como se liberasse o ar preso por um século. Penelope manteve os olhos grudados nos dele quando os dois se aproximaram. Suas bocas enfim se encontraram, as línguas deslizando uma contra a outra, e ela mergulhou em um precipício de luxúria, a um passo de perder todo o controle. Porém, com uma súbita clareza, lembrou-se da

vida que crescia em seu ventre e se afastou de forma abrupta. “Não posso.”

Ele grunhiu como um animal moribundo quando ela se desvencilhou de seu toque.

“Se me ama de verdade, precisa me esquecer”, Penelope falou.

“Por quê? Por sua honra? Porque você pertence àquele homem, *Rich*?” Sidney estrilava de raiva, como se todo o seu amor tivesse se transformado em ódio. “Não quer que ele seja traído? O que deve a *Rich*?”

“Ah, meu amor”, ela murmurou, pondo a mão sobre a dele, um gesto que Sidney recusou como uma criança emburrada. “Não é meu marido que eu amo.” Penelope segurou a mão dele de novo, com força dessa vez, recusando-se a soltar. “É você e nenhum outro, com cada fibra do meu ser. Mas...”

“Mas o quê?” Ele a encarou com os olhos cheios de angústia.

“Estou grávida.”

Sidney levou a mão à cabeça e fechou os olhos. “Grávida *dele*; você vai ter um filho *dele*.”

“Sim”, Penelope confirmou, “vou ter um filho do meu marido.” Era por pensar na semente que germinava dentro de si, e que rezava para que ainda estivesse lá quando o outono chegasse, que conseguia se controlar. “Fiz um acordo com *Rich*. É ele que devo honrar, e não meu marido.”

“Acordo?”

“Vou dar dois filhos homens a ele, então ficarei livre.”

“Mas...”

“Não”, ela interrompeu. “Não me pergunte por que, pois não vou contar, nem para você nem para ninguém.”

“Stella”, Sidney falou, envolvendo-a em um abraço. “Estou perdido sem você. Nunca quis nada na vida como quero você.”

“Digo o mesmo.” As palavras lhe pareceram terrivelmente inadequadas, mas, quando as disse, por fim entendeu o verdadeiro significado da palavra desejo, a mão invisível capaz de levar um homem adulto, que deveria ter juízo, a fazer uma viagem de um dia na esperança de ver seu amor; entendeu a

tortura descrita na poesia; a força que faz uma pessoa abandonar todos os seus princípios para saciar uma sede. Precisou mobilizar todas as suas forças para resistir, encontrando em algum lugar a determinação para pôr a razão na frente do coração. “Mas não posso. Prometi que seria fiel até o nascimento das crianças.”

“Ah, Deus.” O rosto dele era a imagem do desespero.

“Se mantiver minha parte do acordo, meu marido vai manter a parte dele. Depois vou estar livre.” Ela fez uma pausa, pegando um talo comprido de mato e arrancando as sementes do topo. “Então poderei ser sua.”

“Mas ele nunca vai saber.”

“Eu vou saber”, Penelope retrucou. “Se não consigo seguir meu próprio código moral, então não sou digna do ar que respiro. Não me importo com o que os outros pensam de mim. Não me importo de fazer de meu marido um corno e de mim uma prostituta. Mas me importo com minhas promessas... caso contrário, deixo de ser eu.”

“Você...” Ele tomou suas duas mãos, hesitante e parecendo sem palavras. “É admirável. Não existe ninguém igual.”

“Não sou tão admirável assim”, ela falou, pensando que na verdade perderia o poder que experimentara caso se comprometesse com um segredo obscuro.

“Vou esperar”, ele afirmou. “Vou esperar”, repetiu.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo, ela segurando o braço de Sidney, ele acariciando seus cabelos. Penelope se permitiu um momento de reflexão sobre como tudo ficaria, então disse: “Preciso ir. Devem estar preocupados comigo... considerando minha situação”. Ela se desvencilhou dos braços dele, sentindo-se desolada com a perspectiva da separação. “O que vai fazer? Vai aparecer na casa, dizer que estava de passagem?”

“Não sei”, ele respondeu, soltando a grama e puxando seu braço de novo para junto dele. “Não vá embora.” Em seguida a soltou de novo. “Não, você precisa ir. Acho que não vou

conseguir passar uma noite sob o mesmo teto que você, sabendo que estamos a poucos metros de distância.” Ele apanhou uma papoula e lhe entregou sem dizer nada.

Ela reuniu todas as suas forças para ficar de pé e assobiou para Spero, que passou por Sidney com um olhar atravessado antes de seguir em seu rastro. Penelope se virou brevemente e lhe jogou um beijo, para em seguida retomar o caminho para o pomar, mexendo o talo da papoula entre os dedos. No portão, pôs de novo os sapatos e a touca, ajeitando tudo em seu lugar, como se assim estivesse fazendo com que a vida voltasse ao normal, mas seu mundo fora tirado do eixo, e ela sabia que nada mais voltaria ao normal. Olhou para a papoula; era como um borão vermelho em sua mão, mas observadas mais de perto suas pétalas estriadas pareciam frágeis e insubstanciais, transparentes como as folhas de uma Bíblia, e já estavam começando a ressecar, como se sua existência tivesse se esvaído após um breve momento de demonstração de vitalidade.

Ela ouviu os cavalos antes de vê-los e correu para os estábulos.

“Dorothy”, gritou, disparando para o local onde sua irmã descia da montaria. Dorothy se virou, com o rosto banhado de lágrimas e os olhos vermelhos. “O que aconteceu?”

Ela entregou as rédeas ao cavaleiro e segurou Penelope pelo cotovelo para conduzi-la a um canto mais discreto do pátio. “Leicester vai me fazer casar com Sidney. Agora é certeza. Ele vai pedir a permissão da rainha e ofereceu um dote de duas mil libras por mim.”

Penelope perdeu o equilíbrio e se apoiou à beirada da escadinha usada para subir nas selas. Não conseguia pensar no que dizer. Só repetiu: “Duas mil libras”.

“Sou apaixonada por outro”, contou Dorothy, “e preciso de sua ajuda para me casar com ele em segredo.”

Então ambas tinham segredos. Era como se um raio de luz tivesse aparecido em seu caminho. “Assim você não vai estar livre para se casar com Sidney.”

“Claro!” Dorothy parecia impaciente com a afirmação do óbvio por parte da irmã. “Vai me ajudar, não?”

“Mas você vai cair em desgraça, Dot... vai ser banida da corte. Sabe o que isso significa? Veja só nossa mãe.” Sua consciência a obrigava a falar, não permitia que incentivasse um casamento clandestino sem a devida reflexão.

“Veja só *você*! Eu não suportaria estar em uma união sem amor como a *sua*.” As palavras de Dorothy a magoaram, apesar de serem verdadeiras. “E Sidney... quando nos conhecemos ele mal olhou para mim; foi incapaz de um gesto de simpatia. Pareceu orgulhoso, frio, arrogante, distante... não abriu nem um esboço de sorriso.”

Penelope concluiu que, como sua irmã era parecidíssima com ela, aquilo era uma prova de que o amor dele ia muito além das aparências. Queria desesperadamente confessar seu sentimento para Dorothy, mas alguma coisa a detinha, o medo de que talvez pudesse ver a revelação de seu segredo como uma forma de escapar do casamento indesejado. Ela sempre confiara na irmã, e sentiu uma pontada de ressentimento ao ver que as circunstâncias do amor e do segredo pudessem se colocar entre as duas com tanta facilidade.

“Você está se arriscando demais. Minha consciência não me permite que...”

Dorothy a interrompeu sem cerimônia, cravando nela os olhos negros como os seus: “Você pensa que sabe de tudo, mas não é bem assim. O que entende de amor, com um casamento como o seu?”

Penelope respirou fundo para que a verdade não viesse à tona e disse baixinho: “Você não sabe tudo sobre mim”.

“Desculpe.” Dorothy pareceu arrependida. “Essa história me tirou do sério. Você precisa me ajudar. Não me importo se vou ser banida da corte para sempre desde que esteja com meu Thomas.”

“Quem é ele?”

“Thomas Perrot.” Envergonhada, Dorothy baixou os olhos, e o

rubor desceu até seu peito.

“Entendi.” Penelope sabia muito bem que, embora fosse um amigo de infância das duas, Thomas Perrot não tinha um título de nobreza que o habilitasse a se casar com a enteada de um dos condes mais proeminentes da Inglaterra. O espírito de desafio às convenções da irmã era admirável. Com que facilidade ela ia se livrar da responsabilidade de ser uma Devereux na corte com aquele casamento. “Ele é um bom rapaz, mas ninguém apoiaria a união.”

“Pensa que não sei? É por isso que estou implorando por sua ajuda. É a única em quem confio. Por favor, Penelope. Entendo as consequências. Por favor...”

“Imagino que, agora que é uma das damas da rainha, vai precisar de mim para justificar sua ausência, não?”

“Então vai me ajudar?”

“Você sabe o que pode acontecer com você? Damas foram postas na cadeia por muito menos.”

“É um risco que estou disposta a assumir.” A convicção de Dorothy era contagiante, e Penelope se viu envolvida por aquele entusiasmo.

“Acho que não faz sentido nós duas ficarmos presas em casamentos sem um pinga de afeição. Não quero esse destino para você.” Penelope sentiu um sorriso se abrir em seu rosto. “Mas nossa mãe vai ficar furiosa.”

Setembro de 1583

Whitehall

“Foi tão doloroso quanto dizem?”, perguntou Martha. As damas da rainha se reuniram para saudar Penelope em seu retorno à corte.

“Devastador”, ela respondeu. Martha arregalou os olhos redondos como moedas. “Gritei como uma bezerrinha, não foi, Jeanne?”

“Nunca ouvi um barulho como aquele”, ela concordou, dando risada.

“Mas dizem que você se esquece da dor assim que põe os olhos no bebê”, falou alguém. “É verdade?”

Penelope observou os rostos cheios de expectativas ao seu redor. Todas queriam que fosse verdade, mas não era. Ela própria queria. O bebê não era uma panaceia. O que sentira quando segurara Lucy nos braços pela primeira vez fora um profundo temor, como se estivesse à beira do abismo.

“Minha mãe falou que é amor à primeira vista”, suspirou outra garota. “Uma sensação indescritível. Conte mais para nós...”

Penelope fingiu que ajeitava as saias para não precisar encarar as outras. “É mesmo indescritível.” Ela teve medo de que vissem, entalhada em suas feições, a marca de uma péssima mãe, de alguém que não amava sua filha.

“Ficou decepcionada por ser uma menina? Seu marido não deve ter gostado.” Quem falou aquilo foi Peg, posicionada à margem do grupo. Parecia mais magra, como se a amargura a estivesse devorando por dentro.

“Uma criança saudável nunca é uma decepção.” Penelope a encarou, mantendo um olhar frio e um sorriso fixo, sem a menor intenção de revelar seus verdadeiros sentimentos. Não falou nada sobre os problemas da bebê depois do nascimento — a pequena caixa torácica estremecendo a cada lufada de ar

inalada com extrema dificuldade — e sobre a culpa que sentira pela falta de amor. A parteira dissera que já havia visto casos como aquele antes e declarara que a criança não sobreviveria. Lucy fora batizada às pressas, mas Penelope não conseguira aceitar que a filha, ainda que não conseguisse amá-la, fosse levada por Deus antes mesmo que sua vida começasse. Mandara chamar o médico da rainha, o dr. Lopez, que fora de Londres a Leighs às pressas. Ele apalpara o peitinho de Lucy e, como em um passe de mágica, a menina expelira uma gosma com uma tossida e sua vida fora salva.

“Ser mãe de primeira viagem pode ser desafiador”, Lopez dissera, indicando que de alguma forma compreendia o turbilhão de sentimentos de Penelope. “Você vai conseguir, só precisa ter paciência.” Aquelas poucas palavras gentis provocaram uma mudança dentro de Penelope, que sentira uma pontada de amor pela filha.

“Você vai entender como é quando tiver um bebê”, continuou Penelope diante da expressão de desdém de Peg.

A outra virou a cara, contorcendo a boca. Penelope sabia muito bem que não havia nem sinal de um pretendente no seu horizonte, então as palavras tinham sido certas. Em seus meses de afastamento, esquecera-se da importância de ter uma língua afiada na corte.

“Deve estar morrendo de saudade dela”, disse Martha.

Penelope assentiu com a cabeça, pensando na felicidade que sentira ao entregar a criança nas mãos competentes da ama Shilling. Uma nuvem pesada de desesperança se abatera sobre ela, tornando até mesmo a mais simples tarefa algo fora de seu alcance, como se a felicidade tivesse sido drenada de si. Tentara rezar, pedira perdão pelo que quer que tivesse feito para perder as graças de Deus — resistira a Sidney, o que deveria bastar, pois cumprira o acordo com o marido —, mas sua fé parecia fina como um pergaminho. Fora só graças aos cuidados de sua querida Jeanne que conseguira superar aqueles dias difíceis. Rich, ao contrário do que Peg insinuara, estava felicíssimo com

a filha, o que agradara Penelope, embora sentisse que ela mesma observava tudo à distância, como se fosse a experiência de outra pessoa, não a sua.

Jeanne enfim conseguiu tirá-la da cama e vesti-la para ir à capela apresentar a criança à paróquia. Seu objetivo era forçá-la a sair de casa, sentir o calor do sol, caminhar um pouco, andar na charrete. Pouco a pouco Penelope foi saindo da toca, como se tivesse sido esquecida em um baú durante anos e precisasse ser sacudida e arejada. Mas, mesmo depois que seu estado de espírito se elevara e ela sentia que voltava ao normal, ainda havia um sentimento de culpa, que nem os cuidados carinhosos de Jeanne eram capazes de resolver. Que tipo de mãe não amava a filha?, perguntava-se em silêncio o tempo todo. Não havia resposta para aquilo.

“Dorothy não está mais aqui”, disse Peg, passando os dedos no leque de penas.

Penelope não respondeu, só sorriu como se não houvesse nada de errado. Dorothy, porém, assim como sua mãe, não podia mais ser mencionada na presença da rainha. Ela não testemunhara a fúria de Leicester nem a da rainha com o casamento às escondidas. Perrot foi mandado por algumas semanas para a prisão de Fleet, e foi apenas em virtude da influência de seu padrasto que Dorothy não fora encarcerada também, embora tivesse sido impossível evitar o banimento da corte. Mas Penelope recebera uma carta da irmã com uma descrição animadíssima de seu idílio campestre. Pensou que fosse ter inveja, mas aquilo não acontecera, pois seu gosto pelo poder significava que uma existência tranquila não lhe exercia quase atração nenhuma.

“Ela é *persona non grata*.” Peg não ia conseguir irritá-la, mas Penelope ficou contente quando um grupo de homens apareceu e parou diante delas, tirando o chapéu e fazendo medidas educadas. Não viu Sidney até que Spero começou a rosnar em seu colo. Penelope seguiu o olhar do cachorro e lá estava ele, tentando atrair sua atenção. Seu estômago se revirou, e ela

sentiu vontade de odiá-lo por ser a razão por que não amava sua filha — simplesmente por existir, por roubar seu coração.

“O spaniel de Lady Rich parece ter aversão a você”, provocou um dos homens.

A expressão de Sidney era de sofrimento, talvez até de amargura, mas Penelope se virou e beijou a cabecinha macia do cão. Sidney lhe escrevera, resmas inteiras com palavras lindas e secretas que a arrebataram. Penelope queimou todas no momento de maior dor, mas se arrependeu imediatamente. Jeanne a encontrara diante da lareira apagada, coberta de cinzas, procurando desesperada por algum fragmento. Ela a ajudara a se levantar e a despira como se fosse uma criança ou uma inválida, incapaz de fazê-lo sozinha, enquanto dizia baixinho: “erga os braços”, “vire de costas”, “levante a perna”. Penelope obedecia como uma marionete sem alma. Jeanne limpou as cinzas com um pano e penteou cuidadosamente os cabelos, mas mesmo assim na manhã seguinte havia uma mancha preta na franha branca, condizente com seu estado de espírito.

“Pensei que você tivesse perdido o juízo”, a dama de companhia dissera a respeito do incidente. “Fiquei com medo de nunca mais tê-la de volta.”

“A rainha perguntou por você”, disse Peg, arrastando Penelope de volta ao presente. “É melhor não deixá-la esperando.”

Ela se afastou de bom grado do olhar melancólico de Sidney. Havia seis homens armados na porta dos aposentos privativos, o que a fez pensar que mais um complô fora descoberto. A rainha estava conversando com Burghley e Cecil, mas quando Penelope entrou todos se viraram. Burghley exibia um sorriso claramente falso, enquanto o filho mantinha uma expressão impassível, o que a levou a se perguntar o que ele estaria escondendo e sobre o que poderia ser a conversa. Penelope se preparou para uma saraivada de perguntas da rainha enquanto colocava o cachorro no chão para fazer uma medida, com medo de ser alvo de reprimenda pelo comportamento de sua irmã.

Mas a rainha apenas disse: “Sua ausência foi sentida. Venha

disputar um jogo de cartas. Estou cansada de aturar a companhia dessas matronas preocupadas com minha segurança”.

Como sempre, Penelope ficou impressionada com sua frieza, mas experimentou uma familiar confusão de sentimentos, uma admiração maculada por algo infinitamente sinistro, que vinha à tona enquanto se acomodava em um banquinho que lhe era trazido.

“Eles têm certeza de que estou prestes a ser assassinada.” A rainha direcionou o olhar para Burghley e o filho, que baixaram a cabeça como crianças repreendidas. “Aposto com você essa pedra em seu vestido.” Ela esfregou as mãos avidamente enquanto Penelope removia a joia da roupa e colocava sobre a mesa. Era um dos broches de sua mãe; Penelope sabia que a rainha o reconheceria, e consideraria aquilo uma pequena vitória. O isolamento de sua mãe, e o sofrimento decorrente daquilo, estava sempre em seus pensamentos, assim como o tratamento que a rainha lhe dispensara. Penelope percebera fazia tempo que seu favorecimento por parte da rainha era uma espécie de vingança; tomar para si a filha de sua inimiga, transformando-a em uma peça de penhor, era um golpe e tanto, mas estava preparada para entrar naquele jogo.

Seria preciso mais que o favorecimento real para quebrar o laço entre mãe e filha; a rainha não tinha filha nem conhecera de fato sua mãe, portanto não era capaz de compreender a profundidade de tal laço. O favorecimento, e até mesmo ser uma peça de penhor, tinha suas vantagens; se bem aproveitado, poderia gerar mais poder do que pareceria à primeira vista.

“E a *minha* aposta é isto.” A rainha tirou um porta-moedas da cinta e pôs sobre a mesa. “Mas não tenho a intenção de perder.” O porta-moedas tinha forma de sapo e, apesar do bordado magnífico, parecia um animal morto, deitado com as pernas inertes sobre a mesa.

“Nem eu”, garantiu Penelope.

“Olhe e aprenda, Pigmeu. Olhe e aprenda”, disse a rainha,

virando-se rapidamente para Cecil.

Penelope nunca a ouvira chamá-lo daquela maneira. Sabia que a rainha gostava de apelidos, mas “Pigmeu” parecia cruel. Mesmo que estivesse ofendido, ele não demonstrou, apenas sorriu, arreganhando os lábios para revelar uma fileira de dentes surpreendentemente alinhados e miúdos. Penelope se lembrou do incidente em que ele tivera o livro arrancado das mãos e jogado de um lado para o outro, das zombarias pesadas que lhe haviam sido impostas, e se perguntou se aquela resiliência vinha de berço. Já vira o filhote mais miudinho e maltratado da ninhada se tornar o cão mais feroz da matilha.

“Você poderia aprender uma coisinha ou duas com essa menina sobre cartas.”

Mais uma vez, apareceu o sorriso que poderia ser facilmente confundido com um esgar. “Ouvi dizer que Lady Rich é muito capaz”, ele disse, mas a rainha já tinha voltado sua atenção para Penelope.

“Não gosto que minhas damas favoritas fiquem longe de mim.”

“Vou tentar não fazer disso um hábito, Vossa Majestade.” A rainha deu risada e fez um comentário de passagem sobre ela não ser “desobediente e tola como a irmã”. Penelope manteve um sorriso impassível no rosto enquanto a rainha dava as cartas, colocando-as sobre a mesa uma a uma, em seguida pegando as suas e passando vários minutos ordenando-as em um leque.

Elas jogaram em silêncio; Penelope sentia o olhar de Cecil sobre si, e lhe ocorreu que talvez tivesse sido aconselhado a ficar de olho nela, assim como lhe recomendaram que ficasse de olho nele.

“Fiquei muito decepcionada com aquela sua irmã”, continuou a rainha. “Pensei que tivesse mais bom senso.”

“O amor pode levar as pessoas a cometer tolices”, argumentou Penelope.

“Sim”, ela respondeu com um suspiro. “Tal mãe, tal filha”, acrescentou com um sussurro.

Penelope cerrou os dentes, recusando-se a aceitar a provocação.

“Não sei por que todo mundo nesta corte insiste em me desobedecer quando o assunto é casamento. Isso não fica bem para mim.” Ela se concentrou no jogo por um tempo antes de acrescentar: “Você não seria capaz de me trair, não é?”. A rainha lançou para Penelope um olhar tão gelado que foi necessário muito esforço para não demonstrar sua apreensão.

“Jamais”, foi tudo o que ela respondeu, temendo que, caso dissesse mais, suas palavras seriam julgadas insinceras.

Elas voltaram a jogar em silêncio. Foi Burghley quem falou a seguir: “O que a senhora acha do casamento de Sidney, milady?”.

Penelope ficou sem fôlego por um instante, mas então percebeu que podia ser do irmão mais novo que ele estava falando. “Robert Sidney vai se casar? Quem é a noiva?”

“Não, não Robert”, corrigiu a rainha. “O mais velho. Philip, o poeta.”

“Philip Sidney...” Ela se sentiu oca, esvaziada de tudo, e foi preciso mobilizar todas as suas forças para permanecer sentada e abrir um sorriso desinteressado, enquanto sentia o olhar de Burghley e do filho sobre si.

“Com Frances Walsingham. É uma menina bem sem graça, muito juvenzinha. Conhece?”, continuou a rainha. Penelope sacudiu a cabeça lentamente, tentando assimilar a notícia. “O pai dela ficou satisfeito. Walsingham sempre teve muita serventia para mim. O que acha?”

Penelope encolheu os ombros. Estava com medo de abrir a boca, pois não sabia o que poderia dizer. Agora fazia sentido o olhar infeliz de Sidney na galeria pouco tempo antes. A rainha pareceu aprovar sua indiferença. Penelope notou que Cecil trocou olhares com o pai e ficou se perguntando o que aquilo poderia significar.

“Ele amadureceu. Costumava ter ideias acima do que seu posto permite”, a rainha falou. “Tentou me dissuadir da ideia de

me casar com Anjou certa vez.” Ela bufou, reorganizando o leque de cartas. “Não deu em nada mesmo, no fim das contas”, murmurou enquanto punha na mesa um trio de paus: um nove, um dez e um valete.

De alguma forma Penelope conseguiu seguir jogando como se tudo estivesse normal, como se a semente do ciúme não tivesse brotado dentro dela e se espalhado por todos os recantos de seu ser, revirando seus órgãos vitais, agarrando-se com força a seu coração e bloqueando sua corrente sanguínea.

“Sidney veio me pedir *sua* mão certa vez, tentando ressuscitar o acerto que seu pai tinha feito. Sabia disso? Não sei o que esperava; já estava prometida para Rich, e ele não tinha nada a lhe oferecer.”

Penelope limpou a garganta. Respondeu “É mesmo?” como se mal considerasse a existência do homem, mas o ciúme continuava se espalhando, suas garras se encravando cada vez mais fundo.

“Mas passei a gostar dele ultimamente”, prosseguiu a rainha. “Acredito que Sidney esteja destinado a grandes feitos. É muito amado, não concorda, Pigmeu?”

“De fato”, respondeu Cecil, exalando indiferença e ajeitando os punhos da camisa, brilhantes e rigidamente engomados, antes de lançar um olhar para Penelope, insinuando saber mais do que aparentava. Foi só então que ela se deu conta de que, enquanto estivera fora, ele, que antes mal era capaz de olhá-la, se tornara alguém que sabia das coisas. Era um exemplo do conhecimento como fonte de poder. Aqueles dois, pai e filho, demonstravam a confiança que se obtinha depois de esquadrihar cada recanto obscuro, cientes de que nada poderia ocorrer sem seu conhecimento. A rede de espionagem de Burghley era bastante eficaz, espalhando-se secretamente de Walsingham para diversas cortes europeias. Penelope tentou manter a leveza da conversa, pondo as cartas sobre a mesa e dizendo: “Derrotada de novo! Estou sem prática”.

Comparou a si mesma — uma mulher que não sabia sequer

do casamento de seu amado, completamente exposta pela ignorância — com um homem como Burghley, que tinha olhos em toda parte e direcionava as ações da rainha da Inglaterra por causa de tudo o que sabia. O casamento de Sidney com a filha de Walsingham seria parte de um jogo de poder, uma tentativa do noivo de elevar sua posição por meio de melhores relações? Qualquer que fosse a razão, era como se uma faca tivesse sido cravada em seu coração. No entanto, alguma coisa endureceu dentro de Penelope quando se deu conta de que também poderia ter olhos em toda parte e criar uma teia de relações caso se esforçasse para isso. Assim, nunca mais seria vítima de sua própria ignorância.

Um homem se aproximou de Burghley e murmurou algo para ele, que virou para a rainha. “É uma questão urgente, majestade, sobre a escocesa.”

Penelope viu sua curiosidade ser atizada. Era de Maria da Escócia que estavam falando — a prima da rainha que perdera a coroa para o filho e passara anos como prisioneira inglesa. Penelope se perguntou se ela de fato seria uma ameaça ao trono ou se as coisas eram mais complicadas do que pareciam.

“Vamos precisar continuar nosso jogo mais tarde, minha cara. Estou sendo solicitada”, disse a rainha, apontando com o queixo na direção de Burghley.

Penelope sentiu os olhos de Cecil sobre si enquanto saía do recinto. Apanhou Spero e saiu para a longa galeria, afastando sua mente do casamento de Sidney, recusando-se a dar voz à devastação interior enquanto se dirigia a seus aposentos.

“Estava procurando você”, disse Jeanne quando entrou. Algo de sua tristeza escondida devia ter vindo à tona, pois ela falou: “O que aconteceu?”. Penelope só conseguiu sacudir a cabeça, agarrando-se a Spero para se consolar. Jeanne a conduziu até a cama, então sentou-se ao seu lado, pôs um braço em seus ombros e lhe entregou um embrulho. “Isso chegou para você.”

“O que é?”

“Não faço ideia. Venha, deixe-me desamarrá-la para que fique

mais confortável.” Jeanne removeu algumas camadas de roupa e afrouxou seu corpete. Penelope deitou na cama, sentindo-se anestesiada. Jeanne notou que precisava de um momento a sós, então recolheu algumas roupas de cama e anunciou que iria à lavanderia. Quando saiu do quarto, Penelope apanhou o embrulho. Reconhecendo a caligrafia de Sidney de imediato, jogou o pacote na cama antes de apanhá-lo de novo e rasgar o papel.

Era uma pilha de folhas soltas. Passou os olhos por elas, que continham a escrita precisa de Sidney, dividida em versos, com um frontispício dizendo apenas *Astrophil e Stella*, sem nenhum bilhete, nenhuma explicação, nada. Puxou uma cadeira para perto da janela, por onde entrava o sol do fim de tarde em meio aos fragmentos de poeira elevados no ar pela agitação de seus movimentos.

Começou a ler. As palavras a dominaram, reacendendo sua tristeza à medida que começou a se dar conta de que aquilo — aquelas marcas de tinta em uma pilha de papéis — era a expressão mais íntima do amor de Sidney, um retrato de seu coração. Hipnotizada pelo ritmo dos versos, ela se via incapaz de reconhecer a si mesma na distante Stella, uma tirana de olhos negros, pele de alabastro e dentes de pérola que roubara o coração do poeta, em um momento se mostrando fria, em outro uma ninfa celestial e no restante do tempo a fonte de uma dor prazerosa. O amor de Sidney era monstruoso, assustador, cheio de raiva enciumada e desejo desesperado, doçura, tristeza — uma batalha infindável entre o êxtase e o sofrimento.

Penelope mal ergueu os olhos quando Jeanne voltou. “O que era?”

“Poemas.”

“Dele?”

Penelope assentiu com a cabeça, incapaz de se distrair daquelas palavras, lendo os versos como se sua vida dependesse daquilo, como se estivesse perdida e as folhas fossem o mapa que poderia levá-la de volta à segurança ou arrastá-la para o lado

oposto — ela não sabia ainda.

Fevereiro de 1587
Cheapside

*Para você apenas dedico este triste canto,
Os mais tristes versos recitados sob o céu anil;
Para você cujo coração deve estar em prantos,
Com o golpe da dor, pela morte de Astrophil.*

Edmund Spenser, “Astrophil” (elogio a Sir Philip Sidney)

A notícia da execução de Maria Stuart começou a se espalhar no dia em que Sidney foi enterrado, mas tamanha era a tristeza pelo poeta e soldado que a morte de uma rainha deposta não repercutiu como teria acontecido em um dia normal. Já fazia três dias, e um pouco mais de tempo desde que Penelope começara a entender a intriga em torno de Maria da Escócia e como Burghley havia orquestrado em sigilo sua trajetória até o cadafalso. Penelope só observara e escutara, acumulando informações e conhecimento para garantir seu futuro enquanto via o jogo de poder se descortinar bem próximo dos divertimentos da corte. Compreendia que a rainha precisara sacrificar a prima escocesa pelo bem da Inglaterra, que a política era implacável e que às vezes a morte, ainda que cruel, fazia todo sentido.

Mas a morte de Sidney não fazia o menor sentido — ferido em batalha, muito longe de casa. Não fora um ferimento fatal, mas levava à morte. Se a morte de Maria simbolizava a supremacia de Elizabeth, a de Sidney não representava nada e não era símbolo de coisa nenhuma, a não ser do fim do cavalheirismo. A rainha o escolhera em virtude de sua grandeza, mas ninguém previra o quanto seu tempo seria curto. E o coração de Penelope estava em pedaços.

Leicester pedira a Penelope para acompanhar a esposa de Sidney no funeral, e as duas estavam juntas na galeria para ver o cortejo passar. Penelope se sentiu grata pela presença

reconfortante de sua irmã logo atrás, com a mão firme sobre seu ombro. Ela fora conduzida a Cheapside em uma espécie de transe, desorientada demais para se dar conta de qualquer coisa que acontecia ao seu redor. Jeanne a ajudara a se vestir — seu vestido de veludo preto não servira, pois ela estava grávida de novo, e fora preciso pegar emprestada uma roupa de sua mãe; mas para ela não fazia a menor diferença o que ia vestir.

Penelope sentia a presença discreta de Frances ao seu lado, quase como se não estivesse lá, como se uma figura em um sonho. Observou o perfil pálido da mulher e se viu surpresa pela força do sentimento que experimentou. Era uma inveja corrosiva da garota que segurava a mão de Sidney quando ele morrera; com quem ele se deitara à noite; que fora sua esposa por quase quatro anos; que engravidara dele; que passaria a eternidade ao seu lado. Não era um sentimento bonito, tampouco podia ser negado. Não conseguia odiar de fato a garota, ainda que tivesse tentado. Penelope se vira estranhamente grata pela presença de Frances naquele dia, pois significava que ela precisaria ser capaz de se controlar, pelo menos nas aparências — embora por dentro desmoronasse como o reboco de um prédio abandonado.

O cortejo parecia interminável, com setecentos membros, e outros milhares nas ruas observando em silêncio — era como um funeral da realeza. Penelope se perguntou o que Sidney pensaria daquilo, e se teria gostado. Apesar de todo o cavalheirismo, ele não era imune à vaidade.

A concentração de pessoas na rua mais abaixo era tão grande que a procissão teve dificuldade para passar. As duas observaram os homens de cartola desfilarem aos pares, com os fraques se arrastando no chão, sem dizer nada. Atrás de uma dupla de guardas com as alabardas apontadas para o chão, dois percussionistas marcavam um ritmo fúnebre. Pessoas continuavam passando — os companheiros de armas, os criados, os amigos, os parentes distantes —, todas anunciadas pelo toque dos tambores infernais, até que as montarias apareceram — o

cavalo de batalha de Sidney, seguido de seu amado Barbary, ambos paramentados e montados por seus pajens preferidos. Ao ver a lança quebrada carregada por um deles, Penelope sentiu um nó na garganta, duro como uma pedra, e versos de poemas de Sidney lhe vieram à mente.

*Embora nenhuma noite seja mais escura que meu dia,
E nenhum dia tenha mais quietude que minha noite*

Sabia o que estava por vir e mal suportava ver, porém não conseguiu desviar os olhos quando o ataúde apareceu, coberto de preto, oscilando como uma velha barca, com os carregadores lutando para sustentar seu peso. Frances soltou um breve suspiro, e Penelope sentiu uma tempestade de lágrimas se formar dentro si. Sem pensar, pegou a mão da garota e a apertou com força.

*Que soluços podem minha tristeza expressar?
Que tinta é preta o bastante para meu pesar pintar?*

Frances se apoiou nela, leve como uma pena, e Penelope pôs um braço em seus ombros. Lá estava o irmão dele, Robert Sidney, com o rosto parcialmente escondido pela capa, liderando os membros principais do cortejo. Então apareceram Leicester, Huntingdon, Essex e os demais nobres de prestígio montados em seus cavalos, paramentados, imponentes.

Fora Essex quem lhe dera a notícia. Estavam todos ansiosos na corte, pois sabiam que Sidney havia sido ferido combatendo os espanhóis nos Países Baixos, enquanto protegia a Inglaterra da ameaça católica. Todos haviam comentado o heroísmo de seu ato de remover a armadura da perna em solidariedade ao capitão que deixara a dele no acampamento; sua bravura no resgate de um camarada; do ferimento que sofrera na coxa, fraturando o osso; do cantil que oferecera ao moribundo, ignorando que sua necessidade era maior. Penelope se perguntara se aquelas histórias eram verdadeiras — todas pareciam narrar gestos condizentes com a conduta dele. Nem por um momento imaginou que Sidney não fosse sobreviver. Pensou que talvez

ficasse manco, fosse precisar de uma bengala ou até perder uma perna, mas nunca que morreria. Ele certamente voltaria e continuaria a amá-la.

Então Essex entrara em seus aposentos sem ser anunciado, ainda coberto da poeira da estrada, com os olhos arregalados como um homem que testemunhara coisas inenarráveis.

“Sidney está morto”, ele dissera sem rodeios. Não havia como amenizar uma notícia daquelas.

“Não. Você está enganado.” O quarto começara a girar, e ela pensara que fosse cair, mas ele a segurara pelo braço e a ajudara a se sentar.

“Eu estava lá”, Essex contara. “Ele me deu sua melhor espada e me pediu para tomar conta de sua esposa.”

“Sua melhor espada... Sua esposa.” Ela parecera um papagaio, apenas repetindo as palavras que ouvira.

“Ele mandou isto... para você.” Essex lhe entregou um papel dobrado.

“Para mim...”

Rich entrara no mesmo momento. Cumprimentou Essex, aparentemente feliz em vê-lo e ignorando a esposa em estado de choque, que segurava na mão o pergaminho. Começara a questionar Essex sobre o conflito e então falara: “Ouvi dizer que Sidney encontrou seu destino”. Sem a menor emoção, como se falasse de alguém que não conhecia. E ele *de fato* não conhecera Sidney. Ela queria perguntar por que o marido, que abominava tanto o papismo, não estava lá também, lutando pela causa. “Você está com dor?” Rich enfim se virara para Penelope, que temera que seu rosto estivesse contorcido de tristeza. “Não está perdendo o bebê, está?”

Ela levava as mãos à barriga, respirara fundo e falara: “Eu estou bem, obrigada”. Então escondera a carta.

Essex caminhara de um lado para o outro sobre o piso de tábuas de carvalho, agitadoíssimo. Tinha sido transformado pela batalha, e a irmã percebera que não perdera apenas Sidney, mas também o garoto despreocupado que sorria para ela do convés

do navio ao partir para a guerra. Penelope pedira licença, alegando exaustão por causa da gravidez. Por fim, na privacidade de seu quarto, lera uma única linha rabiscada por uma mão trêmula: *Seu até o fim*.

Agora Essex a olhava do meio da procissão, procurando-a na galeria. Seus olhos se encontraram. A mandíbula dele estava cerrada da mesma forma como, na infância, ele fazia para segurar as lágrimas. “Era você que ele amava”, disse Frances ao seu lado. “Eu sempre soube. Meu marido me contou quando nosso casamento foi acertado que seu coração era de outra. Eu sabia que era você porque li os poemas, mesmo aqueles que ele escondeu de mim. Sidney me perguntou se eu podia aceitar isso.”

Penelope queria saber qual fora a resposta, mas não conseguiu perguntar. Em vez disso, apertou a mão da garota com mais força quando viram o emissário holandês passar, e então os soldados, com as armas baixas, outro par de percussionistas, um flautista, e assim por diante.

“Eu aceitei”, Frances acrescentou por fim.

“Ele nunca foi meu...” Penelope não conseguiu concluir a frase.

“Não de corpo presente”, disse a garota, que de repente se tornou uma presença concreta, tranquila e estoica ao seu lado, não um espectro com a leveza de uma pena. “Eu sei.”

Penelope se sentiu instável como uma folha seca ao vento.

Sua mente se voltou para a última despedida. Sidney estava orgulhosíssimo por receber uma missão importante da rainha; ela o nomeara governador de Flushing. Ele procurara Penelope para dar a notícia. Não o via fazia meses — estivera de resguardo com Essie, sua segunda menina —, mas todo o antigo desejo contido logo viera à tona. Sidney estava diferente, mais alegre, e ela considerou que fora o casamento, ou a paternidade, que o deixara assim; porém, era mais provável que tivesse sido o tão aguardado favorecimento real. Ele era um cavaleiro, finalmente — ela o provocara e o chamara de Sir Philip com uma medida

exagerada; ele dera risada, afirmando que aquilo não significava nada, mas não conseguira esconder que estava contente. “A rainha vai ser madrinha de minha filha”, Sidney contara. Penelope preferiria que ele não tivesse dito aquilo, queria fingir que não era casado e não tinha uma filhinha, que era todo seu.

Ele tentara vê-la a sós várias vezes desde o casamento, tentara se explicar em cartas (fora obrigado a se casar, por alguma promessa feita ao pai da garota, ela precisava entender; era como as coisas funcionavam), mas Penelope se empenhava em repudiá-lo. Afinal, ambos eram comprometidos. Mas ela mantinha no coração a esperança de que um dia... Ao pensar naquilo, no funeral dele, Penelope se encheu de tristeza. Ela cedera só aquela vez, e o recebera para a última despedida. Se Jeanne não os interrompesse, poderia ter quebrado a promessa que fizera ao marido — estava prestes a fazê-lo.

Jamais imaginou que seus dois meninos fossem demorar tanto a chegar. Observando o prosseguimento do desfile melancólico, arrependeu-se com todas as forças por *não* ter se entregado a Sidney, e ficou com raiva de si mesma por ter desperdiçado tanto amor. Sentiu o que restava de sua fé em Deus se esvaír. Muitas vezes se perguntara por que Ele a punira ao lhe dar um marido como Rich e depois ainda lhe negar um filho homem. Concluiu que suas filhas significavam a desaprovação de Deus de sua intenção de cometer adultério e que Ele a estava protegendo do pecado.

Mas acabar com Sidney no auge da vida — um Deus que o matava e deixava Rich viver só podia ser cruel; a ideia a deixou chocada, porque era um enorme pecado desejar a morte do marido. Mas havia um diabo ligado a ela com suas garras afiadas. Era impossível deixar de pensar que, caso tivesse coragem de desafiar a lealdade imerecida que dedicava a Rich — de contestar sua fé nos planos de Deus —, aquele bebê, seu terceiro filho, que se mexia em sua barriga enquanto observava o cortejo da janela, poderia ter sido de Sidney.

Se aquele era o plano de Deus, era bem ardiloso, pois o bebê

seria seu primeiro menino. Embora não estivesse carregando um filho de Sidney, parte dela foi enterrada com ele, e a partir desse momento Penelope chegou à conclusão de que seria ela mesma — não Deus, seu marido, a rainha ou seu código moral descabido — quem deveria agir em benefício de sua felicidade; apenas ela poderia assegurar seu futuro. Forjaria alianças poderosas e criaria uma rede de favores secretos para garantir que, independente do que acontecesse, os Devereux estivessem sempre em posição de poder. Quando os últimos seguidores do cortejo passaram, o som dos tambores foi morrendo e Penelope se sentiu mais sólida, como se uma grande força estivesse se reunindo dentro dela; nunca mais seu destino seria deixado nas mãos de Deus.

PARTE II
A OSTRÀ

*Não são como o sol os olhos da minha amada;
Seus lábios não são vermelhos como os corais;
Se a neve é branca, a cor de seus seios é amorenada;
Se cabelos são ouro, são de arame seus fios naturais.*

*Rosas adamascadas, vermelhas e brancas já vi,
Mas nenhum desses tons está em sua pele;
E há perfumes mais agradáveis que aquele que senti
No hálito quente que minha amada expele.
Adoro ouvi-la falar, mas admito sem pesar
Que o som da música traz mais satisfação;
Confesso que nunca vi uma deusa flutuar;*

*Minha amada quando caminha toca o chão.
Mas juro pelos céus que ela é tão rara
Que com nenhuma outra se compara.*

William Shakespeare, soneto 130

Novembro de 1589

Theobalds, Hertfordshire

Cecil para por um momento junto à janela. Um jardineiro está varrendo as folhas enquanto outro está em cima de uma árvore fazendo a poda. Um galho cai ruidosamente no chão. Uma chuva leve começa a cair, e Cecil estremece. A umidade desta época do ano faz suas costas curvadas doerem muito, abrandando apenas com a chegada da primavera. Mas ele não quer pensar na umidade ou no frio; com um frisson de euforia, se concentra em Lady Rich e em sua carta ao rei Jaime. Está de olho nela, que vem formando alianças silenciosamente há alguns anos, aproximando sua família de pessoas poderosas. Terá ido longe demais ao abordar o rei da Escócia, com cartas secretas a um monarca estrangeiro que reivindica o trono da Inglaterra? Só existe espaço para um tipo de ligação com o poder no que diz respeito à rainha. Uma imagem se forma em sua cabeça, contemplando a derrocada de Essex e sua família. Basta que ele consiga pôr as mãos em uma dessas cartas — uma prova irrefutável.

Cecil sai à procura de seu pai e o encontra na biblioteca. Burghley cochila diante da lareira com a boca aberta; um livro pesado escorregou de seu colo e está caído aberto no chão. Seu rosto está magérrimo, com olheiras fundas; não fossem os roncos altos que emana, pareceria um morto.

“Pai.” Ele balança de leve o braço de Burghley, despertando o velho, que arregala os olhos e mexe a cabeça de um lado para o outro, com uma expressão confusa diante do filho.

“Você me assustou. Peguei no sono?”

“Sim, pai. Quer alguma coisa? Um pouco de vinho?”

“Acho que aceito um gole de vinho doce. Tem um jarro na mesa.”

Cecil serve uma tacinha para cada um e puxa um banco para se sentar. Eles brindam, trocam um olhar e dizem ao mesmo

tempo: “À saúde dos Cecil”. Trata-se de um pequeno ritual que executam há anos. O vinho é espesso, e sua doçura é reconfortante.

“Sabia que a rainha pretende dar àquele garoto a licença para importar vinhos doces no ano que vem?”, diz Burghley. Ambos sabem exatamente quem é “aquele garoto”. Chamam Essex assim desde que chegou à casa de Burghley quando menino, exalando insolência dos pés à cabeça.

“Vinhos doces... Vai ganhar uma fortuna”, comenta Cecil.

“Sim, será o fim da história do conde mais pobre de toda a Inglaterra.”

“Um Essex com dinheiro na mão pode ser uma grande ameaça para nós.”

Burghley dá uma boa olhada para os ombros curvados do filho. “Não desanime.” Por mais que Cecil domine a arte de esconder seus sentimentos, seu pai ainda é capaz de decifrar tudo o que se passa em sua cabeça. “Com uma pequena fortuna, ela vai acabar dando a ele corda para se enforcar, mais cedo ou mais tarde.”

“Tenho notícias sobre a irmã”, informa Cecil.

“Que tipo de notícias?”

“De um informante na corte da Escócia. Lady Rich anda se comunicando com o rei Jaime. Mandando cartas amistosas.”

“Então os Essex estão se antecipando aos fatos. E se antecipando demais, na minha opinião.” Burghley abre um sorriso. “Nossa amada rainha ainda tem uns bons anos pela frente.” Cecil não consegue entender como seu pai pode ter tanta certeza, diante dos atentados contra a vida de Elizabeth. Há quinze meses, desde a derrota dos espanhóis e sua armada, ele vem notando a existência de um desejo de vingança cada vez maior; sua rede de informantes não para de falar nisso.

“Todo o mundo católico quer vê-la morta.”

“Bem, então cabe a nós garantir que os papistas não consigam isso.” Burghley bate com o dedo na lateral do nariz. “O rei Jaime não vai ocupar o trono dela tão cedo. Talvez nunca aconteça.

Afinal, ele não nasceu em território inglês. E existem outros...”

“Eu poderia mandar trazer Lady Rich para um interrogatório.” A ideia faz sua cabeça girar. “Essex deve estar por trás das cartas. Posso fazê-la expor seu envolvimento na história. É claro que apoiam Jaime como sucessor. Isso cheira a traição. Eles estão criando conexões.” Cecil começa a falar depressa, dominado pela empolgação.

“Claro que estão criando conexões; e vão dizer que é tudo em benefício da rainha da Inglaterra. Não se precipite. Eles podem ter dado a primeira cartada, mas o jogo vai ser longo. Não subestime Lady Rich. Você teve tempo de observá-la na corte; viu que sua beleza esconde uma grande inteligência. Não é uma pessoa fácil de manipular.”

“Mas eles estão nas nossas mãos.”

“Você está deixando que seus sentimentos falem mais alto. Não pense que se trata de uma vingança; só geraria destruição, e precisamos garantir que os Cecil sobrevivam — e prosperem. Você tem vinte e seis anos, já deveria saber disso.”

Cecil assente com a cabeça. Seu pai tem razão, sempre tem.

Burghley continua a falar, como se estivesse pensando em voz alta: “Nossa sobrevivência no longo prazo, assim como a deles, depende de apostar as fichas no nome certo para a sucessão: a reivindicação ao trono de Jaime da Escócia pode parecer a mais consistente, porém não é a melhor para *nós*”, ele explica, começando a contar os candidatos nos dedos. “Lord Beauchamp ou seu irmão; a menina dos Stuart; até mesmo a infanta espanhola. Todos têm suas razões para reivindicar o trono. E nunca se sabe: o próprio Essex pode querer entrar nesse jogo caso sua popularidade cresça ainda mais.”

“Duvido muito. Ele é um candidato muito improvável.”

“A Inglaterra adora um soldado, e Essex tem talentos marciais, muito carisma e um toque de sangue real. É uma mistura poderosa, meu filho.” Cecil sente uma forte pontada de inveja. “Pode ser improvável, mas não o subestime. A Inglaterra sempre há de querer alguém capaz de liderar seu Exército. Os espanhóis

podem ter sido humilhados, mas vão voltar à carga; todos sabem disso. A popularidade de Essex se deve à sua disposição de enfrentar o inimigo. O que permite que os ingleses durmam tranquilos à noite. Se pelo menos soubessem que é possível conquistar muito mais com inteligência e discrição do que com bravatas, lâminas e pólvora...” Burghley abre um sorriso e esfrega as mãos lentamente.

“Além disso, a guerra custa caro.” Se Cecil aprendeu alguma coisa ficando ao lado do pai e fazendo anotações nas reuniões do conselho, é que a rainha abomina a ideia de gastar dinheiro em qualquer coisa com resultado incerto.

“Observe e espere”, diz Burghley. “Você tem uma informação valiosa, mas por enquanto isso é tudo. Fique de olho na dama.” Cecil se lembra de quando foi enganado no carteadado certa vez por um trapaceiro que disse aquelas mesmas palavras: *fique de olho na dama*. Ele perdeu todos os botões de ouro do gibão. Foi uma bela lição. “Essex é jovem, tolo e ainda pode ser o causador de sua própria ruína e da de sua família.” Burghley faz uma pausa e esfrega a nuca. “A água é capaz de esburacar uma rocha, mas pela insistência, não pela força.”

A empolgação de Cecil começa a arrefecer, e um vazio toma conta dele. Independentemente do que fazia, nunca conseguia a aprovação de seu pai. Começava a ficar impaciente.

“Fiz de Leicester um rival”, continua Burghley. “Foi um dos meus maiores equívocos. Ah, como tentei arruiná-lo. Em determinada ocasião ele ficou muitíssimo perto de se casar com a rainha. Imagine; seria um rei. Quase perdi o juízo de tanto pensar em sua derrocada. Mas então entendi que a rainha jamais ia se casar com aquele homem. Quando isso ficou claro, minha animosidade com relação a ele se desfez. E em seguida Leicester sucumbiu a seus próprios desejos e se casou com aquela mulher.”

“A mãe de Essex.”

“Ela nunca vai ser perdoada por se casar com o favorito da rainha. Além disso”, ele prossegue, estendendo as mãos para

aquecê-las na lareira, “Leicester não está mais entre nós, o garoto assumiu seu lugar na corte. É melhor não fazer inimigos, pois nunca se sabe como as coisas podem terminar. Os Cecil são diplomatas, e esse é o nosso forte — a negociação pacífica, e não a guerra.” Ele faz uma pausa. “E, obviamente, tomar conhecimento de tudo o que acontece. É a postura que mais nos beneficia.”

“Ela trata Essex e a irmã dele como se fossem seus filhos.” Cecil não consegue esconder sua melancolia. Por que seu pai sempre o faz se sentir melancólico? Trata-se de uma grande ironia, pois ele é um homem temido, que precisou se esforçar muito para tal, mas aos olhos de Burghley sempre parece — ele procura a palavra certa para descrever como se sente — *inadequado*. Sim, inadequado é exatamente como se sente.

“Mas eles *não* são filhos dela.” Burghley sorri, os olhos remelentos iluminados pelas chamas. “À saúde dos Cecil”, ele repete, erguendo a taça e terminando de beber seu vinho doce.

Maio de 1590

Leicester House, Londres

Penelope consegue sentir as leves palpitações do bebê dentro da barriga. Um pássaro canta no alto de uma árvore; um tentilhão, ao que parece. Ela vê uma movimentação em meio às folhas, mas não consegue enxergá-lo. Fazendo uma prece silenciosa, deseja que o novo bebê seja outro menino, e pensa em seu primeiro filho, o pequeno Hoby, junto com as irmãs no quarto das crianças em Leighs, sentindo o costumeiro aperto no coração — sua mãe acha que ela as mima demais, mas é impossível evitar o transbordamento de amor materno. E o que Lettice diz é verdade, em especial no caso de Lucy. Talvez seja indulgente com a filha mais velha para compensar a rejeição inicial. O dr. Lopez estava certo quando dissera que com o tempo seu amor pela menina cresceria, mas ainda havia resquícios de culpa, mesmo oito anos depois. Se o próximo bebê for um menino, ela estará livre de seu compromisso com Rich e de suas obrigações no leito matrimonial. Penelope se pega pensando no acordo que fez com o marido, no momento de sua transformação de jovem em... em quê? Ela foi descrita como uma virago recentemente. A intenção era depreciativa, mas gostara do termo, com suas implicações heroicas. Jamais imaginara que Deus a faria esperar tanto tempo por mais um filho homem.

Ela ouve a conversa animada de sua mãe com seu irmão quando os dois se aproximam de braços dados, com Spero trotando logo atrás. Lettice deve ter chegado de Drayton Bassett na noite anterior, depois de Penelope se recolher. A criança em sua barriga está drenando todas as suas forças, e ultimamente ela não consegue ficar acordada por muito tempo depois do jantar, apesar de em geral ser a última a ir para a cama e a primeira a sugerir diversões noturnas.

Spero se enrosca em suas saias quando ela se levanta para

abraçar a mãe, desfrutando do conhecido perfume almiscarado que a transporta de volta à infância. Penelope se lembra de Lettice nessa época, mais linda do que nunca, com suas roupas mais finas para ir à corte, coberta de brilhantes e adornada com pérolas. Quando se inclinava para beijar a filha, as joias se projetavam para a frente com um leve tilintar, como a chuva batendo na janela, e a garota era envolvida pelo perfume. Isso quando Lettice ainda desfrutava do apreço da rainha. Como as coisas mudaram. A beleza radiante desapareceu quase por completo com a morte de seu amado Leicester. Penelope percebe uma expressão de preocupação no rosto da mãe, que está com a testa franzida.

“O que foi?”, ela pergunta.

“Seu irmão assumiu um compromisso com Frances Walsingham.”

“Ah, não”, Penelope retruca antes de pensar em como sua resposta poderia soar. “Quer dizer...” Seus pensamentos se voltam para três anos antes, quando ficou ao lado de Frances enquanto o cortejo do funeral de Sidney passava. Em seu leito de morte, ele pedira a Essex que tomasse conta da esposa, mas Penelope duvida que *essa* fosse sua intenção.

“Está me dizendo que não quer que eu me case com a viúva de Sidney?”, alfinetou Essex.

“Não, quer dizer, sim, em certo sentido. Você deve se casar com quem quiser, Robin, mas...” Ela era incapaz de odiar Frances, por mais que tentasse. Era uma menina doce e cordata demais para merecer um sentimento tão intenso. “Você consegue coisa melhor. Ela não é de família nobre.”

“Além disso, ele não tem a permissão da rainha”, acrescenta Lettice, franzindo os lábios. “Só Deus sabe o quanto esta família já sofreu por isso. Primeiro eu caí em desgraça, depois Dorothy, e agora isto. Quanto a mim... Eu...” Lettice bate no peito com a mão fechada. “Agora que Leicester se foi, a rainha está ameaçando tirar até esta casa de mim. Venho recebendo cartas sobre o assunto há alguns meses. Estou por um fio.”

“Por que não disse nada, mãe?”, questiona Penelope.

“Ah, não sei. Estou tão cansada de tudo isso.”

Penelope se repreende mentalmente por pensar apenas em si mesma: a perda da Leicester House significa que precisará usar a melancólica propriedade de seu marido em Smithfield quando estiver em Londres.

“Vou ver o que pode ser feito a esse respeito, mãe”, afirma Essex. “E não se preocupe com meu casamento; a rainha me considera um filho.” Só de ver a expressão no rosto da mãe, ele percebe o quanto suas palavras lhe são dolorosas.

“A rainha está nas suas mãos agora”, Lettice se apressa em rebater. “Imagine o poder que isso nos traz. Trocaria isso por uma plebeia?”

“Frances tem dinheiro e seu pai tem boas relações. É assim que se ganha poder — sabendo tudo o que acontece, para estar sempre um passo à frente de Cecil.”

Penelope sorri por dentro. É verdade — arrancar a rede de emissários de Walsingham das garras dos Cecil seria um belo triunfo.

“A rede, a rede”, diz Lettice, incapaz de esconder sua irritação. “Já contamos com gente bem posicionada.”

Penelope se pega pensando a respeito de sua recente correspondência com a corte escocesa e com as sutis linhas de informação que estabeleceu nos últimos tempos. “Mas é uma *boa* oportunidade. Conexões no continente podem ser úteis se quisermos ficar sempre a par das coisas.”

“Por acaso não aceitei um novo marido justamente por ele estar no centro da rede de espiões de Walsingham? Poderia ter desfrutado da viuvez por alguns anos em vez disso. Aproveitar um pouco a liberdade, em vez de emendar um terceiro marido...” A voz dela fica embargada.

Penelope sabe, como todo mundo, que sem um homem ao seu lado Lettice seria como um peixe fora d’água, mas é verdade que ela poderia conseguir alguém melhor que Sir Christopher, doze anos mais novo, sem dinheiro nem status.

“Nosso novo padrasto é um bom homem”, responde Penelope. A mãe olha feio para ela, como se a acusasse de tomar o partido errado na discussão. “Apesar daquela barba que parece um ninho de pombo”, a filha acrescenta, para dar um toque de humor à situação.

Essex não vai ceder. “Os tentáculos de Walsingham chegam longe, espalhando-se por toda a Europa. Se eu me casar com sua filha...”

“Seu tolo!”, esbraveja Lettice. “A rainha vai expulsá-lo da corte. Escreva o que estou dizendo. Não existe rede de contatos que compense a perda do favorecimento *dela*.”

“Você não faz ideia de como é ter que me esquivar daquela mulher o tempo todo, mãe” — Essex está quase gritando agora —, “com todo mundo especulando se já fui para a cama com ela ou não. Se pensa que sofreu uma humilhação nas mãos dela, imagine como é ter todos aqueles cortesãos bajuladores pensando que me deitei com a bruxa velha!” Ele está roxo de raiva. “Tenho minha dignidade.” Essex é incapaz de escutar alguém quando está com esse brilho febril nos olhos. Penelope sabe muito bem disso e se pergunta o que é pior: a efervescência enlouquecida ou o véu pesado de melancolia que se abateu sobre ele alguns meses antes. Com o irmão não existe meio-termo.

“Pare com isso!” Lettice dá um tapa no dorso da mão dele. “Se os criados ouvirem e saírem espalhando por aí que fala da rainha nesses termos, não vai ser só sua dignidade que vai estar perdida.”

“Ela perdoou Leicester por se casar com você. *Ele* voltou para o convívio dela em questão de meses.”

“Mas eu não! *Ainda* não voltei ao seu convívio. *Ainda* apontam para mim na rua como a vilã que desafiou a rainha.”

“Mas Frances Walsingham não tem sangue real. Um filho nosso não representaria nenhuma ameaça.”

“Nem um filho meu”, retruca Lettice. “São *vocês* que têm sangue real. Da família de seu pai, não da minha.”

“Não é bem assim, mãe. Todos sabemos de seu sangue de Tudor.”

“Ele vem de fora do casamento”, retruca Lettice, fechando a cara. “Não conta.”

Eles continuam a discutir como crianças teimosas. Penelope se sente grata por ter herdado o temperamento ameno do pai. Embora alguns digam que era um guerreiro implacável, ela nunca conheceu esse lado dele. Um bando de estorninhos esvoaça ao redor de um arbusto com suas penas iridescentes, piando e gralhando. Ela observa os movimentos repentinos das aves. O bebê se mexe outra vez, e Penelope renova sua oração silenciosa para que seja um menino.

“Penelope!” Essex cutuca seu braço. “Está dormindo? Fiz uma pergunta.”

“Desculpe, eu me distraí.” Ela passa a mão espalmada sobre a barriga.

“Alguma notícia da Escócia?”

“Ainda não recebi nenhuma resposta, apesar de ter mandado diversas cartas. Um escriba próximo insinuou que o rei não é contrário à nossa aliança, mas não está disposto a colocar isso por escrito.”

“Certamente a rainha não reagiria muito bem se descobrisse que seu primo escocês está conversando sobre sua sucessão”, argumentou Lettice. “Veja só o que aconteceu com a mãe dele.” Ela faz um gesto de pescoço cortado, acompanhado de uma careta. “O mais importante é que nossas intenções foram declaradas.”

“E que *eu* não fui presa por traição.” A resposta pode parecer exagerada, mas Penelope passou meses preocupada com o fato de que suas cartas poderiam cair em mãos erradas. Eles ficam em silêncio por um instante, durante o qual ela continua observando os estorninhos. Na verdade, está descobrindo que o risco lhe exerce uma atração obscura; existe algo no perigo que a faz se sentir mais viva. Talvez seja por isso que os homens sempre voltam ao campo de batalha, apesar dos horrores vividos

por lá, pensa.

“Vou me casar com Frances Walsingham, *sim*”, afirma Essex, retomando subitamente a discussão com a mãe. “*Eu* sou o chefe desta família, e minha vontade deve ser respeitada.”

“É melhor você aprender a domar sua arrogância antes que acabe se dando mal por isso. Consiga a permissão da rainha que eu abençoo seu casamento.”

“Ela está esperando um filho meu. O herdeiro de Essex.”

“Pelo amor de Deus.” Lettice passa o antebraço na testa. “Como se as coisas já não estivessem complicadas o suficiente.” Ela bufa antes de virar as costas e voltar para dentro da casa.

“Você é inacreditável, Robin”, comenta Penelope. “Tente ser mais gentil com nossa mãe.”

Ele sorri. É um sorriso irresistível, como o sol aparecendo em um dia nublado, o que faz com que Penelope lembre por que tantas mulheres se rendem ao charme do irmão — inclusive a rainha. Ela imagina quão temerário é para Frances Walsingham se casar com ele, pois tem quase certeza de que Essex tem um caso secreto com uma das damas da rainha.

“Ela está preocupada com as dívidas que Leicester deixou”, lembra Penelope.

“Eu sei, eu sei, tentei falar com a rainha sobre isso, mas...” Ele não termina a frase. Ambos têm clara ciência de que não se deve esperar nenhum favor de Elizabeth no que diz respeito a Lettice, embora grande parte das dívidas tenha sido contraída enquanto Leicester estava a serviço da rainha. “Pretendo comprar Wanstead dela.”

“É mesmo? E vai pagar como? Não quero que tire vantagem das dificuldades de nossa mãe.” Ela o encarou com firmeza.

“É isso que pensa de mim?”, ele pergunta com certa presunção. “A família vem sempre em primeiro lugar.”

“Acho que pode ser uma boa forma de manter Wanstead conosco.” Era a casa favorita de Penelope, um retiro tranquilo para sua mãe, cheio de lembranças boas, e um refúgio do seu marido. Se possível, ela gostaria de passar seus últimos dias na

casa.

“Se não for assim, ela vai perder a propriedade”, Essex argumenta.

“A rainha disse isso?” Penelope consegue até imaginar a cena, com Elizabeth fazendo Essex comer em sua mão.

“Ela acha que seria um bom lugar para receber visitantes estrangeiros.”

“Ah, é?” Penelope visualiza a si mesma percorrendo os cômodos bem iluminados de Wanstead. “Mas ainda assim você não tem como pagar.”

“A mão que tira é a mesma que dá”, Essex responde com mais um de seus sorrisos desconcertantes. Ela está contente por vê-lo animado, mas nunca deixa de procurar por sinais de melancolia.

Eles se levantam e caminham um pouco, parando na beira do rio. Ainda é dia e sopra uma brisa leve; é possível ouvir os gritos da multidão na arena de rinhas, e os trabalhadores de uma construção conversando na margem oposta. Ela olha para a água, permitindo que seus pensamentos corram soltos, e a imagem de Charles Blount lhe vem à mente. Isso vem acontecendo com cada vez mais frequência nos últimos tempos. Além de suas qualidades mais óbvias, ele demonstra uma firmeza e certa sabedoria tranquilizadora de quem pensa duas vezes antes de falar, que a faz se lembrar de Sidney. “Fico feliz que tenha aceitado meu conselho e feito amizade com Blount.”

“Eu estava errado sobre ele. É um bom sujeito.” Essex se vira para a irmã, observando seu rosto, e percebe um esboço de sorriso que ela não consegue disfarçar. “Você gosta dele.”

“Gosto de qualquer homem que tenha boas maneiras. Mas sou uma mulher casada — e com filhos.” Ela vira o rosto e se abaixa para lançar um graveto para Spero, mas acaba se distraindo com a lembrança de certa tarde em que Blount lhe fez uma visita. Eles conversaram sobre a importância da lealdade. “Existem ocasiões”, ele dissera com seu jeito sério de sempre, “em que a lealdade nos pede para trair nossos códigos de moralidade.” Isso a tocou, e fez com que percebesse a profundidade dele. O efeito

que vem causando sobre ela se converte inclusive em uma sensação física, uma espécie de nó nas entranhas, sobre o qual Penelope não tem nenhum controle. Trata-se de algo que só sentiu uma vez antes. Lembranças de uma versão mais jovem de si mesma lhe vêm à mente, e ela se recorda do quanto o fato de estar apaixonada ocupava sua cabeça naquela época, como se não existisse mais nada de importante no mundo. Como Penelope é agora diferente daquela menina imatura que se apaixonou por Sidney.

Setembro de 1590
Castelo de Windsor

Cecil ouve o som dos cavalos entrando no pátio e se dirige aos aposentos privativos, de onde é possível avistar os estábulos. Seus pensamentos estão agitados. Ele esperou um tempão para que a rainha voltasse da caçada antes de poder se juntar ao pai em Whitehall. A inquietação só cresce na França, onde o rei Henrique conseguiu se indispor com católicos e protestantes, o que significa que a Normandia está vulnerável aos avanços dos espanhóis. Há uma infinidade de assuntos urgentes que precisa discutir com Burghley. Cecil vinha ruminando maneiras de impedir que Essex convencesse a rainha a enviá-lo para o outro lado do Canal da Mancha no comando de um exército em auxílio à causa protestante. É impossível deixar de imaginar um retorno triunfal do conde, desfilando por Londres à frente de sua legião vitoriosa, com bandeiras hasteadas e multidões aplaudindo pelas ruas. Esse pensamento é mais do que incômodo.

Cecil ainda está à espera de sua nomeação como secretário de Estado. Embora exerça a função há mais de um ano, ainda é tratado como um escriba de luxo. Apesar da imagem de homem bem-sucedido, carrega dentro de si um senso de fracasso, que tem origem na decepção de seu pai, e é ressaltado por olhares atravessados e comentários depreciativos que parecem inofensivos, mas na verdade não são. Ele deseja muito impressionar o pai. Cecil detém o passo na porta dos aposentos privativos para ajeitar as roupas. O colarinho está bem engomado e arranha a pele do pescoço, mas a ideia de soltá-lo um pouco e deixá-lo frouxo é inadmissível. É possível ouvir as vozes das mulheres quando ele entra nos aposentos privativos e para nas sombras, permanecendo invisível. Existe algo de conspiratório no tom daquela conversa que o faz querer escutar.

“Está aparecendo”, diz uma das mulheres com um sussurro

urgente. “Você *precisa* arrumar uma maneira de se afastar da corte.”

“Ela não vai me deixar sumir de vista. Não ia acreditar nas mentiras que precisei contar para ser dispensada da caçada.” Cecil reconhece a voz de Frances Walsingham; a outra mulher é Lady Rich — seu modo direto de falar e seu tom melodioso são inconfundíveis.

Sua curiosidade se aguça, pois ele nunca havia notado uma amizade mais próxima entre as duas, e certamente nada que sugerisse que fossem confidentes.

“Diga que ainda está abalada pela morte de seu pai e que precisa de um período de luto solitário. Peça permissão para ir à casa de sua mãe”, sugere Lady Rich. “Ela não pode negar isso. É algo recente.”

“Mas seria uma mentira”, argumenta Frances. “Não posso usar a morte de meu pai para enganar alguém.”

“Pelo amor de Deus, casar-se em segredo não é uma mentira muito maior?”

Cecil sente os pelos de sua nuca se arrepiarem enquanto espera que a conversa prossiga e o assunto se revele por inteiro.

“Se ficar com sua mãe em Barn Elms, poderá ter o bebê em paz. Diremos que está sofrendo de algum tipo de oscilação de humor. Em algumas semanas poderá voltar para a corte, e a rainha não vai nem ficar sabendo.”

Mais uma vez, Cecil se pega invejando seu rival por contar com uma irmã tão formidável. Ele pensa na mulher com quem se casou um ano antes, uma união de conveniência com uma pessoa de boas relações que ocupa uma posição secundária em sua vida e que lhe trouxe o favorecimento do pai dela, Lord Cobham, garantindo-o como um aliado no conselho da rainha. Porém, a esposa é incapaz de esconder a repulsa por suas deformidades, embora goste dos artigos de luxo com que ele lhe presentearia. Cecil não se importa, contanto que ela lhe dê um filho; mesmo assim, gostaria muito de ter uma mulher como Lady Rich ao seu lado.

“Tenho medo”, diz Frances. A voz dela parece embargada, como se estivesse prestes a cair no choro. Cecil sente uma pontada de compaixão pela pobre garota — a rainha vai comê-la viva por causa do deslize. Ele se lembra do destino de Anne Vavasour muito tempo antes, quando engravidou de Oxford. Ambos acabaram na Torre, e Anne era muito mais ativa do que aquela criaturinha frágil.

“Não é hora de temer, Frances.” Mais uma vez, uma resposta racional, a especialidade de Lady Rich. Sua admiração cresce ainda mais. “Meu irmão está a caminho da glória, e isso não pode atrapalhá-lo.”

Então Essex é o pai! Cecil pensou que estava prestes a fisgar um peixe pequeno, mas na verdade era um tubarão. Essa era sua oportunidade de derrotar o adversário — Oxford continuava desprestigiado mesmo cinco anos depois de seu deslize com Vavasour. Mas o que Essex poderia ter visto naquela garota? Não haveria algo mais? Ele faz uma anotação mental para se certificar da lealdade de alguns de seus informantes, em especial os ligados ao pai de Frances. Desde a morte de Walsingham, sua rede de espiões se tornava cada vez menos confiável, com emissários sumindo do mapa.

“Senhoras”, Cecil diz, saindo das sombras. “Não pensei que fosse encontrar alguém aqui.”

Lady Rich se vira para ele com toda a calma e um meio sorriso no rosto. “Bom dia, Cecil. Não fomos à caçada. Quando sua querida esposa tiver um filho, vai compreender que demora mais ou menos um mês para a mulher poder voltar a montar.”

A beleza de Lady Rich sempre o surpreendia, como se a estivesse vendo pela primeira vez. Ela está sem touca, sem se incomodar com os cachos reluzentes caídos sobre os ombros; seu colarinho está desfeito, expondo o colo pálido e ondulante; no tecido escuro da saia são visíveis pelos brancos de cachorro. Suas mãos, perfeitas, parecem ter sido roubadas de uma estátua de mármore, e seus olhos escuros fixados nele expressam uma serenidade assustadora.

“Felicitações pelo nascimento do bebê, milady”, ele diz. “Um menino, não?” Cecil fica em dúvida se o comentário dela — *quando sua querida esposa tiver um filho* — é uma crítica velada ao fato de sua mulher ainda não ter engravidado. Ele já pensou em Lady Rich mais de uma vez no cumprimento de suas obrigações maritais. Cecil desvia o olhar para a pobre Frances, que, de forma bastante apropriada, com sua pele fina e transparente, seus olhos cinzentos e arredondados, parece uma ratinha assustada ao lado de sua acompanhante. Ela se remexe desconfortavelmente na cadeira e puxa várias vezes a barra do lenço, espalhando fiapos de tecido sobre o colo.

“Sim, um menino”, confirma Lady Rich, inclinando a cabeça de forma triunfante; “O nome dele é Henry.”

“Dois meninos; Lord Rich deve estar muito contente, depois de tanto tempo de espera.”

“Verdade”, ela responde, inclinando a cabeça vitoriosamente outra vez e ignorando o comentário sobre os anos que demorou para conceber uma dupla de garotos para o marido. “Quer beber uma cerveja conosco?” Ela bate no assento da cadeira ao seu lado. Cecil fica fascinado com aquela demonstração de frieza; ela não revela a menor preocupação com o fato de que a conversa que mantinha possa ter sido ouvida.

Ele se senta e se vira para Frances: “E você ficou para fazer companhia para Lady Rich?”

Ela arregala os olhos e tenta formular uma resposta.

“Frances não está se sentindo bem”, diz Lady Rich, servindo uma dose de cerveja e entregando um copo a ele. “Por que não vai se deitar? Pode usar meu quarto, que é mais reservado que o seu.”

“O que foi, minha cara?” O tratamento carinhoso soa claramente falso nos lábios de Cecil.

Lady Rich se vira para ele, sacudindo a cabeça de leve como quem diz “não a questione”, então conduz a garota até a porta, pondo a mão em sua testa como uma mãe faria enquanto sussurra algo. Quando Frances se levanta e seu vestido repuxa

um pouco, sua condição fica evidente. Lady Rich tem razão; ela não vai conseguir esconder por muito tempo. Ao notar a fragilidade da garota, ele se questiona a respeito de usar aquela informação preciosa — mas só por um instante. A notícia vai ser espalhada de qualquer forma; se não por ele, por outra pessoa.

Lady Rich volta a se sentar. “Eles já devem estar chegando. Ouvi dizer que a caçada terminou há um tempinho.”

“Sim.” Os pensamentos de Cecil estão voltados para o plano de Lady Rich de mandar a menina para a casa da mãe. Se alguém é capaz de conseguir isso é ela, e a noção de urgência toma conta dele.

O som de passos no cômodo anexo anuncia a chegada iminente da rainha. Ela entra de braço dado com Essex. Estão às gargalhadas, com a cabeça jogada para trás e a boca arreganhada. Mais ou menos uma dúzia de pessoas vem atrás, com Blount entre elas; Cecil nota que o homem troca olhares com Lady Rich e se pergunta o que isso significa, lembrando a si mesmo de tentar descobrir mais tarde. Ele pensou que Blount fosse um dos *seus*, já que o havia procurado alguns meses antes, ciente de que Essex não ia gostar da concorrência de um novato pela atenção da rainha. Mas agora não sabe de que lado está — não é do tipo que revela prontamente suas intenções.

Ainda estão todos em seus trajes de caça; as barras das saias da rainha estão enlameadas, algumas mechas de cabelos estão soltas, e ela leva o chapéu na mão da maneira como um soldado conduz seu escudo. Não aparenta os cinquenta e sete anos que tem e parece mais cheia de vida que qualquer um de seus acompanhantes, a não ser Essex, que demonstra ânimo e prepotência de sobra. Cecil se lembra do conselho que seu pai lhe deu alguns anos antes — “Nunca se aproxime dela com medo no coração. Você precisa amá-la e fazer tudo em virtude desse amor”. Isso se tornou um lema para ele, que não sente medo, apenas empolgação com o segredo que descobriu, especulando sobre os cinco anos que Essex vai passar no ostracismo.

“Ah, Pigmeu”, diz a rainha quando o avista. “Sabe por que Essex está tão feliz?”

Cecil detesta esse apelido, que o faz se sentir como um dos animais exóticos exibidos na corte, um objeto para o divertimento alheio, embora ironicamente muitos invejem a intimidade que implica. “Com certeza o conde está encantado com a proximidade que desfruta de Vossa Estimada Majestade.”

“Sua capacidade de bajulação é exemplar, Pigmeu, mas não é isso. Acho que você não vai aprovar, como seu querido pai. Concedi a Essex uma licença para importar vinhos doces.” Ela belisca a bochecha do outro como se fosse um filho querido.

Cecil pensou que a rainha tivesse mudado de ideia sobre os vinhos doces. O assunto não tinha sido mencionado durante meses. Essex está com a capa enrolada no corpo como uma toga, e Cecil sente o ódio na forma de um nó doloroso no estômago: ódio daqueles cachos abundantes, daquelas pernas compridas e esguias que o faziam se sentir atarracado e monstruoso, daquela forma física perfeita, como se seu lugar fosse em um pedestal. Ele se lembra de Essex quando menino em Theobalds; já era igualzinho e, apesar de não participar das brincadeiras cruéis dos outros garotos da casa — do ritual diário de humilhações —, tinha um ar de quem estava acima de tudo aquilo e só observava. E fazia algo ainda mais cruel — o ignorava completamente; era como se Cecil não existisse, apesar de ser o filho do dono da propriedade.

“Parabéns, milorde.” O sorriso de Cecil é tenso e fingido.

Lady Rich se aproxima para cumprimentá-los e ficam todos juntos, como se fosse uma reunião informal em família. Cecil lembra que a rainha roubou aquelas duas beldades da própria mãe e as tomou para si. Muitas vezes já se pegou pensando nisso desde que Penelope Devereux foi apresentada à corte, nove anos antes; era como se a rainha a tivesse transformado em uma joia para usar no dedo. Ele reconhece que se trata de um ato de vingança, por mais sutil que seja, destinado a atingir a mulher que roubou seu amor. Mas Cecil está certo de uma coisa que a

rainha jamais vai querer admitir: os Devereux são extremamente unidos e nunca vão virar as costas para a mãe.

“Os ganhos decorrentes hão de ser muitos, tenho certeza disso, milorde...” — o tom de voz de Cecil é leve, como se estivesse fazendo apenas um comentário educado, e ele sente um frenesi antes de concluir a frase — “... agora que é um homem casado.”

O rosto da rainha se contorce por um instante, perdendo a forma em um sinal de atordoamento, mas em uma fração de segundo se recompõe e se vira para seu favorito, cujo olhar furioso está voltado para Cecil.

“Talvez você deva se explicar, Essex”, ela diz, pronunciando cada sílaba de forma clara e articulada, como se estivesse tentando conter a raiva. “Cecil está enganado?” O cômodo inteiro fica em silêncio.

Lady Rich permanece impassível. “Acho melhor meu irmão se explicar em uma conversa em particular, Vossa Majestade.” Cecil fica impressionado com a coragem dela. Nunca tinha ouvido ninguém contrariar a rainha quando estava furiosa — talvez apenas seu pai, em uma ou outra ocasião.

“Sim”, responde a rainha, fazendo um sinal com a cabeça para seus guardas, que começam a retirar as pessoas do local.

“Peço licença para sair também”, diz Lady Rich a Cecil, fazendo uma mesura. “Isso é entre Sua Majestade e meu irmão.”

Bela manobra, pensa Cecil. Ela vai sair e salvar a ratinha, enviando-a para Barn Elms. É impossível evitar a admiração por Lady Rich, mas ele sabe que pode ser preciso sacrificá-la para derrubar seu irmão — e que ela será uma adversária e tanto. Cecil se vira para segui-la até a porta.

“Você não, Pigmeu. Venha se sentar aqui ao meu lado.” A rainha se encaminha para o trono almofadado sob o baldaquim, apontando para Cecil o assento mais próximo. Essex fica sozinho no centro do cômodo, com cara de culpado, esperando pelas ordens da rainha, parecendo mais um menino do que o jovem de vinte e quatro anos que é.

Cecil se senta ao lado da rainha, sentindo-se mais alto e imponente. Ela aponta um dedo comprido para o piso, e Essex se põe de joelhos.

“Diga, Pigmeu, quem é a noiva?”

Essex remexe nas próprias luvas.

“É Frances Walsingham, e ela está grávida.”

As narinas da rainha se alargam como se tivesse farejado algo podre.

“Aquele menina medrosa? Isso é verdade?” Ela estende um pé e cutuca Essex no centro do gibão, deixando uma marca de sujeira no tecido.

Ele ergue a cabeça e assente de leve; Cecil fica perplexo ao ver o brilho de uma lágrima no canto de seu olho esquerdo.

A rainha solta um suspiro, como uma babá faria diante da travessura de uma criança sob sua responsabilidade. Cecil está desconcertado — ele esperava testemunhar uma demonstração aberta de fúria e vê-lo implorar misericórdia, mas a expressão no rosto dela é de pura compaixão.

“Sabe o que isso significa?”

Essex assente outra vez.

“Você vai ter que ir embora. A menina também. De quanto tempo ela está?”

“Seis meses.”

Ela contorce a boca em uma linha reta e tensa. “Não quero nem *vê-la*. Trate de dizer que não é mais bem-vinda em minha presença... para todo o sempre. Quanto a você... bem, vamos ver. Entendido?”

Ainda era uma raiva contida demais para proporcionar alguma satisfação a Cecil.

Essex assente com a cabeça outra vez antes de murmurar com a voz embargada: “Por favor me diga que não perdi seu amor. Minha adoração é tão grande que não consigo nem expressá-la. Minha língua fica travada... Prefiro morrer...”

Ele é melhor ator que o próprio sr. Shakespeare, pensa Cecil.

A rainha não responde. Só diz baixinho: “Agora vá”.

Cecil não consegue acreditar que ela se deixou levar por aquele dramalhão exagerado e sente sua inveja borbulhar ainda mais, pois gostaria de ter o dom de se expressar daquela maneira. Tais palavras, porém, não combinariam com uma criatura deformada como ele.

Essex se levanta com a cabeça baixa e sai do recinto caminhando de costas. O triunfo de Cecil não foi dos maiores. Depois que a porta se fecha, a rainha esconde o rosto entre as mãos e fica imóvel por um tempo.

Quando ergue a cabeça, ela diz: “Pigmeu, faça a gentileza de me servir uma taça de vinho”. Quando ele se dirige à mesa, ela acrescenta: “Com água, do jeito que eu gosto. Você sabe como é, não?”

“Sim, senhora... com três partes de água.”

Ele entrega a taça; ela dá um gole pequeno e murmura: “De todas as garotas possíveis, meu belo menino foi escolher justamente aquela criaturinha sem graça”.

Em seguida a rainha se apruma no assento, jogando os ombros para trás. “Agora, Pigmeu, temos questões a tratar. A Inglaterra não vai se governar sozinha.”

É como se nada tivesse acontecido.

Novembro de 1590

Whitehall

Penelope está sentada ao lado de Cecil na comitiva da rainha, olhando para a arena de duelos e sentindo seu olhar enviesado sobre si. Ele dobra as pontas do lenço com cuidado antes de inseri-lo no colarinho, então espana a poeira invisível do gibão. Ela tem uma carta da Escócia escondida dentro do vestido e sente uma leve euforia com o fato de Cecil, que pensa saber tudo, não fazer a menor ideia disso. As arquibancadas estão lotadas. Doze mil pessoas, de várias localidades diferentes, pagaram ingresso para ver os melhores cavaleiros da Inglaterra se enfrentar. A cada ano o Duelo do Dia da Ascensão se torna mais grandioso; Penelope se recorda das outras vezes em que esteve sentada ali, ouvindo os tambores e as trombetas, os gritos da plateia, o tropel dos cavalos e os aplausos quando os cavaleiros entravam para se apresentar à rainha. Ela escuta o burburinho quando os presentes repetem os lemas dos combatentes, especulando a respeito de significados ocultos e de eventuais presentes de admiradoras usados sob as armaduras.

Não se falava de outra coisa havia semanas na Leicester House, onde seu irmão elaborava planos ainda mais absurdos para que seu desempenho fosse memorável. Havia sinais de que a rainha estava disposta a conceder seu perdão pelo casamento sem permissão; entre outras coisas, ela mandara avisar que esperava que ele participasse do duelo. Essex dissera que não ficaria no ostracismo por muito tempo e pelo jeito estava certo, mas o ressentimento da rainha com as mulheres dura muito mais. Penelope agora tem uma mãe, uma irmã e uma cunhada no exílio. Ela não deseja sequer cogitar sua própria derrocada, embora a possibilidade pareça sempre próxima. Basta um simples escorregão, uma palavra mal colocada, uma carta interceptada. Só de pensar ela estremece toda.

“Está com frio, milady?”, pergunta Cecil, quase a devorando

com os olhos.

A tentativa de seu irmão de reconquistar o favorecimento da rainha deixou a casa toda em polvorosa para os preparativos para o evento; versos e mais versos foram escritos, memorizados, aprimorados, reescritos e reaprendidos; o ferreiro preparou uma armadura nova; Essex passou horas no curral treinando sua nova égua preta. Lettice recrutou todas as mulheres da propriedade para costurar bandeiras e bordar emblemas no salão principal durante semanas a fio.

Um suspiro coletivo percorre a plateia quando um dos tios de Penelope, um membro da família Knollys, quase é derrubado da sela pelo próprio irmão. Ele sai trotando desconsolado, atirando a lança quebrada no chão — o que faz a plateia vaiar e chamá-lo de “mau perdedor” —, enquanto o outro desfilava triunfante, sob aplausos gerais.

“Há vários parentes seus duelando hoje, milady”, comenta Cecil. “Já contei quatro tios e um par de primos.”

“Meu irmão é o próximo.”

“Verdade.” A voz dele sai tensa.

“A rainha requisitou sua presença pessoalmente.” Ela faz questão de enfatizar a última palavra, ciente de que Cecil já deve saber, mas desfrutando do momento mesmo assim.

Ele muda de assunto de forma abrupta. “Sempre me lembro de Sidney nos duelos.”

“Acho que isso vale para todos.” Penelope se pergunta se Cecil está fazendo algum joguinho com ela, mencionando-o de forma deliberada para mostrar que sabe mais do que ela imagina. Sua reação, porém, se limita a um sorriso educado.

“Ninguém até hoje foi capaz de igualar as virtudes cavalheirescas de nosso poeta.”

Penelope se sente grata quando o entoar das trombetas e dos tambores silencia a plateia, pois não quer ter que conversar sobre Sidney justamente com Cecil. Ele habita as profundezas de seu ser, como um espectro. Gostaria de perguntar que interesse um homem como Cecil, dedicado à política e às negociações,

poderia ter nas virtudes cavalheirescas.

“Ah, veja, é meu irmão!”, ela comenta quando Essex entra todo imponente em uma charrete, como um imperador romano. A plateia explode em aplausos, gritando e batendo os pés, o que faz as arquibancadas tremerem. Sua nova armadura é escura e moldada de forma a ressaltar seus atributos físicos; a charrete é preta, os cavalos que a puxam são negros como carvão, com penas de avestruz sobre os arreios se elevando como nuvenzinhas de fumaça. Seus homens vêm logo atrás com emblemas negros nas cintas e as montarias paramentadas como se estivessem em um funeral. Wat está entre eles, e é seu primeiro duelo. Quando passa perto das arquibancadas, Penelope lhe joga um beijo; ele faz força para não sorrir e colocar em risco a postura de guerreiro que pretende exhibir. Ela sente seu coração disparar de orgulho ao ver seu irmãozinho, agora um jovem de dezenove anos e já comprometido, cavalgar diante da rainha. Penelope lhe ofereceu Dulcet para a ocasião, certa de que sua égua causaria uma boa impressão, não se assustaria facilmente nem lhe causaria problemas.

Essex se infla todo com os aplausos. Até mesmo o clima parece colaborar, e nuvens claras de outono surgem no céu. O som de uma única trombeta silencia a plateia, e ele se posta diante da rainha. Atrás, dois de seus homens estendem uma bandeira com a palavra DOLEO bordada. Penelope ajudara a confeccionar a peça.

“*Doleo*, lamentar. Ele está de luto por Sidney”, comenta alguém mais atrás.

“Como todos nós”, diz outra voz em resposta.

“Vocês estão errados”, retruca a rainha, virando para os que falam. “Essex está de luto por ter deixado de ser *meu favorito*.”

“Então vai continuar de luto”, Cecil murmura entredentes.

Penelope percebe que a rainha está se divertindo com a situação. Ela esconde um sorriso atrás do leque de penas, o que lhe dá ainda mais esperança de que o irmão possa voltar a frequentar os aposentos privativos em breve. De que adianta

continuar a procurar aliados em segredo se não houver nenhuma figura de destaque entre os Devereux para se beneficiar disso?

Essex faz uma medida profunda, retirando o elmo e balançando os cachos enquanto ajeita o corpo. Penelope pensa consigo mesma que, caso caia em desgraça com a rainha outra vez, pode arrumar uma ocupação no teatro. As tábuas das arquibancadas rangem quando a plateia se inclina para a frente para ouvir a recitação.

“Estamos todos felicíssimos com o ato de generosidade da rainha”, Penelope comenta baixinho com Cecil. Ela estava ansiosa por esse momento; sentou-se ao lado dele justamente para lhe dar a notícia.

“Generosidade?”, questiona Cecil. “Que generosidade?”

As pessoas ao redor pedem silêncio, irritadas.

“Você não sabe?”, ela cochicha, saboreando o momento e notando que ele começa a retorcer as mãos sobre o colo, como se tentasse tirar água delas.

“Sou todo ouvidos”, ele sussurra.

“A rainha não lhe contou que pretende conceder a ele a Leicester House?”

“Claro que eu sabia.”

Penelope seria capaz de apostar que Cecil está mentindo.

“Essex House é um belo nome, não acha? E vamos ser todos vizinhos. Sua casa em Londres fica nas redondezas, não?”

“Sim.” Ele cerra os dentes e as juntas de seus dedos ficam pálidas.

“Mas não à beira do rio, certo? É uma pena, porque a vista é belíssima.” Ela torce a faca agora, e não consegue parar.

“Foi uma sugestão minha que o conde ficasse com a Leicester House.” Cecil desvia os olhos para evitar encará-la.

“Para alguém tão conhecido por suas atividades de espionagem, você mente muito mal.” Penelope fala isso com um sorriso no rosto.

É raro que Cecil seja o último a saber de alguma coisa, e é

bem possível que a rainha tenha escondido a informação de propósito, para lhe ensinar uma lição. É o tipo de expediente que ela costuma usar para pôr seus súditos em seu devido lugar.

“Sugiro que repreenda seus informantes pelo deslize. Você não os paga para saber de tudo?” Penelope repara que as orelhas de Cecil ficam vermelhas.

“Sei mais do que imagina, milady.”

Ela franze os lábios para não rir. Ele está desconcertado, o que lhe dá uma satisfação ainda maior do que imaginava e que só aumenta quando a rainha fala sobre o “retorno do filho pródigo”. Nem em seus sonhos mais ousados Penelope imaginaria algo do tipo.

“O filho pródigo!”, repete alguém na fileira de trás. Cecil se vira com um olhar dos mais venenosos. A palavra é cochichada de orelha em orelha, até alguém na plateia se levantar, jogar o gorro para cima e gritar “O filho pródigo!”, provocando uma explosão de aplausos.

Cecil se levanta e, andando de lado como um caranguejo, começa a descer das arquibancadas, murmurando uma justificativa: “Tenho assuntos urgentes a tratar”.

Mas a rainha o chama. “Cecil, por que está saindo de fininho? Não quer ver Essex quebrar algumas lanças? Ora essa, trate de se sentar.” E então, virando-se para Penelope, ela comenta: “Seu irmão não é maravilhoso?”.

Cecil dá meia-volta e retoma seu lugar com ar derrotado, assistindo com desolação enquanto Essex destrói cada um de seus oponentes, lançando-se ao ataque como se fosse inatingível. Penelope fica aliviada por ele sair inteiro dos duelos. Uma última dupla de cavaleiros aparece na arena e ela sente seu coração disparar ao pôr os olhos em um deles, montado em um cavalo prateado, com a cabeça erguida e a armadura impecável, ostentando as cores azul e dourada.

“Sidney”, ela murmura, sentindo o tempo entrar em colapso e se transportando para o passado ao se lembrar do dia em que ele entrou na arena vestindo aquelas mesmas cores. Seu amado

usava o lema SPERAVI, para enfatizar suas esperanças arruinadas. O significado tinha gerado inúmeras especulações: seria uma menção à herança perdida; ao título de cavaleiro jamais concedido; à impossibilidade de obter o favorecimento da rainha? Apenas Penelope conhece a verdadeira mensagem daquele lema e sente um vazio no peito ao se lembrar dela.

“Poupe-me de mais uma homenagem”, diz Cecil, ainda exalando veneno.

Isso traz Penelope de volta ao presente. Os cavaleiros já deram a volta na arena e se posicionam diante da rainha. Sua visão está bloqueada, e ela não consegue ver quem usa as cores de seu amado. Porém, a bandeira que seus homens carregam está bem visível: DUM SPIRO, SPERO.

“Enquanto respiro, tenho esperança”, ela diz, só percebendo que está falando em voz alta depois que as palavras já saíram de sua boca.

“Se Blount pretende atrair algum tipo de favoritismo, é melhor ser mais sutil”, comenta Cecil. “Um tributo a Sidney. Não é exatamente original. Isso sempre foi incompreensível para mim, a popularidade exagerada dele. Mas a morte no campo de batalha é um belo floreio cavalheiresco, claro.”

Penelope precisa se segurar com todas as forças para não virar um tapa na cara dele. Ela respira fundo e concentra sua atenção na arena e nos aplausos da plateia. Enquanto isso, vai se dando conta, de forma lenta e doce, como o mel escorrendo por sua garganta, de que é tudo para ela. Muitas vezes, Penelope já tinha sido eleita a favorita de alguém, fazia parte do ritual. Mas agora era diferente, mais pessoal.

Seus pensamentos se voltam para algo ocorrido dois dias antes, um beijo que veio do nada. Aconteceu no corredor estreito que ligava a parte antiga da casa de seu irmão à nova. Ela se acostumara à presença de Blount no local, pois sua amizade com Essex estava florescendo, e ele sempre lhe fazia comentários elogiosos, o que Penelope imaginava que tivesse mais a ver com sua aliança política do que com algum desejo

pessoal. Inegavelmente, em certos momentos a sós, ela imaginou tal desejo pessoal — e até mesmo torceu para que existisse. Não havia como negar que Blount ocupava cada vez mais seus pensamentos, da maneira como qualquer homem atraente acaba se infiltrando nos pensamentos de uma mulher de tempos em tempos. Mas foi só naquele encontro no corredor apertado que tudo passou de imaginário a tangível.

O que se deu é difícil de explicar. Foi um momento de intimidade repentina — eles estavam a menos de um passo um do outro, ambos parados, trocando olhares de uma intensidade que mexeu com suas entranhas. Sem entender como, ela se viu nos braços dele, sentindo uma barba por fazer roçando seu queixo, com os lábios colados aos dele, explorando a boca dele com a língua, sentindo seu corpo se derreter. Foram interrompidos pelo capelão, e Blount se escondeu atrás de uma tapeçaria enquanto Penelope, ainda em chamas pela surpresa da troca de carícias, conseguiu segurar o riso e se agachar para fingir que estava procurando um pingente caído, que o chapelão ajudou a procurar, de quatro no chão.

Quando se viu sozinha com Blount outra vez, eles se beijaram de novo, mais lentamente.

“Estou com as pernas bambas”, ele falou.

“Por causa do perigo?”, ela sugeriu.

“Por causa de você.”

Penelope se sentia como uma planta que passara um bom tempo à míngua e de repente era regada e voltava a florescer e se abrir, ganhando cor.

Ela suspira e então se dá conta de onde está. Ajeita-se no assento e diz para Cecil com um sarcasmo fingido: “Blount, é? Não o reconheci. Está atrás de um título ou de um assento no conselho privado?”.

Cecil continua seu discurso furioso sobre cortesãos sem nada na cabeça que conseguem o favorecimento da rainha só por causa da boa aparência, mas Penelope não dá atenção, porque de repente se deu conta de sua situação, como se uma luz tivesse

sido jogada sobre ela, expondo todos os seus contornos. Enquanto observa Blount galopar na direção do oponente, é como se o tempo voltasse e ela estivesse vendo Sidney em seu capão acinzentado. Os dois se fundem de forma inseparável em sua mente e o entendimento surge: o destino lhe oferece uma segunda chance de ser feliz.

Quando os duelos terminam, ela se dirige aos estábulos. Seu irmão está lá, ainda de armadura, com Meyrick e um grupo de homens, dando gargalhadas e fazendo brindes animados enquanto passam um jarro de bebida entre si.

“Ah! Minha linda irmã”, ele diz. “O que a fez sair de sua torre de marfim?” Essex está empolgadíssimo, e o sentimento é contagioso.

“Vim lhe dar os parabéns por seu desempenho, Robin. Você foi encantador.”

“A rainha gostou, não é?”

Penelope se lembra do menino que ele foi um dia, sempre ansioso para obter aprovação.

“Sem dúvida nenhuma. Ficou muito contente.”

“Quer brindar conosco, milady?”, pergunta Meyrick, estendendo o jarro. Com seu físico imponente, tem a aparência de um brutamontes, mas, quando sorri, seu rosto se transforma. Ela se sente grata por seu irmão estar cercado de homens tão leais.

Todos a observam, imaginando que jamais vai beber no gargalo de um recipiente de barro no meio de um bando de homens rudes, mas Penelope pega o jarro. “A que vou beber? À morte da desgraça!”

“À morte da desgraça!” Os homens ecoam suas palavras em uníssono, e com as duas mãos ela leva o jarro à boca, dando um grande gole. Um grito de celebração se segue. A bebida queima sua garganta, fazendo-a engasgar, tossir e cair na risada.

“Mas o que é isso?”, Penelope pergunta depois de recobrar a compostura.

“Com certeza já bebeu coisa pior nos aposentos das damas”,

comenta Essex.

“E você sabe *muito bem* o que circula entre elas”, Penelope rebate, “já que passa tanto tempo em sua companhia.” Isso provoca novas gargalhadas.

Uma carroça se aproxima, carregando uma enorme pilha de animais abatidos. Estão cobertos com panos, mas o sangue escorre entre as tábuas, fazendo o veículo parecer a padiola de um carrasco.

“Para o banquete”, explica Meyrick. “Hoje vamos comer bem.”

“Isso se não exagerarem no veneno.” Penelope aponta para o jarro. “Ou vão acabar dormindo debaixo da mesa e acordando com uma tremenda dor de cabeça. Agora os senhores me deem licença.” Ela sorri e se vira para ir embora.

“Aonde vai? Os aposentos privativos são para o outro lado”, avisa Essex.

“Preciso pegar Spero. Eu o deixei com um dos cavaleiros.” A mentira sai com naturalidade de sua boca e passa despercebida.

Sua cabeça gira agradavelmente por causa da bebida. Penelope entra na ala oeste dos estábulos pelo pomar e se lembra de seu encontro com Sidney muito tempo antes — e daquele maldito furão —, no dia em que ficou sabendo de seu casamento. Foi depois de um duelo também, e ela repara na estranha simetria da vida, na maneira como os eventos se repetem, ainda que em padrões diferentes. Era primavera naquela ocasião, e as árvores estavam carregadas de frutas; agora o chão está coberto de maçãs passadas, que começam a exalar um cheiro de podre. Não é a mesma construção, e ela precisa exercitar a memória para lembrar que o antigo estábulo foi demolido e reconstruído uns cinco anos antes. Do lado de dentro, porém, o cheiro de esterco persiste e a transporta de volta àquele momento. *Quero vê-la de novo*, ele dissera. Ela era verde como uma fruta no pé — porém aquilo tinha mudado.

Um cavaleiro aparece.

“Pode me dizer onde encontro Sir Charles Blount?”, ela pergunta.

Quando o encontra, ele está de costas, escovando o cavalo. Penelope fica parada na porta, observando o movimento dos seus músculos e a maneira como seus cabelos enrolam quando chegam à nuca. Blount está assobiando, gesto que interrompe de tempos em tempos para murmurar algo para o cavalo, que reage pisoteando de leve os gravetos no chão.

“Isso não é trabalho para seu cavalariaço?”, ela pergunta por fim.

Ele se vira com os olhos arregalados de surpresa — e deleite, Penelope espera. Levando um dedo aos lábios, ela entra, abrindo a porta diante de si, solta os grampos da touca e deixa a peça cair no chão coberto de palha.

Penelope chega mais perto, tocando o tecido da camisa dele para arrancá-la por cima da cabeça e colar o rosto ao seu peito. Os dedos de Blount têm um cheiro terroso de salva. Penelope se vira para que ele desamarre seu vestido.

Suas grossas camadas de roupas vão caindo uma a uma até que não reste mais nada além de uma última camisa comprida. Eles exploram o terreno de seus corpos com as mãos, como dois cegos. Ela já imaginou muitas vezes tocar um homem daquela maneira, mas não está preparada para a intensidade da sensação, adocicada pelo pecado, que toma conta de seu corpo. Sua respiração se acelera e sincroniza com a dele. O tempo se torna mais lento, e o mundo lá fora desaparece.

Maio de 1591

Theobalds, Hertfordshire

Cecil está se sentindo um tolo com aquele manto de eremita; o tecido grosso é pesado demais para o calor do início do verão, e ainda se arrasta no chão. Apesar dos protestos de Cecil, Burghley insistiu para que usasse o traje. Cecil sabe que isso se deve à decepção de seu pai. A fantasia ridícula é parte do entretenimento que Burghley planejou para a visita da rainha — o humilde eremita em sua caverna, brincando com o fato de que Burghley está passando tempo demais longe da corte, entocado em Theobalds, motivo pelo qual ela constantemente reclama. A rainha riu — *de* Cecil, não com ele — quando o viu aparecer na entrada da gruta, recitando um poema e tropeçando nos versos.

“Ah, Pigmeu, você não está acostumado a se apresentar em público, não é mesmo?”, ela comenta, chorando de rir, como se tivesse assistido a uma das melhores comédias da trupe de Lord Strange. Só o que ele consegue pensar enquanto fazia um gesto de agradecimento é que Essex jamais desceria tão baixo a ponto de fazer o papel de um eremita, muito menos um cômico. “Venha comigo, me mostre o jardim de seu pai.”

Aquele era o plano: Cecil andaria pelos jardins com a rainha na esperança de que a cada elemento de horticultura que apresentasse fosse reafirmada sua lealdade e sua capacidade de assumir um cargo importante, um reconhecimento que ainda não havia conseguido. Ele detesta os joguinhos da corte. Param diante de um labirinto de arbustos floridos e o jardineiro explica que cada uma das nove flores representa uma das musas, apontando para uma efígie da rainha no centro, onde as plantas foram arranjadas sobre uma estrutura oculta de arame, criando uma estátua floral que parece um arbusto de verdade.

“Tudo isso para mim?”, diz a rainha, como se ninguém tivesse plantado uma única margarida para ela em toda a sua vida.

Cecil sente que pode desmaiar por causa do calor dentro da

fantasia. Apoiou a mão no tronco estreito de uma cerejeira para se equilibrar antes que voltem a caminhar. O jardineiro exibe com orgulho as diferentes espécies de rosas rubiginosas que crescem entre as árvores, apontando para os brotos reluzentes, alguns brancos, outros de um rosa-claro e outros bem avermelhados, quase escarlates. A rainha colhe uma com pétalas vermelhas nas pontas e brancas no meio.

“É uma rosa Tudor”, comenta, girando-a entre os dedos.

“Dizem que a raiz da rosa rubiginosa é tão profunda que até o calor escaldante da Espanha é incapaz de ressecá-la”, comenta Cecil, como seu pai lhe mandara.

“Você deve estar se referindo ao nosso grande triunfo sobre a armada espanhola.”

“Isso mesmo, Vossa Majestade.”

“Muito bom.” Ela sorri para ele e agradece ao jardineiro, que se afasta e os deixa caminhar a sós até o lago, onde uma frota de galeões em miniatura flutua na superfície da água.

“Vou mandar Essex para a Normandia”, avisa a rainha, arrancando distraidamente as pétalas da flor e deixando-as no chão.

Isso o irrita, pois parece uma demonstração de preferência: Essex reivindica o comando de um exército para ir à França há meses. Por outro lado, Cecil se pergunta se não seria bom tê-lo fora de circulação por um tempo. No entanto, com isso sua glória e sua popularidade vão crescer de forma inimaginável. Ele já é mais popular do que imaginava possível — é incalculável o amor que o povo sente por ele. A rainha finge que rejeita suas vontades, mas sempre acaba cedendo. Foi o que ela fez no caso dos vinhos doces, da Leicester House e agora da França. Essex implorou para ser enviado para lá; argumentou sobre a ameaça da Espanha católica a uma França dividida, em um discurso adornado com as habituais bajulações extravagantes.

“Sua grandiosa e gloriosa vitória sobre a armada, majestade”, Essex falou de joelhos como um suplicante, gesticulando, “transformou os espanhóis em um enxame de vespas furiosas.

Eles devem ser contidos, pois, se ganharem terreno na França, é apenas questão de tempo para que apareçam em nossa costa.” Ele prosseguiu, citando todas as histórias de horror que circulavam sobre uma eventual invasão espanhola e o que os inimigos fariam com as damas inglesas caso pusessem os pés em seu solo.

“Já mandei uma expedição para ajudar Henrique da França.”

“Mas os católicos estão ganhando terreno. Imploro para me deixar ir...”

Ela interrompeu a súplica do conde. “Não tenho condições de sustentar uma guerra na França. Minha resposta é não.”

Cecil estava lá, escutara pessoalmente, e não fora a única vez. A resposta de Essex foi se enfurnar em Wanstead até que ela mudasse de ideia. O que Cecil não compreendia era a eficácia desse comportamento infantil — com toda a birra e a picuinha — no caso de um homem adulto.

“Vai ser a primeira vez dele como comandante”, diz a rainha, parando ao lado de uma fileira de digitális, enquanto as abelhas entram e saem das flores arroxeadas.

Talvez ele acabe morrendo, pensa Cecil. Já sabia da notícia, por um menino na cozinha de Essex que vende informações por um xelim. A esposa do conde está grávida de novo — um xelim; Lady Rich continua com o tal Blount — dois xelins; Lord Rich sabe de tudo e não diz nada — três xelins; Essex mandou reunir homens e cavalos para ir à França — quatro xelins. Em pouco tempo o rapaz vai ter dinheiro suficiente para comprar para si um título de cavaleiro. Cecil começou a pensar que poderia estar inventando coisas e que talvez fosse necessário um teste para verificar sua honestidade, mas a rainha acaba de confirmar a última informação, e todas as demais de repente parecem plausíveis.

“Espero que nada de ruim aconteça com ele, Vossa Majestade. Sua esposa está com barriga de novo.”

“Não tente me fazer mudar de ideia, Pigmeu. Sei que Frances está grávida. Essex me contou.”

Ela vai andando na frente, chega até uma fonte de pedra junto ao muro e apanha um dos copos para enchê-lo. Do nada aparecem dois guardas. Um deles toma o copo da mão da rainha e dá um gole. Ficam todos à espera, como se o tempo estivesse suspenso, observando-o em busca de sinais de envenenamento. Cecil se sente grato por não ter sido exortado a realizar tal tarefa. É o tipo de coisa que Essex faria: pegaria o copo e beberia inteiro, lambendo os lábios, arrancando da rainha algo como: *Você abriria mão de sua vida por mim?* Por fim o guarda balança a cabeça e enche um novo copo antes de se afastar discretamente. Ela dá um gole. “Vinho? Que invenção.”

Cecil está tentando imaginar como Essex deu a notícia sobre a gravidez, já que não está na corte. Deve ter sido por meio de alguma carta que lhe passou batida. Seu garoto sedento por xelins não está fazendo o trabalho como deveria. Ele se lembra das palavras de seu pai: *A água é capaz de esburacar uma rocha, mas pela insistência, não pela força*, repetindo mentalmente a frase algumas vezes para se acalmar. Pensa em seu filho no berço em casa, seu tão aguardado filho, nascido depois de uma série de abortos que o fez ficar desgostoso com a mulher. O primogênito de Essex era um menino, e agora havia outro bebê a caminho. Tudo é muito fácil para ele. Às vezes Cecil se pergunta se não existe um demônio vivendo dentro de si, tão grande é seu ódio por esse homem. Ele escuta a voz de seu pai: *Não faça dele um inimigo*.

O pensamento deve ter transparecido em seu rosto, pois a rainha pergunta: “Está chateado, Pigmeu?”. Ela lhe entrega um copo, parecendo se divertir com a ideia de servir alguém. Cecil vira o copo para aplacar a sede, mas imediatamente se arrepende, pois o vinho é forte e faz sua cabeça girar um pouco. Ele leva a mão à testa para limpar o suor.

“Não, senhora, eu jamais ficaria chateado em sua presença.”

“Espero que não mesmo, porque se vai ser petulante posso mudar de ideia sobre sua indicação ao conselho privado.”

“Ao conselho privado, Vossa Majestade?” Ele sente um frio na

barriga.

“Já devia estar esperando por isso.”

“Nunca espero nada. Eu a sirvo apenas por amor.”

“Seu pai não está ficando mais jovem, e preciso de mentes aguçadas para me aconselhar. Cabeças jovens e pessoas de confiança. Não há ninguém no mundo em quem eu confie mais do que em seu pai, e espero que esteja à altura dele.”

Cecil se sente como uma gota d’água erodindo lentamente os obstáculos para o sucesso. Imagina-se dando a notícia a seu pai — observando a decepção dele desaparecer. Homem nenhum assumiu o posto tão jovem, aos vinte e oito anos — Cecil fizera uma pesquisa. “Sempre foi e sempre vai ser minha missão na vida servi-la, Vossa Majestade, assim como meu pai. Nós, os Cecil, temos orgulho de nossa lealdade à Coroa.”

“E sempre foram bem recompensados por isso.” Ela aponta para a imponência dos jardins e da casa à distância, com as janelas brilhando sob o sol.

“De fato, sua generosidade sempre foi prodigiosa.”

“Vai receber um título de cavaleiro, claro. Gosta da ideia de ser chamado de Sir Robert Cecil?”

“Vossa Majestade, não sei nem o que dizer.” Uma alegria irradia do peito de Cecil, fazendo com que se sinta alto e imponente. Ela abre um sorriso afetuoso e dá um tapinha no dorso de sua mão, um gesto afetuoso que o encoraja a se expressar. “Eu estava pensando, seria muita ousadia de minha parte fazer uma sugestão sobre a questão da França?”

“Vá em frente.” A expressão dela é de tolerância, como quem permite que seu bicho de estimação favorito se sente em seu colo.

“Poderíamos arriscar um contato para ver se os espanhóis estão abertos a algum tipo de acordo. Um tratado, por assim dizer.”

“Sei que você prefere a diplomacia à guerra, mas nesse caso acho que está errado. O que os espanhóis iam querer conosco? Eles me consideram uma herege indigna do trono. Vêm

mandando assassinos para nossas praias desde que sou capaz de me lembrar — você sabe disso, Cecil — e sofreram uma derrota acachapante apenas três anos atrás. Essex tem razão; são um enxame de vespas e estão mais dispostos a nos dar ferroadas do que a negociar. É fundamental para nossa segurança que Henrique se mantenha no controle da França. *Precisamos* dar uma demonstração de força.”

Eles caminham em silêncio. Cecil desvia seus pensamentos de Essex, voltando a imaginar como seu pai receberá a notícia de sua nomeação ao conselho privado, sentindo seu peito inflar de orgulho.

Outono de 1591
Wanstead, Essex

Penelope corre. Uma risada escapa de sua boca. Ela se detém na entrada do bosque, recostando-se a uma árvore para recuperar o fôlego, os ombros oscilando com força enquanto arranca feno das roupas. Quando fica absolutamente imóvel, ela consegue ouvir o som de alguma coisa viva se mexendo na vegetação rasteira e o farfalhar das folhas sob a brisa, compondo a música toda particular da natureza; um pica-pau martela um tronco mais acima, e ela olha para lá, seguindo o som, passando da copa da árvore para o céu mais acima, de um azul vívido como o de um mural pintado no teto. As folhas estão mudando de cor, e o ar frio do outono começa a dar as caras. Penelope se imagina se fundindo com aquela árvore, cravando fundo suas raízes na terra, com seus galhos se expandindo, atordoada com a própria pequenez.

Não tinha essa sensação de liberdade desde que era uma garotinha em Chartley, antes de seu pai morrer, quando tudo virou de cabeça para baixo. No entanto, um pensamento vem à tona em sua mente — a liberdade é uma ilusão; mesmo a árvore tem restrições, seu corpo de madeira é silencioso e imóvel, seus movimentos dependem de forças externas, até sua música tem origem no vento. Um cão marrom e branco se aproxima dela, arfando e pressionando o focinho úmido contra sua mão. É o velho cachorro de Leicester, que ainda perambula por Wanstead à procura do falecido dono. Quando Penelope se abaixa para acariciar o animal, ele se vira com uma expressão de lamento que a faz sentir uma infelicidade momentânea, dando-se conta de forma aguda da passagem do tempo e das pessoas. Faz mais de três anos que seu padrasto morreu, e mais de quinze que seu pai se foi. Uma lembrança súbita surge: seu trigésimo aniversário vai chegar em menos de dois anos. Ela apanha um dente-de-leão e sopra com força, então vê os fragmentos se

espalharem pelo ar e suas memórias flutuarem para um tempo de brincadeira com seus irmãos — Essex ignorando o perigo, Dorothy sempre leal e o pequeno Wat desesperado para acompanhá-los, embora novo demais para se juntar à brincadeira. Todos olhavam para ela em busca de orientação, para que lhes dissesse para parar antes que as coisas fossem longe demais.

Seus pensamentos são interrompidos por uma bola de feno que a atinge na lateral da cabeça. “Peguei você!”, grita Blount com uma gargalhada.

Ela se abaixa, junta o feno e o lança na direção dele, dizendo: “É guerra”. Os dois se engalfinham, enfiando fragmentos incômodos dentro das roupas do outro até ficarem sem fôlego de tanto rir e desabarem no chão.

“Lá se foi sua reputação de adepto da contemplação silenciosa”, ela comenta.

“Você é uma má influência.”

“Então me diga”, ela pede aos risos, “que não lhe traz felicidade ter uma má companhia de vez em quando.”

“Felicidade não me parece a palavra adequada.”

“Se Deus não quisesse que ficássemos felizes, não nos colocaria no caminho um do outro. Não me interessa se é certo ou errado.” Ela sente que deve se agarrar àquele amor com todas as forças, não importa o que aconteça, e tem vontade de fazer o tempo parar, de nunca abandonar esse momento perfeito, mas alguma coisa contrai suas entranhas, algo que precisa contar a ele, mas não sabe como.

“Você é perversa, Lady Rich”, ele provoca.

“Não me chame assim. Não quero me lembrar da existência dele.” Penelope lamenta sua situação e sente um medo repentino das consequências que virão caso a rainha descubra tudo, mas tenta não pensar nisso, apesar de em sua mente as paredes da Torre lhe parecerem cada vez mais próximas. “Não agora; prefiro fingir por mais um tempinho que sou livre.”

Ele a pega nos braços. “Eu sei, eu sei.”

Um papel farfalha dentro do gibão de Blount. “O que é isso?” Ela enfia a mão e saca uma folha dobrada, sentindo-se grata por ter algo para distraí-la de seus pensamentos sombrios. “Alguém anda lhe mandando cartas de amor?” É uma brincadeira. Nunca esteve tão certa do amor de um homem; com Sidney foi diferente, só soube quando era tarde demais.

“Escritos de Bacon... intrigantes.”

“Ele parece bem interessado em meu irmão.” Ela se recorda de Francis Bacon em Wanstead na primavera, quando da visita do embaixador francês. Era um rosto jovem sentado à mesa do jantar, gesticulando com as mãos elegantes como se tocasse harpa enquanto discorria sobre minúcias da política externa francesa com uma inteligência que superava, e muito, sua aparência de menino. O tempo todo ele lançava olhares para Essex. Penelope reconheceu a presença do desejo naquelas breves olhadas e se lamentou pelo juvenzinho. Se conhecia bem o irmão, sabia que arranjaría uma forma de manter Francis Bacon orbitando ao seu redor, assim como fazia com todos que se apaixonavam por ele, inclusive a rainha.

“Acho que ele pode ser um ótimo aliado para Essex — para nós —, mas é sobrinho de Burghley, então não sei se é totalmente confiável.”

“Ouvi dizer que tentou obter favorecimento através dele e não conseguiu nada”, Penelope diz. “É um tipo interessante. Tem razão, ele pode nos ser útil.”

“Burghley talvez tenha temido a concorrência para seu filho. Bacon tem uma mente muito mais aguçada que a de Cecil, e uma sutileza de pensamento maior.”

“Ele tem um irmão mais velho, Anthony”, Penelope comenta. “Ouvi dizer que é muito bom em obter informações.”

“Sim, mas sofre de gota e dizem que está quase inválido. Acha que é possível conseguir os dois com uma tacada só?”

“É o que vamos ver. Talvez eu faça um convite para visitarem a Essex House. Meu irmão está precisando de bons conselheiros.”

“Mesmo contando com você para orientá-lo?”

“Não seja tolo.” Ela lhe dá um cutucão. “Sou só a irmã dele. Mas sobre o que Francis Bacon escreveu?”

“Sobre a Igreja, principalmente. Ele acha que os puritanos são menos perigosos que os católicos.”

“Não sei se concordo com isso.” Penelope se lembra do período que passou na casa dos Huntingdon e da vida severa que levava lá, tão sem espaço para a alegria, tão desprovida de prazeres. Seu marido é assim também. “Os puritanos gostam de reprimir tudo o que há de bom na vida em nome de Deus. Trata-se de uma característica cruel em uma religião.”

“Mas em termos políticos...”

“Não estou falando em termos políticos”, ela rebate.

“Para variar um pouco.”

Penelope o encara, perdendo-se nas profundezas dos seus olhos. Seus pensamentos se desviam do marido puritano e ela muda de assunto. “Fiquei muito feliz que a rainha tenha proibido você de ir à França.”

Os dois roçam os lábios de leve em um beijo suave como o de uma borboleta. “Não quer que eu seja coberto de glórias?” Ele sorri.

“Não exatamente... pelo menos não agora. Prefiro tê-lo aqui a vê-lo partir para batalhas na Normandia.” Isso a faz pensar na antiga perda, e por um momento ela se permite imaginar que aquele beijo suave é de Sidney.

“Infelizmente as coisas não estão saindo de acordo com os planos de seu irmão por lá.”

“Ficou sabendo de alguma coisa?” Ela ficou tão envolvida pela presença de Blount que se esqueceu de perguntar se trazia notícias.

“Henrique bateu em retirada em Rouen e o deixou na mão, com os católicos fungando em seu cangote e suas fileiras em polvorosa.”

“E a rainha está furiosa, imagino.” Penelope solta um suspiro, desejando poder aconselhar seu irmão naquele momento.

“Pôs a culpa nele, apesar de não ser o caso.”

“Pobre Robin. Se pudesse daria eu mesma um jeito nesse Henrique...”

Eles ficam em silêncio por um tempo, e ela pensa em seu irmão e em sua malfadada campanha em busca da glória, imaginando que Cecil deve estar se deleitando com o fracasso dele. Penelope sabe que o conselheiro detesta Essex. Mas tem outras preocupações, que ainda não conseguiu articular.

Ela se senta, olhando para a vegetação rasteira ao redor, e se prepara respirando fundo. “Acho que em breve vou ter que me confinar de novo.” Ainda sem encará-lo, espera pela reação de Blount.

“Um bebê?” Ele também se senta, em um movimento abrupto. “Meu?”

“Claro que sim.” Penelope vira a cabeça para ele.

“Minha querida.” Penelope leva a mão espalmada à sua barriga. “Um bebê. Nosso bebê.” O olhar no rosto dele é de deslumbramento, uma expressão bem diferente do aceno de cabeça seco que Rich lhe deu quando contou que estava grávida pela primeira vez.

“Nosso bastardo”, ela comenta, amarga, e uma lembrança surge em sua mente, a de Anne Vavasour dando à luz nos aposentos das damas e desaparecendo das vistas e das conversas para sempre.

“Não diga isso. Essa criança é fruto de um amor verdadeiro.”

“Então você não vai querer se manter nas graças da rainha e me mandar de volta para a cama de Rich, humilhada?” É impossível para ela disfarçar o pessimismo na voz.

“Se acha isso, então não me conhece nem um pouco.” É a vez de Blount parecer amargurado. Ele se levanta e começa a caminhar na direção da casa.

“Então não vai me deixar?” Penelope fica de pé e o segue com passos inseguros.

Blount para e se vira para ela, então segura suas mãos. “Para mim você vem em primeiro lugar. Está acima de tudo neste

mundo.”

“Até de Deus?”

“Eu disse ‘neste mundo’. Deus é do outro.”

A euforia que ela sente não supera a gravidade da situação. “A rainha vai querer se livrar de mim. Veja o que aconteceu com Dorothy, Frances, minha mãe, a pobre Anne Vavasour... e muitas outras.” Ela sente que está mergulhando em uma espiral de desesperança, mas pensa consigo mesma: *A razão vem antes da emoção, Penelope, a razão vem antes da emoção.*

“Anne Vavasour era uma das damas da rainha e foi deflorada por Oxford. Frances Walsingham era uma jovem viúva. Sua irmã... É uma situação muito diferente, você é uma mulher casada. Se formos discretos... Não somos dois tolos se arriscando em um casamento sem permissão.” Ele parece pensar em voz alta, especulando diferentes possibilidades.

“As pessoas vão achar que o bebê é do meu marido”, Penelope argumenta, “mas Rich não vai aceitar.”

Blount parece ficar tenso e abre a boca para falar, mas, mudando de ideia, vira o rosto e olha para longe. “É possível... Rich pode pensar que...”

“Que o bebê é dele?” Ela entende o que isso implica. “Não... Ele manteve o trato. Não temos mais intimidade.”

Ele a segura com firmeza pelos ombros e a tensão se desfaz, substituída pela preocupação. “O que acha que ele vai fazer? Exigir o divórcio?”

“Não”, ela responde, mais uma vez senhora de suas emoções. “Pode não gostar da ideia de ser traído, mas está totalmente empenhado na aliança com meu irmão. Não é ninguém sem Essex, e ele vai considerá-lo um inimigo se me difamar em público. Isso está bem claro.” Ela para e olha para cima, inspirando fundo o ar gelado e lembrando que, se conseguir segurar a língua do marido e manter as fofocas sob controle, pode se salvar da ira da rainha. “Essex conhece um segredo que pode arruinar a reputação dele, caso venha à tona.”

“O que é?” A curiosidade de Blount é palpável.

“Não posso contar.” Ela passa os braços em torno do corpo, estremecendo.

“Você está com frio. A lareira já deve estar acesa dentro da casa.”

Ele não insiste no assunto, um motivo para amá-lo ainda mais.

Eles voltam de mãos dadas e em silêncio, mas então Blount diz: “Nunca vou abandoná-la. Minha vida não tem sentido sem você”.

“Mas um dia você vai querer ter uma mulher e filhos que possa reconhecer...” As palavras ficam presas em sua garganta, dolorosas como comida engolida ainda quente demais.

“Não. É só você que quero.” O tom de voz e a expressão no rosto dele têm uma seriedade que a faz preferir ignorar o fato de que todo homem deseja um herdeiro. Penelope apoia a cabeça no ombro de Blount, sem responder, aproveitando o momento para desfrutar daquele amor sem pensar no fato de que vai ter que voltar a Leighs e encarar seu marido.

Antes mesmo de chegar à casa, ela vê pela janela o brilho benfazejo do fogo aceso na lareira. “Adoro este lugar. Mais do que em qualquer outro local, sinto-me em casa aqui.” É impossível para ela deixar de contar as horas que ainda têm juntos antes que a vida estrague sua felicidade.

“É nosso paraíso.”

“Paraíso, não”, ela rebate. “Isso implica que vamos perdê-lo por conta de um pecado meu.”

“Você não é Eva.”

“Não é o que dizem certas pessoas.”

Quando chegam aos degraus da entrada, ouvem um cavalo batucando o chão do pátio; o condutor salta da cela e entrega as rédeas a um dos rapazes do estábulo.

“Quem sabe que estamos aqui?”, pergunta Blount.

“Só os criados, que são de confiança. E meu irmão.” Ela ergue a mão para prender os cabelos dentro da touca e encontra um pedaço de feno, então se pergunta se sua aparência parece tão

desalinhada quanto imagina.

“Trago notícias do conde de Essex, milady”, diz o mensageiro, entregando uma carta.

“Notícias da guerra na França”, ela diz, como se estivesse pensando em voz alta. Penelope pega a carta e sente um nó na garganta de preocupação, imaginando que só pode ser uma notícia ruim. Leva a mão à bolsa, então percebe que está sem ela. “Você tem uma moeda?”, pergunta a Blount, torcendo para que o homem não espalhe a notícia de que Lady Rich está sem o marido em Wanstead, com feno no cabelo e acompanhada de outro cavalheiro.

Blount dá duas moedas ao mensageiro e assume o controle da situação, sugerindo que ele vá até a cozinha para comer alguma coisa e perguntando se precisa de uma cama para passar a noite.

Penelope olha para a carta e, aliviada, reconhece a caligrafia de seu irmão, o que a faz pensar que pelo menos ainda tem firmeza suficiente na mão para escrever. Ela calcula mentalmente o tempo que levaria para uma correspondência chegar da Normandia. Sobe os degraus e vai até a biblioteca, mas não há velas acesas por lá e a noite chega de repente, como uma visita indesejada. Tateia até encontrar uma vela, que leva à chama acesa na lareira. Sentada à escrivaninha do irmão, acende o candelabro e espera um instante para criar coragem, passando o dedo pela cera do conhecidíssimo selo da família Devereux. Nesse momento ouve Blount entrar em silêncio, sem intenção de pressioná-la. Penelope escuta o cão andando em círculos por um momento antes de se acomodar diante do fogo. Por fim, reúne forças para romper o selo e desdobra o papel. Incapaz de apreender o sentido das palavras a princípio, é obrigada a reler a carta. As lágrimas começam a se acumular, como se suas entranhas estivessem sendo retorcidas.

“Wat morreu, levou um tiro na cabeça. Ele não sofreu, foi muito rápido.” Sentada de costas para Blount com uma postura desolada, Penelope se lembra da briga que testemunhou entre Lettice e Essex sobre a presença do caçula na campanha na

França. É um pensamento insuportável, e ela começa a soluçar de tristeza.

Blount a põe de pé como se fosse uma boneca e a abraça com força, murmurando: “Lamento muito, muito mesmo. Lamento demais. Sei o quanto amava seu irmão mais novo”.

“Eu o embalava no colo quando era bebê. Cuidei dele quando teve sarampo.”

Levou alguns minutos para que seu choro parasse.

“O pobre Robin está em uma situação desesperadora por lá. Perdido, devastado pela tristeza. Veja. Leia você mesmo.” Ela entrega a carta amassada e molhada de lágrimas a Blount. Teme que seu irmão tenha sido tragado por mais um acesso de melancolia.

Blount passa os olhos pelo texto. “Ele não está raciocinando direito. Vou pedir à rainha que o chame de volta.”

“Não.” Ela põe a mão com firmeza sobre o braço dele, tentando se recompor. “Seria pior para ele voltar de mãos vazias. Conheço Robin, precisa saber que a morte de Wat não foi em vão. Pelo menos se ficar por lá tem a chance de conseguir extrair algo de bom da situação.”

Eles se sentam e ficam olhando para o fogo por um tempo. Penelope se pega pensando, como acontece muitas vezes, no primeiro alvo que acertou em uma caçada, na primeira vez que derramou sangue. Foi no bosque de Kenilworth, e todo mundo a parabenizou pela boa pontaria, pelo reflexo rápido, pela destreza com o arco com tão pouca idade. Ela só conseguia pensar na criatura magnífica que tombara por causa de uma ação sua, na destruição de algo belo.

Janeiro de 1592
Whitehall

“Parabéns pela nomeação ao conselho privado”, diz Essex, com um sorriso no rosto e um tom de voz suave, sem demonstrar nem um pouco da inveja que na certa está sentindo pelo sucesso do rival. Os cabelos cacheados e escuros caem no seu rosto, e por algum efeito de luz seus olhos cheios de intensidade parecem lançar uma espécie de feitiço. O jeito infantil não é mais perceptível. Partiu para a França como um jovem e voltou como um homem. Cecil o observou enquanto atravessava a longa galeria e notou o efeito que provocou nos cortesãos, que lhe abriam passagem como capim alto ao vento, fazendo medidas e sussurrando às suas costas. Ele tem uma presença magnífica, que faz com que o conselheiro se sinta minúsculo em comparação — apesar de seu cargo, apesar de sua influência, apesar de seu claro favorecimento por parte da rainha. Como Essex pode voltar de uma campanha como aquela na França — que, se não foi desastrosa, foi no mínimo fracassada — cheio de pose, como se fosse um herói, um general romano?

“Sim.” Cecil força um sorriso e encara aqueles olhos reluzentes. “É uma grande honra.” Sob a fachada de tranquilidade, ele está furioso por não ter podido dar a notícia de seu favorecimento pela rainha. Adoraria ter visto a reação de Essex, o momento fugidio em que sua decepção se revelasse evidente. Mas alguém lhe roubara esse momento, e o rosto do conde agora é uma máscara indecifrável. Cecil se pergunta quem pode ter contado. Lady Rich, ele supõe, imaginando que tivesse aconselhado o irmão a esconder suas emoções. Alguém deve tê-lo instruído, pois se trata de um homem mais do que inclinado a gestos impulsivos.

Cecil consegue até imaginar a voz melodiosa dela: *Não deve nem piscar, irmão. Sorria, mas não muito, e dê a entender que tem coisas mais importantes com que se ocupar.* Pensar em Lady Rich o

inquieta. Ela deixou a corte para dar à luz. Seu informante contou que está hospedada na casa do irmão, não do marido. Rich ou não sabe de nada ou não diz nada, pois Cecil desconfia seriamente que o bebê seja de Blount, embora não tenha nenhuma prova. Ah, como ele gostaria de ter, mas as mulheres que a cercam são de uma lealdade ferrenha. E o que ele faria com tal informação, se a rainha parece acreditar que ela, como o irmão, é incapaz de cometer erros?

Essex tem uma multidão de aliados ao seu redor, incluindo o jovem conde de Southampton, que está todo paramentado e enrola distraidamente uma mecha de cabelo com o dedo. Francis Bacon também está ali, segurando um livro de registros com sua mão delicada como a de uma menina. “Vejo que conseguiu uma ocupação, primo”, Cecil lhe diz, reconhecendo para si mesmo que seu pai julgou mal a utilidade de Bacon quando lhe negou uma posição, de modo que agora a mente arguta está entregue a Essex. Anthony, o outro irmão, também é aliado do conde. A preocupação de Cecil é inegável: ele pode estar quase inválido, mas foi uma engrenagem fundamental na máquina de espionagem que Walsingham espalhou pela Europa e tem muitas informações a fornecer a partir de seus contatos no continente. Apesar de ter ganhado espaço com sua nomeação, Cecil se sente de novo em desvantagem.

Essex vem à carga depois de seu comentário para Bacon: “Pena que Sua Majestade não o nomeou secretário de Estado, pois ao que parece você exerce o posto sem o devido reconhecimento. O cargo já está vago há um bom tempo. Quando foi que Walsingham faleceu?”.

Cecil nem se dá ao trabalho de responder; todos sabem que faz quase dois anos. Não sabe se é uma alfinetada ou um comentário casual. Essex se volta para Bacon e Southampton. Dá o que parece ser uma piscadinha para os dois. Southampton leva a mão à boca e tosse para disfarçar o riso.

“O posto no conselho privado já me basta. Só quero servir minha rainha e meu país da melhor forma possível.” Cecil

gostaria de ter uma resposta mais sagaz e bem-humorada, mas não é dado a malabarismos verbais.

“Tenho que ir. Não quero deixar Sua Majestade esperando. Você vem conosco, Pig...” Essex se interrompe antes de pronunciar o apelido. Ninguém além da rainha o chama de Pigmeu. “Vem conosco, conselheiro?”

Cecil fica curioso para saber se existe algo por trás do convite. “Com prazer!” Ele quer testemunhar a cena, quer ver o que acontece quando lembrar à rainha que Essex nomeou como cavaleiros nada menos que vinte e quatro de seus capitães. Ela não gosta de distribuir honrarias com tanto desprendimento. Quando chegou o despacho avisando sobre as nomeações, perdeu a cabeça na reunião do conselho e lançou longe sua caixa de maquiagem. Ele se junta à comitiva do conde, entrando nos aposentos privativos ciente de que Bacon o observa.

Cecil olha ao redor do recinto: a rainha está sentada no trono e conversa baixinho com Lopez, seu médico. É um dos poucos em quem ela confia, e o trata de maneira informal e tranquila, como uma mulher comum conversando com um amigo de longa data. Raleigh está do outro lado do cômodo, iluminado pelo sol frio de inverno que entra pela janela e encarando Essex com um sorriso de desdém. É um homem que gostaria de ver o conde em maus lençóis, pensa Cecil, por ter lhe roubado o afeto da rainha. Sua mente começa a elaborar um plano com Raleigh para compensar a perda dos irmãos Bacon. Ele é um homem influente — isso é bom —, mas também é imprevisível, e circula um boato de que se casou em segredo com uma das damas de companhia, a qual está sentada aos pés de Elizabeth costurando, como se nada estivesse acontecendo. Os dois correm o risco de acabar na Torre antes do que imaginam.

Cecil esquadrinha o recinto à procura de outros segredos enquanto Essex, com uma postura das mais abusadas, se aproxima da rainha, segura sua mão e começa a beijá-la. Todos ficam em silêncio, à espera da reação dela. No entanto, o rosto de Elizabeth revela apenas deleite com a demonstração de afeto

por parte do conde.

“Meu menino querido”, ela diz. “Que bom tê-lo de volta. Não merecia ficar a mando daquele corvo francês indigno. Não é bom tê-lo de volta, Pigmeu?”

“Uma satisfação indescritível, Vossa Majestade.” Cecil fica com medo de ter exagerado na resposta, pois a rainha solta um suspiro e revira os olhos de leve.

O dr. Lopez dá um passo para o lado e começa a produzir uma espécie de tônico. Cecil percebe que uma das damas olha para Essex com uma expressão indisfarçável de desejo. Ela foi mais uma das conquistas do conde antes de partir para a França, se seus informantes estiverem corretos. A menina engordou e hoje tem uma aparência nada notável, o que faz o conselheiro se perguntar se não estaria esperando um bastardo. Sem dúvida nenhuma, as acompanhantes da rainha estão ganhando fama de mulheres de pouca moral. A mente de Cecil tenta conciliar todos os fragmentos de informações que tem disponível, formando um panorama mais abrangente dos fatos.

“Agora me diga, Essex, o que conseguiu descobrir no exterior que pode ser útil aqui na Inglaterra?”

Cecil observa a conversa dos dois. Essex fala da ameaça representada pela Espanha, de suas cidades costeiras bem fortificadas, do número de embarcações de sua frota, dos católicos ingleses exilados que podem estar tramando um atentado contra a vida da rainha. As informações devem vir da rede continental de espionagem de Anthony Bacon. Cecil repara que Francis assente e faz anotações em seu livro de registros. O assunto passa a ser a Irlanda, onde Essex teme que os espanhóis possam buscar refúgio. Raleigh bate o pé com impaciência enquanto ouve.

“Os irlandeses são um problema?”, a rainha pergunta a Cecil, pegando o tônico da mão do dr. Lopez, cheirando-o e depois bebendo com uma careta. “O que pôs aqui, Lopez? É horrível!” Ela sorri para o médico, segurando sua mão. “Mas sei que só quer preservar minha saúde.”

“É verdade, Vossa Majestade”, responde o médico.

Cecil se lembra de algo sobre o médico português. Certa vez ouviu dizer que Lopez tem contatos importantes na corte espanhola, descobertos e explorados por Walsingham. Não está certo disso — não consegue acreditar que aquele homem idoso e bonachão seja um espião —, mas a desconfiança se instala, e ele faz uma anotação mental para esclarecer o assunto antes que os aliados de Essex possam pôr as garras em Lopez e se beneficiar de suas conexões com a Espanha.

Voltando a se concentrar na conversa, Cecil diz: “Acho que a Irlanda é um caso preocupante, mas não vejo nenhuma evidência de que os espanhóis estejam buscando uma aliança com Tyrone”.

“Essex?” A rainha se volta de novo para o conde.

“Se atacarmos a frota espanhola no porto de Cádiz, podemos eliminar todos os riscos potenciais.”

“Acho que isso seria um pouco prematuro.” Ela faz um gesto na direção do conde, como se estivesse dispensando um menino impertinente. “O que seu pai acha, Pígeu?” A rainha se vira para Cecil, cuja confiança começa a crescer.

“Ele acredita que devemos acompanhar a situação com cautela.”

“Burghley sempre está certo nesses assuntos.”

“Sim, meu pai tem uma sabedoria que se adquire apenas com a idade.”

“Observe e espere, observe e espere”, diz a rainha, repetindo as palavras que Burghley usa com tanta frequência.

Um silêncio se instala, então Cecil volta a falar: “Sua Majestade ficou interessada em saber o motivo das nomeações de cavaleiros feitas na França, milorde”.

“Aqueles homens lutaram com bravura”, responde Essex. Enfim ele está na defensiva, pensa Cecil. “São merecedores do reconhecimento.”

A dama está vidrada em Essex; Cecil gostaria de poder dar uma boa lição na tola menina.

“E você decidiu nomear todos cavaleiros apesar de minha recomendação expressa para ser econômico nas honrarias.” A rainha encara seu favorito, que parece acuado e perde um pouco da pose. Cecil sente uma pontada de satisfação no peito.

“Peço perdão por minha audácia, Vossa Majestade.” Essex se vira para a rainha com seus olhos infernalmente belos. Cecil torce para que o conde retruque e tente justificar suas atitudes, uma forma garantida de despertar a ira da rainha. Porém ele se cala e baixa a cabeça, obediente.

Em vez da explosão de raiva que o conselheiro esperava, a rainha só solta um suspiro teatral e diz: “O que eu faço com você, Essex?”.

“Se quiser me punir, Vossa Majestade, só peço para que não me prive de sua graciosa presença, pois isso não conseguiria suportar. Seria como expulsar o sol que ilumina meu mundo. Prefiro morrer.”

Cecil olha na direção da janela e vê Raleigh; a julgar pela expressão em seu rosto, está pensando a mesma coisa. Talvez a rainha enfim interrompa a bajulação barata do conde com uma ou outra palavra áspera.

Mas ela apenas abre um sorriso e diz: “Não, Essex, não vou bani-lo. Você é a flor mais bonita de meu jardim. Não gostaria de vê-lo murchar”.

Quando a rainha os dispensa, Cecil fica com a sensação de que um gatuno lhe passou a perna, deixando-o de bolsos vazios. Ele faz uma medida e se prepara para sair, mas Elizabeth ordena que fique e avisa que deseja dar “uma palavra em particular”. Ela expulsa as garotas que estão aos seus pés e faz um gesto para que Cecil ocupe seu lugar.

“Pigmeu, sua inveja está evidente demais. Isso não é digno de sua posição.”

“Vossa Majestade, eu...”

“Não.” Ela ergue a mão para interrompê-lo. “Sei que não gosta de Essex e que se irrita quando eu o favoreço. Mas saiba que você cresceu sob a asa de seu formidável pai, o homem em

quem mais confio, e vejo muitos traços dele em você.” Cecil sente o orgulho lhe subir à cabeça, mas, se estivesse olhando para o rosto dela em vez das mãos, veria uma careta, como se estivesse suportando algo desagradável porém necessário para seu próprio bem, tal qual o remédio do dr. Lopez. “E sua mãe — Deus abençoe sua alma — era uma mulher sábia e honrada, que esteve ao seu lado para guiá-lo até seus vinte e cinco anos. Essex mal se lembra do próprio pai, e quanto à sua mãe...” A rainha cospe a última palavra como se fosse um sacrifício pronunciá-la. Ela estreita os olhos. “Aquela mulher não serviria para criar nem uma ninhada de porcos.” Elizabeth baixa os olhos e o tom de voz. “Ela roubou meu tesouro mais precioso.” Estava se referindo a Leicester. “Até o padraсто Essex perdeu jovem demais.” Vinte e dois anos não é *tão* jovem assim, pensou Cecil. “Pigmeu, você pode não ter a mesma beleza de Essex, mas reconheço sua lealdade. Isso o faz brilhar.” Ouvir essas palavras é como um ritual de expiação para o conselheiro. “Essex precisa desesperadamente de orientação, e não há ninguém melhor do que eu para servir como seu pai e sua mãe, mas não pense que o valorizo mais do que a você.” Ele sente uma emoção profunda, como a de um homem que se lembra de que também é filho de Deus.

“Não tenho palavras para expressar minha gratidão”, Cecil diz. “Vivo apenas para servi-la. E à Inglaterra.” Agora ele entende o que seu pai vinha tentando lhe explicar, que servi-la já basta — todo o resto é só distração.

“Mas supere essa inveja, porque não é bonito de ver.” A rainha estende a mão. É a deixa para que se retire, então Cecil beija o anel sentindo toda a maldade, a inveja, a cobiça e o ciúme deixarem seu corpo, como se estivesse renascendo.

Março de 1592
Essex House, Londres

“Ainda não entendo por que você está aqui e não na casa de seu marido”, diz Lettice, sentada na cama ao lado de Dorothy.

Penelope não quer pensar em Rich no momento, mas é impossível não se lembrar da reação dele quando contou que estava grávida de novo.

“Um dia você vai ter que responder por seu comportamento”, ele disse. Ela teve que se conter para não retrucar que ele também pecava. Rich pareceu desolado, resignado, ocupado demais para se irritar com ela. Os dois ficaram em silêncio por algum tempo. O marido não perguntou quem era o pai; talvez já soubesse. É difícil saber se uma fofoca já se espalhou quando se trata de sua própria vida. Penelope observou a rainha com atenção em busca de sinais de que a notícia tinha chegado ao conhecimento dela, mas não notou nenhuma mudança de comportamento. Ou não sabia nada sobre o adultério ou preferia fingir que não. Rich pareceu tão decepcionado que Penelope estendeu o braço para segurar a mão dele, mas seu marido recusou seu toque, como se pudesse desfigurá-lo. “Você manteve sua parte no trato”, ele falou. “Apesar de tudo, admiro isso.”

“Obrigada.” Penelope sabia que o elogio mobilizara toda a magnanimidade que havia dentro dele.

“E preciso ceder meu nome ao bastardo, para manter as aparências.”

“Sim.”

“Bem, que seja.” A expressão dele era dolorosa. “Nós dois carregamos o fardo de um segredo agora.”

Ela sentiu vontade de pedir que ele tentasse encarar aquilo de forma mais leve, de argumentar que ninguém estava livre de pecado, que as opiniões dos outros não eram assim tão importantes. Mas para ele eram, assim como a opinião que tinha

de si mesmo. Rich tinha escolhido viver uma vida atormentada pela vergonha.

Sua mãe continua falando, mas ninguém dá ouvidos. Penelope fecha os olhos, afastando os pensamentos, segurando a mão pequena de Jeanne, respirando fundo e sentindo mais uma onda de dor — estão vindo mais velozes e fortes agora. A voz de sua mãe é estridente. Ela aperta ainda mais a mão de Jeanne e imagina Blount andando de um lado para o outro de nervosismo no cômodo abaixo.

Jeanne murmura: “Está quase acabando”.

“E onde está Rich? Por que não está lá embaixo, aguardando o nascimento do bebê?” É Lettice falando outra vez.

“Shhh”, faz Jeanne, passando um pano frio na testa de Penelope.

Ela começa a arfar quando mais uma onda de dor a envolve.

“Ele realmente deveria...”

“RICH NÃO É O PAI!” O grito sai da boca de Penelope com a força de um tiro de canhão.

A parteira se assusta. Lettice encara a filha, boquiaberta. Dorothy segura a mão da mãe, como quem pede: *Deixe isso para outra hora.*

Quando a dor diminui, Penelope se pergunta se Lettice está mais horrorizada com o fato em si ou por ter sido expresso em alto e bom som. A tensão deixa seu corpo e ela desaba na cama, dando um gole da bebida oferecida por Jeanne. Lettice, cuja expressão se fixou em lábios franzidos de indignação, parece se perguntar como seus filhos decaíram tanto em seus padrões morais: Essex vai ter um bebê com uma das damas da rainha — embora ninguém saiba disso ainda —, Dorothy fugiu para se casar em segredo, e agora Penelope está dando à luz a um bastardo. A grávida sente sua raiva crescer diante da indignação da mãe.

“Pelo amor de Deus”, diz Dorothy. “Ela não vai ser a primeira mulher do mundo a ter um filho que não é do marido.”

“O que as pessoas vão pensar?”

“Você já deveria saber a essa altura”, responde Penelope, “que não dou a mínima para os julgamentos mesquinhos e hipócritas das pessoas.” Ela nota que Dorothy está sorrindo logo atrás.

Lettice solta um suspiro exasperado, mas nesse momento Penelope sente uma contração vindo e crava os dedos na barriga. Ela fica de quatro, surpresa com os sons que emite, como mugidos de uma vaca. Dorothy começa a massagear suas costas com os dedos firmes, enquanto Jeanne passa o pano molhado em sua testa outra vez, mas o alívio não vem. Penelope fica se balançando até que a dor passe.

“Não vai demorar muito agora”, repete Jeanne.

Lettice fala com a parteira: “Nada do que foi dito aqui sai deste quarto, entendido?”.

“Minha boca é um túmulo, milady. As mulheres sempre dizem coisas que não deveriam no calor do parto. Sua filha está desorientada pela dor.”

Penelope ouve o diálogo como se estivesse debaixo d’água. Jeanne a encara e respira e expira rapidamente pela boca, indicando como ela deve fazer.

“Lá vem o bebê”, avisa a parteira. “Força, milady. Faça força e respire.”

Um som sai de suas entranhas, um ruído terrível e selvagem, então uma dor renovada atravessa seu corpo. Penelope mantém os olhos cravados em Jeanne. Arfando sem parar, sente uma necessidade irrefreável de expulsar o bebê de seu corpo. É como se estivesse sendo partida ao meio. Mais um uivo assustador escapa de sua boca. E então o bebê não está mais lá.

“Uma menina”, informa Dorothy.

“Tudo bem, você já tem dois meninos”, diz sua mãe.

Penelope ergue a cabeça do travesseiro, esforçando-se para ver a filha, mas não enxerga direito. “Deixem-me segurá-la.”

“Precisamos limpá-la”, argumenta a parteira, “e depois colocá-la para mamar para fazer descer o leite da ama.”

“Deixem-me segurá-la.” A voz de Penelope é firme.

“Querida”, diz Lettice, “não acho que...”

“Quero pegar minha filha no colo.”

É Jeanne quem pega a menina da parteira, ainda ensanguentada, e a coloca no peito de Penelope, cobrindo-a com um cobertor para aquecê-la. É como se o quarto inteiro se dissolvesse, como se tudo o mais se dissolvesse — as preocupações com seu irmão, as alterações de humor que tanto a preocupam; os pensamentos sobre Rich, o equilíbrio delicado de interesses que é seu casamento; o medo constante de que sua correspondência com o rei da Escócia seja descoberta. Pouco a pouco, ela está estabelecendo pontes, ganhando a confiança de Jaime, com as cartas circulando em ambos os sentidos da Great North Road, mas se trata de uma questão complicada; e os complôs católicos, a ameaça espanhola, a peste negra, que dizem estar correndo solta em partes da capital. Centenas de medos que em geral a assaltam agora se desfazem enquanto Penelope flutua em uma bolha de puro contentamento com sua filha — a filha de Blount.

A grande torrente de amor que emana de ambos a inunda quando põe os olhos nela: as mãozinhas se debatendo como se estivessem debaixo d'água, os cabelinhos escuros e arrepiados, o rostinho rosado e amassado. Penelope está encantada com o fato de que aquela criatura perfeita foi gerada dentro de seu corpo. Os olhos da criança se abrem de repente, encontrando os da mãe, que sente uma euforia marcada pelo susto gerado pelo encontro, como se aqueles olhinhos guardassem segredos que nunca devem ser revelados. São pretos e profundos, e a envolvem por completo. Uma voz se insinua em sua mente, uma recitação distante, fragmentos de poesia, um encantamento dos mortos que ganha forma e pleno sentido:

*Como nas tintas do pintor, os olhos pretos no rosto dela
Seriam mistura de claro e escuro para criar efeito mais potente?*

Enquanto segura a bebê, Penelope experimenta uma sensação inebriante de encarar seus próprios olhos, sentindo que Deus fez daquela criança um espelho de seu eu passado. Nesse momento se lembra das palavras de Blount: “Se for uma menina, vai ter

seu nome”.

“A pequena Pea”, ela murmura.

*Pois se não fosse assim velado tal brilho nela,
A força de sua luz seria mais atordoante que atraente*

Sidney está entre elas; Penelope o sente na forma de um calafrio que percorre seu corpo. “Você foi feita do amor”, ela sussurra para a criança.

Seus olhos negros são a fonte de onde o belo irradia?

E lentamente, como uma folha seca pairando e descendo ao chão, Penelope volta ao leito onde deu à luz e observa os rostos sorridentes de sua mãe, de sua irmã e da parteira ao pé da cama — além de Jeanne, sua querida Jeanne, ao seu lado, parecendo encantada, com o rosto inclinado para o lado. “Ela parece com o pai”, Jeanne comenta bem baixinho, para que as outras não escutem.

Penelope sorri. “Ele vai querer ver a primogênita.” Ela consegue sentir seu coração se expandir para abrigar a pequena Pea, seus outros filhos, que estão em Leigh, e ainda deixar espaço para Blount, que tem lugar cativo no cerne de seu mundo.

Abril de 1593

Theobalds, Hertfordshire

Cecil está sentado à beira do lago, recordando a visita da rainha quase dois anos antes, quando os galeões em miniatura encenaram uma batalha naval para seu divertimento. Ele está no conselho privado há algum tempo, mas ainda se sente inútil, como se sua função fosse ser apenas um representante do pai. Cecil é um homem de quase trinta anos e deveria estar no auge de seus poderes, mas não consegue sair da sombra de Burghley. O que quer que realize, sempre vai haver a sensação da insatisfação amargurada dele com o fato de seu filho não conseguir a indicação ao cargo de secretário de Estado. Como adoraria criar alguma coisa brilhante, que tornasse indelével seu legado. Ele imagina o deleite de seu pai — seu rosto enrugado se abrindo em um raro sorriso — quando os papéis da paz com a Espanha fossem assinados, o nome da rainha ao lado do de Felipe. Assim ele reconheceria seu valor. Enquanto pensa nisso, seu lado pragmático reconhece a impossibilidade de tal coisa — mas os grandes feitos são atingidos por aqueles que sonham, não?

O lago está coberto de uma camada de detritos; um cisne fez o ninho na plataforma que certa vez servira para uma magnífica queima de fogos de artifício. Ele caminha até a beira d'água, desviando do mato e da lama, em um local onde se recorda da existência de flores selvagens espalhadas cuidadosamente para parecer que haviam brotado ali por acaso.

É incômodo ver o local em tamanha desordem e quase intolerável sentar no meio daquele caos. Cecil tenta se animar pensando em William, seu filho e herdeiro, em seu quartinho em Pymmes. Visualiza a criança em sua mente, notando os sentimentos — de amor e orgulho — aflorarem dentro de si. Ele faz a babá tirar a roupinha de William sempre que o vê, para admirar a coluna retinha do menino, imaginando que das suas

escápulas vão brotar asas que um dia permitirão que voe. Pensar no filho, tão pouco parecido com ele, com suas proporções perfeitas, lhe dá esperança.

Do local onde está, consegue ver as chaminés de Pymmes, emitindo nuvens cinzentas de fumaça. O sentimento de inadequação o invade outra vez; viver em uma casa, por mais magnífica que seja, construída na propriedade de seu pai, custeada com dinheiro conseguido com os acordos dele, não é um sinal de sucesso. Caso tivesse outra disposição, outra aparência, poderia conseguir a glória marcial e a concessão de suas próprias terras.

Cecil caminha na direção da casa, com os pés afundados até os tornozelos em flores caídas, recusando-se a reparar na beleza selvagem dos jardins mal cuidados e irritado com a ausência de ordem. Essex roubou o jardineiro de seu pai. O conde queria algo espetacular para impressionar a rainha e conseguiu isso ensacando suas cerejeiras para acelerar o amadurecimento dos frutos. Uma semana antes as árvores foram expostas ao sol e, no dia da visita real, estavam carregadas de cerejas, ainda que faltasse um mês para a colheita. Esse foi o grande assunto da corte — as árvores de Essex frutificando magicamente diante do brilho esplendoroso da rainha. Caso tivesse a chance, Cecil derrubaria todas a machadadas.

E agora Essex faz parte do conselho privado. Assumiu seu posto ao lado da rainha com um olhar de autossatisfação suprema e logo começou a tagarelar sobre incidentes diversos. Elizabeth escutou com atenção quando ele contou a respeito dos distúrbios na Irlanda, insistindo que o problema fosse levado a sério. Então a discussão se voltou para a Espanha e a ameaça de uma nova armada. Um dos principais informantes de Cecil sobre a política espanhola foi encontrado morto em Deptford — um assassinato, suspeitava, armado para parecer uma briga —, então ele não tinha nada a acrescentar. O conde parecia conhecer os números exatos da frota dos espanhóis e quem era aliado do capitão de cada embarcação, de quem conhecia

inclusive os nomes. Cecil atribuía tudo aquilo às linhas de informações abertas por Anthony Bacon, mas não tinha certeza, pois o menino que pagava na casa de Essex morrera em virtude da peste negra.

Agora entende por que Essex fez tanta questão de se casar com a garota sem graça que é a filha de Walsingham — uma rede de espionagem inteira mudou de mãos assim. Todos apoiam o conde, sabendo que Burghley está no fim da vida e que Essex exerce grande influência sobre a rainha. Ela parece uma mãe orgulhosa ao receber suas informações. Foi Burghley quem no fim mudou o rumo da conversa para a sucessão. A irritação de Elizabeth foi contida — seu pai era a única pessoa que poderia tocar nesse assunto impunemente.

“Sei que estive doente nos últimos tempos, mas estou recuperada agora, então não existe necessidade de falar em quem vai me substituir ainda.”

Ela estivera mesmo adoentada, deixando a corte em polvorosa, com todos tentando descobrir em quem apostar caso o pior acontecesse. Aos sessenta anos, uma doença pode levar uma pessoa de uma hora para outra, inclusive uma rainha. Enquanto o dr. Lopez cuidava do tratamento, houve conversas à meia voz pelos corredores, cartas de alianças circularam e foram queimadas depois de lidas, novas amizades se forjaram.

Sem dúvida o conde ganhou terreno desde que instalou os espertos irmãos Bacon na Essex House, e a influência de Blount e Lady Rich se espalhou silenciosamente pela corte como um miasma. Cecil deseja muito poder desvendar *esse* relacionamento; se descobrisse algo contra ela, poderia manipulá-la de acordo com seus interesses. Que belo golpe seria, mas voltá-la contra o irmão é um sonho distante, pois Lady Rich aparentemente é imune a escândalos. Ele desconfia que a correspondência entre a Essex House e a corte escocesa se mantém, mas com base apenas na intuição e boatos pouco confiáveis.

Cecil sente que a base de poder do conde está crescendo,

enquanto a sua diminui. Parece que, toda vez que olha ao redor, está cercado por parentes dos Devereux — membros das famílias Knollys, Carey e Huntingdon; isso sem contar que Lady Rich frequenta os aposentos da rainha, apesar do adultério; e ainda existe um parentesco com Elizabeth. Ele vê seu sangue como ralo e indigesto, um vinho tinto ainda imaturo, insatisfatório, do tipo que deixa a cabeça latejando pela manhã, enquanto o dos Devereux é viscoso, escuro e rico em história.

Um corvo grasna mais acima, fazendo uma barulheira terrível. Cecil gostaria de poder matar a ave, mas nunca foi bom com o arco. Ele fez uma tentativa de recrutar o dr. Lopez, mas o velho não se deixou levar por sua conversa — talvez devesse ter sido mais sutil. Cecil chuta uma pilha de flores de macieira, vendo-as subir pelos ares e em seguida cair como neve. Tenta espantar o desânimo se lembrando de seus amigos poderosos em cargos importantes: seu sogro, Lord Cobham; Lord Grey; e Raleigh, que pode ser imprevisível em suas lealdades e a cujo respeito a opinião da rainha oscila muito, mas que odeia o conde tanto quanto Cecil.

Ele para perto da fonte. Está seca e tomada por trepadeiras. Enquanto a rainha cuidava da saúde em Greenwich, os espanhóis planejavam o que fariam na eventualidade de sua morte, preparando a infanta para a sucessão, cuja linhagem pode ser traçada diretamente a Eduardo III. É senso comum que existem muitos segredos que os católicos ingleses podem desenterrar para apoiar tal esquema. Talvez ele consiga convencer o dr. Lopez a levantar mais informações sobre ela. Os problemas não desapareceram com a recuperação da rainha. Houve rumores de mais uma tentativa de assassinato — dessa vez com uma espada envenenada —, mas não passaram disso. Mesmo assim, a questão da sucessão é mais premente do que nunca, porém a rainha continua intransigente.

Cecil se vê diante de todo o esplendor de Theobalds — a casa que sempre o surpreende com sua beleza, suas janelas reluzentes, sua fachada artística de pedra e a simetria agradável

de suas proporções.

Uma vez lá dentro, ele procura o pai e o encontra acompanhado do médico.

“Ah, meu garoto, que bom ver você”, Burghley diz. “Minha gota está me perturbando. O dr. Henderson diz que pode aliviar a dor.” Ele dá um tapinha de leve no braço do médico, que está a seu serviço desde que Cecil é capaz de se lembrar. O conselheiro também gostaria de ser capaz de inspirar tamanha lealdade, mas seus criados mudam o tempo todo, e nenhum merece sua confiança. “Acho que não tenho mais conserto.”

“Ora, ora, milorde. Sem tentar, não temos como saber”, diz Henderson, agitando um frasco de vidro com uma tintura e servindo uma dose.

Burghley se recosta com um suspiro. “Preciso estar na corte em uma semana. Se pelo menos Sua Majestade deixasse eu me aposentar... Estou velho demais para isso.” Ele esfrega as mãos manchadas, com juntas inchadas. “Estou exausto.”

É doloroso para Cecil vê-lo assim, corroído pela decrepitude. É impossível deixar de temer sua inevitável morte, e o conselheiro se pergunta se sobreviveria ao acontecimento. Imagina todo o poder e a riqueza que seu pai acumulou se desfazendo em suas mãos, mas em seguida se repreende por sua covardia e decide que precisa agir como um homem. Quando Henderson vai embora, apesar de não gostar de revelar suas fraquezas diante do pai, ele se vê confidenciando suas preocupações.

“O que gerou tudo isso?”, pergunta Burghley.

“Não sei, parece que as coisas estão escapando pelos meus dedos. Meus informantes são cada vez menos confiáveis. Essex está ganhando terreno. Seus seguidores ficam mais e mais próximos da rainha.”

“As lealdades vêm e vão, meu filho. E nunca se esqueça de que a fortuna dos Cecil está a nosso favor, e só se ganha uma fortuna com lealdade verdadeira.” Burghley faz uma pausa, encarando o filho com seus olhos úmidos. “Todos esses nobres

antigos estão se digladiando por favores, implorando por guerras na esperança de conseguir um pedacinho de terra. Seus cofres estão vazios, mas precisam agir como se tivessem tudo do bom e do melhor. Não existe nenhuma lealdade verdadeira neles. Nós, homens discretos, somos o futuro. Lembre-se disso.”

Essas palavras funcionam como um tônico, e Cecil sente sua descrença começar a se desfazer.

“Mas não esqueça: Essex não é seu inimigo. *Vocês dois* estão do lado da Inglaterra. Já lhe avisei sobre o risco de perder o controle.” O tom de voz dele revela certa impaciência, como se estivesse explicando algo para um menino teimoso. “É só uma questão de estabelecer novas linhas de informação.”

“Tenho esperanças de conseguir uma conexão com o dr. Lopez”, comenta Cecil, sem mencionar seu recente fracasso e decidindo renovar seus esforços. “Acredito que tenha ligações diretas com a corte espanhola.”

“Sim, sim”, concorda seu pai. “Walsingham tentou, se bem me recordo. Nunca deu em nada. Não sei se Lopez tem estômago para a espionagem. É um sujeito agradável.”

“Talvez eu consiga convencê-lo a restabelecer essas conexões.”

Burghley balança a cabeça, como quem diz: *é assim que se faz*. “Nunca se esqueça de uma coisa”, ele acrescenta. “A rainha sempre precisou de mim para realizar as maldades necessárias ao governo. Assim, posso ser demonizado enquanto ela permanece amada, e tudo segue de acordo com os interesses da Inglaterra e da paz. Veja o caso de Maria da Escócia. Elizabeth não poderia ser acusada de causar a morte de uma rainha ungida, por mais que entendesse a necessidade disso. Mas eu poderia absorver todo o horror e o ódio, poderia levar a culpa.” Cecil se lembra bem do cerco de seu pai a Maria Stuart e se pergunta se seus métodos foram de fato honestos. Ele ri silenciosamente ao pensar nisso, concluindo que não existem métodos honestos quando a questão são os assuntos de Estado. Burghley olha bem para ele. “Se só puder aprender uma lição comigo, que seja a de que as pessoas precisam de alguém para

odiar; é parte da mecânica do poder. Se você for essa pessoa, vai se tornar indispensável. Essex — aquele garoto instável — se preocupa demais em ser amado, popular; não suporta ser criticado. Você e eu, meu garoto, vamos continuar sendo essenciais enquanto estivermos contentes no papel de vilões.”

É como se uma faísca se acendesse na cabeça de Cecil. Tanto tempo buscando aprovação quando para servir a rainha era necessária outra qualidade, algo que sabe fazer e para que demonstra talento — ser detestado.

“Só continue de olho na irmã”, continua Burghley. “Aquela lá não dá a mínima para a opinião dos outros, o que lhe fornece uma boa dose de poder. Você não vai querer tê-la trabalhando nas sombras pelo irmão. Seria uma adversária perigosa demais.”

“Lady Rich?”

“A própria... meu conselho é tentar fazer a dama mudar de lado.”

Julho de 1593

Wanstead, Essex

Os atores estão espalhados pelo recinto, ainda com os figurinos. Um está vestido como um rei antigo, com uma pintura preta sinistra em torno dos olhos, o rosto empastado de branco e uma coroa torta no alto da cabeça. Há outro ao seu lado com uma armadura parcialmente solta, tingida de vermelho. Atrás dele está um menino bonito com lábios pintados de carmim; está usando corpete, acima do qual aparecem os finos pelos dourados do peito. Ele dá um gole de seu copo e arrota de forma ruidosa.

“Pare com isso”, diz o falso rei, dando um tapa no ombro do outro. “Esqueceu que estamos na companhia de gente educada?”

Penelope ri. Faz tempo que não desfruta de uma noite como aquela e pretende aproveitar ao máximo. A peste negra corre solta pela cidade e os teatros foram fechados para impedir a disseminação da doença, deixando aquela trupe sem trabalho. Foi ela quem sugerira ao irmão que os convidasse a ir a Wanstead. Rich foi para seu quarto, resmungando: “Seus passatempos profanos ainda vão mandar vocês para o inferno”. Penelope está contente por ele ter se retirado, porque Blount é um dos convidados. Mantém uma distância discreta, mas ela sempre fica um pouco sem jeito quando o marido e o amante se encontram no mesmo local.

Essex está esparramado na cadeira ao seu lado, fumando seu cachimbo e fazendo comentários ocasionais para Southampton, acomodado do outro lado. Com a camisa volumosa escapando de dentro do gibão aberto e os cabelos longos e bem penteados no estilo Lady Godiva, parece ter mais relação com a trupe do que com a família. O conde se tornou uma presença quase permanente junto de seu irmão. Essex parece apreciar a extravagância do jovem. Penelope vê quando Southampton dá uma tragada profunda em seu cachimbo e, como um mágico,

expele um anel de fumaça.

“Pus o pequeno Robert montado em um pônei esses dias, irmã”, Essex comenta. “Meu garoto tem um dom natural para se equilibrar na cela.”

“Ele só tem dois anos e meio”, ela rebate, ciente de que seu irmão é dado a exageros.

“Mas ele não teve medo nenhum.”

É agradável ver essa versão serena de Essex, sem nenhum sinal do olhar vazio da melancolia.

“Vou pedir para Frances levá-lo a Leighs quando você voltar à corte”, Penelope diz. “Ele vai gostar de passar um tempo com os primos.”

“Ótima ideia, irmã!” Essex parece tão normal, impassível, que ela experimenta uma sensação renovada de otimismo.

“E o que você planeja fazer com o Espanhol Errante?” Ela se refere a Antonio Pérez, um exilado incluído no círculo de Essex que chegara com a delegação francesa na primavera daquele ano e agora está a serviço dele.

“Vai ficar aqui. Ou então vai comigo. Preciso mesmo de um bom secretário.”

Pérez, que está sentado do outro lado do recinto, com os olhos pesados parcialmente escondidos pela franja escura e oleosa, parece ter adivinhado que estavam falando dele, pois ergue o copo em sua direção com um sorriso presunçoso e murmura algo para Francis Bacon, sentado ao seu lado.

“Você já tem Anthony Bacon como secretário”, ela argumenta.

“Mas Pérez tem outras qualidades.”

Ela se pergunta o que isso significa e já imagina o pior. Penelope não é inocente a ponto de não saber que a espionagem exige práticas escusas de tempos em tempos. “A presença dele me perturba um pouco”, comenta, sorrindo de volta para o homem e balançando a cabeça. “Parece saber de coisas que não deveria.” O mesmo vale para Francis Bacon, mas isso ela jamais diria, em virtude da proximidade de Essex com o rapaz. Penelope não consegue explicar, mas existe algo infinitamente

incômodo em Bacon — um intelecto de profundidade intimidadora escondido atrás de um rosto de menino. Ele parece não gostar de mulheres. Talvez seja isso. Ou talvez seja esperto demais para merecer alguma confiança. Ela prefere o outro irmão, o pobre Anthony, atormentado pela gota e sempre com dor, que parece demonstrar uma lealdade mais autêntica — ou pelo menos transmite essa impressão.

“Eu diria que saber de coisas que não deveria é uma bela qualidade para alguém da profissão de Pérez. Ele me passou algumas informações” — seu irmão começa a sussurrar — “sobre o dr. Lopez.”

“Que tipo de informações? Não venha me dizer que Lopez está tramando alguma, porque não acredito. Ele nos ajudou em muitos momentos difíceis.”

“As aparências enganam, irmã.”

“Eu me recuso a acreditar nisso. Lopez salvou a vida de Lucy... ela poderia ter morrido sufocada no berço.” Seu sussurro se transforma em um sibilado.

“Sua filha tem quase dez anos agora. Tenho a confirmação de boas fontes de que a velha raposa está a serviço do rei da Espanha. Ele é um inimigo da Inglaterra.” Sua excitação é inegável. “Um complô para um envenenamento está sendo tramado, e o dr. Lopez se encontra no centro da ação. Só preciso reunir provas e...”

“Não consigo acreditar nisso”, ela interrompe. “O dr. Lopez não é uma raposa, é manso como um gatinho.”

“Mesmo um gatinho tem garras que podem furar um olho”, murmura Essex. “Preciso investigar melhor, e Pérez vai ser útil nisso. Ele parece conhecer todos os espanhóis e portugueses de Londres.”

“Está imaginando coisas, Robin. Não arraste o dr. Lopez para suas intrigas. Ele é um amigo leal de nossa família e vem servindo a rainha há ainda mais tempo.” Penelope sente uma desconfiança crescer dentro de seu corpo, como um tumor. “Não transforme isso em uma cruzada pessoal. Eu me recuso a

acreditar que o dr. Lopez está tramando para envenenar a rainha, é um absurdo.” Ela visualiza em sua mente os cabelos brancos e bem aparados do homem emoldurando um olhar gentil. Mas um fragmento de dúvida se instalou. Em um mundo de falsas aparências, é impossível ter certeza de quem é o inimigo.

Penelope conhece homens que se apresentam como poetas e na verdade são espiões — Henry Constable, por exemplo, que no momento está viajando pela continente para recolher informações. Ela mesma, com suas correspondências secretas, não é de todo inocente. As linhas de comunicação entraram em uma atividade frenética quando a rainha caiu de cama. Não eram as cartas de amizade de antes. As missivas tratavam da sucessão e mandariam seu autor ao cadafalso em um piscar de olhos. Eram escritas com sumo de laranja, visíveis apenas ao passar uma chama diante do papel. Todos esperavam para ver o que a morte traria. A cada carta lançada ao fogo, ela imaginava o fogo devorando seu próprio corpo, sibilando a palavra “traição”.

Mas desde a recuperação da rainha as cartas da Escócia cessaram. Toda a sua diplomacia secreta parece não ter rendido muitos frutos para os Devereux. Ela se pergunta se vale a pena correr tanto perigo. Talvez seja melhor fazer como sua irmã e optar por uma vida reclusa. Penelope ri por dentro de si mesma por pensar nisso, mas o medo continua a se fazer presente, como se estivesse no limiar de algo, e as consequências por andar em uma linha tão fina pudessem ser muito graves. Além do medo, porém, enterrado no fundo de seu ser, há um sentimento de excitação, uma euforia que só pode ser experimentada em um jogo de apostas altíssimas.

“O que você não está entendendo”, diz Essex, “é que posso acumular um belo capital político com isso. Impedir um assassinato...” Uma faísca se acendeu nos olhos dele outra vez, um toque de loucura que a faz esquecer o que ia dizer.

Um dos atores se levanta, bate palmas para atrair a atenção dos presentes e acaba derrubando cerveja nas roupas, o que

provoca alguns risos.

“Existe um entre nós que se considera um poeta.”

“Só um?”, grita Southampton. “Acho que não existe uma alma em toda a Inglaterra que não esteja testando a mão em versos rimados.” Todos caem na risada, pois existe um fundo de verdade na brincadeira.

“Meu marido, não”, diz Penelope, provocando mais gargalhada. “Ele abomina esses prazeres profanos.”

“Então creio que milady está perdendo tempo com tal homem”, comenta o ator.

Ela troca sorrisinhos com Blount. “Por que diz isso?”

“Porque alguém como a senhora foi posta neste mundo para inspirar grandes poesias.” O volume das risadas aumenta. Quase todos sabem a esta altura que Penelope é a Stella dos sonetos de Sidney. Mas, quando pensa a respeito, ela se sente tão distante daquela menina que custa a acreditar que ainda é a mesma pessoa.

“Vamos, Will”, diz o ator, puxando o braço do soldado ferido e o obrigando a se levantar. “Por que não tenta criar algo digno de Lady Rich?”

O outro ator se levanta e os demais presentes abrem espaço para que se posicione.

“Venho trabalhando em algo. Mas ainda não está concluído.” Ele faz uma medida e todos ficam em silêncio enquanto concentra a atenção nos próprios sapatos. Por fim, erguendo o rosto e encarando Penelope, ele começa a falar: “*Não são como o sol os olhos da minha amada*”.

“Sidney já fez isso uma década atrás”, grita Essex, provocando o ator, que parece em seu próprio mundo, absolutamente imperturbável. “*Por que conferiu ao negrume de seu olhar tom tão reluzente?*” Ele já transformou a musa loira de Petrarca em uma beldade de olhos pretos.” Essex dá um cutucão na irmã, aos risos. “Dê-nos alguma coisa que nunca ouvimos.”

O ator vira para seu companheiro de corpete, passa o polegar na boca do jovem e mostra para todos os presentes a mancha

vermelha. *“Seus lábios não são vermelhos como os corais...”* Isso provoca risos ainda mais altos, e o ator começa a andar em círculos, procurando inspiração. Ele para diante de uma garota de pele morena que faz a amante em uma de suas peças, tocando de leve a pele lisa de seu pescoço com as palavras: *“Se a neve é branca, a cor de seus seios é amorenada”*.

A garota também ri, pegando uma mecha de seus cabelos pretos, girando em torno do dedo e acrescentando: *“Se os cavalos têm cabelos, de crina são seus fios naturais”*. Isso gera aplausos ruidosos. O ator começa a caminhar, à procura de palavras, e se volta outra vez para a moça morena. *“Rosas bordadas...”* Ele se interrompe. *“Não. Rosas adamascadas, vermelhas e brancas já vi, mas nenhum desses tons está em sua pele.”* Ele para diante do jovem outra vez e se dirige aos presentes: *“Uma rima para ‘pele’”*.

“Descabele”, sugere alguém.

“Afivele”, grita outro.

“Minha amada não é um cinto”, rebate o ator. *“Já sei.”* Ele ergue a mão para silenciar os risos e se aproxima do garoto, farejando o ar e fazendo uma careta. *“E há perfumes mais agradáveis que aquele que senti no hálito quente que minha amada expele.”*

Isso provoca mais risos, mas o poeta não espera que eles cessem antes de continuar: *“Adoro ouvi-la falar, mas admito sem pesar que o som da música traz mais satisfação; confesso que nunca vi uma deusa flutuar; minha amada quando caminha toca o chão.”*

“Quem é sua amada, então?”, interpela Southampton.

“Ora, minha Lady Rich, claro. Não é ela a musa de todos os poetas?” Ele dá um passo à frente para se aproximar de Penelope, apoiando um dos joelhos no chão com um floreio e um leve sorriso no rosto. Hesitante, parece buscar dentro de si mesmo uma rima antes de voltar a falar. *“Mas juro pelos céus que ela é tão rara que com nenhuma outra se compara.”*

Os aplausos são interrompidos, dando lugar a uma troca de murmúrios. Talvez estejam todos se perguntando, assim como Penelope, se acabaram mesmo de testemunhar algo

completamente novo, de feitio raro como os diamantes das minas da Índia. Mas sob o sentimento de deleite permanece a inquietação a respeito do dr. Lopez, e ela tenta entender o que seu irmão quis dizer com “acumular capital político”.

“Seu talento é bem incomum”, ela comenta. “Você torna o amor um objeto humano, investido de carne e osso. É revigorante, na verdade, ouvir algo diferente das ninfas que habitam os versos da maioria dos poemas.”

“Você parte de Sidney para criar algo novo”, acrescenta Southampton, inclinando-se para a frente na cadeira, com a voz rouca de empolgação suprimida. Penelope não imaginava que ele fosse um amante tão fervoroso da poesia. “Tem outros como esse?”, ele pergunta.

“Centenas de milhares”, responde o autor.

“Pois deveria publicar.”

“Mas eles só existem aqui.” O ator bate com o dedo na lateral da cabeça. “E além disso...” Ele hesita. “Não são feitos para este mundo.”

Janeiro de 1594

Burghley House, Londres

“Você não deveria ter vindo aqui”, diz Cecil. Ele alinha cuidadosamente os objetos sobre a mesa, colocando o vidro de tinta na direção exata do pote em que guarda as penas, apanha uma pilha de papéis e bate-a na superfície de madeira. “Faz com que pareça culpado.”

O dr. Lopez parece apavorado. Ele esconde as mãos trêmulas nos braços cruzados. “Mas eu *não* sou culpado. Sabe muito bem disso. E precisa fazer alguma coisa para me ajudar.” Sua dicção é perfeita, apesar do sotaque carregado, que se mantém mesmo depois de trinta anos na Inglaterra.

“Não se preocupe.” Cecil parece calmo, mas está longe disso, pois enfrenta um conflito de consciência. Seria melhor se houvesse certa ambiguidade, ou no mínimo a possibilidade de que o dr. Lopez fosse culpado. Mas o homem é imaculado como um colarinho recém-engomado. Ele se levanta e vai até a janela, deixando-o do outro lado da mesa, sem poder ver seu rosto. “Vou cuidar para que nada lhe aconteça.”

Trata-se de uma garantia que Cecil sabe que não pode dar. Ele observa os transeuntes na Strand, ouvindo os gritos dos carroceiros e vendedores e os balidos de um rebanho de ovelhas sendo conduzido pela rua. Londres está voltando à vida agora que o pior da peste negra passou. Observando a cena, é impossível evitar a irritação com o fato de que a Burghley House, por mais nova e luxuosa que seja — com sua quadra de tênis, sua pista de boliche e jardins repletos de plantas exóticas — fica do lado errado da Strand e não tem vista para o rio, como a Essex House tem. Ele deveria estar olhando para a barca real e os outros barcos navegando e não para um pastor qualquer conduzindo seu rebanho pela rua, deixando uma trilha de fezes. Um bando de pombos está acorado no beiral superior da janela, emporcalhando toda a fachada. Cecil imagina o pescoço

de cada um estalando sob seus dedos.

“Mas Essex convenceu a rainha de que sou culpado.”

“Duvido. Sua Majestade não é assim tão influenciável.” Ele se vira e sorri para o homem. Era um bom plano, mas deu muito errado. Os espanhóis morderam a isca. Como poderiam resistir à aproximação de um dos médicos de maior confiança da rainha Elizabeth? Quem melhor para dar a Sua Majestade um frasco do que quer que seja? Cecil sentia que eles estavam prestes a soltar a língua; era como se todos os segredos de estado da Espanha estivessem se encaminhando para suas mãos. Só de pensar a respeito seus dedos já coçavam. Ele imaginava o efeito que provocaria, a gratidão de Elizabeth.

Mas no fim o dr. Lopez não era o homem certo para o trabalho, não tinha o sangue frio necessário para a espionagem. Fraquejou no momento mais crítico; entrou em pânico desnecessariamente e permitiu que uma carta muito mal codificada caísse em mãos erradas — o homem confiara em Antonio Pérez, o que foi um grande erro, pois ao que parece Pérez está a serviço de Essex. O conde argumenta que se trata de um ato de traição, mas é melhor que Lopez não saiba disso. Não seria nada bom se ele desmoronasse e confessasse tudo. Essex tem uma fortuna jogando a seu favor. Cecil pensa na gota d'água erodindo a rocha e, respirando fundo, lembra a si mesmo de que precisa ser paciente.

“Mas você vai esclarecer isso, não, Cecil?” O dr. Lopez faz uma careta, mexendo a mão sem parar, como se espantasse um mosquito imaginário do rosto. É preciso reconhecer algum mérito no homem; ele manteve sua versão da história e não contou a serviço de quem estava — pelo menos não ainda. E é necessário que assim permaneça, pois, caso a rainha fique sabendo que Cecil pôs a perigo seu médico mais querido e fiel, não sabe como será sua reação. Só o que ele pode fazer no momento é reduzir o estrago.

“Sim, vou esclarecer tudo”, ele responde. “Mas não tente explicar meu papel nessa história. Vão achar que você só está

querendo se esquivar da culpa. E não vai ser bom para sua imagem se pensarem que fez tudo por dinheiro.” Cecil reafirma para si mesmo que o homem não é *de todo* inocente na história. Ele recebeu uma boa quantia por seus serviços. Deveria saber que dinheiro graúdo vem sempre acompanhado de grandes riscos. “Diga que viu uma oportunidade de servir a rainha e agiu por iniciativa própria. Diga que *você* foi abordado pelos espanhóis.” Ele faz uma pausa quando vê surgir uma possibilidade de extrair uma pequena vantagem de toda aquela trapalhada. “Pode dizer que eles fizeram isso através de Pérez.” Livrar-se dele seria um belo bônus.

“Mas seria mentira. Não posso incriminar um homem inocente.”

Cecil sente sua irritação crescer — a ingenuidade de Lopez é desconcertante. “Inocente? Ele fugiu da Espanha como um assassino condenado, deixando para trás a mulher e o filho. Com certeza não teria o menor pudor em fazer justiça com *você*.”

“Eu não teria como me reconciliar com Deus.” Quando diz isso, o dr. Lopez se apruma na cadeira, parecendo ganhar nova vida.

“Se serve a rainha, está servindo a Nosso Senhor.” Isso é o que Cecil diz a si mesmo com toda a veemência, embora ultimamente venha se perguntando até que ponto vai conseguir ignorar sua própria moralidade em benefício de Sua Majestade. Ele se consola pensando no que seu pai falou sobre ser o responsável por tirar o peso da imoralidade dos ombros da rainha, realizando uma função crucial para um governo: assumir a culpa.

“Mas e se eles...” Lopez se interrompe, deixando os ombros caírem mais uma vez, respirando fundo e soltando o ar de forma trêmula. “E se eles me torturarem?”

“Garanto que isso não vai acontecer.”

Os olhos do homem parecem enlouquecidos de medo, como os de um animal acuado. Cecil não suporta olhar para ele. “Pode

me ajudar a sair do país?”

“Isso não vai ser necessário. Escute aqui.” Ele segura o médico pelos ombros e o olha bem nos olhos, sentindo-se Judas em pessoa. “Modere seus nervos, homem.”

Cecil chama seu criado e ordena que leve o médico discretamente de volta para casa. “Ninguém deve saber que ele esteve aqui”, diz. “É para sua segurança, dr. Lopez.” O conselheiro sorri, mas então se pergunta quando os guardas serão mandados para prender o pobre sujeito e é obrigado a interromper seus pensamentos. Não pode ter uma crise de consciência agora. Lopez tenta retribuir o sorriso, sem muito sucesso.

“Posso confiar em você?”, ele pergunta enquanto é conduzido para a porta.

Cecil assente com a cabeça. Nem mesmo ele seria capaz de dizer aquilo em voz alta.

De volta à janela, volta a cabeça na direção da Essex House, um pouco mais a leste, mas sabe que não vai vê-la, pois a igreja de St. Mary-Le-Strand fica em sua linha de visão. Ele imagina o que está acontecendo por lá e é obrigado a dar o devido crédito ao conde, porque criou uma bela rede de informantes. Inevitavelmente, Lady Rich lhe vem à cabeça, com o tradicional estremecimento de admiração, que só cresceu desde o aviso de seu pai: *Aquela lá não dá a mínima para a opinião dos outros*. Cecil se pergunta se seria assim mesmo, pois todos se importam em alguma medida com isso, não? Ele se perde por algum tempo na fantasia de ser o responsável pela derrocada dela, arrastando junto toda a facção de Essex.

O conselheiro olha para a rua e vê um homem perambulando à toa. Fica com a impressão de que estava com os olhos fixos em sua janela, mas virou a cabeça quando sua presença foi notada. Com certeza é o mesmo sujeito que estava ali antes, quando da passagem do rebanho. Uma inquietação o domina, e Cecil se pergunta o que ele poderia ter visto, contente com a decisão de ter mandado Lopez sair pela porta dos fundos. Pensa que é

inevitável que as pessoas o espionem. Sente sua determinação crescer ainda mais.

Junho de 1594

Essex House, Londres

“Meu irmão considerou uma vitória”, Penelope diz baixinho enquanto pega um baralho e entrega para Blount. Ela olha ao redor e pede ao criado que está parado junto à porta que saia. O homem é confiável, em sua opinião, mas, quanto menos gente ouvir, menos provável que vaze. Quando a porta se fecha, ela continua: “Acho que Essex foi longe demais em sua tentativa de superar Cecil”.

“Ainda acredita na inocência do dr. Lopez?”

“Ah, não sei, Charles. É tudo tão nebuloso... Quando você pensa que conhece alguém... Ele era um homem gentil... e honesto, até onde eu sabia. Do tipo que não se envolveria em toda essa duplicidade e... bom, era o que me parecia.” Blount embaralha as cartas e as distribui. “É possível, eu acho, que ele tenha sido envolvido em alguma trama sem saber; mas com certeza não era tão culpado quanto meu irmão acreditava.”

Essex agiu como um cão capturando um coelho abatido, cravando firmemente os dentes na garganta de sua caça. Penelope sente seu estômago se revirar ao pensar em Lopez encontrando seu fim no cadafalso — a morte de um traidor, o pior tipo que existe; um espetáculo horrendo de sofrimento. Chega a pensar que, mesmo à distância, é capaz de ouvir os gritos da multidão gritando por sangue, mas sabe que é só sua imaginação; ele morreu mais de uma hora atrás.

Blount deve ter percebido o quanto ela está chateada, pois se inclina em sua direção sobre a mesa e segura seus braços. “Sei que gostava dele.”

“O dr. Lopez salvou a vida de Lucy.”

“Sim, mas as provas contra ele eram *convincentes*”, argumenta Blount, recostando-se outra vez, mas mantendo uma das mãos em seu antebraço. O jogo é deixado de lado.

“Bom, precisariam ser mesmo, não? Mas não querem dizer

nada.” Penelope se esforça para que a voz não fique embargada.

“Houve boatos anos atrás de que ele mexia com venenos. É *possível* que quisesse atentar contra a rainha.”

“Quê? O homem que cuidou da saúde dela por tantos anos?” Penelope se interrompe. “Eu sei, eu sei, as pessoas são criaturas complexas, nem tudo o que fazem tem sentido.”

“Seu irmão estava inteiramente convencido da culpa dele”, diz Blount. “Tentei fazê-lo pensar melhor a respeito. Com certeza havia um jeito melhor de resolver a questão, que não terminasse em...” Ele não pronuncia a palavra “execução”, que permanece como um machado erguido no ar.

“Sei que você fez o que pôde, assim como eu.” No entanto, ela se pergunta se não poderia ter feito mais. Tentou falar com a rainha e dissuadi-la da ideia da execução, mas Elizabeth se recusou a ouvir, dizendo que a justiça precisava seguir seu rumo. “Às vezes as pessoas só veem o que querem.”

Penelope andava preocupada com Essex; uma postura tão ardorosa nunca é bom sinal. Seu favorecimento pela rainha não tem limites, e isso lhe sobe à cabeça. A descoberta do complô, caso fosse isso mesmo, só o incentivaria a ir mais longe. Essex flutua em uma bolha, que certamente vai estourar. Penelope já recolheu os cacos do coração partido do irmão muitas vezes e sabe reconhecer os sinais de perigo.

“Estou intrigado com relação a Cecil”, comenta Blount. “Se o dr. Lopez era um agente duplo, conforme afirmou, então só pode ter feito isso com a concordância dele, que disse não estar sabendo de nada.”

“Cecil não merece confiança”, Penelope diz, considerando a possibilidade de o conselheiro tê-lo jogado aos lobos, tentando avaliar que vantagem ganharia sem conseguir encontrar uma resposta razoável. “O ardor do meu irmão foi exagerado.” Ela sacode a cabeça, temendo de forma súbita que tudo que a envolve seja frágil demais, que em um piscar de olhos também poderia estar na Torre, sendo torturada como Lopez. Bastaria um simples escorregão, que a pessoa errada sussurrasse no ouvido

errado. O pânico toma conta dela.

“Penelope?” A voz de Blount a acalma.

“Você vai ficar de olho em meu irmão?”, Penelope pergunta.

“Claro que sim. Para o seu bem.” Ele se inclina sobre a mesa outra vez, dando um beijo em seus lábios e acariciando seu rosto. “Para o *nosso* bem.”

“Às vezes eu nos imagino vivendo juntos, como marido e mulher.” O que ela quer dizer de fato fica subentendido: sem viver à beira do precipício sob o peso de tantos segredos.

“Não penso em mais nada.”

“Não exagere. Sua mente está sempre voltada para a política.”

“E a sua não?”

Ele tem razão. É impossível virar as costas para a sensação de poder e de pertencimento àquela engrenagem que seus segredos lhe proporcionam. Penelope é fundamental para a obtenção das informações reunidas por Anthony Bacon, segredos que podem influenciar de forma importante o andamento do governo. Ela vê a Essex House como a raiz de uma videira que se espalha por toda a Europa, alcançando a Irlanda, mais a oeste, e a Escócia, mais ao norte. “Recebi correspondências recentemente da Escócia.” Mais uma vez, a ideia de que aquelas cartas podiam ser usadas como provas caso *ela* seja julgada por traição em virtude de alguma denúncia lhe vem à cabeça. Aquela carta em especial, aguardada faz tempo, caiu da manga de seu vestido nos aposentos privativos antes que tivesse a chance de queimá-la. Peg Carey a apanhou do chão, rápida como um corvo.

“O que é isso? Uma carta de amor?” Ela levou o papel ao nariz e cheirou, como se fosse capaz de farejar o conteúdo. “O que está escondendo de nós?” Peg fingiu estar brincando, mas Penelope temeu que ela soubesse de algo e viu pelo canto do olho que Cecil observava tudo. O fato de Peg Carey ser parente sua não significava muita coisa.

“Não seja tola”, disse Penelope, tentando parecer impassível, embora seu coração estivesse disparado. Quando estendeu a mão para pegar de volta a carta, ficou surpresa por não estar

tremendo.

Depois do que lhe pareceu uma eternidade, Peg cedeu e devolveu a carta com um sorrisinho indecifrável.

“Obrigada”, ela disse, lançando o papel ao fogo e vendo a carta ser queimada, decidida a nunca mais ler aquele tipo de correspondência na corte. “É só mais uma petição.”

Ela respira fundo para espantar a lembrança.

“Do rei Jaime?”, pergunta agora Blount.

“Não dele em pessoa, mas de uma pessoa próxima, indicando que nossa aliança pode ser bem-vinda. Foi escrita em termos discretos, mas as implicações são incontestáveis.” Ela olha para o amante e vê a preocupação estampada no rosto dele. “O que foi?”

“Nada.”

“Estou fazendo isso há bastante tempo. Faz cinco anos que arrisquei os primeiros contatos, sei muito bem como cobrir meus rastros.” O olhar de preocupação continua lá. Só ultimamente ela ganhou confiança suficiente para discutir esses assuntos com Blount. Uma coisa é confiar seu coração a um amante, outra bem diferente é fazer confidências que podem levar ambos ao cadafalso. “Às vezes acho que a paciência é a qualidade mais importante na política. Queria que meu irmão entendesse isso também. Ele é impetuoso demais.” Um tremor lhe percorre, como se alguém estivesse caminhando sobre seu túmulo. Com isso vem o pensamento de que algum dia poderia ser obrigada a se distanciar de seu impulsivo irmão — existem relatos de sobra sobre pessoas que foram longe demais, e nenhum termina bem.

Ela afasta a ideia, lembrando a si mesma que os laços familiares são inquebráveis e que o amor que sente pelo irmão é incondicional, apesar das atitudes imprudentes dele. Além disso, está lá para orientá-lo. Sempre foi assim: como irmã mais velha, era seu dever impedir que ele subisse nos galhos mais altos das árvores do pomar em Chartley, montasse nos potros ainda não adestrados no curral ou entrasse na parte mais brava do rio em

uma jangada improvisada, amarrada com cipós — tudo só para demonstrar sua coragem. Mas ela falhara em seu dever de orientá-lo.

É um fardo carregar o peso dos sonhos e das esperanças de uma família toda. Penelope conseguia ver aquilo nos olhos do irmão, opacos e carregados de melancolia. Quando sua mãe anunciou a morte de seu pai, disse a ele: “Você é o conde de Essex agora”. Seu irmão pareceu se sentir pequeno e perdido, muito menor do que seus dez anos indicavam. “Você é o responsável pelos Devereux. É o chefe da família.” Foi como se a infância dele tivesse sido roubada em um instante. Pouco depois ela viu aquele olhar vazio e vidrado pela primeira vez.

“Se você fosse homem, seria um grande estadista”, brinca agora Blount. Ele tenta animá-la, o que só a faz amá-lo ainda mais.

“E, se você fosse mulher, seria uma péssima esposa, com o nariz sempre enfiado em um livro. Seu marido ficaria com medo de não ser tão culto quanto você.” Ele dá risada e a encara batendo os cílios como uma dama. Penelope fica contente com a leveza do momento, ainda que seja um pouco forçada.

“Imagine como seriam as coisas se vivêssemos juntos em Wanstead”, ela diz, falando sério.

“Acho que você não suportaria uma vida tão tranquila.”

“Não hoje, mas talvez algum dia.”

“Algum dia”, ele repete. “Por que gosta tanto de Wanstead?”

“Não sei exatamente o que é, mas existe uma atmosfera de paz lá. E era um refúgio quando me casei.” O que ela não diz é que se trata de um local em que não há nenhuma lembrança de Sidney, que assombra toda parte. Blount a pega pela mão, entrelaçando os dedos com os dela.

A porta se abre e eles se soltam, voltando a mexer nas cartas. “Sua vez”, diz Penelope quando Essex invade a sala acompanhado de uma comitiva que inclui Rich, que a encara brevemente. Eles conversaram sobre Blount e seu marido a lembrou de sua promessa de manter a discrição. “Acha que

quero ser motivo de risadinhas na corte? Já não basta você ter permissão para criar a bastarda junto com os meus filhos?” Ela não mencionou que pensava estar grávida de novo. Não contou nem para Blount, pois da última vez perdera a criança, e ele ficara arrasado.

“Cumprir minha parte do acordo”, Penelope respondeu. “Servi como fachada e fiz vistas grossas para sua...” Ela não sabia como descrever as preferências dele, nunca encontrara um termo apropriado. “Você tem dois filhos”, Penelope o lembrou. “Dois belos meninos.”

Ela sente o coração apertado ao pensar neles. Sua mãe sempre faz questão de dizer que os mima demais, porém é inevitável. Em sua última visita a Leighs, levou um par de porquinhos-da-índia, uma raridade encomendada a um custo altíssimo de um comerciante. Penelope sente um calor se espalhar pelo corpo ao se recordar da felicidade deles com as criaturinhas de olhos miúdos e nariz fremente.

Seu irmão e os demais estão em um clima de exaltação suprimida, como se pouco antes bebessem ou brigassem.

“Ainda está chovendo?”, ela pergunta, reparando nos cabelos molhados de Essex. As chuvas vinham se prolongando por todo o verão, o que provavelmente arruinaria as colheitas.

“Você deveria saber. Está uma chuva torrencial”, comenta seu irmão, sacudindo a cabeça como um cão para se secar. Rich faz uma careta ao ser atingido por algumas gotas, e Essex dá risada. Rich ri também, todo bajulador. Para ele, Essex é perfeito, e Penelope já se perguntou mais de uma vez se não existe um desejo secreto nessa relação.

“Você recebeu uma carta”, informa Essex, estendendo um papel molhado para Blount. “Seu criado o procurou por toda parte.” Isso provoca um olhar furioso de Rich, que provavelmente conclui que os dois estavam escondidos em algum lugar.

“Faz tempo que estamos aqui jogando cartas”, Penelope diz.

Blount abre a carta e, depois de passar os olhos sobre o

conteúdo, fica imóvel, com uma expressão de choque.

“Que foi?”, ela pergunta.

“Meu irmão morreu.” Ele parece desoladíssimo. “De forma repentina.”

“Lamento muito, Charles”, ela diz, desejando desesperadamente poder consolá-lo, mas sem poder fazer isso — não em público, não na presença do marido.

“É a vontade de Deus”, comenta Essex, dando um tapinha no ombro com a falta de jeito característica dos homens quando é preciso expressar seus pêsames. “Acho que isso significa que você é o Lord Mountjoy agora.”

Penelope dá um chute com força na canela do irmão, irritada com sua falta de tato.

“Vocês me dão licença, por favor?”, pede Blount, levantando-se para sair do recinto. Penelope tem vontade de segui-lo, mas sente o olhar de Rich sobre si. Não seria apropriado. Ela começa a recolher as cartas, que amarra com um pedaço de barbante. Essex tira o gibão encharcado e o entrega ao criado. Rich o observa. Uma compreensão súbita se acende em sua mente, com um sentimento de pesar; estavam vindo da execução do dr. Lopez. Essa é a razão para o estado de humor insensível de seu irmão. A irritação se eleva dentro dela, que se levanta, pega Essex pelo braço e o puxa para um canto.

“Você foi longe demais com o dr. Lopez”, ela murmura. “Longe demais. Devia ter me escutado. Estou horrorizada com...”

“Pelo amor de Deus, irmã”, ele interrompe. “Você não sabe de toda a verdade. O homem era culpado, pretendia envenenar a rainha. Era um traidor. Salvei Sua Majestade do assassinato.”

“Ou simplesmente se convenceu disso.”

“Ele era culpado, ouvi sua confissão. Não me subestime, Penelope. Não sou só seu irmão mais novo. Estou em ascensão, enquanto Cecil... afunda como se usasse botas de chumbo.” Essex a segura pelo queixo, virando seu rosto para encará-lo. “Não entende? Estou fazendo isso por *nós*.”

“Eu sei”, ela responde. “Eu sei”, repete. Ele está tenso como a

corda de um arco.

“Você não imagina como é. Tem muita gente querendo me derrubar: Cecil, Raleigh e todos os seus lacaios.” Essex cochicha com veemência. “Só porque não parece, não quer dizer que não seja uma guerra. E em uma guerra as pessoas morrem.”

O mundo de seu irmão é preto no branco; é guerra ou paz, matar ou morrer, euforia ou tristeza. Não existe meio-termo.

“Seria bom se você fosse mais comedido e não saísse comemorando a morte de um pobre homem. Tenha mais decência.” Ela pensa na viúva do dr. Lopez. Faria uma doação anônima para a mulher, como forma de oferecer uma pequena compensação.

“Você tem razão. Vou ser mais comedido. Um exemplo de comportamento.” Essex dá um beijo em seu rosto e a encara com olhos de cachorro sem dono. “Não fique brava comigo, irmã, eu não suportaria. Parece que perdi seu amor.”

Sua raiva dele diminui e se volta para si mesma, fazendo-a se sentir envergonhada, como se tivesse provocado deliberadamente a agonia do irmão. É impossível negar que sua ambição de garantir o futuro dos Devereux é tão grande quanto a de Essex; é como um demônio que habita a alma dos dois. Sem isso, eles poderiam se dar por satisfeitos com o que têm. Ela teria fugido e se casado com um homem abaixo de sua condição, como Dorothy fizera, aceitando uma vida no anonimato. Mas a verdade é que mesmo para a irmã o anonimato é impossível, pois ficou viúva e Essex tenta lhe conseguir um marido ilustre. A fuga é apenas temporária para quem nasceu em uma família como a sua, mesmo para a desinteressada Dorothy, que não tem a menor inclinação pela política.

Além disso, Penelope sabe muito bem que, assim como o irmão, ela não conseguiria ficar longe do olho do furacão. Ele nunca teve essa escolha, caso contrário não teria um tostão no bolso — o conde mais pobre da Inglaterra, era como costumavam chamá-lo. Para famílias como a sua, é ascender ou morrer. Por isso Essex precisa ficar se esfregando nos tornozelos

da rainha como um gato, agarrando as migalhas que ela deixa cair, buscando favorecimento o tempo todo para manter vivo o nome dos Devereux. E Penelope precisa ajudá-lo.

“Você não perdeu meu amor, Robin.”

Teria havido um momento exato, ela se pergunta, examinando o próprio passado, em que deixou de ser a menina simples que era, em que a diferença se tornou marcante como a que existe entre um ovo e uma ostra? Tudo começou com Rich. Ela se lembra da deliciosa sensação de poder que experimentou quando fez aquele trato com ele. Caso seja mesmo isso, então se consolidou quando ela se deu conta de que, mesmo cumprindo suas obrigações e mantendo sua palavra, as circunstâncias nem sempre colaboram. Foi a morte de Sidney que a transformou; Penelope já não sente a mesma tristeza de antes, porém há em seu íntimo uma raiva que precisa ser sempre controlada. Mas a raiva é uma força formidável, e um dia ela ainda pode se beneficiar disso.

Verão de 1595

Londres

Cecil ouve o som do impacto agudo e de vidro se estilhaçando, além do baque de um objeto pesado contra a lateral da carruagem. No primeiro momento só consegue pensar que acabou de mandar repintar o veículo, gastando uma fortuna, mas o grito apavorado de um dos cocheiros — “Não podemos continuar aqui. Para o rio! Para o rio!” — faz com que perceba que não se trata de um acidente. “Segure firme. Vire os cavalos.”

A carruagem dá uma guinada, e ele escuta mais pancadas secas. Um suor frio brota em sua pele quando o veículo começa a sacudir violentamente.

“Tire essas mãos imundas daí!”, grita outro cocheiro. Um chicote assobia e estala. Cecil cria coragem para abrir uma fresta da cortina, com medo do que vai encontrar fora do santuário da cabine. Um homem está com o rosto colado no vidro, com os dedos agarrados à fresta da porta. Sua boca sem dentes se abre quando o chicote do cocheiro atinge suas costas. Cecil faz uma careta. O homem o encara com o mesmo desprezo. Ele diz alguma coisa — “Quer ver o resto de nós passando fome, não é, andando em carruagens de luxo enquanto Londres inteira morre à míngua?” — e então cospe no vidro.

Cecil se encolhe no assento, mortificado, e percebe um entoar distante: *Trabalho decente, salário decente; trabalho decente, salário decente*. E então outro: *Trabalhador não erra, luta pela Inglaterra*. A massa de cuspe escorre pelo vidro, e o homem, ainda com os olhos cravados nele, começa a tentar abrir a porta. Cecil ouve o som de mais pancadas do lado de fora; deve haver outros com ele. Suas mãos tremem como as de um bêbado, e é impossível não se imaginar sendo arrastado para fora e linchado, como se estivesse observando a si mesmo de fora do corpo, encolhendo-se na lama enquanto aqueles homens chutam seu corpo encurvado.

O disparo súbito de uma pistola o faz perder o fôlego. Seus ouvidos apitam dolorosamente. O homem se afasta, deixando apenas a marca de seu desprezo na cabeça dele. A carruagem se move depressa na direção do rio, arremessando-o contra o interior acolchoado, provocando um estalo em seu pescoço. Instantes depois, estão no cais. A porta se abre e um de seus homens o ajuda a descer, explicando que atirou para o alto. “Ninguém se feriu, senhor.” Cecil não se preocupou nem por um instante com o destino dos agressores. “Foi por pouco. Fiquei com medo de que fôssemos...”

“Sim”, interrompe Cecil, enfim voltando a si enquanto é conduzido ao cais e à barca ali atracada.

“Uma encrenca feia, senhor”, diz o barqueiro, ajudando-o a subir a bordo. “Estão destruindo a cidade inteira. Dizem que saquearam a oficina de um armeiro e puseram abaixo os pelourinhos de Cheapside. São aprendizes, jovens demais para saber das coisas. Pensam que podem mudar o mundo. Estão indo para Tower Hill.”

“Leve-me para lá.” Em relativa segurança na barca, Cecil sente sua ousadia crescer, como se escapar por muito pouco tivesse renovado sua coragem e lhe investido de um apetite pelo perigo — não é algo que costuma sentir, mas ele parece dominado pela sensação, que o deixa atordoado.

“Não acho que seja uma boa ideia, senhor.”

“Não se deixe levar pelo medo.” Cecil não consegue acreditar no que está dizendo; é o tipo de coisa que Essexalaria para convencer um homem a cometer uma tolice. “Para a Torre.”

“Mas a maré está virando. Precisaríamos atravessar as corredeiras.”

“Que seja!” Cecil sente os olhares dos remadores, impressionados com sua ousadia. Sente o orgulho crescer dentro de si.

Enquanto os remadores ditam o ritmo da embarcação, ele continua admirado com sua incomum ousadia. Pensando melhor a respeito, conclui que deveria ter previsto aquele

tumulto. Os preços estavam fora de controle, e uma colheita ruim provocou a chegada de uma grande leva de agricultores à cidade, todos atrás de trabalho. Londres já estava transbordando de estrangeiros à procura de refúgio da guerra nos Países Baixos, também precisando de empregos. Cecil viu um grupo de jovens atacar um holandês diante da taverna Mermaid outro dia. Eles o derrubaram e o chutaram; um dos agressores inclusive abriu a calça e urinou no pobre sujeito, que implorava por misericórdia. O conselheiro mandou seus homens darem um jeito na situação, mas resolver um único incidente não significa grande coisa.

Em segurança na água, ele vê um grupo de mais ou menos cinquenta homens correndo pela margem norte do rio, aos berros. O barco passa ao lado do esqueleto do Swan Theatre ao sul, uma estrutura precária apontando para o céu, mais alta que qualquer outra edificação ao redor com exceção da igreja. Os teatros não param de se espalhar pela cidade. Cecil fez uma tentativa não muito convicta de impedir a construção daquele, mas abandonou a ideia por medo de irritar a rainha, que gosta desse tipo de divertimento.

Para Cecil existe algo intrinsecamente maligno nesse tipo de entretenimento e em seu poder de influenciar as massas; já observou o quanto uma plateia podia ficar inflamada ao ver uma injustiça política cometida no palco e teme a influência insidiosa das dramatizações e seu potencial de incitar a rebelião. Foi encenada até uma peça retratando a usurpação do trono do rei Ricardo III. Cecil não entende por que a rainha aprova tal divertimento, embora as cenas mais ofensivas tenham sido removidas. Está convencido de que assim se plantam ideias de dissidência na mente dos homens. É o que acontece, ele pensa, quando as massas ignorantes são expostas a tal material.

Uma pequena embarcação se aproxima. O barqueiro, de pé, grita: “Tem uma turba de mil pessoas na Tower Hill!”.

De repente Cecil é dominado pela sensação de que as frágeis estruturas do Estado estão desmoronando, e não apenas em

Londres. Não é possível conter os espanhóis no continente, trata-se de uma questão de tempo até que desembarquem na costa sul da Inglaterra. Porém, a notícia mais alarmante que chega pelas linhas de informações de Cecil é de que os espanhóis pretendem juntar forças com Tyrone na Irlanda contra os ingleses, como Essex temia — um pensamento de fato preocupante. O conde está brandindo a espada, como sempre, ansioso para se recobrir de glórias; Cecil teme que os dilapidados cofres da nação sejam obrigados a custear uma guerra em duas frentes. Sua cabeça anda a mil com tudo isso, à procura de uma solução diplomática. Precisam fazer um acordo sem o derramamento de sangue e as despesas debilitantes de uma guerra. Ele imagina que, se conseguir isso, seu legado vai ficar marcado gloriosamente na história.

Quando olha mais adiante, seus pensamentos são interrompidos pela vasta estrutura da ponte, e sua coragem recém-descoberta começa a fraquejar. Que tipo de loucura o levou a fazer isso? Escapou por pouco da ruína, e as corredeiras são no mínimo tão perigosas quanto a multidão enfurecida. Um suor frio brota de novo sob suas roupas, e sua respiração fica curta e acelerada.

No entanto, é tarde demais para voltar atrás, pois a água já os direciona para lá. Os homens erguem os remos e se seguram firme enquanto a força da correnteza começa a puxar a barca em alta velocidade na direção da estreita arcada. Eles começam a gritar, exaltados pela emoção. Com o rugido das águas furiosas nos ouvidos, Cecil fecha os olhos, apavorado demais para olhar quando entram nas sombras debaixo da ponte. O conselheiro se agarra ao assento e prende a respiração, tentando se concentrar em manter a barca à tona, como se pudesse impedi-la virar com a força do pensamento. A dor em seu pescoço se intensifica, mas ele não ousa se mexer nem para massageá-lo. Em sua imaginação, é lançado do barco na correnteza furiosa e sugado para baixo, debatendo-se e se revirando até chegar ao leito do rio.

A barca decola, fazendo o estômago de Cecil subir pela garganta, e paira por um instante no ar antes de se chocar de novo contra a água, afundando pesadamente e permitindo a entrada de uma boa quantidade de água pelas beiradas. Os ombros de Cecil se chocam contra um poste. “Abaixem”, grita um dos homens, e todos se inclinam para o mesmo lado, equilibrando a embarcação. A água cobre até os tornozelos de Cecil, estragando seus melhores sapatos, de couro italiano, feitos com maestria por um artesão habilidoso.

Eles conseguem atravessar; os homens gritam em uníssono, gargalhando e provocando uns aos outros. Cecil solta um suspiro profundo, fazendo preces silenciosas em agradecimento. Ele capricha na expressão de indiferença e esconde as mãos trêmulas. Não quer demonstrar suas fraquezas, mas tampouco consegue entender como alguém pode extrair prazer de uma experiência tão assustadora, a não ser a alegria por sobreviver.

Um dos rapazes começa a tirar a água com um balde, e Cecil examina os sapatos molhados. É possível ver centenas de homens apinhados nas ruelas estreitas perto do rio. Estão todos portando alguma arma improvisada, movendo-se em massa para Tower Hill. A barca para perto da muralha. Recusando ajuda, o conselheiro consegue subir no teto da cabine para ver melhor.

Há um homem no cadafalso, gritando para a multidão e brandindo uma arma sobre a cabeça. Cecil se lembra da última vez que testemunhou uma morte naquele local — a do dr. Lopez, um ano antes. Sente suas entranhas se revirarem, provavelmente de vergonha, e se questiona como vai se reconciliar com Deus quando chegar a hora. Poderia ter salvado o dr. Lopez, mas perderia o favorecimento da rainha. Então viu um homem inocente ser executado e seu inimigo ser alçado a alturas inacreditáveis. Irrita-o ver Essex todo pomposo e cheio de si, mas é o menor de dois males — perder a confiança da rainha poderia representar o fim de sua família. Às vezes ele se sente enojado pelas coisas que faz. Mas as faz pelo bem da Inglaterra, lembra a si mesmo, e da rainha. E se consola com a

ideia de que, com Essex alçando voos tão altos, a queda será maior ainda.

O homem no cadafalso dispara a arma para o alto, e a multidão responde aos berros. Alguns começam a atirar pedras nas janelas; uma turba perto do cais arromba a porta de um depósito e começa a saqueá-lo. Cecil vasculha sua memória em busca de quais dos homens a seu serviço poderiam indicar os nomes dos líderes dos protestos. Nenhum tem contatos entre os aprendizes, disso ele sabe. Uma punição exemplar em público evitaria o pior. O homem disparando a arma em breve vai estar de volta ao cadafalso pedindo perdão a Deus e vendo suas tripas serem arrancadas diante dos próprios olhos. Cecil vai recomendar um toque de recolher à rainha. Ele se pergunta por que foi até lá. De seu refúgio flutuante, não é capaz de fazer nada.

“Leve-me ao palácio”, ordena ao barqueiro.

Em Whitehall, Cecil encontra seu pai assistindo a uma partida de xadrez entre a rainha e Essex. O conde agora ostenta uma barba volumosa, lustrosa e máscula como a juba de um leão. A rainha olha para ele como se estivesse diante de uma criação sua, maravilhada com o próprio trabalho. Cecil sente a inveja borbulhar.

“Pigmeu!”, ela diz, virando-se para ele. “Ouvi dizer que estava na frente de batalha.” Cecil deseja que a rainha seja mais efusiva, que o parabeneze por sua bravura, mas ela parece bem-humorada, e ele sabe que se insistir no assunto vai parecer que está caçando elogios.

“Testemunhei os acontecimentos.”

“Da segurança de sua barca”, retruca Essex, sorrindo como quem diz que, se fosse ele, estaria no centro das ações, dispersando a turba sem a ajuda de ninguém.

Cecil olha para seus sapatos arruinados; tem uma mancha em suas meias pretas. Essex é do tipo que se divertiria nas corredeiras. Como *sabe*, aliás, que ele estava na barca? Sente-se vigiado tanto quanto vigia; não é um sentimento agradável.

Cecil pensa nos homens que emprega como remadores, perguntando-se qual deles seria indigno de confiança — ou talvez tenha sido alguém em outro barco.

“Essex acha que...” A rainha se interrompe para mover seu cavalo.

“Estou vendo o que a senhora está tentando fazer, majestade”, diz o conde em um tom brincalhão. “Quer derrubar minha torre.”

O que se passa na cabeça de Essex, pergunta-se Cecil, trocando um breve olhar com o pai. Ele tentou se aproximar de uma mulher que teve um breve caso com o conde para saber se ele fora tolo o bastante para confidenciar algum de seus segredos, mas não teve sucesso. Apesar das explosões de mau humor e da arrogância, Essex parece inspirar grande lealdade até mesmo nas pessoas que descarta.

“Talvez não seja atrás de sua torre que estou, e sim de outra coisa.”

“Não!”, grita Essex, batendo com a mão na testa. “Está de olho na minha rainha. Como posso não ter visto? É uma adversária astuta demais para mim. Não tenho a menor chance.”

A rainha sorri, soltando uma risada de contentamento. Cecil se pergunta se Essex está permitindo que ela vença. Se for esse o caso, faz uma bela cena.

“Essex acha que devo impor a lei marcial”, diz a rainha, “mas Burghley é da opinião de que isso só pioraria as coisas, certo?”

“De fato, Vossa Majestade. Acho que seria prudente tentar outros métodos antes de apelar para a força. Não queremos que os católicos se envolvam, ou teremos uma rebelião completa nas mãos antes de entender o que de fato está acontecendo.”

“O que você acha, Pigmeu?”

“Concordo com meu pai. Tome um caminho mais prudente, promova um cerco dos líderes, faça deles um exemplo. Fique de olho...”

“E permita que outros assumam a liderança. Precisamos de uma demonstração de força”, argumenta Essex. “Estou decidido

a ir pessoalmente até lá.”

Cecil o imagina montado em seu cavalo, com uma armadura reluzente, brandindo uma espada, com aquela barba no rosto e todo másculo. Londres adoraria ver o espetáculo, ter seu herói guerreando nas ruas da cidade, pois apesar do sangue nobre o conde tem apelo junto ao povo. Cecil se lembra do homem de rosto cadavérico pressionado contra a porta de sua carruagem. O nó em seu estômago se aperta, e ele se sente grato por estar protegido pelas muralhas robustas de Whitehall.

“Já mandei instruir a guarda”, avisa a rainha.

Cecil se contorce por dentro. Essex esconde um sorriso atrás da mão.

“Mas quero nomes”, ela continua. “Você tem razão, Pigmeu, precisamos dar uma punição exemplar aos líderes. Não se importa de sujar as mãos, não é?”

Ele olha para o pai, que acena com a cabeça de leve. “Fico feliz em fazer o que for necessário, Vossa Majestade.” É incômodo que ela considere *sua* abordagem mais suja, e ele sente que está sendo superado outra vez.

“Vou pôr você em xeque, Essex.” A rainha ergue as mãos, toda alegre.

“A senhora sempre faz isso.” Essex lança um olhar para ela, e Cecil precisa se segurar para não soltar um grunhido quando a rainha estende a mão para seu favorito.

“Meu menino querido”, ela diz, e então se vira para Burghley. “Não tem orgulho do que ele se tornou?”

“Tenho, sim”, ele responde. “Todos os jovens criados sob meu teto hoje são...”

“Oxford não saiu grande coisa. Os escândalos grudam nele mais que ovo cru.” A expressão no rosto da rainha é indecifrável.

“Southampton. Ele é um bom sujeito”, diz Essex.

Seu cachorrinho, Cecil tem que se segurar para não dizer.

“Ainda precisa se provar. Mal saiu da infância, mas gosto dele.” A rainha troca um sorriso com o conde — um sorriso

direcionado a ninguém além dele.

E eu, e quanto a mim?, Cecil sente vontade de perguntar, mas se segura para não deixar que a inveja o domine. Existe uma muralha intransponível de intimidade construída por Essex em torno da rainha. Burghley não mostra sinais de irritação. *Pela insistência, não pela força*. Sou indispensável, ele lembra a si mesmo, indispensável.

“Dei permissão para que a irmã de Essex se case”, revela a rainha.

Uma imagem de Penelope surge na mente de Cecil, mas é claro que se trata da outra, Dorothy — a que se casou escondida e ficou viúva no ano passado. Trata-se de um claro sinal de favorecimento — pouco antes a rainha não aceitava se sentar sob o mesmo teto que Dorothy Devereux, tamanha era a desgraça em que caíra, mas agora ela tem a bênção real para seu casamento.

“Ah, um casamento, que ótimo”, comenta Burghley, embora Cecil saiba que seu pai também está preocupado com o significado daquele favor. “Posso saber quem é o felizardo?”

“Não tenho como me salvar”, diz Essex, movendo sua torre pelo tabuleiro. “Nenhum movimento que eu fizer vai evitar minha destruição.”

“Northumberland”, anuncia a rainha.

“Ah”, diz Burghley. Cecil mantém a postura, mas permanece com os olhos voltados para o tabuleiro por medo de revelar seu descontentamento. Ele é um dos principais condes do país. A influência de Essex sobre a rainha se tornou absurda. Trata-se de um casamento dos mais convenientes; Northumberland e Raleigh são aliados, e Cecil acha que em geral se posicionam ao lado *dele*. Embora Raleigh seja um pouco difícil de controlar, sempre estão de acordo quanto a detestar Essex. Sua mente gira. Talvez haja uma maneira de reverter a situação a seu favor.

“Pigmeu, o que aconteceu com seus sapatos?”, pergunta a rainha, apontando para eles. Até as mulheres do outro lado do

cômodo se aprumam para olhar.

“Atravessamos as corredeiras para chegar a Tower Hill. Achei que precisava trazer notícias assim que possível. Eu deveria ter me trocado, mas pensei que...” Ele tagarela, nervoso. A rainha abre um sorriso sarcástico. Está se divertindo com seu desconforto?

“Você atravessou as corredeiras?”, ela pergunta. “Minha nossa!”

Cecil se arrepende de ter contado, pois detesta ser tratado com condescendência, como se fosse um menino que subiu pela primeira vez na cela de um pônei.

“É uma aventura e tanto, não?”, comenta Essex.

“Sim, uma aventura”, repete Cecil, tentando esconder o ressentimento na voz.

Outubro de 1595

Leighs, Essex

Penelope entra no quarto das crianças antes mesmo de tirar as roupas enlameadas da viagem e cumprimenta a ama Shilling, que está sentada com a pequena Pea no colo, balançando o berço com o pé. As crianças se aglomeram ao seu redor, vindo todas ao mesmo tempo, com exceção de Lucy, a mais velha, que fica parada perto da janela, acometida pela timidez natural de quem está entrando na fase adulta. Penelope pega a garota de três anos nos braços, murmura “Meu docinho” e se delicia com a voz de criança que lhe responde “Mamãe” com um sorriso com covinhas. Penelope põe o dedo na ponta do nariz dela, provocando uma risada, e se pergunta se Rich já reparou que a menina tem o nariz arrebitado do pai. Ela tira o gorro de linho de Pea para cheirar seus cabelos e em seguida olha para o berço onde está seu novo bebê, embrulhadinho como um pacote de carne, dormindo profundamente.

“Nenê”, diz a pequena Pea, apontando para o berço.

“Vejam só vocês”, Penelope fala, olhando para cada um dos filhos, vestidos com as melhores roupas para sua chegada, empolgadíssimos por ver a mãe. Seu coração fica cheio. Algumas mulheres reclamam que os filhos se agarram às babás com todas as forças quando vão visitá-los. As circunstâncias de sua vida podem até mantê-la longe de suas crianças, mas Penelope sempre faz questão de que o tempo passado em sua companhia seja dedicado inteiramente ao deleite dos pequenos.

O menino mais novo mostra seu porquinho-da-índia. “Olha como cuidei bem dele.”

“É verdade, Henry. E como você cresceu, homenzinho.” Penelope acaricia o animal e se senta com as pernas cruzadas no chão, com a pequena Pea no colo. Todos menos Lucy se acomodam ao seu lado. Um pensamento a incomoda, envolvendo algo de que ouviu falar na viagem. Um padre

católico foi arrancado de seu esconderijo em uma casa na vizinhança. Estava lá fazia quatro dias sem comida nem água e foi encontrado semimorto. Ela estremece, voltando sua atenção para os filhos, torcendo para que o mundo seja um lugar mais seguro quando estiverem grandes.

A pequena Pea põe a mão no colar da mãe e murmura: “Bonito”.

“Você trouxe presentes para nós?”, pergunta o menino mais velho.

“Hoby!”, repreende a menina Essie. “Isso não é jeito de receber nossa mãe, que você não vê há um mês.”

Penelope acaricia a pele branca e irresistível de Essie. “Na verdade”, ela se vira para Hoby, que parece cada vez mais com o tio, “eu trouxe uma coisa para vocês.” Ela observa seu menino curioso e vê a empolgação surgir em seus olhos. “Está lá fora.”

Ele fica de pé em um pulo. “Posso ver?”

“Só depois que eu ganhar um beijo e um abraço.” Penelope abre os braços e aninha suas crianças, sorrindo por cima dos ombros dos pequenos para Lucy, que continua parada na janela, fingindo interesse em alguma coisa do lado de fora, mas o tempo todo espiando a família reunida. A menina retribui o sorriso timidamente. Penelope acha que deve se considerar grande demais para isso — afinal, já tem treze anos. Ela se lembra de si mesma nessa idade, chegando à casa da condessa, sentindo-se velha demais para coisas infantis, mas desejando secretamente fazê-las mesmo assim.

Henry dá um beijo molhado em seu rosto.

“Podem ir lá para os estábulos e peçam para Alfred mostrar a vocês. Essie, cuide de seus irmãos.”

Os três saem correndo, com Henry levando um porquinho-da-índia no colo e sua irmã, o outro. Penelope não consegue desviar seus pensamentos do padre e imagina que ele deve estar sendo torturado na Torre. A ideia embrulha seu estômago. Ela pensa em todos os homens anônimos espalhados pelo continente em busca de informações e no risco que correm por

isso. Esse pobre sujeito, capturado a poucos quilômetros de distância, faz aquela casa, que ela sempre considerou um refúgio, parecer frágil como um castelo de cartas.

Penelope fica de pé e devolve Pea à babá. “Sou muito grata pelos cuidados que você dispensa a eles.” Era impossível não se lembrar de quando a ama Shilling a acolheu anos atrás, no momento em que pensava que ia enlouquecer de tristeza. Os vapores reconfortantes da lavanderia a transportam de volta ao passado, como se tivesse sido ontem, não catorze anos antes. Ela se questiona sobre a idade de Shilling; se foi ama de leite de Rich, deve ter muito mais de cinquenta. Está listando um a um os feitos das crianças, informando a Penelope sobre a adaptação do novo professor e contando o que os pequenos estão aprendendo nas aulas de música. Uma ideia súbita lhe ocorre: de que aqueles homens poderiam ser católicos disfarçados. Ela se repreende logo em seguida por ser tão dramática. Entrevistou os professores pessoalmente, e eles lhe foram muito bem recomendados.

Penelope vai se sentar ao lado de Lucy, junto à janela. “O que está lendo?” Ela toca o livro da filha, mas Lucy o afasta de seu alcance.

“Desculpe. Encontrei no meio de suas coisas.” A menina fica de cabeça baixa, recusando-se a encará-la, mas permite que tire o livro de suas mãos.

Agora que consegue ver melhor, Penelope reconhece o volume; é *Astrophil e Stella*.

“O que é isso?” Lucy saca uma folha de papel. *Meu amor por você é eterno como as estrelas, meu corpo celestial*. Era um bilhete de Sidney, que ela usava como marcador de página.

“Deixe-me explicar.” Penelope lança um olhar para a ama, que imediatamente entende, pega Pea e sai do quarto.

Lucy a desafia com um olhar dos mais duros. “Você era apaixonada por Sir Philip Sidney?”

“Sim, eu era.” Penelope não quer se enredar em uma teia de mentiras e justificativas; já carrega inverdades suficientes para

esta vida e a próxima. Mesmo que quisesse, não seria capaz de explicar o que teve com ele, a maneira como os dois se envolveram, de forma tão absoluta. Muitas vezes já se perguntou se não era a separação que alimentava os sentimentos. Ela conhecia pouquíssimo sobre o amor e sobre as formas que uma primeira paixão pode marcar a vida de uma pessoa. Não passa um dia sem que pense em Sidney, mesmo que só por um instante. Quando ouve uma frase que ele usaria, quando se lembra dele ao ver seu irmão à distância, ou em um sonho vívido, ou quando um verso lhe vem à mente de forma inesperada.

“E meu pai?”

“Isso não tem nada a ver com seu pai, Lucy.”

“Mas, se você era apaixonada por outro, quer dizer que traiu meu pai.”

“Era um amor inteiramente casto.”

“E o que isso quer dizer?”

“Quer dizer isso mesmo, minha querida.” Ela estende o braço para segurar a mão da filha, mas Lucy se mantém imóvel sob o toque. “Tem muita coisa que você não entende sobre o amor. Nem sempre é uma coisa que se consuma.”

“Já li histórias de romance”, rebate a menina, como se estivesse sendo subestimada. “Sei o que é o amor cortês. Está me dizendo que foi só isso?” Ela bate na capa do livro com as juntas dos dedos.

“Não exatamente.” Penelope poderia tornar tudo mais fácil dizendo que sim, mas não era, envolvia muito mais coisas, e não ia diminuir a relação a uma espécie de adoração distante e formal. “Um dia você vai se encantar por alguém, e é muito provável que não seja o marido que seu pai e eu escolheremos.”

“Nunca vou querer me casar.” A resistência parece abandonar o corpo da menina, que lança os dois braços em torno da mãe, apertando-a com força e de repente voltando a parecer uma criança.

“Para ter filhos é preciso se casar, e esse é um dos maiores

presentes que Deus nos deu.”

“Meu pai andou falando sobre um pretendente.”

Penelope não sabe disso e se irrita por não ter sido consultada. “Não vou permitir, Lucy. Você só tem treze anos. Não há motivo para pressa.” Ela vai confrontar Rich mais tarde. Quase nunca tem conversas particulares com ele. Os dois se veem apenas em público, quando precisam manter as aparências na corte ou quando ele acompanha a comitiva de seu irmão, o que é mais frequente do que gostaria. Ele tem o hábito irritante de aparecer na Essex House sem ser convidado.

“Quero ser criança para sempre”, Lucy diz baixinho.

Penelope abraça a filha, sentindo-se inundada pelo amor e se lembrando da decepção que sentiu quando a menina nasceu. Não foi a decepção habitual da maioria dos pais quando descobre que seu primeiro bebê é uma menina. Foi por se tratar de um passo atrás em seu acordo com Rich. Isso a faz se lembrar do dr. Lopez, de suas palavras gentis, de sua empatia extraordinária; uma sensação de desolação a domina, temperada pelo toque incômodo de estar tão distante da verdade. Ainda se recusa a acreditar que o médico era culpado — embora houvesse provas irrefutáveis de seu envolvimento com a Espanha. Ele sempre vai ser o homem que salvou a vida de Lucy.

“Você nunca vai deixar de ser minha menina”, ela murmura, tirando a touca de Lucy e acariciando seus cabelos escuros como melaço.

“Estou com medo, mãe. Ouvi os criados conversando outro dia...” Ai, Deus, pensa Penelope, preparando-se para o pior, torcendo desesperadamente para que Lucy não tivesse ficado sabendo das inclinações sexuais de seu pai. É uma menina curiosa, que está sempre escutando atrás das portas, remexendo nas coisas, lendo cartas, como se entendendo o mundo ao seu redor fosse torná-lo mais seguro. Penelope sempre se culpou pela insegurança da filha, considerando que a rejeição inicial podia ter ficado gravada de forma indelével em sua mente.

“O que foi, meu amor?”

“Os espanhóis vão vir para cá?”

Penelope fica confusa. “Espanhóis?”

“Eles destruíram quatro cidades na Cornualha... Ouvi os comentários.”

“Não precisa se preocupar com isso, Lucy. Foi só uma incursão, não a invasão de um exército de verdade... Eles foram oportunistas... E não eram bem cidades, eram no máximo vilarejos... O mal foi cortado pela raiz. Além disso, a Cornualha é a região mais distante possível de Essex dentro da Inglaterra.” Penelope embala de leve a filha. Lucy não é a única a ficar agoniada com os ataques; o sul da Inglaterra inteiro está em polvorosa. Os espanhóis estão propagandeando o acontecido como um triunfo — o primeiro passo de sua invasão — e tiveram a ajuda dos católicos ingleses. O massacre ocorrido na França lhe vem à mente, o horror que surge nos olhos de Jeanne quando fala sobre aquela noite, ainda que de forma fragmentada, como se descrever tudo de forma integral representasse uma descida ao inferno.

“Mas o que eles fizeram com...” Ela se interrompe, como se fosse incapaz de dizer tais palavras, e Penelope se pergunta o que a filha poderia ter escutado da boca dos criados — histórias sórdidas de batalhas renhidas e casas queimadas, sem dúvida. “As mulheres”, Lucy diz por fim. “Eles fizeram coisas terríveis com as mulheres... usaram à vontade e depois esquartejaram.”

“São só histórias, aumentadas toda vez que passam de uma boca para outra, meu amor.” Mas não são apenas histórias. A guerra é brutal, tanto para as mulheres como para os homens, e se Penelope se deixar levar por esses pensamentos vai acabar enlouquecendo. A incursão teve origem na Bretanha, onde os espanhóis derrotaram os franceses. Era perto demais para que alguém pudesse se sentir em segurança.

“O fogo deve ser combatido com fogo”, ela disse a Essex quando falaram sobre o assunto com os irmãos Bacon. “A diplomacia de Burghley não é uma ferramenta eficiente para

lidar com os espanhóis. Leve um destacamento para a Espanha, Robin. Incendeie a frota deles.”

“Você vai se cobrir de glórias assim”, afirmou Anthony Bacon, massageando a coxa para amenizar a dor causada pela gota.

“A rainha vai precisar ser convencida disso”, falou Francis, fazendo um gesto gracioso e dando uma leve fungada. Penelope já percebera que ele sempre pontuava sua fala com fungadas, e se perguntava se aquilo queria dizer alguma coisa, como um sinal em um jogo de cartas. “Cecil não vai gostar.”

“Mais uma razão para tentar”, retrucou Anthony.

“Vou especular discretamente com a rainha”, disse Penelope. “E você precisa fazer o mesmo, Robin. Mas com sutileza. Tem que pensar que a ideia foi dela.”

Seu irmão abriu um de seus sorrisos radiantes. “Acho que consigo fazer isso.”

“Mas nada de...” Ela se interrompeu antes de recomendar que não fosse presunçoso demais.

A proximidade com a rainha é um recurso poderoso, e seu irmão parece crescer cada vez mais no conceito dela, enquanto os demais só perdem terreno. Penelope tem medo de que o faça se sentir imbatível. Isso a inquieta, pois quando uma pessoa chega ao auge só existe uma direção a seguir. Muita gente cobiça o lugar de Essex no topo, e Penelope sente a pressão da necessidade de protegê-lo, garantindo que seja comedido em suas atitudes e mantendo seus pensamentos voltados para o futuro; Elizabeth não vai durar para sempre, e eles precisam que seu sucessor seja Jaime, pois as perspectivas dos Devereux estão inevitavelmente vinculadas aos Stuart. Ela precisou se esforçar bastante para ganhar a confiança do rei da Escócia. O peso de toda aquela correspondência secreta e do medo de que lhe cause problemas sérios algum dia nunca vai sair de seus ombros.

“Eu queria ter nascido menino”, Lucy diz de maneira convicta, voltando os pensamentos de Penelope para a filha. Ela se desvencilha dos braços da mãe e a encara. “Eu poderia aprender a lutar, como o tio Essex.”

“É sua esperteza, não a força bruta, que lhe dá força, meu docinho.”

“De que adianta minha esperteza contra um exército de brutos?”, Lucy rebate com uma risada ácida.

“Você pode ter uma bela surpresa”, responde Penelope, contente em ver o ânimo da filha retornar aos poucos. “Lembre-se da velha duquesa de York.” Ela já contou aos filhos muitas vezes a história da mulher que chamavam de Rosa de Raby, que, um século e meio antes, negociou com um exército sanguinário a salvação de sua vida e de sua família. “Dê-me o pente.” Ela solta as tranças de Lucy e começa a passá-lo cuidadosamente pelos cabelos da menina, elogiando os fios sedosos. Penelope pensa que, quando Lucy for chamada à corte, vai ver as outras damas com uma peruca enrolada e adornada com pérolas, reais ou falsas, e vai querer fazer como elas — o que seria uma grande pena. Ela se lembra do quanto se sentiu deslocada em seu primeiro dia por lá, com seu vestido escuro de veludo, desejando ter asas de tule — mas logo se cansou daquilo, do desconforto do arame que espetava sua nuca.

“Como ele era, esse seu Sir Philip?” Lucy pega o livro de poemas. “Eu li. E até chorei.”

Penelope sente vontade de compará-lo com Blount, mas Lucy não o conhece, o que a entristece por se dar conta de que sua vida é toda compartimentada, como recipientes lacrados e guardados em diferentes prateleiras. Um dia talvez não seja assim — ela já pensou na ideia de morar com Blount e os filhos em Wanstead. É sempre nessa casa que pensa — onde reside sua felicidade. Mas é um sonho absurdo, na verdade. “Era alguém que não tinha medo de mostrar sua...” Ela fica à procura da palavra, mas não encontra uma que seja apropriada. “Suavidade.” Quando diz aquilo — suavidade — parece uma bobagem, uma descrição insatisfatória, mas é impossível expressar a verdade sobre Sidney: seu jeito pensativo; sua convicção absoluta no amor; seu ódio à violência sem sentido; sua busca pela verdade. Foi isso que ela quis expressar.

Mas Lucy não pede maiores explicações. “Li os poemas. Ele era atormentado pelos próprios sentimentos.”

Penelope afunda o rosto nos cabelos da filha. Têm cheiro de flores selvagens, como se ela estivesse rolando no mato pouco tempo antes, um aroma gloriosamente puro. Nesse momento, Penelope também deseja que Lucy permaneça criança para sempre. As coisas que não podem ser ditas — a verdade sobre o pai dela, seu amor por Blount — a incomodam, fazendo com que se sinta desonesta. “Todos somos atormentados pelos nossos sentimentos”, ela responde. “Às vezes é difícil resistir ao amor.”

“Eles são mesmo todos sobre você?”

“Os poemas? Sim, essa *era* eu... outra versão minha.”

“Como assim?”

“O tempo e as circunstâncias mudam a pessoa até o ponto de se tornar irreconhecível.” Ela reflete sobre a imagem do ovo e da ostra.

“Quantos anos você tem, mãe?”

“Trinta e dois... Minha nossa, o tempo passa sem que a gente perceba.”

Lucy abre um sorriso reluzente e as duas ficam em silêncio enquanto o pente passeia pelos cabelos da menina. Elas são interrompidas por passos pesados na escada. As crianças entram correndo, tagarelando empolgadas. Spero, que fizera a viagem na carroça das bagagens, as acompanha. Os pequenos se jogam nos braços da mãe, sufocando-a com beijos e agradecimentos pelos dois pôneis malhados que trouxera dos estábulos de Essex.

“Podemos montar neles?”, pergunta Hoby.

“O cavaleiro falou que estão muito cansados da viagem”, avisa Essie.

“Ele tem razão. Wanstead fica bem longe daqui.” Para Penelope, é impossível não pensar na noite anterior, que passou com Blount, e na desolação que sentiu ao partir, amenizada apenas pelo fato de que encontraria os filhos. “Vocês podem levá-los para um passeio amanhã.”

“Mãe, por que Spero está com o focinho branco, se antes era

preto?”, pergunta Henry, que segura o cão com firmeza pela coleira para impedir que ataque o porquinho-da-índia.

“Ele está velhinho. Os cachorros ficam com os pelos brancos, como acontece com nossos cabelos”, ela responde, pondo a mão no ombro de seu menino mais novo.

“Como a vovó! Vi quando ela tirou a peruca uma vez”, comentou Hoby.

“Nunca se deve espiar uma dama quando ela não estiver vestida, Hoby”, advertiu Lucy.

“Não foi de propósito, é que ela estava...”

“Não quero que Spero fique velho”, interrompe Henry, e Penelope consegue até ver os mecanismos da mente de seu filho se esforçando para lidar com o caráter finito de tudo. Ela se sente agoniada, pensando em todos os anos que gostaria que pudessem passar depressa para conquistar sua liberdade, porém ao mesmo tempo desejando que o tempo parasse. Ela se dá conta de que seu acordo com o marido é parecido com o que o dr. Fausto celebrou com o diabo na peça de Kit Marlowe. Não que Rich seja um demônio, trata-se apenas de um homem que não foi feito para este mundo. É uma boa alma, na verdade, ao contrário de outros, que estão muito mais próximos do conforto do que deveriam.

Novembro de 1595

Burghley House, Londres

O criado põe o caixote no chão do escritório. “Quer que eu abra para o senhor?” Ele mostra o pé de cabra.

“Não precisa”, diz Cecil.

“É rápido.”

“Já disse que não precisa.” Cecil se esforça para não soar muito veemente, pois não quer chamar atenção para o conteúdo da encomenda. Aguardava ansioso por aquela entrega. “Isso pode ser feito mais tarde. São só alguns livros espanhóis sobre jardinagem. Tenho papéis importantes à minha espera.”

“Como quiser, senhor.” O homem se vira para sair.

“Deixe a ferramenta”, pede Cecil.

O criado deixa o pé de cabra sobre o caixote antes de sair.

O conselheiro fica sentado por um momento, olhando para sua encomenda há tanto tempo aguardada. Uma carta de um contato de confiança na Espanha lhe foi entregue algumas semanas antes, informando sobre a chegada iminente do caixote. E o mais importante: que ali estaria uma forma de derrotar seu “maior adversário”, que só podia ser uma pessoa. Agora a encomenda está diante dele, e sua ansiedade só aumenta. A intensidade da sensação faz suas entranhas se revirarem de uma forma quase dolorosa, como uma cólica.

Cecil abre a porta, olha para os lados para se certificar de que não vai ser interrompido, pega o pé de cabra e enfia sob o ponto onde a tampa do caixote foi martelada. A madeira estala e a parte de cima se solta. Ele se ajoelha, remove alguns punhados de palha e joga no chão, sem se preocupar com a sujeira que está fazendo. Ergue os livros um após o outro — vários volumes de tamanho grande —, folheando um ou dois para verificar o conteúdo. Encontra os esperados desenhos de plantas e projetos de jardins, com uma fonte aqui e ali, treliças ornamentais e nada mais.

Ele se pergunta se pode haver uma mensagem codificada dentro de um deles e começa a procurar pistas enquanto vasculha a palha com a mão. Encontra mais um volume; é menor que os demais, porém lindamente encadernado em couro vermelho. Abre o livro e lê o frontispício: *Conferência sobre a próxima sucessão à Coroa da Inglaterra*. É isso! A mera existência desse tomo é uma prova de traição; esse tipo de discussão é proibido fora do território inglês.

Sua respiração estremece quando ele continua a leitura: *Dirigida ao honorável conde de Essex*. Uma traição em nome de Essex, portanto! O autor é um tal de Doleman, sem dúvida um pseudônimo, mas é a dedicatória que faz seu coração disparar. Uma folha de papel com alguns números escritos cai no chão. Ele folheia o volume em busca das páginas indicadas, passando os olhos pelo texto denso, e encontra, com uma euforia que lhe sobe pela espinha — de alguma forma fazendo com que suas costas pareçam mais retas e eliminando sua corcunda —, uma passagem expressando uma traição de tamanha magnitude que é preciso ler duas vezes para acreditar nos próprios olhos. Trata-se de um argumento a favor da reivindicação da infanta espanhola ao trono da Inglaterra, traçando sua linhagem até a figura de Eduardo III. O documento cheira a traição católica e é dedicado a Essex. Cecil mal consegue respirar.

Ele se senta sobre os calcanhares, passando os dedos pelo couro macio. Tem uma fantasia súbita e mórbida de que o volume é encadernado com a pele do conde. Ouvira histórias do Novo Mundo sobre selvagens que guardam o escalpo dos inimigos como troféu. Cecil continua acariciando a superfície lisa, e seus pensamentos se voltam inevitavelmente para a irmã do conde — a pele lisa e sedosa, as partes do corpo dela que só pode imaginar. Como Sidney a descreveu naqueles poemas? *De puro alabastro*? Pega-se questionando, mais uma vez, se o amor entre Lady Rich e Sir Philip Sidney foi mesmo casto — se ele por acaso passou os dedos pelas partes secretas do corpo dela. Com certeza é possível, considerando o comportamento

desavergonhado dela com Blount. A ideia lhe provoca desgosto, mas também outra sensação, que Cecil se esforça para suprimir.

Seus pensamentos se voltam para o conde, que imagina subindo no cadafalso. Essex usaria seus trajes de gala pela última vez, faria um discurso pedindo clemência a Deus e à rainha, como todos fazem. Um criado tiraria suas roupas, deixando-o apenas de camisa, com a silhueta do corpo visível sob o tecido: um exemplo perfeito de masculinidade. Ficariam todos em silêncio, até que alguém gritasse “Traidor” e a multidão enlouquecesse, clamando por sangue.

Uma venda seria amarrada em seus olhos, e ele ia se ajoelhar. O carrasco faria o sinal e uma lâmina cortaria o ar. A cabeça dele cairia sobre as tábuas do assoalho com um baque surdo e o sangue jorraria do pescoço, manchando a camisa branca, e espirraría no rosto das testemunhas posicionadas nas primeiras fileiras. Cecil pode sentir o jorro quente no rosto. Então o carrasco pegaria um punhado daqueles cachos pretos e gloriosos, ergueria a cabeça sob aplausos furiosos e aqueles olhos de brilho estelar acabariam por se apagar para sempre.

PARTE III

ÍCARO

*O pôr do sol, e a música em seu final,
Assim como o último bocado de uma iguaria é o mais degustado,
Ficam escritos na lembrança mais do que as coisas há muito no
passado.*

William Shakespeare, *Ricardo II*, ato II, cena 1

Junho de 1598

Palácio de Greenwich

Cecil amassa um panfleto e arremessa longe com força, emitindo um grunhido de frustração. É mais um panegírico dirigido a Essex.

“A maior esperança da Inglaterra”, ele resmunga, citando-o enquanto sai de seus aposentos para se dirigir à sala do conselho. Sua ira está inflamada. Ficou irritadíssimo quando foi decidido que Essex lideraria o exército até Cádiz, e ainda mais quando o conde se recobriu de glórias, destruindo a frota espanhola e ocupando a cidade. Cecil foi obrigado a ouvir todo mundo, até o menino que acende os lampiões, falar da “grande conquista”. De sua janela na Burghley House, viu as pessoas saírem para saudar o retorno do herói — não havia uma manifestação daquele tamanho nas ruas desde o funeral de Sidney, quase uma década antes. Os gritos de *Essex, Essex, Essex* ainda ecoam em sua cabeça. Nas tavernas só se ouve falar nas histórias sobre o grande triunfo do conde, que uma segunda armada foi dispersada e que a Inglaterra foi salva das garras dos espanhóis. Isso foi dois anos atrás, mas os panfletos continuam frequentes, e a popularidade de Essex cresce sem parar.

Cecil pensou que o livro derrubaria o conde, estava convencido disso, imaginou uma acusação de traição, uma condenação à morte que a rainha assinaria com uma pena entregue por ele mesmo — e então aquela cabeça perfeita seria empalada em uma estaca para as gaivotas bicarem. Mas em questão de meses a rainha recuou. O conde caiu de joelhos, como sempre, exibiu seu rostinho bonito e a convenceu de sua inocência. “Tem alguém querendo denegrir meu nome, Vossa Majestade. Não tenho o menor envolvimento com essa...” — ele agarrou o livro com força entre as mãos — “... essa traição monstruosa, esse complô católico abjeto.” E devia ser verdade, Cecil admitiu com rancor.

Ele ficou encarregado de encontrar o autor, e o conde foi afastado temporariamente para o conselho do norte, o que para Cecil pareceu mais um prêmio que um castigo, embora Essex tenha protestado por “me afastar de minha gloriosíssima rainha” e caído em uma melancolia de proporções absurdas. Ele foi perdoado, como sempre. A decepção devorou Cecil por dentro, deixando-o vazio. Ele imaginou que veria Essex tombar em meio a um rio de sangue. Como sempre, seu pai estava certo: paciência, paciência, água mole em pedra dura.

E, de fato, nos últimos meses o encantamento da rainha parece desgastado. É algo sutil, mas nem por isso deixa de ser aparente. As coisas não voltaram a ser como antes do aparecimento do livro, e ela está cansada do impulso beligerante do conde contra a Espanha agora que a ameaça mais imediata se foi. A guerra custa dinheiro, e a rainha tem por temperamento uma inclinação à paz. E algo inesperado veio à tona: em vez de apreciar a estima popular por Essex, Elizabeth parece contrariada com isso; afinal, é o povo *dela*, e não lhe cai bem que gritem com mais ardor o nome do conde que o seu. A popularidade dele envenena a opinião sobre ela, como um cadáver em um poço.

Cecil percebeu que a rainha aprecia o fato de *ele* ser detestado — água mole em pedra dura —, e sua tão aguardada nomeação como secretário de Estado é uma prova disso.

“Você está atrasado, secretário”, ela diz quando ele entra às pressas na sala do conselho. “Deve ter uma boa justificativa.”

“Tenho, sim, majestade.” Cecil se ajoelha, olhando para o chão. Não foi apropriadamente varrido, e a poeira se acumula pelos cantos. Ele tem que se segurar para não espanar a roupa no local em que ficou suja.

“E então?”, ela pergunta.

“Acho que é um assunto que Vossa Majestade há de preferir conversar em particular.”

Essex, que está esparramado na cadeira ao lado dela, começa a bufar audivelmente, com um ar desalinhado e desrespeitoso,

como se as formalidades de praxe não se aplicassem a ele. Cecil assume seu lugar à mesa do conselho privado, entre seu pai e George Carew, que sorri e acena para ele — está se mostrando um aliado muito útil.

“Pelo menos nos deixe saber do que se trata”, diz Essex.

“Sim”, concorda a rainha.

“É sobre Lord Southampton.” Ele a encara. Em vez de esconder a idade, a pintura em seu rosto a ressalta ainda mais, e Cecil se lembra de como a rainha era — tão vibrante, cheia de determinação e resiliência. Agora assume uma aparência de desconcertante fragilidade. Ele calcula sua idade e chega aos sessenta e quatro anos. Certo sentido de urgência o domina, pois é preciso pensar no que pode acontecer quando ela morrer. Vai haver derramamento de sangue na disputa pelo trono, não há dúvida. Cecil se pergunta se está suficientemente cercado de aliados para sobreviver a esses eventos.

“Eu o mandei para longe”, diz a rainha. “Ele não foi impertinente a ponto de morrer, não é? Eu não gostaria disso; apesar de seu mau comportamento, gosto do rapaz.” Essex parece desconfortável, batucando na mesa. Um incômodo parece transparecer no rosto da rainha. “Espero que ele não tenha se casado com sua prima, Lizzie Vernon, uma de minhas damas.” Ela lança um olhar furioso para Essex. “Isso, *sim*, seria uma tolice.”

Cecil assente. “Receio que seja o que aconteceu, Vossa Majestade.” Ele prefere não acrescentar que a cerimônia ocorreu na Essex House, com a ajuda do conde e da irmã, e que a noiva já estava com a barriga bem aparente quando fez os votos. A rainha logo vai descobrir tudo isso, e ele se diverte com o desconforto de Essex. O conde, porém, não é tolo o suficiente para sair em defesa do amigo.

“Que pena que você só me traga más notícias, Pigmeu.” Cecil se contorce por dentro ao ouvir o apelido. Ela não o usava desde que o nomeara secretário de Estado, pois aquilo o torna motivo de piada, o que não combina com um estadista. “Mas isso se

resolve.” A rainha não demonstra um pingô de sentimento no rosto. “Temos questões mais urgentes a tratar”, continua, fazendo um gesto para indicar que o assunto está encerrado por ora. “A Irlanda! Quem devemos apontar como lorde deputado? Estamos pensando em nosso sobrinho, Sir William Knollys.”

Cecil nota que Essex troca olhares e acenos com Knollys, cuja expressão é indecifrável. O estadista plantou essa ideia na cabeça da rainha algumas semanas antes e está contente por ter dado resultado. O influente tio de Essex vai ser afastado da corte: água mole em pedra dura. Cecil arrisca uma olhada para Burghley e, em vez do meio sorriso habitual no rosto de seu pai quando as coisas saem de acordo com o desejado, vê que está com a testa molhada de suor e a respiração pesada. Ele pede a um dos pajens que sirva uma bebida e a põe cuidadosamente na mão do pai. Burghley dá um gole com uma careta de dor e a rainha estende os dedos compridos, colocando-os sobre sua manga, em um gesto de carinho. Não é possível que não saiba a crueldade que é insistir na presença de Burghley na corte, embora ele esteja perto dos oitenta e à beira da senilidade. Ela acaricia o braço dele, como se fosse um animal de estimação querido.

Essex parece não tomar conhecimento dessa comunicação sutil e silenciosa. “Knollys seria mais útil aqui, Vossa Majestade”, ele diz em alto e bom som.

“Nós o consideramos apropriado para o posto na Irlanda.” A resposta da rainha é firme, e Cecil nota que ela está usando o plural majestático com seu favorito, em vez da forma mais pessoal. A mão dela continua pousada no braço de Burghley.

“A Espanha está se aproximando cada vez mais da Irlanda, e precisamos de uma mão firme por lá. Knollys é mais diplomático, não tem essa disposição marcial”, argumenta Essex.

“Não acredito que a ameaça espanhola na Irlanda seja tão grande quanto diz o estimado conde”, afirma Cecil, tentando manter um tom de voz ameno e desprovido de sarcasmo. Ele se sente ainda mais encorajado quando nota os olhos da rainha sobre si. “São apenas rumores. Nenhuma de minhas fontes

sugere nada de tangível.” Ele percebe que a rainha relaxa um pouco, baixando os ombros.

“Talvez suas fontes não estejam fazendo por merecer o que ganham, secretário”, esbraveja o conde.

“Não pense tanto em sangue e massacres, milorde”, intercede Burghley, dirigindo um olhar tranquilo para Essex. Cecil consegue ouvir o peito dele chiar. “Creio que deve conhecer o salmo cinquenta e cinco: *Fazes descer para o poço profundo estes homens sanguinários e impostores antes da metade dos seus dias.*”

“O que quer dizer com isso, milorde?”, pergunta Essex.

Os conselheiros olham para um lado da mesa e depois para o outro, como se estivessem acompanhando uma partida de tênis.

“Meu pai quer dizer”, intervém Cecil, “que a vida é mais curta para aqueles que brigam primeiro e conversam depois.”

Os olhos de Essex começam a faiscar. Ele abre a boca para falar, mas espera uma fração de segundo antes de retrucar: “Isso está me parecendo uma ameaça”.

“Já chega!”, esbraveja a rainha.

O sangue de Essex ferve. “Indico George Carew para o posto na Irlanda. Quem concorda comigo?” A boca da rainha se contorce de raiva. Cecil sente Carew se remexer desconfortavelmente ao seu lado.

“Não sabíamos que tínhamos pedido sua opinião a esse respeito, Essex.” O tom da rainha é cheio de autoridade e faria qualquer um desistir — qualquer um menos Essex.

“Carew tem experiência marcial. Me serviu muito bem em Cádiz, não?” O homem faz um aceno hesitante na direção do conde. “Por isso o nomeei cavaleiro.” Essex está de costas para a rainha, que permanece de cara fechada.

Provavelmente não é uma boa ideia para o conde lembrar a farta distribuição de títulos que sempre faz, pensa Cecil. Essex está perdendo a cabeça. O estadista olha ao redor da mesa para ver com quem pode contar naquela disputa — seu sogro, Lord Cobham, é um; ele analisa os demais, fazendo uma lista em sua mente. Ficando em dúvida sobre Raleigh, sentado do outro lado,

cofiando a barba — é um homem obscuro.

“Carew agora é *seu* homem de confiança, Essex?” O sarcasmo da rainha é evidente; o conselho inteiro sabe que é um aliado de Cecil.

“Ele é confiável”, responde Essex, erguendo o queixo.

“E Knollys não é?” A rainha está brincando com ele agora, como um gato com um novelo de lã, e é Essex quem está ficando embaraçado.

“Ambos têm ótimas qualidades.” Quem diz isso é Nottingham, o lorde almirante, em cima do muro, como sempre.

“Knollys é mais apropriado para o posto na Irlanda.” A rainha bate a mão na mesa como quem diz que o assunto está encerrado.

Raleigh abre um sorrisinho.

“Vossa Majestade está *errada*”, rebate o conde, quase gritando.

Os presentes respiram fundo e ficam em silêncio, à espera da resposta da rainha.

“Precisa aprender a não ser tão insolente.” Ela se vira para Essex e ergue a mão fechada. Uma mancha avermelhada aparece em sua pele clara, revelando sua fúria mesmo sob a máscara branca da maquiagem.

Ele a encara sem desviar os olhos. “Não sou um garotinho para levar um tapa na orelha da mãe”, o conde diz antes de se levantar arrastando a cadeira ruidosamente e virar as costas para ela.

A rainha se levanta em um instante, atingindo com o punho fechado a lateral da cabeça de Essex: “Rapazinho presunçoso!”.

Com os reflexos apurados de um soldado, ele leva a mão ao cabo da espada. Os presentes se sobressaltam. O lorde almirante se levanta e segura o conde por trás, afastando-o. A rainha volta a se sentar tranquilamente, como se nada tivesse acontecido. “Livrem-se dele!”

Todos ficam à espera, esperando que ela ordene que seja jogado na prisão. Se ameaçar sacar a espada para a rainha não é traição, então Cecil não sabe o que é. Mas a rainha fica em

silêncio, e o lorde almirante começa a desafivelar o cinturão de Essex.

O conde resiste, reclamando furiosamente sobre a afronta à sua dignidade, dizendo que não é obrigado a se sujeitar a isso. A espada é lançada de lado, caindo perto de Cecil — o suficiente para que o secretário veja a insígnia de Sidney no cabo. Tinha esquecido que Sidney dera a Essex sua melhor espada, como se entregasse ao conde o papel de defensor do cavalheirismo na Inglaterra — e que belo resultado isso teve. O lorde almirante consegue empurrar Essex para a porta. “Pelo amor de Deus, homem, contenha-se.”

Cecil remexe em seus papéis, sem ousar erguer a cabeça, com medo de exhibir sua expressão triunfal. O conde é retirado, mas ainda se vira para a rainha e grita, antes que a porta se feche: “Seu temperamento é tão intragável quanto essa sua carcaça”. Os membros do conselho trocam olhares. A rainha é a emissária de Deus na Terra, e é um choque para todos vê-la tratada como uma qualquer. Cecil arrisca um olhar na direção do pai e detecta um leve esboço de sorriso. Água mole em pedra dura.

O silêncio persiste na sala do conselho enquanto todos aguardam pela reação da rainha. O lorde almirante se senta e limpa a garganta.

Ela só diz: “Que outros assuntos temos a tratar?”.

Julho de 1598

Drayton Bassett, Derbyshire

“Você não consegue pôr algum juízo na cabeça dele, irmão?”, Lettice pergunta a Knollys. Estão sentados em um canto do cômodo com Dorothy, que Penelope não via há meses. “Pedi a meu marido para ir a Wanstead lhe dar uns conselhos, mas não adiantou. Ele se recusa a pedir desculpas.”

Penelope não consegue prestar atenção à conversa; sua cabeça está atribulada demais. Sua prima Lizzie está na prisão de Fleet em virtude do casamento não autorizado com Southampton. É um lugar infernal, infestado pelos ratos, de forma alguma apropriado para uma jovem grávida. Penelope tentou conversar a respeito com a rainha, mas não teve sucesso. Ela gosta de sua espirituosa prima e imagina que o brilho da moça vai se apagar por completo naquele lugar. “E se ela morrer por lá?”, perguntara. “A vadiazinha teve o que merecia”, fora a resposta da rainha. Penelope ajudara nos preparativos do casamento, e se pergunta se a rainha sabe disso, se não estaria compilando uma lista de seus escorregões para uso futuro. Elizabeth não parece ter mais um pinga de piedade guardado, o que não é uma boa notícia para Essex. Ele também é uma constante fonte de preocupação, com sua recusa a pedir desculpas, suas dívidas assombrosas, seu modo de pensar, seus olhos sem vida.

“Meu filho acha que *a rainha* precisa se desculpar com *ele*.” Lettice bufa, sacudindo a cabeça. “O que eu fiz para criar alguém tão arrogante?”

Tinha chovido pouco tempo antes. A tempestade repentina se dissipara com a mesma velocidade com que chegara, deixando água escorrendo pelas calhas e beirais. Penelope ainda escuta a água cair da construção. Nesse momento, outro de seus medos lhe vem à mente: um mensageiro que levava uma carta sua ao rei Jaime tinha desaparecido. Ela tenta arrumar alguma explicação banal para o fato, uma doença ou contratempo que

pode tê-lo atrasado, mas a ameaça de Cecil está sempre no ar. Penelope o imagina passando uma chama diante do papel para ler a mensagem, com um brilho nos olhos, então entregando a carta para a rainha e recomendando sua prisão. É como se um laço se apertasse pouco a pouco em torno de sua garganta. Se pelo menos Blount estivesse com ela em Derbyshire, e não na corte...

“Vou escrever para ele”, diz seu tio Knollys. “Está abusando da sorte. A rainha cansou desses chiliques. Ele não tem mais idade para isso, um homem de mais de trinta anos... Podia ser charmoso no passado, mas a esta altura...” Penelope nem se dá ao trabalho de tentar explicar que se trata de algo muito mais grave, incontrollável. Está cansada de argumentar em defesa de Essex, preferia ficar deitada na cama em Wanstead, discutindo filosofia e bebendo vinho francês com Blount. Eles trocam cartas com frequência, cheias de palavras carinhosas, mas ela quer ver a alegria no rosto dele quando contar que seu bebê, St. John, já tem um dentinho, e que o mais velho, o pequeno Mountjoy, disse sua primeira palavra.

Lettice tinha esbravejado contra a escolha do nome. “Pelo amor de Deus, todo mundo vai saber de quem o menino é filho se o nome dele for Mountjoy.”

“A opinião dos outros não é problema meu”, foi a resposta de Penelope.

“Esse comportamento vai ser sua ruína”, a mãe avisou, não pela primeira vez. E acrescentou: “Não sei por que seu marido aceita isso”.

Penelope não podia dizer nada. O fardo do segredo de Rich ficava cada vez mais pesado ao longo daqueles dezesseis anos. Ela não ousava compartilhá-lo, nem ao menos com seu amado Blount — o homem que dava alegria à sua vida.

Rich tinha boas razões para tolerar seu caso, e ela continuava a fazer o papel de esposa obediente. Eles tinham uma espécie de respeito mútuo. Às vezes ela imaginava por que nenhum dos meninos que ele levava para a cama o denunciava, mas deviam

ser bem pagos. Rich nunca tocava no assunto com ela. Penelope sabe que um segredo é como uma mentira — destrói tudo que existe ao seu redor.

“Como ele pode ter sido tolo a ponto de arrumar inimizade com *ela*?” Com um suspiro de desolação, Lettice cobre o rosto com as mãos. “Já não basta *eu* ter sido banida? O mesmo destino o aguarda, e por iniciativa própria.”

A água na calha goteja mais fraca. Penelope lembra que a humilhação de sua mãe chegou ao auge alguns meses antes, quando a rainha ainda era incapaz de recusar um pedido de Essex. Ele enfim a convencera a receber Lettice na corte. Parecia um grande triunfo, como se todos os ressentimentos do passado tivessem sido enterrados. A atmosfera de otimismo na Essex House era tangível, como o sol que reaparece depois de uma tempestade, fazendo tudo ganhar um brilho renovado. Lettice era pura ansiedade, e encomendara um guarda-roupa novo para todas as visitas à corte que esperava fazer. Comprara três novas perucas e uma dúzia de colares de pérolas, e mandara confeccionar uma joia para presentear a rainha.

“Deve ser uma criação esplêndida”, dissera ao ourives. “Muito mais bonita que as tranqueiras vulgares que ela recebe dos embaixadores estrangeiros.”

O homem esfregava as mãos ao responder: “Recebi recentemente um rubi em forma de coração, uma beleza rara, e bem grande — do tamanho de um rabanete”.

Ele cobrou trezentas libras, um dinheiro que Lettice não tinha. Essex assumiu a responsabilidade pela conta com um floreio, dizendo: “Pode deixar comigo”. Mais tarde, porém, confessou a Penelope que devia trinta mil libras. Ela ficou atordoada com a cifra, não imaginava a extensão das dívidas do irmão, e acabou pedindo a Rich que pagasse o ourives. “Vou convencer a rainha a me conceder outra licença”, Essex dissera quando ela lhe perguntou o que faria para resolver sua situação financeira. Era uma questão difícil, mas a preocupação pelo menos fora atenuada pela empolgação gerada pelo convite a

Lettice e pela esperança que isso suscitava.

Mesmo para Penelope, que não é dada a surtos de otimismo, parecia que os anos de sua mãe no ostracismo enfim estavam terminados. Quando chegou o dia foi como se houvesse um casamento a caminho. Ela ajudou a mãe a vestir um traje de cetim verde todo cravejado de pérolas e a colocar na cabeça uma peruca nova de fios avermelhados e pedras preciosas. Lettice parecia uma jovem, sem acusar os cinquenta e quatro, e Penelope imaginou a impressão que causava na corte quando moça, compreendendo a atração fatal que fez Leicester desviar os olhos da rainha.

Penelope não podia acompanhá-la, pois St. John nascera fazia pouco tempo e ainda não fora batizado. Ficou esperando pela volta da mãe satisfeita, como se as antigas rugas enfim estivessem sanadas. Lettice chegou tarde, exaurida, parecendo uma lunática com os cabelos desalinhados depois de tirar a peruca ainda na carroça. “Essa coisa pinica terrivelmente”, foi a resposta que deu ao olhar espantado de Penelope.

“Então, como foi?”, a filha perguntou.

A mãe sacudiu a cabeça e falou: “Talvez amanhã. Seu irmão me falou para voltar amanhã”.

Lettice virou o rosto, mas Penelope viu as lágrimas antes disso. Nunca a havia visto chorar antes e sempre pensou que isso fosse impossível. Enquanto abraçava o corpo soluçante da mãe, sentiu uma raiva renovada se agitar dentro de si, ainda maior que a de costume. Isso a fez pensar em uma peça a que assistira, na qual uma tragédia, que poderia ser evitada com um simples gesto de perdão, se desenrolava implacavelmente até seu inevitável fim. Era uma sensação física, quase dolorosa, e Penelope sabia que, caso a rainha não perdoasse Lettice, *ela* jamais seria capaz de perdoar a rainha.

A mãe passou três dias dormindo em tavernas para ser recebida, e por fim a rainha a encontrou na galeria, aceitou a joia e ofereceu o rosto para um beijo sem dizer nada. O convite para a corte não se repetiu. Toda vez que vê o rubi em forma de

coração preso ao peito de Elizabeth, Penelope sente suas entranhas se revirarem da mesma forma que outros eventos proporcionam: a morte de seu pai; o banimento de sua mãe e de sua irmã; sua união não consumada com Sidney — em tudo isso havia a marca da mão da rainha.

“Ele se considera imortal.” Lettice ainda está falando de Essex.

“Eu cuido disso, irmã”, diz Knollys. “Ele está dificultando as coisas para si mesmo se afastando por tanto tempo. Existem outros dispostos a tomar seu lugar. Dois meses são uma eternidade na corte.”

“Eu já o vi nesse estado de humor muitas vezes”, comenta Penelope. “É uma coisa terrível.” A luminosidade no recinto diminui, e nuvens de chuva começam a aparecer na janela mais uma vez, como se suas palavras tivessem algum efeito sobre o clima. Distraidamente, ela estende a mão para acariciar a cabeça de Spero, mas encontra apenas o vazio, e se surpreende com a lembrança súbita de quando encontrou o corpo sem vida do cão no pé da cama, algumas semanas antes. Apesar da vida longa e do falecimento tranquilo, ela chorou desconsolada a perda do cachorro batizado por Sidney. A sensação da passagem do tempo a atinge de forma súbita, com a recordação de todas as pessoas queridas que se foram. Nem Jeanne estava mais ao seu lado — voltara para a França depois de se casar.

“Terrível ou não, ele precisa saber se controlar”, rebate Lettice. Penelope se pergunta se sua mãe sabe alguma coisa a respeito da enorme dívida que Essex acumulou. Caso ele não aceite dançar conforme a música tocada pela rainha, não tem a menor chance de pagá-la.

“Não se preocupe, minha irmã.” Knollys dá um tapinha na mão dela. “Vou fazê-lo tomar juízo.” Ele se interrompe e parece se lembrar de alguma coisa. “Desde que não seja mandado para a Irlanda.”

“E vai ser?”, questiona Dorothy. “Se for, não deve ser nada imediato. É preciso mobilizar verbas e homens.”

“Sim, demoraria algum tempo. Além disso, ela está indecisa.”

Ele se refere à rainha. “Existem outros sendo considerados.”

“E quem seriam?”, pergunta Lettice.

“Lord Mountjoy é o favorito.”

“Blount?” A tristeza provoca um nó na garganta de Penelope, e sua irmã a encara com um olhar de compaixão. “Ela não pode enviá-lo.”

“Como lorde deputado ele estaria *feito*. É uma oportunidade para mostrar que é talhado para cargos importantes.” Knollys faz uma pausa e se vira para Penelope. “Já que ele não quer saber de subir de posição pelo casamento...” — ele lança um olhar expressivo para a sobrinha, como se estivesse se perguntando que tipo de poder ela exercia sobre o homem para fazê-lo abrir mão do direito a uma esposa rica e filhos legítimos a quem transmitir seu título — “... eu diria que a Irlanda é o lugar ideal.”

Penelope mal consegue suportar as palavras do tio. “Eu sei, eu sei”, ela murmura, “mas...” Não há o que argumentar. Ele tem razão, Blount deve aproveitar todas as oportunidades que surgirem. Porém, é impossível não se lembrar do destino que teve seu pai naquele lugar infeliz. Um inesperado comentário amargo lhe escapa. “Queria que ela mandasse Rich.”

Seu tio dá risada. “Quê? Alguém que ficou tão enjoado no mar na última campanha que precisou ser desembarcado logo depois de zarpar?” Dorothy solta uma risadinha, mas Penelope não acha a menor graça.

“Seu marido não é exatamente um exemplo de coragem”, comenta Lettice, juntando-se às gargalhadas. Penelope não vê sua mãe rir tanto desde o retorno fracassado à corte, mas isso não lhe traz nenhuma alegria, pois só consegue pensar que poderia ter se casado com Sidney, um herói, em vez de um homem que é motivo de chacota para sua família. Quando param de rir, eles escutam um burburinho no pátio.

“Que bagunça é essa?”, pergunta Knollys, indo até a janela. “Céus, tem uma multidão de plebeus lá embaixo.”

“Eles vêm todos os dias”, explica Lettice. “Estão atrás das

sobras da cozinha.”

“Tantos assim?”

“Estão passando fome, as pobres almas”, diz Lettice. “A terra está esgotada. Depois de quatro anos de colheitas fracassadas, sobrevivem fazendo pães com bolotas de carvalho trituradas. Ajudo como posso.”

“Esse é o tipo de situação que gera turbas furiosas”, comenta Knollys. “Se gente como Burghley e seu filho não sangrasse tanto o erário, não chegaríamos a esse ponto.”

Penelope está atrás do tio e da irmã na janela, observando a multidão de famélicos. A chuva parou de novo, e as pedras estão escorregadias. As pessoas lá embaixo parecem se manter em pé apenas por força das roupas, com braços e pernas finos como gravetos. Penelope testemunhara a chegada dos agricultores aos milhares a Londres, em busca de trabalho, até que a cidade ficasse transbordando de gente. Mas isso é diferente; essas pessoas parecem cadáveres ambulantes. Uma mulher com um bebê nos braços olha para cima e a encara. Penelope sente vergonha de sua compleição saudável, de seu vestido fino ornamentado com pérolas, de seus dedos carregados de anéis. Pensa em seus filhos bem alimentados e imagina o que a mulher deve pensar ao olhar para aquela janela: duas damas vestidas com sedas finas, sem nenhum sinal de dificuldade em seus rostos lisos e corados. Alguma coisa no olhar direto dela a faz sangrar por dentro.

Agosto de 1598

Burghley House

Cecil está pensando em seu pai. Ele tem pouco mais de um mês de vida, segundo os médicos. Quando sua esposa morreu, dois anos antes, o estadista sentiu certa tristeza — mais pelo fato de seu filho ter perdido a mãe. Com ela, tinha no máximo uma relação de tolerância mútua. Era impossível esquecer a expressão de desgosto no rosto da mulher quando a procurava para os ritos conjugais. Ao ficar viúvo, ele se lembra de ter pensado que pelo menos jamais precisaria ver aquele olhar de novo. Mas ela lhe dera um filho. Quando olha para William, vê um pouco de Burghley em seu rosto.

Enquanto o pai definha, Cecil sente uma urgência cada vez maior de ser um motivo de orgulho. Elaborou uma fantasia sobre o momento em que contaria ao pai que tinha conseguido um acordo de paz com a Espanha, imaginando o sorriso se espalhando pelo rosto dele, e também suas palavras: *Está aí um verdadeiro legado para os Cecil — um acordo firmado com a Espanha para a paz, algo que a Inglaterra não consegue há quarenta anos*. O estadista fecha os olhos, sonhando acordado com o deleite do pai, imaginando também os parabéns da rainha por seu grande triunfo.

Suas fantasias só reforçam a decisão que tomou. Pouco tempo antes teve uma reunião com o embaixador espanhol na qual especularam discretamente sobre o assunto, mas Cecil entendeu o que tornaria o acordo aceitável para o rei da Espanha. O preço da paz com um inimigo de tão longa data não é pequeno. Ele pega uma folha de papel com a imagem do pai moribundo na cabeça, mergulha a pena na tinta e sente um aperto no peito. Cecil escreve sem pensar: *Tenho certeza de que certas concessões podem ser feitas a respeito da reivindicação da infanta*. Mal consegue acreditar que está pensando em tal coisa, muito menos colocando no papel. Mas é a condição imposta para a paz, e

depois de colocá-la na mesa sempre é possível arrumar uma forma de contorná-la. Afinal de contas, não se trata de uma promessa.

O criado aparece na porta e ele esconde o papel entre as folhas de um livro de registros. A correspondência pode ser selada e enviada mais tarde. Seus dedos estão formigando; seria medo ou alguma outra coisa? Ele não sabe, mas seu coração está disparado dentro do peito.

“Lord Mountjoy está aqui, senhor secretário”, avisa o criado.

“Mande-o entrar.” A voz sai aguda, estranha — culpada.

“Lamento muitíssimo por seu pai”, diz Blount ao chegar.

Cecil tampa o tinteiro, fica de pé e vai até Lord Mountjoy, notando a elegância do homem, com roupas discretas, cabelos bem cortados sob o chapéu alto, bigode aparado, tudo em seu devido lugar; apenas uma pérola pendurada na orelha demonstra a extravagância contida. “Lord Burghley é um homem idoso. Mas é sempre um choque.”

Cecil não quer pensar na saúde frágil dele no momento; teme que o faça baixar a guarda. Um pajem apanha a capa e o chapéu de Blount.

“Vamos nos sentar.” Ele toma o cuidado de não olhar para o livro de registros, a fim de não levantar suspeitas. Aponta para o sofá junto à janela, banhado pelo sol de agosto, que estampa as sombras da grade sobre o estofado. Ele se obriga a se concentrar no assunto que tem a tratar, quer que Blount se sinta à vontade, como se estivesse ali como um amigo, e não para tratar apenas de negócios. Blount se senta com um sorriso, sem dar nenhum indício da curiosidade que deve sentir por ter recebido um convite para visitar Cecil — que, se não é um inimigo, é no mínimo alguém do campo oposto.

“Ele está em Theobalds?”, pergunta Blount, recusando quando o pajem lhe oferece vinho.

“Não, está aqui. Posicionamos sua cama para que tenha vista para os jardins, que ficam esplêndidos nesta época do ano.”

“Ouvi dizer que são uma maravilha. Espero ter a oportunidade

de vê-los algum dia.” Blount junta as mãos sobre o colo, e Cecil repara que as unhas dele estão perfeitamente limpas e cortadas, como as suas, o que o agrada e o faz pensar que é um bom sinal. Não há nada da decadência desalinhada de Essex naquele homem. “E espero ter meu próprio jardim um dia.”

Cecil fica surpreso com Blount por continuar falando sobre amenidades e não parecer ansioso para ir direto ao assunto que o levou até ali. “Tive a sorte de ver um canteiro de girassóis recentemente. É uma visão bem incomum.” Cecil sabe que Essex adquiriu as flores raras para seu jardim e se pergunta se Blount está declarando de forma sutil sua lealdade com o comentário. “São enormes e têm uma cor vivíssima.” Ele desenha um círculo no ar, descrevendo o formato, e para o secretário é impossível não pensar naqueles dedos tão limpos acariciando Lady Rich. “Não sei dizer se gosto ou não.”

“Eu não sou muito adepto. Acho bem vulgar.” Cecil espera não acabar enredado em uma discussão sobre as virtudes, estéticas ou de outra ordem, dos girassóis, pois nunca viu um pessoalmente, apenas em desenhos. “Posso guiá-lo em um passeio por nossos jardins, se assim quiser.”

“Gostaria disso. Ouvi falar muito bem dos lagos.” Cecil pensa em levá-lo de imediato até lá, mas hesita. Não sabe o que pode ser ouvido no jardim, com a quantidade de jardineiros que recebem nesta época do ano. Seria impossível verificar a procedência de cada um dos empregados recrutados para manter o lugar bem cuidado.

Os dois homens se encaram e, reparando na beleza dos olhos castanhos de Blount, o secretário consegue entender por que a rainha gosta tanto dele. Além de transmitir um ar de eficiência, são calorosos e confiáveis — indicam uma pessoa inteligente, mas sem intenções maliciosas. Cecil tenta atenuar sua própria expressão em resposta, imaginando se os anos de tramas e cara fechada não teriam ficado marcados em sua pele. “Você é o tipo de homem que eu gostaria de ver no conselho.” Ele não justifica a afirmação, só fica aguardando uma resposta. Blount não diz

nada, simplesmente balança a cabeça e espera que Cecil continue, não parecendo nem um pouco desconfortável com o silêncio que se segue. Cada vez mais, o secretário se convence de que aquele é um homem que gostaria de ter ao seu lado. Ele imagina a divisão que causaria na facção de Essex se tivesse em suas mãos o amante de Lady Rich. A ideia o empolga.

Por fim, é Cecil quem quebra o silêncio. “Eu poderia fazer uma sugestão a Sua Majestade.”

“Pensei que eu estivesse sendo cogitado para a Irlanda”, responde Blount, alisando o bigode com o dedo, primeiro de um lado, depois do outro. “Não teria muita serventia para o conselho lá.” Ele abre um sorriso largo e generoso, como se tivesse acabado de fazer um elogio.

Cecil fica sem saber se Blount está ou não interessado no posto de lorde deputado. “É uma posição de grande honra, mas a Irlanda é um lugar bem distante.”

“De grande honra, sim”, concorda Blount. “E a Irlanda é um lugar bem distante... e perigoso...” Ele hesita por um instante. “Não sei se tenho a experiência marcial necessária para a função.”

Enfim ele está se abrindo um pouco, pensa Cecil. “Você foi mais que eficiente em manter a ameaça dos espanhóis à distância da costa no outono passado.”

Blount abre seu sorriso franco outra vez. “Só estava cumprindo meu dever.”

“E tem uma excelente reputação como erudito.”

“Tenho certo interesse pelos livros, a verdade é essa.” Ele escolhe as palavras com o máximo cuidado.

“Vou conversar com a rainha sobre seus méritos.”

“Se assim desejar.” São respostas irritantemente evasivas. Cecil esperava que Blount no mínimo revelasse algum entusiasmo com a ideia de um assento no conselho. Mas é claro que se trata de alguém astuto demais para isso. “O que eu mais gostaria de fazer é...” Ele se interrompe.

“O quê?”, pergunta o secretário, com certa impaciência, à

espera de ouvir em que exatamente Blount está interessado.

“Visitar seus jardins.”

Cecil precisa se esforçar para não dar um murro na janela. “Claro.” Seu sorriso deve parecer forçado — aquele homem vai exigir uma boa dose de persuasão, mas com certeza o esforço vai valer a pena.

Eles se levantam, e o secretário calcula como conduzir sua saída de forma a ter tempo de esconder o livro de registros com a carta, que deve ficar a salvo de olhos curiosos até ser selada — embora seus criados saibam que teriam as mãos amputadas caso fossem pegos mexendo em seus papéis.

Quando chegam à porta, aparece um mensageiro. “Agora não”, Cecil esbraveja, expressando toda a sua impaciência agora que há outra pessoa em quem descarregá-la além de Blount. “Não vê que estou ocupado?”

“Creio que trago notícias urgentes...” O homem fala nervosamente, de cabeça baixa.

“Com licença um instante, milorde”, Cecil diz a Blount, que de bom grado sai da sala. O secretário fecha a porta e se vira para o mensageiro, à espera de que diga alguma coisa.

“Tivemos uma derrota terrível em Ulster.”

“Prossiga.” Cecil está tentando repassar mentalmente o conhecimento que tem do nebuloso conflito na Irlanda.

“Um massacre de ingleses.” O rosto do homem parece pálido.

“Quantos?”

“Perto de dois mil.”

“Deus do céu!”

“Nossos homens estão tentando libertar a guarnição sob cerco no forte de Blackwater.”

Cecil tenta visualizar em sua cabeça um mapa da região. “Fica no limite do território de Tyrone, não?”

“Sim. Tyrone juntou forças com outro líder rebelde, então estão em grande número. Foi uma emboscada.”

“Dois mil mortos — isso não é uma emboscada qualquer.” O secretário se sente um tanto desconfortável. Não tem

familiaridade com a linguagem da guerra.

“Os métodos dos irlandeses são diferentes.”

Ele balança a cabeça. “Sim, diferentes”, concorda, embora não saiba exatamente o que o homem quis dizer com isso.

“Eles usam táticas que se valem da surpresa.”

Surpresa parece uma palavra mais adequada para descrever um presente do que um massacre. Cecil fica arrepiado ao pensar no dia em que seu próprio filho pode estar diante do Exército irlandês e seus “métodos diferentes”. Ele leva a mão à parede para se equilibrar. “Que informações nosso homem por lá conseguiu obter?”

“O plano de Tyrone, depois de expulsar os ingleses, é reconhecer a Espanha como sua soberana.”

“Que prova você tem disso?” Cecil tenta se recompor. Era exatamente o que Essex previa. Vinha sendo sussurrado por tanto tempo que ele pensou que não fosse acontecer; preferiu ignorar. De repente ele se sente perdido, como costumava acontecer no passado, e se pergunta se Blount já não estaria sabendo. Talvez estejam todos rindo de sua ignorância.

“Uma carta da Espanha foi interceptada.”

“Consiga-a para mim. Eu a quero nas minhas mãos.”

“Não creio que isso seja possível. Ela foi interceptada e lida, mas não copiada. Não houve tempo para isso, conforme me disseram.”

“Outras pessoas viram a carta?”

“Isso não sei dizer.”

Quando o mensageiro se retira, Cecil fica a sós por um momento, com os pensamentos em polvorosa, questionando-se a respeito da credibilidade do homem, que pode muito bem estar a serviço de Essex também e fornecer informações ao outro lado quando lhe convém. Talvez ele esteja sendo manipulado sem saber. Ele queria poder consultar o pai, mas o velho está quase inconsciente, não deve chegar nem ao fim do mês. O pensamento faz uma onda de pânico percorrer seu corpo, um medo verdadeiro, que ameaça virá-lo do avesso.

Contenha-se, homem, ele pensa antes de pegar o livro de registros de cima da mesa e enfiar em uma gaveta.

Quando Cecil aparece, Blount ergue a cabeça. Tem no colo um livro, que fecha marcando a página com o polegar. Cecil examina a capa para saber do que se trata. Parece ser Platão — nada ofensivo.

O secretário espera que Blount pergunte sobre a notícia urgente, mas ele se limita a bater com os dedos no livro e dizer: “Boas ações inspiram outras boas ações. A doutrina cristã já podia ser encontrada nos textos dos antigos, não acha?”.

“Eu... eu...” Cecil não sabe o que pensar a respeito, pois sua cabeça está ocupada com outros assuntos. “Houve um massacre de nossos homens na Inglaterra. Dois mil mortos.” Ele procura no outro algum sinal de que já soubesse disso.

“Deus do céu”, diz Blount, com um olhar que parece ser de choque genuíno. “Lamento muito pelas mães.”

“Infelizmente nossa visita aos jardins vai ter que esperar. Preciso ir a Whitehall.”

“Claro”, responde Blount, ficando de pé e recolocando o livro na estante. “Se eu puder ajudar, avise.”

Enquanto espera que sua charrete seja preparada, Cecil se pergunta o que exatamente Blount quis dizer com isso — se foi um gesto que indica uma potencial aliança ou apenas uma oferta sincera de ajuda. É um homem indecifrável. O tempo vai se encarregar de dizer, mas no momento uma nova ideia começa a surgir em sua mente para tirar o máximo proveito da situação atual. Ele vai argumentar com a rainha que o único homem capaz de lidar com o problema surgido na Irlanda é o conde de Essex em pessoa.

Como formular tal sugestão? *Não existe comandante maior na Inglaterra*, ele se imagina dizendo. *O estimado conde é o único com capacidade para superar de fato os rebeldes.*

Não, ele deve fazer com que a ideia pareça dela: *Seria necessário um líder superior para combater tais forças raivosas, Vossa Majestade. É um papel importantíssimo, que vai recobrir o responsável de glórias, mas*

exige grande coragem.

Quem seria esse homem?, ela vai perguntar.

Mas a resposta a essa altura já terá surgido em sua mente, e ele vai balançar a cabeça dizendo: *Devemos analisar com cautela; homens assim são raros.*

Cecil pode inclusive listar alguns candidatos inapropriados, todos seus aliados, como se estivesse fazendo uma tentativa de catapultar à glória um dos seus; ela vai descartar os nomes dizendo algo como: *Pigmeu, você não entende nada de assuntos marciais.*

Pode demorar algum tempo, meses até, porém Cecil anda muito paciente. E, quando acontecer, vai ser como uma luz se acendendo na cabeça da rainha: *Nosso homem é Essex. Só pode ser ele.*

Certamente Vossa Majestade tem razão, mas pelo que entendi ele... Cecil vai torcer o nariz nesse momento. *O conde caiu em desgraça.*

Ora, ora, não quero saber de seu ressentimento por Essex ter sido o escolhido para um posto tão importante, Pigmeu, você vai aceitar minha decisão, concordando ou não, ela vai dizer.

O secretário sobe na charrete, pensando na pertinência de Essex estar em Wanstead, e não na corte para defender os próprios interesses.

Dezembro de 1598

Whitehall/Torre de Londres

Quando Penelope vê suas filhas se ajoelharem diante da rainha, enxerga Elizabeth da mesma forma que as meninas: uma mulher séria, idosa e intimidadora, com o rosto coberto por uma camada espessa de maquiagem branca, borrada em alguns pontos, revelando a pele amarelada embaixo. A boca está contorcida em um sorriso tenso que não revela os dentes, os quais Penelope sabem que estão podres e constituem uma fonte de vergonha para a monarca. A peruca é bem vermelha, enrolada e adornada com pedras preciosas; o vestido é ricamente bordado, enfeitado com cordões de pérolas graúdas e com o decote baixo como o de uma jovem, expondo o colo também com a maquiagem branca, que penetra nas linhas da pele e nas rugas, acentuando-as, em vez de disfarçá-las. Elizabeth usa o rubi em formato de coração que ganhou de Lettice. Penelope tenta não olhar para a joia.

“Cheguem mais perto!” A rainha estreita os olhos enquanto as meninas avançam de joelhos. “Assim é melhor. Agora posso vê-las.”

Penelope se lembra de quando *ela* foi apresentada, e a imagem da rainha como era naquela época lhe volta por um instante: uma criatura soberana e vibrante com olhos faiscantes, mãos de dedos compridos que dançavam no ar para acompanhar a fala, uma voz com um tom parecido ao de uma lira bem afinada nas mãos de um músico experiente. Ela era encantadora aos quarenta e sete anos, mas aos sessenta e cinco suas mãos já não dançam e seus olhos estão opacos como granito, pois já viram coisas demais.

Penelope alertara as filhas de que a rainha pareceria ameaçadora e elas deveriam responder às perguntas como se não tivessem medo. Mas Lucy, em especial, parece apavorada, vítima de uma timidez quase paralisante; Essie, que tem apenas treze

anos, aguenta firme, respondendo às perguntas com tranquilidade.

“Qual é seu nome de batismo?”, pergunta a rainha, pegando um confeito açucarado de uma bandeja.

“Essex”, diz ela, desviando os olhos da rainha para a bandeja de doces. “Em homenagem ao meu tio.”

“Ah, seu belo tio! Você é um pouco parecida com ele.” Ela mastiga enquanto fala.

“É meu parente favorito.” Essie tem um brilho desconcertante, e Penelope percebe que a rainha se deixa levar por seu charme. Pensa outra vez em seu primeiro encontro, em como se sentiu ao ser vista de forma tão favorável, e em seu desespero para conseguir uma posição na corte e abandonar a severa casa dos Huntingdon. Volta para aquele dia; está no recinto exato que seus olhos percorreram em busca de Sidney, sem lembrar como ele era. Agora a imagem está marcada em sua memória, e ela imagina como seu amado pareceria na meia-idade. Faz doze anos que ele morreu. O tempo passou com uma velocidade estonteante.

Penelope se sente grata por não haver vagas nos aposentos das damas no momento, pois, se a rainha oferecesse um lugar para suas filhas, não haveria maneira de recusar. Não quer vê-las engolidas por aquele lugar — a corte de uma rainha velha e impiedosa, onde todos são sempre vigiados.

“Mas *eu* sou sua parente”, provoca a rainha.

“E sem dúvida é minha parente mais estimada”, responde Essie. “Mas eu nunca tinha visto Vossa Majestade em pessoa, por isso não tinha como ser minha favorita. Mas agora” — ela abre um sorriso com covinhas, como o do conde — “ele vai ser meu tio favorito, e espero que Vossa Majestade me conceda a honra de ser minha prima favorita.”

Penelope sente vontade de aplaudir; é exatamente o tipo de resposta espirituosa que a rainha adora.

“Você lembra seu tio na aparência, mas sua mãe na inteligência.” A rainha retribui o sorriso de Essie e lhe oferece a

bandeja de doces. A menina pega um e enfia na boca. “E você?” Elizabeth se volta para Lucy. Penelope percebe que as mãos da filha estão tremendo. “Qual é seu nome de batismo? Lucy é apelido, não?”

Penelope respira fundo. Para evitar isso, ela ordenou ao criado que anunciasse simplesmente “Lady Rich e suas duas filhas mais velhas”. Pedira a Lucy para não mencionar seu nome a não ser que perguntassem, o que deixou a menina morrendo de medo.

“Meu nome é...” A voz dela é quase inaudível.

“Fale mais alto, menina”, diz a rainha.

“Lettice.”

“Lettice?” A rainha lança um olhar intimidador para Penelope. O rubi reluz diante de seus olhos. “Imaginei. Não é um nome que traga muito orgulho.” Lucy fica toda vermelha e sacode a cabeça. Penelope tem vontade de pegá-la e sair correndo dos aposentos privados. “Podem ir, meninas. Apresentem-se para aquelas damas ali.” A rainha faz um gesto vago na direção de algumas jovens que bordam junto à janela. Penelope reconhece Bess Brydges, que foi o último caso clandestino de seu irmão — ou pelo menos que ele tenha lhe contado. A moça sorri para ela, que retribui com um aceno.

“Bem”, diz a rainha, “pelo menos elas são parecidas o suficiente com Rich para não provocar boatos. Houve quem suspeitasse que fossem de Sidney.”

Uma resposta malcriada surge na mente de Penelope, que respira fundo para se acalmar. “Minha amizade com Sidney não tinha nada de inapropriado, Vossa Majestade.”

A rainha dá uma piscadinha, um gesto deselegante e lascivo que faz a raiva de Penelope crescer ainda mais, porém ela se poupa de dizer algo que pudesse insinuar culpa. Elizabeth pega outro confeito, que mastiga de olhos fechados; em seguida embaralha as cartas com habilidade, como um jogador inveterado, apesar das juntas inchadas. Felizmente um menino aparece para avivar o fogo, pois o local está gelado. Ele lança vários pedaços de lenha na lareira e aciona o fole até as chamas

subirem e estalarem, espalhando um cheiro de madeira de macieira pelo aposento.

“Fiquei sabendo que aquela sua prima deu à luz”, comenta a rainha depois de mastigar. Está falando de Lizzie Vernon, e Penelope entra em alerta máximo, pois a rainha claramente está disposta a um jogo de gato e rato.

“Sim. Uma menina. Sou a madrinha.”

“Mais uma pequena Penelope, então.” Ela continua a embaralhar as cartas gastas. Dividindo o baralho e usando a mesa como suporte, ela junta as duas pilhas e bate as cartas contra a superfície de madeira. “Gosto de Southampton, mas não entendo o que ela vê nele. É afetado como uma garota... aqueles cabelos compridos, aquela postura.” A rainha se ajeita na cadeira, projetando um ombro para a frente, baixando o queixo e lançando um olhar de baixo para cima, como faz Southampton.

“A atração pode surgir das coisas mais improváveis, imagino”, responde Penelope.

“E ele tem riqueza de sobra.” A rainha solta uma risada alta e aguda, como o ressoar de um trompete. “Sendo bem sincera, sinto falta deles por aqui. Southampton embelezava o lugar, e Lizzie tinha uma personalidade marcante.” O humor desaparece do seu rosto ao acrescentar: “Mas, se imaginarem que estou ficando frouxa, ninguém mais vai me respeitar”. Ela lança um olhar na direção das damas do outro lado do recinto. Estão conversando baixinho, bem próximas umas das outras.

Penelope aperta um pouco mais o xale em torno dos ombros, contente por estar usando um vestido forrado de pele, mas seus sapatos e suas meias ainda estão molhados em virtude da breve caminhada pela neve até os estábulos naquela manhã.

“Foi um ato de grande generosidade, a libertação de Lizzie.” Penelope considera que a perda da rainha significa um ganho para si, pois depois de banida da corte sua prima foi se instalar na Essex House a convite de Penelope e tem se mostrado uma companhia deliciosa. Ela inclusive preencheu parte do vazio

deixado pela partida de Jeanne para a França.

“Não tenho um coração de pedra, como a maioria pensa”, rebate a rainha.

“Poucas pessoas sabem disso melhor do que eu.” Conversar com ela é como um jogo de xadrez — as palavras precisam ser colocadas com cuidado. Penelope tinha se acostumado com isso ao longo dos anos. Blount uma vez lhe perguntara o que realmente pensava da rainha. Ela ficou sem saber o que dizer e acabou respondendo com outra pergunta. “Se você já respeita, precisa ter admiração também?” Mais um complô católico havia sido descoberto poucas semanas antes: um fanático de nome Squire planejava espalhar veneno no apoio da sela da rainha. Ele pretendia se livrar de Essex também, segundo consta. Agora, a rainha observa a postura de Penelope como se tentasse ler seus pensamentos. “Vossa Majestade sempre foi muito tolerante comigo”, ela acrescenta.

“Acho que está se referindo às minhas vistas grossas sobre sua...” — a rainha faz uma pausa — “... sua relação pouco convencional com seu marido. Isso acontece há anos, não?”

Penelope assente. “Sempre me pergunto por que...”

“Por que demonstro tanta leniência nesse caso”, interrompe a rainha, “se sempre fui tão rígida com os demais? É tudo uma questão de aparências. E você não se casou sem minha permissão. Isso é a coisa que mais detesto, o tipo de desobediência que faz parecer que não tenho o menor controle sobre minhas damas. Transmite uma impressão errada, e as impressões têm uma importância fundamental na minha função.” A rainha dá as cartas.

“Entendo.” Penelope pega suas cartas, que estão lisas de tanto uso. “E entendo que a confiança é uma mercadoria preciosa para quem usa a coroa.”

“Ah, confiança!” A rainha solta uma risadinha amarga.

Elas jogam em silêncio por um tempo, pegando novas cartas e pondo na mesa, rearranjando o leque na mão, planejando novas estratégias. Jogam juntas há tanto tempo que conhecem as

manias uma da outra: a piscadela da rainha quando pega uma carta que vai lhe dar a vitória, ou a maneira como Penelope cerra os dentes quando sabe que já perdeu.

“Além disso”, diz a rainha, quebrando o silêncio, “acho interessante a ideia de uma mulher se comportar como um homem. Já existem homens de sobra espalhando suas sementes em mulheres que não são sua esposa.” Penelope a observa em busca de algum sinal de que se trata de uma crítica velada a seu irmão incorrigível, mas a rainha não parece estar pensando em Essex. “Só Deus sabe como você vem mantendo seu marido sob controle durante tanto tempo.”

Um pensamento vem à mente de Penelope, tão perverso que a deixa vermelha de vergonha: se revelasse a inclinação de Rich à sodomia, isso poderia levá-lo à forca, e assim ela estaria livre. Era o tipo de ideia que às vezes lhe passava pela cabeça, mas que jamais levaria a cabo.

“Sou obrigada a dizer”, acrescenta a rainha, “que na verdade me *arrependi* de seu casamento com Rich. Mas pareceu muito interessante na época. Não queria que você fosse pobre. Seu irmão jamais conseguiria mantê-la. Tem tantas dívidas comigo no momento que precisaria viver cem vezes para conseguir me pagar.”

Penelope assente, sem conseguir pensar em uma resposta apropriada. A rainha poderia facilmente perdoar a dívida de Essex ou lhe conceder algum monopólio; mas como conseguiria controlá-lo se não estivesse em dívida com ela?

“Hoje sei”, continua a rainha, “que seu casamento não foi dos mais satisfatórios. Você teria sido mais feliz com Sidney.” Ela olha para suas cartas, descartando uma e pegando outra. “Ele implorou por sua mão uma vez. Eu o mandei passear.”

Penelope não consegue acreditar no que está ouvindo. É a coisa mais próxima de um pedido de desculpas que já ouviu dela, mas lembrar que sua vida foi vivida em função das decisões de outros só agrava seu ressentimento. É impossível sentir compaixão pelos arrependimentos passados da rainha —

ela não vai ter a satisfação do perdão de Penelope. “E Blount tem um quê de Sidney; sempre considere isso.”

Penelope sente que uma bolha de emoções está prestes a explodir dentro de si. *Blount não é um prêmio de consolação que ameniza sua culpa; não é uma concessão sua. É uma escolha minha, que não tem nada a ver com você. Não sou uma atriz em sua peça, entoando as falas que escreveu para mim, agindo de acordo com o papel que me deu.* Ela pensa tudo isso, mas não diz. O que responde é: “Vossa Majestade foi permissiva comigo, e agradeço muito por isso.” Penelope pega suas cartas, abre-as em leque e começa a formar pares.

“Tenho sido muito tolerante com seu irmão também.”

“É verdade.” Penelope nota o tom de resignação na voz da rainha; ela claramente ainda não perdoou Essex.

“É justo que ele tenha uma última chance. Afinal, é quase um filho para mim.”

A rainha já disse coisas como essa antes, o que deixa Penelope incomodada; ela sente vontade de responder que seu irmão tem uma mãe, mas é claro que não faz isso.

“Além disso, ele é necessário na Irlanda. Depois do massacre, é fundamental ter uma mão firme por lá.”

“Ah!”, exclama Penelope, tentando receber a notícia como positiva. “Como lorde deputado?”

A rainha assente com a cabeça e sorri, escancarando os lábios e mostrando por um instante os dentes estragados. “É uma oportunidade para ele se redimir.”

Penelope faz de tudo para não revelar seus sentimentos conflitantes. Em parte está aliviada, pois isso significa que Blount não vai ser mandado para lá, mas teme que a nomeação possa ser como uma maçã envenenada para seu irmão, como foi para seu pai. Por outro lado, ela pensa, se ele conseguir reprimir os rebeldes ficará em uma posição de grande poder, mais do que conseguiria de qualquer outra maneira.

Penelope conversou longamente sobre isso com Blount; quem for encarregado da Irlanda vai ter o comando de uma vasta

legião de homens, o que pode compensar a desvantagem de estar longe da corte. A rainha envelhece a cada dia, e ainda não nomeou seu sucessor. É bem possível que alguém tente forçá-la a isso em breve. “Tenho certeza de que ele vai fazer um ótimo trabalho. Essex é um grande líder.” A deslealdade fica entalada em sua garganta.

A rainha crava os olhos nela. “Posso ter sido tolerante com você e seu irmão, mas não pense que minha leniência não tem limites.” A voz dela é fria e dura como um diamante, e faz um arrepio percorrer o corpo de Penelope, que se recorda de que essa é a mulher que mandou matar a própria prima, Maria da Escócia.

Penelope acena para as filhas e observa enquanto elas saem pelo portão com o cavaliário, desviando o rosto apenas quando somem de vista. Uma camada grossa de neve se desprende do telhado do estábulo, atingindo o chão com um baque surdo e assustando seu cavalo. Ela se afasta com o animal pelo pátio, cantarolando baixinho para acalmá-lo enquanto espera por Blount. Gambit é um jovem capão um tanto assustadiço — sente seus sobressaltos de cima da sela a cada vez que ouve um som desconhecido. Penelope continua cantarolando, inclinando-se para a frente e acariciando-o atrás da orelha. “Calma, calma, menino.” Penelope se pergunta se o motivo da inquietação do cavalo poderia ser seu próprio estado de nervos desde o jogo de cartas com a rainha.

Blount aparece, com o rosto vermelho por causa do frio. Mesmo depois de oito anos, vê-lo chegar provoca uma euforia nela. Blount acena, e Penelope sente vontade de gritar que ele não vai ser mandado para a Irlanda, e sim seu irmão, mas se segura. Não é bom anunciar abertamente ainda. Ela aprendeu muito sobre o poder da discrição com o passar do tempo.

“Acho que encontrei um filhote para você”, ele diz com um sorriso. “Uma cadela spaniel deu cria ontem.” Penelope se recorda de quando viu Spero pela primeira vez, e inevitavelmente lembranças de Sidney lhe vêm à cabeça. A

presença espectral dele a faz apreciar muito mais a relação sólida que tem com Blount.

A rua que sai de Whitehall está movimentada: mulheres pisoteiam a neve imunda sob o peso dos cestos cheios de mercadorias. As carroças circulam de um lado para o outro, levantando borrifos de água gelada, enquanto duplas de homens carregam caixotes — tudo para entregar nas cozinhas do palácio, para a ceia de Natal. Depois do longo jejum do Advento vai ser bom voltar a comer carne, beber vinho e dançar. Ela já imagina a música. Quando saem da movimentação e chegam a um terreno baldio atrás da Strand, aceleram o galope e desfrutam um pouco da sensação de liberdade antes de voltar ao rebuliço da cidade.

Diminuindo o passo, eles passam pelos portões pretos da Burghley House, notando que as janelas ainda estão fechadas. Faz quatro meses que Lord Burghley faleceu, e seu filho preencheu imediatamente o vazio deixado por sua morte. Eles decidem passear um pouco, para poder conversar a sós. “Tenho novidades”, ele avisa. “Ótimas novidades.”

“Então me conte.”

“Essex recebeu uma carta do rei Jaime, de próprio punho, reconhecendo nosso apoio à sua reivindicação ao trono. E...”

“E o quê?” Penelope sente um frio na barriga enquanto espera a notícia que seu amante tem a dar, lembrando-se do primeiro contato, estabelecido quase uma década antes. Mesmo então já parecia um assunto urgente, como se a rainha estivesse com os dias contados.

“Ele falou que em troca vai apoiar seu irmão ‘no que for preciso’. Foram essas suas exatas palavras.”

“O que acha que ele quis dizer com isso?” De repente ela fica desconfiada. Parece o tipo de afirmação que pode se revelar trágica. “Isso não lhe cheira a perigo, Charles?”

“Acho que não. Para mim parece que ele está dizendo que se as coisas mudarem...” Blount baixa a voz para um sussurro, mas não tem nenhuma árvore por perto para alguém se esconder, e

qualquer presença seria revelada pelo som dos passos na neve. “Se a rainha falecer, ele garante seu favorecimento a Essex. Jaime sabe que vai precisar de aliados poderosos na Inglaterra se quiser assumir o trono sem grandes problemas.”

“Claro”, ela responde, mas sem conseguir deixar de se perguntar se seu irmão não está começando outras tratativas, mais traiçoeiras, já reveladas ao rei da Escócia. Essex se sentiu tão perdido depois de cair em desgraça que poderia ter buscado outras soluções. Não, ela conclui, ele teria contado. Além disso, já voltou a ser favorecido pela rainha. “Quem mais poderia se apresentar com uma reivindicação factível quando chegar a hora?”

“A prima de Jaime, a menina Stuart, Arbella.” Blount começa a contar nos dedos. “Dizem que ela pode apoiar a causa católica.”

“Ela foi criada na nova fé, disso eu sei.”

“Mas há católicos na família que podem querer mexer uns pauzinhos. E tem também a linhagem de Seymour: Lord Beauchamp. A reivindicação dele pode ser sólida; Lady Katherine Grey era mãe dele, então há sangue Tudor de sobra. Mas existem problemas de ilegitimidade.”

“Katherine Grey era uma grande amiga de minha mãe.” Penelope se lembra do que Lettice falava da tataraneta de Henrique VII, Kitty Grey, que se casara em segredo e morrera na prisão. Mais uma mulher vítima da ira da rainha.

“E a infanta espanhola”, diz Blount.

“Seria preciso um levante católico de grandes proporções para isso”, ela responde.

“Ou uma invasão dos espanhóis”, ele acrescenta. “Se os rebeldes não forem devidamente contidos na Irlanda, vão ser o ponto de apoio de que eles precisam.”

Penelope estremece. “Meu irmão vai garantir que isso não aconteça. É Essex quem vai ser mandado em seu lugar.”

“Que Deus o ajude!”, exclama Blount. “Não posso mentir; fico contente que não seja eu.”

Penelope não responde. Também está contente, mas não pode

trair seu irmão dizendo isso em voz alta. Eles seguem cavalgando em silêncio antes que ela acrescente: “Precisamos garantir que o rei Jaime seja coroado, nomeado pela rainha ou não. Assim estaremos todos seguros. Afinal, a reivindicação dele é a única indiscutível”. Eles continuam em frente, conduzindo lentamente as montarias na neve, sem falar nada.

“Cecil me abordou de novo”, Blount conta por fim. “Acho que está pensando em me recrutar.”

“O que ele falou?”, ela pergunta.

“Não muito. Eu diria que foi mais um gesto de amizade do que qualquer outra coisa. Como antes, falou que o conselho privado precisa de alguém como eu.”

“E o que você respondeu?”

“Ah, nada que me compromettesse. Pode ser útil prosseguir com as conversas.”

“Tome cuidado.” Penelope sente que as coisas estão ficando perigosamente complicadas, elaboradas demais para que ela permaneça no controle de tudo. De repente se lembra do olhar frio e duro da rainha pouco antes.

“Você me conhece, sou um mestre da cautela.” Blount estende a mão para segurar seu braço, o que a deixa um pouco mais segura. É verdade, ele é a precaução em pessoa.

“Ainda bem que temos um ao outro”, ela diz.

“Juntos somos uma força formidável.”

“Então, aonde estamos indo?”, ela pergunta. Ele mandara avisar que queria que ela visse algo.

“À Torre.”

“À Torre... Está me dizendo que vou ser acorrentada?” Ela sorri.

“Quero fazer uma surpresa.”

“Por que não pegamos a barca?”

“O rio está quase congelado perto da ponte. Tinha uns meninos brincando por lá hoje de manhã. Um deles caiu.”

“Ah, não!” Ela se sente tristíssima ao pensar que um pobre menino possa ter morrido sozinho sob o gelo.

“Ele foi retirado. Não sofreu nada de grave.”

Penelope não consegue parar de pensar nas profundezas congeladas enquanto seguem em frente, entrando na cidade por Ludgate e avançando por Cheapside, com todas as placas de ourives. Em pouco tempo estão na St. Paul’s, de onde podem ver a Torre, o que sempre lhe causa apreensão.

“Meu irmão falou que pode precisar vender Wanstead para pagar algumas dívidas”, conta Penelope. “Não suporto a ideia de aquela casa ir para outras mãos e nunca mais poder voltar lá.” Penelope sabe que é só uma casa e que nem ao menos é dela, mas de alguma forma o lugar se tornou uma representação de tudo o que é feliz e benigno.

“Discuti uma proposta por Wanstead com seu irmão.”

“Você a compraria?”

“Estou precisando de uma casa compatível com minha posição. Como estou crescendo...” Ele levanta o nariz e abre um sorriso. Aquela era uma piada recorrente entre os dois nos últimos anos — que ele devia ter fermento no sangue, para estar crescendo tão depressa na corte.

Penelope consegue sentir a alegria se inflar dentro do peito. “Como a massa de um pão.” Ela estende a mão para segurar a dele. “Talvez algum dia...” O restante das palavras fica entalado na garganta.

Os cavalos escorregam, lutando para se equilibrar nas tábuas congeladas na ponte. O rio é quase todo gelo nas margens, e a correnteza está espessa por causa da neve. A última vez em que esteve ali foi anos antes, quando o pobre Lopez estava em uma cela miserável entre aquelas muralhas. Ela tentou apagar a lembrança do que aconteceu entre seu irmão e o médico — a revelação da crueldade que Essex escondia a encheu de vergonha —, mas o incidente sempre lhe voltava à cabeça, como uma música que não se conseguia esquecer. Penelope levava provisões para amenizar o desconforto do pobre homem, mas não a deixaram vê-lo. Era verão, e o cheiro da água do fosso era quase insuportável. Só Deus sabe o que existe lá. Um guarda de

uniforme vermelho os saúda quando eles descem das montarias e entregam os animais a um cavaleiro.

Penelope se apoia no braço de Blount enquanto seguem o guarda por uma trilha onde a neve foi limpa, que atravessa o pátio e contorna a Torre Branca. Eles param em uma das extremidades da construção, diante de uma porta alta, e o guarda saca um molho de chaves preso no cinto, inspeciona uma a uma, encontra a que procura e abre com as palavras: “A coleção de animais exóticos”.

Ela ouve uma estranha cacofonia e, ao passarem por uma porta, os dois se veem diante de um cercado que abriga uma colônia de mais ou menos uma dúzia de grandes primatas, saltando pelos galhos de uma árvore morta e produzindo sons enlouquecidos para os visitantes. Um animal mais corajoso se aproxima da grade. Tem o rosto ao mesmo tempo canino e curiosamente humano. Quando boceja, revela um par de presas diabólicas, compridas e afiadas, capazes de deixar um corpo em pedaços. Ela solta um suspiro de susto, então o macaco dá um grito e começa a acariciar suas partes íntimas enquanto uma fêmea se aproxima deles com um filhote pendurado nas costas. O macho se vira, mostrando o traseiro arroxado, e Penelope estende a mão com a intenção de acariciar a pelagem macia da cabecinha do filhote, mas o guarda a segura, provocando nela um sobressalto. “Eu não aconselharia isso, milady”, ele diz. “A mãe arrancaria seu braço.”

Penelope dá risada para esconder o medo. “Parece uma representação da corte. Veja como aquele ali é parecido com Cecil.” Ela aponta para o macaco de pelos escuros, que apanha piolhos da própria cabeça, todo compenetrado.

“E ali estão seu irmão e Bess Brydges.” Ele aponta para um casal copulando atrás da árvore. É impossível segurar o riso, e ela se pergunta se o guarda não está chocado por não esconder os olhos, horrorizada. “E aquela ali é...” Blount troca olhares com Penelope, que vira o rosto para uma fêmea enorme com peitos balançantes, sentada sozinha, examinando uma folha de

árvore como se fosse um livro de filosofia, rosnando para os demais que se aproximam.

“Shhh.” Penelope leva a mão à boca, mas sabe que, assim como ela, Blount está pensando que, naquela corte bizarra dos macacos, a fêmea desagradável e solitária é a rainha.

Março de 1599

Curtain Theatre/Essex House

“Tentemos uma brecha *outra vez*, caros amigos...” Um dos atores está no centro do palco. Sem botas, veste um colete de cota de malha por cima da camisa e brande uma espada no ar.

“Acho que a ênfase deve estar em ‘amigos’, não em ‘outra vez’”, diz o dramaturgo, aproximando-se. “E repita o ‘outra vez’. ‘Tentemos uma brecha *outra vez*, caros amigos, *outra vez*.’ Então você ergue a espada.” Ele faz um movimento de ataque com a mão. “Depois continue com: ‘Ou atulhemos a muralha’, e por aí vai.” Eles trocam algumas palavras que Penelope não consegue ouvir do balcão, onde está com o irmão e alguns amigos.

“Você acha que é esse o personagem baseado em mim?”, pergunta Essex.

“Claro”, responde Meyrick, para quem o mundo gira em torno do conde. “Se não fosse, ele não insistiria tanto para que visse o ensaio.”

“É porque não vamos estar mais aqui quando a peça for encenada”, explica Southampton. “Sempre acha que todos são você... todos os heróis, pelo menos!” Ele dá um tapinha no ombro do amigo, aos risos. “Claro que é você! O grande conquistador Henrique V, vencedor em Agincourt.”

“Vamos para cima dos irlandeses”, diz Essex. Meyrick e Southampton soltam um grito contido, que faz os atores ensaiando interromperem a conversa e virarem a cabeça para o balcão quase na penumbra. Penelope percebe que seu irmão está sacudindo a perna de nervosismo. Ela teme que ser comparado tão publicamente a um rei possa lhe trazer problemas. Southampton põe uma mão firme sobre a perna inquieta de Essex e a mantém lá. Ela está pensando no boato que ouviu sobre um erudito que escreveu um tratado sobre a usurpação de Ricardo II por parte de Henrique IV e dedicou a seu irmão. Tentou descobrir quem foi e pediu a Anthony Bacon que

rastreasse o trabalho para impedir sua circulação, pois não quer mais um caso infernal como aquele do livro de alguns anos atrás. Ter o nome de Essex vinculado a um tratado que exalta a deposição de um monarca pode ter consequências devastadoras.

O ator recomeça seu discurso: “Tentemos uma brecha outra vez, caros amigos, *outra vez*; Ou atulhemos a muralha com nossos cadáveres ingleses...”.

Ela não olha para o palco; seus olhos estão fixos no perfil de seu irmão. Sob a luz fraca das velas, é possível ver as gotas de suor na testa dele, brilhando como pequenas pedras preciosas, e um leve movimento no maxilar sugere dentes cerrados. A boca está contorcida de uma forma que, como Penelope sabe desde a infância, se destina a esconder a apreensão.

Quando os atores terminam o ensaio, ela e os demais descem as escadas estreitas, atravessam a plateia vazia e sobem ao palco.

“Posso experimentar isso?” Penelope aponta para o colete de cota de malha largado sobre uma cadeira, com a espada apoiada logo ao lado. Ela solta o colarinho e um ator a ajuda a vestir a peça, que começa a tilintar quando passa por sua cabeça, como mil pequenos sinos ressoando, mas quando se apoia sobre seus ombros se torna um peso morto, tão intenso que Penelope mal consegue se mover. Quando lhe entregam a espada, ela precisa segurá-la com as duas mãos para não derrubá-la. É enorme, uma espada de batalha, muito diferente das armas leves que os galanteadores usam no cinturão quando estão na corte. Ela se imagina marchando, brandindo a arma, provocando risos nos presentes, mas está pregada no lugar, paralisada. “Como é que eles conseguem lutar?”

“Isso não é nada comparado com o equipamento que usamos hoje. Você deveria experimentar uma armadura completa”, diz aos risos Southampton, que parece delicado demais, com sua pele lisa e suas feições de menina, para usar qualquer coisa que não seja a mais fina seda. Ele toma a espada de sua mão e, com um movimento de punho, traça o contorno de um oito no ar. Então ela repara que os músculos dos antebraços dele são bem

definidos e mais fortes do que parecem, e se lembra da descrição que Lizzie lhe deu do corpo do marido depois da primeira noite em que se entregou a ele. Ela comentou a força do homem, que a imobilizou sob si, e o comparou a Sansão. Penelope pensou que ela estivesse exagerando, mas agora — observando enquanto ele brinca de espada com seu irmão, que apanhou uma lança que poderia arrancar um olho se a pessoa não tomasse cuidado — constata que Southampton é muito mais masculino do que imaginava.

A cota de malha dificulta sua respiração, e ela pensa em todos aqueles homens no campo de batalha, atolados até os joelhos de lama na Irlanda, lutando pela própria vida. Seu estômago fica embrulhado. Penelope consegue até ouvir os gritos e berros, o toque do trompete, o relincho apavorado dos cavalos, cujos cascos pisoteiam o chão seguindo a batida urgente do tambor: rá-tá-tá-tá-tá-tá; as flechas zunindo no ar, o retinir do aço, o choque de metal contra metal; o disparos dos canhões, um som tão potente que dá medo de nunca mais se ouvir nada; o impacto das bolas pesadas de chumbo contra o chão, partindo ossos — um crescendo de dissonância que sobe e sobe até desaparecer, deixando apenas grunhidos trêmulos e últimos suspiro em seu rastro. Ela puxa as extremidades da cota de malha, tentando erguê-la de seu corpo.

“Deixe-me ajudá-la com isso.” Apesar da aparência de brutamontes, Meyrick tem um temperamento gentil. Ele tira a proteção metálica de seu corpo. “Pensei que fosse desmaiar”, comenta. “Quer uma bebida, milady?” Nesse momento, Penelope se sente profundamente grata por seu irmão poder contar com um homem tão leal ao seu lado na Irlanda.

“Você vai mantê-lo em segurança por lá?”

Meyrick a encara com cílios quase invisíveis e diz: “Não se preocupe. Deus vai estar ao nosso lado”.

“Sim”, ela responde baixinho, lembrando-se de quando Sidney morreu e começou a duvidar dos planos de Deus.

Mais tarde, na Essex House, Penelope dispensa o restante do

grupo, pedindo alguns momentos a sós com o irmão, senta-se ao piano do salão principal e começa a tocar. Ela olha para Fides, seu cachorrinho, deitado junto à lareira. É parecidíssimo com Spero, mas não é ele. Pensa em seu velho companheiro e, como se estivesse lendo seus pensamentos, Fides se vira em sua direção, encarando-a e implorando por seu amor.

Penelope remexe nas partituras, sem enxergar muita coisa na quase penumbra, então escolhe uma música familiar, uma de suas favoritas. “Você dançou esta na festa de Dia de Reis”, comenta, começando a cantarolar e permitindo que os sons das reverberações precisas das cordas a envolvessem.

“Dancei com *ela*!” Ele está se referindo à rainha, claro, enquanto enche o cachimbo de tabaco e comprime o fumo com o polegar.

“Foi a primeira vez que ela dançou em vários meses. Você viu Cecil?”, pergunta Penelope. Agora Essex está pondo a chama da única vela acesa na boca do cachimbo, com o rosto escondido pelas chamas.

“Com a boca fechada como o esfíncter de um cachorro assustado.” Ele dá uma tragada e solta uma gargalhada, espalhando fumaça pelo recinto.

“Robin!” Ela finge que está chocada, mas não consegue segurar o riso quando pensa no secretário observando seu irmão de longe, removendo uma sujeira invisível do gibão, ajustando o colarinho a cada instante, reposicionando no pescoço a corrente com o brasão de tempos em tempos. “Foi bom você ter a chance de mostrar ao mundo que voltou a ser favorecido por ela.”

“Todos podem pensar que sim, mas não é o caso, irmã.” Ele suspira. A bolsa preta de couro contendo a correspondência recente com o rei Jaime está no colo dele, quase escondida pela escuridão.

“Como assim?” Penelope recorda que a rainha pareceu encantada ao permitir que ele a conduzisse na dança, entre os sorrisos de deleite das damas. Ela ficou em um canto observando a expressão azeda de um bando de gárgulas: Raleigh,

Cobham, Carew, Cecil — aqueles que ficariam contentes com a derrocada dos Devereux. Se um cair, todos caem juntos. É assim que funciona.

“Não é mais a mesma coisa. Ela não confia em mim. Perguntei se já havia tomado uma decisão sobre a corte de tutelas. Ela sabe que, se eu estivesse a cargo disso, nunca mais teria preocupações financeiras. Falei que seria uma boa solução, pois poderia saldar minha dívida. Ela vem me deixando no escuro sobre isso desde que Burghley morreu e deixou o cargo vago. Foi com a corte de tutelas que *ele* enriqueceu muito mais do que poderia sonhar.” A descrença de Penelope deve ter ficado evidente em seu rosto, pois seu irmão acrescentou: “Pedi com toda a gentileza, não como se fosse um direito meu. Como você sempre me recomendou, irmã: com humildade, sem bajulação”.

“O que ela falou?”

“Ela mudou de assunto.” Essex despenca na cadeira.

“Só estava provocando você, tenho certeza. Não é isso que sempre faz?”

“Não, dessa vez foi diferente. Não sei descrever como, mas...” Ele se interrompe, cobrindo a boca com a mão e falando entre os dedos. “Estou com medo, irmã.”

“Medo de quê? De lutar?”

“De fracassar.”

Penelope vai se sentar ao lado dele, permitindo que deite a cabeça em seu colo como uma criança. “Você tem muitos amigos. Nunca se esqueça disso. Pode até ter inimigos na corte, mas o povo da Inglaterra o ama.” Ela passa os dedos pelos cachos escuros dele. “Vai ver amanhã quando partir. Milhares de pessoas irão às ruas. Tenho certeza. Todos vêm sofrendo muito nos últimos anos, com a peste negra, a fome e o medo constante de uma invasão.” Penelope põe a mão no peito dele. “*Precisam* de você para garantir uma vitória, uma esperança de um futuro melhor, de segurança, de fartura. E é isso o que vai fazer. Eu sei.” Penelope consegue ouvir a cacofonia do campo de batalha em sua mente, mas se recusa a se concentrar nela.

“Uma vitória”, Essex repete.

“E eu vou ficar aqui, com Blount, para garantir que ninguém trame nada enquanto você estiver fora. E tem isto também.” Ela toca a bolsa preta. “É nossa garantia...” Ela hesita. “É *sua* garantia contra o fracasso.” Os olhares dos dois se encontram, e ela tem a impressão de ver um brilho surgir nos olhos dele. “Também é uma chance de terminar o que nosso pai começou.” Ela se arrepende imediatamente de trazer à tona a morte infeliz dele, que começa a pairar como um miasma venenoso no silêncio.

“Acha que ele teria sobrevivido se a rainha concedesse mais recursos, como nossa mãe sempre disse?”, Essex pergunta em meio a repetidas tragadas no cachimbo.

“Não sei.” Ela acaricia os ombros dele, sentindo o quanto está tenso.

“Bem, sabemos que nosso pai gastou até o último centavo da fortuna dos Devereux tentando manter os rebeldes sob controle.” Essex se interrompe, remexendo de leve os ombros sob as mãos dela. “*Pela Inglaterra*. Ele perdeu nossa fortuna pelo reino.”

Penelope não diz nada, pois não quer pensar nas consequências dessa perda: seu casamento infeliz, as obrigações para com a rainha. Em silêncio, continua massageando os ombros tensos do irmão, encontrando algo perto da escápula. “O que é isso?” Ela levanta a camisa para olhar. “Tem alguma coisa...”

“Quê? O que foi que você encontrou?”

“Não sei, tem algo espetado aqui.” Ela se posiciona para enxergar melhor sob a luz da vela.

“Pode tirar, o que quer que seja.” Ele parece horrorizado, tenso como a corda de uma viola. “Tire isso de mim.”

É como um pequeno aglomerado de fios saindo de um pedacinho de carne inchada. Ela segura com a ponta dos dedos e puxa. O objeto sai sem dificuldade. Ela o coloca na palma da mão e o aproxima da luz. É uma pequena pena branca, parecida com a do peito de um ganso.

“Uma prova de que você é um anjo”, Penelope diz com um sorriso, dando um beijo na testa dele, que parece apavorado.

“Ou Ícaro!” O nome escapa de sua boca com amargura.

Ela ouve um som de madeira raspando do outro lado do cômodo, uma cadeira sendo arrastada, talvez. Fides rosna baixinho, com as orelhas levantadas.

“Quem está aí?”, pergunta Penelope, sentindo os pelos de sua nuca se arrepiarem. Pensou que estivessem sozinhos, mas o salão é grande, e a única iluminação disponível vem da lareira e da vela acesa ao seu lado. Ela repassa a conversa e o que exatamente foi dito. Eles falaram da corte de tutelas, das tratativas privadas de seu irmão com a rainha, dos medos dele, das finanças dos Devereux... Algum dos dois mencionou o rei da Escócia pelo nome ou, que Deus proíba, as cartas?

“Sou eu.” Uma figura emerge da penumbra. Francis Bacon esfrega os olhos com o dorso das mãos magras, fungando. “Está frio.” Com o rosto pálido como o de um fantasma, ele envolve o corpo com os braços.

“Bacon, o que está fazendo aí, espreitando no escuro feito um gatuno?” Essex parece bem-humorado, sem um pinga da desconfiança que Penelope sente surgir dentro de si. Mas aquele é Francis Bacon, grande amigo de Essex, que já deu centenas de provas de fidelidade com todas as informações secretas que trouxe. Ela tenta ignorar o sentimento negativo.

“Devo ter dormido em cima da papelada.” Ele funga outra vez.

“Venha aqui se sentar perto do fogo.” Essex dá um tapinha no lugar ao seu lado. “Esquente-se um pouco.”

Bacon se acomoda ao lado do irmão dela, pegando o cachimbo em silêncio e dando uma tragada profunda; é um gesto que a surpreende pela intimidade.

“Em que você está trabalhando?”, pergunta Penelope.

“Alguém escreveu um tratado sobre Henrique IV e a deposição do rei Ricardo. Foi dedicado a você.” Ele direciona sua resposta a Essex, como se ele tivesse feito a pergunta. “Consegui uma cópia e achei melhor ler para ver se era muito nefasto.”

“Mais uma dedicatória indesejada”, comenta Essex. Penelope percebe que ele está tenso de novo e se irrita com Bacon por trazer uma nova preocupação na véspera de sua partida para o campo de batalha. Ela se mantivera em silêncio sobre o tratado por essa exata razão.

“E existe alguma coisa nele que possa prejudicar Essex?”, Penelope pergunta. Quer interrogar Bacon a respeito de onde conseguiu o tratado, mas sem fazer grande estardalhaço, para o bem de seu irmão.

“Acho que vai trazer mais problemas ao autor”, ele responde para Essex, ainda ignorando Penelope. “Boa parte é plagiado de Tácito.”

“Vamos dar um jeito nisso, não, Bacon?”

Mesmo agora, depois de ter sido interpelado nominalmente por ela, ele se recusa a encará-la. “Sim, sim, não há nada com que se preocupar.” Bacon começa a massagear os ombros de Essex, como *ela* estava fazendo pouco tempo antes. Penelope quer afastá-lo do irmão, mandá-lo sair do recinto, e se pergunta se é o ciúme ou a desconfiança que a motiva. Ela o surpreende olhando para a bolsa de couro preto escondido debaixo da camisa de Essex. “O que tem aí? Desenhos de sua amante?”

“Algo do tipo”, responde Essex.

Penelope baixa os olhos e percebe que a pena branca caiu no chão.

Março de 1599
Whitehall

Fileira após fileira de cavaleiros vestidos de laranja estão a postos no pátio. O conde conseguiu reunir um vasto exército, e dizem que ali está apenas uma fração. Milhares de homens vão se juntar a eles no caminho para Holyhead. Passaram pela Seething Lane de manhã, e uma grande multidão se juntou nas ruas laterais para celebrá-los e acenar. Cecil teve que abrir caminho entre as pessoas para chegar ao palácio e vê a aglomeração junto ao portão, com espectadores subindo nos ombros uns dos outros para espiar sobre as muralhas e ter uma breve visão de seu herói.

Até mesmo Cecil está impressionado com as fileiras bem formadas, os cavalos bem escovados, os cascos lustrados, os arreios bem polidos e os homens em posição, erguendo as armas no momento em que a rainha aparece na varanda. Talvez com esse exército Essex consiga o que ninguém foi capaz — sufocar os rebeldes. Ele se pergunta se não foi um erro negociar em segredo a nomeação do conde na Irlanda. Cecil refletiu sobre tudo isso por um bom tempo: se a vitória valeria o preço de deixar Essex além de seu alcance. Burghley não está mais lá para ajudá-lo quando perder a convicção.

O secretário respira fundo para se recompor antes de ser soterrado pelas lembranças do pai, e uma imagem aparece em sua mente — o conde caído e ensanguentado no campo de batalha, com suas roupas finas e esplêndidas manchadas de lama e matéria orgânica, puxando quase sem forças uma flecha alojada no peito. Mas a imagem muda, e então Essex aparece sozinho em um terreno ermo, abandonado por seus homens, sem a armadura, apenas com o estandarte laranja e imundo tremulando ao vento. Um tiro é disparado do nada, acertando seu peito. As mãos dele são tingidas de vermelho. Cecil sente o peso do mosquete em sua mão, sente o cheiro da pólvora. É um

aroma de celebração, de queima de fogos de artifício. De repente se sentindo atormentado, enojado pelos próprios pensamentos, Cecil deseja voltar a fazer contato com a parte boa de si mesmo.

Essex desmonta do cavalo, entregando as rédeas a Southampton — mais um dos extravagantes rapazes de Burghley. É jovem demais para estar entre os que atormentavam Cecil na infância, mas é exatamente como eles. E Southampton está naquele terreno ermo e desolado ao lado do conde. Cecil interrompe esses pensamentos. Ele não deve alimentar seu lado sinistro. Respirando fundo outra vez, endireita-se, sentindo as costas curvadas soltarem um estalo agradável ao fazer isso. Não se compare com ninguém, ele pensa consigo mesmo, somos todos filhos de Deus. Abrindo um sorriso forçado, faz uma prece pela vitória. Mas está sendo desonesto inclusive com Deus.

Essex subiu os degraus e está ajoelhado diante da rainha, beijando a mão dela, que lhe diz mais uma vez, olhando bem nos olhos dele: “Em nenhuma circunstância, nenhuma, capitule diante do conde de Tyrone. Ele é seu inimigo. Deve ser derrotado por completo”.

“Sou seu comandado”, diz o conde, ficando de pé para aplausos generalizados, que se espalham como ondulações em um lago.

Cecil olha para Blount, que está ali perto, de pé entre Lady Rich e Francis Bacon. Nem Blount nem Lady Rich aplaudem. No rosto de menino de Bacon há uma espécie de sorriso. Mas Cecil não sabe o que significa. Francis Bacon o abordou naquela manhã, pedindo uma conversa em particular, o que despertou sua curiosidade. As relações entre os dois não são das melhores desde que seu primo foi preterido na função de procurador geral em benefício de um candidato indicado por Cecil. Mas isso foi muitos anos antes, e talvez seu primo esteja pronto para se reconectar à família — a não ser que tenha intenção de fazer jogo duplo. Isso só o tempo vai dizer.

Lady Rich dá um passo à frente para beijar o irmão. Ela o abraça. Cecil tenta se colocar no lugar de Essex, o que o

surpreende, pois não tinha pensamentos lascivos com Lady Rich há um tempo e imaginou que já os tivesse superado. A rainha faz um sinal para que as damas desçam e se despeçam dos maridos e irmãos. Cecil nota que nem Lady Southampton nem Lady Essex estão presentes — ah, a invisível Lady Essex, grávida de novo, pelo que dizem. A desgraça das duas foi definitiva, assim como a da mãe do conde. A rainha sempre permite que os homens que a ofendem reencontrem um lugar em seu coração, mas nunca as mulheres. Talvez ela tenha razão em não confiar nelas. Cecil faz questão de compilar informações sobre as esposas, pois nos dias de hoje elas também gostam de sujar as mãos com a política.

Ele alisa o veludo da capa, ajeitando-a sobre os ombros, antes de dar um passo à frente no momento em que Lady Rich larga o irmão. O secretário aperta a mão do conde e lhe deseja sorte, notando o olhar de satisfação da rainha, com a expressão de uma mãe que supervisiona as pazes de seus dois filhos briguentos.

“Vá tranquilo, milorde”, diz Cecil. “Se alguém é capaz de derrotar Tyrone, é Vossa Excelência.”

Essex o surpreende com um sorriso sincero que o faz se sentir culpado, um farsante. “Farei o meu melhor para servir a Inglaterra e a rainha.” O grupo de mulheres ao redor aplaude, suas mãos brancas flutuando como borboletas.

“Não vá morrer por lá. Quero você de volta aqui”, diz a rainha em um tom bem alto, superando o dos aplausos.

Os olhos do conde se remexem como os de um cavalo selvagem, permitindo que Cecil note seu medo, o que o surpreende, pois sempre pensou que sua coragem fosse inabalável. “Vou voltar, Vossa Majestade, acredite”, ele responde, transmitindo nada além de confiança outra vez, depois virando, descendo os degraus e montando em seu cavalo.

Uma trombeta toca e Essex começa a se mover com sua companhia. Quando saem pelos portões, um alarido se eleva, bastante costumeiro nas multidões: *Essex, Essex, Essex*. A comitiva real observa enquanto o conde detém o passo para falar

com algumas pessoas, beija a mão de uma mulher e, provocando ainda mais aplausos, ergue uma criança e a senta em sua cela, permitindo que o menino examine sua espada. A rainha fecha a cara. Cecil se lembra de quando seu pai lhe contou que ela adorava conversar com o povo em ocasiões especiais. “Foram eles que me colocaram aqui”, era o que sempre dizia. Cecil nunca viu isso acontecer, pois ultimamente andava cercada de guardas, por medo de ser alvo da faca de um assassino.

“Já vi o suficiente.” A rainha se vira e estende o braço para que Cecil a escolte de volta para dentro do palácio. “Ele é amado”, ela fala baixinho, incapaz de esconder o ressentimento. “O povo sempre vai se deixar atrair pela juventude e pela beleza.”

“Mas Vossa Majestade é a imagem da...”

“Não me venha com suas bobagens. Tenho olhos na cara. Você, mais do que ninguém, há de me entender.”

“De fato”, ele responde. “A beleza é uma qualidade que nunca tive.”

“Mas tem outros predicados.” Cecil se pergunta de que ela está falando — lealdade, talvez, constância, determinação. A rainha chega mais perto e murmura: “Pretendo conceder a você a corte de tutelas, mas, shhh, não conte para ninguém”.

“Vossa Majestade, estou desconcertado; é uma honra muito grande.” Em sua mente, ele já começa a gastar o dinheiro que isso vai lhe render: uma reforma nos jardins de Theobalds, com arbustos podados na forma de esculturas clássicas de ambos os lados da entrada.

“Prometi a seu pai. É meu último ato para ele. Mas quero que mantenha silêncio a respeito.”

Cecil pensa em uma fonte — uma ninfa linda como Lady Rich, vertendo água de uma ânfora. Mas também pensa na forma como a rainha atraiu Essex com a promessa de lhe entregar a corte de tutelas meses antes, e em um momento de epifania se pergunta se seu ódio, sua rivalidade ferrenha com o conde, na verdade não se originou de fora para dentro, em vez

do contrário. Teria sido a rainha, ao notar a semente da discórdia plantada na infância, que a regou e garantiu que germinasse jogando um contra o outro com seus favorecimentos, um pouco aqui, um pouco ali, de forma que nada fosse percebido?

“Está contente? Pois não parece.”

“Esforço-me para esconder minha alegria, pois creio que isso vá despertar olhares curiosos, majestade.” Essex lhe volta à cabeça, pois se trata de um triunfo sobre seu adversário, além de um grande passo em sua carreira política, mas pensar no conde não lhe traz tanta satisfação quanto esperava — o que mais sente é desânimo.

Julho de 1599
Leighs, Essex

Henry caça borboletas com o filho de Essex, o jovem Robert. Ambos empunham suas redes como armas e correm aos risos, acompanhados de Fides, que dá pulinhos eufóricos. Penelope está sentada em silêncio ao lado de Lizzie Vernon, que cochilou em cima do crochê com seu cãozinho branco deitado sobre o braço dobrado. Ela fecha os olhos, deita sobre a grama alta e ouve os sons do verão: a correnteza do riacho, o grasnar distante de um pato e, ainda mais longe, os gritos de um pastor e o som das sinetas dos animais do rebanho. Ficou na cidade por tanto tempo que até se esqueceu das melodias do campo. Frances, sua cunhada, está ali perto, com Dorothy. Leem em voz alta uma para a outra. De tempos em tempos, Frances grita: “Cuidado, Robert”; ou “Devagar, Robert, assim você vai cair”.

Penelope acha graça do excesso de precaução da cunhada. Robert é robusto e impetuoso como o pai, sempre com os joelhos ralados e cortes nas pontas dos dedos, aparentemente incapaz de sentir medo. Mesmo Henry, que é um ano mais velho, tem dificuldade para acompanhá-lo. Frances, porém, sempre foi uma criatura assustadiça, uma menina quieta e incapaz de se impor sobre quem quer que seja. Mesmo depois de tanto tempo, é difícil entender como acabou casada com Sidney. Penelope se lembra dela no dia do funeral do primeiro marido, dizendo: *Era você que ele amava*. Aquela mulher tinha um tipo sutil e todo especial de coragem.

Apesar do passado, Penelope aprendeu a amá-la com o tempo, embora tenham pouco em comum. Frances não se interessa por música e jamais emite opiniões sobre política, mas é de uma lealdade a toda prova. Nunca buscou tirar vantagem do fato de ser a condessa de Essex — outras fariam isso sem constrangimento, mas ela valoriza demais a privacidade. Agora sua cunhada parece mais assustada que de costume, sempre

preocupada com o bebê na barriga, com medo de perdê-lo de tanto se afligir por causa do marido. Ela não é a única a temer por Essex. Quando pensa no que pode estar acontecendo na Irlanda, Penelope fica apavorada; é algo que vai dominando seus pensamentos até não deixar espaço para mais nada. Ela se sente grata por ter Blount na corte em Londres. *De olho em tudo*, de acordo com as palavras dele.

Um boato vem se espalhando, de que uma nova armada espanhola está chegando à costa da Inglaterra. Graças às informações de Anthony Bacon, Blount vai ser o primeiro a saber. *Ela me nomeou delegado geral do Exército*, ele escreveu em uma carta outro dia. *Você está crescendo bem com todo esse fermento*, foi sua resposta. Penelope não ignora a ironia de Blount estar nessa posição, que pode tornar seu irmão dispensável, mas se trata de um pensamento que deve ser evitado, pois a ideia de algum dia ter que escolher dedicar sua lealdade a um ou outro é insuportável.

As coisas não estão correndo bem para Essex na Irlanda. Ele desobedeceu à ordem da rainha de marchar rumo ao norte e confrontar Tyrone, tomando a direção sul para aclimatar seus homens e esperar por suprimentos. Essex explicara que os suprimentos eram fundamentais para que sua missão fosse bem-sucedida. A própria Penelope fora pedir à rainha que disponibilizasse mais recursos, mas, a julgar pela carta dele de ontem nada havia mudado.

Infelizmente receio que tenha perdido o favorecimento dela de vez. Não estou recebendo nenhum apoio de Whitehall e mal consigo alimentar o exército. Ela está furiosa por eu tê-la desafiado e escolhido Southampton como mestre cavaleiro, mas por outro lado não entende a importância vital da confiança no campo de batalha. Os espanhóis estão fornecendo armas aos rebeldes e é só questão de tempo até que mandem um exército propriamente dito. Você deve continuar argumentando com ela, pois ouvi dizer que Cecil está lucrando com a guerra e que verbas que deveriam custear suprimentos estão sendo desviadas para ele.

P.S.: Não imagina como é aqui. Os rebeldes usam táticas de emboscada, o que exige que meus homens se mantenham em um estado constante de alerta e os deixa com o moral baixíssimo.

Penelope queimou a carta, por medo de que Frances a lesse e fosse ainda mais dominada pela ansiedade. Uma hora depois da partida de Essex caíra uma tempestade violenta e Frances ficara à beira da histeria, dizendo que era um sinal de que a campanha seria um fracasso.

“Não, na árvore não!”, grita Frances, ficando de pé e arregalando os olhos.

Robert se balança no tronco de uma velha macieira, pendurado em um galho com um dos braços e com o pé apoiado em uma reentrância, enquanto manuseia a rede com a outra mão. É tão parecido com o pai que o coração de Penelope imediatamente a remete ao passado.

“Não se preocupe, Frances”, diz Dorothy, segurando-a pela mão.

“Meus filhos sobem nessa árvore desde que aprenderam a andar”, avisa Penelope, “e nunca aconteceu nenhum acidente.”

Robert desce com um pulo e continua a perseguição à borboleta, ao que tudo indica indiferente às preocupações da mãe. Frances retoma a leitura do livro.

Lizzie acorda e se espreguiça com um bocejo. “Cochilei?”

“Se minha mãe estivesse aqui, daria uma bronca em todas nós por sermos tão preguiçosas. Ia nos mandar bater manteiga, fazer queijo, salgar uma carne, colher ervas ou extrair corantes.” Penelope dá risada ao pensar em Lettice. “‘Suas donas de casa preguiçosas’, ela ia dizer. ‘Como é que vão saber se seus criados não estão roubando vocês se não supervisionam os trabalhos?’”

“Sonhei com Southampton”, diz Lizzie, acariciando distraidamente o cão em seu colo.

“Espero que tenha sido um sonho bom.”

“Foi, sim.” Lizzie se senta e olha para a prima mais velha. “Mas tem alguma coisa me preocupando com relação a meu marido.” Ela pega uma margarida e começa a arrancar as pétalas.

“Está com medo de que ele volte mudado da guerra?”

“Nem pensei nisso”, responde Lizzie. “Não.”

Penelope já viu o próprio irmão voltar quase irreconhecível — efeito da exposição aos horrores do campo de batalha. Ele ficava absorto nos próprios pensamentos, completamente inacessível, como uma estátua de pedra; de repente apresentava uma explosão de temperamento cruel, como um menino que sacode um gato pela cauda sem se importar com os gritos do animal. Ela não diz nada sobre isso, porque não quer chatear Lizzie, que já parece bem abalada.

“Diga-me qual é sua preocupação.”

“Amo Southampton, talvez mais do que a maioria das mulheres ama o marido.”

“Mas isso é bom, Lizzie.” Penelope ri para a jovem prima, perguntando-se que tipo de bobagem a babá que a criara falara sobre amor e casamento: que o amor é uma loucura, que não existe espaço para a paixão em um matrimônio etc.

“Mas...” Ela hesita, sem saber como formular o que quer dizer, e lança um olhar para Frances e Dorothy.

“Elas não vão ouvir se você falar baixinho”, garante Penelope.

“Eu o vi beijando outra pessoa.”

“Ah, Lizzie.” Ela estende a mão para a prima. “Não se incomode com isso. Ele ainda tem muita energia para dissipar, mas vai sossegar, tenho certeza. Sei que gosta de você. Já me disse isso muitas vezes.”

“Não, você não está me entendendo.”

“Então me explique. O que aconteceu?”

“Um tempo atrás, quando eu estava grávida e não podíamos...” Ela fica vermelha. “Você sabe.” Penelope assente. “Eu o surpreendi na Essex House, nos jardins... com alguém da criadagem...”

“Da criadagem?”, questiona Penelope, lembrando-se das constantes infidelidades de seu irmão. Nenhuma das criadas da Essex House devia ter passado ilesa.

“Sim.” As saias delas ficam cobertas de pétalas rasgadas. “Um

dos ajudantes da cozinha.” Ela diz isso em um tom de voz baixíssimo, com uma lágrima escorrendo pelo rosto. Penelope a abraça, pensando em sua situação quando descobriu inclinações semelhantes em seu marido e nas palavras pragmáticas da ama Shilling. Ela já desconfiava de Southampton por seu jeito, viu como ele se comportava na companhia dos atores, como se sentia atraído por aquele mundo de homens vestidos de mulheres. Em certo sentido, fazia parte do charme dele.

“Os desejos dos homens não são como os nossos, Lizzie. Não significa que ame você menos por isso.”

“Mas é um pecado mortal.”

“Não acredito nisso.” Ela gostaria de poder contar a Lizzie sobre sua experiência, sobre o quanto refletira sobre pecados enquanto tentava entender seu marido. Ambos tinham chegado a uma espécie de tolerância mútua e distante, com ele passando a maior parte do tempo em Leighs — quando não está grudado em seu irmão —, enquanto ela fica em Londres ou na corte. “Só um beijo... isso é parte do que o torna tão único. É isso que você ama.” Ela observa os meninos por cima do ombro da prima; estão examinando alguma coisa na grama. “Você não ia querer que fosse diferente.”

Lizzie cai no choro nos braços de Penelope, limpando os olhos com a manga da roupa. “Pensei que fosse ficar chocada. Fiquei com tanto medo de contar.”

“Não me choco tão facilmente. Já vi coisas que você nem imagina. Mas nunca sofra por causa de um segredo. Eles devoram você por dentro...” A voz dela fica embargada.

“Tenho medo de que ele se canse de mim.”

“Ninguém é capaz de controlar os desejos de outra pessoa. Mas lembre: ele é um bom marido, e você é a mãe do filho dele. Não existe rapazinho no mundo capaz de proporcionar isso.”

“Estou tão aliviada”, diz Lizzie, deitando-se na grama, “por ter contado.”

“Mas não espalhe isso por aí. A descrição é fundamental... e de jeito nenhum mencione para Frances. Ela entraria em estado de

choque.”

Lizzie sufoca uma risadinha, recobrando o bom humor habitual. “A doce Frances, tão certinha.”

Robert passa correndo entre elas. Tem os mesmos olhos castanhos e arredondados da mãe, mas sem a timidez dela, com um brilho intenso e direto. Segura o que parece ser uma cobrinha, com a cabeça presa entre o polegar e o indicador e o restante do corpo enrolado no polegar. Penelope solta um suspiro de susto, mas acha melhor não gritar, por medo de que Frances entre em pânico.

Ela se levanta e vai até o menino. Ao chegar mais perto vê que o animal tem uma cor verde e apagada, e não as cores vivas que ela temia. Um grito de terror ressoa mais atrás. Quando se vira, Penelope dá de cara com Frances, branca como papel, correndo na direção deles, com Dorothy logo atrás.

“É só uma cobrinha de jardim. Um bichinho inofensivo”, ela grita. Dorothy tenta acalmar Frances, que parece apavorada, agitando os braços sem parar.

“Sei como lidar com cobras, tia Penelope”, diz o menino. “Os jardineiros me ensinaram. Se você pegar pela cabeça, elas não têm como morder.”

“Acho melhor não mexer com elas, Robert, nunca se sabe. Deixe a criaturinha em paz; deve estar apavorada.” Penelope volta a pensar em como o pequeno é parecido com o pai — destemido e alheio ao medo dos outros. É impossível não voltar seus pensamentos outra vez para Essex na Irlanda, enfrentando sabe-se lá que tipo de inimigos. Seu sobrinho a encara com um olhar de um caráter surpreendentemente desafiador, parecendo disposto a insistir em manter o bicho na mão, mas ela faz uma cara que não lhe dá outra escolha, então ele solta a cobrinha, observa enquanto rasteja até os arbustos e sai pisando duro até Henry.

Apesar do dia de sol, o escritório de Rich, na parte antiga da casa, está escuro e frio. Ele parece abatido.

“Você está bem?”, Penelope pergunta.

“Isso faz diferença para você?”

“Faz, sim. Você é meu marido, afinal. E pai dos meus filhos.”

“Não de *todos* os seus filhos.” Ela fica surpresa, pois se trata de um assunto em que ele raramente toca.

“Não mesmo.” Os olhos dele estão vazios. Pela primeira vez, ela percebe que a aparência do marido declinou; por menos atraente que Rich lhe parecesse, costumava ser um homem bonito. Penelope se pergunta se ele ainda seria capaz de atrair garotos para a cama ou se agora é obrigado a pagar pelo contato físico, além do silêncio. “Nunca tentei enganá-lo. Você faz o que quer, e eu também.”

“Mas você me transformou em motivo de piada.”

Ele parece patético ao dizer isso. Penelope prefere não responder que a responsabilidade dele nisso é tão grande quanto a dela. Não têm como evitar as brincadeirinhas de mau gosto por parte dos outros homens. “Que importam as piadas? Pelo menos ninguém sabe da verdade. As consequências entre os puritanos seriam muito piores.”

A cabeça dele afunda entre os ombros, e Penelope chega a sentir pena do marido. “Tenho inveja de você. De seu desprendimento, da maneira como ignora a opinião dos outros, de sua confiança de que vai estar sempre por cima enquanto o resto de nós chafurda no esgoto. Isso vem de berço. Pensei que me casando com você poderia adquirir um pouco disso, por associação.” Ele solta uma risada ressentida. “Mas agora sei que é preciso nascer assim.”

“Do que está falando?”

“Preciso de você”, ele murmura de cabeça baixa.

“Você *precisa* de mim?”

“Estou em uma disputa por uma grande extensão de terra e corro o risco de perder a maior parte do que tenho.” Ele faz uma pausa, girando um anel no dedo. “Mas, se parecer que estamos unidos, vou ter a força de sua família comigo. Enfim...” Ele não termina, simplesmente suspira. “Não sou levado a sério.”

Ela entende que Rich precisou engolir todo o orgulho para pedir ajuda. O pouco orgulho que lhe resta. “Claro! Vou fazer o que for preciso. Pedir uma audiência. Somos marido e mulher. Se alguém ignorar esse fato, vai ter que se ver com todos os Devereux.”

Houve um tempo em que Penelope ficaria contente em saber disso, que ele precisa dela. Apreciaria a vantagem. Mas não agora, não tendo uma ideia melhor do que realmente deseja. Além disso, não sabe por quanto tempo seu nome vai ter algum peso, antes que o irmão perca de vez o favorecimento da rainha. Ela estende a mão, mas Rich recusa o toque como se estivesse diante de uma leprosa, levando os dedos aos cabelos grisalhos.

“Acho que não foram poucas as vezes em que você desejou minha morte.”

“Como assim?” Ela fica chocada ao ouvi-lo dizer isso, não porque seja mentira, mas justamente por ser verdade. Escutar essas palavras faz a culpa se espalhar por seu corpo como um veneno.

“Se eu fosse você, desejaria.”

Só então percebe quão superior é sua posição, pois ele parece refém da própria hipocrisia. Sua fé o condena a uma existência inferior. “Você ainda continua crédulo como antes?”

“Minha fé foi desafiada ao extremo, mas, sim, apesar de tudo, não me afastei de Deus.”

“Nunca acreditei que Deus fosse condená-lo por...” Ela não sabe como dizer aquilo. “Pela maneira como seus desejos afloram.”

Rich solta uma risada ácida antes de falar: “Está tentando me dizer que não é pecado?”

“Somos todos pecadores. Só estou dizendo que existem coisas piores. Talvez se você...”

“Não preciso de seus conselhos”, ele esbraveja. “Como ousa pensar que sabe o que enfrento?”

“Não tenho como saber. Mas tenho certeza de que Deus vai arrumar um jeito de perdoá-lo.” Penelope se sente uma tola

dizendo isso. Que conhecimento tem sobre o Deus dele?

“É dos homens que tenho medo, não de Deus.”

“Pois diga a eles para olhar para os próprios defeitos.”

Por um tempo eles ficam em silêncio, interrompido apenas pelo estalo ocasional das madeiras na casa; ela percebe que escureceu, que a noite caiu sem que percebessem. Pensa em Blount. Queriam ficar alguns dias em Wanstead para comemorar a passagem da propriedade para o nome dele. No entanto, parece que o problema de Rich vai mantê-la ali por mais tempo do que esperava; e ela vai ter que voltar e se ajoelhar diante da rainha para implorar em nome de seu irmão.

“Enquanto lê a papelada, vou marcar a audiência.” Rich lhe entrega um calhamaço de papel.

“Quanto antes melhor”, ela avisa. “Preciso voltar à corte.” Ele a encara com uma expressão inquisitiva, e Penelope complementa antes de ser questionada: “É para o bem de todos nós. Você se beneficia tanto quanto eu de meus contatos”. Não entra em detalhes sobre os problemas de seu irmão com a rainha e sua falta de recursos para seu exército; não há nada que Rich possa fazer a esse respeito.

Setembro de 1599

Nonsuch, Surrey

A luz da manhã acorda Cecil. As cortinas do leito estão abertas. Ele se senta, ainda vestido e confuso por um instante, sentindo um espasmo agudo que irradia da nuca e vai descendo pelos ombros, então esfrega o pescoço com a mão espalmada — faz muito tempo que não sente outro toque na pele que não seja o seu. Mesmo sua esposa, nos momentos de intimidade, mantinha as mãos à distância. Cecil às vezes pagava uma ou outra jovem, mas, como sua mulher, elas também eram incapazes de esconder a repulsa. Embora as mulheres parecessem limpas, durante semanas ele se via terrivelmente preocupado, temendo ter contraído algo indescritível de tais contatos, escrutinando seu corpo e se consultando com o médico sempre que possível.

O pajem bate na porta e entra para reavivar o fogo. Cecil nota a folha de papel ligeiramente amassada sobre a cama e se lembra do que o manteve acordado até tarde na noite anterior. Relê o texto, esforçando-se para decifrar a caligrafia no trecho que pareceu ter sido copiado de forma mais apressada por seu emissário. É uma carta de Essex à rainha:

Mas por que estou falando de vitória ou sucesso? Não é fato conhecido de toda a Inglaterra que só tenho conhecido desconfortos e dissabores? Não se fala abertamente que perdi o favorecimento de Vossa Majestade, que agora me tem em má conta? Os rebeldes já não sabem que quem Vossa Majestade agora favorece me odeia por rivalidade mais do que eles por dever e consciência?

Cecil fica envergonhado diante da verdade rabiscada no papel: ele odeia Essex mais do que odeia o inimigo.

Deixa o papel cair no colo e murmura: “O que foi que me tornei?”. Só se dá conta de que falou em voz alta quando o pajem pergunta se pode ajudar em alguma coisa. Ele dispensa o

garoto, pois não quer ter testemunhas de sua culpa; já basta o olhar vigilante de Deus. Quando foi que deixou de servir a rainha e a Inglaterra?, o secretário se pergunta. Desde quando é servo apenas de seu ódio?

Se Essex fracassar na Irlanda, a responsabilidade vai ser toda de Cecil. Foi ele quem fez o conselho perder a confiança no conde; quem cuidou para que os suprimentos não fossem enviados; quem segurou informações importantes que poderiam ter ajudado na causa; quem envenenou mentes contra os aliados mais próximos de Essex. Alguns dos colaboradores mais importantes do conde foram convocados de volta, e uma ordem real foi emitida para demover Southampton da posição de mestre cavaleiro — tudo por obra de Cecil, de uma forma ou de outra. Isso sem falar em Francis Bacon... Ele raspa a cera derramada na escrivaninha perto da cama e alinha os objetos sobre a superfície: um candelabro, alguns livros, um pequeno relógio, cujo mecanismo elaborado costumava lhe trazer uma boa distração. Deu início à destruição de seu adversário, o que pode deixar a Inglaterra aberta às investidas da Espanha, e agora não há como voltar atrás.

Cecil pensa em sua tentativa malfadada de estabelecer uma ponte diplomática com o novo rei espanhol no verão anterior, quando alimentava grandes expectativas a respeito de um tratado. Mas o que começara como uma série de conversas cautelosas e uma troca de cartas com o embaixador se transformou em uma debacle. Uma interpretação equivocada de informações o levou a pensar que havia uma frota espanhola a postos na costa de Brest e que a invasão era iminente. Ele ordenou uma mobilização emergencial de tropas sob o comando de Blount e o país inteiro ficou à beira do pânico, esperando um ataque a qualquer momento. Sente-se um tolo ao se lembrar disso.

“Ah, Pigmeu!”, a rainha dissera ao entrar na sala da guarda com a intenção de comentar uma notícia que havia acabado de receber. “Sua grande armada espanhola no fim não passa de um

punhado de barcos de pesca.” Ela soltou uma gargalhada, sendo acompanhada por todos ao redor. A fileira de olhos o ridicularizava, rindo às suas custas. O secretário teve que se segurar para não sair pisando duro do recinto. Forçou um sorriso autodepreciativo nos lábios, mas a rainha ainda não tinha terminado. “Você deve achar que esta conta de vidro”, ela falou, arrancando o adorno do chapéu de um dos pajens, “é um diamante!” A zombaria continuava. “E que este animalzinho de estimação”, ela completou, apontando para o cão no colo de uma das damas, “é um lobo!”

Ele viu Raleigh balançando os ombros de tanto rir e Carew cobrindo a boca com a mão, enquanto Knollys limpava os olhos com um lenço. Apenas Francis Bacon se mantinha sério, observando a cena, juntando as mãos elegantes com uma expressão inescrutável de indiferença, como se não soubesse como agir.

“E que isto” — uma das damas da rainha se aproximou, apontando para uma flor bordada no vestido — “é uma roseira.”

Cecil desejou que o chão se abrisse e o engolisse, como os alçapões que fazem os atores desaparecerem do palco em meio a uma nuvem de fumaça. Ele se sentia pequeno, como um idiota da aldeia trazido à corte apenas para ser exposto ao ridículo. Teve que lembrar a si mesmo que era o secretário de Estado e, portanto, intocável. Mas nada era capaz de atenuar a humilhação sofrida, que o transportou de volta às provocações cruéis executadas pelos meninos criados na casa de seu pai.

“E deve achar que *eu*”, disse a anã Ippolyta, “sou a rainha.”

“Essa foi boa!”, gritou Raleigh. As brincadeiras continuaram por um bom tempo. Alguns cortesãos ainda inventavam exemplos cada vez mais engenhosos de sua suposta tolice: pombos confundidos com pavões, esquilos com cavalos, agulhas com facas.

E agora o tão sonhado tratado de paz com a Espanha está em farrapos. Talvez Deus o esteja castigando por seu desprezo por Essex — ele sabe muito bem que o ódio que sente é pecado e

junta as mãos em uma tentativa de oração, mas não consegue elaborar sua súplica, então tenta imaginar o conselho de seu pai. Ele diria: *Às vezes, para atingir nossos objetivos, é preciso recorrer a métodos moralmente questionáveis, mas que se justificam se for para o bem da rainha e do país.* Cecil bufa, admitindo a derrota e imaginando o tamanho da decepção que seu pai teria.

A porta se escancara, arrancando-o de seu torpor, e o pajem aparece, todo esbaforido.

“Pensei que tivesse dito para me deixar em paz”, esbraveja Cecil.

“Sim, mas...” O menino remexe nervosamente os dedos. “Tem alguém aqui para vê-lo. Disse que é urgente.”

“Ora, e quem é?” Nesse momento um sujeito grandalhão aparece na porta. Cecil não consegue reconhecê-lo, e não há nada em suas vestes que ajude a identificá-lo.

“Sir Thomas Grey”, anuncia o homem, removendo o elmo e fazendo uma mesura.

Cecil tenta lembrar se é alguém importante. “Creio que traga notícias.” Ele presume que Grey seja membro da guarda enviada ao sul para defender o país de um ataque da Espanha.

“É sobre Lord Essex”, diz Grey.

“O que tem ele?” A mente de Cecil se agita, imaginando por que alguém o procuraria para dar notícias de Essex. Talvez o conde tenha morrido. Esse pensamento o faz sentir uma espécie de arrebatamento.

“Ele está vindo para cá com um grupo de homens, entre eles Southampton. Podem até já ter chegado, pois estavam bem próximos de mim.”

“Que absurdo! O conde está na Irlanda!” A alegria dá lugar à impaciência.

“Cruzei com sua comitiva na estrada e vim às pressas avisá-lo antes que chegasse.”

“Só pode estar enganado. Nem mesmo o conde teria a audácia de deixar seu posto sem a permissão de Sua Majestade.” Cecil se questiona se é possível que tal coisa aconteça sem seu

conhecimento, pensando na quantidade de pessoas que paga para mesmo assim ser mantido na ignorância.

“Ouço a chegada deles agora mesmo”, diz Grey, aproximando-se da janela. “Já estão aqui no pátio.”

Cecil vai até lá e vê os cavaleiros correndo com selas e arreios nas mãos, além de alguns cavalos já bebendo água, molhados de suor; é evidente que uma comitiva acaba de chegar, mas não há sinal do conde. Quando o secretário está prestes a se virar e repreender Grey pela perda de tempo, vê os longos e inconfundíveis cabelos castanhos. Southampton desaparece dentro do estábulo.

“Tem certeza de que é Essex em pessoa, não seus emissários?”

“Absoluta, senhor, vi com meus próprios olhos.”

Seus pensamentos se aceleram e seus instintos vêm à tona. Caso tenha abandonado o posto, Essex cometeu um ato de traição. A imagem de seu pai aconselhando paciência lhe vem à mente; *o conde ainda pode ser o causador da própria ruína*, Burghley dissera mais de uma vez. Porém o medo surge quando Cecil se recorda de que Essex se safou até de uma ameaça à própria rainha, tendo estado prestes a sacar a espada para ela na sala do conselho.

Cecil afasta o pensamento de que foi *ele* quem levou o conde a tal ato, de que a culpa é *sua*, e fica parado junto à janela, com a mão no parapeito. O vasto exército enviado à Irlanda está sob controle total de Essex — ele se lembra de quando o conde partiu de Londres, como se fosse uma espécie de divindade. Cecil observa as colinas à distância, quase à espera de ver a poeira levantada por um exército em marcha, e a silhueta dos cavaleiros no horizonte. Não está pronto para isso.

Virando-se para o pajem, ele grita por seu traje, que abotoa por cima das roupas amarrotadas. A rainha deve estar em seus aposentos com as damas; ele precisa avisá-la. “Que horas são?”

“O sol acabou de nascer”, responde Grey.

“Dê o alerta aos guardas. Diga que o conde de Essex desobedeceu à ordem da rainha, desertou e *precisa* ser detido a

qualquer custo.”

Os pensamentos de Cecil estão a mil quando ele corre pelo palácio rumo aos aposentos da rainha. Lembrando que está com a cabeça descoberta, ajeita os cabelos com as mãos. Quase tropeça na escada quando seu pé se enrosca na bainha, mas se recupera e dispara pelo corredor segurando o traje formal com as mãos enquanto especula se Essex enlouqueceu de vez e está mesmo tentando impor um cerco a Nonsuch com seu exército.

Ele chega ofegante à porta, sem fôlego nem ao menos para dizer aos guardas que o deixem entrar.

“A rainha está acompanhada”, diz um deles.

Claro que está, ela sempre está, Cecil pensa. Mas o que diz é: “Deixe-me entrar!”.

“Temos ordens para não permitir a entrada de ninguém, senhor.”

Ele escuta uma leve comoção do outro lado da porta. “Quem está aí?”

“O conde de Essex, senhor.”

“Diga a ela que sou eu quem quer entrar.”

“Nossas ordens foram bem claras. Ninguém entra, sem exceções. Desculpe-me, senhor.”

Cecil se encosta na parede, derrotado.

“Essex está armado?”, pergunta.

“Ele entregou a arma antes de entrar.” O guarda aponta para um banco perto da janela, onde a espada do conde foi deixada. Um alívio toma conta de Cecil, mas então ele começa a pensar em outras maneiras pelas quais seu rival pode fazer mal à rainha. Com uma pequena adaga escondida na camisa ou um frasco de veneno. Ele olha para fora outra vez à procura de evidências de que um exército possa estar se aproximando, mas não encontra nada.

Cecil volta seu olhar para os guardas, pensando em insistir até conseguir entrar, mas eles se recusam a encará-lo, mantendo-se imóveis, com os dentes cerrados. Ele pensa melhor e conclui que a rainha deve estar cercada de damas.

Por fim, Essex aparece na porta. Está com as roupas imundas da viagem, coberto por uma camada de poeira e com manchas escuras em torno dos olhos — deve ter corrido para falar com a rainha antes mesmo de jogar água no rosto. Com um sorriso no rosto, ele diz “Bom dia, Cecil”, como se fosse um encontro qualquer. “Não estou acostumado a vê-lo desalinhado assim.”

“Hã... hã...” O secretário fica sem palavras, olhando para o conde como se fosse uma aparição de outro mundo enquanto tenta ajustar as roupas. O fato de se sentir insignificante perto de Essex, apesar de ser o político mais importante da Inglaterra, o irrita.

“Está surpreso em me ver? Certamente seus espiões o informaram de meu paradeiro. Não? Está perdendo o controle das coisas.” Ele dá risada, apanha a espada, joga o cinturão sobre o ombro e se afasta, assobiando. Quando chega ao fim do corredor, vira e diz com um sorriso: “Você não vai poder entrar. Ela ainda não está vestida”, como se fosse o dono do corpo da rainha.

Cecil sente o poço de ódio borbulhar dentro de si outra vez quando volta a seu aposento para se vestir propriamente e dar ordens para que batedores sejam enviados para averiguar se o conde posicionou apoiadores nas redondezas.

Feito isso, ele se senta para que seu pajem lustre seus sapatos, à espera do chamado da rainha. Quando sua presença é solicitada, ele está com um traje alinhado de veludo preto. Pede para o garoto escovar seus ombros mais uma vez antes de se dirigir aos aposentos dela, satisfeito em constatar que os guardas foram trocados. A dupla que presenciou seu estado de agitação e seu diálogo vergonhoso com Essex não está por perto.

A rainha está acompanhada de três damas, que dão os toques finais no traje dela: uma fixa uma joia graúda no vestido, outra ajuda com a capa e uma terceira pendura em seu pescoço um colar de pérolas que chega até a barriga.

“Estou contente em vê-lo”, ela diz com um sorriso tenso, dispensando as damas com um aceno de mão. “Venha cá.” Cecil

se aproxima e se acomoda em um banquinho ao lado dela. “Creio que já sabe que Essex...” — ela faz uma pausa para limpar a garganta — “... está de volta.”

Cecil assente. “Fui avisado da situação, Vossa Majestade, e tomei a liberdade de mandar verificar de que ele veio...”

“Sem um exército”, ela interrompe. “Sim. O conde me garantiu de que veio acompanhado apenas de uma comitiva de confiança. ‘O suficiente para garantir uma proteção’, acho que foi o que disse. Mas fico contente que você tenha tomado a iniciativa de confirmar que não está armando um cerco. Não duraríamos muito neste lugar, não é mesmo?” Ela solta uma risadinha. De fato, Nonsuch foi construído para ser um local de lazer, não para resistir a um ataque militar.” Ela parece incrivelmente tranquila, e Cecil sente sua antiga admiração crescer ainda mais.

“O que ele queria?”

A rainha apoia o cotovelo no braço da cadeira e o queixo na mão. “Ele estabeleceu uma trégua com Tyrone.” Ela fecha a cara, revelando sua fúria. “Meu *inimigo* Tyrone.”

“Exatamente o que Vossa Majestade mandou que não fizesse.”

Ela assente com um gesto lento. “Fui traída, Pigmeu. Vai ficar parecendo uma rendição.” Cecil fica estranhamente satisfeito ao ouvir seu apelido. “Todos vão pensar que a Inglaterra capitulou.” Cecil entende que “todos” são os demais países da Europa. “Convoquei o conselho.” Ela aponta com o queixo para a porta interior dos aposentos. “Mas queria avisá-lo antes de entrarmos.”

“Se me permite, sugiro que o conde seja preso. Vossa Majestade não pode ser vista como...”

“Sim, minha permissividade chegou ao limite. Vamos elaborar uma lista de acusações.” Ela solta um suspiro e fecha os olhos, desolada. “Vou assiná-la pessoalmente.”

“Lamento muito por isso, Vossa Majestade”, diz Cecil. A dor em sua consciência azeda o sabor da vitória. “É duplamente entristecedor quando somos traídos por aqueles que amamos.”

“Eu o amava como se fosse um filho.” Cecil sente sua determinação se fortalecer quando ela acrescenta: “Mas ele não é meu filho. É filho de minha inimiga”.

Setembro de 1599
Barn Elms/Nonsuch

O quarto está fechado e silencioso, a não ser pelo leve farfalhar produzido pela parteira dobrando os lençóis em um canto e pelos sussurros trêmulos de Frances. Penelope tirou o relógio do local, pois o tique-taque deixava a cunhada nervosa. Ela está deitada na penumbra, encolhida de lado, agarrada a um travesseiro como se fosse um amante. “Deus me ajude”, murmura, estendendo a mão para Penelope. “Acho que esse bebê vai me matar.”

“Não pense assim. Esse bebê vai nascer, assim como os outros.” Penelope não suporta a visão daqueles olhos grandes e tristes. Ela se lembra do pavor que sentia antes de dar à luz, perguntando-se todas as vezes se Deus ia levá-la. “Vou cantar para acalmar você.” Penelope hesita por um momento, com os pensamentos de repente contaminados por uma balada sobre uma mulher de moral frouxa que ouviu no Curtain Theatre pouco tempo antes. Ela fica dedilhando o alaúde, sem cantar. A parteira começa a cantarolar. Faz um dia e meio que o trabalho de parto começou.

“Prometa que não vai me abandonar”, pede Frances, segurando o pulso de Penelope, com o rosto contorcido como se estivesse fazendo muita força para não chorar.

“Enquanto minha presença for necessária, vou continuar aqui.” Penelope não gosta de partos — o sangue, os gritos e as horas e horas de espera tensa, com a ameaça da morte no ar, sempre negada, mas à espreita. “Esse pequenino é meu sobrinho. Quero estar presente quando chegar ao mundo.” Elas haviam amarrado a aliança de Frances em uma mecha dos cabelos, balançando-a como um pêndulo sobre a barriga, como as mulheres costumam fazer para se distrair durante a longa espera do parto. A aliança fora para a frente e para trás, indicando que se tratava de um menino. Elas lhe deram os

parabéns, embora todas soubessem que a possibilidade de ser uma menina era a mesma.

Lizzie Vernon aparece na porta e chama Penelope, que sai para o corredor. Sua prima está com uma expressão alarmada, espremendo as mãos com tanta força que as juntas estão pálidas. “Que foi?” Penelope imagina inúmeras causas para aquela preocupação: um caso de peste negra na propriedade, alguém mandado para a Torre, uma morte na Irlanda. Ela engole em seco.

“Seu irmão foi preso.”

“Como assim? Ele caiu prisioneiro do inimigo?” Ela tenta não pensar nas histórias terríveis que ouviu sobre a maneira como os irlandeses tratam aqueles que capturam, consolando-se com o fato de que Essex é um refém valioso; não seria do interesse deles destruir tal ativo.

“Não, receio que seja pior.”

“O que poderia ser pior, se ele não está morto? O que quer dizer, Lizzie?”

“Ele está em Nonsuch.”

“Não entendo. De onde tirou essa ideia?”

“Recebi uma mensagem de Southampton. Eles estão juntos. Essex estabeleceu uma trégua com Tyrone, e eles voltaram da Irlanda” — Lizzie fala depressa, quase sem parar para respirar — “para que ele se explicasse para a rainha antes que seus inimigos na corte ficassem sabendo e a envenenassem contra ele.”

A informação se instala em sua mente como um objeto pesado caindo na água. “E a rainha...”

“Ela deixou que Essex se explicasse, então ele pensou que estava tudo entendido. Mas em seguida a rainha convocou o conselho e mandou prendê-lo.” Lizzie saca uma carta da manga e começa a ler. “Decidiram que ele se rendeu aos irlandeses contrariando suas ordens. Está detido em Nonsuch.” Sua prima faz uma pausa, então volta a ler o papel. “A acusação é de traição.”

Penelope desaba sobre o banco ao lado da porta, sentindo os

dedos frios do pânico a agarrando.

“Ele diz que você precisa ir ajudá-lo. Southampton vai estar à sua espera em Ewell, para que chegue até seu irmão sem ser vista.”

Penelope remexe na gaveta de uma escrivaninha próxima, pegando papel, pena e tinta para escrever um bilhete apressado para Alfred, o cavaleiro da Essex House, pedindo com urgência que traga montarias. Ela sela o papel e pede para um dos pajens entregá-lo.

“Tenho certeza de que vou dar um jeito de resolver isso.” Sua voz sai seca, sem revelar seu pressentimento ruim. Penelope teme que seu irmão tenha ido longe demais, esgotando o restante da boa vontade da rainha, e que todos os planos que os Devereux fizeram a duras penas sejam lançados por terra. O que ela disse sobre sua leniência? Que tem limites. É um pensamento perturbador. “Você pode avisar Dorothy? Peça para ela contar para minha mãe. E pode ficar com Frances? Ela está mal e eu prometi que não ia embora, mas...”

“Claro, o que você quiser.”

“Não fale nada sobre o verdadeiro motivo de minha ausência. Não queremos dar ainda mais motivos para ela se preocupar. Pense nisso como uma mentira inofensiva.”

Alfred chega acompanhado de guardas da Essex House carregando tochas. Ele não questiona o motivo da viagem noturna às pressas para Nonsuch, mesmo que Penelope não esteja apropriadamente trajada para isso, usando apenas uma capa pesada sobre uma roupa de ficar em casa. Quando partem noite adentro, ela tenta não pensar nos gatunos e assaltantes que podem encontrar viajando no escuro. Toma coragem bebendo um gole da garrafa que ele lhe oferece e se tranquiliza com o fato de que tem três homens armados a escoltando, embora seja possível notar que aqueles guardas mal saíram da puberdade.

“Quanto tempo vai demorar?”, ela pergunta.

“São mais ou menos trinta quilômetros. Se acelerarmos o passo quando estivermos em campo aberto, chegamos antes de

amanhecer.”

Eles cavalgam em silêncio, ajudados pelo céu claro e pela lua, que está quase cheia. Penelope se deixa embalar pelo ritmo constante dos cascos, permeado por sua respiração e pelo murmúrio do vento, que dá um toque agudo à melodia. Ela segue no rastro de Alfred, satisfeita por estar em sua companhia segura; ele conhece bem o caminho, pois já conduziu a família a Nonsuch diversas vezes. Serve os Devereux há mais tempo que qualquer um, e é de uma lealdade a toda prova. Houve entre os criados da Essex House quem vendesse segredos, e Penelope descobriu tempos atrás que um dos rapazes da cozinha era pago por Cecil. Ela o convencera a mudar de lado, mas o jovem morreu de peste negra antes que pudesse lhe ser útil.

Ela vê a silhueta escura de uma construção mais adiante. “É Ewell?”

“Sim, milady.”

Eles seguem pela faixa de grama no meio da estrada para fazer o mínimo ruído possível — quanto menos gente souber da chegada de um grupo a cavalo na calada da noite, tanto melhor. Penelope procura pelos portões, com sua estrutura de metal reluzindo sob o luar, sob a qual estão duas figuras. Aliviada, reconhece a silhueta inconfundível de Southampton, com os longos cabelos e o gibão justo, e só então se dá conta de que o homem ao lado dele é Blount. Seu coração dispara. Precisa se segurar para não pular da montaria e correr para os braços dele. Quando os dois descem da sela, Penelope sente a mão dele segurando a sua e fica mais confiante, sabendo que o apoio de Blount vai ser fundamental para o que vem pela frente. “Minha querida”, ele murmura em seu ouvido.

Eles deixam os cavalos com Alfred e seguem a pé. É possível distinguir o palácio à distância, envolto pelas sombras acima do vilarejo, com suas torres escuras contra o céu, no qual já se insinua a primeira claridade da manhã. Southampton explica a situação enquanto caminham, mantendo-se entre os arbustos para não serem vistos. Os pássaros começaram a cantar,

entoando seus belos e incongruentes trinados matinais. “Como ele está?”, Penelope pergunta.

“É difícil saber”, responde Southampton.

“Como vocês vão me pôr para dentro sem ser vista?”

“Os guardas da noite já serviram sob meu comando”, explica Blount. “Uma bolsa cheia de dinheiro faz maravilhas.”

“Ele vai ficar mais animado quando falar com você”, afirma Southampton.

“A mulher dele está em trabalho de parto agora mesmo. Acho melhor que não saiba, seria só mais uma preocupação.”

“Como ela está?”, pergunta Blount.

“Apavorada. Você sabe como ela é.”

Eles entram no pátio dos fundos em silêncio, colados à parede. Passam por uma porta entreaberta para subir pelas escadas da criadagem. Ouvem passos e enxergam o brilho de uma vela no fim de um corredor. Blount a empurra para a sombra, ficando diante dela para que não seja vista. Penelope põe o capuz e aperta o tecido pesado da capa em torno do corpo.

“Acordaram cedo, milordes.” É um dos criados, esfregando os olhos de sono.

Seu coração bate tão alto que ela teme que alguém ouça.

“Na verdade”, diz Southampton, cutucando o homem com o cotovelo em um gesto conspiratório, “ainda nem fomos para a cama.”

“Não tem muita coisa para fazer por aqui, é um lugar morto”, responde o criado.

“Você ficaria surpreso com o que pode ser encontrado em um vilarejo rural.” Southampton dá uma piscadinha. Os olhos do criado se arregalam. Sua curiosidade certamente está atizada.

“Melhor ir para a cama”, diz Blount, fingindo um bocejo e se espreguiçando. O criado deseja um bom dia e desce as escadas.

“Aquele ali está no bolso de Cecil”, ele murmura. “Mas parece ter se convencido de que saímos em uma noitada.”

“Tão convencido que pelo jeito vocês devem fazer isso o tempo todo”, ela provoca. Suas preocupações se aliviaram um

pouco na presença de Blount, mas, quando chegam e veem dois homens à porta com as alabardas prontas para o uso, apoiadas no revestimento de madeira das paredes, Penelope sente um nó na garganta. Blount tira uma bolsa do gibão e entrega a um deles. O guarda pesa o conteúdo com a palma da mão, desamarra o cordão e aproxima a chama de uma vela para se certificar de que não está sendo enganado, como se os homens diante dele não fossem duas das figuras mais ilustres do reino, e sim uma dupla de vendedores de rua. O guarda por fim balança e levanta a trava da porta, permitindo a passagem de Penelope. Ela se pergunta se pode ser reconhecida, enrolada na capa e com o rosto escondido pelo capuz, sem seus trajes de gala habitual, ou se pensam que é apenas mais uma das amantes plebeias de Essex que está indo consolá-lo em seu infortúnio.

Seu irmão está sentado a um canto no chão, encolhido na penumbra, e não se levanta quando ela entra. A luz fraca da alvorada mal consegue atravessar a janela, e o fogo morreu em uma pilha de brasas. Penelope pega o atizador e remove as cinzas até ver um brilho forte aparecer, então joga na lareira pedaços de papel e de carvão, que retira de um balde ali perto. O fogo pega depressa, as chamas começam a dançar em tons de azul e laranja, e sua luz ilumina o recinto. Ela limpa as palmas das mãos na capa, pega uma vela no aparador, aproxima da chama na lareira e a usa para acender as demais espalhadas pelo local. As velas começam a sibilar depois de acesas. “As coisas não estão tão ruins se você ainda pode ter carvão e velas, Robin.” Penelope tenta parecer animada, para tirá-lo daquele torpor.

Essex responde com uma risada amarga. Ela vai se sentar ao seu lado. A friagem do chão de pedra atravessa suas roupas, e a mão dele sob a sua parece gelada e insensível ao toque. Depois de um instante em silêncio, Penelope o faz se aproximar relutante da lareira, agora bem acesa, espalhando luz e calor pelo aposento. O rosto dele está pálido e abatido, como se não se alimentasse há dias, e é doloroso demais encarar sua expressão perturbada.

“Seria melhor ter uma morte de herói na Irlanda”, ele murmura, enfim virando para a irmã aqueles olhos vazios.

“Não, não!”, ela retruca, puxando-o para si. Essex se entrega ao abraço. “Onde está seu espírito de luta, Robin?”

“Ela disse que fiz uma aliança com os inimigos da Inglaterra. Não é verdade.” Seu tom é de lamento. “Foi só uma trégua temporária. Aqueles cavaleiros decorativos do conselho emitem ordens de fazer isso e aquilo, mas não têm ideia de como está a coisa por lá. É brutal, irmã, e eu me arrisquei demais. Meus homens teriam sido massacrados. Acredito de verdade que fiz o que era melhor para a Inglaterra, e agora isso está sendo chamado de traição.” Ele a encara diretamente, e Penelope fica contente de ver aquele olhar carregado de raiva. Raiva é melhor que torpor. “Eu gostaria de ver como Cecil se comportaria sob fogo irlandês, sofrendo emboscadas, sem saber quando nem por onde vai ser atacado, no meio da lama, da chuva, do medo, da doença, da fome, da miséria. Nossos suprimentos nunca chegaram. Sou capaz de apostar que aquele rato corcunda está por trás disso.”

“Meu pobre menino”, ela diz, passando a mão nos cabelos dele.

Essex se desvencilha do abraço e se senta direito. “Descobri coisas por lá, que preferia nem saber, sobre nosso pai. Ele cometeu atrocidades terríveis, inumanas, muito distantes de qualquer código de cavalheirismo...” Essex se interrompe, apoiando o rosto nas mãos. “Aquele lugar leva a pessoa a cometer brutalidades. Mas eu não podia me sujeitar...” Ele parece incapaz de articular o que quer expressar. “Eu não podia me sujeitar...”

“Eu sei.”

“Não sabe, não. Eu não podia me sujeitar a tamanha selvageria. Foi por isso que pedi uma trégua. Não herdei a espada de Sidney para me rebaixar à barbárie.”

“A razão está ao seu lado, Robin. Deus há de reconhecer isso.”

“Prefiro não ter que discutir meu caso com Ele ainda.”

“Vamos tirá-lo dessa situação. Você não está sozinho.” Ela sente que o ânimo do irmão melhora um pouco. “Estou aqui, e existem muitos dispostos a ficar do seu lado — o exército inteiro, tenho certeza. E lembre-se de que temos o rei da Escócia conosco.” Penelope sente um calafrio ao dizer essas palavras, pois o envolvimento do exército e do rei da Escócia significaria... significaria o quê? Ela não consegue nem especular a respeito. Deve haver outra maneira de conquistar a liberdade de seu irmão.

“Você precisa ficar com isto.” Ele enfia a mão na camisa, pega a bolsa de couro preta contendo as cartas de Jaime e lhe entrega. “Vou ficar sob a guarda do lorde carcereiro em York House, e não posso me arriscar a perder isso.”

“Ele escreveu ultimamente?”

Essex assente com a cabeça. “Estamos acertados.”

“Então na pior das hipóteses podemos garantir a nomeação *dele* ao trono da Inglaterra um pouco antes do que esperávamos.” Ela dá um tapa na própria boca, sem conseguir acreditar no que disse, mas todos já pensaram nisso: Penelope, Essex, Lettice, Blount, Southampton... a lista não é pequena. É uma questão de sobrevivência. “Mas *não* estamos nesse estágio. Se ela nomeasse o rei Jaime, o país inteiro respiraria aliviado. É a incerteza que incomoda tanto.”

“*Ainda*”, ele retruca.

“Você precisa usar todo o seu charme com ela, e eu vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para conseguir sua soltura.” Ela o encara e tenta abrir um sorriso. “Quando você for libertado, podemos pensar nas alternativas. Eu não descartaria um perdão — coisas mais estranhas já aconteceram —, mas tudo depende de quem está cochichando no ouvido dela.” Penelope não precisa nem mencionar o nome de Cecil. “Escute, tenho que ir antes que as pessoas comecem a se levantar. Mas confie em mim, Robin.” Ela fica de pé e o ajuda a se levantar também.

“Estou com medo”, ele diz com a voz fraca. Penelope já ouviu

isso antes, e acredita ser a única pessoa a quem Essex ousa confessar suas fraquezas. Ela se lembra de Frances dando à luz em Barn Elms, dominada pelo medo, e se pergunta como foi que se tornou a pessoa sobre quem são despejados todos os receios da família — aquela que nada pode temer.

Ela o beija nas duas bochechas. “Estou do seu lado.” Quando sai, encontra Blount à sua espera para levá-la de volta a Ewell.

Ao atravessar os portões do palácio, ela o puxa para junto de uma árvore e o beija desesperadamente, como se de alguma forma isso lhe proporcionasse mais forças. Penelope fecha os olhos, entregando-se por um momento à firmeza do abraço, sentindo a pulsação do coração dele em seu peito, envolvida pelo murmúrio suave que ele emite. As lágrimas descem, acompanhadas de grandes soluços. Blount não diz nada, apenas a abraça com força até o choro parar. Em seguida sussurra: “O que quer que aconteça, estou com você”.

Dezembro de 1599

Whitehall

Lady Rich e a irmã se aproximam de Cecil com passos comedidos. Ele está sentado à espera de ser requisitado pela rainha. Agora que Essex está em decadência — três meses de encarceramento e nem sinal de perdão —, o ministro-chefe da Inglaterra precisa fazer jus ao cargo e deixar sua marca.

As mulheres acenam com a cabeça e dizem “Bom dia, ministro” em uníssono, sem esconder a falsidade. Estão ambas vestidas de preto, embora ninguém da família tenha morrido. É um gesto de apoio ao irmão, que está bastante doente na York House, segundo dizem. Isso causou uma grande comoção, e diversas outras damas passaram a usar plumas pretas para apoiar a causa. A rainha ignorou solenemente o falso luto, mas quando o sino da igreja de St. Clement Danes foi tocado de forma equivocada para marcar o falecimento do conde, provocando uma onda de tristeza, e ela perguntou a uma das damas quem morrera, Cecil viu como empalideceu ao ouvir a resposta. Nem mesmo a maquiagem branca e grossa conseguiu esconder seus sentimentos. Ela precisou se apoiar no espaldar de uma cadeira e fingir que estava fraca por não ter se alimentado.

Embora o preto torne pálida a maioria das mulheres da corte, as duas irmãs, que são muito parecidas, ficam muito bem com ele — em especial Lady Rich. Lady Northumberland, embora seja inquestionavelmente bela, não tem a perfeição e a profundidade da mais velha. Lady Rich não parece preocupada com a aparência: olhando mais de perto, dá para notar que suas roupas estão mal-ajambradas, com bainhas sujas e fios soltos; ela não usa maquiagem e está com o colarinho torto e as unhas roídas. Nada parece estar em ordem, o que para um homem como Cecil é um tremendo incômodo.

Inexplicavelmente, ela lhe provoca o mesmo fascínio de quando se viram pela primeira vez. O ministro lembra a si

mesmo que ambos têm a mesma idade, mas ela aparenta ter no mínimo uma década a menos que seus trinta e seis anos, enquanto o reflexo exausto que ele viu no espelho esta manhã é um testemunho de cada ano que carrega nas costas. O poder de atração de Lady Rich é um mistério. A beleza em si não significa nada em um lugar onde aparência é a moeda corrente, e na idade dela é impossível competir com a juventude das damas dos aposentos privativos; a inteligência implacável tampouco joga a favor do charme de uma cortesã, mas de alguma forma essas coisas conspiram para contrariar as convenções. Mesmo assim, Cecil ficou impressionado ao descobrir o quanto Blount está enfeitiçado por ela. O homem poderia ter conseguido um ótimo casamento com uma grande herdeira, de sangue nobre, mas permanece fiel a uma mulher com quem não pode se casar, aceitando bastardos como filhos. Cecil jamais se rebaixaria a isso.

Ele sorri para as duas, inclinando a cabeça de forma educada. “Para as senhoras também, Lady Rich, Lady Northumberland.” Para sua surpresa, elas param e o encaram, e por gentileza ele faz menção de ficar de pé.

“Não precisa se levantar, *milorde*”, diz Lady Rich com um sorriso suspeitamente caloroso. A ênfase na palavra “milorde” faz parecer que está zombando dele por ter um título vinculado ao cargo, e não por hereditariedade. Isso faz com que seu recém-adquirido papel de lorde do selo privado pareça mero arrivismo.

Ele limpa a poeira da manga da roupa, sentindo-se em desvantagem sentado, com elas de pé à sua frente. “Acredito que esteja muito contente com a indicação de Lord Mountjoy para o posto na Irlanda, Lady Rich.” É impossível não comentar. Blount vem fazendo de tudo para convencer a rainha de que não é talhado para a função, e um passarinho da Essex House contou a Cecil da tristeza de Lady Rich ao ficar sabendo da indicação de seu amante.

“Contentíssima”, ela diz sem piscar. “É uma grande oportunidade para ele. Sempre fico feliz com o sucesso de um amigo querido. Estamos todos muito satisfeitos, não é mesmo,

Dorothy?” A irmã faz que sim com a cabeça. O sorriso continua estampado no rosto de Lady Rich. “Você parece cansado, Cecil”, ela acrescenta, agachando-se para pegar o cachorrinho que está a seus pés. “Tem uma belíssima propriedade em Theobalds. Deveria descansar um pouco por lá.”

Ela estaria zombando dele com um insulto disfarçado de elogio? Sua vontade é estender a mão e acariciar seu rosto para ver se a pele é tão macia quanto parece.

“As obrigações do Estado não esperam pelo descanso de ninguém.”

“Talvez você deva adotar um animal de estimação”, ela responde, acariciando a cabeça do cachorro. “Faz muito bem para uma alma perturbada.”

Ele se pergunta se as perturbações de sua alma estão assim tão aparentes e abre um sorriso fingido na esperança de disfarçar isso. Lady Rich põe o cão spaniel em seu colo. Horrorizado, ele empurra o animal imundo. A irmã leva a mão à boca, fingindo tossir, mas na verdade rindo.

“Coitadinho do Fides”, murmura Lady Rich, abraçando o animal e permitindo que lamba seu rosto. Cecil sente seu estômago se revirar e espana os pelos brancos que ficaram em sua meia preta. “Ele não está acostumado com a rejeição.”

“Nem seu irmão, ao que parece. Está melancólico há meses.” Cecil se arrepende imediatamente da provocação, porém não tem como voltar atrás.

Lady Rich o surpreende com outro sorriso, incongruente com as palavras que vêm a seguir. “Meu irmão está muito doente, trancafiado em uma cela, com a morte em seu encalço, sem poder nem ao menos receber uma visita de sua amada irmã ou de sua esposa, que acaba de lhe dar uma filha. Tenho certeza de que com o senhor” — ela toca em seu ombro, deixando a mão lá por um instante — “conseguiria convencer Sua Majestade a pelo menos me deixar vê-lo.” Só então o sorriso desaparece do rosto dela. “Temo pela vida dele.”

“Minha influência não é tão grande quanto pode parecer.

Como a senhora, eu gostaria de ver o conde em instalações mais confortáveis, onde pudesse recobrar sua saúde, mas a rainha está inflexível.” Isso é verdade, mas apenas em parte. Sua consciência vem lhe causando tormento, mas ele enfim está em vantagem. Só pode haver um ganhador naquela queda de braço com o conde, e Cecil descobriu que sua integridade não é páreo para seu desejo de vencer.

Ela se inclina para sussurrar em seu ouvido. “Conheço esse seu jogo, Cecil.”

Ele sente o início de uma ereção, e uma onda de calor lhe sobe da virilha para o rosto. Por mais que tente, não consegue mover o olhar das elevações brancas no decote de Lady Rich. Forçando os olhos para o piso, concentrando-se em seu padrão xadrez e contando as fileiras, ele respira fundo para se controlar.

“Se eu fosse você”, ele diz, já recomposto e com um sorriso falso no rosto, “tomaria muito cuidado.”

“Com o que, exatamente?” Quem pergunta é Lady Northumberland, com as mãos na cintura.

“A presença de sua irmã na Essex House parece estar servindo como um ímã para atrair os apoiadores insatisfeitos da causa do conde.” Lady Rich ao que parece não está ouvindo. Ela cochicha com o cão em seu colo como se fosse um bebê. “Ao que parece eles acham que ela vai assumir o papel do irmão na ausência dele. A rainha sente cheiro de rebelião no ar. E não está gostando nada disso.”

“Temos só meia dúzia de pessoas reunidas lá”, diz Lady Rich, desviando os olhos do cão, sem demonstrar nenhum abalo. “Se são apoiadores de meu irmão isso não faz diferença, e estão muito enganados se pensam que vou liderar qualquer tipo de causa. Mas são bem-vindos de qualquer forma na Essex House. Não foi São Pedro quem disse que precisamos ser hospitaleiros?”

Ele coça o nariz, removendo um pelo de cachorro enquanto tenta encontrar uma resposta apropriada. “Como pode ter certeza de que não há um Judas entre eles?” Cecil pensa em Francis Bacon, que, a seu serviço, está analisando um tratado

escrito menos de um ano antes comparando o conde a Henrique IV, escrutinando o texto em busca de qualquer sinal de traição que possa mandá-lo ao cadafalso. Bacon, aquela raposa traiçoeira, o procurou com o tratado em mãos quando Essex estava prestes a partir para a Irlanda, e desde então Cecil vem fazendo tudo o que está ao seu alcance para evitar a publicação do texto; a última coisa de que precisa é que o povo passe a vê-lo como uma figura heroica ao estilo Henrique IV. Coisas mais estranhas já aconteceram, e Essex tem sangue real. Felizmente, Cecil conseguiu manter o tratado longe dos olhos do grande público. Mas agora o texto pode ser útil, caso consiga lançar sobre o conde a mácula da traição.

Quando Bacon lhe entregou o tratado, pareceu um gesto inesperado, mas Cecil logo sentiu que seu primo estava disposto a mudar de lado. Deve estar satisfeitíssimo agora, por ter apostado no competidor certo. Cecil se pergunta se Anthony está ciente da decisão do irmão. Francis diz que não, mas pode estar fazendo jogo duplo — esperteza não lhe falta...

Lady Rich interrompe seus pensamentos. “Um Judas! Isso nunca se sabe. Além disso, em breve viajo a Richmond para o Natal, e os admiradores de meu irmão vão ter que se reunir em outro lugar.” A palavra que ela usa, “admiradores”, faz parecer que está falando de um círculo de poetas beletistas. Puxando a irmã pelo ombro, ela se vira e toma o caminho dos aposentos da rainha, deixando Cecil parado na galeria. Ele ajusta o colarinho e o laço do gibão com a nítida sensação de que está sendo subestimado.

Dezembro de 1599
Palácio de Richmond

As festividades natalinas às vésperas da virada do século trazem uma atmosfera de empolgação maior que a habitual. É como se a rainha estivesse em um estado de euforia. Há banquetes de proporções lendárias, com pratos sobre pratos de diferentes carnes. Todas as aves que Penelope conhece e mais um pouco: grelhadas, cozidas, assadas, recheadas com outras aves e preparadas em fôrmas fechadas. Então vêm lombos inteiros de veados, pernis de carneiro, presuntos do tamanho da coxa de soldados, leitões, grossas fatias acompanhadas de verduras indigestas no Novo Mundo, saladas, tortas salgadas e doces, sobremesas e queijos, o que faz parecer que não sobrou um animal ou planta intocado no reino.

O salão comum dos aposentos privativos está todo decorado; a rainha comparece todas as noites e só se recolhe depois da última dança, da última música e da última taça de vinho. As damas mais velhas se acomodam em grupos sobre as almofadas, bocejando e mal conseguindo manter os olhos abertos, enquanto as jovens circulam pelo salão até quase buracos se abrirem na sola do sapato, mas mesmo assim a rainha quer mais.

Penelope está na galeria com Dorothy, observando as festividades e enojada com elas enquanto pensa em seu irmão, trancafiado na York House. Ele está doente e não consegue dormir nem se alimentar. Penelope teme que não sobreviva àquela semana. Ainda não pôde vê-lo, apesar de muito insistir. Chegou inclusive a oferecer a um dos guardas um colar de pérolas com pingente de esmeralda que ganhou de Blount. A joia quase o convenceu — ele a segurou na mão com os olhos arregalados —, mas quando o trato estava prestes a ser fechado mudou de ideia; provavelmente fora ameaçado de graves consequências. Ela rezou a Deus até seus joelhos ficarem esfolados, mas no fundo sabe que vai precisar de mais do que

isso para salvar o irmão.

A preocupação a consome por dentro. A responsabilidade é toda sua, mas ela teme não ter força suficiente para carregar os Devereux nas costas sozinha. Dorothy tenta oferecer apoio moral, mas, desde crianças, sempre se esperou de Penelope alguma solução milagrosa. Lettice estava em uma casa perto do palácio de Richmond e a pressionava a fazer mais pelo irmão. “Você sabe como lidar com Elizabeth, contou com o favorecimento dela durante *anos*”, dissera. “Arrume um jeito.”

Penelope notou a amargura por trás daquelas palavras, como se sua mãe estivesse à procura de alguém em quem pôr a culpa. “Estou fazendo tudo o que posso”, foi sua resposta.

“As pessoas vão pensar que você não se preocupa com seu irmão.”

Ofendida, Penelope rebateu: “Não vamos brigar por isso. Amo meu irmão tanto quanto você”.

“Tem razão.” Lettice desabou, desesperada. “Aquela mulher quer tirar de mim todas as pessoas que já amei.”

Ela vê Moll Hastings na festa, sentada em um canto, e é invadida pelas lembranças dos aposentos das damas, com suas fofocas e intrigas românticas. Como era simples a vida naquela época, por mais que àquela altura achasse que não. A ousada Moll liderava as demais. A mesquinha prima Peg tinha morrido no parto. E o que teria acontecido com Martha? Moll nunca se casou, foi obrigada a passar a vida toda na corte. Penelope se lembra de como as cabeças de todas se viravam como girassóis quando Sidney passava, então versos de poesia vieram à sua mente: *Que minha voz sussurrante obtenha/ Uma doce recompensa pela dor ferrenha*. Refletindo com mais distanciamento, compreende que Sidney a recriou em seus poemas, formando com algumas partes suas uma mulher que não existe, embora sobreviva em palavras — e vai continuar sobrevivendo depois que ela mesma se for. Penelope muitas vezes é confundida com essa mulher fictícia, mas não por Blount. Para ele, ela é de carne e osso. Mesmo assim, a perda de Sidney ainda lhe dói, apesar de tudo

por que passou depois. Não pode perder seu irmão também.

Penelope abordara a rainha inúmeras vezes para pedir uma única visita, sem sucesso. Agora é Natal e Elizabeth está em um frenesi de euforia, recusando todo tipo de audiência. Ela pensa nos excessos do período de festas, imaginando como Deus, que pede moderação em todas as coisas, encararia toda a abundância. Olhando ao redor do salão, procura por Blount, e o encontra ao lado da rainha. Elizabeth está aos risos, com a cabeça jogada para trás. Penelope observa enquanto seu amante recita uma balada, que agrada tanto à rainha que ele é obrigado a repeti-la várias vezes. Penelope se mantém à distância. Seu último encontro com Elizabeth foi gelado, e ela teme que em pouco tempo também seja excluída da corte — ou coisa pior.

Uma canção natalina mais acelerada começa, e as pessoas se dirigem ao centro do salão para dançar. A rainha bate palmas. Apesar da aparência alegre — o vestido luxuoso com um decote obscenamente baixo, o rosto pintado, os colares de pérolas —, ela parece velha. A visão cada vez pior faz com que confunda as pessoas, e a intransigência no trato aumentou, como acontece com todos nessa idade. Não é à toa que os súditos — os homens e as mulheres comuns que vivem fora da bolha da corte — estão apreensivos. Foram dominados pelo medo, embora ninguém ouse dizer isso, de que ela morra antes de nomear o sucessor e o país mergulhe no caos. Esse temor sempre existiu, mas agora que ela passou dos sessenta cresceu. A rainha ainda vive seus dias de glória, mas a Inglaterra está exaurida, o povo passa fome e a ameaça de um ataque da Espanha continua à espreita. A incerteza é como um veneno que se infiltra por todas as frestas do reino. Não é à toa que o povo se voltou para seu irmão. Essex se tornou um símbolo de esperança, mas agora... é devastador pensar nele sozinho em uma prisão.

“Veja”, diz Dorothy, apontando o queixo para a rainha, que pegou a mão de Blount para ser levada à pista de dança quando os músicos começam outra canção. Penelope só consegue pensar em seu irmão no Natal anterior, dançando de mãos dadas com a

rainha, como Blount está agora. Estavam todos transbordando de otimismo na ocasião, com a volta do favorito. Blount dança com ela agora, mas em breve pode estar atolado na lama da Irlanda.

“A história se repete”, ela murmura. Uma inquietação surge dentro de si.

Penelope vê seu marido no salão, circulando entre os convidados, tentando se entrosar com um grupo de membros do conselho privado — sua atuação é absolutamente inútil no caso de Essex, mas não por falta de esforço. Pelo menos os cofres de Rich continuam cheios e ele não perdeu a disputa de terras, graças à intervenção de Penelope. Cecil espreita pelos cantos com seus cúmplices; ele olha para a galeria e a encara — nenhum dos dois sorri —, então vira a cabeça de forma abrupta. Estremecendo de desgosto, ela se lembra de seu encontro outro dia em Whitehall; a maneira como Cecil a olhou, como se ela fosse um daqueles frangos expostos na mesa de Natal, lhe provoca arrepios. Enquanto o ministro prospera na roda da fortuna, os Devereux afundam. Sua influência se tornou inquestionável. Ela pensa exaustivamente em uma forma de equilibrar a balança a seu favor.

Penelope tem certeza de que ele está por trás da indicação de Blount ao posto na Irlanda. Cecil falou a respeito com indiferença, como se todos não passassem de marionetes que só existiam para encenar o roteiro escrito por ele. Porém, ela se consola com o pensamento de que ele talvez se arrependa de colocar Blount no comando do maior exército já reunido no país. Distraidamente, ela leva os dedos à alça pendurada em seu pescoço, da bolsa de couro escondida entre suas roupas. Cecil pensa que sabe de tudo, mas existem coisas que só vai descobrir quando for tarde demais.

Ele cochicha algo com Francis Bacon, que fecha e abre sem parar as mãos delicadas. Penelope sabe que Bacon não é de confiança, que ele é esperto demais para ser bom. Sempre teve desconfianças, e agora há provas. Foi Anthony, o irmão dele, o primeiro a descobrir que passara para o lado de Cecil. “Não faça

nada, milady”, Anthony aconselhou. “Vamos continuar observando em silêncio. Podemos usar esse conhecimento a nosso favor.” Nesse momento, ela viu que a lealdade de Anthony aos Devereux era tamanha que ele punha sua causa acima do amor fraternal.

A música agitada continua, com agudos insistentes martelando seu crânio. Uma dor de cabeça começa a se instalar, um excesso de luz que vai significar horas de sofrimento posterior no quarto escuro.

“Penelope!”, exclama sua irmã, interrompendo seus pensamentos. “Acho que Blount está tentando chamar sua atenção.” Ela olha para o salão e vê que seu amante foi liberado das garras da rainha e a procura com os olhos.

“Suba”, ela fala sem produzir som, para que ele leia seus lábios. Blount toma a direção da galeria. “Acha que, se o pior acontecer, Northumberland vai apoiar nossa causa?”, ela pergunta a Dorothy.

“Se o pior acontecer?” A pobrezinha fica pálida. Sempre mantém a esperança de que as coisas vão terminar bem.

“É melhor se preparar, foi só isso que eu quis dizer”, Penelope explica com um tom leve, mas a melancolia de sua irmã persiste.

“Meu marido mal fala comigo ultimamente”, ela confessa. “Diz que não quer se envolver com meus ‘problemas de família’. Ou pelo menos é assim que ele encara a coisa.”

“Acha que ele vai ficar do lado de Cecil?”

“Para ser sincera, acho que ele não quer se envolver na história. Mas não vai chegar a tanto. A rainha vai perdoar nosso Robin, como sempre.”

Penelope quer dizer que desta vez é diferente, mas se pergunta por que Dorothy está perdendo tempo pensando assim quando Essex está à beira da morte. Talvez seja porque não consegue imaginar um mundo sem ele. Sua vida foi definida pela família, com o irmão no comando. Se Penelope pudesse pelo menos se encarregar do tratamento dele, poderia colocá-lo

em boa saúde outra vez. Um sentimento indesejado lhe provoca um nó na garganta.

“Sim, claro que vai.” Ela se esforça para abrir um sorriso para Dorothy, perguntando-se o que realmente seria “o pior”. Existem diversos desdobramentos possíveis, e nenhum é positivo: Essex pode morrer sozinho e preso; pode ser mandado à Torre para apodrecer lá; pode ser julgado e executado por traição. Ela se lembra da pena que arrancou do ombro dele, uma pluma saída de um travesseiro que encontrou encravada em sua pele como uma farpa e que caiu lentamente até o chão depois de removida. Agora que a queda de Essex começou, ela se pergunta se aquilo não teria sido um sinal.

Uma pontada de dor atinge sua cabeça. Ela é capaz de sentir que Cecil está por trás de tudo; a rainha, apesar de não se dar conta, dança conforme a música *dele*. Enquanto continuar se recusando a nomear seu sucessor, Cecil pode manipular todos os potenciais herdeiros uns contra os outros e se posicionar da maneira que lhe for mais vantajosa. Caso não desprezasse tanto o sujeito, poderia admirá-lo pela capacidade de ser tão ardiloso. Ela se sente acuada — determinada a não desistir de seus esforços pela nomeação do rei da Escócia, para o bem da Inglaterra e de sua família, mas completamente desprovida de influência no momento. Acima de tudo, precisa garantir a libertação de seu irmão.

Alguém pega sua mão; ela se vira e vê que é Blount. Eles se escondem nas sombras, onde não podem ser vistos.

“Convenci a rainha a me deixar ficar por mais um mês, até fevereiro”, ele conta.

“Eu deveria me sentir grata pelas pequenas alegrias.” Penelope não consegue nem imaginar a partida de Blount para o lugar infernal descrito por seu irmão, ou vai acabar enlouquecendo.

“Quero você”, ele diz baixinho, com a voz áspera de desejo, como se nos braços dela pudesse esquecer a morte e a brutalidade que vai ser obrigado a encarar.

“Se pelo menos Rich não estivesse aqui.” Ambos sabem que

ela precisa pelo menos dar a impressão de ser uma esposa virtuosa. Seria demais passar a noite com o amante enquanto o marido está na corte. Eles se acostumaram com os momentos furtivos de prazer — afinal, faz nove anos que seu amor nasceu e começou a gerar novas vidas.

“Podemos fugir por alguns dias para Wanstead antes de eu partir.”

Penelope apoia a cabeça rapidamente no ombro dele. “Espero...”, ela começa, mas se interrompe. Ia dizer que espera que o caso de seu irmão não se agrave e não impeça que possam passar tempo juntos. Nem precisa dizer isso, pois estão todos rezando pela libertação e recuperação dele. “Não sei mais o que posso fazer para ajudá-lo.”

A música agitada dá lugar a uma melodia entoada apenas por flauta e rabeca, oferecendo um alívio à sua dor de cabeça. Ela escuta o tilintar das joias das damas, e o som de suas solas contra o piso enquanto dançam.

“Sem dúvida a rainha está agindo aconselhada pelos inimigos de seu irmão”, comenta Blount.

“Cecil”, ela diz.

“Principalmente.”

“E se eu escrevesse para a rainha explicando que existe gente próxima a ela agindo por vingança e ambição pessoal em vez de seus melhores interesses? Que existem homens mais interessados na derrocada de meu irmão do que no bem da Inglaterra? Posso lembrá-la de que Essex não teve chance de se defender.”

“Seria arriscadíssimo. A rainha pode ficar ofendida. E quanto a Cecil...”

“Isso pode levá-lo a cometer um erro”, Penelope argumenta. “E acho que sei como garantir que ele vai ler.” Ela tem um lampejo de clareza.

“Como?”

“Vou fazer com que Francis Bacon também leia. Ele é nossa fonte de vazamentos.”

“Bacon mudou de lado?”

Ela confirma com a cabeça. “Só posso supor que considera as oportunidades de Cecil mais interessantes. Mas ele ainda pode ser involuntariamente útil.” Penelope pensa no homem com rosto de menino, o retrato da inocência, fungando depois de cada frase — um tique que o denuncia.

Blount a abraça pela cintura e abre um sorriso. “Meu Deus, você é uma adversária e tanto para Cecil.”

“Só estou agindo de acordo com os interesses de meu irmão. Você sabe disso, Charles.”

Ele se inclina para a frente. “Mande avisar ao rei da Escócia que, quando estiver na Irlanda, com um exército sob meu comando, posso conseguir a libertação de seu irmão marchando sobre a Inglaterra e *forçando* a rainha a nomear Jaime como sucessor. Insinuei que o apoio dele garantiria o sucesso do plano.”

Os pensamentos de Penelope se aceleram. É uma aposta arriscadíssima, mas, em vez de medo, o que sente é algo bem próximo da empolgação. “E ele já se manifestou?”

“Estou esperando a resposta. Um plano como esse seria suicídio sem seu apoio.”

Ela está à beira do precipício faz um bom tempo; agora precisa saltar, sem saber se vai cair ou levantar voo. “Vamos torcer para que minha carta à rainha surta efeito e não seja necessário chegar a tanto.” Penelope faz uma pausa, olhando para Blount. “Estamos afundados no perigo até as orelhas.”

“Não se esqueça de que estou com você, aconteça o que acontecer, e tenho treze mil homens armados sob meu comando.”

Ele a abraça, beijando sua boca com força antes de se afastar e voltar ao salão. Penelope volta para junto de Dorothy, dando o braço para ela e olhando o cenário que tem diante de si. Os dançarinos parecem cansados e os músicos estão fora do tom. “Nós, Devereux, precisamos nos manter mais fortes do que nunca nos próximos meses”, ela fala baixinho. Em sua cabeça, já

está formulando a carta.

Março de 1600
Whitehall

“Essa carta...” Cecil olha para Francis Bacon, com a barba bem aparada e penteada, o colarinho sempre branco e engomado, e imagina que ele tenha uma lavadeira holandesa. Bacon pisca lentamente, como um réptil, e o ministro se pergunta mais uma vez se aquele homem merece sua confiança. “Lady Rich está fazendo todo tipo de acusações veladas. A rainha não gosta nada disso. Mas o efeito parece estar passando. Pensei que íamos nos aproveitar melhor do descontentamento dela.”

Cecil vai até a porta, põe a cabeça para fora e olha para os dois lados do corredor. Não há ninguém por perto. Quando entra de novo na sala, passa as mãos pelas cortinas para se certificar de que não há alguém escondido ali. É possível ouvir as risadas das damas mais abaixo nos jardins, acompanhadas de gritinhos. Houve uma grande nevasca recentemente, e elas estão jogando bolas de neve umas nas outras. O ministro pensa nas guerras de neve em sua infância em Theobalds, entre os tutelados de seu pai, inclusive Essex. Eram brincadeiras agressivas. Enquanto escuta os gritos das jovens, ele se lembra como se fosse ontem do som do gelo compactado atingindo seu rosto e de suas risadas enquanto era imobilizado no chão para que os outros enfiassem neve dentro de suas roupas.

“Ela foi interrogada a respeito, sem sucesso. A rainha parece relutante em levar o assunto para a frente. Ainda deve gostar de Lady Rich, apesar de...”

“Eu sei.” Cecil tem plena noção de que ele, e não Lady Rich, foi o maior prejudicado com o incidente da carta.

A rainha lhe mostrara o documento, sem saber que ele já tinha lido tudo, graças ao primo Francis. Era um apelo passional, com todas as metáforas possíveis sobre o sol encoberto pelas nuvens, os oráculos e coisas do tipo. Porém, havia mais coisas ali. Lady Rich insinuava que os inimigos de

Essex estavam se aproveitando da rainha. O principal implicado na acusação era Cecil. Quando dessem um fim no conde, ela escreveu, eles “entrariam em guerra contra os céus” — em outras palavras, expulsariam a rainha do trono em benefício de outra pessoa. A mensagem era bem clara e suficientemente indireta para não lhe causar problemas, mas irritante a ponto de fazer a pele de Cecil se eriçar inteira.

Sua sorte tinha mudado desde que a missiva chegara. A rainha se mostrava fria e distante havia semanas, e fez vários comentários ácidos sobre confiança. Mandara um de seus médicos particulares tratar do conde e permitira que fosse para casa. Ele permanece sob vigilância, sem poder sair e recebendo apenas visitas autorizadas. Todas as mulheres foram removidas do local. Mas mesmo assim... Cecil ouviu de uma das damas de companhia que a rainha derramara lágrimas pelo que descreveu como “a perda de suas pessoas mais próximas” — que só podiam ser, ele concluiu, Essex e a irmã. Cecil teme que tenha metido os pés pelas mãos. O julgamento do conde por alta traição estava marcado para fevereiro na Câmara Estrelada. Cecil, no entanto, estava atento ao clima; não parecia inteligente em termos políticos ser visto como aquele que defendeu a execução, já que a rainha poderia se voltar contra ele. Portanto, na véspera do julgamento fez uma visita secreta a Essex.

Cecil encontrou-o debruçado sobre a escrivaninha, de costas para a porta. Parecia ignorar sua presença, apesar de sua chegada ter sido anunciada. Ele se virou e Cecil levou um susto ao ver o quanto o rosto do homem estava magro, como se só tivesse pele e osso. Os olhos pareciam mortos, como pedras secas. A doença prolongada o transformara a ponto de ficar quase irreconhecível. Ele se apoiou à mesa para se levantar e, limpando a garganta, falou com a voz fraca: “Ah, Cecil. Veio se gabar, não?”. O conde sorriu, e então apareceu um vislumbre do seu velho eu — arrogante, insolente, carismático —, mas muito breve.

O ministro se sentiu envergonhado. “Sei que nem sempre nos

demos bem.”

Essex soltou uma risada fina e hostil, o que só fez crescer a vergonha de Cecil.

Ele engoliu em seco. “Você não tem motivo nenhum para confiar em mim, mas não quero que seja julgado amanhã. Posso adiar a coisa toda; sei que esse tampouco é o desejo de Sua Majestade.”

“Por quê?”, questionou Essex. “Por que você ia me ajudar?”

Ele sabia que o conde faria essa pergunta. “Porque quero o melhor para a Inglaterra, para a rainha, e acredito que sua...” Cecil procurou pela palavra certa. “Sua condenação... não seria algo bom para nós, muito menos para ela.”

“E o que propõe?” Essex voltou à cadeira, com as sobrancelhas erguidas de descrença.

“Escreva um apelo pedindo clemência. Use todo seu charme. Seja humilde.”

“Já escrevi apelos humildes às dezenas.” Essex baixou a cabeça, fazendo a camisa se alargar na garganta e revelando as clavículas ossudas. Cecil mal conseguia olhar.

“Se eu entregar o apelo pessoalmente a Sua Majestade, acredito que ela vá ceder. Se as pessoas pensarem que agiu por iniciativa própria, vão considerar uma fraqueza, mas se souberem que foi um conselho *meu*... bem, talvez entendam como um ato de benevolência.”

“Você tem uma mente afiada, Cecil. Eu sempre soube disso, desde que éramos meninos.” Essex pegou uma folha de papel e começou a afiar uma pena com o canivete. O ministro se viu dominado por sentimentos conflitantes. Em parte lamentava de verdade a sorte do homem, sentindo-se culpado por ter ajudado a reduzi-lo àquilo. Mas por outro se sentia desonesto, pois aquilo tudo era para seu próprio proveito, não do conde, e muito menos da rainha — era a sua imagem que ele queria salvar com uma demonstração de magnanimidade. Ele se lembrou então do relato de Burghley sobre como a rainha mudara de postura após a execução de Maria da Escócia — *Fiz*

isso pela segurança do trono, mas não foi assim que ela entendeu. Temi que havia perdido seu favorecimento de forma definitiva —, e sua posição em relação a Elizabeth era bem menos segura que a de seu pai. A sensação de triunfo pela própria esperteza também era indisfarçável. Havia um turbilhão de sentimentos dentro dele.

Essex jogou areia sobre a carta para tirar o excesso de tinta, removeu-a e dobrou o papel. “Não acho que você vá ter a audácia de pedir para ler antes de eu selar”, o conde falou, despejando cera derretida na dobra e pressionando seu anel em cima sem tirá-lo do dedo.

Deu tudo certo — a audiência foi cancelada, os espectadores reunidos em torno do palácio para acompanhar o julgamento foram mandados para casa e o conde agora vive no limbo em sua própria casa, contando os últimos centavos para sobreviver, pois todos os seus soldos foram suspensos e ele não dispõe de nenhuma renda. É como uma longa partida de xadrez, e Cecil ainda não definiu seu movimento seguinte. Já se pegou desejando várias vezes que Essex nunca se recupere da doença; seria a solução mais simples e segura. Agora Lady Rich entrou no jogo. “O que *you* achou da carta dela?”, Cecil pergunta ao primo.

Bacon parece pesar as palavras antes de falar. “Fiquei pensando no que ela sabe. Talvez algo incriminador.”

“Contra mim?” A voz de Cecil se eleva de forma involuntária, revelando sua apreensão. Sua mente se volta para o arsenal de informações que Lady Rich pode ter. Sabe de sua correspondência com a corte espanhola? O ministro analisa as múltiplas maneiras pelas quais o fato pode ter chegado ao conhecimento dela. O nome do tal Pérez aparece em tudo que diz respeito à Espanha. Cecil sabe que ele fornece informações à facção de Essex há anos, e o irmão de Francis Bacon, Anthony, tem ouvidos espalhados por toda a Europa.

Com uma onda de pavor, vem-lhe à mente a lembrança de uma carta que escreveu sobre a infanta ao embaixador espanhol.

Aconteceu tanta coisa desde então — o massacre na Irlanda, sua humilhação diante da corte, mais hostilidades com a Espanha, a volta repentina do conde — que ele não parou para pensar naquela missiva selada e enviada às pressas. Cecil esperava que tivesse sido queimada pelo destinatário um ano antes. Mas a carta de Lady Rich, com suas sutis insinuações, trouxe à tona suspeitas, e ele imagina que sua mensagem possa ter caído nas mãos dela através dos contatos obscuros de Anthony Bacon. Que tolíce registrar uma traição por escrito, pois nas mãos erradas mesmo a ambiguidade — e ele se certificou de escrever desse modo — pode ser manipulada de forma a parecer bem clara. Cecil estava tão obcecado com a ideia de um tratado de paz que deixou de lado a cautela.

“Nunca entendi como Lady Rich consegue se manter impermeável aos escândalos”, comenta Francis.

“Pois é.” Cecil sente o controle da situação escorregar por seus dedos, como se estivessem sujos de óleo. Ele repassa na cabeça exatamente o que escreveu ao embaixador espanhol — como formulara as frases? —, rezando para que o homem tivesse queimado todas as mensagens que trocaram. Cecil nunca se comprometeu de fato com a ideia de apoiar a infanta; só insinuara. Ele respira fundo e vai até a janela, olhando para fora enquanto tenta organizar seus pensamentos. As jovens lá embaixo estão vermelhas e ofegantes, atirando neve umas nas outras, aos risos. Se ele não soubesse que se trata de uma brincadeira, pareceria uma cena sinistra. “Seu irmão recebeu notícias da corte espanhola ultimamente, primo?”

“Anthony mantém suas cartas bem escondidas na manga.”

Ele observa Bacon em busca de um sinal de que possa saber de algo, sentindo a ansiedade começar a dominá-lo. “Preciso de uma prova de que você é de confiança.” Cecil se surpreende ao dizer isso, mas percebe que é exatamente assim que a conversa deve se dar, considerando as circunstâncias.

“E o que eu precisaria fazer para isso?” Bacon pisca devagar mais uma vez, mantendo uma expressão impassível. Então se

antecipa à resposta de Cecil. “Tenho uma ideia que pode causar problemas a Lady Rich em virtude dessa carta.” Francis Bacon abre um meio sorriso e junta as mãos elegantes diante da boca como se estivesse prestes a rezar. Cecil se sente esperançoso e precisa se esforçar para segurar a ansiedade e deixar que Bacon continue. “Se a carta fosse publicada, poderia parecer que Lady Rich estava tentando conseguir apoio junto ao *público* para o irmão...”

“Pareceria uma peça de propaganda, e não uma correspondência particular.” Cecil sente um arrepio percorrer seu braço e subir para os ombros. Era mesmo uma ideia ardilosa. Ele se pergunta se Francis Bacon também teria sofrido humilhações na infância. “Isso com certeza traria problemas a Lady Rich.” Cecil se imagina informando a rainha a respeito.

“Elimine a dama e o resto vai junto”, diz Bacon. “Ela é o coração dos Devereux.”

Cecil volta seus pensamentos para Lady Rich, e seu corpo reage de forma involuntária. Ele se esforça para pensar de novo na rainha. “Como garantir que nada vai acusar que *eu* estou por trás disso?”

“Deixe tudo comigo. Quanto menos souber, melhor.”

“Devo confessar que estou impressionado, primo. Vou fazer com que todo o seu esforço valha a pena.”

“Eu sei”, responde Bacon com um sorriso conspiratório, sem esconder o orgulho de si mesmo. Para Cecil, é impossível deixar de admirar tamanha audácia.

Junho de 1600
Essex House, Londres

“Nunca demonstrei tanta humildade na vida”, comenta Essex ao entrar, acompanhado de Knollys e Southampton. Ele solta uma risada, como se toda a provação que sofreu não representasse nada. Penelope se delicia com a visão do irmão, contente por ouvi-lo rindo e vê-lo pouco a pouco recuperando as forças. Os amigos e familiares esperavam em grande número que ele chegasse da York House, onde fora interrogado por doze horas pelo procurador geral e sua comissão especial. Está bem magro, com a barba comprida e pálido como o gibão branco de cetim que veste. Por trás de toda a bravata, é possível ver o olhar enlouquecido de medo que Penelope notou em seu rosto em Nonsuch. “Fiquei duas horas de joelhos.” Essex ri outra vez.

“E funcionou”, comenta Lettice, “pois aqui estamos nós, todos juntos.” Ela leva a mão ao peito. Um aplauso se eleva na Strand, na frente da casa, onde uma multidão se juntou para ver Essex e ainda não se dispersou.

“Mas não exatamente livre”, comenta Penelope, indicando com o queixo que há dois guardas plantados na porta, fingindo ignorar a reunião familiar. Ela acena para eles, que permanecem imóveis, mas se entreolham discretamente. “Vocês vão ser dispensados em breve?”

O mais velho e barbudo responde: “Não temos nenhuma ordem nesse sentido, milady”.

“É só uma questão de tempo”, diz Lettice, caminhando na direção do filho. “Você precisa continuar tentando obter o perdão da rainha. Quando ela lhe conceder uma audiência” — a mãe põe a mão no rosto dele como se fosse seu amante — “bem, quem seria capaz de resistir a isto?” Lettice está prestes a beliscar sua bochecha, mas Essex a afasta com um empurrão suave e firme. “Você vai voltar para a corte em dois tempos, meu menino querido.”

“Eu deveria me aposentar e mudar para o campo”, ele responde. Mas todos sabem que essa possibilidade não existe. Suas dívidas são grandes demais. “Vamos dar uma olhada na minha menininha”, Essex diz então, pegando a criança dos braços da esposa e lançando-a no ar até fazê-la gritar de alegria ou pavor. Frances fica pálida. Não consegue nem olhar, mas não diz nada. Dorothy abraça a cunhada para confortá-la.

É Penelope quem o detém. “Cuidado, ela ainda é bebê. Você vai rachar sua cabecinha desse jeito.” Ele entrega a menina para a irmã e se agacha, abrindo os braços para o filho. O pequeno Robert avança com passos lentos, rígido como um boneco de madeira, com a boca franzida, como quem quer mostrar que o pai precisa reconquistar seu amor.

“Robert, meu garoto, como você está crescendo. Oito anos. Veja só você; virou um homenzinho desde a última vez.”

O menino tira o capuz e faz uma medida formal. “Tenho nove anos, milorde.” Penelope percebe que ele não sabe como se comportar diante do pai. Talvez pensasse que não ia vê-lo outra vez e seria obrigado a se tornar o chefe da família. Ela se lembra da mãe pressionando Essex após a morte do pai, quando ele tinha menos de oito anos de idade, dizendo que era o novo conde e estava no comando dos Devereux. O olhar atordoado no rostinho dele foi de cortar o coração. Mas o herdeiro de seu irmão não parece atordoado, apenas mergulhado em ressentimentos, como se o pai tivesse prestado um grande desserviço por ir embora da Irlanda e acabar preso e sem o favorecimento real. Ou talvez esteja simplesmente tentando esconder a própria apreensão, como todo mundo. Penelope põe uma das mãos no ombro magro do menino; ele a encara e abre um sorriso, relaxando de repente. Ela nota um vislumbre do menino destemido com a cobrinha de jardim na mão em Leighs. Sua proximidade com o sobrinho só aumentou depois da prisão de seu irmão.

Um pajem serve bebidas e eles fazem vários brindes. Penelope se mantém à distância, observando a família e desejando que

Blount estivesse lá também. Ele continua lhe escrevendo. Conta sobre a vida militar, mas com certeza deixa de fora tudo o que possa lhe causar preocupações. Ela escreveu recentemente contando sobre a comissão formada para julgar seu irmão. Todos ficaram aliviados ao saber que não seria na Câmara Estrelada, como temiam, mas que o procurador geral teria como assistente Francis Bacon, de todas as pessoas possíveis. Ela o tinha confrontado a respeito.

“Você, que viveu sob nosso teto, no seio de nossa família, e se beneficiou do apoio de meu irmão... como consegue se olhar no espelho?”

“Tenho obrigações como membro do conselho da rainha. *Snif*. Não estou em posição de recusar.” Ele se encolheu visivelmente, como um menino de colégio surpreendido roubando doces na cozinha. “Vou fazer meu melhor para garantir um julgamento leniente. *Snif*. Pode ser bom que eu esteja presente. Não fiz nenhum esforço para me colocar nessa posição, *snif*, mas pretendo agir em benefício de Essex.”

As desculpas eram despejadas da boca dele acompanhadas de fungadas deladoras, o que para Penelope deixava claro a falsidade de tudo o que dizia. Ela sabia que Cecil não permitiria que Francis Bacon atuasse como assistente do procurador se não tivesse certeza de que podia contar com uma interferência a seu favor. Não era possível que Bacon imaginasse que ela aceitaria aquelas justificativas sem questionamentos. Por outro lado, ele sempre a desprezara por ser mulher, como se isso a tornasse incapaz de entender as coisas que os homens faziam. Ela se pergunta se Bacon no fundo não nutre um desprezo do mesmo tipo pela rainha.

Nesta manhã, ela escreveu mais uma carta para Blount. Seu dedo ainda está manchado de tinta. Foi uma mensagem rápida, escrita às pressas assim que descobriu que Essex seria solto — seu irmão continua banido da corte e afastado de seus cargos, mas está livre e cercado pelas pessoas que o amam. Blount não precisaria marchar sobre Londres com seu exército para libertá-

lo; o que é ótimo, porque, pelo que Penelope sabe, não houve nenhuma resposta mais definitiva do rei da Escócia quanto ao seu apoio. Sem isso, seria perigoso demais. Mas Blount não tem a mesma impetuosidade de Essex e não é dado a loucuras. Eles tomaram todo o cuidado de deixar claro para Jaime que não pretendiam destronar Elizabeth, e sim se livrar das influências malignas em torno dela. Penelope toca distraidamente a alça em torno do pescoço e imagina seu mensageiro cavalgando na direção de Blount.

“Irmã!” Essex interrompe seus pensamentos. “Está a quilômetros daqui. Poderia tocar para nós?” Alguém põe um alaúde em seus braços. Ela se senta à beira da lareira para tocar e pede a Lizzie Vernon que a ajude em um dueto. É uma canção alegre, que faz todo mundo bater palmas e acompanhar a melodia. Apesar de toda a felicidade, Penelope não consegue desviar seus pensamentos de Blount e do perigo que corre. A vida não seria cruel a ponto de matar seus dois amores no campo de batalha — ou seria?

Anthony Bacon chega cambaleando sobre as pernas afetadas pela gota. Ele desaba em uma cadeira com um suspiro, e alguém lhe traz um banquinho para apoiar os pés. Bacon chama Essex e conversa com ele em um tom baixo demais para ser ouvido por cima da música, então tira um panfleto do bolso. Essex o examina e anuncia em seguida que precisa de privacidade, pedindo que Knollys e Southampton fiquem.

Enquanto todos se dirigem à saída, ele segura Penelope pelo cotovelo. “Você não, irmã. Preciso de você aqui.”

Bufando em protesto por ter sido preterida em relação à filha, Lettice conduz Frances e Dorothy e sai pela porta indignada. “Acho que você não aprecia mais os conselhos de sua mãe.”

Quando todos os demais saem, eles formam um círculo em torno de Anthony Bacon, virando as costas para os guardas, que não estão próximos o suficiente para ouvir caso falem baixo. Mesmo assim, Penelope começa a dedilhar o alaúde outra vez, para evitar que alguma palavra desgarrada seja ouvida.

“Então, o que foi?”, pergunta Knollys.

“Isto foi publicado e está circulando por aí.” Ele abre o panfleto no colo.

As palavras saltam aos olhos de Penelope — “inimigos orquestrados”, “instrumentos malignos”, “artimanhas oficiosas”. São suas palavras; é a carta que ela mandou alguns meses antes para a rainha, agora impressa.

“Ela já sabe?”, pergunta, forçando os dedos a continuar tirando notas do instrumento, enquanto seu coração bate em um ritmo muito mais acelerado.

“Receio que sim. Meu irmão veio me trazer”, diz Anthony.

“Seu irmão não merece mais nossa confiança, não depois de participar do julgamento de Essex”, ela diz com firmeza, trocando um olhar com Anthony. Eles são os únicos que sabem da traição de Francis. Penelope se pergunta como dois irmãos podem ser tão diferentes. Anthony é de uma lealdade a toda prova, mas Francis é traiçoeiro como o lodo no fundo de um lago. A música começa a sair fora de tom e ritmo. Ela a interrompe e põe o alaúde no colo.

“Filho de uma cadela”, comenta Southampton bem alto, atraindo o olhar dos guardas.

“Bem que o vi entrando e saindo dos aposentos de Cecil nos últimos tempos”, comenta Knollys.

“Não! Francis Bacon é leal”, rebate Essex. “Tenho certeza disso. Ele *precisa* tratar com Cecil. É parte de seu dever como conselheiro da rainha.”

“Infelizmente não é o caso, milorde”, afirma Anthony. “Meu irmão mudou de lado. Mas ainda podemos usar sua deslealdade a nosso favor.”

Essex parece desolado e murmura algo para si mesmo. Um coro começa a ser entoado do lado de fora: *Essex, Essex, Essex*.

“Mas, antes de falarmos sobre ele, devo alertar, milady, que Cecil mandou Lord Buckhurst interrogá-la a respeito do panfleto.” Anthony bate com o dedo nele. “E tem isto aqui também.” Ele remexe dentro das roupas e pega outro papel, uma

carta com o selo real. Ela rompe o lacre, espalhando pedaços de cera vermelha no piso.

Essex, Essex, ESSEX.

“Não posso sair de casa até segunda ordem.” Penelope rasga a carta, deixando os pedaços caírem no chão como se fossem pétalas. “Ainda bem que tenho várias casas, não?” Sua risada corta o silêncio pesado com um ressoar agudo, e ela observa os rostos ao redor. Southampton cobre a boca, Anthony franze a testa, Knollys olha para as mãos e seu irmão não consegue encará-la. “Animem-se! Buckhurst não é páreo para mim. Já respondi aos questionamentos dele sobre minha carta na primavera passada. Ele a definiu como ‘uma atitude insolente, abusada, inconveniente’, e eu retruquei que estava errado, que era uma manifestação sincera e uma demonstração de amor por minha amada rainha.” Sua risada soa vazia agora. “No fim, ele concordou comigo. Buckhurst não tem estômago para me derrubar.”

“Mas desta vez é diferente, querida”, rebate Knollys. “Eles vão tentar provar que você publicou isso para incitar a rebelião, o que poderia levar...” Seu tio faz uma pausa, levando a mão à testa. “Poderia levar a... a... acusações mais sérias.” Ele se recusa a mencionar “traição”.

ESSEX, ESSEX, ESSEX.

“Mas não fui *eu* que publiquei. Eles não podem me julgar por uma coisa que não fiz.” Quando diz isso, Penelope percebe o quanto está equivocada. O tempo todo as pessoas são julgadas e condenadas pelo que não fizeram. Se Cecil quiser se livrar dela, é uma oportunidade de ouro. Uma lembrança vívida do dr. Lopez surge em sua mente. “Vou lutar contra isso até a morte.” O ar no salão parece rarefeito, e sua cabeça começa a girar. Ela pega o leque e, fechando os olhos, desfruta das lufadas de vento frio produzidas pelo artefato.

“Ah, Deus!”, diz Essex, caindo em desespero. “Isso é demais para mim.” Penelope sente vontade de segurá-lo pelos ombros e sacudi-lo, forçá-lo a encontrar dentro de si o espírito combativo.

Ela se levanta de forma repentina, pega a mão dele e o conduz até a janela, que escancara. Um grande rugido se eleva da multidão quando seu rosto é visto. É o único homem que consideram capaz de deter a ameaça da Espanha. “Veja como é amado.” Penelope acena, e mais um alarido se ergue, reverberando pela rua. Os guardas começam a remexer os pés, provavelmente em dúvida se devem interferir ou não. Ela fecha a janela.

“Podemos tentar descobrir *quem* foi que publicou”, Anthony fala baixinho quando eles voltam.

“Seria um bom começo”, concorda Knollys.

“Enquanto isso”, Penelope diz para o irmão, voltando a dedilhar o instrumento, “você *precisa* pedir à rainha para renovar sua licença para importar vinhos doces. Termina no fim de setembro, não é?” Ele assente com um gesto lento, como se estivesse debaixo d’água. “Sem isso e sem cargos, não vai ter nenhuma renda, e suas dívidas são...”

Antes que possa dizer “incalculáveis”, ele a interrompe. “Pensa que eu não sei?”

“Ela pretende mantê-lo em seu lugar”, diz Anthony. Está falando da rainha, que sabe muito bem que sem dinheiro Essex não é nada.

“É praticamente um cerco. A rainha pensa que pode conseguir sua submissão matando-o de fome”, Southampton comenta baixinho, enquanto anda de um lado para o outro.

Essex esconde o rosto entre as mãos. Do lado de fora, a multidão ainda grita em coro.

“Vejo as mãos de Cecil em tudo isso”, afirma Penelope. “Ele é uma cobra. Aquela generosidade com o adiamento da audiência era puro fingimento. Não cheirou bem na época, e agora está fedendo. Escreva para a rainha.” Penelope diz a última frase como se fosse uma ordem, encarando o irmão. “Convença Elizabeth de sua inocência. Você é inocente.” Ela se lembra das palavras dele quando o viu em Nonsuch. “Agiu de acordo com o que considerava serem os melhores interesses da Inglaterra...”

Uma mera trégua de seis semanas com Tyrone, até que suas tropas recobrassem as forças...” Sua voz falha.

“Foi por isso que me recusei a admitir a acusação de insubordinação na audiência”, ele conta, sem levantar a cabeça. “Não vou mentir. Não vou me rebaixar à desonra.”

“Sua irmã tem razão. É Cecil quem está por trás de tudo. Sabemos disso”, afirma Southampton. “Ele envenenou a cabeça da rainha.”

“Tentei mostrar isso em minha carta”, argumenta Penelope, “e vejam só o que aconteceu. Precisamos combater fogo com fogo. Descubra alguma coisa contra Cecil, Anthony, alguma coisa que o incrimine de verdade.” Ela está sussurrando agora. “Não é possível que ele nunca tenha dado um passo em falso; em *algum lugar*, deve haver uma pegada que não conseguiu encobrir.” Penelope olha para Anthony e percebe um brilho repentino nos olhos dele.

“Lembram-se de Pérez?”, ele pergunta com uma sobrancelha levantada. Um fio de esperança surge dentro dela, e a atmosfera no recinto muda levemente. Todos sabem que Pérez conhece as entranhas da corte espanhola. Caso Cecil tenha saído da linha em suas negociações com a Espanha, ele há de saber. “Não é nada definitivo, mas existe uma pista.”

Como se tivessem captado o cheiro de intriga no ar, os guardas se viram para eles e desencostam da parede, caminhando lentamente pelo recinto com o pretexto fingido de espiar pela janela.

“Que tal um carteadado?”, sugere Southampton, sacando um baralho de dentro da roupa. “Querem jogar conosco?”, ele diz para os guardas, que não sabem como reagir. “Um pouco de diversão não faz mal a ninguém.”

“Não vejo por que não”, responde o barbudo.

“Não acho uma boa ideia”, o outro fala ao mesmo tempo.

“Vamos tirar na sorte”, diz Penelope. Southampton lhe entrega uma moeda com um sorriso. “Você escolhe”, ela pede ao mais maleável da dupla.

“Coroa”, ele arrisca.

Ela joga a moeda, pega no ar e apoia no dorso da mão. “Deu coroa.”

Anthony já está embaralhando as cartas. Southampton arrasta uma mesa e eles posicionam os banquinhos. Essex fica em silêncio por um momento, e o olhar de desespero em seu rosto se intensifica. Penelope se senta ao lado do irmão, pega sua mão, dá um beijo nela, coloca-a entre as suas e a apoia no colo. “Está com dor de cabeça?”

Ele não responde. É como se não tivesse ouvido.

“Vou preparar uma tintura para você daqui a pouco.”

Anthony examina as cartas. “Que tipo de baralho é esse? Nunca vi esses desenhos antes. Veja só essa mulher.” Ele mostra uma carta para Penelope — uma dama de espadas. “Não é a cara da infanta espanhola?” Ele dá risada e os guardas também, mas Penelope entende o que há por trás da brincadeira. Sua esperança é que Pérez tenha descoberto alguma coisa envolvendo Cecil e a infanta espanhola, que isso seja a tal “pista”.

“Agora que você chamou atenção para isso...”, ela responde.

Southampton está aos risos, mostrando a carta aos guardas. “Vejam, ela tem até bigode.”

Knollys apanha a carta com uma risadinha.

Anthony Bacon distribui as cartas e todos começam a fazer suas apostas — usando apenas moedas miúdas —, mas Penelope não pensa no carteadado, pois está formulando uma ideia na cabeça.

Agosto de 1600
Whitehall

“Espero que tenha vindo para me dizer que enfim interrogou Lady Rich, milorde.” Cecil fica de pé quando Lord Buckhurst entra. Ele está irritadíssimo com o homem e aborrecido por ter que tratá-lo com o decoro que o título exige. Lady Rich tem conseguido se esquivar de Buckhurst há mais de dois meses, alternando-se entre diferentes residências. Essa demonstração de ineficiência é extremamente incômoda. O retrato da esposa morta pendurado na parede oposta está torto, o que só o deixa mais nervoso.

“Sim, milorde.” O homem está ofegante e limpa a testa suada com um lenço. “Está quente. Posso abrir um pouco meu gibão?”

“Por mim você pode ficar nu, desde que me diga que interrogou a dama.”

Buckhurst solta uma risadinha. “Vejo que está de bom humor.”

Uma dupla de pajens está parada diante da porta. Cecil manda que se retirem, então pensa que deveria ter pedido que endireitassem o quadro antes. Agora precisa se esforçar para não ficar olhando para ele.

“Por favor, sente”, ele diz a Buckhurst, que acomoda o corpanzil em uma cadeira, soltando suspiros altos. “E então?”

“Interroguei Lady Rich.” O homem emite o nome dela com um olhar benevolente no rosto, o que provoca um mau pressentimento em Cecil; tinha pensado que um velho decrépito seria imune ao charme da mulher, mas pelo jeito não é o caso. “Descobri que ela estava na casa do marido em Essex, para cuidar dele, que estava de cama em virtude de uma doença desconhecida. Quando cheguei, ela já tinha ido embora para...”

Cecil sente vontade de dizer ao homem para apressar o relato, pois não pode passar o dia todo escutando suas desventuras pela zona rural da Inglaterra. “E o que descobriu quando a

interrogou, milorde?” Ele tenta manter uma expressão agradável no rosto.

“Estou absolutamente convencido de sua inocência.”

“Como assim?” Cecil solta um suspiro de irritação. Lady Rich parece sempre encontrar uma maneira de escapar. Uma imagem dela lhe vem à mente de forma inesperada, e o ministro respira fundo. Deveria ter mandado Bacon; *ele* não seria suscetível ao seu charme. Mas pelo menos Lady Rich estava afastada da corte, sem acesso à rainha. Isso já era alguma coisa. Além disso, o conde não estava mais sob vigilância dos guardas e tinha ido embora para o campo, o que dispersou a multidão de apoiadores de sua propriedade.

Essex mandou resmas inteiras de cartas à rainha, mas todas foram parar nas mãos de Cecil. Eram missivas patéticas implorando para que voltasse a ter seu favorecimento. *Pois, enquanto eu não estiver em vossa graciosa presença, beijando a mão firme de Vossa Majestade* — e ela finalmente se mostrava firme de verdade —, *o tempo para mim é uma noite eterna...* Todas aquelas frases, escritas aos milhares, eram só um preâmbulo para um pedido de renovação da licença de importação de vinhos doces. Cecil estava ao lado da rainha quando ela leu a mais recente das cartas, então a jogou no chão dizendo: “Ele não pode achar que sou tola a ponto de acreditar nessas bobagens. Só precisa arrumar um jeito de pagar sua dívida”.

Cecil então sabe que talvez já tenha saído vencedor. *A água é capaz de esburacar uma rocha, mas pela insistência, não pela força.* Seu pai estava certíssimo.

Buckhurst continua tagarelando: “Ela admitiu seus deslizes... ficou horrorizada ao descobrir que sua carta, uma correspondência privada, coisa pela qual pareceu realmente incomodada, foi exposta ao público... garante que nunca mais vai pôr no papel nada que possa ser explorado assim... pediu perdão pela insolência... disse que não vai ter sossego enquanto não puder ser recebida por Sua Majestade...”.

Cecil mal dá ouvidos. Está pensando no jardim de Theobalds,

que ficam negligenciados enquanto ele se ocupa do conde. Planeja fazer uma série de canteiros ornamentais, cada qual representando um dos grandes monarcas ingleses. No centro de tudo haverá um dedicado a Elizabeth. Ele imagina o que vai plantar lá, rosas brancas e vermelhas misturadas com espécies exóticas do Novo Mundo e lírios cor de fogo, como os cabelos da rainha.

“... e ela me deu uma carta para Sua Majestade, fez-me prometer que ia entregá-la pessoalmente”, continua Buckhurst.

Cecil vê seus devaneios paisagísticos interrompidos.

“Uma carta?” Ele tenta imaginar que tipo de acusações Lady Rich ainda poderia fazer. Mais uma vez teme que de alguma forma a maldita carta para o embaixador tenha caído nas mãos dela. Seus antigos medos se renovam, como se nunca tivessem deixado de existir. Por que mais ela escreveria à rainha se não fosse para terminar o que começou e denunciá-lo por traição? Não pode deixar que a mensagem seja entregue. Antes mesmo de terminar de elaborar a ideia, percebe que está fadada ao fracasso. Ele não tem como desaparecer com ela, pois Buckhurst certamente há de mencionar sua existência. Lady Rich é uma mulher astuta. Então ele arma um novo plano: mandar copiar a carta, removendo as informações suspeitas como um cirurgião que espreme uma bolha de pus. É o que ele vai fazer. “Deixe-me vê-la.”

“Infelizmente não é possível...”

“Por quê?” Seu sorriso é protocolar.

“Entreguei à Sua Majestade a caminho daqui...”

Cecil perde o fôlego.

“Ela estava indo à capela com as damas. Uma delas é minha sobrinha, que parou para falar comigo. Fiquei muito honrado...”

De repente as paredes parecem se fechar, e sua testa fica molhada de suor.

“Considerarei uma ótima oportunidade de entregar a carta em mãos, como prometi a Lady Rich”, continua Buckhurst.

A cabeça de Cecil começa a girar descontroladamente

enquanto ele tenta se lembrar mais uma vez das palavras exatas que usou na carta ao embaixador espanhol. Sua esposa o encara com olhos vivos e acusadores da moldura desalinhada. Não podia ter sido imprudente o bastante para escrever algo explícito, ou sua ansiedade por um tratado teria falado mais alto? Sente dificuldade para respirar.

“Está passando mal, milorde?”, pergunta Buckhurst. “Quer que eu chame um médico?”

Cecil junta os cacos de si mesmo o suficiente para responder: “Está um pouco quente aqui; só isso”.

“Vou mandar um dos rapazes pegar uma bebida.” Buckhurst vai até a porta para chamar um pajem.

A mente de Cecil está um caos. Ele escava as profundezas de seu ser até admitir que aceitaria, *sim*, a jovem espanhola como rainha da Inglaterra se as circunstâncias lhe fossem favoráveis, se no fim terminasse em uma posição vantajosa. Mas teria dito isso? Ou pior: colocado por escrito? É impossível determinar a essa altura. Como pode alguém como ele — que tanto se orgulha de ser meticuloso, de examinar tudo por todos os ângulos, de não deixar nenhum rastro — ter sido tão imprudente?

Cecil se arrasta até uma cadeira. Sua cabeça está girando, e por um momento tudo fica escuro diante de seus olhos. Ele se agarra à borda da mesa para não cair. Quando recupera o equilíbrio, caminha com toda a calma até a parede oposta para endireitar a falecida esposa. Buckhurst fica alarmado e aconselha que se sente de novo. Parece preocupado com a demora do pajem com a bebida. Nesse momento, um rapaz a serviço da rainha aparece para avisar que Sua Majestade quer vê-lo assim que terminar suas orações.

O ministro observa em vão o rosto do rapaz em busca de alguma indicação do estado de espírito da rainha, mas o rosto dele é inexpressivo como um nabo. É possível ouvir o som distante das pessoas saindo da capela mais abaixo, e Cecil sente no pescoço sua pulsação disparar — o local que, se pressionado

da maneira correta, pode levar um homem à morte, um de seus homens lhe explicou.

Ele se vira para Buckhurst: “Preciso ir. Sua Majestade não pode ficar esperando”. Cecil fica surpreso ao notar o tom firme da própria voz e, pegando uma pilha de papéis sobre a mesa, sai da sala e pede aos dois pajens que o acompanhem.

Eles vão até os aposentos da rainha. Está frio e escuro nos corredores de acesso restrito, pois as janelas são pequenas e ficam bem no alto das paredes. Quando chegam à longa galeria, os olhos de Cecil demoram um instante para se adaptar à luminosidade que vem das janelas duplas, esquentando o local como uma fornalha e lançando a luz do sol sobre o piso. O cheiro de lavanda e alecrim e a movimentação intensa são um assalto a seus sentidos. Ele é admitido sem demora, embora preferisse ter alguns momentos para clarear os pensamentos.

A rainha está sentada, cercada por várias mulheres; há outro grupo perto da janela, reunido em torno do que parece ser um livro de imagens, e alguns cortesãos circulam pelo local. O fogo está aceso na grande lareira, apesar do calor do verão — mas é verdade que o salão fica na face norte do palácio. Ela o recebe com um sorriso aberto, dizendo: “Pigmeu, você parece ter más notícias. Sinceramente, espero que não seja o caso”.

Percebendo que sua preocupação deve estar estampada no rosto, Cecil abre um sorriso forçado, faz uma mesura e se endireita o máximo possível, colocando-se diante dela em sua altura máxima. “Não, não, Vossa Majestade. São boas notícias. Lord Mountjoy está sendo muito bem-sucedido contra os rebeldes na Irlanda.” Ele saca um papel de sua pilha: uma carta de Blount informando sobre os progressos alcançados. “Estabeleceu fortalezas em Derry e Newry no norte, e Munster está sob seu controle.”

“Talvez devêssemos tê-lo enviado desde o início.” Ela apanha o papel e, com o auxílio da lupa, passa os olhos pelo texto. “Parece saber exatamente o que está fazendo.” Ela se vira para uma das damas. “Por falar em cartas, você ficou com a de Lady

Rich... a que Buckhurst me entregou antes de entrarmos na capela.”

Cecil sente suas pernas ficarem bambas. Ela o chamou para se explicar na frente de todos. Seu peito se comprime enquanto a mulher a pega. Ele reconhece a caligrafia de Lady Rich — interceptou uma grande quantidade de cartas dela ao longo do tempo e conhece a caligrafia desleixada. Nesse momento, o ministro percebe que ainda não foi aberta. Então o sorriso da rainha ao recebê-lo foi sincero. Sua mente se agita como um boi no abatedouro. Talvez ele possa se oferecer para se encarregar da carta. *Vossa Majestade não precisa se preocupar com esses assuntos. Eu cuido disso.* Mas ela desconfiaria; por que ele ia querer poupá-la de uma correspondência particular da afilhada? Cecil fica com medo de vomitar no piso de carvalho polido, sobre os tapetes cuidadosamente tecidos ou as sapatilhas de camurça bordada da rainha. Um sorriso está congelado em seu rosto, e ele mantém os olhos fixos naqueles belos calçados.

“Que outros assuntos temos a tratar?”, ela pergunta.

A carta permanece em sua mão enquanto, perplexo por ainda ser capaz de fazer isso, Cecil discorre sobre as demais questões administrativas do momento — a colheita ruim, a escassez de milho, o prisioneiro apodrecendo na Torre (o autor do texto sobre Henrique IV).

“E há também a questão da licença dos vinhos doces, Vossa Majestade.”

“Ah, isso!” Ela apoia o queixo na mão. “Prefiro ignorar por ora.”

Ela ergue a carta de Lady Rich, parecendo confusa por um momento, como se tivesse se esquecido de que ainda estava lá. Cecil não quer nem ver, mas tampouco consegue desviar o olhar. O lacre se rompe com um pequeno estalo, e a rainha desdobra o papel, apanhando a lupa mais uma vez. Ele a observa enquanto lê, buscando eventuais pistas sobre o conteúdo, mas o rosto da rainha é como uma máscara completamente opaca. Quando termina, Elizabeth lança para ele um olhar tão frio que

o faz estremecer, apesar do suor que brota nas axilas. Cecil pensa em alguma maneira de descobrir o que está escrito, para que possa pelo menos se preparar para enfrentar o que vai vir. Há pelo menos duas entre as damas da rainha que fariam isso para retribuir um favor seu.

“Avise Lady Rich que ela está livre para ir aonde quiser e que pode voltar à corte se assim desejar.” A voz da rainha tem um tom glacial, e ela amassa a carta com força antes de jogá-la na lareira, onde o fogo brilha com mais força até consumir o papel por completo.

Janeiro de 1601
Chartley, Staffordshire

Chartley parece uma propriedade melancólica e abandonada no alto do morro, cercada por árvores desfolhadas e com as janelas opacas como os olhos de um cego. Um camponês atravessa a estrada com seus gansos, e Penelope, que cavalga à frente com Alfred, é obrigada a esperar a travessia a passos insuportavelmente lentos. Mal sabem as criaturas que estão destinadas à mesa do banquete de Dia de Reis. Ela tira as luvas e esfrega as mãos em uma tentativa de aquecê-las, mas as pontas de seus dedos doem em virtude do frio, e Penelope tenta se imaginar diante da lareira acesa do salão principal.

Alfred grita para que o camponês se apresse. Eles devem ter esperado um bom tempo para que o batalhão de condenados passasse, pois agora ela escuta o barulho da carroça de bagagens anunciando a aproximação do restante da comitiva. Lizzie Vernon ri de alguma coisa, talvez dos gansos, mas Penelope não está interessada em saber qual é a piada. Ela faz Gambit acelerar o passo e começa a galopar quando chega ao pasto, até que não reste mais nada em sua mente além do vento e do batucar ritmado dos cascos contra o chão congelado de janeiro. O fardo da preocupação que a oprime nos últimos meses se intensifica ao se aproximar de Chartley, onde seu irmão está entocado. Ela nunca viu uma avestruz, não há nenhuma no zoológico da Torre, mas já usou suas plumas e viu ilustrações. Dizem que são altas e velozes como cavalos, e que enterram a cabeça na areia ao sinal de perigo. Penelope identifica uma semelhança com seu irmão.

Quando chega mais perto, ela vê o cachorro de sua mãe correndo pelo jardim e o jovem Robert o chamando do pátio. Lettice deve ter chegado ontem de Drayton Bassett. Todos combinaram de ir para lá a fim de tirar Essex do estado de torpor, mas quando se aproxima da casa ela passa a temer cada

vez mais o fracasso de sua missão. Adoraria deixá-lo descansando pelo tempo que quisesse, mas a verdade é que Essex não tem condições financeiras de levar uma vida isolada no campo. Os credores batem na porta da Essex House dia e noite, e Penelope acha que não vai conseguir segurá-los por muito mais tempo. Ela conseguiu uma boa quantia com seu marido, mas nem toda a sua riqueza seria capaz de liquidar a dívida. Além disso, Rich parece bem menos interessado em seu irmão depois que ele perdeu o favorecimento da rainha.

Robert a vê e acena, gritando uma saudação; parece mais alto, um tanto desajeitado, como se os membros tivessem crescido mais rápido que o corpo. Ela pensa em seus filhos, que estão em Leighs. Hoby já tem treze anos, é quase um homem, e em breve vai para a universidade. Com uma pontada de tristeza, Penelope lembra que em pouco tempo suas meninas vão se casar. Penelope acabou de completar trinta e oito anos e está se sentindo velha. Relembrando o que passou, se afoga na corrente do tempo. Ela retribui o aceno de Robert. Enquanto corre em sua direção, em sua cabeça o menino se transforma em Wat, seu irmão morto, e o tempo parece recuar. Sidney está lá, esperando por ela no pomar, quase invisível em meio às árvores desfolhadas; uma versão mais jovem sua está lá também, nos braços dele, ouvindo-o murmurar em seu ouvido versos de uma poesia linda e comovente. É uma lembrança difícil de suportar, e ela a afasta da mente, direcionando sua montaria para o pátio do estábulo, onde os cavaleiros fazem fila às pressas para saudá-la.

Penelope para ao lado de uma plataforma com degraus, e ao descer da sela é ajudada por um cavaleiro, que comenta: “Suas mãos estão geladas, milady”.

Ela deve ter se esquecido de recolocar as luvas no alto do morro, e imagina as peças caídas na lama fria, torcendo para que sejam encontradas por alguém que esteja precisando se aquecer um pouco. Existe muita gente necessitada: a comitiva passou por incontáveis grupos de miseráveis implorando por uma moeda

ou um pedaço de pão. Mais uma colheita ruim e só Deus sabe o que vai ser do povo. Pelo menos teriam as sobras dos gansos do banquete de Dia de Reis.

Um dos pajens de seu irmão se aproxima e lhe entrega uma carta. É da Irlanda. Blount fala sobre a beleza do local, a paisagem de inverno e a qualidade dos rebanhos, poupando-a dos detalhes a respeito da campanha militar e se limitando a dizer que vem ganhando terreno. Ela tem uma noção clara do perigo envolvido na missão, da morte à espreita e do horror constante. Na carta, ele diz que sente sua presença sempre próxima. *Sou o ponteiro de uma bússola, e você é meu norte.* Isso a faz sentir uma saudade dolorida. *Victor está colaborando,* ele acrescenta em um parágrafo no qual fala sobre seus cavalos favoritos. É um apelido que ela usa para falar de Jaime da Escócia. Lendo nas entrelinhas, Penelope entende que o rei escocês pretende mandar o conde de Mar para a corte a fim de discutir a sucessão. Ainda resta uma esperança — ele vai partir em defesa de seu irmão; mais um motivo para Essex voltar à capital.

Ela enfia a carta dentro do vestido, já elaborando a resposta em sua mente enquanto entra na casa. Como explicar que Essex está em uma melancolia tão profunda que receia que nunca mais passe? E como descrever a pressão dos aliados que dependem dele e estão à espera de que saia das sombras e encare seus inimigos? É preciso também contar a Blount que ninguém conseguiu nenhuma prova para derrubar Cecil — que a esperança de que Anthony Bacon conseguisse alguma coisa tangível com a tal “pista” tinha naufragado, pois tudo não passava de rumores e suposições.

Sua mente procura uma forma de codificar todas essas informações, escondê-las em uma simples mensagem de afeto, e ela para por um momento diante do retrato do pai. Lá está ele, ainda jovem e cheio de vida, com a armadura reluzente mesmo por baixo da camada de poeira que cobre a pintura, como se não tivesse morrido na Irlanda tanto tempo antes. Aquele é um

lugar maldito, que a fez perder o pai e talvez um irmão; ela não quer nem pensar no que pode acontecer com Blount. Gostaria muito de poder expressar apenas seus sentimentos por ele na carta, fazê-lo se sentir amado, deixar a questão da política de lado.

Lettice está no salão principal. Parece frágil e assustada. Penelope nunca a viu com medo antes.

“Você é um bálsamo para meus olhos cansados”, a mãe comenta ao cumprimentá-la. “Veja só, sua roupa está rasgada e você está coberta de lama. Não sei por que se recusa a viajar na carruagem.”

Penelope nem tenta explicar como se sente montada em um cavalo, com o vento no rosto, como a faz se sentir viva. “Também estou feliz em ver você, mãe.”

“Desculpe, meu docinho!”, diz Lettice. “Eu estava morrendo de preocupação. Desculpe.” Ela pega a mão de Penelope e a esfrega. “Venha, você está gelada, tem um fogo aceso nos meus aposentos.” A mãe a conduz pelo corredor até o quarto.

“Onde está Robin?”

“Na cama. Não se levanta há três dias. Não me dirige um olhar, muito menos uma palavra. Não sei se foi uma boa ideia trazer o jovem Robert comigo. Deveria tê-lo deixado em Eton. Pensei que seu irmão fosse ficar mais animado vendo o filho crescer tão bem.” Lettice tagarela sem parar.

“Eu não sabia que a situação estava tão ruim. Há quanto tempo ele está assim?”

“Segundo Meyrick, está nesse estado, com algumas breves melhoras, desde que perdeu de forma definitiva a licença dos vinhos doces.”

“Desde outubro! São quase três meses. Por que Meyrick não disse nada?”

“Seu irmão proibiu... não queria ser visto assim.”

Penelope se vira para a porta. “Vou falar com ele agora mesmo.”

“Espere um pouco; aqueça-se primeiro, Penelope. Se ficar

doente, não vai ser bom para ninguém.” Sua mãe a puxa pela roupa de cavalgada. “Pelo menos tire isto e vista alguma coisa minha enquanto sua bagagem não chega.” Penelope, porém, se desvencilha de Lettice e caminha com passos apressados para o outro lado da casa.

Meyrick está na antecâmara dos aposentos de seu irmão, jogando carta com dois homens que ela acredita já ter visto na Essex House. Ele ergue o corpanzil e abre um sorriso, revelando as rugas no rosto sardento e os fios grisalhos na barba ruiva. Ele apresenta os outros homens — Henry Cuffe e Ferdinando Gorges —, que a cumprimentam. Cuffe tem um rosto que em nada se destaca, a não ser pelo queixo ligeiramente proeminente e os dentes estragados, mas Gorges deve ser do tipo que abala os corações das donzelas com seus cabelos castanhos e olhos penetrantes, um pouco próximos demais uns dos outros, o que só aumenta a intensidade de seu olhar.

“Serviram com Essex na Irlanda?”, ela pergunta.

Meyrick os interrompe antes que respondam: “Infelizmente o conde não está bem. Precisa descansar e fez questão de avisar que não quer nenhuma visita.”

“Isso não vale para mim”, ela responde enquanto passa por ele e entra no quarto.

As pesadas cortinas estão fechadas, permitindo apenas a entrada de uma pequena faixa de luz, mas o fogo está aceso na lareira, deixando o quarto abafado. O cão de Essex se levanta, abanando o rabo sem muita animação, e para diante de Penelope com uma expressão tristonha, esfregando a cabeça em sua saia e pressionando o focinho úmido contra sua mão, desesperado por carinho.

Ela abre as cortinas que escondem a janela para que a luz do dia de inverno entre e se detém por um momento para observar as fortificações em ruínas do antigo castelo, lembrando-se do tempo das brincadeiras infantis. O vapor está condensado no vidro, e Penelope o esfrega com a manga para poder ver melhor. Robert passa correndo por seu campo de visão, e Lettice o

chama para entrar antes que chova. Há nuvens escuras ao redor, e ela torce para que a carroça com as bagagens chegue antes que o céu despenque.

“Vá embora, deixe-me em paz.” A voz de seu irmão vem de trás das cortinas cerradas do leito.

“Sou eu, Robin.”

“Irmã?”

Ela afasta as cortinas e o encontra apoiado em um dos cotovelos, piscando cegamente como uma toupeira enquanto esconde os olhos atrás do antebraço. Está muito magro, e as olheiras fundas fazem parecer que levou uma surra. Penelope sobe na cama e se senta ao lado dele.

“Graças a Deus é você, pensei que fosse mais alguém querendo me fazer levantar. Minha queridíssima irmã.” Ele a encara com os olhos sem vida. “Precisa me ajudar.”

“É por isso que estou aqui.”

“Não consigo dormir por causa dos pesadelos e estou prestes a...” Ele se interrompe, com a respiração acelerada e o peito chiando. Penelope nota que a bolsa de couro preta que devolveu a ele quando foi solto está largada sobre as cobertas. “Acho que vou acabar enlouquecendo.”

“Ouvi dizer que a rainha não responde a suas cartas.”

“Estou no ostracismo, irmã.” Ele diz isso com o ar dramático de um ator interpretando uma grande tragédia.

“Ora, Robin. Você precisa se recompor.”

“Não venha me dizer isso você também. Já não basta aquele trio de demônios lá de fora?” Ele aponta com a mão fraca para a porta. “Força; faça isso, faça aquilo. Eles ficam tramando meu retorno. Henry Cuffe ia me colocar no trono se dependesse só da vontade dele.”

“Ora, que vontade mais maligna, essa de Cuffe”, ela retruca, assumindo o tom repressor de irmã mais velha.

“Eles estão fazendo isso em benefício próprio, não por mim. Estou cansado, irmã. Acho que não tenho mais forças. Não me resta mais nada, estou vazio como meus cofres. E quanto a isto”

— ele pega a bolsa —, “alimentei muitas esperanças de ver o rei Jaime nomeado como sucessor, para garantir o futuro da Inglaterra. Pensava mesmo que era o melhor para todos. Tinha convicção disso. Agora não tenho convicção de nada. Se pelo menos conseguisse dormir...”

“Não vim até aqui para forçá-lo a nada. Vim para ajudar.”

“É impossível me ajudar... Só quero dormir.”

Ela gostaria de arrancá-lo daquele estado de autopiedade, mas o problema não é só esse — trata-se de um sofrimento indelével. “Você não pode se esconder aqui para sempre. Precisa encarar seus demônios. Além disso, tem responsabilidades e deveres — uma esposa, filhos. Você não é uma pessoa qualquer, que pode fazer o que der na cabeça; é um conde, e isso tem um preço. Pense no jovem Robert, seu herdeiro. Não se esqueça de que dependemos *todos* do bom nome dos Devereux.” Ela se pergunta se seu nome já não está arruinado, como uma peça de porcelana partida em pedaços.

“Coitado do jovem Robert por ter um pai como eu.” O cinismo da afirmação corta o ar como uma lâmina atingindo a carne, e ela precisa se segurar para não dar uma resposta grosseira a fim de acabar com aquele solipsismo patético.

“Só o que eu sei”, ela responde, “é que isso vai passar.”

“Pode até passar, mas ainda vou estar pobre como os miseráveis que pedem esmolas pelas ruas. Um conde mendigo.” Ele solta uma risadinha de deboche. “Meus credores já demoliram a Essex House e venderam cada tijolo?”

“Chega.” Penelope não consegue mais esconder sua impaciência.

Ela ouve vozes do lado de fora. Lettice entra, fechando a porta atrás de si e parando a poucos passos da cama. “Que história é essa que acabei de ouvir de Lizzie sobre Anthony Bacon? Ela disse que ele não conseguiu provas do envolvimento de Cecil com os espanhóis.” Parece irritada ao dirigir o questionamento diretamente a ela. Penelope ainda não queria tocar nesse assunto, esperava poder preparar melhor o terreno, para não

minar de vez as esperanças de Essex.

“O que isso quer dizer?”, pergunta seu irmão, com uma voz aguda.

“Exatamente o que parece”, responde Penelope, segurando a mão de Essex e tentando expressar a maior tranquilidade possível. “Pérez não conseguiu nenhuma prova concreta da interferência de Cecil na sucessão. Não há nada em que basear a acusação.”

Ela sente o irmão murchar diante de seus olhos.

“Mas isso não é verdade”, rebate Lettice. “Tenho provas incontestáveis de outra fonte.”

Penelope nota que Essex se ajeita melhor, como um cão que fareja sua caça. “Que provas, mãe?”

“Meu irmão viu Cecil conversando sobre a elegibilidade da infanta para a sucessão. Ele testemunhou isso pessoalmente. E me contou a respeito outro dia. Se não é uma prova, não sei o que pode ser.”

“Tio Knollys?”, questiona Penelope. “Ele lhe falou que ouviu Ce...”

“Foi o que acabei de dizer.”

“Quando foi que essa conversa sobre a infanta aconteceu? Por que ele não falou a respeito antes?”, pergunta Penelope.

“Tempos atrás, acredito.” Lettice começa a remexer no tecido do vestido. “Talvez ele tenha achado que Pérez encontraria alguma coisa mais tangível.”

“Não é o mesmo que palavras escritas, mas é melhor que nada”, afirma Penelope. “Ele confirmaria essa afirmação em um testemunho?”

“Suponho que sim”, diz Lettice.

Essex despenca de novo sobre o travesseiro.

“Veja bem”, Penelope fala com o irmão, “não são só notícias ruins. Tio Knollys é uma fonte confiável. O testemunho dele tem um bom peso.” Ela tenta fazer a coisa toda parecer menos frágil. “Blount estabeleceu um contato firme com a Escócia. O rei Jaime pretende mandar o conde de Mar para Londres. Ele

também vai fortalecer sua posição. São boas notícia, Robin. Nosso trabalho está rendendo frutos.” Penelope tenta injetar convicção na voz, de repente compreendendo o que pode ser feito em benefício de sua família. “Acho que você deve escrever a Mar e contar a ele sobre as tratativas clandestinas de Cecil. Se Mar — um embaixador de um rei, um elemento neutro — lançar uma sombra de dúvida sobre o ministro, a rainha pode começar a ver as coisas de outro modo.”

“Está me dizendo que ela pode ser mais favorável a mim?”, ele pergunta, sentando-se um pouco mais animado para apanhar a bolsa descartada e colocá-la no pescoço.

“Exatamente isso”, ela afirma.

“Como fui capaz de gerar uma criatura tão formidável quanto você, Penelope?”, comenta Lettice. “Faria uma figura e tanto no conselho privado.”

“Isso é um elogio ou um insulto?”

“Ah, um elogio, claro.”

Essex desce da cama e se espreguiça. “Agora, se me dão licença, vou me vestir. Nos vemos no jantar. Acho que está na hora de planejar minha volta a Londres.”

Lettice sorri para Penelope, balançando a cabeça como se a parabenizasse pela transformação do filho. “Vou mandar preparar a Essex House para sua chegada.”

Penelope segura o irmão pelos ombros. “Não alimente demais a ambição de seus homens.” Ela aponta com o queixo na direção da porta. “Eles podem exagerar, o que não é bom para você. Mantenha o comando com rédeas firmes, pois as aspirações deles podem causar problemas para nós todos.”

Fevereiro de 1601

Whitehall

Cecil ordena ao cocheiro que faça um desvio para passar pela Essex House. Ele quer conferir com os próprios olhos se os rumores sobre a volta do conde são verdadeiros. As pessoas falam a respeito na corte, e o ministro consegue sentir as mudanças de postura no ar; é como se todos estivessem esperando que alguém desse a primeira cartada para mostrar suas verdadeiras pretensões. O escrivão, sentado ao seu lado, assoa o nariz em um lenço sujo. Cecil estremece e escorrega um pouco mais para o lado no assento, pondo a cabeça para fora diante dos portões, admirando por um momento os dois pares de cavalos pretos e reluzentes de sua carruagem, com meias brancas impecáveis. Todos reparam quando eles passam — e é justamente essa a intenção.

Os portões da Essex House se abrem para a saída de um grupo de cavaleiros, e Cecil nota o burburinho de atividade no jardim. Criados andando de um lado para o outro, homens reunidos em torno de braseiros, fumando, conversando, rindo; outros se ocupando de limpar seus mosquetes, alguns praticando esgrima, gritando a cada vez que marcam pontos. Não há dúvida de que o conde está em casa. O ministro esquadrinha o jardim da frente com os olhos e vê uma mulher olhando pela janela. Ou é Lady Rich ou sua irmã — é impossível determinar à distância. Ele é pego de surpresa e esconde a cabeça dentro da carruagem, sentindo-se um tolo por isso logo em seguida. Deveria ter acenado, ou pelo menos retribuído o olhar.

O escrivão espirra; Cecil leva a mão à boca e ao nariz, murmurando: “Pelo amor de Deus”.

O homem se desculpa atrás do lenço.

“Descubra exatamente quem está na Essex House”, ordena Cecil. “Quero o número de criados, de visitantes, tudo. Faça o que for preciso.” O escrivão o encara com uma expressão

abobalhada. “Vamos, saia.” O homem veste a capa e salta para a rua, e Cecil bate no teto da carruagem para chamar a atenção do cocheiro. “Para Whitehall!” Ele tem certeza de que o escrivão catarrento não vai ser capaz de cumprir a tarefa, mas pelo menos assim se livra da sua presença, espalhando a doença no espaço confinado da carruagem.

Cecil pensa na figura feminina na janela. Nada aconteceu desde a chegada da carta de Lady Rich; nenhum de seus medos virou realidade, mas isso não significa que nada esteja acontecendo. O ministro passou um mês inteiro aterrorizado, tendo sobressaltos constantes, imaginando que seria preso e levado à torre, além de vários outros meses de pavor menos intenso, mas ainda existente. Em seus piores momentos, pensou inclusive em seu último discurso no cadafalso, tentando impedir sua mente de especular como ia se sentir com o laço da força no pescoço — não haveria um golpe rápido do machado para alguém como ele, mais um lembrete de que não tinha sangue nobre —, lutando para respirar e, pior, o nada que vem depois, a inexistência, ou a danação eterna que na certa viria depois. Ele começou a rezar com um fervor renovado, contabilizando seus pecados, torcendo para que não fosse tarde demais para conseguir o perdão.

Quando chega ao palácio, encontra Knollys, que o puxa para um canto e diz: “Que bom encontrar você”. O homem remexe os dedos, aflito, o que desperta a curiosidade de Cecil. “Estou preocupado com meu sobrinho. Receio que esteja montando sua própria corte, em oposição à rainha. Ela não está nada contente com isso, para dizer o mínimo.”

“Acabei de passar pela Essex House. Está havendo uma grande movimentação mesmo.” Cecil visualiza em sua mente a irritação da rainha. É uma cena assustadora.

“Tentei avisá-lo da loucura que significa permitir uma reunião desse tipo.” Knollys continua repuxando os dedos, como se estivesse sovando a massa de um pão. “Ele está tão enfurecido que não consegue ouvir a voz da razão.”

“Enfurecido?”, questiona Cecil, sem conseguir entender. Os dois sobem juntos os degraus que levam ao salão principal.

“A tristeza dele se transformou em raiva e amargura. Está irado; em minha opinião, não está em plena posse do juízo. Acha que tem inimigos por toda parte.”

“Quando foi que o viu?” Cecil considera melhor não retrucar que *de fato* o conde tem inimigos por toda parte.

“Fui até lá esta manhã. Tentei conversar com ele.”

O ministro pensa em dizer que o conde precisa ser colocado em seu lugar, mas sua resposta é outra. “O pobre homem precisa de nossa ajuda, sem dúvida. Posso tentar falar com Sua Majestade.” Knollys parece aliviado, e enfim permite que as mãos desçam até as laterais do corpo. “Quem está com ele?”

“Muita gente... gente demais, e infelizmente estão envenenando sua cabeça. Homens que o acompanharam à Irlanda, como Henry Cuffe e Ferdinando Gorges, além de um grande número de nobres insatisfeitos; isso além do círculo habitual: Meyrick, Anthony Bacon, Southampton, o pessoal que você conhece.”

“Gorges não é parente de Raleigh?”

“Acho que sim”, responde Knollys. “Um tipo impetuoso, pelo que me disseram.”

“Raleigh não vai gostar de ver um primo seu do lado de Essex.”

“Não mesmo”, concorda Knollys. “Ele e meu sobrinho nunca se deram bem.” O homem começa a repuxar os dedos outra vez. “Encontrei um verdadeiro exército de soldados sem farda no jardim.”

“Tem razão de estar preocupado.” Cecil põe a mão no ombro dele. “Vou tentar acalmar a rainha.”

No salão principal, há um grupo de atores ensaiando. Um deles está vestido de mulher, discursando com uma voz aguda e expressões faciais e gestos exagerados. Knollys insiste em parar para ver por cinco minutos inteiros, até o sujeito despencar no chão com um grito, aparentemente morto. Cecil considera a

coisa toda ridícula e se pergunta como alguém pode se emocionar com uma imagem tão grotesca. Nesse momento, um aplauso se eleva do outro lado do salão. Ele olha para lá e vê a rainha cercada de mulheres.

“Vossa Majestade”, o ministro diz, arrancando o gorro e ficando de joelhos.

“De pé, de pé”, ela ordena, como se ele fosse um de seus cães. “O que achou dele?” A rainha aponta para o ator.

Cecil observa o rosto da rainha em busca de pistas antes de elaborar uma resposta. “Extraordinário.” Ele adquiriu o hábito de esquadrihar o rosto dela com o zelo de um anatomista em busca de sinais de descontentamento. A rainha anda distante nos últimos meses, é verdade, mas é impossível afirmar se essa frieza é deliberadamente dirigida a ele ou se refere a tudo e todos.

“Você não é tão bom em esconder seus pensamentos quanto imagina, Cecil.”

Ele acredita ver um esboço de sorriso no rosto dela — ou melhor, torce por isso. “Não sou bom em muitas coisas, Vossa Majestade. Infelizmente, meus defeitos são incalculáveis. Considero o teatro uma coisa que vai além de minha estreita compreensão.”

“A falsa modéstia não combina com você.” Seu olhar o faz estremecer de leve. “Acha mesmo que eu o nomearia para um cargo importante se considerasse que tem um entendimento estreito? Para mim não é surpresa que alguém com seu pragmatismo considere esse tipo de coisa...” — ela aponta para a trupe de atores — “... um tanto extravagante.” O olhar gelado de Elizabeth se volta de novo para ele. “No entanto, aprecio a sinceridade.” Ela faz uma pausa para encará-lo. Cecil fica sem jeito e nota um fio solto no vestido dela, que deseja arrancar imediatamente. “Sabe muito bem disso, não?”

“Sim, Vossa Majestade. E, sendo sincero, considero que o teatro pode disseminar a imoralidade entre o povo.”

“Ah!”, ela exclama, parecendo se divertir. “*Disso* você

entende.” Um frio na barriga o aflige novamente.

“E acho que tem o poder de incitar a rebelião.”

“Nesse ponto tem razão, mas isso não é um motivo para não gostar de teatro; é mais um motivo para respeitá-lo.”

“Não tenho como discordar, Vossa Majestade.”

“E, por falar em dramas, alguma notícia de meu conde favorito?” Ela franze os lábios, e Cecil não consegue determinar se é por desprezo ou tristeza. “Fiquei sabendo que ele voltou a Londres.”

“De fato, Vossa Majestade”, diz Knollys, ainda ajoelhado.

“Infelizmente, creio que temos assuntos urgentes a tratar.” Cecil olha ao redor e consegue contar pelo menos uma dúzia de rostos se espichando para ouvir o que está sendo dito. “A portas fechadas.”

“Muito bem”, ela responde, estendendo a mão sem luva para ele.

Cecil vê a mão nua da rainha pela primeira vez em muito tempo — retorcida e manchada como uma peça antiga de madeira, atravessada por um emaranhado de veias azuis, com as juntas dolorosamente inchadas. Ela sempre teve mãos muito bonitas, lisas e macias. Ele ergue o olhar para a rainha, observando a pele solta do pescoço magro e do colo, as rugas entalhadas no rosto, os olhos embaçados de uma mulher idosa que chega ao fim da vida. O ministro pensou que ainda teria tempo para formar suas alianças, para se posicionar em um novo regime, mas a verdade é que não tem. Ela recolhe a mão antes que Cecil possa tocá-la.

Eles caminham lentamente para os aposentos privativos, com a rainha apoiada em Knollys. Quando chegam, Elizabeth despenca pesadamente sobre o trono, pedindo uma almofada para as costas, que Cecil apanha. Os homens ficam à espera da permissão para se sentar, que acaba não vindo.

“E então?”, ela pergunta.

Cecil engole em seco. “Infelizmente o conde se cercou de maus conselheiros.”

“Foi isso que a irmã dele disse sobre mim, que existem pessoas ao meu redor que...” Ela interrompe a fala, com os olhos cravados em Cecil. Seu estômago se revira. “Ah, esqueça.”

“Um grande número de...” — Knollys parece à procura da palavra certa — “... insatisfeitos se reuniu na Essex House, e receio que possam incitar o conde a algum tipo de insurreição.”

“Talvez todos estejam indo muito ao teatro”, comenta a rainha, erguendo as sobrancelhas. “Não é mesmo, Pigmeu?”

Ao ouvir o apelido, a tensão se desfaz dentro dele. É como se estivesse sendo libertado do cadafalso no último momento. Ela está às gargalhadas com a própria piada. Cecil ri também. “Sim, estão exagerando no drama.”

Knollys continua sério, tenso como a corda de um arco, sem dúvida preocupado com o sobrinho desgarrado. “Se me permite uma... uma sugestão, Vossa Majestade.”

A rainha se vira para ele, ainda gargalhando, limpando os olhos com o dorso da mão e borrando a maquiagem branca, que mancha o vestido escuro. “Você tem razão; isso não é motivo para piada. Quantos homens estão reunidos por lá?”

“No mínimo duzentos.”

“Minha nossa”, ela diz, e o riso desaparece de seu rosto como se nunca tivesse estado lá — substituído não pela raiva, como Cecil esperava, mas por uma expressão de desolação. “E qual é sua sugestão, Knollys?”

“Pode ser interessante chamar o conde para se explicar pessoalmente a Vossa Majestade. E se eu fosse lá com mais um ou dois homens e o convencesse a vir?”

Ela se volta para Cecil em busca de uma opinião. Ele assente. “Acho que é a medida mais sensata no momento.” O ministro está tão acostumado a fingir que não tem nada contra o conde para preservar sua própria reputação que fica surpreso com o sentimento genuíno de que é preciso dar uma chance a ele. Seria perfeitamente compreensível que se opusesse à sugestão — afinal, a horda reunida na Essex House pode representar uma séria ameaça à rainha e à segurança da Inglaterra. Seu olhar é

atraído pela mancha branca no vestido de Elizabeth, que sente vontade de limpar com um pano molhado. Trata-se de uma grande oportunidade de derrubar seu grande rival, e o ministro não está aproveitando. “Isso pode amenizar a situação.” Seus pensamentos se voltam para a idade avançada da rainha e para a incerteza de seu futuro.

Cecil desconfiava que ao longo dos anos as cartas de amizade entre a Escócia e a Essex House continuaram sendo trocadas, mas nunca conseguiu pôr as mãos em uma, apesar de muito tentar. Todas as outras possibilidades — a infanta, a menina Stuart, Lord Beauchamp ou seu irmão — representam sérios problemas. Mas é o rei Jaime quem está em vantagem no jogo: tem o laço de sangue, dois filhos meninos, uma esposa em idade fértil e, acima de tudo, é homem — a Inglaterra está cansada de ter uma mulher no comando; o fato de Jaime não ter nascido em solo inglês se tornou uma questão menor diante de todos os benefícios. Se ele está do lado de Essex, então Cecil também deve estar, se quiser sobreviver ao próximo reinado. “Realmente acredito que o conde não pretende fazer nada contra Vossa Majestade.”

“Espero sinceramente que você esteja certo.” Ela respira fundo. “E Lady Rich, também está lá?”

“Está, sim, majestade”, informa Knollys. “E várias outras mulheres: a irmã dela, Lady Southampton e Lady Essex.”

A rainha esconde o rosto entre as mãos, como se estivesse exaurida. “Penelope e o irmão foram as pessoas que mais se aproximaram de ser como filhos para mim.” Cecil se surpreende por vê-la tão abalada. Normalmente não se comporta desse modo. “Mas a verdade incontornável é que foram gerados por aquela raposa.” Assim é melhor, ele pensa.

“Sei que eles amam Vossa Majestade”, garante Knollys, “e não querem lhe fazer mal.”

“Convoque uma reunião do conselho”, ordena a rainha, voltando a se revestir de autoridade. “Vejam o que *elas* têm a dizer sobre isso.”

Fevereiro de 1601
Essex House, Londres

A Essex House está em polvorosa. O único refúgio de Penelope contra a desordem são seus aposentos pessoais, mas mesmo naquele pequeno santuário, na companhia de Dorothy e Lizzie Vernon, é possível sentir a atmosfera de violência reprimida e a dissidência ao seu redor. Os apoiadores de seu irmão — os soldados espalhados pelo jardim, os homens reunidos no salão principal, os amigos próximos murmurando palavras acaloradas atrás de portas fechadas — estão todos em estado de alerta máximo, como um exército às vésperas da batalha.

“Como eu queria que ele tivesse aceitado o chamado da rainha ontem”, comenta Penelope. “Estou com um pressentimento terrível sobre isso.”

“Meu marido falou que Essex ficou com medo de ir ao palácio.” Lizzie não demonstrava mais o habitual bom humor. “Pensou que fosse uma armadilha, que acabaria preso.”

“É verdade”, confirma Dorothy. “Ele me disse isso.” Ela está tensa. Penelope nota pela primeira vez a passagem dos anos estampada em seu rosto — certa exaustão por trás da beleza —, e se pergunta se também parece assim aos olhos dos outros.

“Tentei convencê-lo do contrário”, afirma Penelope. “Mostrei uma carta que tio Knollys me mandou, com garantias de que a rainha permitiria que ele se explicasse. Até mesmo Cecil está disposto a resolver tudo...” Ela ia dizer “pacificamente”, mas não deseja se comprometer a esse ponto. “Ou pelo menos é o que diz nosso tio, mas Essex é desconfiado demais...” Penelope se interrompe para encarar a irmã. “Acho que não está em seu juízo perfeito. Há pessoas colocando ideias em sua cabeça.”

“Que pessoas?”, questiona Lizzie.

“Que ideias?”, pergunta Dorothy, ao mesmo tempo.

“Do tipo mais nefasto.” Penelope queria que Blount estivesse

presente, não apenas por estar morrendo de preocupação, mas também por necessitar muito dos seus conselhos no momento. Ele saberia o que fazer. “Ouvi Gorges e Cuffe conversando...”

“Quem são esses homens?”, interrompe Dorothy. “Eles não saem de perto de Robin. Até mesmo Meyrick parece se deixar influenciar por eles.” Ela bufa de irritação. “O que estavam dizendo?”

“Que a reivindicação de Essex ao trono é mais forte que a da infanta.” Penelope não pretendia revelar isso, por medo de jogar mais lenha na fogueira, mas a questão a incomoda há horas.

Dorothy solta um suspiro de susto e leva as duas mãos à boca.

“Está me dizendo que eles querem seu irmão no trono da Inglaterra?” A voz de Lizzie sai aguda pelo choque. “Mas isso é *alta traição*.”

“Ah, Lizzie.” Penelope pousa o cotovelo no braço da cadeira e apoia a testa na mão. O desespero começa a despontar dentro dela. “Tudo pode ser traição, se as pessoas assim quiserem, mas isso seria inquestionável.” Ela olha para a irmã, que parece estar se afogando, com a respiração acelerada e os olhos inquietos. “Uma reivindicação ao trono é bem diferente de uma tentativa de afastar as influências malignas do conselho da rainha e pressionar pela indicação de um sucessor.” Penelope tem ciência de que sua fala parece retirada de um roteiro. “Tudo o que sempre quisemos é a segurança da rainha e da Inglaterra.” Ela sabe que não está sendo totalmente sincera, pois o que deseja acima de tudo é a segurança dos Devereux.

“Mas se chegar até lá”, Lizzie aponta para o jardim abarrotado de gente do outro lado da janela, “a notícia de que o círculo mais próximo do conde anda especulando tais coisas...” Penelope fica pálida. O cachorrinho de Lizzie, deitado aos pés dela, parece sentir a atmosfera mudar e começa a choramingar e pedir colo.

“Seria um impulso impossível de deter”, conclui Dorothy, com as mãos levemente trêmulas.

“Talvez já seja tarde demais.” Penelope fecha os olhos e pensa em Blount, direcionando a ele uma mensagem silenciosa de

amor. Quando seu amante foi embora, era pela vida *dele* que ela temia, e agora não sabe nem se a sua está garantida até o fim da semana. “Mas vou tentar falar com eles mesmo assim” — ela pensa em Gorges, com seus olhos próximos demais, no rosto indistinto de Cuffe e em Meyrick, seduzido pelas palavras dos outros dois —, “fazê-los entender o perigo a que estão expondo Essex com suas ideias sediciosas.” Penelope se arrepende de não ter puxado os dois de canto ao ouvir a conversa, de não tê-los repreendido. “Não devem ser os únicos a pensar assim, mas não posso ficar aqui sem fazer nada.”

“Cuffe e Gorges não estão aqui”, avisa Dorothy.

“E onde estão?”

“Não sei, estavam falando em ir visitar um dramaturgo com Meyrick e mais alguns outros. Querem que ele encene uma peça hoje à noite. Nada de mais.”

“Que dramaturgo?”, pergunta Penelope. Os cabelos de sua nuca se arrepiam.

“Não disseram o nome.”

Um poço de medo se abre dentro dela. “Mencionaram alguma peça específica?”

“Sim.” Dorothy faz uma pausa. “A vida e a morte de não sei qual rei.”

“Pelo amor de Deus, Dot, não pode ser mais específica?”, esbraveja Penelope, arrependendo-se da demonstração de impaciência, pois a irmã reage como se tivesse levado um tapa no rosto.

“Você me conhece. Não costumo me lembrar desse tipo de coisa. Por que isso é tão importante, aliás?”

“Era Ricardo II?”, sugere Penelope, com um tom mais suave.

“Talvez. Qual era Ricardo II mesmo? O que foi deposto?” Ela olha para Penelope. “Que foi? Qual é o problema?” Os olhos dela se arregalam de medo.

“Escutem, acho melhor vocês irem embora daqui. Vão para casa, ficar com seus filhos. Eu aviso seu marido, Lizzie.”

“O que foi?”, Lizzie pergunta. “Você está me deixando

assustada. O que tem nessa peça para deixá-la desse jeito?”

“Fala sobre um rei fraco e sem herdeiros que é deposto por um pretendente mais forte e amado pelo povo.”

“Ah!” Penelope nota que a irmã e a prima se dão conta ao mesmo tempo do que ela está falando. Dorothy segura a mão de Lizzie com tanta força que seus tendões saltam.

“Não há motivo para alarme. Só acho que seria...” Penelope quase diz “mais seguro”, porém se interrompe. “Acho que seria melhor se vocês estivessem em casa.”

“Mas *você* também não deveria ir para casa?”, questiona Dorothy.

Penelope pensa em seus filhos, contente por estarem em segurança em Essex, com Rich. Ela se dá conta de que a partida do marido no dia anterior não se deveu, como ele disse, a um problema com um arrendatário que precisava resolver; estava abandonando um barco fadado a afundar. E nem ao menos tentou convencê-la a ir junto. Penelope se pergunta por que foi deixada para trás dessa maneira.

“Eu não poderia abandonar Robin. É um momento complicado. Se puder limitar os estragos...”

“Também sou irmã dele”, insiste Dorothy.

“Deixe isso comigo. Vá ficar com nossa mãe. Ela deve estar louca de preocupação.”

Dorothy solta um suspiro baixo. “Se é assim que *você* quer.”

O rosto de Lizzie se contorce. Seus olhos se enchem de lágrimas. Dorothy a abraça e começa a embalá-la de leve. Penelope só observa, com a cabeça a mil, planejando o que precisa ser feito.

“Vão logo, antes que seja tarde”, ela diz quando Lizzie para de chorar.

“E quanto a Frances?”, questiona Dorothy.

“Acredito que ela vá fazer questão de ficar ao lado de Robin.” Ela vinha se revelando uma surpresa ultimamente. A mulher tímida como uma ratinha havia encontrado a coragem dentro de si. Penelope se lembra das palavras dela no funeral de Sidney:

Era você que ele amava. Não era o discurso de uma criatura temerosa; o estoicismo sempre estivera presente; na verdade, talvez fosse o que Sidney admirava. Ela nunca pensara nisso antes, sempre acreditou que ele se casara por lealdade ao sogro; o ciúme devia ter deturpado sua percepção.

As duas mulheres arrumam as coisas em silêncio. Lizzie apanha o cachorrinho e caminha até a porta, estendendo a mão para Dorothy. Penelope sorri e manda um beijo para elas, tentando minimizar a situação, então vai até a janela, contente por tê-las afastado do perigo, mas desejando não estar tão sozinha — até Fides está no campo com as crianças. Ela espia o jardim, onde um homem está de pé em um caixote, falando com um grupo reunido ao redor. É impossível ouvir o que é dito, mas, a julgar pelo punho fechado golpeando o ar, trata-se de um discurso exaltado. Sua mente não para de procurar uma maneira de deter aquele entusiasmo mal direcionado.

Sem se preocupar em vestir a capa, ela deixa o quarto e vai atrás do irmão. Encontra Anthony Bacon sozinho nos aposentos privativos de Essex. Ele está pálido, com os olhos amarelados. Parece sentir dores terríveis e faz caretas toda vez que troca de posição.

“Você não está nada bem, Anthony”, ela comenta, assinalando o óbvio.

“Essa é minha última preocupação no momento.”

“Alguma notícia do conde de Mar? Talvez seja possível pelo menos tentar convencê-los a aguardar até a chegada do conde. Quando ele falar a favor de meu irmão para a rainha, as coisas podem mudar de figura. Afinal de contas, é um emissário do rei Jaime.”

“Tenho garantias de que ele está a caminho, mas acho que ainda não cruzou a fronteira. Sua comitiva se desloca devagar. Vai demorar uns bons dez dias...” Ele encara Penelope como se ela tivesse uma solução para a situação. “Infelizmente não dispomos de tanto tempo assim.”

“É verdade, não conseguiremos segurar por tanto tempo.” Ela

estremece, sentindo falta da capa para aplacar o frio, e vai se sentar em um banquinho perto do fogo. “O que sabe a respeito da peça?”

“Ah!” Anthony suspira. “Eles tramaram tudo em segredo. Foi ideia de Cuffe, que conseguiu um bom número de apoiadores, incluindo Meyrick e o tal Gorges. Seu irmão não fez nada para impedir, parece ter mergulhado em uma espécie de...” Ele a encara outra vez, franzindo os lábios para não dizer o que sente vontade.

“De loucura”, Penelope complementa. “Pode falar. É o que todos estão pensando.”

“É como uma crise *maníaca*.”

“Sim... Ele alterna entre isso e a inércia completa. Em qualquer um dos dois estados, é impossível dialogar.”

“Gostaria que Blount estivesse aqui”, Anthony comenta. “Essex sempre o escuta.”

“Você não é o único.” É impossível esconder a resignação em seu tom de voz. O distanciamento que sente do amado é tão grande que parece que ele está em outro planeta. Penelope tenta pensar na imagem da bússola citada por Blount, mas isso não lhe traz nenhum consolo. “Então... sobre a peça...”

“Eles pretendem pagar à companhia quarenta xelins para encená-la hoje à noite. Tentei impedir.”

“Quarenta xelins? Deus do céu! Isso equivale ao pagamento por uma semana de trabalho.”

“Imagino que o trato já esteja feito a esta altura e que a notícia esteja se espalhando. Querem angariar mais apoio a seu irmão assim. Deixar Londres pronta para a ação.”

Nenhum dos dois precisa dizer que ação é essa. Depois de tantos anos negociando o futuro dos Devereux, ela jamais pensou que a situação fosse chegar a isso.

“Acha mesmo que Cecil tentou pôr a infanta na linha sucessória, como meu tio Knollys diz ter ouvido?”

“Parece loucura defender alguém da fé católica no trono”, ele responde. “Mas acredito que Cecil pode ter visto algum

benefício político no fato.”

Eles ouvem gritos nos degraus do lado de fora, então Essex entra com Southampton. Os dois estão vermelhos e exaltados, andando de um lado para o outro do cômodo. Essex esbraveja, tragando furiosamente o cachimbo apagado. “Vamos arrancar Cecil de lá, pela força, se for preciso, e os outros também. Aquele homem parece ignorar o povo passando fome nas ruas. Insiste em suas políticas malignas. Vou resgatá-la dele.” Os olhos do conde parecem enlouquecidos. “Todos que me querem morto: Cecil, Raleigh... e os demais...”

“Robin”, diz Penelope, ficando de pé para abraçá-lo.

Ele se desvencilha de seu toque. “Você não entende.” Uma nuvem de saliva atinge seu rosto. “*Nunca* precisou brandir uma espada ou lutar pela própria vida. Pensa que tem solução para tudo, mas é só uma *mulher*.”

Ela precisa se segurar para moderar o tom e não dar uma resposta furiosa. “Existem maneiras pacíficas de conseguir o que se quer.”

“Você está parecendo *Cecil* agora.” Ele arremessa o cachimbo para o outro lado do cômodo. “É impossível conseguir alguma coisa com aquela criatura maldita.”

“Isso é loucura, Robin. Não pode pelo menos esperar pela chegada do conde de Mar?”

“Ela está certa”, aponta Anthony.

“Verdade, ela tem razão”, concorda Southampton. Essex o agarra pelos ombros e encosta a testa contra a dele, com um rosnado.

“Agora você também! Está com medo, é?”

Southampton afasta o amigo. “Medo, não! Estou ao seu lado, vou até o fim com você. Mas sua irmã tem sabedoria para dar e vender.”

“Minha astuta irmã...” Essex começa a esbravejar outra vez, usando palavras quase incompreensíveis. Southampton tenta acalmá-lo, e no fim consegue arrastá-lo para o quarto sob o pretexto de buscar mais tabaco. Parece ter regredido à infância,

perdendo todo o controle sobre si mesmo.

Depois de um instante de silêncio, Anthony se ajeita com um grunhido. “Acho que chegamos a um ponto em que precisamos angariar todo o apoio possível de nobres respeitáveis.”

“Vou fazer o que puder. Cecil tem inimigos suficientes para recrutarmos um exército.” Ela solta uma risada maliciosa. “Deixe comigo.”

Fevereiro de 1601

Whitehall

“É só uma peça”, diz uma das damas da rainha, “não há motivo para preocupação.”

A rainha ergue a beirada da peruca para coçar a cabeça com o dedo comprido. “Você não entende, *eu* sou Ricardo II.” Ela se vira para Cecil e pergunta: “Tem certeza de que a cena da deposição não foi cortada?”.

“Absoluta, majestade”, ele responde, procurando a melhor maneira de conduzir a conversa. Uma fonte confiável afirma que a encenação foi paga por alguém da facção de Essex.

A rainha solta um suspiro de frustração e arranca a peruca. “Essa coisa!”, ela diz, arremessando-a ao chão e coçando o couro cabeludo com as duas mãos. O único som ouvido no recinto é o de alfinetes se espalhando e algumas pérolas rolando pelo piso. Há um momento de paralisia. Ninguém sabe como reagir. Então uma mulher se agacha e começa a recolher as pérolas. Uma dama sai em seu encalço, apanhando a peça e os alfinetes, e recolocando um a um. Ela fica em pé com o adereço na mão, à espera de uma ordem. A rainha ergue a cabeça. Cecil nunca a viu descoberta, e fica surpreso ao descobrir que os cabelos são quase todos brancos, mas então se lembra de que Elizabeth tem quase setenta anos. “Quero uma touca simples. Não aguento mais tanto desconforto”, ela diz para a jovem.

Quando a dama se retira, a rainha pede para que Cecil se aproxime e murmura: “Não sei o que fazer”. Ele fica chocado ao vê-la tão perdida. “Se ao menos seu pai estivesse aqui...”

Cecil interpreta isso como uma crítica, uma insinuação de que ele não está à altura do cargo. “Eu também gostaria disso”, o ministro responde, surpreendendo a si mesmo com a própria franqueza. Ela está com os olhos cravados nele, à espera de uma resposta. “Mande Knollys até lá. Peça que convença o conde a vir tratar com Vossa Majestade.” Está pensando no rei da

Escócia, com quem nunca conseguiria estabelecer laços sem a ajuda dele.

“Essex já recusou meu chamado duas vezes”, ela murmura. “Acha que ele pode estar doente, como afirmou?”

“Não, Vossa Majestade; acho que está com medo.”

Ela fica confusa ao ouvir essa resposta, ajeitando-se no trono com uma expressão intrigada. Talvez pense que seu conde é incapaz de sentir medo, ainda mais dela; talvez não se dê conta de que todos a temem. Cecil tenta imaginar como seria estar na pele de Elizabeth; como é a sensação de ter todos pisando em ovos em sua presença, mas sem perceber o medo que provoca. Isso o faz pensar no quanto as pessoas podem se entrincheirar depois de certa idade a partir de uma idealização que fazem dos outros. É como se ela tivesse uma versão toda própria de Essex dentro da cabeça, irreconhecível para qualquer outro.

“Organize tudo, Cecil. Mande Knollys, mas não sozinho. Traga Essex até mim, para se explicar pessoalmente.”

Quando ele faz menção de sair, ela o chama de volta. “Mas fique aqui comigo, Pigmeu.” Ela acrescenta baixinho: “Preciso de você”.

A satisfação aflora dentro de Cecil, e por um instante ele se sente aquilo que todos o consideram: o homem mais poderoso da Inglaterra. Mas a sensação é desfigurada pela percepção de que aquelas palavras, aguardadas durante duas décadas, chegam tarde demais: estão todos olhando para o futuro, e Elizabeth representa o passado.

Fevereiro de 1601
Essex House, Londres

Acaba de amanhecer, e de sua cama Penelope já escuta os homens gritando no jardim, um som áspero e brutal que a enche de medo. Os acontecimentos ganharam corpo. Não é mais possível esperar pela chegada do conde de Mar da Escócia; é tarde demais para isso. Ela estava presente quando a coordenação das forças armadas foi discutida na noite anterior. O círculo mais próximo de seu irmão se reuniu em torno da mesa no salão principal; um bom número de nobres se juntara a suas fileiras depois de um exercício cuidadoso de persuasão. Estavam todos exaltados, e Penelope não conseguiu demovê-los da ideia de partir para o confronto; ninguém quis saber de ouvir a voz da razão. Southampton riu abertamente da sugestão de que Essex aceitasse o chamado da rainha; apenas Anthony Bacon concordou com Penelope, mas ficou com a cabeça escondida entre as mãos durante a maior parte da conversa.

“É uma armadilha. Ele vai ser morto ou no mínimo preso se chegar perto daquele lugar”, Southampton dissera, pronunciando as palavras como se ela fosse uma criança e ele, o professor.

Houve discordância sobre o que fazer primeiro: marchar rumo à corte e recrutar apoiadores pela cidade ou invadir a Torre e capturar seu arsenal. Southampton e Gorges quase chegaram às vias de fato. Essex falou pouquíssimo, ficou apenas sentado à cabeceira da mesa com uma expressão quase indiferente, resmungando sobre confiança e tendo sobressaltos ao menor ruído. Ela fez um gesto para que fosse se deitar.

“Para ser assassinado na própria cama?”, ele retrucou em alto e bom tom. Nesse momento, mais pela expressão no olhar do que pelas palavras, Penelope percebeu que seu irmão estava à beira da insanidade.

Ela tentou sugerir uma fuga, imaginando que a única maneira

de impedir uma rebelião — que era o que aquilo tinha se tornado, um monstro que se voltava contra eles — era tirar seu irmão do país. Foi repreendida aos berros. Não havia sinal de acordo, e os ânimos estavam exaltados. Quando um mensageiro chegou da corte com mais um chamado da rainha e foi dispensado com um argumento de que a saúde do conde não permitiria tal deslocamento, Penelope tentou mais uma vez fazer seu irmão criar juízo e ir se explicar pessoalmente no palácio.

“Eles não querem me ouvir. Aquele conselho demoníaco quer me silenciar de uma vez por todas”, disse Essex.

Mais tarde, na cama, Penelope pensou que, enquanto não concordassem sobre a melhor atitude a tomar, ninguém faria nada. Não muito convencida disso, mal conseguiu dormir, sentindo uma saudade terrível de Blount e buscando consolo fantasiando que estava em Wanstead com ele e os filhos, em um dia qualquer, sem nada de extraordinário. Eles andariam a cavalo, contariam os cordeiros recém-nascidos e veriam as flores desabrochando. Quando voltassem, jogariam cartas e todos se juntariam para ouvir música; ela cantaria e seus filhos iam acompanhá-la nos instrumentos. Depois iriam todos para a cama, e ela poderia se perder nos braços do amante, em uma vida comum.

Penelope tentou se lembrar do abraço de Blount, do cheiro dele — de sálvia espremida entre o polegar e o indicador —, da maneira como a tocava, da pele dele contra a sua, mas não conseguiu evocar nenhuma recordação mais concreta e chegou a se perguntar se ele não existira apenas em sua mente. Por mais que tentasse, não conseguia manter os pensamentos voltados para coisas felizes, pois ainda escutava o rebuliço dos homens no jardim, conversando e armando complôs envolvendo seu irmão. Ela acendeu uma vela e releu as cartas de Blount, embora as soubesse de cor, tentando se alentar com aquelas palavras. Quando o sono veio, foi inquieto e leve demais para proporcionar algum descanso.

Com o amanhecer, a reunião no salão principal é retomada, e eles voltam à discussão acalorada sobre tomar a corte de assalto ou recrutar homens em Londres — há um sujeito chamado Smyth na cidade que pode reunir mil homens armados para a causa, pelas estimativas de Gorges. Com aqueles olhos inquietantes, Ferdinando Gorges parece ter arrebatado a todos com seu carisma.

Que causa é essa Penelope não sabe ao certo, pois existem aqueles que querem se livrar apenas dos membros maléficos do conselho da rainha, enquanto outros... Ela se recusa a concluir o pensamento. O fervor e a aparente urgência de Gorges em começar uma luta armada é motivo de grande preocupação.

Penelope puxa Meyrick para um canto e pergunta: “Gorges é mesmo de confiança?”.

“Eu não me preocuparia com isso. Ele lutou ao lado de seu irmão na França... e com bravura.”

“Tem certeza disso?”

Meyrick pousa a mão grande e tranquilizadora em seu antebraço. “Absoluta.” Ela permite que suas desconfianças em relação a Gorges se dissipem, lembrando os anos de lealdade de Meyrick aos Devereux e sua capacidade incomum de detectar intenções escusas. Os dois observam em silêncio quando Gorges e Southampton mais uma vez batem de frente.

Southampton chama o outro de “espírito de porco”, jogando a cabeleira para o lado e acrescentando: “Vamos marchar para a corte, para pegá-los de surpresa”.

“Não estamos em número suficiente para isso. Temos mil homens à nossa espera na cidade, e se pretende desperdiçar essa oportunidade é mais tolo do que eu pensava.” Southampton leva a mão à espada, o que faz Gorges estufar o peito e se posicionar a um palmo do conde. Pela primeira vez, Penelope nota que o gibão de Gorges está puído nos cotovelos, ao contrário do traje cor de damasco de Southampton, que é impecável. Meyrick tenta afastar Gorges, mas Southampton o segura pelo pescoço, rasgando o gibão gasto no colarinho.

“Ainda me chama de tolo, seu infame?”, dispara Southampton. “Acha que pode recrutar uma força de mil homens do nada? Você, um *ninguém*...”

Essex mal se move; só observa, atordoado.

Penelope deixa o recinto e se encaminha para as escadas, buscando alguém a quem recorrer: Lettice — Essex talvez ouça a própria mãe. Ela afasta esse pensamento, dando-se conta de que Lettice está à espera de um momento como esse faz anos, tendo criado os filhos justamente para isso. Ela vai se sentir vingada se Essex for bem-sucedido no golpe. Penelope nunca pensou mal da mãe, e espera que seja em virtude da falta de sono e da preocupação incessante — e não da amargura em seu coração — que sua mente foi infectada pela deslealdade.

Penelope procura Frances e a encontra rezando no quarto. Fica parada na porta, olhando. Sua cunhada está de olhos fechados, movendo a boca em silêncio e balançando a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse em transe. Ela se surpreende invejando a intensidade de suas súplicas. Sua fé anda esgarçada como o gibão de Gorges, e não consegue pensar em outra maneira de falar com Deus a não ser agradecendo pela saúde dos filhos. Mesmo essa gratidão também está por um fio.

Frances abre os olhos, fica de pé e se vira para ela. “Ele falou com você? Não consigo fazê-lo criar juízo.”

Penelope não sabe o que dizer. Faz que não com a cabeça e encolhe os ombros de leve.

“Pois é”, diz Frances. “Ele parece possuído.”

“Quer ir embora? Ficar com sua mãe e seus filhos em Barn Elms? Pode ir de barca.” Penelope vai até a janela, de onde é possível ter uma boa visão da Strand. Londres parece seguir a rotina de sempre: duas mulheres de chapéu empurram uma carroça, um menino chuta uma bola contra uma parede produzindo um *pof, pof, pof* ritmado, os sinos da igreja convocam os fiéis para as rezas matinais. O céu está aberto e claro. É um dia bonito demais para uma rebelião.

“Vou ficar”, anuncia Frances. “Ele não sabe, mas precisa de

mim, de nós duas.” Penelope percebe então a dimensão do estoicismo de Frances. A aparente ansiedade da cunhada esconde uma lealdade sólida e firmemente enraizada.

“Você o ama de verdade, não?”

Ela assente com um leve sorriso.

“Está preparada para a morte?” Penelope não sabe por que perguntou isso, mas imediatamente percebe que a atmosfera está mais pesada. Examina os potenciais desdobramentos daquele dia, e nenhum deles é positivo.

“Estou.” Os olhos de Frances se voltam para cima, como se ela estivesse evocando Deus.

Penelope se distrai com uma pequena procissão de cavaleiros e uma carruagem que atravessam a Strand, vindos da direção de Whitehall. Ela observa quando param diante do portão. Um pajem, vestido com o uniforme do palácio, desce da cela, e por um instante ela chega a acreditar que a rainha veio tratar em pessoa com Essex, mas imediatamente se dá conta da tolice de tal pensamento. A rainha não visitaria um conde que caiu em desgraça, embora Penelope se lembre bem da vez em que fez isso. Elizabeth fora levar um remédio quando Essex estava doente e o administrara ela mesma. Isso no tempo em que ele parecia estar sempre certo aos olhos da rainha, quando seus banimentos não duravam muito.

Frances se junta a Penelope na janela e pergunta: “Aquele não é seu tio?”.

Ela se aproxima do vidro e sente o toque gelado na pele do rosto. Knollys está descendo da carruagem, seguido por três outros homens: o lorde carcereiro, o ministro da justiça e Worcester, um amigo da família. O ânimo de Penelope se eleva um pouco ao ver uma delegação tão promissora.

Certamente não estão lá para prender ninguém — há vários criados entre eles, mas nenhum guarda. As mulheres trocam sorrisos esperançosos enquanto observam a aproximação do quarteto. Diante do portão principal foi erguida uma barricada, onde homens armados com mosquetes vigiam a entrada. Eles

gritam que ninguém pode ser admitido sem a permissão do conde — Penelope consegue ouvir claramente de onde está. Knollys, que conhece bem a casa, conduz a comitiva até a entrada leste da propriedade. Penelope e Frances se dirigem ao cômodo adjacente, de onde é possível ver o portão lateral.

Não há barricada lá, apenas um dos capitães de seu irmão instruindo um grupo de homens, aparentemente desarmado. Penelope abre a janela e grita: “São nossos amigos, pessoas da família. Deixe-os entrar”. A esperança se acende dentro dela. O capitão recebe a delegação, mas barra os criados, com exceção de um pajem, cerrando o portão com um gesto firme e deixando-os do lado de fora com os cavalos. A cadela de Essex vai recepcionar Knollys, saudando-o de forma efusiva, e os homens no jardim, em número cada vez maior, cercam o quarteto em uma postura hostil. Eles começam a se aglomerar e berrar. Penelope abre a janela para tentar ouvir o que seu tio está dizendo, mas a aglomeração é grande, o que torna impossível escutar qualquer coisa em meio à confusão.

A pequena delegação se dirige à porta lateral. As duas mulheres correm para as escadas e veem o grupo ser anunciado e conduzido ao salão principal. Momentos depois, Essex aparece com Southampton e vários outros, conduzindo os visitantes por um lance de escadas e depois pela galeria.

“Estão indo para o escritório?”, sugere Frances.

“Acho que sim”, responde Penelope. Suas esperanças renascem. “Vou para lá.” Ela desce dois degraus de cada vez e entra na galeria, onde a luz do sol se projeta no chão seguindo o padrão xadrez das janelas. Quando se aproxima do escritório, é dominada pela lembrança súbita de ter tomado aquele mesmo caminho anos antes na escuridão, na noite em que Sidney a esperava naquele mesmo cômodo, que era usado como sala de música quando a casa era de Leicester. Penelope se pergunta se sua vida seria diferente caso tivesse se entregado a ele naquela noite, se seu destino seria outro.

Seu irmão aparece na porta com Southampton, mal se dando

conta de sua presença. Meyrick e outro homem, com mosquetes pendurados nos ombros de forma despreocupada, como se fossem sacolas, saem também, e a porta é batida. Eles se posicionam um de cada lado da entrada, e Meyrick aproxima a arma do corpo, segurando-a com as duas mãos. Southampton vira a chave e a entrega para Essex, que a confia a Meyrick. Penelope tenta chamar a atenção de Meyrick, mas ele nem olha em sua direção. Sua esperança se desfaz como uma bolha de sabão. Isso não está certo. Ela escuta seu tio gritar lá de dentro: “Pelo amor de Deus, Essex, não faça nada de que vá se arrepender!”.

Ela se vira para seu irmão, que vem andando ao seu encontro. “O que você fez?”

A voz desesperada de Knollys soa lá dentro outra vez. “Não vou conseguir ajudá-lo desta vez.”

Essex tenta passar direto por Penelope, sem nem ao menos olhá-la, mas ela o agarra pela manga e o empurra contra a parede, surpresa com a própria força nos braços. “Espero que saiba o que está fazendo.”

“Eles pensam que vou segui-los até o palácio como um cachorrinho” — ele aponta para a porta várias vezes —, “onde Cecil, seus capangas e aquele demônio do Raleigh vão estar à espera para acabar comigo. Não duraria cinco minutos naquele lugar.” Ele está ofegante, com as mãos trêmulas, e revira os olhos como se fosse um lunático.

“É tio Knollys quem está lá dentro.” Ela aponta para a porta trancada. “Ele não faria nenhum mal a você. Nem Worcester, que é nosso amigo. Só estão tentando ajudar...”

“O que você parece esquecer” — Essex está com o rosto próximo ao seu, mas nem assim a encara — “é que o lorde carcereiro foi quem me manteve preso na York House por vários meses, e quanto a Popham...”

Penelope concorda silenciosamente que Lord Popham, o ministro da justiça, nunca foi amigo dos Devereux.

Southampton está logo atrás dela. Penelope se vira para ele

com uma expressão de interrogação no rosto, mas obtém apenas uma leve encolhida de ombros como resposta. “Só estou cumprindo as ordens do conde.”

“Se você fosse amigo dele de verdade, veria que...” Ela não termina a frase, pois ninguém está ouvindo. Então se limita a dizer ao irmão: “Isso foi longe demais. Agora não pode voltar atrás. Meu único conselho é que crie coragem e faça as coisas como deve.” Penelope mal consegue reconhecer a si mesma.

Ele se desvencilha de seus braços e leva dois dedos à boca, assobiando alto. A outra mão está no cabo da espada. Passos apressados são ouvidos na escada, e um pajem aparece.

“Pegue nossas armaduras e minha adaga de dois gumes, aquela bem fina”, Essex ordena ao rapaz. “E o mosquete, você sabe qual é. Escolha uma arma para você também.” A voz dele soa calma e tranquila, como se estivesse encomendando carnes para um banquete. O menino empalidece de leve. Talvez esteja se imaginando no meio de uma batalha de homens adultos.

Essex acaricia o cabo da espada como se fosse a mão de uma mulher. “Não use essa”, pede Penelope, apontando para a arma. “Deixe a espada de Sidney fora disso.”

Essex dá risada, parecendo totalmente controlado, nem um pouco enlouquecido. “Vocês mulheres são tão sentimentais.” Ele desabotoa o cinturão e entrega o conjunto inteiro — cinta, espada e bainha — em sua mão. Não é tão pesado quanto ela esperava, como a espada de cavaleiro que empunhou no teatro certa vez. Não, aquela arma é leve e ágil, uma obra de arte de grande beleza. “Vamos levar todos os homens. De quantos dispomos? Duzentos, trezentos?”

Southampton confirma com a cabeça. “Os galeses ainda não chegaram. Não é melhor esperá-los?”

“Não há tempo para isso. Diga para todos se prepararem para marchar sobre Londres imediatamente. Vamos recrutar o destacamento de mil homens prometido por Gorges. Outros hão de se juntar a nós.”

“Pelo menos você tomou uma decisão”, comenta Penelope,

incapaz de moderar a língua. “Infelizmente, a errada. Se tivesse algum juízo, marcharia para a corte durante uma reunião do conselho. Pegaria todos de surpresa antes que estivessem preparados — Cecil, Grey, Cobham, Raleigh —, pegaria todos de um golpe só.” Ela olha para Southampton em busca de apoio, mas o homem desvia o olhar.

Essex a encara com uma expressão contrariada. “O que você sabe sobre essas coisas?”

Ela é deixada sozinha na galeria, com a espada na mão. Sem pensar, afivela o cinturão em si mesma, sentindo-se como Atena ou outra guerreira mitológica. Passa o dedo sobre o cabo da arma, acariciando as iniciais de Philip Sidney gravadas, desfrutando do reverberar metálico quando saca a espada da bainha, atacando um inimigo imaginário e fazendo a lâmina cortar o ar com um assobio. A arma sussurra um alerta em seu ouvido.

Fevereiro de 1601

Whitehall

“A delegação está sendo mantida na Essex House”, informa Cecil, lendo um bilhete que lhe foi entregue por um de seus criados.

“À força?”, pergunta a rainha. “Eles foram feitos reféns?”

“Creio que sim. Essex está liderando uma expedição pela cidade para recrutar tropas.” Cecil está com medo. Sente uma pontada no estômago como se tivesse engolido um caco de vidro, que agora lacera seu estômago. Ele tenta expulsar da cabeça as imagens de Essex e seus homens caçando-o pelos corredores do palácio, encurralando-o, brutalizando-o. Sente o contato das botas dele contra seu crânio, o chão sob seu corpo enquanto é arrastado; ouve o estalar de seus ossos quando é jogado no fundo de uma barca para ser conduzido à Torre.

Um clamor de vozes se ergue quando todos os membros do conselho tentam se fazer ouvir ao mesmo tempo. A rainha bate na mesa com o livro de registros do escrivão. Todos os olhos se voltam para ela. Elizabeth não demonstra nada do que possa estar passando em sua cabeça.

Ela aponta para Cobham. “Você primeiro. Que informações apurou?”

“Ouvi dizer que o conde tem mil homens à disposição na cidade.”

“Duvido que ele consiga reunir um número desses”, retruca Raleigh, que parece despreocupado, limpando as unhas com um palito de dente.

“Ele é mais amado pelo povo do que...”, começa Cobham.

“Do que *nós*”, a rainha completa. “Era isso que você ia dizer?” Ela parece menos abalada pelo medo de perder a vida do que com a indignidade de ser menos popular que Essex.

Cobham gagueja, todo vermelho, que ninguém é mais amado que ela.

“Mesmo assim”, diz Cecil, “precisamos garantir a segurança de Vossa Majestade.” Ele não consegue tirar os mil homens da cabeça. Devem estar se aproximando do palácio, brandindo as armas, sedentos de sangue. “Este palácio não é fortificado.” A rainha o encara como um idiota que diz uma obviedade. Ele se senta sobre as mãos para não mostrar que estão trêmulas.

O lorde almirante sugere mandar a rainha de barca com um destacamento de guardas para o castelo de Windsor. “Não temos como igualar o número de homens reunido pelo conde em tão curto prazo.”

Outro sugere Hampton Court, “pois eles não vão pensar em procurar por lá”. Um burburinho começa em meio à discussão sobre o melhor lugar para garantir a proteção dela. Cecil precisa se segurar para não se oferecer para acompanhá-la, mas ainda tem a esperança de que vá querê-lo ao seu lado.

“Já chega!”, diz a rainha. “Não vamos fugir para Windsor nem lugar nenhum. Vamos ficar aqui, onde é nosso lugar. Já enfrentamos situações piores que esta.”

Há um instante de silêncio. Cecil se pergunta se todos estariam pensando, como ele, que na verdade a rainha nunca enfrentou situação pior que esta. Houve tentativas de assassinato, algumas bem próximas de bem-sucedidas, mas nunca um exército rebelado marchando para a corte a fim de destroná-la. Ele está fazendo de tudo para não pensar só em si, tentando juntar alguns fiapos de coragem para enfrentar o que quer que esteja a caminho.

“Mande Cumberland com um destacamento de tropas, os homens mais calejados que tivermos.” Ela está falando diretamente com Raleigh. “Encurrele o conde nas muralhas da cidade. E mande alguns emissários às ruas para espalhar a notícia de que quem se render vai ser perdoado.” A rainha afunda na cadeira. “Deixe a guarda do palácio em alerta máximo.” Ela se interrompe, olhando sem nenhuma expressão para os conselheiros reunidos. “Vamos nos reunir de novo em uma hora.”

Raleigh é o primeiro a se levantar, gritando ordens para seu imediato, que o espera do lado de fora. Os outros saem em seguida, agitados, procurando seus pajens, pedindo suas armas e armaduras. Cecil se pega rezando em silêncio.

“Um joguinho de cartas, Pigmeu?”, sugere a rainha. Ele deve tê-la encarado boquiaberto, pois ela acrescenta: “Está dormindo?”.

“Cartas?”

“Sim, imagino que tirar de você essas joias que estou vendo em seu gibão pode ser uma boa distração para a...” Ela faz uma pausa, procurando pela palavra certa, Cecil presume, e então acrescenta: “Ansiedade”. A rainha chama um pajem e pede um baralho.

Cecil repreende silenciosamente a si mesmo pela falta de altivez, que contrasta de forma aguda com a aparente indiferença da rainha diante de um perigo tão grave. Por mais que tente afastar os pensamentos sinistros, continua especulando a respeito de todas as consequências desastrosas possíveis, revivendo os momentos de tensão (de pormenorizações exaustivas) gerados pela carta ao embaixador da Espanha. Se a rainha tivesse ficado sabendo, ele não estaria ao seu lado agora, prestes a perder coisas valiosas para ela no jogo, reflete.

“Deus me colocou no trono contra todas as probabilidades, e vai garantir minha permanência, caso assim deseje.” Os olhos dela se voltam para o teto. Elizabeth estala os dedos, pedindo um prato de doces para um pajem, e volta a se concentrar nas cartas, como se fosse a única coisa digna de sua atenção no momento.

O pajem traz os doces; a rainha põe um na boca e lambe o açúcar dos lábios com a língua ágil. “Pegue um, Pigmeu. Estão uma delícia.” Ela empurra o prato em sua direção. Cecil se serve, apenas por educação. O doce gruda no céu da boca, e a doçura extrema faz piorar uma dor de dente que já o incomoda há um tempo.

O ministro põe seu jogo na mesa: uma coleção lamentável de pares de três e quatros. Ela revela uma sequência de copas — dez, valete, dama e rei. “Espero que não esteja me deixando ganhar. Eu não ia gostar nada disso.”

Ele sacode a cabeça, com a boca cheia demais da massa grudenta para falar como se deve. Ela pega a dama de copas e mostra para Cecil. “Onde está Lady Rich? Ainda na Essex House?”

“Acredito que sim, Vossa Majestade.”

Ela faz uma careta quase imperceptível, como se tivesse levado uma ferroadada de vespa, mas não quisesse revelar a dor.

Fevereiro de 1601
Essex House, Londres

Penelope ainda escuta o eco dos berros de seu irmão pela Strand quando saiu às ruas da cidade. “Pela rainha! Pela rainha! Um complô foi armado contra minha vida!” Um alarido não muito convicto se ergueu em resposta, nada como as grandes manifestações de apoio que ele ouvia no passado. Ela ficou à espera do coro de *Essex, Essex, Essex*, que não veio. Penelope faz uma prece silenciosa de agradecimento pelos mil homens de Gorges. Em sua mente a multidão se transforma em um milagre bíblico — uma horda surgida do nada. Ela roga para que Deus esteja do lado deles, embora não possa ter certeza disso.

Sem saber o que fazer, Penelope se dirige à capela, onde encontra Frances ajoelhada. A cunhada ergue os olhos quando ela entra; seus olhares se encontram, e elas trocam acenos de pêsames como se estivessem em um funeral. Penelope se ajoelha ao seu lado e, juntando as palmas, abre seu coração, implorando a Deus para que salve seu irmão, para que salve todos eles. Pede por um sinal, mas nada acontece; não há um raio de luz entrando pela janela nem um estouro de trovão, nada — apenas um dos guardas de seu irmão entrando e se colocando de pé atrás das duas, então limpando a garganta para chamar sua atenção.

Penelope se vira para olhá-lo e fica impressionada com a juventude do rapaz — quantos anos teria: treze, talvez catorze? Carrega um mosquete maior que ele próprio, e nesse momento é impossível não pensar em seus próprios filhos e no jovem Robert, que vai herdar todo aquele imbróglio e se sentir grata por estarem longe. Mas quem vai ajudar *esse* menino se o pior acontecer? Ela sente brotarem nos olhos lágrimas por um garoto que nunca viu antes.

“Seu tio deseja vê-la, milady.” Ele fica vermelho quando fala — não está acostumado a lidar com mulheres de alta posição,

imagina Penelope, com vontade de pedir que ele vá embora para casa e fique ao lado da mãe.

As duas se levantam e saem com o rapaz. Penelope vai de braço dado com Frances. Seu corpo está instável. Os pés do garoto se arrastam no piso de madeira da galeria — ele não está nem usando botas. As sapatilhas dela batem de leve no chão, enquanto os sapatos de Frances, que devem ser de sola dura, talvez para uma eventual fuga, produzem um *tap, tap, tap* ao bater nas tábuas, como um tambor marcando seus passos.

Meyrick está na porta do escritório e parece aliviado em vê-la. “Veja se consegue acalmá-los, milady”, ele diz, fechando os olhos de cílios claros e reabrindo-os depois de alguns momentos, em um pequeno sinal de desesperança. “Estão ficando agitadíssimos.”

“Por que meu irmão ainda não voltou?”, Penelope pergunta. “Faz quase três horas.”

“Não tenho notícias”, é tudo o que Meyrick diz antes de destrancar e abrir a porta. Ele deve achar que é possível negociar uma saída, mas parece tarde demais para isso. Penelope manda o menino à cozinha. “Traga o melhor que nosso cozinheiro puder fazer. Temos convidados nobres, que devem ser tratados assim.”

“Que alegria”, comenta o tio quando elas entram, como se fosse uma ocasião social como outra qualquer. Ele abre os braços e caminha até ela com um sorriso que não esconde a testa franzida. Segurando suas mãos, beija os dois lados de seu rosto. Penelope cumprimenta os demais com gestos formais. Popham, o ministro da justiça, fuzila as duas com um olhar hostil e se afasta, como se tivessem uma doença contagiosa, com o rosto comprido e anguloso marcado pela boca franzida para baixo.

“Vejo que veio armada, milady”, ele comenta, olhando para sua cintura, com uma expressão sugerindo que o mundo está de pernas para o ar, e a voz fleumática combinando com o rosto de ângulos agudos.

“Ah, isto!” Ela leva a mão à espada, esquecendo que ainda a portava. “Só estou cuidando dela. É uma arma cerimonial, não serve para o combate.” O olhar de desaprovação no rosto dele é inconfundível. Em outro dia, ela daria risada e faria uma leve provocação.

É possível ouvir os poucos homens deixados para guardar a casa conversando e rindo no jardim. Penelope se pergunta o que pode ser tão engraçado, mas pelo jeito são soldados calejados nas campanhas militares de seu irmão, que não se intimidam diante da perspectiva de violência. Insatisfeitos, depositam todas as esperanças em Essex, e podem ser recompensados em breve. Não é à toa, portanto, que riem.

Knollys começa a falar, mas Popham se adianta a ele: “O que tem a dizer sobre a traição de seu irmão, milady?”.

“Não acredito que a motivação seja a sedição, ministro. Ele simplesmente deseja remover aqueles que estão se aproveitando de Sua Majestade.”

O homem responde com uma risada seca. “Isso é o que veremos.”

Seu tio Knollys levanta o tom de voz: “Fizemos *todo* o possível para fazê-lo voltar atrás e desarmá-lo. Mas infelizmente acho que dessa vez ele foi longe demais”.

Ela não diz nada, porque não há nada a dizer. Essex não tem como voltar atrás; deve ir até o fim, qualquer que seja o resultado.

“Além do fato de Essex estar tomando as ruas da cidade, como já deve saber, *milady*” — Popham se refere a ela pelo título de forma irônica —, “há a ofensa de mais alto grau de ter feito reféns os emissários da rainha. Somos portadores do selo real.” Ele aponta para o pajem parado em um canto, segurando com todo o cuidado um pergaminho com dois selos como se fosse uma criatura viva. As mãos do menino estão rachadas e ele treme um pouco. Penelope sorri, e ele baixa os olhos.

“Reféns!”, ela exclama, como se fosse uma ideia absurda. “Os senhores são *convidados*. O conde apenas pediu que aguardassem

seu retorno.” Sua voz é firme ao proferir a mentira.

“Meu marido tinha assuntos urgentes a tratar na cidade”, acrescenta Frances.

Popham ergue as sobrancelhas, como se estivesse surpreso por descobrir que ela fala.

“Então os mosqueteiros na porta são só um enfeite? Talvez sejam estátuas de gesso.” Ele emite um gorgolejar que parece uma risada, mas com a boca tão contorcida para baixo que é difícil saber ao certo. “E a porta trancada é para nossa segurança, imagino.”

“Creio que seria mais prudente, milady, dizer aos guardas para nos deixar ir embora”, intercede o lorde carcereiro com uma careta. Embora seja inverno e a lareira esteja apagada, a testa dele está molhada de suor. Worcester concorda com um aceno de cabeça. “Eu me comprometo a afirmar que ficamos aqui na Essex House por livre e espontânea vontade. Será uma acusação a menos sobre ele.”

“Você pode dizer isso, mas eu não”, retruca Popham. “Essex merece o destino que o aguarda. Agora é simplesmente uma questão de quanto vai se enterrar, e de quantos vai arrastar consigo.” Penelope cerra os punhos, imaginando o contato de sua mão com o rosto anguloso do homem. “Dizem que a palavra final nesta casa é sua, milady.”

Ela o encara sem dizer nada.

“Só um tolo daria tamanho poder a uma mulher com tão pouca noção de moralidade”, ele acrescenta baixinho.

Ela sente vontade de questionar os murmúrios e forçá-lo a se desculpar, mas é Frances, que estava quieta ao seu lado, quem surpreende a todos ao dizer com firmeza: “Isso não é maneira de falar com Lady Rich”.

Knollys também interfere: “Modere sua língua. É de minha sobrinha que o senhor está falando”.

Popham ignora ambos. “Faça como seu tio falou e talvez *seu* papel nisso tudo seja minimizado.”

“Pelo que pude observar”, diz Penelope, falando em termos

genéricos, “os homens da lei costumam ser menos confiáveis que os outros.” Ela pensa não só no ministro da justiça, mas também no ardiloso Francis Bacon.

Popham começa a tossir deliberadamente, como se não quisesse dignificar aquelas palavra com uma resposta. Ela fica contente quando a porta se abre e os criados entram com a comida que pediu. Todos permanecem em silêncio enquanto os pratos são servidos na mesa. O cozinheiro se esmerou; é uma bela refeição. Frances faz um comentário sobre o tempo, perguntando se alguém está com frio e chamando um criado para acender a lareira, sugerindo também um pouco de música como distração. É uma tentativa inútil de fazer o cárcere privado parecer outra coisa.

Knollys puxa Penelope para um canto e diz baixinho: “Mande nos soltar. Isso é loucura. Não gosto nem de pensar...”. A voz dele falha.

Ela pensa a respeito, mas apenas por um instante. A tentação de salvar a própria pele é grande, mas precisa se manter forte. “Tio, estou de mãos atadas. Não posso fazer nada sem a permissão de meu irmão.” Knollys parece desolado, então ela acrescenta: “Mas vou tentar entrar em contato com ele”. Na verdade não vai, pois sabe que os reféns são uma arma para seu irmão naquela batalha e não quer enfraquecer a causa por ter o coração amolecido por um velho e querido tio. Eles vão ser libertados no devido tempo e estão sendo bem cuidados, de forma condizente com sua posição.

As duas mulheres se retiram depois de uma hora torturante de conversas tensas, demonstrações forçadas de simpatia e um interlúdio musical. Elas caminham em silêncio pela galeria. Frances aperta a mão de Penelope e entra na capela. A outra fica parada por um instante, olhando para o rio, sem saber o que fazer, observando um bando de cisnes nadando para leste e um bote a remo rumando para a margem sul. Outras embarcações pequenas cortam a superfície da água, transportando pessoas de um lado para o outro, sem saber dos acontecimentos

importantes que se desenrolam não muito longe dali.

Ela pensa em Essex e no motivo por que não reapareceu com seu grande exército, imaginando o tempo todo ouvir o som de mil pares de botas marchando pela Strand rumo a Whitehall. São suas esperanças a iludindo. Provavelmente reunir tal multidão leva tempo. Por impulso, desce as escadas dos fundos para o jardim, onde os guardas restantes a saúdam como se fosse da realeza — o que a incomoda, talvez pela tolice de achar que é a irmã do futuro rei. Essex nunca teve a intenção de tomar o trono, mas ela sabe que as ambições daqueles que o cercam não podem ser subestimadas. Penelope se questiona se alguma vez ele próprio não teria sonhado com isso — afinal, a arrogância pode levar a atitudes grandiosas; ela afasta o pensamento de imediato.

“Estamos ao seu dispor, milady. Em que podemos servi-la?”, oferece um dos guardas, colocando-se em posição de sentido, batendo o pé e empunhando a arma.

“Se realmente quer me servir”, ela diz bem alto, direcionando a voz para a janela do escritório mais acima, “então me traga a cabeça do ministro da justiça em uma bandeja.”

Os homens dão risada e fazem piada com a ideia de jogar futebol com o troféu, e Penelope imediatamente se arrepende. No fim de tudo aquilo, Popham pode estar sentado na cadeira do juiz quando ela e seu irmão forem julgados. O pensamento a deixa séria.

Um grito é ouvido no portão do rio. “Sou eu, Gorges! Abram.”

Ele está sozinho, mas Penelope vê pelo portão aberto que há um barco à sua espera com homens nos remos, além de outros dois sentados mais atrás, ambos armados.

“Que notícias traz?”, ela pergunta, tentando interpretar a partir da expressão dele se as coisas saem conforme o planejado nas ruas da cidade.

“Essex me mandou levar o reféns ao conselho privado e negociar em seu nome.” Ele ainda usa o colarinho rasgado no desentendimento com Southampton. Quando abre um sorriso,

ela se sente tola por tê-lo julgado pela aparência dos olhos, como se isso dissesse alguma coisa sobre o que existe por trás.

“Graças a Deus”, Penelope exclama, sentindo o alívio tomar conta de si. Essex já deve ter reunido seu exército a esta altura. “É melhor se referir a eles como convidados.” Gorges assente, entendendo imediatamente a importância da sugestão. “Os homens foram recrutados por meu irmão?”

“Alguns, alguns.” Ele parece evitar uma resposta direta.

“Alguns?”

“Está demorando mais do que pensávamos, milady.” Gorges começa a subir os degraus.

Ela vai atrás, correndo para alcançá-lo.

Quando chegam à porta do escritório, está ofegante. Meyrick, sentado em um banquinho com a arma no colo, fica de pé. “Quais são as notícias, Gorges?”

“Tenho ordens de Essex para levá-los a Whitehall.”

Meyrick assente, abre passagem e dá um tapinha no ombro do outro. “Muito bem.”

Gorges está prestes a abrir a porta quando Penelope o segura e o puxa para mais perto, obrigando-o a escutá-la. “Deixe isso comigo.” Ela o encara duramente, lembrando-se de como agira com Southampton. “É um assunto delicado.” O que é aquilo que vê no rosto dele? Estaria alarmado? Não tem como saber, mas é inquietante mesmo assim, e ela se pergunta o que teria passado pela cabeça de seu irmão para mandar um homem como esse para uma missão de tamanha complexidade.

Os dois entram, com Meyrick posicionado logo atrás. “Meus caros convidados”, ela anuncia, “Recebemos notícias do conde. Ao que parece ele se atrasou, e propõe que se reúnam em outro momento. Meu irmão pede desculpas pelo inconveniente. Gorges vai acompanhá-lo pelo rio até Whitehall e o conselho privado.”

Popham solta uma risada furiosa. “Pelo inconveniente!”

Eles saem do recinto, e Penelope observa pela janela da galeria a comitiva chegar ao jardim. É possível ver um destacamento de

guardas montados do palácio atravessando a Strand naquela direção. Seu coração salta para a boca e fica difícil respirar. Das janelas do lado sul da casa é possível ver a delegação descendo os degraus para o atracadouro, com Gorges logo atrás. Ele ajuda um por um a entrar no bote, que balança e se desequilibra com o peso. Os remadores põem a embarcação em movimento, e eles saem pelo rio, dando meia-volta para começar a subir a correnteza na direção de Whitehall. Penelope sente suas entranhas se comprimirem. Meyrick se posiciona ao seu lado. Eles não se olham.

“Não estou gostando disso”, ela comenta, apontando com o queixo para o barco, que navega à distância.

“Como assim, milady?”

“Gorges é mesmo leal?”

Ela sabe que já perguntou isso para Meyrick, mas desta vez a resposta vem menos convicta. “Espero que sim.”

Na Strand, as tropas se aproximam e o retumbar dos cascos está mais alto. Um tambor os acompanha, marcando uma batida acelerada como seu coração.

“É melhor ir embora, milady, não resta muito tempo.” Meyrick não a encara. “Com Lady Essex. Pegue um dos barcos antes que seja tarde demais. Receio que as coisas vão ficar...” Ele se interrompe, passando as mãos pelos cabelos claros. “Temo por sua segurança.”

“Meyrick, o que pensa que sou?” Ela mantém um tom de voz leve, como se estivesse brincando. “Você me conhece há anos. Sou uma Devereux.” Ele a encara, e Penelope abre um sorriso. “Não se preocupe comigo. E Lady Essex tem mais coragem do que imagina.”

As tropas começam a cercar a casa, posicionando sentinelas em cada um dos portões.

“Veja!”, ele diz, apontando para leste, onde o rio faz a curva. “Acho que é seu irmão e Southampton. Consegue enxergar?” Ele abre a janela e se inclina para fora. “Viu a capa escarlate?” Ele aponta para uma flotilha de embarcações pequenas; do tipo que

transporta as pessoas para as rinhas de Southwark.

“Mas onde está a barca?”

“Com certeza são eles. Sim, são mesmo.”

Ela acha que, se Essex não está em sua própria barca, e sim em um bote do tamanho de um barril de cerveja, é porque tem alguma coisa errada. Mas Meyrick tem razão. Seu irmão está a bordo de um dos botes, é possível ver perfeitamente agora, assim como Southampton com sua capa vermelha. Estão todos remando depressa, inclusive os condes.

“Há algum problema. Eles estão recuando”, comenta Meyrick.

Ela olha na direção oeste, para Whitehall, e vê um grande número de barcas com as cores reais se aproximando também. Estão um pouco distantes, mas a favor da correnteza. Penelope fica torcendo pela aproximação da pequena e estranha armada, que se desloca a uma velocidade torturantemente lenta. A frota de Whitehall ganha vantagem. Eles escutam um baque pesado. Quando se viram para a Strand, percebem que, enquanto vigiavam o rio, um aríete foi posicionado para arrombar os portões. O instrumento atinge o alvo outra vez com um impacto poderoso, mas o portão aguenta firme.

Um grito feminino terrível vem de algum lugar, e Penelope imagina o efeito que pode ter sobre as tropas do lado de fora o fato de haver mulheres lá dentro. Talvez lhes dê algum poder de barganha; só Deus sabe o quanto precisam disso. Os homens no jardim se preparam para a batalha. São pouquíssimos, e um deles é o juvenzinho que as chamou na capela. Uma dor forte atinge seu coração quando ela se dá conta de que seus filhos podem estar prestes a perder a mãe.

Debruçada na janela, Penelope dá ordens para que os homens entrem. “Peguem toda a mobília e qualquer coisa pesada que consigam carregar. Levantem uma barricada.” Em questão de minutos os portões vão ceder, e os poucos homens no jardim não são páreo para as tropas do lado de fora. Ela se vira para Meyrick. “Desça e assuma o comando por lá. Garanta a entrada de Essex. Quando estiverem aqui, bloqueie todas as saídas.” Em

silêncio, ela observa a aproximação do irmão, torcendo para chegue logo. “Descubra o que temos de armas e guarde todas as entradas com o maior número possível de homens.”

Meyrick já está correndo pela galeria rumo às escadas. “Mande todas as criadas subirem aqui comigo.” Ela se recusa a cogitar a hipótese de que o bote em que está Essex não consiga chegar, mas olha pela janela para verificar seu progresso, torcendo para que tenham pegado alguma correnteza oculta para que subam o rio, antes que as barcas — é possível vê-las claramente agora — os interceptem.

Dá para ouvir os móveis sendo arrastados sobre o piso de pedra no andar de baixo e as ordens gritadas por Meyrick. Penelope afasta-se da janela e corre para a capela, arrancando Frances de suas preces.

“Junte todos os papéis, tudo o que tivermos, cartas, documentos, livros — qualquer coisa que puder incriminá-lo. Precisamos queimar até a última folha. Vá para o dormitório e eu me encarrego do escritório. Leve tudo para lá, onde o fogo já está aceso.” Ela tenta manter a calma, com a mente concentrada no que pode ser feito agora, e não no que vai acontecer no futuro próximo. No entanto, é impossível não sentir um arrepio de medo percorrendo seu corpo.

Frances assente e se dirige para a porta. “As cartas da Escócia estão com ele.”

Penelope olha para a cunhada e se pergunta: se ele contou à esposa sobre as cartas, com quem mais pode ter falado? “Tem certeza?”

“Absoluta.”

“Vamos rezar a Deus para que tenha o bom senso de se livrar delas se for capturado.”

“Não vai chegar a tanto.”

Penelope não menciona os botes no rio e as barcas reais se aproximando. Não há por que arruinar o otimismo de Frances a essa altura; os acontecimentos logo vão se encarregar disso.

Quando entra no escritório, Penelope se dá conta da

enormidade da tarefa que tem pela frente — com mais de dez anos de atividades diplomáticas secretas, só Deus sabe o tanto de papéis reunidos ali que poderiam ser usados contra eles. Além de dois baús cheios até a boca, um com correspondências e outro com documentos legais, há uma parede inteira coberta de estantes de livros. A maioria tem anotações e bilhetes entre as páginas, e qualquer coisa pode ser incriminadora. Ela começa pelos baús, pegando pilhas de cartas e atirando no fogo, esperando que as chamas se espalhem antes de jogar mais.

Quatro criadas chegam do térreo — uma jovem robusta e de espírito prático, que parece não se abalar com a situação; outra mais velha, magra como um fantasma, mostrando todo o seu pavor nos olhos arregalados; e outras duas bem jovens, que ficam o tempo todo abraçadas. Ela manda duas irem ajudar Frances a revirar cada canto do quarto e põe as outras duas para trabalhar nos baús, enquanto Penelope puxa os livros e folheia um a um para ver o que pode haver escondido entre as páginas. É um trabalho lento, pois os documentos em pele de cordeiro não queimam com tanta facilidade, e elas precisam se certificar de não deixar para trás nenhum fragmento.

Frances aparece com um punhado de cartas e começa a jogá-las no fogo. “Só Deus sabe o que é tudo isso”, ela comenta, franzindo a boca. “A maioria são cartas de amantes, pelo que pude ver.”

“Melhor se livrar de tudo”, diz Penelope.

Espiando pela janela, ela vê a frota de Whitehall próxima dos degraus do atracadouro, formando uma fileira que cerca o local. Para seu alívio, porém, é possível ver alguns dos pequenos botes ainda intactos no rio. Ela não diz nada por medo de estar enganada, mas pede para Frances continuar revirando os livros enquanto sai para investigar. Correndo pela galeria, grita por Essex, e por fim o encontra no salão principal, com um exaltadíssimo Southampton e um grupo de homens. É possível ouvir os gritos de Meyrick na entrada principal, tentando manter as coisas sob controle.

“Graças a Deus”, ela diz, correndo para junto do irmão, que, apesar de imundo e suado, parece surpreendentemente calmo. “O que aconteceu com o resto?”

“A maioria fugiu ao primeiro sinal de problema”, conta Southampton. “Seu padrasto está gravemente ferido. Alguns ficaram para cuidar dele.”

“Ele vai sobreviver?”, ela pergunta, pensando com um frio no estômago que sua mãe pode se tornar viúva pela terceira vez.

“É difícil saber”, responde Essex. “Não conseguimos trazer todos de volta.” Ela vê que os olhos do irmão brilham de fúria quando acrescenta: “Outros estão procurando Smyth e seus mil homens. Não conseguimos encontrá-lo. Deve ter acontecido alguma coisa. Mas quando as tropas forem reunidas têm ordens para vir às pressas para cá.”

“Aí teremos uma batalha de verdade para enfrentar.” É Southampton quem diz isso, gerando exclamações de apoio no recinto. Mas Penelope só consegue pensar em todos os homens que costumavam sair às ruas em apoio a Essex, brandindo suas cores em fileiras de trinta e até mais, meninos brincando com espadas de madeira pendurados nos parapeitos para ver seu herói. Onde estão todos eles agora? O grupo de seu irmão passou horas nas ruas da cidade e voltou com menos gente do que quando partira. Essex está perseguindo uma ilusão. O tempo passou sem que ele se desse conta.

Está prestes a perguntar qual é o plano de contingência quando o irmão diz: “Como estão nossos *convidados*?”.

O tempo parece congelar quando ela se dá conta: ele pensa que a delegação ainda está fechada em segurança em seu escritório. É por isso que ainda está tão confiante.

Penelope se prepara para o pior. “Foram embora.”

Essex a encara como quem não entende o que está ouvindo. “Foram embora?”

“Gorges apareceu. Disse que tinha sido encarregado por você de levá-los ao conselho privado para defender sua causa.”

Essex solta um grito, um rugido animalesco.

Southampton faz uma careta e pragueja alto, esmurrando a parede. “Essa ordem nunca existiu.”

O recinto fica em silêncio. Estão todos se dando conta, assim como Penelope, de que Gorges os traiu, não só libertando a delegação como inventando a história dos tais mil homens. Sem essa isca, Essex teria marchado para a corte, não para as ruas da cidade, e o futuro diante deles seria bem diferente.

“Agora não tem mais jeito”, ela diz, assumindo o comando da situação. “Já começamos a queimar todos os seus papéis. Dê-me as cartas da Escócia.” Essex está imóvel, em transe, com os olhos vazios vidrados mais à frente. “Robin!”, ela grita. “Pelo amor de Deus.”

Sem pensar no que está fazendo, Penelope dá um tapa na cara do irmão. Alguém solta um suspiro de susto. Essex a encara, chocado. “As cartas da Escócia.” Ela estende a mão e, como um menino obediente, entrega a bolsa sem dizer nada. “Agora se recomponha e assuma o controle. Seus homens precisam de ordens.” O salão inteiro aguarda em silêncio, só observando. “O que está esperando?” Penelope está aos berros. “Coordene a segurança da casa. Precisamos nos preparar para um cerco, pelo menos até acabarmos de destruir os papéis.” Ela joga a bolsa na lareira: quinze anos de negociações cuidadosas são consumidos pelas chamas. Mas a aliança entre os Devereux e o rei Jaime está estabelecida, com ou sem provas por escrito. O cheiro acre do couro queimado invade o ar.

Um impacto violento ressoa do lado de fora. O portão deve ter sido arrombado, e os gritos assustados das mulheres recomeçam. Apenas então Essex parece recobrar a consciência e vai até a janela, comentando com uma risada amarga: “Ela mandou todo mundo, pelo que vejo”. Ele começa a fazer uma lista: “Nottingham, Cumberland, Lincoln, Howard, e olhe só...” Ele dá um tapa no ombro de Southampton. “Seu querido amigo Grey.” O tom do conde exala sarcasmo. “Veja meus velhos camaradas. Lá está Robert Sidney...” A voz dele falha.

Os gritos de mulher não param.

Penelope observa Robert Sidney. Caminha sozinho na direção da casa, sem escolta, e ela se lembra do irmão dele, falecido há muito tempo, que tinha a mesma postura ereta, a mesma passada larga, o mesmo queixo para cima que tantas vezes era confundido com arrogância. Só então percebe a presença de dois canhões posicionados na Strand — um par de olhos escuros e assustadores voltados para a casa. Há homens reunidos em torno deles, provavelmente carregando-os.

A gritaria prossegue.

“Alguém encontre essa mulher e cale a boca dela”, esbraveja Essex.

“Deixe”, diz Penelope. “O grito dela vai mexer com a consciência do exército. Se tiverem alguma noção do que é certo, não vão bombardear uma casa cheia de mulheres.”

“Eu imploro, Essex, renda-se!”, grita Robert Sidney, debaixo da janela.

“Vou sair para conversar com ele”, diz Southampton.

“É perigoso demais; você vai levar um tiro antes de conseguir abrir a boca”, argumenta o conde, que parece mais determinado. “Vá para o telhado; lá eles não têm como atingi-lo.” Essex segura o amigo pelo braço, falando baixo e com firmeza. “Ganhe algum tempo. Penelope tem razão; precisamos nos livrar dos papéis. Preciso queimar alguns que estão escondidos.” Sua expressão é dura como pedra. Ele emite algumas ordens no salão e dá um beijo apressado no rosto da irmã, murmurando um agradecimento; em seguida sai com os demais, com as armas tilintando.

Instantes depois ela escuta Southampton gritando do telhado.

“Pelo amor de Deus”, Robert Sidney pede, levando as mãos à cabeça em um gesto de desespero. “Rendam-se. Nottingham não vai aliviar. Os canhões vão demolir a casa com vocês dentro.” Ele aponta para o negrume dos dois canos com as aberturas mortais direcionadas para a Essex House. Nesse momento, um fragmento de memória surge na mente de Penelope. Ela sente o toque áspero de um pergaminho entre os dedos e o tempo se

desfaz, como se tivesse voltado a ser uma juvenzinha. As palavras estão gravadas em sua alma: *Quando a natureza criou sua obra-prima, os olhos de Stella,/ Por que conferiu ao negrume de seu olhar tom tão reluzente?* Ela consegue até sentir o calor do corpo de Philip Sidney ao seu lado.

Em seguida escuta os mesmos versos com a voz de Blount. O tempo está lhe pregando peças, pois ela se vê em seu primeiro encontro com ele — quando trouxe Essex ferido de seu malfadado duelo —, neste mesmo lugar, onze anos antes. Penelope sente o beijo de Blount no dorso da mão e sorri; seu coração dispara e ela volta ao presente, encarando os canos dos canhões virados em sua direção.

Southampton fala, mas as palavras são levadas pelo vento, e a gritaria continua.

Robert Sidney responde: “Pelo menos deixe as mulheres saírem antes que abram fogo contra a casa”.

Penelope se força a olhar para ele, para notar as diferenças em relação ao irmão: os cabelos são mais escuros, ele não tem membros tão compridos e já tem uma idade a que o irmão nunca chegou. O pensamento é um soco em seu estômago, mas ela não pode se deixar levar por antigas emoções. Não é a mesma mulher. Penelope abre a janela. “Vou ficar com meu irmão até o fim!” Robert parece desolado, mas ela não quer nem pensar em sentir medo. “Talvez eu possa convencer algumas mulheres a sair em segurança; não há muitas, mas duvido que Lady Essex vá abandonar o marido.”

Ela se vira para o homem designado a protegê-la, cujo nome nem sabe, e pede para que transmita a mensagem de Sidney às mulheres. “Diga que ninguém vai pensar mal delas se decidirem ir embora.”

Debruçando-se na janela, Penelope ouve Southampton com mais clareza; o vento deve ter mudado. Há um tom de desespero na voz dele. “Mande uma delegação, e podemos chegar a um acordo.” Southampton fala como alguém que tem com que barganhar, mas deve saber que a situação está perdida; não há

como escapar. Penelope gostaria que ele parasse com aquela conversa inútil, e olha para os homens reunidos ao redor.

A casa inteira está cercada. A noite cai depressa; as tochas foram acesas, agitando-se de um lado para o outro como vagalumes. Em ambos os flancos é possível ver as fileiras cerradas de alabardeiros, e há uma fila de homens ajoelhados no jardim com mosquetes nos ombros. Na Strand, os soldados montados circulam pelos arredores, e ela consegue ouvir o som dos cascos dos cavalos batendo no calçamento; várias tochas iluminam os olhos escuros dos canhões, que continuam voltados na mesma direção — ela acredita que os pavios vão ser acesos com aquelas chamas. A impaciência paira no ar. Penelope sabe que, uma vez dada a ordem de abrir fogo, não vai haver como impedir o banho de sangue. Precisa se esforçar para não pensar nisso.

“Sir Robert”, ela chama, abafando a voz de Southampton, “diga o seguinte para Nottingham: vamos precisar de tempo para desmontar as barreiras erguidas nas portas. Peça a ele que nos dê duas horas para liberar a entrada e permitir que as damas saiam se assim quiserem, e depois recolocarmos as barricadas. Depois disso, que a luta comece.” Enquanto fala, ela reza para que duas horas sejam suficientes, pensando nas mulheres no escritório, alimentando o fogo com papéis — em sua mente, são as próprias fornalhas do inferno.

Alguém entrega a Robert Sidney uma tocha, cuja luz avermelhada ilumina as extremidades do corpo dele e se reflete na armadura enquanto vai comunicar a mensagem ao oficial superior. Penelope não consegue ver Nottingham, que sem dúvida deve estar a uma distância segura. Apesar de ser seu parente — casado com sua prima Kate — e de ter lutado ao lado de Essex em mais de uma campanha militar, ele nunca gostou de seu irmão. Ela concluiu muito tempo antes que é do tipo precavido, que faz de tudo para não se meter em saias justas. Enquanto espera por uma resposta, Penelope pensa em Cecil no palácio. Imagina que está esfregando as mãos, saboreando a vitória iminente.

Eles vinham se alternando em suas cartas fazia anos, mas o jogo está perto do fim, e Cecil está em franca vantagem. No entanto, há uma carta em que ele ainda não conseguiu pôr as mãos — o rei da Escócia. Jaime não confia em Cecil. Mas que vantagem, ela pensa, poderia trazer o favorecimento dele no momento? Penelope tenta não pensar no que teria acontecido caso o conde de Mar tivesse chegado, trazendo o apoio de Jaime a Essex. Nesse caso, Cecil poderia ter sido obrigado a jogar com mais cautela.

Não dá para ver muita coisa lá fora a não ser o brilho das tochas se movendo, e ela se sente grata por não ter que encarar os olhos dos canhões em sua direção. A impaciência ainda paira pesadamente no ar. Suas entranhas se reviram de expectativa pela aproximação da morte, como se ela estivesse à espera de um amante. Suas mãos estão geladas no parapeito da janela, a ponto de fazê-la se questionar se já não está morta. Penelope ouve um grito vindo lá de baixo. “Suas duas horas foram concedidas, milady, com a garantia da palavra de Nottingham.”

“Pode contar com minha gratidão eterna por isso, Sir Robert”, ela responde, pensando que, em seu caso, não representava tanto tempo assim.

“Muito bem, Sidney. Você sempre foi um homem confiável”, Southampton diz lá de cima.

Penelope fecha a janela e vai se aquecer perto da lareira, apanhando uma caixa de papéis de carta. Seus dedos estão gelados demais para empunhar a pena como se deve, mas mesmo assim ela dá um jeito de rabiscar um bilhete de amor para Blount. Recusa-se a pensar demais nele, por medo de perder a coragem, mas é impossível deixar de imaginar que o papel vai ser encontrado entre as ruínas da casa ao amanhecer. *Cuide de nossos filhos, meu amor, ela escreve, e me esqueça. Encontre outro amor. Não consigo imaginá-lo sozinho.* Embora o tivesse desejado ao seu lado várias vezes durante os últimos meses, quando precisava desesperadamente de seus conselhos, Penelope fica contente por ele estar longe, afastado do caos, podendo sair

ileso da confusão causada pelos Devereux. Uma lágrima cai sem aviso e mancha suas palavras. Ela pensou que estivesse com as emoções sob controle, mas precisa respirar fundo enquanto dobra o papel, põe o lacre e o destinatário — *Charles Blount, Lord Mountjoy* — antes de colocá-lo na moldura do grande retrato de Leicester, onde com certeza vai ser notado. Penelope repara no olhar de superioridade do padrasto e, ao sair do recinto, pergunta-se por um instante o que ele deve achar de tudo aquilo, caso seja capaz de observar os acontecimentos do além-túmulo.

No escritório, estão todos ocupados. Uma lavadeira e uma costureira se juntaram a Frances, alimentando o fogo e vasculhando os livros. As criadas mais jovens estão em um canto, tentando acalmar a mais velha, que não está mais gritando e urrando como um animal assustado. “Onde está Essex?”, Penelope pergunta.

“Vasculhando cada canto da casa em busca de algo que possa incriminá-lo. Estamos quase terminando. Acho que não restou uma folha de papel aqui com alguma coisa escrita.” Frances segura com força a mão da cunhada, como se precisasse do conforto do calor humano. É um gesto firme, nem um pouco trêmulo. Elas ficam em silêncio por um momento, observando o fogo, e Penelope se dá conta da inutilidade daquilo tudo. Não há nada capaz de salvar seu irmão agora. Ele pegou em armas contra a autoridade da rainha, e não será preciso encontrar cartas incriminadoras para mandá-lo ao cadafalso.

“Conseguí ganhar algum tempo, e acho que posso usá-lo para convencer Essex a se entregar em vez de...” Ela se interrompe, pensando no menino que foi chamá-la mais cedo. Por algum motivo, em sua cabeça ele se tornou a representação da carnificina sem sentido que poderia ser gerada por aquela causa perdida.

“Em vez de lutar até a morte e levar dezenas de pessoas junto?”, pergunta Frances. “A coisa chegou a esse nível?”

“Infelizmente acho que sim.”

Frances faz um aceno de cabeça em resposta. Todos sabiam que os riscos eram altos.

Fevereiro de 1601
Whitehall/Westminster

“O conde se rendeu, majestade”, Cecil informa à rainha. “Sem derramamento de sangue.”

“Onde ele está?”

“No Palácio de Lambeth. Vai ser transferido para a Torre assim que amanhecer.” Ele mantém um tom de voz contido, tomando cuidado para não provocar um surto de arrependimento nela, mas a reação da rainha é impassível. Ela não move um músculo da face nem demonstra nenhum sinal de cansaço, apesar de já passar das nove da noite e as reuniões do conselho terem se estendido desde o amanhecer, com o palácio inteiro em polvorosa. Cecil está exausto. Suas costas doem, e ele precisa se deitar e fechar os olhos por pelo menos meia hora, preparando-se para as acusações que o conde certamente há de fazer.

“E Lady Rich?”

“Ordenei que fosse levada à casa de Sackford. Ela foi pega portando uma espada.”

“Ora essa! Uma espada! Então estava armada!” A rainha parece se deleitar com esse detalhe, e Cecil não sabe se é porque está impressionada com a ideia de Lady Rich brandindo uma arma ou porque vai ser obrigada a condenar a afilhada caso represente uma ameaça real. “Henry Sackford é amigo seu, não?”

“Sim. E na casa de Sackford pelo menos há a certeza de que Lady Rich não tem nenhuma influência sobre os criados.”

“As pessoas se deixam manipular facilmente pelos dedos habilidosos dela. Sei muito bem disso.”

“Além do mais, sei que posso confiar de olhos fechados em Sackford”, acrescenta Cecil.

“Ser confiável é algo bem raro, aprendi. Mas posso confiar em você, não, Pigmeu?”

“Pode sim, Vossa Majestade.” Cecil se pergunta se a rainha

estaria duvidando dele.

“E Southampton e os demais?”

Cecil começa a listar o nome dos prisioneiros capturados e a destinação de cada um. “Fiz uma lista, Vossa Majestade.” Ele entrega o papel.

Com o canto do olho, o ministro vê Raleigh rindo com seu parente, Ferdinando Gorges, que comenta com uma gargalhada: “Completamente enganado”. Raleigh leva sua taça aos lábios do primo, e ambos bebem. Gorges limpa a boca com a manga, deixando uma mancha escura na roupa. Seu gibão está rasgado no pescoço, com os cotovelos esgarçados. Cecil sabe que Gorges frequentou o círculo íntimo de Essex por um bom tempo e sente sua irritação crescer, pois ao que parece coisas importantes aconteceram sem seu conhecimento. Ele ajusta o colarinho, deixando-o bem reto no pescoço, e admira a superfície aveludada de suas melhores sapatilhas, as meias lisas e escuras com um discreto brilho preto e acetinado; por algum motivo, sente-se confortado ao ver sua aparência em ordem.

“E Lady Essex, onde está *ela*?”, questiona a rainha.

“Com a mãe em Barn Elms. Levou consigo todas as outras mulheres.”

“Menos Lady Rich.” A rainha bate a ponta do dedo no papel. “Quero que a interrogue pessoalmente, Pigueu. Pelo menos *você* deve ser imune ao célebre charme da mulher.”

“Se é isso que deseja, Vossa Majestade.” A mente de Cecil está a mil, perguntando-se que vantagem pode ser obtida de um interrogatório.

“Não quero que seja suave com ela.” A voz da rainha está tensa e grave. “Se teve participação direta em tudo isso, deve ir ao cadafalso com o irmão.” Ela respira fundo e sacode a cabeça como se estivesse tentando se livrar de uma lembrança. “Isso deve ser resolvido logo, antes do fim do mês.”

O ambiente está mergulhado na penumbra, com o revestimento das paredes escuro e sem pintura, e sem nada para cobrir as tábuas antigas de carvalho que estalam sob seus pés.

Há uma pequena lareira, com um fogo diminuto que não ameniza o frio de fevereiro. Cecil nota a poeira acumulada nos cantos e uma camada grossa de sujeira sobre quase todas as superfícies. Isso o faz espanar instintivamente as roupas, apesar de ainda não ter tocado em nada.

Lady Rich está sentada com a pequena janela às costas, o que impossibilita que Cecil enxergue suas feições — um velho truque que ele aprendeu com seu pai, destinado a inquietar os interlocutores —, mas ela o surpreende se levantando e se encaminhando para o centro do cômodo, onde estende a mão e abre um sorriso. Cecil tira o chapéu e retribui o cumprimento. A mão dela está fria e lisa como mármore. Ele gostaria de segurá-la por mais tempo; nem se lembra mais quando foi a última vez que tocou uma mão sem luva, a pele de uma mulher.

“Eu bem que queria oferecer algo para beber, mas os criados daqui...” Ela se interrompe com uma expressão de indignação fingida nos olhos escuros. “Bem, não são exatamente acolhedores. Talvez se *você* pedisse um vinho eles ficariam mais dispostos a nos servir.” Só então ela puxa os dedos de volta e se encaminha para uma mesa com duas cadeiras diferentes. “Corra até a cozinha”, ela ordena ao pajem de Cecil, parado junto à porta, “e diga que seu patrão quer uma bebida.” Lady Rich não parece nem um pouco incomodada com a ideia de ficarem a sós — algo que ele considera intrigante e que nunca aconteceu; em todos aqueles anos na corte, a oportunidade nunca surgiu.

Ainda de pé, Cecil nota a poeira sobre a cadeira e procura por algo com que limpá-la. Não encontrando nada apropriado, recorre ao próprio lenço de seda, espanando a superfície antes de se sentar. Ele percebe as manchas de sujeira nos punhos e no colarinho de Lady Rich — obviamente, deve ter sido presa usando esse mesmo traje e ninguém teve a decência de lhe oferecer uma troca de roupa nos três dias que passou ali —, mas a impressão que transmite é deslumbrante mesmo assim. Sempre foi. Os olhos dele baixam para o decote dela. Lady Rich o surpreende com um esboço de sorriso e cobre a pele exposta

com o xale. Um calor irradia da virilha de Cecil. “Vou providenciar que seu marido lhe mande o que for preciso em termos de artigos de primeira necessidade.”

“Ótimo”, ela responde, “mas nós dois sabemos que a rainha não mandaria seu principal conselheiro para cá a fim de garantir meu conforto.” Ela sorri, desta vez abertamente; os dentes dela são bonitos e bem conservados.

Cecil examina as unhas das mãos, como se fosse imune ao charme demolidor daquele sorriso. Espera que ela se manifeste, torcendo para que seu silêncio a perturbe um pouco, mas a confiança da mulher permanece inabalada.

“Vai ser um interrogatório silencioso?”, ela provoca. “Talvez seja melhor, pois eu ficaria muito surpresa se você conseguisse achar alguma coisa que me condene.”

“Não precisaria de muito. Só de sua assinatura em uma carta para...” Ele faz uma pausa dramática. “O rei da Escócia, digamos.”

“Mas você não vai encontrar carta nenhuma. Todos os papéis do conde foram queimados.”

“Todos?” Ela está sorrindo. Por que ainda está sorrindo? “Até a última folha?”

Cecil pensa na carta ao embaixador espanhol que temia ter ido parar na Essex House — seu maior erro naquele jogo de intrigas — sendo consumida pelas chamas. Um alívio se instala dentro dele. Até então, não percebia o quanto a existência dela envenenava sua mente. O documento poderia muito bem aparecer no julgamento de Essex — o conde com certeza tentaria enlamear seu nome —, mas sem provas concretas Cecil sairia limpo.

“Nenhuma prova por escrito seria necessária para condená-la, milady, já que foi presa portando uma arma. Há testemunhas de sobra para comprovar isso.”

“A espada regimental de Sidney? Você está sendo ridículo.”

“Uma espada regimental afiada como uma arma de batalha”, ele retruca, entrelaçando os dedos e lembrando que deve ser a

mesma lâmina que o irmão dela quase sacou para ameaçar a rainha. “Sabe muito bem que Sua Majestade não vai querê-la por perto quando tudo isso tiver terminado.”

“Claro”, ela responde. “Eu entendo como as coisas são.” Ele está impressionado com o comportamento dela, com a compostura perfeita que demonstra. “Você tem medo da morte, Cecil?”

Ele fica sem saber o que dizer e baixa um pouco a guarda. “Ora... ora... Isso não tem nada a ver com o que está em questão aqui.”

“Acho que todo mundo tem medo da morte, mesmo quem é verdadeiramente crédulo e livre de pecados. Quanto ao restante de nós...” Ela não termina a frase.

O medo faz seu estômago se revirar. A provocação funcionou, pois ele fica perturbado.

“Tenho uma proposta”, ela anuncia, encarando-o com os olhos escuros.

“Uma proposta? Acha mesmo que está em posição de barganhar?” Cecil precisa se esforçar para manter a compostura, e a imagina sacando uma carta endereçada ao embaixador da Espanha de dentro do vestido. O ministro tenta se tranquilizar: se o que ela disse é verdade, a carta deve ter virado cinzas.

Penelope não responde, continua apenas o encarando, e aos poucos ele vai compreendendo — uma proposta. É impossível não pensar que se trata de uma mulher que desafia todas as leis da decência com o amante e parece não se importar nem um pouco com a própria reputação. Cecil estende a mão, tocando com a ponta do dedo a pele macia do pescoço dela.

Penelope se encolhe como se seu toque a queimasse, inclinando-se para trás, para longe de seu alcance, arrastando os pés da cadeira no piso.

Um criado os interrompe, entrando com uma bandeja com diferentes pratos, seguido de um menino com um jarro.

“Vejo que citando seu nome consegui até comida.” Ela cheira a boca do jarro. “Um bom vinho tinto. Estou bebendo cerveja

aguada de uma cuia de couro desde que cheguei.” Ela faz uma careta exagerada e pega um pedaço de torta da bandeja, cravando os dentes nela sem cerimônia. Um farelo de massa fica pendurado no lábio. Ele se imagina tirando-o de lá com a língua.

O criado permanece ali. “O senhor deseja mais...”

“Pode se retirar”, Cecil responde, fazendo um gesto para que aguarde do lado de fora.

Quando a porta se fecha, o ministro fica de pé e dá um passo na direção dela. Sua boca está seca, impossibilitando-o de falar. Ele arranca o xale do corpo dela com um movimento brusco. Penelope o puxa de volta imediatamente.

“Isso não! Está pensando que minha proposta é *essa*?”

Ele fica paralisado de vergonha, horrorizado por deixar seus desejos tomarem conta de seu corpo, confundindo-o daquela maneira, arruinando sua compostura.

Penelope cai na risada. “Tenho uma coisa muito melhor que meu corpo para oferecer.” Ela não para de rir. Cecil sente seu rosto ficar vermelho.

“O que é, então?”, ele pergunta quando finalmente consegue falar, voltando a pensar na maldita carta. “Está aí com você?”

“O quê?” Agora ela está virada de costas para ele, parecendo distraída com alguma coisa do lado de fora da janela.

“A carta.”

Ela se vira para ele de imediato, encarando-o com olhos afiados como as garras de um gato. “Uma carta? Não. Estou falando de...” Penelope se interrompe. “Pelo amor de Deus, trate de se sentar.” Ele obedece, como um cão. “Acredito que sempre existe a oportunidade de chegar a um acordo se for vantajoso para ambas as partes.”

Cecil se recompõe, só então entendendo que não se trata de algo que tenha escrito. Suas emoções se aprumam como uma bússola apontando para o norte. “Sou todo ouvidos.”

“Quero falar sobre a sucessão”, ela explica. “Como deve saber, o rei da Escócia é o candidato mais apropriado.”

Um arrepio percorre sua espinha, pois ele imagina que está

prestes a ouvir o renascimento de um assunto que imaginava encerrado com a derrocada do irmão dela. Lady Rich parece prestes a fazer a proposta que Cecil deveria ter feito a ela caso tivesse pensado nisso antes.

“Talvez”, é tudo o que ele responde.

“Não existe talvez. A infanta sempre foi um sonho distante. Não existe uma alma neste país que aceitaria uma espanhola no trono, ainda mais uma mulher. Todos sabemos disso. Quanto à garota Stuart — a prima do rei da Escócia que foi cogitada para a sucessão —, ela é meio maluca, pelo que ouvi dizer; e sobre a reivindicação dos Beauchamp — bem, isso não deu em nada. Jaime da Escócia tem a relação de parentesco mais próxima, tem um filho homem e uma esposa em idade fértil. Acha que a Inglaterra viraria as costas para uma oportunidade como essa?”

“O que quer dizer com isso?” Ele mantém a voz firme para esconder sua ansiedade. Ela tem razão, claro, mas não quer lhe dar essa satisfação.

“Escreva o que estou dizendo: Jaime da Escócia vai ser nomeado como sucessor, não tenho a menor dúvida.”

“Ainda não entendo por que isso seria relevante no momento.”

“Ele é um bom amigo dos Devereux, meu em particular, e de Lord Mountjoy.” Ela faz uma pausa, que Cecil imagina ser para efeito dramático. “Mas sei que não gosta muito de você. Na verdade, acredita que você seja... como foi que me escreveu mesmo na última carta?” Penelope se interrompe outra vez, lambendo os lábios e removendo o farelo de massa com a língua. “Ah, sim: ‘diabólico’, foi assim que ele definiu. ‘Não quero homens diabólicos como Cecil como conselheiros. Ele seria o primeiro de quem ia me desvencilhar.’”

Lady Rich crava os olhos nele outra vez, parecendo desafiá-lo, pois a esta altura já admitiu que vem discutindo a sucessão com o rei da Escócia. Apenas isso é suficiente para mandá-la ao cadafalso. Mas parece ter certeza de que Cecil está mais interessado em garantir sua própria posição no futuro — e ele

se sente como se ela tivesse desnudado sua alma.

“O rei Jaime há de saber que foi você que provocou a derrocada de meu irmão. E vai querer se vingar quando estiver no poder.” Ela faz uma pausa para que o argumento seja inteiramente compreendido. Cecil se sente como se estivesse encolhendo na cadeira. “Mas eu posso dizer que ele o entendeu mal. E sua clemência pode me garantir a chance de fazer isso. Livre-me do cadafalso e eu lhe dou Jaime da Escócia. Posso convencê-lo de que precisa de um homem como você ao seu lado. Imagino que queira ser o ministro-chefe no novo regime.”

Sua cabeça está a mil. Se concordar com isso, vai ficar nas mãos de Lady Rich, por ter participado com ela de um ato de traição. Por outro lado, garantiria seu futuro, um panorama infundável de glórias e riquezas, algo de que seu pai teria orgulho, um legado para transmitir ao filho. É isso ou sua destruição.

Ele tenta imaginar a melhor maneira de falar com Elizabeth. Como se estivesse lendo seus pensamentos, Lady Rich sugere: “Diga à rainha que está convencido de minha inocência, ou se isso não bastar lembre que Lord Mountjoy está no comando de um exército de treze mil homens, e que não vale a pena correr o risco de executar a mulher dele”. Ela usa a palavra “mulher” como se o desafiasse a retrucar. “Além disso, Lord Mountjoy conseguiu em meses o que muitos outros não foram capazes de obter em décadas na Irlanda. A rainha precisa dele. Se mexerem em um fio de cabelo meu, tenho certeza de que Lord Mountjoy ia...” Ela não termina a frase, simplesmente se recosta na cadeira e se espreguiça com um leve gemido de satisfação. “Você vai conseguir pensar em alguma coisa, Cecil, um homem com seus recursos...”

“Vai ser preciso levá-la ao conselho privado por sua participação na loucura de seu irmão.”

“Acho que sou capaz de lidar com o conselho privado. Já fiz isso antes.” Ela inclina a cabeça para o lado e assume um tom agudo e choroso. “Fui escravizada pelo amor cego que sinto por

meu irmão.” Em seguida ela endireita a postura e estende a mão. “Temos um acordo?”

Cecil olha para a mão dela e então para o rosto; não há nada na expressão de Lady Rich que revele que se trata apenas de um grande blefe. Talvez o rei da Escócia não tenha escrito nada do tipo... *Diabólico* — ora! Talvez a amizade entre ele e os Devereux seja pura invenção.

A mão fria como mármore continua estendida.

Cecil espia por uma fresta na cortina. Da galeria é possível ter uma vista do salão de Westminster. Lá embaixo estão Essex e Southampton. Não é possível ver o rosto dos dois, apenas o alto da cabeça. Estão sentados diante dos homens da lei: o ministro da justiça com a túnica vermelha e os oito juízes, presididos por Lord Buckhurst. Espalhados dos dois lados, Cecil conta nove condes e dezesseis barões — os nobres que vão pronunciar o veredicto; um deles é Lord Rich. Junto dos juízes está o conselho da rainha, que inclui Francis Bacon. As entranhas do conde devem estar se revirando por ver um homem que conhece tantos de seus segredos sentado com seus acusadores.

Cecil se lembra do dr. Lopez, muitos anos antes — o pobre homem foi mandado ao cadafalso; em sua mente, ele apagou a própria participação na derrocada do médico, atribuída a Essex. Bacon foi um dos acusadores na ocasião, a serviço do conde, se a memória de Cecil não falha. O ministro afasta Lopez de seus pensamentos antes que acabe tendo mais uma crise de consciência. Ele não consegue se desvencilhar da pergunta de Lady Rich: *Você tem medo da morte, Cecil?* Ele tem medo do Dia do Juízo Final. Mas às vezes percebe sinais da misericórdia divina, indicações de que Deus talvez compreenda um homem implacável caso suas ações sejam voltadas a um bem maior. E o que Cecil fez na vida além de servir a rainha e seu país?

Um desses sinais se deu nessa manhã, uma feliz descoberta que enterrou dois anos de preocupação. Como consequência, ele se sente leve como uma nuvem. Cecil precisou recorrer a um antigo livro de registros para resolver uma questão de

governança e, folheando as páginas, encontrou uma folha de papel dobrada. Reconheceu imediatamente sua caligrafia caprichada e uma linha em particular saltou a seus olhos: *Tenho certeza de que certas concessões podem ser feitas a respeito da reivindicação da infanta...* Uma onda de euforia o fez soltar um “Graças a Deus!” tão alto que seu escriba apareceu para perguntar se estava tudo bem. “Ah, sim, tudo muito bem”, ele respondeu, rasgando a carta em pedaços e amassando-os. A memória é capaz de pregar grandes peças; ele estava convicto de que tinha selado e enviado a carta. Nunca lhe ocorreu procurar em seu próprio escritório. “O universo inteiro está se alinhando.” O escriba pediu licença e lançou um último olhar de curiosidade antes de sair do recinto. Cecil atravessou a sala e lançou os fragmentos no fogo, observando enquanto as chamas devoravam suas palavras de forma definitiva. Desconfia que Deus queria lhe ensinar uma lição com aquela carta.

Bacon fala, despedaçando o conde com seu intelecto afiado. Cecil gosta de seu ponto discreto de observação, contente por ninguém saber de sua presença. Ele não é um nobre nem um homem da lei, portanto sua presença não é requisitada nos procedimentos, e nada o faria se sentar no meio do populacho. Espichando um pouco o pescoço, pode ver a galeria aberta ao público. O ministro acredita que Lady Rich estaria lá caso não estivesse encarcerada naquela sala sombria na casa de Henry Sackford.

Ele ainda é capaz de sentir o aperto frio como mármore de sua mão e a sensação de euforia que despertou. Vem tratando com a rainha sobre a questão, e ela está cedendo; é possível ver o perdão estampado nos olhos de Elizabeth quando a dama é mencionada. O mesmo olhar que ele via quando o assunto era o conde. Mas não agora. Essex está condenado, mas o pescoço elegante de Lady Rich vai continuar intacto. Além disso, Cecil já começou a plantar as sementes para a nomeação de Jaime da Escócia como sucessor. Com a sutileza necessária, claro, que tem de sobra. No entanto, quando está sozinho no quarto à noite, ele

se pergunta se não teria feito um pacto com alguma força maligna; afinal, está traindo sua rainha. O ministro interrompe os pensamentos antes de se questionar se com isso também não estaria traindo Deus.

Pela primeira vez no dia, Essex está sendo submetido ao questionamento de um antigo aliado. O conde observou os testemunhos de Popham, Raleigh e de um afluído Ferdinando Gorges. Nem uma única vez perdeu a compostura. Mas agora se contorce visivelmente enquanto escuta. Bacon tem informações de sobra; ele e Cecil interrogaram os principais envolvidos no caso. Em sua maior parte, confessaram como se fossem papistas. Apenas o padraço, Sir Christopher, à beira da morte depois de um ferimento de lâmina no rosto, se recusou a falar. O homem cuspiu no chão imundo da prisão de Newgate e falou: “Vocês não vão arrancar nada de mim”. Foi enforcado no dia seguinte com Meyrick e Cuffe. As mulheres Devereux eram péssimas em escolher maridos.

Bacon prossegue com as acusações, pontuando cada argumento com movimentos graciosos de mão, como o regente de um coro.

Essex fica de pé e começa a gritar: “Quer ouvir falar sobre instigação à rebelião e traição? Pois eu tenho uma história sobre como a Coroa da Inglaterra quase foi vendida aos espanhóis. Ouvi de uma fonte segura, um colega meu conselheiro que escutou com os próprios ouvidos. *Com os próprios ouvidos*”, ele repete, e sua voz reverbera pelo salão. “Robert Cecil, lorde do selo privado, foi visto dizendo que a reivindicação da infanta ao trono era tão válida quanto qualquer outra.”

Cecil respira fundo, vasculhando sua mente em busca do momento em que possa ter dito isso, e para quem. Pode ter havido uma alusão vaga ao fato em reuniões a portas fechadas com o embaixador espanhol, como forma de tentar instigar a assinatura de um tratado de paz, mas para um membro do conselho privado jamais!

Essex ainda está aos berros. “Se isso não é uma razão plausível

para eu querer excluir essa influência maligna da órbita de Sua Majestade, então não sei o que pode ser.”

O conde desaba de novo no assento, e o lugar fica em silêncio. Cecil cria coragem. Pensando na carta queimada, levanta e abre a cortina que o esconde com um único movimento, produzindo um ruído metálico alto, como o de uma espada sendo sacada da bainha, e provocando um suspiro de susto no salão. Ele mantém a postura ereta e, notando todos os rostos se virarem em sua direção, se sente como se estivesse em uma peça de teatro. Em seguida começa a descer os degraus de madeira lentamente, e o som de seus passos incertos é a única coisa que pode ser ouvida. Enquanto atravessa a longa distância que o separa de Buckhurst, o ministro sente sua raiva ferver, como um caldo que ficou tempo demais no fogo e fez a tampa da panela se abrir com um estouro. No entanto, ele mantém os pensamentos voltados para o papel em chamas e para o aperto de mão com Lady Rich, lembrando que tem controle total sobre o jogo.

Cecil se ajoelha diante de Buckhurst, um gesto que em sua vida toda só fez para a rainha, mas parece um toque dramático apropriado para a ocasião. “Peço sua permissão para responder a essa falsa acusação, milorde.”

“Permissão concedida.” Nem mesmo Buckhurst é capaz de segurar a curiosidade, inclinando-se para a frente no assento e aprumando o rosto gordo para ouvir o que Cecil tem a dizer.

O ministro se vira para seu adversário, então fala devagar e com clareza: “Lord Essex, a diferença entre nós é grande. Vossa Excelência me supera em sagacidade, nobreza e nas habilidades com a espada, não resta a menor dúvida”. Ele faz uma pausa e olha nos olhos do conde. Não têm a mesma intensidade impressionante que os da irmã, apesar da postura de absoluta autoconfiança. Cecil consegue ver algo mais neles, uma coisa parecida com a dúvida, que já notou muitas vezes diante do espelho. “Mas minha inocência, consciência, sinceridade e honestidade me obrigam a me defender contra essa acusação escandalosa, e diante desta corte me apresento de cabeça

erguida, e Vossa Excelência como um delinquente. Caso não soubesse de suas ambições de usurpação, teria me ajoelhado diante de Sua Majestade para interceder em seu favor; mas Vossa Excelência é um lobo em pele de cordeiro...”

Essex abre um sorriso e inclina a cabeça ligeiramente para o lado ao responder, sem nem tentar esconder o sarcasmo: “Agradeço a Deus por minha humilhação, só por você ter tido a coragem de vir aqui fazer sua defesa diante de mim”.

Cecil não se deixa acovardar. “Pois então peço que esclareça a esta corte qual conselheiro me ouviu falar de tais intrigas. Diga o nome dele, se for capaz.”

“Não é uma invenção”, garante Essex. “Southampton também ouviu, tão bem quanto eu.”

Southampton, que parece verde de nervosismo, resmunga que ouviu de fonte confiável que quem forneceu a informação foi Sir William Knollys.

“Tragam Sir William Knollys”, ordena Buckhurst.

Um criado é mandado para procurá-lo. Knollys vinha mantendo distância dos procedimentos — afinal, seria arriscado demais tentar salvar o sobrinho. Uma cadeira é providenciada para Cecil, e todos ficam à espera. Ele ajeita os punhos da roupa, embora já esteja alinhadíssimo, e enquanto especula sobre o que está prestes a acontecer os velhos medos reaparecem. Essex pode ter armado uma acusação com o tio; pode ter falsificado documentos para comprovar suas palavras; pode ter decidido arrastá-lo consigo em sua derrocada.

Depois do que pareceu ser uma espera interminável, Knollys é conduzido para dentro. Ele olha bem para Cecil e para o sobrinho antes de começar um longo preâmbulo. O ministro precisa se segurar para não interrompê-lo e mandá-lo ir direto ao assunto. Por fim, Knollys diz: “De fato ouvi o senhor secretário dizer tal coisa” — Cecil sente suas entranhas se revirarem —, “mas foi no contexto de uma discussão entre membros do conselho sobre um tratado intitulado *Conferência sobre a próxima sucessão*, que nos foi dado a examinar”. Cecil solta

um longo suspiro, sentindo o alívio tomar conta de seu corpo pela segunda vez no dia. “O senhor secretário comentou: ‘Não é uma estranha imprudência o autor dar à infanta da Espanha o mesmo direito de reivindicar o trono que qualquer outro postulante?’. Não há nenhuma má conduta nisso, acredito eu.” Knollys lança um olhar melancólico para o sobrinho, piscando devagar, contorcendo os lábios e encolhendo os ombros de leve, como quem diz que não há como salvá-lo da condenação iminente.

“O comentário me foi relatado de outra maneira”, Essex afirma sem muita convicção, completamente desolado. Os discursos finais são proferidos e as cartas vão sendo recolhidas da mesa.

Os veredictos são anunciados, e cada um dos nobres se pronuncia: “Culpado, milorde, pela minha honra”. Lord Rich revira os olhos ao dizer isso. Cecil se pergunta o que estaria passando na infeliz cabeça *dele*. Essex, mantendo a compostura, pede para que Southampton seja poupado, em um gesto de cavalheirismo. O outro fica com as pernas bambas e precisa ser amparado enquanto pede clemência a Buckhurst com a voz trêmula.

Quando Buckhurst anuncia a sentença, só o que Cecil consegue ouvir é a voz de seu pai dizendo: *A água é capaz de esburacar uma rocha, mas pela insistência, não pela força.*

A ESPADA

*Pois o que há de mais doce se amarga por atos que amesquinham;
Lírios que exalam um cheiro pior que o das ervas daninhas.*

William Shakespeare, soneto 94

Verão de 1603
Wanstead, Essex

“Por quê?”, pergunta Penelope.

Essex a encara com um olhar perturbado que a persegue pelo cômodo. Está vestido de branco, com um gibão apertado de cetim e um colarinho alvo emoldurando um rosto que ostenta o leve sorriso que não esconde por inteiro o cansaço estampado nos olhos. A espada de Sidney está em sua cintura, mas apenas o cabo é visível. Ela pensa no jovem Robert, seu destemido sobrinho que agora é conde, cavalgando em Londres um mês antes à frente do recém-coroadado rei Jaime, como portador da espada real, e em como é parecido com o pai. Mas não foi a espada do rei Jaime que ele empunhou. Antes do desfile, em meio à confusão dos preparativos, Penelope pôs a espada de Sidney na bainha do rei, levando o indicador aos lábios quando o sobrinho abriu a boca para questioná-la.

Para ela, essa espada representava o espírito de algo elusivo, o padrão inatingível de bondade, correção e cavalheirismo estabelecidos por Sidney. Quando Robert montou no cavalo favorito do pai e sacou a espada, erguendo-a sobre a cabeça, ninguém viu que a mão do rapaz escondia as iniciais PS. Todos os olhos estavam voltados para o novo rei. Diante do esplendor do espetáculo e de uma multidão cheia de esperança, Penelope pensou na antiga rainha; os dois últimos anos de sua vida tinham passado voando.

Ela foi atrás, seguida por Lizzie e o recém-perdoado Southampton, com sua beleza um pouco diminuída pelos anos na Torre, mas reanimada pela liberdade. Ele não mencionou seu irmão nem ela. Quando fizeram uma curva, Robert olhou para trás e encarou a tia com um sorriso no rosto; Penelope se sentiu cheia de orgulho ao ver de novo um Devereux no controle das coisas e com o futuro assegurado.

“Por quê?”, ela pergunta ao irmão outra vez.

O rosto dele no quadro, com o leve sorriso e os olhos cansados, permanece imóvel.

“*Por quê?*”, Penelope grita, em uma explosão de raiva, imaginando que arranca com as próprias mãos o revestimento de madeira da parede onde está pendurado o retrato, mas apenas sua voz ecoa pela galeria de Wanstead.

Cecil fora vê-la outra vez no dia da execução de Robin. Foi seu único visitante. Provavelmente só ele tinha acesso à melancólica casa de Sackford. Ela achou que fosse receber pelo menos uma carta da mãe, ainda que Lettice estivesse de luto pela perda de um marido e de um filho.

O ministro a visitou e foi gentil com ela. “Lamento por ter terminado assim”, ele disse. Com as pernas tortas e o tronco curvado, vestido todo de preto, parecia um corvo. Tirara o chapéu para cumprimentá-la; nem mesmo os criados se davam ao trabalho de fazer isso em sua presença, não que se incomodasse.

“Você lamenta?”, ela retrucou. “Mas trabalhou a vida inteira por isso.” O rosto dele se contorceu. Ela pensou que Cecil fosse chorar.

“Eu achava que era o que queria”, foi a resposta dele. “Estava enganado.”

Alguma coisa mudara em Cecil; ele nunca fora de admitir os próprios erros. A maneira como olhava para ela, que a fazia se sentir como um doce em uma vitrine, tinha sido substituída por uma espécie de respeito, como se não estivesse diante de uma mulher.

“Você viu?” Sua voz saiu fraca e embargada de tristeza.

O ministro confirmou com a cabeça. “Ele morreu... bravamente.”

Ela se lembra da desolação que a atingiu de forma violenta, como uma bala no coração. Até aquele momento, Penelope se recusava a pensar no fim da existência de seu querido irmão, que lhe parecia ao mesmo tempo frágil e invencível. Em seu íntimo, alimentava a crença de que ele seria perdoado. Ela olha

mais uma vez para o quadro, imaginando um mundo diferente, em que, em vez de executado, Robin foi mantido na Torre por um par de anos e então libertado pelo rei Jaime. Ele, e não Robert, carregaria a espada do rei. Ela jamais ia se acostumar com sua ausência. Como um soldado, que lhe contou certa vez que, anos depois de perder a perna no campo de batalha, ainda sentia dores no local onde ficava o membro.

Penelope perguntou a Cecil qual tinham sido as últimas palavras do irmão.

“Ele pediu perdão e disse que nunca quis prejudicar Sua Majestade. Quando se ajoelhou, não havia nenhum tremor em suas mãos.” Cecil estendeu as próprias mãos, que tremiam horivelmente, como as de um bêbado, e as escondeu de novo nas roupas. “Então gritou: ‘Carrasco, baixe sua lâmina!’. E acabou.”

Penelope se sentiu desmoronando por dentro ao imaginar a cena, com seu irmão se mostrando corajoso até o fim. Cecil não contou na ocasião que foram necessários três golpes com o machado para arrancar a cabeça dele. Penelope descobriu isso mais tarde. Foi a rainha quem lhe disse, parecendo horrorizada com o que tinha feito, desolada de tristeza. Elizabeth nunca mais recuperou a altivez, como se o lamento houvesse aberto uma ferida dentro dela, pela qual a vitalidade foi escapando pouco a pouco. Viveu como um espectro nos últimos anos de vida. Penelope se pergunta se a rainha pensou em Robin no leito de morte. O remorso costuma fazer companhia nos momentos finais.

Seu irmão a encara impassível do quadro. “Por quê?”, ela pergunta de novo, desta vez com um sussurro, mas não há respostas ali.

Penelope se vê de novo no quarto escuro com Cecil, sendo informada da morte do irmão. O ministro parecia inconsolável, retorcendo os dedos, incapaz de encará-la.

“E a rainha?”, ela perguntou. “Como reagiu quando ele foi...” Não conseguiu dizer as palavras. “Quando acabou?”

“Não conseguiu falar a respeito. Foi se trancar sozinha no quarto. Chorou na frente de todo mundo.”

Penelope tenta imaginar a cena — a rainha chorando —, mas não consegue.

“Tem mais alguma coisa que você está me escondendo”, ela disse a Cecil. Era possível ver na postura do homem, nos braços cruzados diante do corpo.

Ele sacudiu a cabeça, e os dois ficaram em silêncio por um instante.

Foi Cecil quem por fim voltou a falar: “Sou obrigado a lhe informar que ele a denunciou.”

“Como assim?”, ela perguntou. “Quem me denunciou?”

“Seu irmão. Segundo o testemunho dele, foi você quem o incitou à rebelião, quem estava no centro de tudo, falou que ele era considerado um covarde por todos os amigos, que foi sua ideia marchar sobre a corte — ‘fazer a coisa como se deve’, foram as palavras do conde.” Ao que parecia, depois que decidiu falar, Cecil não estava disposto a esconder nem um detalhe.

“Meu irmão disse essas coisas?” Penelope se sentiu vazia por dentro; o irmão de quem tanto cuidou, a quem deu alento nos momentos de melancolia, que sempre apoiou e amou — e como — a havia denunciado em uma tentativa inútil de salvar a própria pele. Era difícil respirar, como se não houvesse ar suficiente no mundo para mantê-la viva. Penelope viu em sua mente repetidas vezes a imagem da cabeça dele sendo arrancada do corpo.

Seus olhos se voltam de novo para o quadro, onde vê o rosto de um estranho. “Foi assim tão fácil?”, ela pergunta ao rosto. “Você teria preferido ver *minha* cabeça no cadafalso? A culpa ia devorá-lo por dentro, Robin.” Um nó se forma em sua garganta e seus olhos começam a arder, mas ela afasta o sentimento.

Penelope teve vontade de interrogar Cecil, perguntar todos os detalhes do depoimento incriminador do irmão, mas não fez isso, pois não seria capaz de suportar mais. Olhou para as próprias mãos e só então se deu conta de que estava com os

punhos tão cerrados que suas unhas arrancaram sangue da carne macia abaixo dos polegares. Precisou juntar as mãos para esconder de Cecil a profundidade de sua angústia. “Por que está me contando isso?”

“Em nome da honestidade”, ele respondeu.

Uma risadinha de descrença escapou de sua boca. “Honestidade?” Ela estava começando a perder os últimos resquícios de autocontrole.

“Sim. Temos um acordo, e me parece apropriado dar início a uma relação marcada pela sinceridade.”

“Fico me perguntando se não fiz um pacto com o diabo”, ela respondeu, como se fosse uma brincadeira, mas sem conseguir esconder o desprezo na voz.

“Eu também”, ele respondeu com um sorriso. “Mas você vai descobrir que sou um homem de palavra.”

Isso se revelou verdadeiro — sua vida foi poupada, ela recebeu sua liberdade e seu lugar na corte de volta, e Cecil se tornou um alto conselheiro do novo rei. Ambos cumpriram suas promessas.

Quando ele saiu, Penelope foi surpreendida por um acesso de raiva; uma força incontável dominou seu corpo, e ela apanhou uma cadeira e arremessou na parede, depois outra, depois a mesa — tudo isso enquanto emitia sons terríveis, barulhos capazes de despertar os mortos. Ainda assim a imagem persistia: o sangue vermelho jorrando da cabeça decepada, um rio de sangue. Penelope destruiu todos os objetos daquele cômodo da casa de Henry Sackford e desabou no chão, totalmente exausta.

Agora ela se afasta do retrato de Essex e circula pela casa, com Fides em seu encalço, suas unhas batendo no piso de madeira. Wanstead está cheia de memórias; até as paredes parecem falar de Blount e seus encontros com ele. Os jardins transbordam de vida, como se tivessem se rebelado contra as tesouras de poda, e as flores espalham cores pelo lugar, embaladas pelo zumbido das abelhas. Penelope encosta uma rosa no rosto, sentindo as pétalas

aveludadas nos lábios e inalando o delicioso cheiro. Jogando a cabeça para trás e estendendo os braços, começa a girar como uma criança, experimentando pela primeira vez em seus quarenta anos uma sensação de liberdade verdadeira, ou pelo menos uma possibilidade disso.

Rich avisou em uma carta pouco tempo antes que pretende “agora que nossos filhos estão crescidos, separar o que Deus uniu”. Foram essas as palavras que usou, como se não ousasse manchar o papel escrevendo a palavra “divórcio”. Penelope se perguntou, por um breve momento, se ele algum dia vai conseguir se reconciliar com o Deus severo em que acredita. Ela quase não viu o marido nos últimos anos. Não tinha mais nenhuma utilidade depois da execução de Essex. Seus caminhos se cruzaram uma vez em Leighs, quando ela estava chegando, e ele, indo embora. Penelope ficou contente, pois queria dizer que não guardava nenhum ressentimento.

“Por que você não me odeia?”, ele perguntara.

“Você foi um bom pai...”, ela começou, mas se interrompeu, sem querer mencionar o incômodo fato de que três de seus filhos não eram dele. “Mas, acima de tudo, porque o ódio torna a pessoa fraca.”

Ela nunca pensara nisso antes de essas palavras saírem de sua boca, mas era verdade. Penelope testemunhara como o ódio que a rainha nutria por sua mãe e todas as outras damas desobedientes a devorara por dentro e a deixara vazia. O ódio de seu irmão por Cecil fora responsável por sua própria ruína. Já vira muito ódio na vida, não precisava de mais.

Olhando para a casa amarelada de pedras que enfim ia se tornar seu lar, ela imagina o barulho das crianças morando lá dentro, a música saindo pelas janelas, os risos no jardim, as brincadeiras de pega-pega e as caças às borboletas na grama.

Ouvindo sons de cascos à distância, Penelope ergue as saias e corre para a entrada. E lá está ele, montado na sela com o conforto de quem está sentado em uma cadeira, com as rédeas soltas e um sorriso aberto. Penelope se sente estranhamente sem

jeito. Faz três anos que não se encontram. Ele desce da montaria e os dois se mantêm a alguns passos de distância, olhando-se. Seus cabelos estão bem aparados, assim como a barba e o bigode, e o brinco não está mais lá; há uma cicatriz visível no ponto onde ficava a joia, o que lhe provoca um arrepio e a enche de ternura.

“Coitadinha de sua orelha.”

Ele leva a mão até lá e dá de ombros. “Ah, isso.”

Sua aparência está mais severa. A guerra muda os homens — ela sabe disso bem até demais.

Para combater a timidez, Penelope recorre ao humor, fazendo uma mesura com um sorrisinho e dizendo: “Ora, se não é o conde de Devonshire, o grande herói conquistador, que derrotou os rebeldes irlandeses”.

Blount dá risada, e ela nota que ele perdeu um dente no fundo da boca. “Ora, se não é a dama favorita de Sua Majestade, musa dos poetas, a mente mais afiada do mundo cristão, com a voz doce de um anjo, dona de meu coração.” Penelope cai na risada também. Eles se juntam em um abraço que reduz os três anos de separação a nada.

Nota da autora

Este livro conta a história da notável Penelope Devereux. Mantive-me fiel aos fatos históricos, recorrendo a fontes primárias sempre que possível, mas devo lembrar que se trata de uma obra de ficção, portanto esta Penelope Devereux, com seu complexo universo interior, é uma personagem inventada por mim. Ela foi uma mulher intrigante, que levou a vida de acordo com seus próprios termos em uma época em que era quase impossível para uma mulher desfrutar de tamanha liberdade.

Há muitas verdades bem documentadas no cerne deste romance. É fato comprovado que Penelope foi a musa de Sidney e o modelo para sua Stella. Embora não seja possível saber se consumaram sua relação no sentido mais tradicional do termo, fica bem claro com a leitura dos sonetos que os sentimentos do poeta por ela eram profundos. Também há documentos comprovando que Penelope foi traída pelo irmão depois que ele foi condenado. Não temos como saber os motivos de Essex para isso, mas o fato é que Penelope foi a única mulher na lista de rebelados entregue à rainha, e a única a não ser submetida a julgamento. Isso me fez pensar que de alguma forma ela deve ter conseguido negociar sua liberdade, pois sem dúvida nenhuma estava profundamente envolvida na insurreição liderada pelo irmão, e mantinha contato com o rei Jaime fazia anos.

Também sabemos que ela teve pelo menos três filhos de Blount enquanto ainda era casada com Rich. Seu adultério não era segredo e, em virtude da moralidade da época e da aversão da rainha a esse tipo de caso, é surpreendente que tenha ficado impune por tanto tempo. Para mim, é um testemunho de sua força de caráter. Seu casamento com Rich é intrigante, pois ele

parecia saber da infidelidade, mas não tomou nenhuma atitude a respeito. Sabemos que era um homem detestado e conhecido pela falta de coragem, que de fato foi levado de volta ao porto por causa do enjoo marítimo quando deveria se juntar a uma das campanhas militares de Essex. Os fatos conhecidos sobre ele me levaram a imaginar que deveria ter um segredo vergonhoso, em virtude do qual a esposa o dominava. No romance, esse segredo é a atração sexual por meninos, mas trata-se de pura especulação.

Há também outros elementos da história de Penelope que não tive como explorar no romance, mas nem por isso deixam de ser fascinantes e relevantes. Penelope se divorciou de Lord Rich, mas uma condição estipulada pelo rei Jaime a proibia de se casar enquanto o ex-marido estivesse vivo. Ela e Blount (a essa altura já conde de Devonshire), talvez por acreditar que contavam com estima suficiente da parte do rei para evitar sua fúria, se casaram mesmo assim. Com isso, Penelope caiu em desgraça; como sua mãe antes dela, foi banida da corte e difamada publicamente. Jaime inclusive se referiu a ela como “uma bela mulher com uma alma sinistra”. Enquanto Penelope perdia prestígio com o rei, seu maior adversário, Cecil, se tornava o mais importante conselheiro dele.

Em uma trágica reviravolta do destino, depois de um curto período de mais ou menos um ano vivendo “em pecado” em Wanstead depois de se casarem, Blount adoeceu e morreu nos braços dela. Grande vitorioso na campanha da Irlanda, teve um funeral de chefe de estado e foi enterrado na abadia de Westminster. Depois de viúva, Penelope teve que lutar para ter seu casamento reconhecido legalmente, e os parentes de Blount contestaram o testamento em que ele garantia o sustento da mulher e dos filhos. Os recursos abundantes deixados por ele foram confiscados, e Penelope viveu na pobreza durante uma longa batalha judicial na qual enfrentou acusações de adultério, fraude e falsificação. No fim saiu vencedora, mas a um custo devastador para sua reputação, e seu triunfo teve vida curta, pois

ela morreu meses depois, aos quarenta e quatro anos de idade.

Ao escrever sobre o século XVI, sempre surgem desafios curiosos, e um deles é o nome dos personagens. Era comum que as crianças recebessem o mesmo prenome dos pais além do sobrenome, o que pode ser bem confuso para os leitores. Na história aqui contada, temos nada menos que seis Roberts, todos importantíssimos para o enredo: Essex, Cecil e Rich tinham o mesmo nome, por isso me vali do recurso de chamar Essex de Robin (e seu filho de jovem Robert, quando necessário), enquanto o filho mais velho de Penelope virou Hoby, um diminutivo comum na época. Isso sem mencionar o número absurdo de meninas batizadas em homenagem a Penelope e Lettice.

Devo confessar meu uso extremado da licença poética na cena em que o jovem ator/poeta recita um soneto. Resolvi brincar um pouco com a descrição de Shakespeare da misteriosa dama morena cuja identidade rendeu tantas especulações ao longo dos anos. Alguns sugeriram que se tratava de Penelope Rich; outros, da poeta Aemilia Lanier. Existem outras candidatas, mas a verdade permanece desconhecida. É quase certo, porém, que Shakespeare conhecesse o círculo mais próximo de Essex. Acredita-se que a peça *Trabalhos de amor perdidos* tenha sido livremente baseada neles, e sabe-se que *Ricardo II* foi encenada a pedido dos homens de Essex em uma tentativa de angariar apoio ao conde na véspera de sua fatídica rebelião.

Para quem se interessar em ler mais sobre Penelope Devereux, recomendo *The Lady Penelope: The Lost Tale of Love and Politics in the Court of Elizabeth I*, de Sally Varlow, uma biografia abrangente e fascinante de uma mulher cuja história é menos conhecida do que deveria. Varlow atribui o desaparecimento de Penelope dos livros de história à máquina de propaganda protestante e sua necessidade de estabelecer “heróis imaculados da fé reformada”, agindo para apagar as ligações de Sir Philip Sidney e do conde de Devonshire (Charles Blount) com uma mulher que dançava de acordo com a própria música.

Recorri a diversas obras durante minha pesquisa, numerosas demais para ser mencionadas aqui, mas algumas que recomendo são: os sonetos de Philip Sidney (a edição organizada por Peter C. Herman conta com uma boa introdução, e se você não chorar depois de ler os poemas é porque tem um coração de pedra); *Sir Philip Sidney: Courtier Poet*, de Katherine Duncan-Jones, é outra excelente fonte de informações sobre um dos principais poetas elisabetanos. Dos sonetos de Shakespeare, gosto da edição da Arden por causa da extensa introdução. O livro de Robert Lacey, *Robert, Earl of Essex: An Elizabethan Icarus*, é um bom ponto de partida para a história do conde, e *The Cecils: Privilege and Power Behind the Throne*, de David Loades, explica muita coisa sobre a dupla de pai e filho que exerceu o poder nos bastidores da realeza durante mais de meio século. Há uma infinidade de livros sobre Elizabeth, mas uma ótima fonte de informações sobre sua vida pessoal é *Elizabeth's Bedfellows: An Intimate History of the Queen's Court*, de Anna Whitelock. Para mais detalhes sobre o período elisabetano não deixe de consultar *The Time Traveller's Guide to Elizabethan England*, de Ian Mortimer.

Agradecimentos

Este romance pode trazer meu nome na capa, porém contou com a contribuição de muitas pessoas, a quem eu gostaria de registrar minha gratidão. Sou verdadeiramente grata à minha agente, Jane Gregory, cujo apoio e confiança são uma bênção para mim; a Stephanie Glencross, cuja habilidade para se orientar em uma primeira versão caótica foi inestimável; à equipe da Michael Joseph — Louise Moore, Maxine Hitchcok, Liz Smith, Hana Osman, Clare Parker, Francesca Russell e Francesca Pearce, para citar apenas algumas pessoas —, pelo entusiasmo e pelo incentivo sem limites; e também a Emma Brown pela infinita paciência e a Trevor Horwood pela edição de texto mais sutil e cuidadosa do planeta; e a Catherine Eccles, cuja amizade e aconselhamento são indispensáveis na minha vida.



ELIZABETH FREMANTLE é formada em letras e tem mestrado em escrita criativa. Foi editora de moda das revistas *Vogue*, *Elle* e *Vanity Fair*. Também é autora de *Xeque-mate da rainha* e *Intrigas da corte* , ambos publicados pela Paralela.

Copyright © 2015 by Elizabeth Fremantle

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Watch the Lady

CAPA Claudia Espínola de Carvalho

FOTO DE CAPA © Stephen Mulcahey/ Trevillion Images

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Érica Borges Correa

ISBN 978-85-5451-051-0

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
www.editoraparela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br
facebook.com/editoraparela
instagram.com/editoraparela
twitter.com/editoraparela